Vale-Protótipo©

Este livro vale 55 jupits (Nova Conversão de Moeda na Bolsa Jupiter atualizada em 7/9/2022)

Para ativar o vale djupits do seu livro, scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais a seguir.

O código em baixo é um protótipo e ainda não funciona. Não precisa de ativar. Quando o nosso domínio/ aplicação estiver pronto e a Conta Jupiter estiver em pleno funcionamento o seu vale será automaticamente acionado, gerando 55 jupits na sua Conta Jupiter e o seu Cartão Jupiter será enviado para o seu email. Guarde as suas jupits. Não vai ficar sem elas. Elas são suas. Poderá consultar a atualização dos eventos da Jupiter Agenda na página da Jupiter Editions em Member Readers em www.jupitereditions.com

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions não trata, não cede nem vende os seus dados pessoais a terceiros. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para manager@jupitereditions.com com o código-assunto "DATA" exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a Política de Privacidade que pode ser consultada online em www.jupitereditions.com

Poderá aceder à sua Conta Jupiter e falar com outros Member Readers

Poderá inscrever-se nos eventos da Jupiter Agenda com as suas jupits em www.jupitereditions.com

Member Readers in JUPITEREDITIONS.COM

Você é um Member Reader da Jupiter Editions

O seu livro é um passaporte.

O seu passaporte vale em toda a sociedade Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter

Há Direitos e Deveres dos Member Readers.

Leia sobre os seus direitos

Leia sobre os seus deveres e sobre *o Código dos Direitos de Autor e Direitos Conexos*

© Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala
O ALGORITMO DO AMOR

Printed by Konica Minolta

Editado por Jupiter Editions

1ª Edição

1ª Ordem da 1ª Impressão ◆ 6 exemplares
18/11/2020 Edição de Luxo de Autor de 20 livros ◆ 6 exemplares
Revisto por Antoine Canary-Wharf

A 1ª Ordem e 1ª Impressão foi revista e editada pelo próprio autor. Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala e Antoine Canary-Wharf são dois pseudónimos de Raul Catulo Morais. A presente obra apresenta naturais erros por não ter sido editada nem revista por um Revisor Oficial e ter sido imprimida durante o Processo de 1ª Experiência de Artes Editoriais e de Impressão do Autor e da Jupiter Editions, marca criada e fundada pelo próprio autor na ocasião do Registo dos seus primeiros 9 livros que escreveu ao mesmo tempo com 9 pseudónimos e que por isso decidiu fundar a marca Jupiter Editions. A marca Jupiter Editions é uma marca registada editorial de cinema e realização para a comercialização de livros, teatros, filmes e jogos bem como a organização, realização e filmagem de eventos culturais e desportivos, incluindo os de feira e de museu.
A presente obra foi publicada pelas mãos do próprio autor nos Illumminnatti Games da Jupiter Editions conforme o Processo Maçónico de Vazamento das 9 obras do autor.
Custas pelos erros.
«Os erros são humanos e existem para serem editados. Os meus erros provam que sou um humano e que não sou um robot. Os meus erros tornaram-se valiosos, porque eu entreguei os meus erros ao mercado. Fiz valor com os meus próprios erros. Valorizei-os. Errar é um Processo Básico Natural Humano.» Raul Catulo Morais 7/09/2022

Jupiter Editions é a primeira chancela editorial da sociedade Jupiter.

Pela Ocasião da Fundação da Jupiter Editions e para a comercialização dos livros foi aberta a Sociedade Jupiter Saturn Por Quotas que o autor fundou no seu relacionamento amoroso, ficando como sócio e gerente o seu amor-marido. Com a separação amorosa e com o fecho da Sociedade Jupiter Saturn, ficou o autor como proprietário legítimo da marca e do site Jupiter Editions continuando sozinho o projeto com a força espiritual dos Angels. Nas novas obras durante os Illumminnatti Games o autor transformou o seu ex-marido numa personagem, o DK. Na teoria dos jogos conspiratórios contra os jogos maçónicos relatados nas obras da Jupiter Editions criou-se a estranha teoria de que o DK seria um angel-demónio secreto na Rede Secreta dos Angels e que se afastou do projeto para dar uma certa força ao próprio projeto. Há quem acredite que o "divórcio" foi um divórcio simulado que fez parte do Teatro Maçónico do fecho da Sociedade. Verdade ou mentira é que o autor separou-se de facto e continuou sozinho o projeto. 7/09/2022

Jupiter Saturn Neptune NEW-ORBITIONS-EDITIONS, Lda.
Avenida D. João II 50 Edifício Mar Vermelho,
Parque das Nações, Lisboa, 1990-095 Lisboa

Capital social: 120.000,00€
Matrícula: 515966207

Porque não temos ISBN nem Código de Barras?
O Sistema ISBN não é obrigatório. Simplesmente é um elemento essencial para o livro circular no mercado livreiro, no mercado das bibliotecas, para facilitar a sua localização e recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados. Os livros da Jupiter Editions são exclusivos, sendo encomendados e como tal estão fora do mercado livreiro, pelo que não necessitam de um ISBN. Porquanto a Jupiter Editions venda os seus livros diretamente ao leitor a partir da sua loja online também não está obrigada a ter um código de barras.

Porque não temos que comunicar sobre promoções e baixas de preço?
De acordo com o artigo 6º da Lei do Preço Fixo do Livro quem publicar um livro com vista a ser difundido por correspondência ou assinatura, ou qualquer outro circuito que não o da venda a retalho não está sujeito à LPFL.

Porque não aceitamos devoluções?
Decorre do artigo 18º da Lei 144/2015 de 8 setembro que em caso de conflito de consumo, o leitor pode recorrer a uma entidade de resolução alternativa de litígios de consumo. Para evitar conflitos de consumo, é importante o leitor saber que a Jupiter Editions não aceita trocas nem devoluções dos seus livros uma vez comprados e abertos pelo leitor, pelo que o Direito ao Arrependimento do leitor, não pode valer quando compra e recebe um livro, pelas razões que são óbvias e que decorrem da própria natureza de um livro. Tal como, o Direito ao Arrependimento não pode valer para um filme, também não pode valer para um livro. No entanto, a Jupiter Editions admite que o leitor possa arrepender-se da compra feita e recusar-se a receber o livro em casa. Se o leitor se recusar a receber o livro em casa, não o abrindo, a Jupiter Editions admite, neste caso, a devolução do preço do livro subtraído aos custos de envio, de retorno e de impressão do livro. Para mais informações consulte www.consumidor.pt. No caso de conflitos de consumo fora de Portugal e dentro da EU deve recorrer ao CEC – Centro europeu do Consumidor https://cec.consumidor.pt/

CÓDIGO DOS DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS

DEVERES E RESPONSABILIDADES JURÍDICO-PENAIS DOS MEMBER READERS E DOS PROMOTORES E AGENTES DA SOCIEDADE JUPITER E DA JUPITER EDITIONS

1ª

Os Member Readers sabem que têm em mãos uma obra protegida por direitos de autor, podendo naturalmente promover e partilhar o livro, mas devendo sempre fazer menção ao autor.

O que se espera dos Member Readers, é que possam tirar o maior partido do livro, desfrutar inteiramente da leitura e do espírito do leitor, promoverem o livro, se assim o entenderem, mas sem violar os direitos de autor e sem pôr em crise ou frustrar todo o esforço e trabalho intelectual do autor.

Fale com o autor no Instagram ou no Facebook. Certamente que responderá tão breve assim que veja a sua mensagem. No entanto, se a sua mensagem não for entregue por causa de um algoritmo do Facebook ou do Instagram, fale connosco, fale com a Jupiter Editions e nós entraremos o mais rápido possível em contacto com o autor a solicitar o seu pedido e iremos pô-lo diretamente em contacto com o autor.

DIREITOS E VANTAGENS MONETÁRIO-SOCIAIS DOS MEMBER READERS

A nossa moeda virtual é a Jupit.

Falamos em histórico de jupits quando contabilizamos todas as moedas virtuais que o Member Reader já converteu até ao presente. Falamos simplesmente em jupits quando estamos a considerar as atuais jupits que o Member Reader tem disponível na sua Conta Jupiter. Para determinados concursos, pedidos ou eventos pode ser chamado o histórico de jupits do Member Reader, sendo esta uma vantagem.

Por exemplo, um Member Reader comprou ***O Algoritmo do Amor*** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala que vale 55 jupits + ***Paranóide Tecnológica*** de Federico Ferrari que vale 22 moedas Jupiter. Ficou com 77 jupits na Conta Jupiter. Entretanto inscreveu-se na festa "Jupiter Wants To See U Dance" e usou as jupits para alugar várias pranchas de paddle/stand up numa praia onde a Jupiter Editions tem uma infraestrutura com pranchas de paddle. Atualmente o Member Reader tem 0 jupits na sua Conta Jupiter. No entanto, o seu histórico de jupits é de 77 jupits.

A Jupiter Editions está a convidar para uma Limpeza de Praia + Caminhada na Montanha Adjacente à Praia + Limpeza da Montanha + Piquenique com Garrafa de Vinho + Reportagem Fotográfica + Oficina de Escrita a todos os Member Readers que tenham um histórico de 77 jupits. Quer dizer que o Member Reader, apesar de já ter gasto todas as suas jupits e não ter jupits para se inscrever nos eventos da Agenda Jupiter, poderá participar no convite da Jupiter Editions.

1ª

Todos os Member Readers têm direito em criar uma Conta Jupiter de forma gratuita e a beneficiar de todas as funcionalidades inerentes da plataforma;

2ª

Todos os Member Readers têm direito em participar livremente em todos os eventos da Agenda Jupiter sem discriminação e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento. Nem todos os eventos da Agenda Jupiter se bastam com o desconto das jupits, podendo alguns eventos estar sujeitos ao pagamento acrescido de uma quantia em euros. Nesse sentido, todos os Member Readers têm direito em participar sem discriminação monetária e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento;

3ª

Todos os Member Readers têm o direito de participar livremente e gratuitamente na Plantação de Árvores da Jupiter Editions. No entanto, a sua inscrição pode ser necessária para ter direito à parte exclusiva do evento donde decorram custos como por exemplo um piquenique com passeio de balão de ar quente depois de plantadas as árvores.

4ª

Todos os Member Readers com 99 jupits têm direito a receber gratuitamente em casa o livro *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e outro livro à escolha da *Medium Line* sem gastarem as jupits, podendo solicitar a partir da Conta Jupiter ou enviando um email para manager@jupitereditions.com com o código de assunto "MYJUP";

5ª

Todos os Member Readers têm direito a entrada prioritária sem terem de aguardar na fila para o público geral em todas as festas e eventos organizadas pela Jupiter Editions que não sejam exclusivas para os Member Readers; bem como entrada exclusiva em toda a sociedade Jupiter nos espaços reservados só para Member Readers; e ainda entrada exclusiva/ prioritária nos estabelecimentos/ infra-estruturas dos parceiros da sociedade Jupiter ou nas festas e eventos organizados por estes;

6ª

Todos os Member Readers têm direito em fazer parte do júri virtual dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions e a uma cadeira virtual no Tribunal dos Concursos e Leilões.

7ª

Todos os eventos só podem ser total ou parcialmente filmados se todos os Member Readers declararem que aceitam ser filmados ou entrevistados para o Kanal Jupiter. Se um ou vários Member Readers se opuserem à filmagem, a Jupiter Editions fará filmagens à parte e celebrará contratos de promoção de imagem com os Member Readers que aceitem participar nas filmagens;

8ª

Todos os Member Readers têm prioridade na análise dos manuscritos que submetam ao departamento editorial num dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions, ficando inicialmente indiciados os Member Readers, consoante o seu histórico de jupits, com os seguintes pontos de vantagem sobre os restantes concorrentes (Tabela Antiga sem a Nova Conversão):

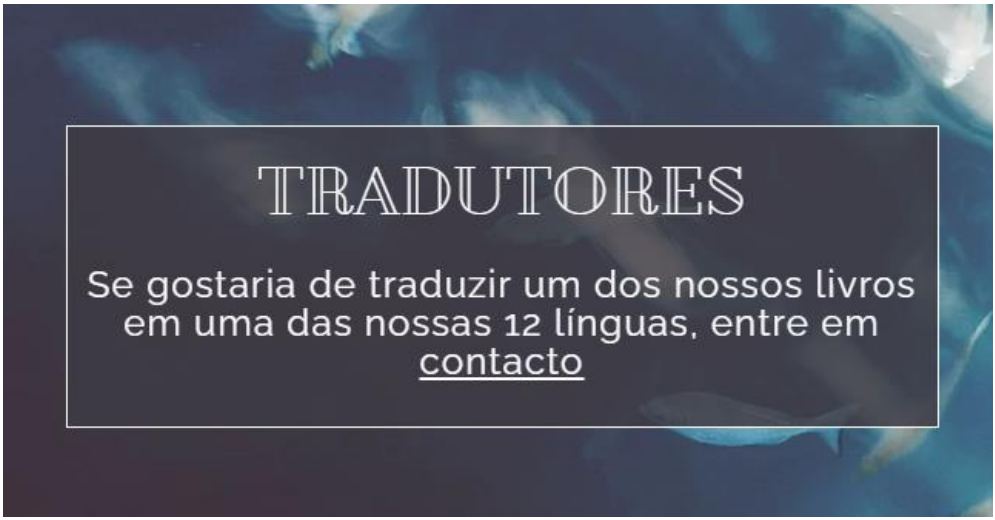
Histórico de moedas	Pontos de Vantagem
4	10
6	15
18	20
24	30
27	40

Se impulsionar 5 vendas, a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email jupitereditions@jupitereditions.com com o código-assunto "PROMO5" para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email manager@jupitereditions.com
Os promotores e embaixadores podem ficar com até 33% dos Royalties.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor recebendo mensalmente a percentagem dos seus direitos com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 50% do lucro líquido da venda de cada livro.

Para além dos tradutores certificados, juristas e professores a Jupiter Editions dá sempre a chance e preferência aos **estudantes universitários ou artistas ou desportistas** profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, ainda que não sejam tradutores certificados ou ainda que não sejam da área de línguas, desde que comprovem que dominem a língua e que são capazes de fazer plenamente a tradução e a revisão.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *2080* de Antoine Canary-Wharf.

A entrada no casting sem a posse do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions e a Kaasting darão sempre a chance a novos atores. Quem vem numa cadeira de rodas, passa sempre à frente! **Porque as personagens principais podem ir parar acidentalmente a uma cadeira de rodas.** Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. A entrada sem a posse do livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom poderá estar condicionada ao pagamento de 30€.

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A entrada sem a posse do livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala poderá ser admitida com um custo de até 50€.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

JUPITER EDITIONS©

A Jupiter Editions é a primeira editora-realizadora portuguesa internacional filantrópica.
A Jupiter Editions é uma editora empática, humana e sustentável que nasce sem qualquer vício dos vícios ruins do mercado.
A Jupiter Editions perfilha a ideologia de um saudável *capitalismo inteligente dos recursos*, imprimindo em papel 100% reciclado e dando primazia ao verdadeiro brilhante talento humano que se consiga ver, sentir e apalpar através da escrita alicerçada num sempre pensamento filantrópico em prol da perseguição pela saúde, felicidade, paz, tolerância, liberdade e respeito.
A Jupiter Editions não vai, pois, atrás de caras, mas sim atrás de corações, atrás de bons valores, atrás de talentos, atrás da empatia, e por isso, vai atrás de histórias empáticas que possam teletransportar o leitor para o espírito do autor.
Hoje, quem tem lugar privilegiado no mercado são os bons corações, os talentosos, os brilhantes, os iluminados, os altruístas, os tolerantes, os apaixonados, os esperançosos e os empáticos. Porque é a voz deles que o mercado quer agora ouvir!
Não há uma coragem das editoras apostarem, arriscarem ou investirem num talento desconhecido, numa nova voz ou numa nova cara. Mas a Jupiter Editions tem essa coragem!
Temos as portas abertas a todos os autores sem intermediação ou necessidade de agentes literários. A nacionalidade, tal como a cor de pele, não é importante. Não significam nada!
A Jupiter Editions sabe que há uma matemática no espírito e olha é para a matemática do espírito. Gostamos de letras, mas também gostamos de matemática. A nossa matemática é a tabuada do 9. O nosso primeiro plano editorial são 9 livros. O nosso segundo plano editorial serão 18 livros. O nosso terceiro plano editorial serão 27 livros. O nosso quarto plano editorial serão 36 livros. O nosso quinto plano editorial serão 45 livros. Abrimos assim, a todos, honestamente o concurso.
Em cada novo livro que chegue à Jupiter Editions como proposta editorial, temos de achar o design, a história, a sinfonia, a empatia, a diversão e o sentido. Pois, é para estas 6 inteligências que a Jupiter Editions olha. (A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future, Daniel H. Pink)
A Jupiter Editions olha para os livros como uma tecnologia patenteada, como uma *start-up*. Olha para a evolução, para a potencialidade tecnológica e para a aplicação que se poderá ver nos seus livros. Cada livro da Jupiter Editions tem de ser uma *start-up*. Tem de ser um livro que vai evoluir para outro livro. Tem de ser tecnológico neste sentido. Tem de ter uma projeção para o futuro. Tem de ser uma "obra-viva", que tenha uma continuação, uma saga, que seja uma trilogia, que possa ser facilmente adaptado para o teatro ou transformado em telenovela, série televisiva ou obra cinematográfica.
Porque comprámos uma tecnologia. Comprámos um livro que mais parece um teatro. Comprámos um livro que mais parece um filme. Comprámos um livro que mais parece uma telenovela. Comprámos um livro tecnológico. Só os livros da Jupiter Editions têm implementados esta tecnologia.
A Jupiter Editions preza pela eternidade do espírito, preferindo celebrar contratos perpétuos que não se esgotem com o tempo. Os contratos de edição da Jupiter Editions serão sempre com autores que produzam constantemente filme, numa ótica de se querer idealmente transformar um autor da Jupiter Editions numa espécie de "sócio de indústria", em que a sua propriedade intelectual e os seus direitos de autor são o suficiente capital para "a sua entrada" na Jupiter Editions. Por isso, chamamos aos nossos autores *Member Writers*.
Na Jupiter Editions os autores, os tradutores e os promotores-fundadores, como qualquer outro colaborador, são sempre chamados a participar nos lucros. Chamamos a isto: um chamamento divino!

MISSÕES JUPITER©

Ao comprar um dos livros da Jupiter Editions está a plantar uma árvore, a limpar 1 metro quadrado de praia e outro metro quadrado de mata, mas também está a enviar um pacote de arroz ou massa e uma lata de grão ou feijão para quem mais precise em Moçambique. Vamos apanhar um avião até Moçambique com os nossos Member Writers e Member Readers, para comprarmos os pacotes de arroz e massa e as latas de grão e feijão com o dinheiro dos livros que vendermos e vermos com os nossos próprios olhos onde e a quem mais devemos entregar. Chamamos também a isto um chamamento divino. Porque foi esta a tecnologia que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom instalou nos nossos cérebros humanos inteligentes.

O ALGORITMO DO AMOR

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Por lapso o coração foi imprimido com a cor negra por erro de edição e de impressão às 18h59 de 7/09/2022 Raul Catulo Morais voltou a mudar a cor do coração para encarnado.

Este livro teve o apoio de:

KONICA MINOLTA

SURF PLANET

RETROSAILOR

Siga Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

@jaimemariabayamonde

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala segue todos os Member Writers da Jupiter Editions, siga-os também:

Gil de Sales Giotto	@gilsalesgiotto
Barac Bielke	@baracbielke
Antoine Canary Wharf	@antoinecanarywharf
Simão Roncon-Oom	@simaoronconoom
Federico Ferrari	@ferrari.ferrarifederico
Gabriel Garibaldi	@gabriel.brazilgaribaldi
Ralf Kleba-Kodak	@ralfklebakodak
Sebastião Lupi-Levy	@sebastiaolupilevy

Sabia que *O Algoritmo do Amor* tem uma música?

O Algoritmo do Amor tem uma música

O Fred compôs uma música para o Jaime

3 da Tarde é a música que toca *O Algoritmo do Amor*

Oiça a música brevemente no Kanal Jupiter

CITO

«Quem vê as árvores não tem fantasmas à frente dos olhos, porque os fantasmas não assombram aqueles que veem as árvores, porque simplesmente não os conseguem assombrar, e por isso, não me conseguem assombrar. Quem anda com as raízes das árvores e os troncos das árvores gravadas na sua mente, no seu espírito e no seu coração anda sem fantasmas e demónios. Porque nenhum fantasma consegue hackear uma mente, um espírito ou um coração que vê as árvores. Porque a tecnologia desses fantasmas e desses hackers serão sempre inferiores a uma mente cheia de árvores, cheia de oxigénio, a uma mente que mais parece um arvoredo. Porque são os próprios fantasmas que têm medo desses arvoredos. E por isso, não conseguem hackear nada: nem a mente, nem o espírito, nem o coração.» *in* ***À Velocidade da Luz***, de Gil de Sales Giotto.

«E vi que tinha nascido com o algoritmo da fidelidade instalado em mim. Que era um ser humano e um ser amoroso. Que tinha nascido para estar amorosamente com outro ser humano. Mas só com um ser humano. E que ser fiel não era "não poder estar" com outro cavaleiro, quando andávamos a cavalgar no cavalo do nosso cavaleiro, mas simplesmente "nem sequer estar predisposto para andar" no cavalo senão do nosso cavaleiro. Querer estar só ao colo do nosso cavaleiro que em sábias cavalgadas nos levava para todas as infinitas cavalgadas que teríamos com todos os outros cavaleiros de mundos paralelos. Sentia a força do algoritmo em mim que me outorgava o nobre feitiço "um só cavaleiro e até ao teu cavaleiro, um cavaleiro de cada vez."» *in* ***Cavaleiros Tecnológicos***, de Barac Bielke.

«Eu não conto o lixo que apanho. Não faço lixo desde que nasci. E ando a apanhar os lixos dos outros desde que nasci. Todos os dias que faço praia apanho toneladas de lixo. (…) Descemos aquela arriba apenhascada até lá abaixo à praia (…) para ter a chance de ver e estar naquele paraíso tinha que pagar por isso. Apanhar aquele lixo era a minha forma de pagamento e agradecimento à Natureza. Mergulhei, mandei uma mariposa, só para dançar na água para o meu namorado, e ele a seguir beijar-me; e quando olhámos à nossa volta, num espaço de um quarto de hora, havia uma enchente de gente. Fomos embora a apanhar cada lixo com que nos cruzávamos. As pessoas viram e imitaram-nos. Fui-me embora dali felicíssimo. Nós somos macacos e esponjas-do-mar ao mesmo tempo. Imitamos e absorvemos tudo. As esponjas-do-mar apanham toda a porcaria que os humanos fazem.» in ***O Deus Tecnológico***, de Simão Roncon-Oom.

«Talvez, se (…) investires esse tempo a observares e a repares um pouco mais a Natureza, comeces a ver os dados que a Natureza te deixou e talvez numa Internet própria da tua natureza comeces a querer ligar aquilo que vês, que é a realidade que tens à tua frente. Há animais que possuem um extrema inteligência emocional sócio-afetiva. É essa a minha filosofia! E acho que é lícita e perfeitamente legítima e moral… (…) Já vos disse: não predo nenhum animal que eu saiba que tenha inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com a espécie humana. (…) Comia porco até ter sido informado que há quem tenha porcos como animais de estimação, que há porcos que fazem parte da família de humanos, que há porcos que brincam o dia todo com cães, que há porcos que adoram crianças e as defendem como se fossem cães. Evoluí o meu pensamento. Não tenho que ser massacrado, só porque nasci numa família que comia carne de porco e não sabíamos que o porco tinha uma inteligência sócio-afetiva. Soubemos, tivemos essa informação e

reagimos a essa informação. Cada um reage à informação como quer. Eu reajo assim. É a minha evolução." *in* ***Target – A Pegada Digital***, de Ralf Kleba-Kodak.

«Se eu vejo um campo de malmequeres intacto, devo tentar pisar o mínimo possível. Se vejo que já há um carreirinho, seja nesse campo, seja num bosque, ou numa floresta, devo usar esse mesmo carreirinho, não fazendo mais carreirinhos se tomar a mesma direção do carreirinho que já está feito. (…) Subir uma árvore não atenta contra nenhum "direito da árvore". O que há é o dever de, nós humanos, reconhecermos algumas inteligências que habitam connosco na Terra. Podemos subir as árvores, dormir nas árvores, namorar nas árvores, desde que não cortemos ramos ou não danifiquemos a árvore ou estejamos com ela respeitosamente. Igualmente, se ao caminharmos virmos um carreiro de formigas, quando os vemos, temos o dever de nos desviar e o dever de não pisar nem o carreirinho de formigas nem o formigueiro. A mesma coisa como os malmequeres.» in ***2080***, de Antoine Canary-Wharf.

«(…) Quando caminhamos com amigos ou com o nosso namorado é importante estarmos a caminhar com os nossos amigos ou com o nosso namorado. Este foco tem que ser imediato. Estar no café com amigos e estar a pensar em mil outras coisas é sinal que devemos imediatamente sair do café. Devemos ir fazer essas "outras coisas" que a nossa mente não para de pensar e o nosso cérebro quer antes ver-nos nessas "outras coisas". E se o nosso cérebro não quer estar ali, devemos dar-lhe razão. Se tivermos um cérebro saudável, podemos dar-lhe razão. (…) O amor repete-se, claro, todos os dias, mas o namoro, dentro do namoro é sempre diferente. O namoro dentro do namoro parece infinito. Posso ir namorar para os mesmo sítios com o meu namorado, mas dizemos sempre coisas diferentes, damos sempre beijos diferentes, temos sempre emoções

diferentes. Temos sempre novas emoções, novos carinhos, novos desejos um com o outro que são sempre os mesmos desejos. Porque aqueles beijos que o meu namorado me deu, não me vai dar mais. Vai dar-me outros. Mas os que me deu, já não me vai dar mais. Por isto também, é que é importante estarmos verdadeiramente com quem gostamos, com quem amamos, dedicarmos, sem esforço nenhum, o nosso foco a quem amamos. Esse foco tem que ser natural. E é essa a tecnologia do foco cerebral e do foco mental. E tecnologicamente, se eu tiver a tecnologia desse foco, por ter estado focado, eu consigo voltar ao foco. Consigo voltar aos beijos que o meu namorado me deu. Através da mente. Através da memória. E posso recolher a memória deles ao final do dia. E recolho a memória deles no final do dia. Quando venho para casa e já não estou com o meu namorado, venho a pensar nos beijos dele. E agora sim, posso vir a pensar nos beijos dele, e em outras mil e umas coisas, porque estou agora a caminhar sozinho.» *in* ***Paranóide Tecnológica***, de Federico Ferrari.

«~~Vê-se mesmo que na altura em que o legislador inventou esta proibição dos acampamentos não namorava. Eu já me fartei de acampar com o meu namorado. Era o que faltava o Direito vir dizer que eu e o meu namorado não podermos agora acampar e não podermos passar uma noite os dois sossegados e felizes com as estrelas.» *in* ***Os Autores do Sistema***, de Sebastião Lupi-Levy~~. Risquei porque citava isto, antes de ter visto uma prática que eu não podia imaginar de um campismo ilegal desmedido e desenfreado que pisa, machuca, rasga, arranca, suja, desequilibra e dá cabo de tudo.

«"Amo-te" é a palavra-chave que torna o contrato de namoro automático, nem é preciso escrever em lado nenhum, por isso é que é tácito. Dar beijinhos e dizer amo-te é o comportamento concludente para o contrato de namoro. Não é preciso fazer mais nada… Depois é só oficializar o "pedido de namoro".» *in* ***Jupiter***, de Gabriel Garibaldi.

DEDICO

Ao Fred.

E à Sara.

Por causa deles, nunca deixei de acreditar no amor.

Por causa deles, sinto em cada segundo amor.

Sinto amor, por causa deles.

Sou feito de amor, por causa deles.

Do Fred.

E da Sara.

O ALGORITMO DO AMOR

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Registo n.º 345/2020 **SIIGAC/2020/970** DATA: **2020.02.20**

Revisor: Antoine Canary-Wharf
Editor: Antoine Canary-Wharf

1ª Edição

JUPITER EDITIONS
Print Your Heart with Jupiter Editions©

UMA NOVELA ETERNAMENTE VIVA

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

A Jupiter Editions deseja-lhe um bom serão para se envolver nesta novela.

A Jupiter Editions recomenda:

Não use o telefone durante a leitura.

Desligue os dados móveis.

Desligue o Wi-Fi.

Se tiver namorado/a, marido ou mulher vá ler para o colo dele/a.
Leia aos pés dele/a.
Dê-lhe as mãos.

Está com um livro tecnológico nas mãos.
Não deixe mais nenhuma outra tecnologia interferir com a tecnologia do livro ou com a tecnologia do seu amor.
Proteja este livro com o seu amor.
Não aponte a câmara do seu telefone.
Leve o seu livro consigo para todo o lado.

Tem em sua posse um livro muito bonito para andar com ele na mão para trás e para a frente.
Leia-o de trás para a frente.

Leia na praia.
Leia no jardim.
Leia na montanha.

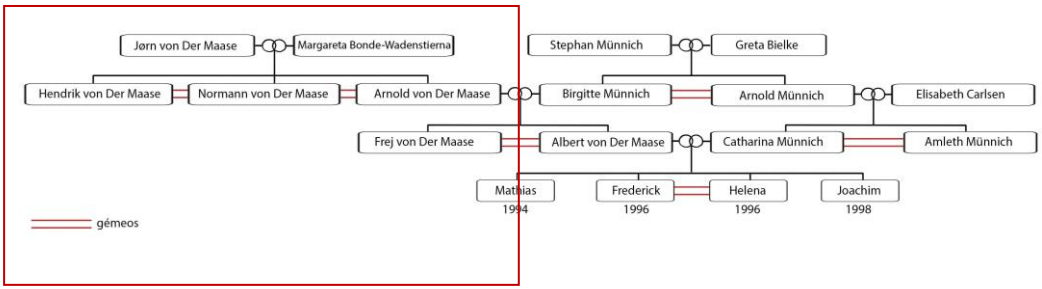
Se quiser publicar alguma frase ou fotografar alguma página peça ao autor.
Siga o autor.

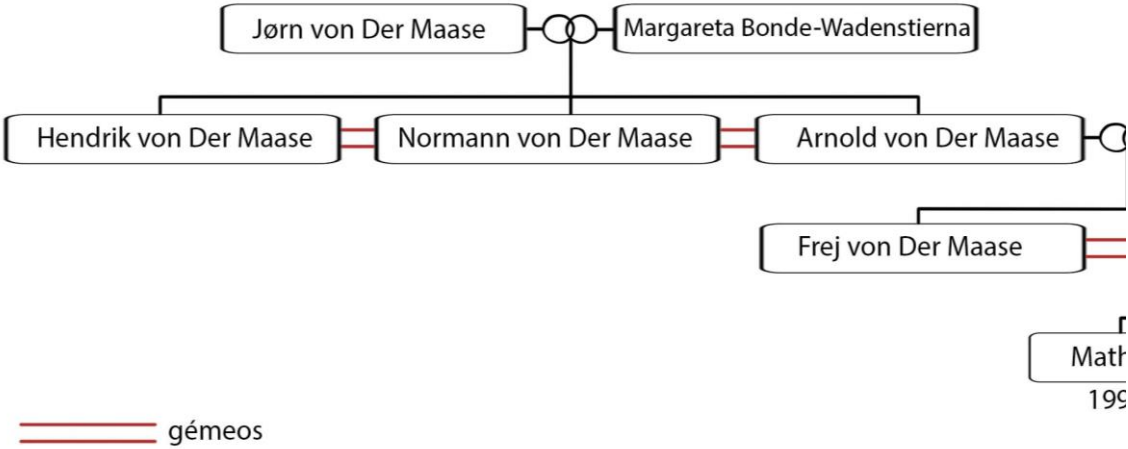
Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala
@jaimedacostaayala

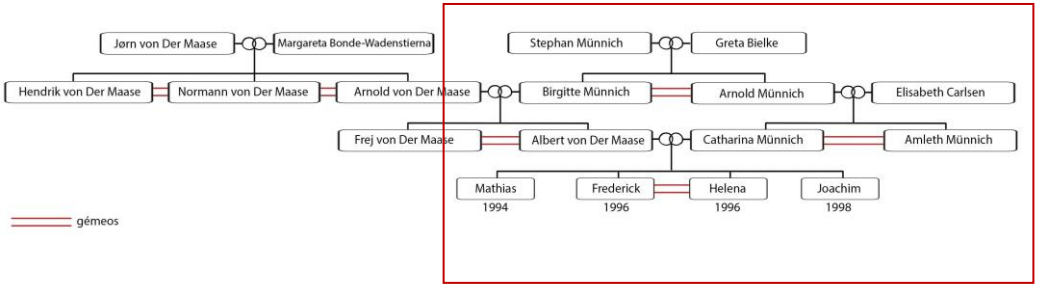
O ALGORITMO DO AMOR

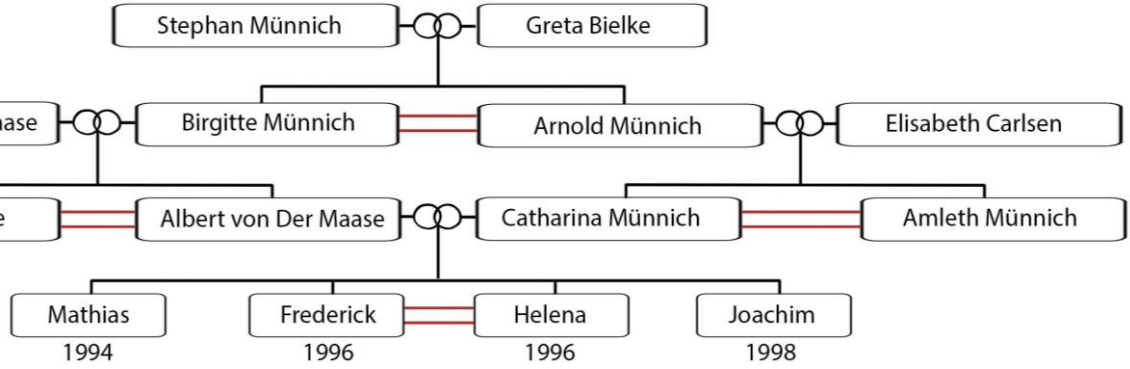
Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

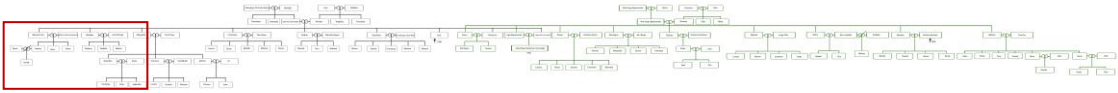
JUPITER EDITIONS
Print Your Heart with Jupiter Editions©

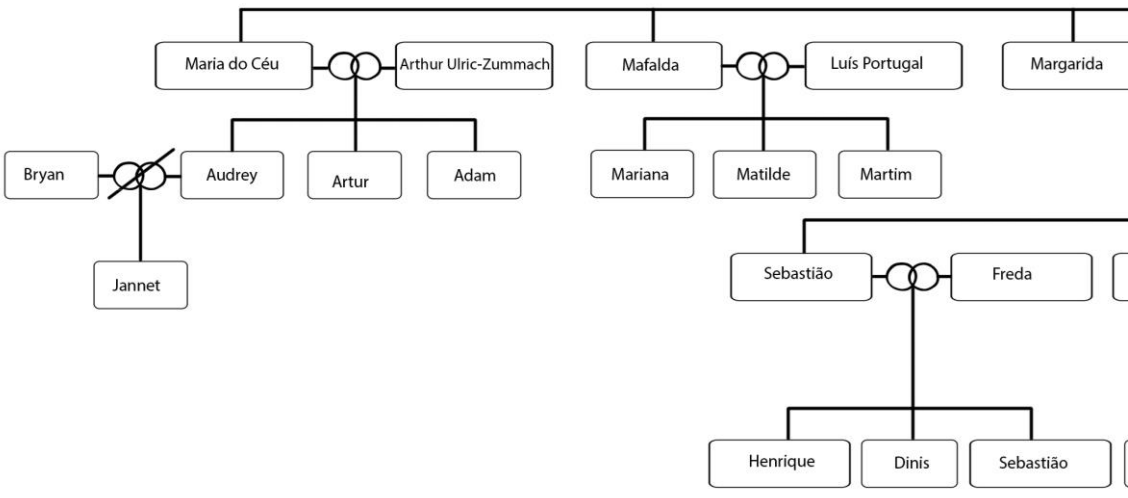

Jørn von Der Maase
Margareta Bonde-Wadenstierna
Stephan Münnich
Greta Bielke
Hendrik von Der Maase
Normann von Der Maase
Arnold von Der Maase
Birgitte Münnich
Arnold Münnich
Elisabeth Carlsen
Frej von Der Maase
Albert von Der Maase
Catharina Münnich
Amleth Münnich
Mathias
1994
Frederick
1996
Helena
1996
Joachim
1998
gémeos

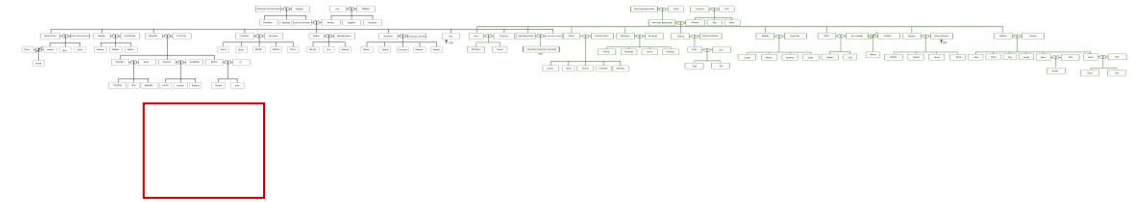

Jørn von Der Maase
Margareta Bonde-Wadenstierna
Hendrik von Der Maase
Normann von Der Maase
Arnold von Der Maase
Frej von Der Maase
gémeos

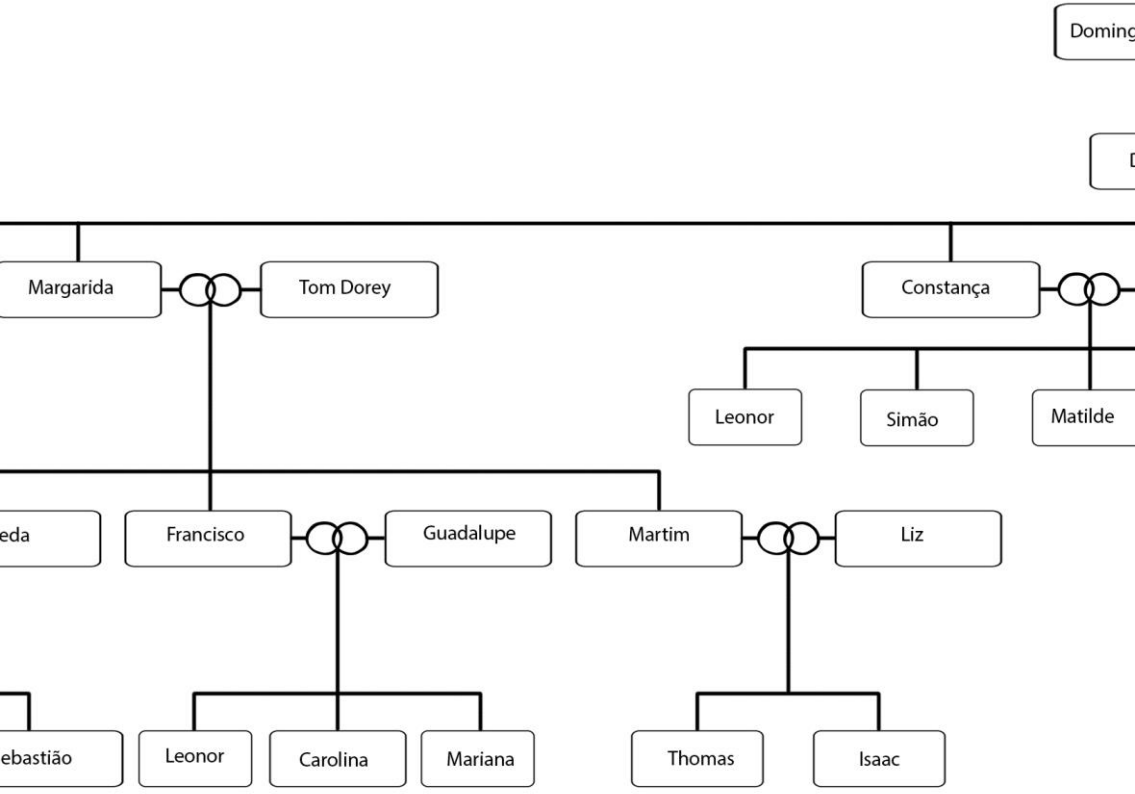

Jørn von Der Maase
Margareta Bonde-Wadenstierna
Hendrik von Der Maase
Normann von Der Maase
Arnold von Der Maase
Frej von Der Maase
Stephan Münnich
Greta Bielke
Birgitte Münnich
Arnold Münnich
Elisabeth Carlsen
Albert von Der Maase
Catharina Münnich
Amleth Münnich
Mathias
1994
Frederick
1996
Helena
1996
Joachim
1998
gémeos

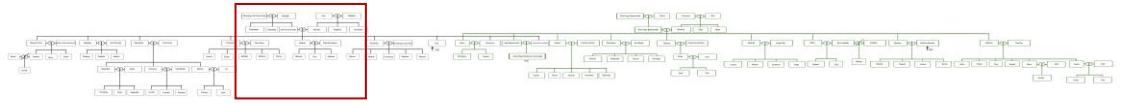

Stephan Münnich
Greta Bielke
Birgitte Münnich
Arnold Münnich
Elisabeth Carlsen
Albert von Der Maase
Catharina Münnich
Amleth Münnich
Mathias
1994
Frederick
1996
Helena
1996
Joachim
1998

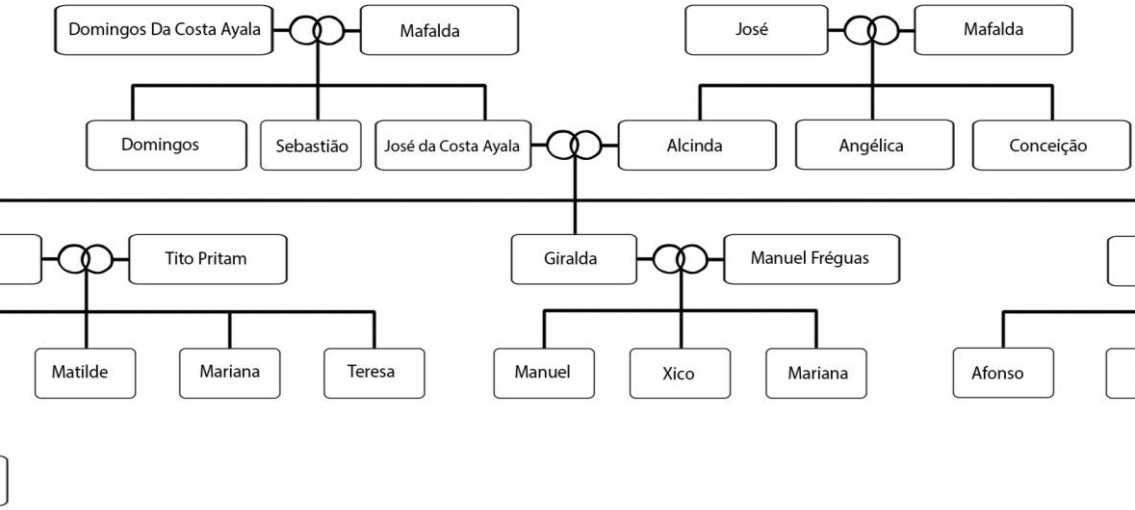


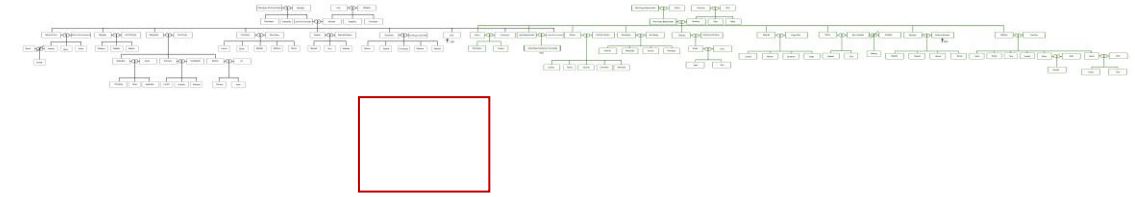

Maria do Céu
Arthur Ulric-Zummach
Mafalda
Luís Portugal
Margarida
Bryan
Audrey
Artur
Adam
Mariana
Matilde
Martim
Jannet
Sebastião
Freda
Henrique
Dinis
Sebastião

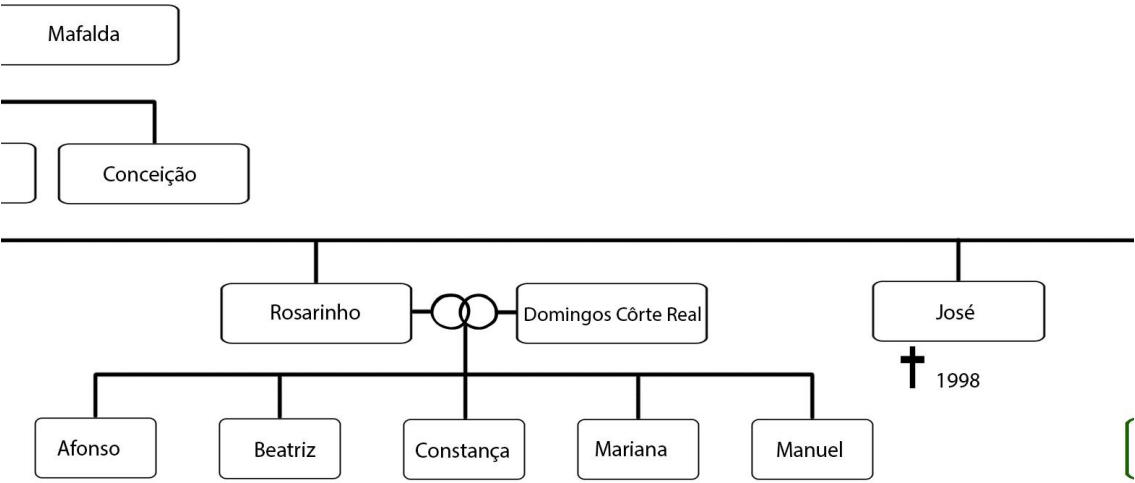


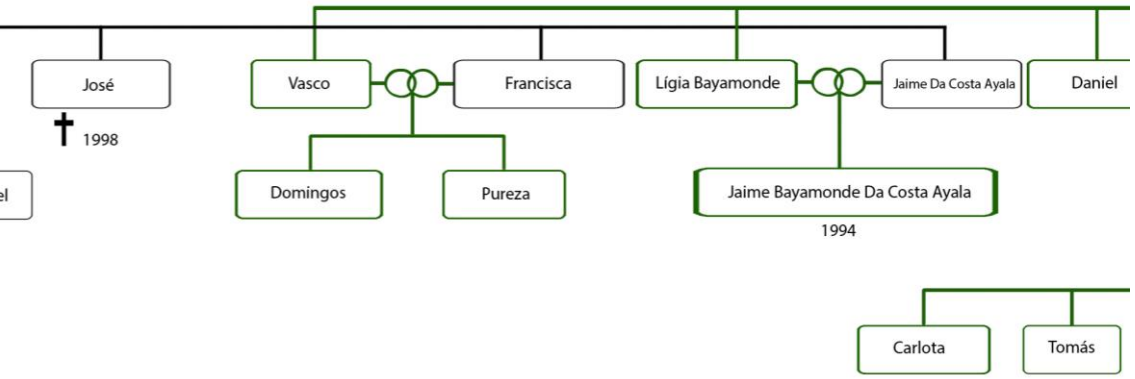

Doming
Margarida
Tom Dorey
Constança
Leonor
Simão
Matilde
Francisco
Guadalupe
Martim
Liz
Leonor
Carolina
Mariana
Thomas
Isaac

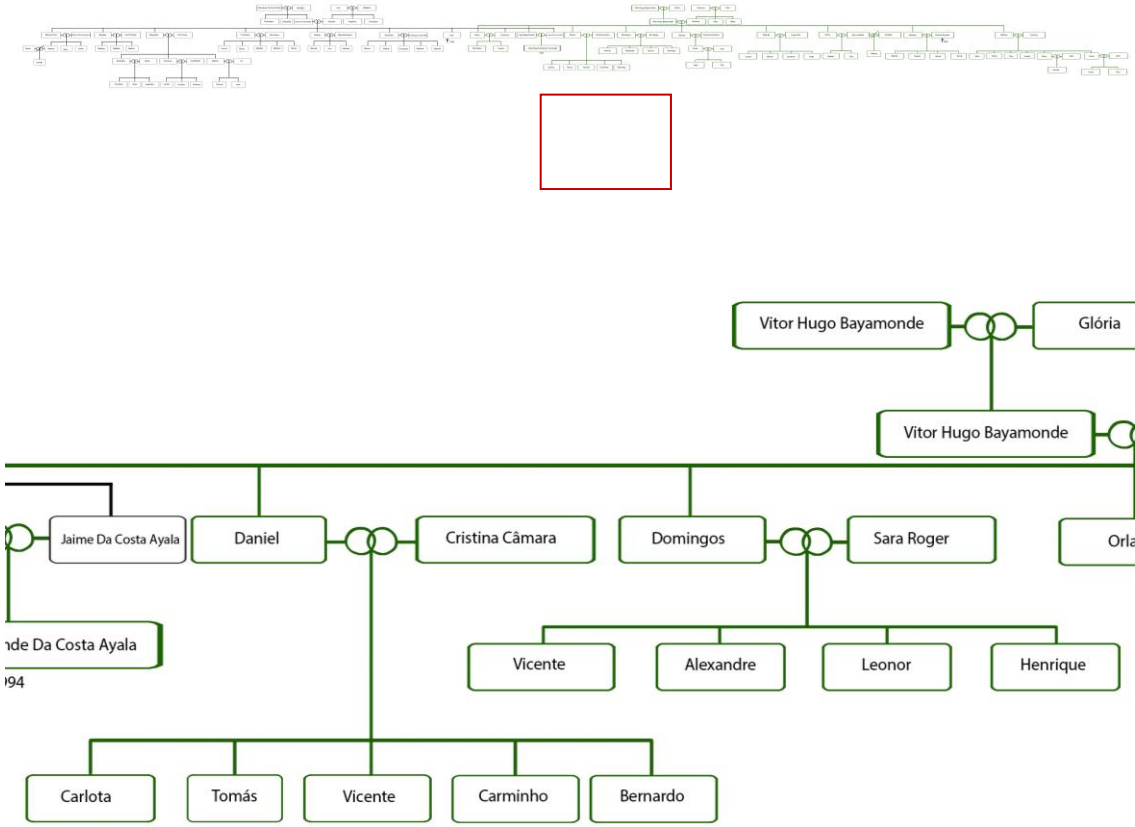


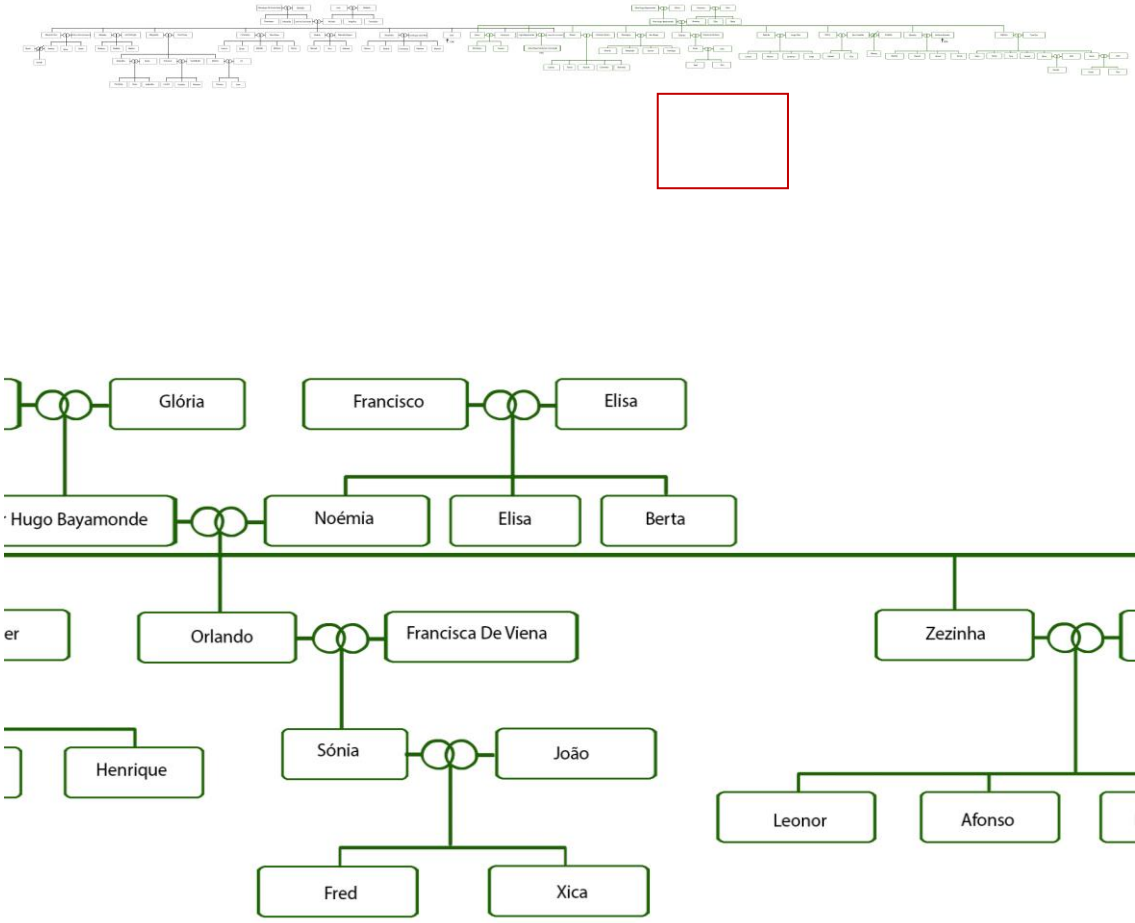

Domingos Da Costa Ayala
Mafalda
José
Mafalda
Domingos
Sebastião
José da Costa Ayala
Alcinda
Angélica
Conceição
Tito Pritam
Giralda
Manuel Fréguas
Matilde
Mariana
Teresa
Manuel
Xico
Mariana
Afonso

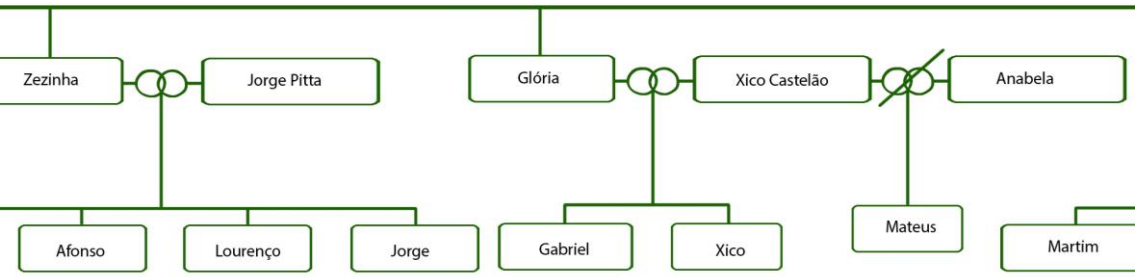


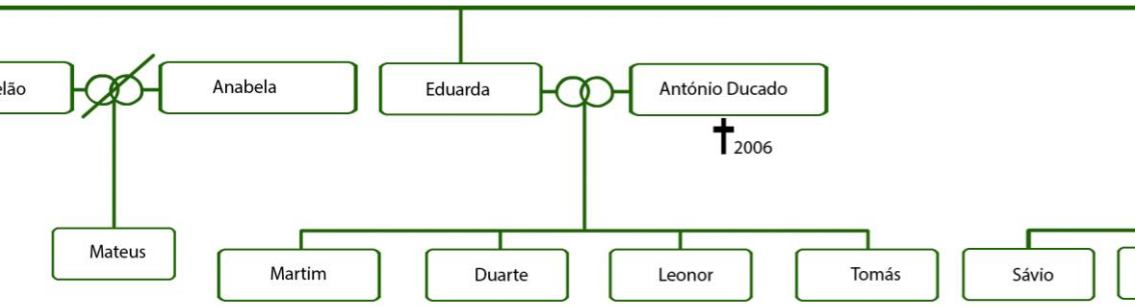

Mafalda
Conceição
Rosarinho
Domingos Côrte Real
José
1998
Afonso
Beatriz
Constança
Mariana
Manuel

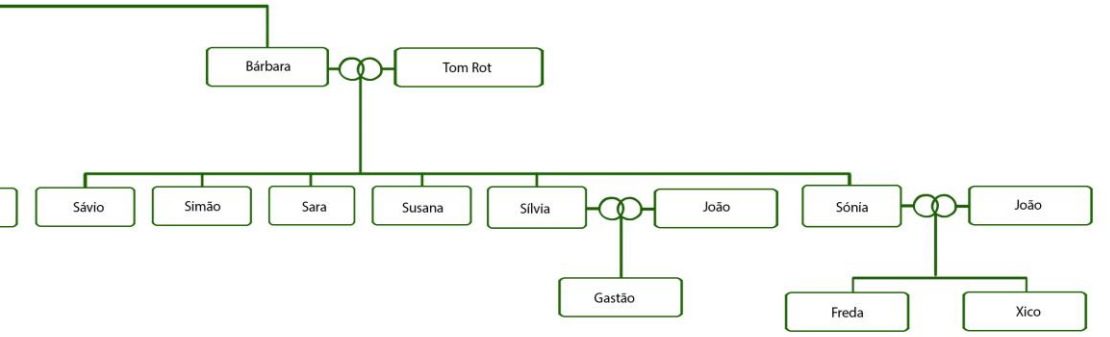

José
1998
Vasco
Francisca
Lígia Bayamonde
Jaime Da Costa Ayala
Daniel
Domingos
Pureza
Jaime Bayamonde Da Costa Ayala
1994
Carlota
Tomás


Vitor Hugo Bayamonde
Glória
Vitor Hugo Bayamonde
Jaime Da Costa Ayala
Daniel
Cristina Câmara
Domingos
Sara Roger
Orla
nde Da Costa Ayala
994
Vicente
Alexandre
Leonor
Henrique
Carlota
Tomás
Vicente
Carminho
Bernardo


Glória
Francisco
Elisa
Hugo Bayamonde
Noémia
Elisa
Berta
er
Orlando
Francisca De Viena
Zezinha
Henrique
Sónia
João
Leonor
Afonso
Fred
Xica


Zezinha
Jorge Pitta
Glória
Xico Castelão
Anabela
Afonso
Lourenço
Jorge
Gabriel
Xico
Mateus
Martim


elão
Anabela
Eduarda
António Ducado
2006
Mateus
Martim
Duarte
Leonor
Tomás
Sávio


Bárbara
Tom Rot
Sávio
Simão
Sara
Susana
Sílvia
João
Sónia
João
Gastão
Freda
Xico

CAPÍTULO I

UMA INFINITUDE DE DADOS AMOROSOS

* Sexta-feira, 7 de fevereiro de 2020 *

«Fred, fiz batota»

«O meu namorado fez batota?»

«Sim…»

«Que batota é que o meu namorado fez?»

«Estava em *Street View* no *Maps* e olhei em redor…»

«Ai ai… Que o meu namorado tinha dito que não olhava em redor, que só usava o *Street View* para aprender a estrada… Afinal era tudo peta!...»

«Não era Fred, eu juro… Tenho aprendido a estrada só a ver a estrada… Mas comecei a subir, a subir, a subir e de repente vejo um miradoiro tão lindo Fred!!!! E uma vista de cortar a respiração!!!! Não resisti!…»

«Ai, ai… O meu Jaimezinho não resistiu à vista de cortar a respiração e viu a vista proibida…»

«Pois, vi… A vista tão linda que era proibida…»

«E, agora?»

«Agora, vou fingir que não vi nada.»

«Pois, dá para fingir, mas já não dá para tirar essa vista da tua mente…»

«Ah, não dá? E eu a pensar que o meu namorado era um alien dinamarquês com poderes super tecnológicos capazes de me apagar vistas gravadas na mente…»

«E pensas muito bem! O teu namorado é um alien! Mas para apagar vistas e imagens da mente tem um custo…»

«Ai, tem? Afinal qual é a vantagem de namorar com um alien?»

«Serviços de optogenética quase gratuitos… Mas tem que ter sempre um custo por cada *delete* de memória»

«Quase gratuitos??? "Tem que ter"?»

«Vá… Tendencialmente gratuitos…»

«"Tendencialmente"… Que seca!... Qual é o custo vá?...»

«Vais ter que me mamar a noite toda na noite antes do voo para os Açores… Sim, porque vais dormir cá em casa… Depois o Albert leva-nos de manhãzinha ao aeroporto.»

«Arrrgh! Que nojo! Vou fazer queixinhas ao teu pai!!! Vou contar-lhe sobre o filho promíscuo que ele afinal tem…»

«O meu pai não vai acreditar em ti!»

«Vamos ver em quem é que o Albert von Der Maase acredita? Se no seu querido filho promíscuo ou se no namorado inocente do seu querido filho promíscuo…»

«Inocente??? Vê vistas proibidas e grava imagens proibidas na mente dele e depois diz que é inocente…»

Eu e o Frederick riamo-nos desalmadamente ao telefone. Tínhamos combinado que enquanto ele estudava para Psiquiatria eu é que ficava com o IDN dos Açores; e ficar com esse IDN,

incluía uma pequena autorização de espreitar a estrada no *Street View* no *Google Maps*. Valia para mim espreitar, porque era eu que ia guiar. E claro, que queria fazer um brilharete a atalhar e a saber as estradas de cor e salteado do nosso IDN, naquela ilha, sem ter que usar o GPS. Obviamente que o GPS estava fora da nossa equação.

Ter que usar o GPS significava ter que estar ligado à Internet. Estar ligado à Internet significava que a nossa voz, a nossa conversa no carro, cada palavra que disséssemos, cada beijinho que déssemos, cada amor do nosso amor, fosse tudo ouvido e processado pelos algoritmos tecnológicos. Deixar os algoritmos tecnológicos processarem o nosso namoro? Meterem-se no nosso namoro? Começarem a recomendar, a sugerir coisas para o nosso namoro? Era o que mais faltava! Os algoritmos sabem lá o que é o amor! Os algoritmos sabem lá namorar! Já estava a imaginar eu a dizer a cada segundo "Fred eu amo-te" e o Frederick a dizer "Jaime eu amo-te" e a aparecerem sugestões nos nossos telefones de "Jaimes", "Freds" e "Amo-tes" para comprarmos. De certeza absoluta que há quem compre "amo-tes"! Por isso, de certeza absoluta que já deve haver por aí "amo-tes" à venda… E, por isso, de certeza absoluta que os algoritmos levam esses "amo-tes" aos namorados (mais) *supertecnológicos*… Ainda bem que eu e o Frederick somos zero tecnológicos no amor e no nosso namoro e nas nossas viagens não há claro espaço sequer para telefones! Basta-nos a tecnologia do nosso amor! A tecnologia do nosso amor chama-se telepatia!

«E então esse *3º Itinerário Dos Namorados* ainda não está pronto?»

«Está quase Fred…»

«Quero tanto vê-lo… E incluir a minha surpresa no Dia de São Valentim… Olha que o dia 14 é meu!»

«Eu sei Fred… Mas o dia 14 é teu até que horas?»

«Até à hora do pôr do sol.»

«Até às 18h19, portanto…»

«Puxa… Que exatidão…»

«E para ser mais exato ainda, quer dizer que vais monopolizar o dia todo até às 18h19…»

«Então, tu vais monopolizar todos os outros dias… Até a música vais monopolizar…»

«Não, não! Eu só escolhi 100 músicas no nosso *Albúm111* do *Spotify* para tu poderes adicionar à vontade as outras 11.»

«Uau! És tão querido Jaimezinho, a sério… Obrigado… Obrigado, Jaimezinho, do fundo do meu coração, por me teres deixado adicionar 11 músicas "à vontade" no NOSSO *Albúm111* de 111 músicas para ouvirmos em São Miguel…»

«De nada amor!! Então, eu amo-te!»

Obviamente que estávamos a ser irónicos e gozões um com o outro. Em boa verdade, eu escolhi 100 músicas e o Fred só escolheu 11. Mas foi por causa da Psiquiatria. E foi uma decisão não unânime, mas consensual. O importante muitas das vezes não é a unanimidade, mas a consensualidade. A

consensualidade é que importa, o que importa é chegar a um consenso das coisas. O Fred queria pôr mais músicas? Queria! Mas eu já tinha posto 100 músicas e não conseguia "agora" tirar nenhuma… E o título tinha sido escolhido a dedo. Tinha que ser *Albúm111*. E no *Albúm111* só podiam estar 111 músicas… A Psiquiatria foi a desculpa perfeita… Disse-lhe que fui me entusiasmando tanto com as músicas, que sem querer já tinha posto 100 músicas no *Albúm111*. Disse-lhe que como ele estava a estudar para o exame, eu tinha calculado que não tivesse tempo para adicionar muitas músicas… Mas que ainda faltavam adicionar ao álbum 11 músicas e caso ele não pudesse, eu já tinha mais 11 músicas prontas para adicionar… O Fred disse logo que não, que também queria pôr músicas no álbum. Perguntou-me se eu não conseguiria tirar nenhuma para ele poder pôr mais uma ou outra… Eu disse que não queria tirar porque "ainda por cima", estava a aprender as estradas no *Street View* ao som daquelas músicas e que o meu cérebro já tinha prometido à minha alma e à minha mente que iriam ouvir lá essas músicas, a desforrar todas as curvas e a rasgar cada curva ao volante do nosso Mercedes. E foi assim que o Fred aceitou num consenso silenciosamente tácito ao ter adicionado as suas preciosas 11 músicas. Para nós, as promessas que fazemos sobretudo à nossa mente devem ser cumpridas. As promessas e os contratos que fazemos com as nossas mentes são do mais sagrado que há! A nossa religião, pelo menos a minha e do Fred, está na nossa alma, na nossa mente e no nosso cérebro. Está inscrita em nós! E o Fred, não se atreveria deixar que eu tivesse que rasgar um contrato-promessa que tinha religiosamente celebrado com a minha mente. O Fred adora a minha mente! Tem um pequeno fraquinho por ela… E eu tenho pela dele… Talvez seja por isso que as nossas mentes estejam tão

ligadas, tão "conectadas". São religiosamente fiéis uma à outra, assim como eu sou com o Fred!

Enquanto "via" o Fred lá do outro lado, lá em casa dele, lá do outro lado do computador dele, a adicionar as 11 músicas, música a música ao nosso *Álbum111* eu punha a tocar as novas músicas; a dar as novas músicas dele "cá em casa", "cá deste outro lado". E enquanto a nova música do Fred entrava "cá por casa" a martelar-nos os martelos, lembro-me dos meus pais me perguntarem que "raio" de música é que eu lhes estava a dar! Disse-lhes que era o Fred que nos estava a dar música. O meu pai com o seu faro germânico, sabia que o Fred era dinamarquês e que o que estávamos a ouvir era alemão. Quis logo fazer piada daquilo e perguntou-me se eu tinha trocado o Fred por um outro Fred alemão. Com uma grande lata, ainda quis fazer mais piada daquilo e disse que eu ficaria bem era com um alemão, porque os alemães é que mandavam na Europa e que o futuro estava na Alemanha. E continuou a piada, dizendo-me que se eu quisesse "safar-me" nesta nova "selva" tecnológica, o melhor era eu sair da cama do dinamarquês e meter-me na cama com um alemão, porque meter-me na cama com um alemão é que seria o meu passaporte para a eternidade tecnológica. E voltou a repetir que a Alemanha é que era o futuro. E que a Alemanha é que iria ficar com as armas todas tecnológicas poderosas.

Eu não achei piada nenhuma, mas só de o ver a rir-se, acabei por me rir com ele. Era o meu pai só a tentar fazer piadas gays. A fazer piadas gays políticas. A fazer piadas gays políticas lobistas. E lá consegui farejar-lhe o *lobismo*. Lá percebi o *lobismo* dele. E às tantas, oiço o meu pai a dizer que "agora" a música que estava a dar era boa e põe-se a dançar todo desengonçado com a

minha mãe. Parecia um "pé de chumbo". Parecia um robozinho a dançar. A dança dele era metalizante. E às tantas, já me estava também a metalizar. Ver os meus pais a dançarem, fazia-me ficar para ali metalizado. Estava quase, quase a ficar hipnotizado com eles. Desafiei-os a adivinhar o que é que estavam a dançar. Que música era aquela?! Mas, ainda bem que não apostei que não adivinhariam, porque os dois disseram em coro que era islandesa. Mas disseram aquilo como se fosse lógico. Por momentos, parecia que os meus pais eram aliens e que se tinham metido na noite anterior numa nave espacial e *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto tinham implementado no cérebro um chip islandês. Na minha omnisciência, era impossível os meus pais saberem que aquilo era islandês. E para tornar a cena ainda um pouco mais tecnológica, parecia que sabiam a letra. Mas dançavam e sabiam a letra daquela música islandesa?! Mas lá me *desipnotizei* deles e vi que estavam a trautear; eles estavam era a trautear, não estavam a cantar coisa nenhuma, estavam para ali a trautear, simplesmente tinham apanhado bem o ritmo da canção como baleias *papuásias*.

Parecia que o Fred tinha dado a nossa morada aos satélites e os satélites lá tinham enviado, sob rigorosas coordenadas, um drone à nossa casa que nos trazia uma verdadeira *Revolução Cultural das Baleias*, sem eu ter encomendado nada! Eu não tinha encomendado nada e agora aquele drone entra pela minha casa dentro assim?! Põe-se a voar dentro da minha casa assim?! Digo drone, porque aquilo merecia ser filmado de cima! E eu filmei como um drone; como se eu fosse um drone, que tivesse entrado pela porta-janela da sala e ficasse ali planado a planar toda aquela maravilhosa cena. Aquela maravilhosa cena islandesa-portuguesa! Ver a tecnologia da

Islândia a chegar à nossa casa tão portuguesa, era maravilhoso! Os meus pais pareciam mesmo baleias! As baleias são muito cultas! E os meus pais portugueses a ouvirem aquela "canção popular" islandesa com grandes guitarradas, pareciam baleias *papuásias* que se tinham encontrado no fundo do mar da Nova Zelândia com as baleias jubartes *australianas* e voltavam a casa a cantar a nova canção das baleias *australianas*. Fez-me lembrar aquele caso maravilhoso de 2010 de um grupo de baleias, que nadam nos mares de Arafura, nos mares de Bismarck e nos mares de Salomão, mares, perto ali da Papua-Nova Guiné, que se encontraram, por acaso, nos mares de Tasman, ali entre a Tasmânia e a Nova Zelândia, com as baleias jubartes lá da Austrália, que nadam os mares de Coral. As baleias jubartes têm uma canção popular que até 2009 só elas é que a cantavam. Depois desse encontro de 2010 com as baleias *papuásias*, as papuásias voltaram a casa, a cantar a canção das jubartes e não cantaram mais a sua. Perderam a sua canção. A sorte tecnológica, é que os meus pais não precisavam de nadar para trazer a canção islandesa para casa. Eles estavam ali em casa a dançar e a cantar islandês. Eu esqueci-me que os meus pais eram portugueses e que não sabiam cantar islandês.

O meu pai, lá exausto daquela dança metálica ao som daquelas guitarradas islandesas, lá me perguntou de onde é que vinha a música e eu aproveitei para o chamar ao computador. Mostrei-lhe que a música vinha do *Spotify* e expliquei-lhe que o *Spotify* era um serviço de transmissão contínua de ficheiros de música sob uma forma de distribuição digital. Chamei-lhe uma plataforma tecnológica de música. Como se fosse uma biblioteca em que os livros eram álbuns e podíamos ir lá tecnologicamente

abrir um livro, abrir um álbum, clicar num álbum e ficar a ouvir as músicas do álbum. Podíamos procurar no motor de busca – como se fosse tal e qual o motor de busca da Internet – por um álbum ou *playlist*, um artista, uma banda ou uma música. Contei-lhe que eu e o Fred tínhamos criado um álbum de música para levarmos connosco para os Açores. Mas para levarmos o álbum connosco para os Açores sem termos de andar com a Internet atrás de nós, tivemos que comprar a versão *premium*. O *Spotify* era uma aplicação gratuita, mas que só funcionava se estivéssemos ligados à Internet, expliquei-lhe. A versão *premium* já tinha um preço que tínhamos de pagar uma mensalidade. Mas contei-lhe que eu e o Fred não nos importávamo-nos nada de pagar essa mensalidade. Com a versão *premium* descarregávamos uma vez o álbum e pronto; podíamos ouvir à vontade as nossas músicas sem termos de estar ligados à Internet. Para pormos as nossas músicas a tocar nas estradas da Ilha de São Miguel, bastava emparelhar um dos nossos telefones ao nosso Mercedes pelo *Bluetooth*, explicava ao meu pai.

Era esse o preço para ouvirmos música sem os algoritmos tecnológicos saberem que músicas estávamos a ouvir, como as cantávamos, como pronunciávamos o inglês, o alemão, o sueco, o dinamarquês, o holandês, o finlandês, o norueguês e o islandês. Era esse o preço que tínhamos de pagar para os algoritmos tecnológicos não medirem a nossa felicidade a cantá-las. Foi esse o preço que tivemos de pagar para os algoritmos não processarem nenhuma emoção nossa a cantar aos deuses, nenhuma nota nossa a desafinar às alturas, nenhum excitamento nosso a bradar aos céus. E é sempre esse preço que vamos pagar para os algoritmos tecnológicos não nos apanharem a chorar de

felicidade, para não saberem que músicas é que nos fazem carpir em felizes lágrimas, para não descodificarem o código da nossa felicidade.

Depois daquela viagem tecnológica que estava a dar ao meu pai, fiz-nos descolar da Islândia e aterrar-nos noutra ilha também vulcânica. Aterrei-nos numa estrada montanhosa de São Miguel, que ia dar ao proibidíssimo Miradoiro da Ponta da Madrugada. Já que já tinha visto, então via outra vez e mostrava ao meu pai. Mostrei-lhe as maravilhas dos satélites, as maravilhas da tecnologia. O meu pai ficou fascinado, não fazia ideia que era possível ver com toda aquela nitidez as estradas. Ver tudo à volta. Como se estivesse num jogo de realidade virtual aumentada. Só que numa realidade virtual aumentada que não obrigava a enfiar "porcaria" de óculos nenhuns na cara. Expliquei-lhe, que a *Google* tem carros com uma câmara de 360º instalada no tejadilho que vai andando nas ruas e capta fotografias de tudo o que ele está "a ver", por todas as ruas onde anda. Disse-lhe que ia para os Açores com o Fred e que o Fred é que tinha pagado a viagem toda. O Fred tinha dito aos pais dele que eu é que tinha pago a viagem toda. Eu disse aos meus primos que o Fred é que tinha pago a viagem toda. O Fred disse aos irmãos deles que eu é que tinha pagado a viagem toda. Os meus primos "como por magia" começaram a namorar os irmãos dele e lá se descobriu que tínhamos pago a viagem a meias.

É claro que, se o Fred quisesse mesmo adicionar mais músicas, eu teria imediatamente tirado. Tinha posto 100 músicas. "O justo" seria cada um ficar com 55 músicas e o último "a vir-se" ficava com mais uma música. Mas esta ideia "de justiça" talvez seja a ideia de outros casais. No nosso amor não há sequer

esta ideia de ter que se dividir milimetricamente. De ter que se dividir "justamente", seja lá o que "essa justiça" queira significar. Não há esta corrida do último "a vir-se". Não há nenhuma competição. Há uma colaboração. Uma permanente colaboração. Colaboramos um com o outro. As nossas mentes colaboram uma com a outra. Fazem complôs. Dividem os segredos. Mas dividem os segredos e pronto. Divide-se e pronto. Sem matemática. Sem números. Dividimos tudo sem números.

Pedimos sempre pratos diferentes para comermos um do outro, com uma pequena exceção: se houver polvo, pedimos os dois polvos; o polvo é a exceção! Eu peço um robalo e o Fred pede uma dourada. O Fred pede atum e eu peço salmão. Adoramos pôr-nos a comer um do outro, do prato um do outro. De certeza, que a minha avó londrina não nos acharia piada se nos visse aos dois a comer à mesa, debruçados um no outro, ao colo um do outro, sem preceitos, sem *A Etiqueta* "dela"; ainda por cima, dois homens ao colo um do outro! Se os meus tios nos vissem, de certeza que não iriam achar piada nem iriam também achar *A Etiqueta* "naquilo", como a minha avó. Iriam ver-nos como mabecos e macacos. Iriam dizer que comemos como os macacos comem as bananas. Que "nós" não comemos as bananas como os macacos comem, que "nós" tiramos a casca, deixando só um fio de casca para fazer de base e partimos a banana aos bocados e levamos de uma vez só cada bocado à boca; e que era só assim que se comiam as bananas. E foi assim que eu levei *A Etiqueta* das bananas ao Fred e uma *Revolução Cultural das Baleias* à casa dos von Der Maase.

Uma coisa é comer bananas, outra coisa é partilhar o prato com o nosso namorado. Mas a minha avó londrina e os

seus filhos vindos de África iriam ver-nos como mabecos, que ao colo um do outro *regurgitávamos* a comida. Para eles, a nossa partilha seria sempre o mesmo que o *regurgitar* dos mabecos. Seríamos sempre para eles uma piada. Se a minha avó londrina toda gozona, toda vaidosa – que eu tanto amo, tanto adoro, tanto venero! – passasse por nós e me visse ao colo do Fred, empoleirado no Fred, debruçado no peito do Fred a comer, diria que o Fred era o macho alfa e que eu era uma simples fêmea que pedia e comia o regurgitar do Fred. Que era um ato muito bonito, mas para se ter e observar entre mabecos! E que um homem não se senta ao colo de outro homem! Que quem se senta ao colo do homem é a mulher e que eu não era mulher nenhuma para andar ao colo "dos homens"!

Os mabecos são cães selvagens africanos altamente sociais que parecem gangues de rufias vestidos de preto que armam confusão por todo o lado onde vão chegando; mas que entre si, dentro da alcateia controlada por um casal alfa monogâmico e não por um macho alfa, mas por um casal alfa, são pacíficos, todos muito ligados, partilhando a carne com todos os membros, mesmo com os que não participaram na caçada, como se "só um estômago" tivessem. O macho alfa chega da caçada e regurgita a carne, para partilhar a carne com a fêmea. Todas as vezes que comi sushi, foi ao colo do Fred e foi o Fred a dar-me o sushi à boca. Acho que foi por isso que comecei a adorar sushi, a gostar tanto de sushi. Se a minha avó entrasse porta-dentro e me visse ao colo do Fred e o Fred a levar-me a comida à boca, perguntaria logo se eu era a fêmea ou se era um mabeco doente ou se estava a recuperar de algum ferimento, porque os mabecos feridos é que eram assim alimentados pelos membros do grupo e protegidos de

eventuais ataques. Eu sou o macho alfa do Fred e o Fred é o meu macho alfa. Somos o macho alfa um do outro. Diria à minha avó que numa matilha de 20 mabecos o casal alfa é composto por um macho alfa e por uma fêmea alfa que detêm os direitos de reprodução. Nós somos os dois machos, não há direitos de reprodução, as hienas não nos roubam e os leões não são os nossos predadores!

Mas os meus pais e um ou outro irmão deles iriam ver toda *A Etiqueta* naquilo! Porque há sempre os "tios fixes", os "tios mais fixes". E os pais do Fred iriam também ver toda *A Etiqueta* naquilo! E os irmãos do Fred iriam também ver toda *A Etiqueta* naquilo! E os meus primos iriam também ver toda *A Etiqueta* naquilo, exceto um ou outro, que não nos importaria nada! E isso, sempre nos bastou! Foi sempre isso que nos bastou! Porque francamente é isso que nos basta! Sei que, de longe, a espreitarem-nos, a verem-nos a comer ao colo um do outro, ou com as pernas enlaçadas um no outro, ou ao peito um do outro, ou com as mãos dadas por baixo da mesa, deixariam sempre escapar um ou outro riso mais tecnológico, que imediatamente eu ouviria e arrepiar-me-ia.

Não trazemos uma fita métrica nos bolsos, ou não andamos com uma régua atrás, ou não tiramos os telefones da mochila para fotografarmos os pratos e perguntarmos a uma qualquer aplicação se medimos bem ou não. Se dividimos bem ou não. Eu dou-lhe a maior metade do meu peixe e o Fred dá-me a maior metade do peixe dele. Não há números. Não ligamos aos números. Hoje, eu pus cem músicas, amanhã o Fred põe outras duzentas, sem cobrar, sem tempo. No amor as coisas acontecem assim. Acontecem simplesmente, quando funcionam. E o nosso

amor funciona muito bem! Nunca vi o amor a funcionar tão bem! Simplesmente, a funcionar! Não competimos. Não há competições.

Gostamos de repetir que no amor não há competições, porque vimos muitos casais a competirem entre eles! O que não faz qualquer sentido! Competir, compete-se no trabalho, se se tiver que competir, não é nem no Amor nem na Amizade. Aquilo que um ganha, os dois ganham. Os dois ganhamos. Os dois estamos a ganhar. Se um recebe 1€ de ordenado ou mesada ou prémio e o outro recebe 100€, ficamos com 101€ para gastar no mês. Se um recebe 1€ e o outro 1000€ então é porque podemos gastar 1001€. Se um recebe 1€ e o outro 10.000€ então é porque podemos ir mais vezes aos Açores e pagar a viagem a alguns amigos porque temos 10 mil e 1 €. Se um recebe 1€ e o outro 100.000€ então é porque estamos ricos e podemos levar connosco todos os nossos amigos aos Açores. Se um recebe 1€ e o outro 1 milhão de euros então é porque estamos ricos e, se calhar, já podemos ter uma casinha nos Açores; as casinhas, a brincar, a brincar, estão a ficar cada vez, e cada vez mais caras. Uma casinha que ontem custava nem 250 mil euros já está inflacionadíssima no mercado a ser vendida por milhão e meio…

E enquanto ando eu aqui a ver se consigo comprar uma "casita" nos Açores, se consigo levar os meus pais aos Açores, se consigo levar os meus amigos aos Açores, anda gente a morrer à fome – quando *a Impressora a 3D* podia muito bem imprimir uma dezena de estufas autossustentáveis para matar a fome dessa gente –; e anda gente sem teto, sem tijolos, sem abrigo, sem nada, a viver em cabanas, se tiverem o talento, a força, os nutrientes, para as montar – quando *a Impressora a 3D* podia muito bem

imprimir milhares de casas, milhões de casas a custo zero, porque o custo desses *micromateriais* é tendencialmente zero –; a *Impressora a 3D* conseguia imprimir 180 metros quadrados em menos de 24 horas por 3€, mas de repente só imprime os 180 metros quadrados por 3000€, e afinal já só imprime por 30.000€, e de repente 180 metros quadrados já custam 300.000€, até que parará em mãos ainda mais erradas que só carregarão no botão para imprimir casas de 180 metros quadrados por 3 milhões? Isto é uma simples *Regra de 3 Simples*…

Mas nem eu nem o meu namorado somos, ainda, donos de nenhuma impressora a 3D, se fôssemos certamente sabíamos onde imprimir e o que imprimir. Mas como ainda não podemos brincar às impressoras a 3D, então brincamos com os números. Gostamos muito de brincar com os números. Achamos piada à estatística. É um bocado como os fantasmas. Gostamos muito de brincar com os fantasmas. Gostamos de gozar com a estatística. Com as percentagens. Gostamos de gozar com aqueles que vemos agarrados aos números. Agarrados à estatística, como se fossem cientistas matemáticos, cientistas de números, cientistas de dados. A nossa ciência é mais amorosa do que outra coisa. E gostamos de brincar com isso. Sabemos que é a brincar. Quando um "se vem" é como se os dois "se estivessem a vir". Os orgasmos de um são o orgasmo do outro. A felicidade de um é logicamente a felicidade do outro.

«E então esse *3º Itinerário Dos Namorados* ainda não está pronto???»

«Está quase Fred… Mas olha. já que falas no IDN, deixa-me que te diga que estive a fazer contas e está tudo certo…»

«Contas? Tiveste a fazer contas à vida, foi Jaimezinho?»

«Sim… Mas à tua vida societária no nosso IDN e no nosso *Álbum111*…»

«Como assim à minha vida societária no IDN e no nosso *Álbum111*?»

«As ações que deténs num são proporcionalmente iguais às que deténs noutro… Tens uma vida muito limitada tanto no IDN como no *Álbum111*… Ya, és um sócio muito minoritário…»

«És muito engraçadinho Jaimezinho…»

«Pois sou… E então queres saber qual é a percentagem que deténs num e noutro?»

«Não!...»

«Mas eu vou dizer… Porque te amo Fred! Tens 9,9% de poder no nosso *Álbum111*…»

«E deixa-me adivinhar… 9,9% no nosso *3º Itinerário dos Namorados*…?»

«Certo! Super certo amor! Quer dizer… Quase super certo… Porque, na verdade, as contas para o IDN deram-me 11%, mas vá… Vou assumir que houve um pequeno erro de cálculo e que tens 9,9% de poder nos dois…»

«Não! Se as tuas contas deram 11% para o IDN, desculpa lá, mas então, eu tenho 11% de poder sobre o IDN… Ai ai… É

tão bom ser poderoso… É tão bom ter 11% de poder sobre o IDN…»

«Ai, ai… É tão bom ser poderoso e ter 89% de poder sobre o IDN…»

«E como é que chegaste às contas da percentagem no IDN? As do *Álbum111* são muito intuitivas, porque é só montar uma *Regra de 3 Simples*, em que se 111 músicas estão para 100%, 11 estão para os 9,9%... Mas como é que chegaste aos 11%?»

«Então, nós vamos no dia 11 e voltamos dia 15; vamos estar em São Miguel 5 dias. Cada dia tem 24 horas. Aparentemente o 100% estariam para a soma das horas dos 5 dias. Seria as 24 horas a multiplicar pelos 5 dias. Mas não… Porque só contam as horas que estivermos em São Miguel, ou seja, só conta a partir do momento que aterrarmos na ilha até descolarmos da ilha para fora. Nós vamos aterrar em Ponta Delgada às 11 horas e 25 minutos. Subtraí as 24 horas a essas 11 horas e 25 minutos e deu-me 12 horas e 75 minutos. Depois no dia 15 vamos descolar de Ponta Delgada às 15h45, então somei essa hora com as 12 horas e 75 minutos do dia 11, mais as 24 horas do dia 12, as 24 horas do dia 13 e as 24 horas do dia 14, que tudo somado dá 100 horas e 20 minutos. Ora essas 100 horas e 20 minutos vão estar para 100% porque vão ser o total de horas que vamos estar sob chão micaelense. Como só vais monopolizar desde o nascer do sol até ao pôr do sol, subtraí 7 horas e 34 minutos, que é a hora do nascer do sol no dia de São Valentim, a 18 horas e 19 minutos, que é a hora do pôr do sol, que deu 10 horas e 85 minutos. Ora, fiz uma *Regra de 3 Simples*: multipliquei

essas 10 horas e 85 minutos por 100 % e dividi pelas 100 horas e 20 minutos que deu 11%.»

«Mas isso não é justo! O Dia de São Valentim começa à meia noite, não é só quando o sol nasce!»

«Sim, o Dia de São Valentim começa à meia noite, mas tu só vais ter o monopólio do dia quando o sol nascer!»

«Pois… Mas, se calhar, até vou fazer o jantar para nós…»

«Se fizeres o jantar ganhas mais ações…»

«Se eu cozinhar para nós no dia de São Valentim fico com quanto por cento do IDN?»

«Então ficas com mais 2%...»

«Só mais 2%???»

«Sim! Não te esqueças que temos o filme para ver no Teatro Micaelense…»

«É a que horas?»

«Às 21h30.»

«Quanto tempo demoramos da quinta ao teatro?»

«Um quarto de hora se houver uma tempestade.»

«Oh amor, não há tempestades no dia de São Valentim…»

«Então demoramos uns 10 minutos. Já compraste os bilhetes?»

«Sim, meu amor! Escolhi os lugares mais centrais…»

«Obrigado, amor! Eu amo-te!»

«Eu amo-te! Não devia receber mais um por cento, mais uma açãozinha do IDN, por ter reservado lugares centrais no teatro para nós amor?»

«Não Fred… Não inventes…»

«Então e se eu cozinhar todo nu com avental?…»

«És tão maçónico…»

«Que tal?»

«Por mim, pode ser…»

«Eu acho que ficaste com *tusa* só de me imaginar todo nu a cozinhar para ti de avental…»

«Não! Tu é que ficaste com *tusa*…»

«Pois fiquei… Já estou *todo tesudo,* amor… E tu também estás que eu sei… Tu dás-me tanta *tusa*, amor… Eu amo-te!»

«Eu amo-te Fred! Então não marco jantar no nosso hotel?»

«Não! Marca para almoçarmos no dia 15 antes do voo. Assim vamos lá almoçar ao nosso hotel quando chegarmos a Ponta Delgada e depois almoçamos lá outra vez quando nos

viermos embora… Como é que nós vamos do aeroporto para o nosso hotel?»

«De táxi, amor.»

«E vão entregar-nos o Mercedes lá no hotel?»

«Sim. Mas devolvemos o Mercedes no aeroporto. Por isso, é uma ótima ideia irmos lá ao nosso hotel outra vez almoçar, antes de apanharmos o avião para regressarmos… Comemos nas calmas e tal, temos tempo até ao voo…»

«Sim temos tempo até ao voo, para comermos nas calmas e tal…»

Onde um chega, o outro chegou lá também. No amor, há sim almoços grátis e boleias grátis. No amor e na amizade. Só a economia é que diz que não há orgasmos grátis. Que não há prazeres grátis? Que não há felicidades grátis? Eu percebo a economia. Se eu fosse a economia, também diria o mesmo, porque quereria ver tudo consumido por mim, ver tudo consumido pela economia. E na economia as coisas têm um preço. No amor as coisas valem e pronto. Valem para quem ama. Para quem consegue ver isto. Para quem consegue ver o amor. Mas para ver o nosso amor é preciso *deseconomizar*. Tirar o amor da economia. Tirar o amor do mercado. Tirar todo o dinheiro à volta do amor. Não ver dinheiro nenhum. Não ver economia nenhuma. Ver só o amor. A ternura. O carinho.

Não se pode dizer que o carinho e a ternura são económicos, porque não são. Nem sequer se consegue agarrar nem na ternura nem no carinho. São como a luz. Só se sentem.

Com o tato. E é preciso ter um certo tato no amor. Ter uma certa ternura. Ter um certo carinho. Ser amoroso! Fazer cada coisa por amor. Pôr amor nas coisas. Fazer tudo por amor. Andar por amor. Caminhar por amor. Viajar por amor. Ver por amor. Estar por amor. Pôr amor nas coisas! Fazer cada coisa por amor! Ver amor nas coisas! Não é inventar amor! É sentir amor porque se sente! Não é inventar sentimentos! Não é inventar emoções! É sentir! Sentir amor! Pôr ternura nas coisas! Ser carinhoso! Não é ser carinhoso porque se tem que ser carinhoso, não! É ser-se carinhoso porque se quer ser carinhoso! Porque simplesmente se é carinhoso. Porque sente o carinho. Porque sente o carinho das coisas. Claro que é preciso ter tato!

O tato é tão importante como o olfato, a visão, o paladar, a audição e a intuição. Sentir na pele as coisas! Deixar a pele sentir! Ver o nosso maior órgão que nos reveste a interagir sensorialmente com quem amamos. Ver a nossa pele, o nosso órgão, todo o nosso organismo a reagir com quem amamos. Ver o nosso corpo simplesmente a mexer-se! Ver o nosso coração simplesmente a bater por quem amamos! Ouvir a batida dele por ele! Ficar a ouvir o meu coração a bater por ele… Ficar a ouvir o meu coração a bater pelo Fred, é como olhar para o céu estrelado e no meio de todas as estrelas, sentir a tecnologia de uma constelação a arrepiar-me todo por dentro. A arrancar-me a alma do corpo. É como uma constelação a chamar por mim. E no céu estrelado, é o Fred que brilha sempre mais! É ele a minha constelação! É nele onde tenho posto o *Norte* da minha bússola! Ele é que é o meu GPS! Ele e mais ninguém!

«Ainda te lembras do miradoiro proibido que viste?»

«Lembro-me! É lindo Fred!»

«Como é que te lembras? Então eu fiz-te uma optogenética para te esqueceres… Não me digas que afinal a minha optogenética não funcionou…»

«Não funcionou mesmo Fred…»

«Muito estranho… Funciona sempre tão bem…»

«Se calhar, foi porque fui mostrar o miradoiro ao meu pai em *Street View*…»

«O quê? Voltaste a ver? Amor eu já tinha desgravado… Não podias voltar a ver… Pois… Por isso, é que não funcionou…»

«Pois… Optogenética da tanga! Não funciona Fred!...»

«Da tanga????»

«Ya… Da tanga mesmo, Fred…»

«És muito mal-agradecido Jaimezinho, digo-te já… Já agora qual é que foi o miradoiro que viste?»

«Miradoiro da Ponta da Madrugada… Porquê?»

«Então para eu ir ver também, para ficarmos quites!»

«Em *Street View*?»

«Sim… Vou ver em *Street View*, para ficarmos quites!»

«Estou a ver que vai haver uma maldição…»

«Qual é a maldição que estás a ver?»

«Não podemos ver paisagens tecnológicas de cortar a respiração no *Street View*… Porque as paisagens tecnológicas que virmos no *Street View, O Deus Tecnológico* vai castigar e vai prender-nos na tecnologia; vai prender-nos na paisagem tecnológica, porque quando começarmos a subir até ao miradoiro, O *Deus Tecnológico* vai mandar vir uma tempestade açoriana para nós não vermos a paisagem de verdade. Vamos só ficar com a paisagem tecnológica na cabeça… Vamos ficar presos em cada paisagem tecnológica que virmos tecnologicamente…»

«Muito poético! Aposto que esse deus é *O Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom.»

«É, sim! *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.»

«Mas *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom também habita os Açores?»

«Sim, habita…»

«Habita em todo o lado esse *Deus Tecnológico*…»

«Sabes onde é que vamos depois de sairmos do teatro?»

«Então vamos à discoteca dançar…»

«Não, primeiro vamos a um barzinho que eu encontrei que vai ter noite de jazz e menus especiais para namorados.»

«Devia haver menus especiais em todo o lado para os namorados…»

«Ya… Quem tivesse namorado podia comer dois pratos só pagando um em todo o mundo…»

«Ya… Porque os namorados é como se só tivessem um estômago.»

«Ya… Só que é um estômago que parecem dois…»

«Mas não… É só um… Só que é maior… Por isso, ya… Deviam comer dois pratos e só pagar um…»

«Ya… Em todo o mundo…»

«E nos transportes, como só ocupam um lugar, porque os namorados vão sempre ao colo um do outro, deviam só pagar um bilhete…»

«Ya… Poupávamos imenso em aviões, comboios e barcos…»

«Amor! O "ya" da tua tia Francisca é viciante, pegou-nos bem…»

«Ya… Pois, pegou-nos e bem…»

«Nós nunca dizíamos "ya" amor… Desde aquele almoço que tivemos em casa dos teus tios Vasco e Francisca, saímos de lá a dizer "ya"… Nós somos mesmo esponjas…»

«Ya… Esponjas do mar… Depois de sairmos do jazz vamos a pé pela marina até à discoteca.»

«Porque não se pode acabar o Dia de São Valentim sem se dançar…»

«O meu namorado é tão lindo que diz sempre Dia de São Valentim e não diz Dia dos Namorados, como os outros namorados…»

«Então… Porque o Dia dos Namorados é todos os dias… Nós festejamos todos os dias porque o Dia dos Namorados são todos os dias… O Dia de São Valentim é que é só no dia 14 de fevereiro… Os outros namorados só festejam no Dia de São Valentim… Nós festejamos no Dia de São Valentim e no Dia dos Namorados que são todos os dias.»

«Ainda no outro dia, a minha prima Mariana disse que nós éramos uma seca, porque estávamos sempre felizes e isso enervava; e disse que não era normal nós agirmos como se todos os dias fossem o Dia dos Namorados.»

«Que tua prima Mariana? A Mariana Fráguas?»

«Não… A Mariana Portugal.»

O Fred soltou um riso de como era bem-vinda a Mariana Portugal à conversa. Eu desconfiava que ele tinha um fracalhão por ela e pela minha prima Sara Rot. Mas a prima Sara era a nossa melhor amiga, por isso era de caras que ele gostasse da Sara… Agora da Mariana, o Fred só tinha estado umas duas vezes e era estranhíssimo ele gostar tanto dela. A prima Mariana é muito ciumenta e morre de ciúmes do Fred. Sempre que estou com ela, ela é tão possessiva que quando o Fred me telefona, antes de eu recusar a chamada do Fred, já a Mariana está a pegar"-me" no telefone, a atender e logo a pôr-se aos gritos a dizer que eu sou dela e para ele não me voltar a telefonar. Eles riem-se muito os dois. Eu fico a ouvir as gargalhadas tecnológicas do Fred à

distância vindas do meu telefone nas mãos da Mariana. Eles basicamente comunicam assim e adoram-se. Eu adoro que eles se adorem e que o Fred tenha um fracalhão pela prima Mariana, porque eu também tenho. Eu e a Mariana fazemos de conta que somos namorados e a Mariana está sempre a dizer que quando eu acabar com o Fred, que eu e ela casamo-nos.

«Mas porque é que a prima Mariana ficou irritada? Conta lá vá…»

«Porque apareci na casa dela todo feliz e contente com uma papaia que me tinhas dado e ela virou-se e disse "ai Jaime, já vem todo contente e com uma papaia na mão, para vir com esse sorriso aposto que quem lhe deu essa papaia foi o Fred para variar".»

«E tu, o que disseste?»

«Eu disse que sim, que tinhas sido tu que me tinhas dado a papaia e a prima Mariana deu-me uma descasca…»

«Uma descasca?»

«Sim… Fred… Uma descasca… "Ai Jaime, mas o Fred está sempre a dar-lhe papaias? Ele deve ter uma plantação de papaias só pode! Para lhe estar sempre a dar papaias… Não há papaias no supermercado o ano inteiro, desculpe lá, mas não há!".»

«E tu amorzinho o que respondeste?»

«Disse: "Claro que há papaias o ano inteiro no supermercado… As papaias são como as flores… Há flores o

ano inteiro… E as nossas flores são as papaias… Então, o Fred oferece-me sempre papaias".»

«Boa resposta amor! Aposto que a prima Mariana não se ficou…»

«Ah, pois não se ficou, não… "Pois que o Fred oferece-lhe papaias como se fossem flores já eu percebi, mas nenhum homem leva flores à mulher todos os dias, a não ser que seja no *Mundo Encantado* e vocês irritam-me, porque vocês vivem mesmo no *Mundo Encantado* de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi… Aposto que também foram ver o pôr do sol, por isso é que só chegou a esta hora à minha casa"…»

«E tu amorzinho, o que respondeste? Aposto que esse eruditismo todo da prima Mariana deve-se ao facto de ela ter um fraquinho pelo Gabriel Garibaldi…»

«A prima Mariana tem uma paixão platónica pelo Gabriel Garibaldi… Eu já lhe disse que o Gabriel Garibaldi é um fantasma, mas a Mariana não quer saber, diz que ele é lindo de morrer… Cá para mim, a prima Mariana tem *espetrofilia*; se tu entrares no quarto dela, ela tem mil hologramas do Gabriel Garibaldi, ela dorme e acorda com ele projetado… A espetrofilia e a robofilia vão ser a peste negra do século XXI e se não forem do século XXI vão ser do século XXII, salvaguardo já a previsão para o próximo século… Disse que tínhamos ido ver o pôr do sol. A Mariana apostou logo que tivéssemos ido ao rio ver o pôr do sol, eu disse-lhe que ela apostava bem e ainda apostou que tivéssemos feito um dos nossos piqueniques "chiquíssimos" num dos nossos jardins "fabulosos" e eu disse-lhe que ela estava hoje a

apostar muito bem, que era o dia de sorte dela e que devia apostar na lotaria.»

«E mais? E mais? O que disse mais a Dona Mariana de Portugal?»

«Disse: "Ai, Jaime! Que seca! Mas para vocês todos os dias é Dia dos Namorados?! Está a ver? Isso não é normal! Vocês vão ver todos os dias o pôr do sol e ainda por cima nem o fotografam, porque aposto que nem fotografias tem para me mostrar do pôr do sol que viu com o seu namorado, não é? Ao menos partilhava o que viu… Ao menos partilhava o pôr do sol, sei lá… Se toda a gente partilha a vida toda, porque é que vocês não partilham também? Têm que partilhar… Porque eu aqui fechada em casa não vi pôr do sol nenhum; nem sequer se eu for ao terraço, vejo pôr do sol nenhum nem rio nenhum, por causa dos prédios que não estavam cá e agora estão cá e tapam a vista toda… Também, uma pessoa tem um terraço tão grande não sei para quê, se os pôr de sóis nem aqui passam… E não tenho nenhum namorado para me vir buscar a casa e levar-me a ver pôr de sóis fabulosos… Estou aqui à espera que o Gabriel Garibaldi venha lá do *Jupiter* dele numa nave e me venha buscar… Não me importava nada de ser abduzida por ele… Aposto que foi fabuloso o pôr do sol, não? O vosso dia mais parece um Dia dos Namorados! Isso é o que se faz no Dia dos Namorados… Piqueniques, ir ver pôr de sóis, oferecer flores… Pronto, no vosso caso não é flores, é papaias, que é a mesma coisa… Vocês enervam-me! Vocês não se cansam um do outro? Nem um bocado? Nem um bocadinho? Não se zangam? Não tiveram nunca uma zaragata? Uma zaragatazinha? Que seca! Vocês são uma seca! O vosso namoro não tem ação… Não tem drama…

Não tem intrigas… Isso não é um namoro à séria, desculpe lá Jaime!… Um namoro da vida real tem que ter drama, está a ver? Onde está o vosso drama? Não há drama! Logo o vosso namoro não existe! É uma fantasia, sei lá… Um conto encantado num *Mundo Encantado* de *Jupiter* do meu querido Gabriel Garibaldi…"»

«A prima Mariana é muito engraçada… Eu não percebo se ela está a brincar ou se está a falar a sério… Mas seja como for, eu adoro-a, ela é mesmo muito engraçada!»

«Ah! E ainda disse que nem numa novela o nosso namoro existia, que nem em telenovelas o nosso namoro aparecia e que ela já tinha visto muitas telenovelas, porque tinha que haver drama. Que sem drama e sem dor não pode haver amor. Porque em todas as telenovelas até "nas relações perfeitas", a priminha Mariana diz que há drama e como as telenovelas são o retrato social da vida real, então se "nas relações perfeitas" há drama é porque faz parte da vida haver drama nas relações amorosas.»

«Mas a prima Mariana está a brincar ou está a falar a sério?»

«Está a falar a sério, amor. Eu disse-lhe que nas relações perfeitas não há dor nem drama. Que a dor e o drama não são ingredientes das relações perfeitas. Senão, não eram perfeitas. Perfeito significa isso mesmo: ser perfeito. E é possível ser perfeito. Quando as pessoas se amam, se entendem perfeitamente, gostam de fazer as mesmas coisas, gostam de ter e ver as coisas no mesmo sítio, são as duas arrumadas, organizadas, gostam de estar e ir aos mesmos sítios, então sim, é tudo perfeito.»

«Pois… A prima Mariana anda a ver muitas telenovelas… E o que é que disse depois?»

«Ficou só a ouvir. Depois perguntou-me onde tínhamos estado. Contei-lhe que me tinhas ido buscar à faculdade. A Mariana interrompeu-me logo para me perguntar se costumavas ir buscar-me à faculdade. Eu disse-lhe que me ias buscar quase todos os dias, para não dizer todos os dias. Ela perguntou-me porque é que eras sempre tu a ir buscar-me e não eu a ir buscar-te. Eu expliquei-lhe que tinha que ver com os horários. Como saías um pouco mais cedo era o tempo de te meteres no metropolitano e quando chegasses à minha faculdade já eu estava quase a sair. Foste então buscar-me, descemos a alameda da minha faculdade e atravessámos o jardim do Campo Grande até Entrecampos. Disse-lhe que fazemos muitas vezes esse jardim e que o adoramos. Depois que tínhamos vindo de Entrecampos até ao Saldanha furando o Campo Pequeno pelo Palácio das Galveias, que usamos o Palácio como um atalho: atravessamos o portal e o portão heráldico maneirista fenestrado no muro-fortaleza do pátio do Palácio…»

«Amor, fenestrado??? Fenestrado vai ficar o Mathias quando for "à broca" para rasgar aquele "ouvido de surfista"…»

«Pois e o teu querido irmãozinho Joachim vai pelo mesmo caminho da fenestração, se não muda de águas e de ventos…»

«Pois e os teus lindos priminhos Afonsinho Côrte-Real, Sarinha Rot e Martim Ducado também vão pelo mesmo caminho da fenestração, se não mudam de águas e de ventos…»

«Pois vão… Mas eles andam à boleia dos teus queridos irmãozinhos, por isso os teus queridos irmãozinhos é que têm que mudar de águas e de ventos…»

«Já viste a tua sorte, de não teres um namorado surfista? Um namorado que atravessa contigo por portais e portões, por muros fenestrados, fortalezas fenestradas, sem se deixar ser fenestrado…A sorte de teres um namorado que nunca será fenestrado!»

«"Então não gostavas de ter um namorado surfista?"…"Ah, não… Eles acabam sempre, mais tarde ou mais cedo, por ficar fenestrados…"»

«Ai, amor… Tu és tão engraçado! Da próxima vez que te perguntarem porque é que dos três van Der Maase quiseste ficar comigo, já podes responder que foi porque os outros irmãos tinham "ouvido de surfista"… E que ter ouvido de surfista é um grande *handicap*…»

«Vou anotar numa cábula mental e guardar numa gaveta qualquer do meu cérebro…»

«Já escreveste no cérebro?»

«Não! Escrevi na mente… Rasguei um bocado e transformei-a numa cábula…»

«Mas não devias ter posto numa gaveta qualquer… Devia estar numa gaveta-á-mão, para quando o Albert te perguntasse tu teres a cábula na ponta da língua…»

«Não te preocupes que a minha língua está conectada ao cérebro. Ele envia a cábula para a ponta da língua num estrondoso teletransporte.»

«Eu amo-te! Desculpa ter fenestrado a tua esmerada narração apalaçada…»

«Eu amo-te! Ainda nem sequer tinha começado a narrar o palácio… Deixaste-nos ao portão, abriste logo ali um grande janelão, lembraste Príncipe Frederick?»

«Lembro-me… Podemos então entrar?»

«Entramos pelo átrio de chão empedrado de calçada à portuguesa e subimos sempre pelo lanço direito da escadaria, desenvolvida em dois lanços, cheia de mármores, com um bonito cordão-grosso encarnado que acompanha toda a escadaria, abaulamos o salão nobre cheio de azulejos que contam a História por si, e numa espécie de rotunda mal feita que fazemos, passamos em passo de passerelle pela sala que está sempre à pinha de malta agarrada aos livros, que num ensurdecedor silêncio, nos roubam o espírito intelectual que os alimenta quando nos fitam e nos decoram, até que chegamos ao terraço balaustrado debruçado sobre o jardim do Palácio…»

«E eu roubo-te um grande beijo nesse terraço balaustrado que tanto gostas!»

«Nós nunca damos beijinhos nesse terraço, Fred!!! Esse terraço está cheio de hackers. É *supertecnológico*, estão todos sempre agarrados ao telefone, à espera de nos roubarem um beijinho.»

«Pois não… Não damos aí beijinhos por causa dos hackers, mas damos sempre nas escadas, quando subimos até ao terraço e quando descemos depois de virmos do terraço… Ai, ai… É por isso, que eu gosto tanto de subir contigo até ao terraço do Palácio das Galveias…»

«O quê??? Só por causa dos beijinhos às escondidas nas escadas?»

«Sim, meu amor…»

«E eu que pensava que era por causa dos silhares de mármores de embrechados policromos na escadaria do Palácio, por causa dos bustos plantados no jardim, por causa dos balaústres do terraço, por causa do teto em abóboda, por causa dos frescos pintado no teto…»

«Aquilo não são frescos, amor…»

«Para mim, aquilo são frescos…»

«Estás a falar daquela sala lá de cima do Palácio que está sempre à pinha com gente?»

«Sim, amor… Eu acho que aquilo são frescos…»

«Tenho algumas dúvidas, parece imprimido…»

«Temos que lá levar connosco a prima Mariana Fráguas ou a Leonor Pritam, que elas olham para aquele teto e dizem logo se aquilo são frescos ou se são imprimidos!»

«A prima Mariana Fráguas vai ser a arquiteta da nossa casa!»

«E a prima Leonor vai ser a nossa designer!»

«Pode ser nossa designer, mas não vai ser designer da nossa casa; que ela gosta muito de cor de rosa e lilás e nós não queremos a nossa casa nem pintada nem recheada de cor-de-rosa nem lilás… Depois ainda parece uma casa com mariquinhas… Ainda vai parecer uma casa de *paneleiros*… Não quero casa de mariquinhas! A tua prima Leonor vai ficar fora do contrato!»

«Não, não vai! Tu és tão mesquinha Fred, a sério… Ainda bem que a prima Leonor não faz parte de nenhum dos nossos hackers, senão irritava-se com o que tinhas dito e punha-se a fazer interferências na chamada… Ai, ai… Como eu gosto de te chamar mesquinha e não mesquinho… Mesquinha soa tão melhor…»

«Pois, falaste em hackers, aí estão eles… Os nossos *fantasminhas* brincalhões, a brincarem connosco às interferências… Lá estão eles a interferirem na nossa chamada… Vês? Chamaste-os… Olha… Aqui estão eles…»

«Pois, mas nenhum desses *hackers* é a minha prima Leonor…»

«Como é que sabes?»

«Porque eu sei muito bem quem são todos os nossos *hackers*… E o teu irmão Mathias, é um deles! Adora pôr-se a escutar as nossas conversas, por isso é que sabe sempre tudo… Mas sabes onde é que ele escuta? É atrás da porta do teu quarto! Vai lá ver se ele não está aí de plantão…»

Aquela nossa brincadeira dos *hackers* era inspirada no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak e na *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Como o Mathias apanhava muitas das nossas conversas e muitas das nossas cartas de amor e muitas das nossas mensagens tecnológicas – porque o Fred deixava o Facebook aberto e em instantes o Mathias ia a correr para o computador do Fred e abria amorosamente a nossa janela amorosa – eu dizia que o irmão dele era um dos nossos *hackers.* Em segundos, o Mathias *hackeava-nos,* com uma grande pinta, uma grande quantidade de informação amorosa. Depois, em rituais nossos sociais, o Mathias "jogava-me", sem eu estar à espera, com essa informação tecnológica e lá me fazia "apaixonar-me por ele" e pela irmandade daquele nosso *lobismo* tecnológico. No fundo, a irmandade é uma espécie de simulação para os complexos jogos psicológicos de processos tecnológicos que se adivinhavam e se avizinhavam nos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e no *Target – A Pegada Digital* do Kleba-Kodak.

«Já mandei o nosso hacker embora! Então e o que contaste mais à prima Mariana depois de eu te ter roubado um beijinho no terraço do Palácio? Já sei… Que não te posso roubar beijinhos no terraço… Lá também há *hackers*… Que seca agora há *hackers* por todo o lado… Crescem à brava como a canábis… São ruins como a canábis… São uma praga como a canábis…»

«Contei-lhe que descemos a escadaria agora pelo lanço esquerdo, fomos passando as salas cheias de estudantes cheios de calhamaços de direito, medicina e economia em cima das mesas, até uma salinha que tem uma porta-janela que, com um truque que sabemos, lá nos deixa escapar secretamente para o jardim, que nos deixa fugir do Palácio, e é assim que o atalhamos, que o

furamos e que é sempre assim que o incluímos nos nossos atalhos… Mas imagina Fred…»

«A prima Mariana interrompeu o nosso atalho…»

«Sim… Adivinha lá…»

«Deve ter perguntado porque é que nós entramos no Palácio, subimos até ao terraço para ver o jardim, quando podíamos logo atalhar pelo jardim sem ter que subir até ao terraço, para depois termos que descer, se acabamos por passar no jardim…»

«Uau! Estou impressionadíssimo! Conheces tão bem a prima Mariana…»

«Pois conheço e aposto que sei o que lhe respondeste…»

«Então, o que é que eu lhe respondi?»

«Que a Sociedade Portuguesa de Cardiologia diz que subir e descer longas escadarias salva vidas e dá longas vidas… E a escadaria do Palácio das Galveias dá uma longa, longa vida…»

«Não…»

«Que subimos até ao terraço para darmos beijinhos às escondidas nas escadinhas do Palácio…?»

«Não! Se damos lá beijinhos às escondidas não ia dizer à prima Mariana que damos lá beijinhos, não é?»

«Senão, a priminha Mariana ia dizer assim: "Ai, Jaime! Vocês também monopolizam *spots* eu tudo o que é sítio… É

praias, é jardins, é palácios, é cascatas, é montanhas, oiça… Não há paciência!". Não imitei bem, amor?»

«Sim… Mais ou menos…», resisti em dizer-lhe que a imitação tinha sido perfeita, quando tinha sido milimetricamente perfeita.

«Mais ou menos? Imitei super bem! Mas já agora, quero saber: porque é que a Sociedade Portuguesa de Cardiologia recomenda subir escadas todos os dias?»

«Para prevenir AVC, enfarte do miocárdio, aterosclerose e tromboses…»

«Muito bem! Que lindo! Que lindo! És mesmo lindo, Jaimezinho! Eu amo-te!»

«Sim… Eu amo-te!»

«Então, mas qual foi a desculpa que deste à priminha Mariana para subirmos sempre até ao terraço do Palácio?»

«Disse-lhe que gostávamos de passar por aquela gente marrona, por todos aqueles marrões, sentirmos o cheiro de todos aqueles calhamaços, metermos nos pulmões o cheiro daquela biblioteca, que era uma espécie de alimento espiritual para nós e que nos fazia bem entrar ali pelo Palácio das Galveias dentro, porque depois íamos atalhar o Jardim do Arco do Cego e passar por aquela outra malta da passa, que está sempre na passa, que está sempre agarrada aos charros, que estão sempre de charro na mão ou de cervejinha na mão; e gostávamos, assim, de atravessar tecnologicamente, como a luz, a malta dos calhamaços e a malta dos charros.»

Atravessarmos, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, a malta dos calhamaços e noutro instante atravessarmos a malta dos charros "era como se estivéssemos" na vida real dos mundos paralelos. É como estar mesmo na vida real dos mundos paralelos. Porque esses, é que são os nossos mundos paralelos. Os nossos mundos paralelos da vida real. Se o Fred fosse um marrão, lá eu tinha que estar ali a namorá-lo no palácio com a minha mente, sentadinho, muito caladinho, à frente dele a contemplar-lhe senão o intelecto. Se o Fred fosse um drogado, lá tinha eu que estar ali no Arco do Cego, a levar com o marulho da maconha e a ver o haxixe a alterar as ligações neuronais, a confundir os neurónios, a trocar os fios de todas as ligações neuronais, a instalar a confusão, o caos e a *contrainformação* na sociedade neuronal. Se o Fred fosse um drogado, lá tinha de ver o haxixe a dar cabo das nossas ligações neuronais, a deixar-nos toscos, chavascos, mocados, a vermos tudo em câmara lenta quando anda tudo *Á Velocidade da Luz* do Gil Sales Giotto.

CAPÍTULO II

DO MEU CAPITALISMO INTELIGENTE DOS RECUROS

O Fred não é marrão nenhum e não tira 20 valores a tudo porque não calha. Vai tirando vintes, vai tirando dezanoves. E passa mais tempo comigo do que com a Medicina. Eu não sou marrão nenhum e vou tirando quinzes e dezasseis; só tive um 14 e só tive um 17 e foi a Direito dos Contratos Públicos, um direito maravilhoso do mundo dos contratos da Administração Pública com as Empresas. Se o Fred fosse um drogado, se calhar, não tirava vintes, nem eu teria tirado um 17 e não via a importância destes contratos administrativos que mexem verdadeiramente

com *O Sistema*! Porque é ali onde está *O Sistema*; não é ali nas conversas da maconha. Está ali, nos contratos administrativos, não é nas conversas da maconha. É ali, nesses maravilhosos contratos e nesses maravilhosos concursos públicos que se vê as obras a acontecerem, que se vê *O Sistema* a contratar. Que se vê o corpo do *Sistema*. Que se vê as mãos do *Sistema*, que afinal não são invisíveis! Que afinal tem uma alma e chama-se Direito! Só que é do Direito, mas dos Contratos Públicos. E agora é que se vê *O Sistema* a segurar na esferográfica tecnológica e a celebrar contratos eletrónicos *À Velocidade da Luz,* daquela luz do Gil de Sales Giotto.

E foi ao colo do Fred, que pela primeira vez expressei-me politicamente. Que me expressei verdadeiramente a alguém! Que lhe contei tim-tim-por-tim-tim como via *O Sistema*, como via o Direito e como via a Política. Disse-lhe que quando falava no *Sistema*, quando dizia só *O Sistema,* que me referia à Administração Pública. Para mim, a Administração Pública é que era *O Sistema* em Portugal. Confessei-lhe, naquele colo, que era um *capitalista inteligente dos recursos*. Que tinha inventado um *novo capitalismo*. Que tinha inventado um *novo liberalismo económico digno dos recursos*. Não o tinha ouvido em lado nenhum senão no meu coração. Um capitalismo que sentia inscrito em mim. Um capitalismo que me tinha sido inscrito no coração e por quem o meu coração batia. Porque havia recursos por quem o meu coração batia! Havia pessoas por quem o meu coração batia. E ouvia o meu coração a bater pelos mais inocentes, pelos mais belos, pelos mais amorosos, pelos mais esperançosos. Disse-lhe que o meu coração batia por aqueles que vinham por bem, por aqueles que eram bons. Disse-lhe que via espíritos bons, mas não via os espíritos

maus. Simplesmente não os via. Sabia que existiam, mas eu não os via. Mas via os bons! Via-os com o coração. E pus o meu coração nas mãos do Fred. Agarrei-lhe as perfeitas masculinas mãos-pianista e pu-las sobre o meu peito. O meu coração estava a disparar desalmadamente. Ele queria falar. E eu deixei-o falar.

Quando se fala em ambiente e em recursos facilmente parece vingar a ideia da sustentabilidade do ambiente não humano. Para mim é uma posição desde logo enviesada. Não se pode olhar para um prédio bonito e deixar-se seduzir e não se deixar seduzir por um formigueiro! Não se pode olhar para uma colmeia e deixar-se seduzir e olhar para uma universidade e não se deixar seduzir! Não concordo nada que uma ponte não seja natural. Não é por ter tido a intervenção humana que deixa de ser natural. Aquele formigueiro tornou-se um anexo ao manto sagrado da terra. Houve e existiram naquele formigueiro vários processos químicos. Houve ali uma verdadeira fábrica de construção. Houve ali "contratação". Houve ali um processo de seleção. Provavelmente as formigas sabem contratar de forma mais natural que os humanos. Sabem construir pontes e formigueiros de forma mais natural. Aprendermos com as formigas, nesta época tecnológica, talvez fosse importante!

Enquanto uns veem os céus cheios de drones, a minha política, o meu capitalismo, vê coisas imprimidas por todo o lado, porque com a *Impressora a 3D* é possível imprimir sem poluir! E nem todos têm que imprimir casas! Mas ter que abater árvores para sacar a madeira e depois já ter espaço para novas construções o meu capitalismo condena, vê esses abates infelizes! Podem-se construir casas, imprimir casas ao lado de uma árvore, contornando uma árvore, construir por entre as árvores sem as

ter que abater! O meu capitalismo verdadeiramente sustentável vê e reconhece a inteligência das árvores e sabe qual é que é o tempo de vida de uma árvore. Vê e reconhece quando é que uma árvore morreu, e só as árvores que já morreram ou as árvores que vão cair ou se tornam um perigo para a vida dos humanos ou para a integridade física dos humanos é que as devemos "ou podemos" cortar.

"Madeira sustentável" no meu *capitalismo inteligente dos recursos* não é usarmos a poda como um meio, como uma desculpa, para sacar madeira! É aproveitarmos legitimamente de uma poda, que tinha mesmo que acontecer, não para sacarmos a madeira, mas porque aqueles troncos iam cair, ou porque um botânico recomendou para o próprio crescimento e desenvolvimento saudável da árvore; e porque houve então essa poda, então sim, aproveitarmo-nos da madeira, já que houve essa poda… Esse aproveitar natural da madeira, é que dita a madeira ser sustentável; não é cortar uma árvore com 15 anos, porque já viveu 15 anos, quando ela viveria 100 anos no seu pleno direito à vida! Se eu em cima do escadote, durante a poda, avisto uma raposa morta, então eu posso lá ir tirar-lhe a pele, aproveitar-me dela. Não a matei! Nem a vou matar para lhe tirar a pele! Posso vestir aquela pele ou posso vender aquela pele por 1 milhão! E isto tem de ser fácil de ver! Porque isto é automático! É aquilo que é natural!

O capitalismo, no sistema monetário em que os nossos antepassados construíram e nos herdaram, é a economia mais natural. E por ser natural, é natural que a saibamos moderar, equilibrar; não torná-la num supercapitalismo, que só vê dinheiro, que se mete à frente das pessoas, dos animais e das plantas e não

quer saber que o Direito existe na realidade humana, logo na realidade do ambiente, porque os humanos controlam, manipulam e influenciam o ambiente; têm domínio sobre ele. O meu *capitalismo inteligente dos recursos* não põe nenhuma árvore nem nenhum animal à frente de um humano, nem sequer os iguala, porque não são iguais. Os humanos são iguais aos humanos. Em caso de confronto de direitos como é logico que o humano, que seja digno, tem que ter sempre vantagem sobre qualquer espécie terrestre ou extraterrestre. E somos nós os humanos que atribuímos essa vantagem aos humanos, por sermos humanos, por pertencermos todos à espécie humana. Mas é uma vantagem que qualquer humano perde se deixar de ser digno, se se tornar criminoso. Se maltrata um animal por simples prazer, se fere um animal por desportivismo, então o humano tornou-se um criminoso. Se se põe a incendiar árvores o humano tornou-se um criminoso. Se se põe a arrancar o marfim dos elefantes enquanto os elefantes estão vivos é um criminoso!

Se o humano quer assim tanto o marfim do elefante, então, que remova o marfim depois do elefante ter o direito à sua vida plena. Se quer assim tanto os dentes humanos, que remova os dentes depois do humano ter o direito à sua vida plena, caso o humano não tenha revogado os dentes do testamento vital automático que é acionado com o corte do cordão umbilical. Se se quer mesmo os chifres das impalas e dos veados que se acompanhem as caçadas naturais dos mabecos, dos leões e se vá lá remover se os leões deixarem no final de devorarem as carnes deles, porque as carnes são deles, não são nossas – e quem nos diz isto são as leis da ecologia que só não estão escritas nos códigos civis da Terra, porque em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e

n'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy já lá estão escritos nos códigos deles! E *Jupiter* é muito mais tecnológico do que a Terra, e em *Jupiter,* os *super-humanos* não são *super-humanos-tecnológicos*, não andam com os telefones nas mãos como se andassem a agarrar um chip ou uma mina que se largarem das mãos perdem a vida!

As tecnologias em *Jupiter* não são armadilhas como as da Terra, porque as tecnologias de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi não existem para gravar, coletar, colecionar, recolher, colher, extrair, roubar, explorar, levar, sacar, processar, tratar, que são tudo adjetivos do mesmo saco, do mesmo "saque", do mesmo crime de dados; que quem diz dados, diz imagens, reações, tiques, traços, personalidades, emoções, alegrias, risos, choros, gritos, discussões, desabafos, confidências, romances, amizades, conversas, teorias, ideias. Talvez fosse importante selecionarmos as tecnologias que vamos metendo para dentro do nosso sistema, para dentro dos nossos parlamentos, para dentro dos nossos prédios. Talvez fosse importante sabermos que tecnologias é que estamos a trazer para dentro dos nossos formigueiros, das nossas colmeias. Se os formigueiros e as pontes estão incluídos no sentido amplo de ambiente e de recurso, certamente se incluirão nele os humanos e a sua expressão humana: que é a intelectualidade. O Direito e a *Dignidade Humana* são expressões máximas da intelectualidade. E tanto o Direito como a *Dignidade Humana* são recursos ambientais, porque o Direito só existe porque existem humanos e os humanos fazem parte do ambiente, e por isso, ser-se humano é fazer parte do ambiente, é pertencer ao ambiente natural da Terra; a não ser que fôssemos extraterrestres ao Planeta Terra, então seriamos extraterrestres ao

ambiente. Mas nascemos aqui, o nosso cordão umbilical foi cortado aqui na Terra. Não foi nem em Marte, nem em Saturno! E para mim, somos todos recursos do ambiente. A nossa força, o nosso trabalho é um recurso natural que é explorado por empresas ou pelo Estado.

Podemos pintar e encher os prédios e as empresas com os nossos quadros ou podemos pegar num spray e grafitar uma parede que a Câmara nos pediu, que o nosso talento, afinal, é um recurso natural. Podemos ser uns idiotas e dizer umas *parvoíces,* que se essas parvoíces forem ideias para novas políticas que formaram um partido político, o nosso intelecto será um recurso natural. Se continuarmos a ser idiotas e a dizer umas *parvoíces*, mas alguém ouvir as nossas *parvoíces* e, por causa das nossas *parvoíces,* criar um novo produto que vai espoletar numa explosiva nova economia, então as nossas ideias serão sempre um recurso natural. A nossa filosofia, a nossa imagem, a nossa arte, até a nossa espiritualidade serão sempre recursos naturais. Então, quando eu falo num *liberalismo económico digno dos recursos* é não interferir na lei natural dos mercados, mas impedi-los de afetar mantos sagrados (recursos naturais), mentes brilhantes (recursos intelectuais) e mentes humanas (recursos humanos).

Quando venho com este *novo capitalismo inteligente dos recursos,* é porque acredito profundamente no conveniente casamento urgente entre o sistema económico e o sistema ambiental, porque vê-los casados parece-me que possam colaborar melhor um com o outro e protegerem-se um ao outro. Se damos cabo do ambiente não podemos mais tirar partido económico dele. A nossa economia vem daquilo que tiramos do ambiente, da cortiça que tiramos de 9 em 9 anos dos nossos

sobreiros, dos peixes que capturamos nos rios e nos oceanos, vem das explorações que fazemos no ambiente, das construções que montamos, que anexamos aos mantos sagrados da Terra. Há um interesse fulcral em proteger o ambiente para protegermos a nossa economia, a nossa humanidade, porque enfim, sabemos que a humanidade está acorrentada ao sistema monetário; é essa a nossa economia, que é liberal e competitiva, mas que tem que ser sobretudo ecológica, sustentável, verdadeiramente preocupada e amorosa com os recursos, com as pessoas.

Acredito numa política que protege as pessoas, protege as pessoas dos mercados que as veem como objetos e, que por isso, as objetificam. É uma tendência natural dos mercados. Se há mercados que veem as pessoas como petróleo e como dados, obviamente que para eles, é isso que as pessoas valem e pronto. Para eles, não são pessoas. E para mim, não são mercados que deviam estar dentro do nosso sistema. Um mercado que deixe de olhar para uma pessoa como pessoa, para mim, perde toda a legitimidade de sobreviver no mercado; e se o mercado não conseguir expulsar esse indigno mercado, então que este *novo liberalismo digno dos recursos*, esta *nova política capitalista dos recursos,* fabrique a lei para chamar o Direito e expulsar de vez o mercado que é um cancro que dá cabo da sociedade; que dá cabo do ambiente, que dá cabo dos recursos ambientais e dos recursos humanos.

Se há mercados tão bons, patrões tão bons que montam empresas empáticas, que são empáticas, não só pelos seus colaboradores e funcionários a quem pagam *ordenados de felicidade,* mas também, pelo meio ambiente, que respeitam a flora e a fauna, os outros mercados têm que se tornar bons! Ou os

mercados se tornam bons e empáticos ou, então, mais vale darem o seu lugar na economia a outro. Se uma empresa que tem ótimas infraestruturas, uma indústria montada que custou uma tonelada, mas depois os produtos que está a usar são altamente poluidores, paga mal ordenados quando faz fortunas com os seus produtos ilegais e ilegítimos no meio ambiente, então, não está a fazer mais nada senão a dar cabo dos recursos! Acredito numa política que olhe para esta empresa de uma forma inteligente e veja as ótimas infraestruturas, os pilares que tem, e obrigue a empresa a usar outro tipo de produtos que não polua tanto, fazendo-lhe uma oferta, reeducando-a; e se a empresa ficar-se nas tintas, então que juridicamente se consiga perguntar no mercado quem é que quer ficar com a exploração da empresa maligna, numa espécie de concurso público; e se nenhuma empresa for capaz ou quiser, então que se nacionalize e que faça o Estado – se tiver capacidade técnica ou científica – boa figura junto dos mercados.

A inteligência dos recursos está em não mandar abaixo as estruturas, mas reabilitá-las, mantendo as estruturas, porque já houve ali uma pegada ecológica, já houve ali "um dar cabo do ambiente"; por isso, já que já se deu cabo, pelo menos, agora que se saiba tirar o melhor proveito. Veio aí a febre dos carros elétricos, dos barcos elétricos, dos aviões elétricos, mas, entretanto, já se percebeu que afinal, as coisas elétricas precisam de baterias de lítio e a sua exploração e a sua produção pode ainda ser mais poluidora que as coisas a gasolina e até já apareceu "milagrosamente" a gasolina sintética que é neutra em carbono, e que por isso, não polui. E até chegarmos ao hidrogénio vamos demorar mais quanto tempo? 1 ano? Uma década? Mais 1 século? Ou só no próximo milénio é que vamos começar a falar do

hidrogénio, "dos carros movidos a água"? Se efetivamente se comprovar científica e *engenheiramente* que afinal, os elétricos fazem pior à saúde do ambiente por causa das baterias, vamos como é lógico, aproveitar o que foi produzido, porque se produziu segundo aquela informação, que era a mais idónea naquele tempo tecnológico. Não vamos agora tirar das estradas os elétricos, porque se poluiu muito a fabricar as baterias. Não! Porque as baterias já foram produzidas, aquilo que tinha para poluir, já poluiu, pronto! Agora, não vamos é pôr-nos a produzir mais baterias, a produzir mais drones, quando finalmente sabemos que estamos a perigar irreversivelmente a saúde do Planeta Terra. Quando sabemos que estamos a perigar a saúde do ambiente e dos seus recursos, sobretudo os humanos.

É nesta política que eu acredito! Com novos legisladores como *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy, que consigam reabilitar os nossos códigos, transformá-los, sobretudo mais tecnológicos. Quem me dera que os nossos legisladores fossem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy! Porque o Direito deve acompanhar a Economia e a Tecnologia. Dever acompanhar não é ter que andar ao sabor delas, nem sequer abraçá-las ou dar-lhes as mãos como se as namorasse! Dever acompanhar é estar à altura para pôr os travões, para não deixar os patrões dos restaurantes filmarem os seus trabalhadores e os seus clientes com câmaras que lhes gravam a voz. Estar à altura das tecnologias.

Saber, conhecer os produtos tecnológicos que se querem pôr a circular no mercado. Saber dizer não às tecnologias perversas, às tecnologias que são antagónicas de todos os direitos que andámos a inventar; a todos os direitos que estão

constitucionalmente consagrados! Que estão lá escarrapachados na nossa Constituição! Que estão lá previstos no nosso Código Civil! O meu *liberalismo digno dos recursos* naturalmente que é adepto dos mercados, mas por ser digno é que não é adepto de todos os mercados; não é adepto de empresas *supertecnológicas* que têm poucos ou nenhuns recursos humanos, porque têm tudo automatizado e tudo robotizado, pondo em crise os recursos humanos e intelectuais, porquanto os afasta e os "elimina" ditando-os "não aptos" e, nessa pouca sorte, "não mais úteis" na sociedade. Mas *Jupiter,* por mais tecnologia que tenha, não elimina ninguém, a não ser que perca a dignidade, que se torne um indigno, que não mereça mais o carinho e o amor do sistema amoroso que lhe dá direitos, liberdades e garantias e o meu *liberalismo digno de recursos* seduz-se por mercados empáticos e tecnologias ecológicas, que são aquelas tecnologias que existem para aumentar verdadeiramente a qualidade de vida humana, não prejudicando a espécie humana, não baralhando a mente humana, não manipulando as relações humanas, que consegue aliviar o esforço humano sem ter que significar a inutilidade humana.

As casas imprimidas a 3D são uma expressão excelente da tecnologia ecológica. O meu *capitalismo inteligente* é, pois, uma provocação às mentes humanas, porque considero que para se ser capitalista tem que se ser inteligente, é preciso estar-se informado e muito bem informado. Capitalismo não é consumismo. Capitalismo não é empresas nem construções à toa. Capitalismo não é tecnologia à toa. Capitalismo é informação.

Saber, desde logo, de que são feitos os materiais. Do que é que é feita cada coisa em que mexemos. Se eu adorava uns ténis, uns casacos, mas depois descobri que aquele cheiro era de

pele de vaca, posso deixar na prateleira. Ao menos, que a câmara instalada na loja que "me ouve" e que me grava a perguntar ao colaborador da loja de que são feitos aqueles ténis e "me vê" e me grava a deixar na prateleira, porque afinal são feitos de pele verdadeira de animal, sirva para *empatizar* o dono daquela câmara e o dono daquela loja, reeduque aquele mercado, consciencialize aquele mercado a deixar as camurças e as peles e o seduza a imitar as peles e imitar o couro, por exemplo. Se gostamos tanto da pele da raposa vamos então tentar imitar a sua pele, não é arrancar-lhe a pele para fazermos dela os nossos casacos.

Se eu descubro que uma empresa produz ténis giríssimos, mas para os produzir escraviza miúdos pretíssimos, eu tenho que deixar de comprar esses ténis até saber que a empresa lá se reeducou e voltou a ler os contratos e "sem querer" contratou com miúdos de 15, quando queria era contratar com miúdos de 25, enfim, aquele 1 pareceu-lhe um 2; e já agora "sem querer" esqueceu-se de acrescentar mais um zero no final do ordenado. Só sabendo, é que podemos fazer compras racionais, celebrar contratos racionais. Participar responsavelmente na economia. Foi este o capitalismo, e o liberalismo que me saiu da boca ao colo do Fred com as mãos dele ao meu peito. E desse colo levei, sem querer, esse meu capitalismo para os Contratos Públicos.

Honestamente, eu não sabia que me ia expressar daquela maneira política ao colo do Fred. Mas ter me posto ali ao colo dele, fez-me depois falar como falei do meu capitalismo em Direito dos Contratos Públicos. O meu primo Xico Castelão era da minha turma no semestre do ano em que tive essa cadeira. O primo Xico não punha os pés nessa cadeira, e em nenhuma outra do nosso ano, desde o primeiro dia de aulas, andava sempre aos

beijinhos com a minha prima Carminho e ia às aulas plenárias do ano mais avançado, por causa da minha prima Carminho. Eu e o Xico estávamos no 3º ano e a minha prima Carminho no 4º, no último ano. Fui uma vez a uma das aulas plenárias da prima Carminho e bem vi como o primo Xico e a minha prima Carminho subiam o auditório sempre de mãos dadas. E percebi porque é que o primo Xico andava a faltar às aulas do 3º ano, mas ia às do 4º. E bem via, na subida altiva deles pelo auditório até chegarem a mim que tinha guardado os lugares, como as raparigas desejavam o lugar da minha prima Carminho e os rapazes desejavam o lugar do primo Xico; aquela gente tinha toda ficado com torcicolos e de tantos torcicolos, faziam também o regente acompanhar aquela gróia subida até mim.

As raparigas eram todas muito atrevidas para o primo Xico quando a Carminho não estava por perto, mas viam em mim a prima Carminho e sabiam que eu era um robot, uma câmara que gravava e analisava cada gesto, cada expressão, cada sorriso que faziam ao primo Xico e que eu ia a correr à minha prima Carminho entregar as imagens e os filmes que tinha gravado. Elas odiavam-me por isso, por eu ser primo de quem era, e eu, claro, que não as odiava, coitadas, mas nunca tinha visto algo assim! As raparigas atiravam-se mesmo à cara podre ao primo Xico, atiravam-se sabendo que o primo Xico tinha namorada! Eu achava que esse excitamento de hormonas só havia nos rapazes, mas não, pareciam mesmo gatas com o cio. Vinham-se a esfregar, aos pulos e eu e o primo Xico ficávamos ali altivos a desfrutarmos daquelas sagradas peças de teatro e em beijinhos secretos de bastidores, o primo Xico lá me ia pedindo sempre para não contar nada à minha prima Carminho. É claro que eu

não contava, porque o primo Xico não tinha culpa nenhuma de ser o rapaz mais giro de Direito! Mas apanhei tantas engraçadas, que tive mesmo que contar à Carminho! E claro que a Carminho se riu e se ri sempre das mais engraçadas que se fazem ao primo Xico como se ele fosse um cantor de uma *boysband*.

Perguntei ao Xico se ele queria vir assistir à minha apresentação que ia fazer em Contratos Públicos. "Estava a ver que nunca mais tinha uma boa desculpa para ir a Contratos Públicos… Ainda não lá pus os pés desde a primeira aula, mas claro que para ver o menino de direito público a falar do *Sistema*, vou ver e digo-te já que pago para te ver a falares do *Sistema*, porque depois dessa tua aula esverdeada, sim, que tu a mim não me enganas, que eu sei muito bem que és todo verdolas e queres é pintar as paredes, o teto e os pilares do *Sistema* em doces pinceladas esverdeadas, faço-te um prato verdinho como tu gostas, faço umas pizzas para nós de brócolos e espinafres e depois faço-te aquele meu *risotto* de 4 cogumelos, que tu adoras, só para te ver a vires-te todo em cada garfada que vais levar a essa tua boquinha que eu tanto gosto! Aposto que o "Frrédériquê" Príncipe Não Sei Lá Das Quantas não te consegue dar melhores orgasmos do que eu te dou! O teu Príncipe está aqui à tua frente, sou eu! Sou eu que te vou dar orgasmos ao jantar, não é esse "Frréda"; tudo bem que é mais loiro e mais giro que eu, mas, ainda assim, eu dou-te mais orgasmos que ele, tens que admitir, admite!", respondeu-me o Xico numa milimétrica peça teatral.

E eu chamei-lhe cabrão: "Seu cabrão! *Hackeaste-me* o trabalho de contratos públicos!!! De onde é que vêm essas "doces pinceladas esverdeadas"???". "Vêm do teu coração e eu oiço-o a bater! *Hackeei-te* o coração à nascença, sei tudo pelo que bate esse

teu coraçãozinho… Acaba com o Fred, eu acabo com a Carminho, fica comigo e eu conto-te tudo sobre o mundinho dos teus *hackers*", respondeu-me. "Não preciso, de acabar com o Fred e ficar contigo para saber o mundinho dos hackers! Já li os *Cavaleiros Tecnológicos* do Barac Bielke e o *Target – A Pegada Digital* do Ralf Kleba-Kodak, obrigado!", respondi-lhe já com o meu braço metido no braço dele, adivinhando a intelectual resposta dele "O que tu não sabias é que eu, o Barac Bielke e o Ralf Kleba-Kodak somos todos teus hackers, mas nós somos os hackers bons e só te *hackeamos* para te defendermos dos hackers maus, para protegermos e codificarmos toda a tua valiosa informação". "Ah, deixa-me adivinhar, vocês são tipo os *Anjos Tecnológicos* que aparecem n'*O Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom…", provoquei-lhe o intelecto literário, para ver se ele já tinha acabado de ler ou não *O Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom; e percebi que ainda não tinha chegado ao último capítulo, pela resposta copiada que me deu dos primeiros capítulos "Eu sou o teu anjo tecnológico que desci tecnologicamente dos céus d'*O Deus Tecnológico* para te guardar essa tua tecnológica alma".

O Xico chamava-me "menino do direito público" num tom provocatório, porque ele sabia que eu tinha feito uma birra com o direito público nos primeiros anos da faculdade e que só via era "privado" e penal à frente. Ainda hoje, estando eu no Mestrado de Direito Empresarial e ele no Mestrado de Direito Administrativo, continua a chamar-me "menino de direito público". Eu só gostava era de "privado" e penal e ele só gostava de "público". Em gíria de faculdade dizíamos "privado" para nos referirmos ao Direito Civil onde estão todos os contratos civis, ou seja, entre pessoas singulares, ao Direito Comercial onde estão

os contratos comerciais e feitas por comerciantes com pessoas singulares ou outros comerciantes ou empresas e ao Direito das Sociedades Comerciais que é como se fosse o código das empresas e das regras da vida social na empresa e que "dita" aquilo que os sócios das empresas podem fazer.

Em Direito, quando dizemos pessoas singulares queremos dizer as pessoas de carne e osso. Quando dizemos pessoas coletivas são as empresas, os partidos, as associações ou as enes entidades do Estado, também chamados pelos mais espirituais de entes públicos, que parece que estão a invocar os entes queridos deles. Eu posso celebrar um contrato de empreitada para aumentar a piscina da minha casa com uma empresa de construção civil que estou a celebrar em meu nome e nesse contrato "apareço" como pessoa singular e com a mesma empresa celebrar um outro contrato de empreitada para aumentar a piscina da minha empresa, que é usada para celebrar contratos com clientes, e vou celebrar esse contrato em nome da minha empresa que vai "aparecer" como pessoa coletiva e ainda posso com a mesma empresa celebrar um terceiro contrato de empreitada para aumentar a piscina do pavilhão desportivo que pertence à Câmara e vou celebrar esse terceiro contrato agora como camarário em nome da Câmara, que vai aparecer no contrato como pessoa coletiva. Os dois primeiros contratos são de direito "privado", o terceiro pertence ao "público".

Dizemos "público" para nos referirmos ao Direito Constitucional, que é como se fosse um *Direito Político* onde aprendemos sobretudo as competências do Presidente da República, do Governo, da Assembleia da República, como é que aquela fábrica de leis fabrica as leis e como é que o Tribunal

Constitucional fiscaliza a fábrica antes de se embalarem as leis ou como é que fiscaliza as leis que já foram embaladas e vivem ou vão sobrevivendo fora da fábrica.

Também dizemos "público" para nos referimos ao Direito Administrativo, que é onde se inclui o Direito dos Contratos Públicos, que é onde aparece o Estado a contratar, a celebrar contratos, nas suas mais "configurações" possíveis, seja como uma Universidade Pública, como um Centro de Saúde ou um Hospital, como uma Guarda Nacional Republicana ou uma Polícia de Segurança Pública ou uma Polícia Marítima que precisam de mais cavalos para patrulharem as ruas, as serras, as praias, as dunas ao invés de se porem a patrulhar com drones telecomandados na esquadra, porque já que os cavalos estão presos, ao menos que se passeiem com eles e os tirem das celas, que eles gostam é de passear e nós gostamos de ver é a polícia montada a cavalo. Há imensos donos de cavalos que têm os cavalos presos nas celas, porque não têm tempo para os passear sempre, mas que não se importavam nada, mas mesmo nada, mas mesmo nada de os "alugar" à polícia. Eram estes contratos que a Administração deveria fazer com as quintas.

Quando comecei a namorar com o Fred, sempre que eu chegava a Lisboa os papagaios verdes de Lisboa anunciavam a minha chegada. Se chegava de comboio a Oriente vindo de Santarém, metia-me no metropolitano e saísse em que paragem saísse para ir ter com o Fred, assim que eu visse Lisboa e ouvia-a sempre com os papagaios. E se fosse de Santarém para Lisboa no comboio Regional, não saísse em Oriente, mas saísse na estação a seguir, em Santa Apolónia, era ali mesmo que os papagaios vinham anunciar-me a chegada. Já estava tão habituado. Se

chegasse a Sete Rios de expresso vindo de Santarém, era lá onde os papagaios iam anunciar a minha chegada. Eu e o Fred também temos um pequeno spot em Sete Rios, no Jardim Zoológico. Se os papagaios se atrasassem a chegar à estação rodoviária, acabariam por sobrevoar-me no spot do Jardim Zoológico. Saísse do subterrâneo, emergisse debaixo da terra, em Campo Grande ou em Entrecampos ou no Campo Pequeno ou no Saldanha ou no Rato ou no Chiado, lá vinham os papagaios anunciar-me a chegada. Anunciavam sempre. Viesse donde eu viesse. E anunciavam-me e depois denunciavam-me com o Fred.

Denunciaram-nos uns grandes beijos que nos descobriram a dar. Uma coisa é ser denunciado por papagaios. Outra coisa é ser denunciado por drones. E eu gosto de ser denunciando pelos papagaios. E era tão bom que assim fosse, que quem me denunciasse para sempre os beijos com o Fred fossem tão-só os papagaios e não os drones. Andei assim com os papagaios uns bons tempos. Foram coincidências atrás de coincidências que hoje eu tenho coragem de dizer com o meu espiritualismo, que os papagaios vinham anunciar-me a chegada. Foi o Fred que o disse e que me fez, por isso, agora também dizer: "Hiii… Já vi que os papagaios te anunciaram a chegada… Para vires assim…". "Assim como? Estou feliz por te ver!", respondia-lhe. "Sim, estás feliz por me ver, mas também estás feliz pelos papagaios te terem visto", respondia-me.

Sempre que chegava perto dele, O Fred já sabia que os papagaios me tinham sobrevoado, porque via o sorriso rasgado que eu trazia de orelha a orelha. E se não era o sorriso, eram os meus olhos encharcados de lágrimas de felicidade coladas aos olhos. Era o Fred que dizia isto. Ele dizia que se os papagaios não

me sobrevoassem, eu só vinha a sorrir muito, mas sem rasgar o sorriso; dizia que vinha meio a esconder o sorriso. E os papagaios davam-me força para não o esconder. Os papagaios descobriam-me e denunciavam-me o sorriso. Dizia o Fred. E se, por acaso, eu rasgasse o sorriso, então as lágrimas não ficavam coladas se os papagaios não me tivessem sobrevoado. Porque simplesmente as lágrimas teriam caído. Dizia o Fred.

Isto que o Fred dizia comprovou-se. Porque houve uma altura que simplesmente deixei de ouvir os papagaios. Sem me aperceber como, quando chegava perto do Fred não conseguia segurar as lágrimas, e elas lá me caiam. Desculpei-me logo perante o Fred dizendo que estava muito emocionado por vê-lo. O Fred conhecia as minhas lágrimas de felicidade que ficavam coladas aos olhos sem cair… "Então porque estão as tuas lágrimas a cair?", perguntava-me. "São os papagaios… Outra vez que não me sobrevoaram… Parece que estão zangados comigo, Fred…", lá lhe confessava… "Talvez seja porque não andes a sair ou a andar nos sítios certos… Talvez eles queiram que andes noutros sítios, que vejas coisas que ainda não viste… Quando vires aquilo que eles querem que tu vejas, eles vão voltar a voar sobre ti e a gritar como tanto gostas". Era uma gritaria infernal. Uma gritaria que eu adorava. Uma gritaria que já me dava saudades. E essa gritaria voltou.

A gritaria dos papagaios voltou quando eu e o Fred vínhamos do parque florestal de Monsanto. Tínhamos estado num spot que arranjámos ao pé de um campo de cimento com cestos de basquetebol, muito bem enfiado num pequeno monte florestal. Estava lá um rapaz a driblar e a fazer cestos com uns headphones sem fios metidos nas orelhas. A tecnologia também

permite isto. Driblar e ouvir música em plena mata florestal. Não o condeno por isso. Correr ou driblar com música em pleno século XXI é absolutamente normal. A música até dá uma certa adrenalina ao corpo e parece que o "ensurda" do cansaço. Dá-lhe um "novo rendimento". Sei disto porque já corri com música. Mas sempre que corro com música, se atravesso um jardim, e atravesso-os propositadamente, tiro imediatamente os headphones COM FIO dos ouvidos e levo-os ao pescoço até sair do jardim. Uma coisa é correr na cidade com os headphones. Nas cidades que estão cheias de barulho. Nas cidades que estão cheias de entes e extensões da Administração Pública. Que é toda uma correria e que por isso, convida mesmo a correr ao som da nossa música. Outra coisa, é correr na floresta com os headphones que estão cheias de espíritos e energias da Natureza. Parece uma corrida alienígena. Uma corrida de aliens. Correr ou andar numa floresta ou numa praia ou num jardim cheio de vida com o telefone na mão e headphones metidos nos ouvidos, parece mesmo uma cena extraterrestre. Fica mal perante a Natureza. Parece um chuto que se está a dar na Natureza. Um pontapé que se está a dar na vida.

O corpo com música fica surdo para o cansaço. Mas também fica surdo para tudo o que está à sua volta. E o rapaz saiu dali com a bola de basquetebol debaixo de um braço, com o telefone na mão e os olhos sempre enfiados no telefone e com os headphones sempre enfiados nos ouvidos. Condeno-o por isso. Mas condeno-o na minha liberdade de expressão! Porque é esta a minha liberdade de expressão! Não sou ninguém para lhe dizer que "tudo bem oiça música enquanto faça exercício, mas que ao menos aproveite o caminho florestal na volta para casa ou lá para

onde vai". Mas ficava-lhe bem, perante a Natureza, sair dali sem música nos ouvidos. E abandonou assim mesmo a cena tecnológica. Eu fico sempre escandalizado com isto, como se fosse sempre a primeira vez que vejo. E vejo isto milhões de vezes. Em Portugal, somos 11 milhões… Talvez tenha que ver com a esperança que eu tenho nos humanos. E escandalizei-me, por isso, como se fosse a primeira vez que tivesse visto uma cena tecnológica destas.

Vejo mil humanos por dia em cada hora a perderem o tato. A perderem a audição. A perderem a visão. A perderem o coração. E claro, que tive que o perseguir como um drone – *COMO* um drone e não com um drone – até onde a minha extensão humana me deixava ir com os olhos, na esperança de o ver a redimir-se perante a natureza. Mas ele não se redimiu, porque não contemplou nada. Não condeno nada que o rapaz estivesse lá nos seus dribles na sua música, enquanto estávamos ali a ouvir os bonitos dribles dele. Ele estava na música dele e nós na nossa. O nosso spot era logo a seguir ao cimento, na terra, no meio dos malmequeres, numa espécie de beiçal esculpido pela natureza que deixava-nos cair para uma paisagem que trazia Lisboa para o meio da floresta. Dali conseguíamos ver o rio. Visto de cima, pareceria que estaríamos num clarão desenhado por aquele pulmão de árvores. Conseguia ver-nos assim sem drone nenhum. Nós somos os drones. Nascemos com essa capacidade e inteligência de vista dronática. O nosso cérebro consegue fazer isso.

Ouvíamos o basquetebolista tecnológico a "fazer cestos", deitados num perfume de malmequeres, cercados pelo chilrear de lugres, pintassilgos, verdilhões e chapins. Depois havia um melro

muito curioso que parecia que se queria aproximar do nosso namoro, mas havia um gaio que parecia que num som tecnológico, que emitia de uma árvore, por cima de nós, afastava o melro e o melro, coitado, lá se afastava. Parecia que o gaio não queria que o melro se aproximasse de nós. E nós riamos daquela nossa outra cena tecnológica. Parecia que o gaio protegia o nosso namoro. Depois veio um casal de chamarizes, outros curiosos. Eram bem amarelos e também parecia que se queriam aproximar de nós, que queriam conectar-se ao nosso namoro. Nós queríamos autorizá-los. Mas o raio do gaio parecia que não deixava. E lá lançava um som ultra tecnológico que parecia que paralisava os chamarizes. E à distância, numa bonita tecnologia deles, pareciam que nos imitavam aos beijinhos. Metiam-se também como nós aos beijinhos. Tem piada namorar com as aves.

E parecia que os chamarizes ficariam para ali connosco, não fosse o bando de andorinhas que entrou na cena tecnológica a fazerem-nos grandes razias de danças. Vieram com uma dança provocatória para nós. Lançaram-se assim à cena e retiraram assim de cena os chamarizes. E as andorinhas convidaram as borboletas. E as borboletas aceitaram entrar na cena. E trouxeram também as andorinhas atrás um enxame de abelhas. Um novo exército que ficou ali a proteger o nosso namoro enquanto polinizava os malmequeres. É destes enxames que eu gosto. É destes zumbidos que eu gosto de ficar cercado. Não é dos enxames de drones. Não é dos zumbidos de drones. Eu gosto é dos enxames de abelhas. Gosto é do zumbido das abelhas. E para completar esta cena tecnológica que parecia que *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom tinha encomendado ao

pormenor para nós, entra em cena uma águia. O Fred dizia que era um milhafre-real. Mas eu dizia que era uma águia de asa redonda, por causa da mancha clara no peito em forma de meia-lua, contrastando com todo o castanho escuro. Segredei-lhe depois ali nos malmequeres que a cauda do milhafre-real tinha que ser em forma de forquilha e a cauda da nossa águia de asa redonda não era forquilha nenhuma. Ele roubou-me um beijo por causa desse segredo, que eu lhe contei.

E quando vemos isto tudo na realidade, porque é esta a nossa realidade, esta é que é a realidade natural que vive e convive com a nossa realidade humana, nós queremos proteger. Nós temos que proteger! E não é com fones e headphones e telefones, que não deixam ver esta realidade, que eu vou proteger aquilo que é real! Porque para eu poder proteger, eu tenho que ver. Se não vejo, não protejo. Se há tecnologias que estão a interferir com a minha realidade, com a verdade das coisas, eu não consigo proteger. Eu não vou conseguir proteger, nem vou querer defender. Normalmente quem anda assim, não protege a Natureza. Nem sequer quer saber dela. Não basta contemplá-la. É preciso admirá-la, mas sobretudo respeitá-la, reconhecê-la. Ver onde é que há inteligências. Porque a natureza está cheia de inteligências que merecem ser protegidas. Nós somos uma inteligência que merecemos ser protegidos, por exemplo. Os cavalos são uma inteligência que merecem ser protegidos, por exemplo. As abelhas são uma inteligência que merecem ser protegidas, por exemplo. São inteligências reais. Não são inteligências artificiais.

E sem inteligência artificial nenhuma, conseguimos ainda contemplar dois militares da GNR montados em dois cavalos

num bonito e tranquilo passeio. Iam a conversar, patrulhando. Sem estarem agarrados aos telefones, sem comandos de drones, sem nada. Infelizmente, lamentavelmente, ridiculamente, anedoticamente já se vê muitos polícias agarrados aos telefones. Parece mesmo uma anedota! Abrindo e "analisando" *profiles* de facebooks, instagrams, tinders e grindrs. Talvez faça parte das novas competências da Polícia Tecnológica de *2080* de Antoine Canary-Wharf… Mas nós ainda não estamos em *2080* de Antoine Canary-Wharf!

Quando vejo um polícia agarrado ao telefone, faço questão de na minha tecnologia passar bem perto dele e olhar para a aplicação que tem aberta no telefone. Foi um novo passatempo que a tecnologia me arranjou. E não foi só *O Deus Tecnológico,* de Simão Roncon-Oom que apanhou os polícias agarrados ao telefone e de volta do Grindr, eu também já os apanhei nessa minha nova tecnologia. Se bem que já os tinha apanhado, antes do Fred me ter apanhado.

Eu e o Fred temos o hábito de ir muito para Monsanto, temos os nossos sagrados spots para namorar em Monsanto… E sinceramente, nunca tinha visto aquela bonita patrulha a cavalo ali em Monsanto. Desejei ver mais vezes essa bonita patrulha a cavalo, sem drones! Desejámos ver mais vezes essa bonita patrulha a cavalo, sem drones! Desejo ver mais vezes essa bonita patrulha a cavalo, sem drones! E acho que posso falar pelos dois: desejamos veementemente ver mais vezes essa bonita patrulha a cavalo, sem drones!!! Desejamos veementemente que nenhum drone denuncie, levante, arruíne nenhum dos nossos sagrados recantos, que a natureza nos arranjou para namorarmos!

Gostei de ver esses cavalos ali a passear "connosco" na floresta. Mas detestei ver depois os cavalos que vimos.

Saímos de Monsanto e descemos pela Calçada do Galvão. Tínhamos combinado que iríamos até ao Príncipe Real lanchar. Queríamos visitar uma árvore do jardim do Príncipe Real, que já tínhamos subido uma vez para namorar, enquanto assistíamos a um pequeno concerto, uma gigante figueira-da-Austrália. Desceríamos pela calçada até ao rio e apanhávamos depois em Belém um elétrico que nos deixasse no Cais do Sodré para subirmos depois a pé pela Rua do Alecrim até ao Chiado e depois no Largo Camões subiríamos pela Rua da Misericórdia, passando pelo miradoiro do jardim de São Pedro de Alcântara até ao jardim do Príncipe Real, onde estava plantada à espera a nossa figueira-da-Austrália. Aproveitamos sempre os miradoiros nos nossos caminhos e nas nossas viagens. Há sempre tempo para dar um saltinho a um miradoiro e lançar a vista. Debruçar a vista.

Na Calçada do Galvão, vejo às tantas as letras "GNR" da Guarda Nacional Republicana escritas numa parede e comento com o Fred que íamos passar por uma esquadra da GNR. Não foi o meu espanto quando espreitámos por dentro do portão que estava aberto e vi um cavalo metido numa espécie de mini picadeiro giratório com varas, uma espécie de nora giratória, que obrigava o cavalo a andar a girar ali num exercício mecanizado. Parecia que o cavalo "se tinha portado mal" e estava ali a cumprir castigo. Fiquei irritado e enervado por ver o cavalo, imaginando todos os outos cavalos, ali entregues àquela máquina de exercício e fiquei ainda mais irritado e enervado por não ter visto ali ao pé nenhum cavaleiro ou polícia ou militar. O cavalo tinha sido simplesmente ali entregue. Tinha sido ali posto dentro, fechado e

tinha-se carregado no botão da máquina. Reparei logo na orelha presa do cavalo. O meu coração parecia que estava a ser esmagado por uma besta qualquer. De repente, parecia que eu nem tinha cérebro, porque eu já queria entrar por ali dentro daquele pequeno quartel militar exigindo explicações, vendo que raio de rotina é que estava ali montada. Via esse cavalo com a orelha presa a querer parar e a vara sempre a rodar a tocar-lhe, obrigando-o a andar, e ele a saltar de irritado que estava! A orelha presa é um sinal de dor, de resistência, que demonstra que um cavalo está a trabalhar "muito duro".

O exercício físico do cavalo é muito importante, mas a ideia não é levar um cavalo à exaustão. Levar um cavalo à exaustão para além de ser atentatório contra o bem-estar e a felicidade do cavalo, vai tornar vulnerável os tendões, ligamentos e músculos de apoio do cavalo. O que faz sentido é fazer o exercício com o cavalo. Montá-lo. Saltar com ele os obstáculos, por exemplo. O cavalo sente tudo. É capaz de distinguir expressões faciais e emoções humanas. Nós comunicamos com o cavalo através da nossa linguagem corporal. Quando sabemos isto, não podemos ter coragem de meter um cavalo numa máquina de exercício e ir embora e simplesmente deixá-lo ali como se ele fosse sei lá o quê!... É cruel, é desumano! Não é digno! E nesta minha indignidade, apareceram os papagaios numa outra vez gritaria infernal.

Há quem diga que os papagaios verdes de Lisboa são uma praga. Há biólogos a dizerem isto. Dizem isto, porque os papagaios gritam muito e com a sua gritaria acabam por afugentar outras aves. Eu já os ouvi a gritar muitas vezes. Têm um grito muito tropical. Mas nunca vi a sua tropicalidade a afugentar as

outras aves, em Lisboa. Mas para os biólogos dizerem o que dizem, é porque eles certamente já gastaram mais tempo que eu a observar esses afugentares e toda essa entropia tropical. Mas eu não sou biólogo e por muito que os biólogos tenham razão, os papagaios verdes de Lisboa para mim não são praga nenhuma! São os meus *whistleblowers*. Os meus denunciantes. Ou talvez seja eu, o *whistleblowers* deles. Foram os papagaios que quiseram que eu denunciasse isto. Foram eles que anunciaram esta minha denúncia. É nisso que eu acredito! Não apareceram ali a fazer uma gritaria, por acaso; aquela gritaria que eu queria fazer, e que por acaso, não pude fazer, mas eles fizeram por mim.

E foi assim que fiz as pazes com os papagaios. Prometi-lhes denunciar isto.

Até posso estar a exagerar nisto tudo… Posso estar a fazer um drama nisto tudo… Abro aqui o jogo da oportunidade do "benefício de dúvida". Dou aqui o tempo para montarem a defesa contra mim. Só passei lá uma vez. Não fiquei lá o tempo todo para ver o que se passava. Mas daquilo que vi e do tempo que vi, eu soube que não queria ver mais! Não era aquilo que eu queria ver. E acredito piamente nisto! Acredito nestas coincidências de segundos. Estar um segundo antes ou depois no sítio certo faz-nos ver as coisas com outra magia. Com um certo poder de também nós podermos manipular as coisas. Participar na vida política. Colaborar na vida económica. Informar na sociedade tecnológica.

Não precisamos de nos envolver na crueldade, ver até onde vai a crueldade, para sabermos o que é cruel e o que não é cruel. Bastam-nos uns segundos para ver a crueldade e vermos

logo que é cruel. Basta-nos um segundo parar vermos logo que já não pertence ao século XXI numa sociedade de informação tecnológica do ano 2020. Que já não pode pertencer. Nós queremos todos avançar. Queremos todos evoluir. A evolução é natural em nós. Mas há truques, técnicas, hábitos, costumes, preconceitos, tiques, vícios, economias, poderes, submissões e administrações que têm mesmo que ficar para trás. Porque não conseguem entrar naquilo que queremos chamar de novo *capitalismo inteligente dos recursos*. Naquilo que queremos chamar de economia verde. Naquilo que queremos chamar de Administração Pública esverdeada. É, pois, a Administração Pública a única capaz de mandar tirar o cavalo com a orelha presa dali e trazer para as florestas, para as cidades e para as praias em novas patrulhas. É a Administração Pública a única capaz de trazer um novo patrulhamento que não seja por drones. Trazer uma nova paz tecnológica salvaguardando todos os direitos e todas as liberdades que fomos consagrar na Constituição. Porque a minha liberdade termina quando eu tenho um drone a sobrevoar por cima de mim. Porque a minha liberdade termina quando eu vejo um cavalo metido numa máquina de exercícios e não posso dizer nem fazer nada.

Se eu fosse um cavalo, não era assim que eu queria ser exercitado. Metido num mini picadeiro com uma máquina com varas que rodam automaticamente sem parar e que me obriga a fazer passos e trotes artificiais, a fazer "avanços falsos" num novo galope artificial, por uma máquina que me artificializa o andamento, um andamento que era natural!? Não faz sentido nenhum! Se eu fosse um cavalo, eu queria era ser montado pelo meu cavaleiro! Nem que ele fosse um *Cavaleiro Tecnológico*, de

Barac Bielke. Se eu fosse um cavalo, eu queria era ser montado pelo meu cavaleiro e não que ele me entregasse a uma máquina ou me fizesse alimentar uma qualquer Inteligência Artificial. Se eu fosse um cavalo, eu queria era o meu cavaleiro ali perto comigo! Não queria que o meu cavaleiro me atirasse para dentro daquela máquina de exercícios, enquanto está na esquadra a fumar um cigarro, no Grindr ou com o comando na mão a sobrevoar longos beijos de namorados com drone.

Porque hoje, aquela máquina não tem qualquer tecnologia sofisticada. Mas amanhã, vem uma nova empresa que passa ali também no 4º esquadrão, olha para aquela engenharia e inventa-lhe uma inteligência artificial de passo, trote, meio galope e galope pleno. Porque é fácil de fazer essa máquina e qualquer outra máquina que coloque o cavalo, o rato ou o homem numa jaula de exercícios operada e automatizada por uma Inteligência Artificial. Se eu quisesse ir registar esta ideia, eu ia. Se eu quisesse ir ganhar milhões com esta ideia, eu ia. Mas não vou, porque é uma ideia aberrante que só pode ser registada e querida montada por alguém que não ame cavalos! Por alguém que não seja capaz de se ligar aos cavalos! Por alguém que olhe para os cavalos e os veja como objetos, como armas, como transportes, como mercadorias. Mas há de alguém muito estúpido, vir ao mercado apresentar a sua nova máquina automática de exercícios para cavalos com programa 1 de passo, programa 2 de trote, programa 3 de meio galope e programa 4 de galope pleno.

Não é disto que os cavalos e os cavaleiros precisam! Isto só afasta o potencial amor, confiança e respeito que se pode criar com o cavalo! É, pois, aqui, onde a estupidez humana viola os direitos dos animais que não se conseguem expressar e não

conseguem dizer que gostavam era de mostrar todos esses seus andamentos naturais equinos na floresta de Monsanto, porque a floresta é ali a dois passos e porque o que faz sentido é o polícia ou militar ou cavaleiro ir passear com o cavalo para a floresta. Porque o passeio é um exercício! E se não podemos dizer passear, porque fica mal a um militar da GNR, então dizemos que é na floresta onde devemos ir exercitar o cavalo. Não são precisos passeios muito longos se levar o cavalo à floresta ali ao lado "for uma seca", porque até há veterinários e equitadores quem dizem que bastam 25 minutos de exercício diário para os cavalos se manterem em forma. Basta uma pequena patrulha pela floresta de 25 minutos.

Os cavalos para além de serem dóceis, são criaturas angelicais sem asas que entendem a expressão humana e os sentimentos dos humanos, mas que também compreendem a expressão florestal e os sentimentos da floresta. Sabem que há uma floresta, uma colina, uma montanha com uma vista não proibida para olhos equinos. Sabem que há uma praia com um mar salgado não proibido para línguas equinas que sabem o que é o sabor a sal, porque precisam de sal. Os cavalos ali de Monsanto, sabem que estão numa floresta. Sabem ouvir e ver o que há em redor deles. São muito mais sensíveis do que os humanos. Se um humano odiaria estar "preso" numa máquina de exercício daquelas, então os cavalos odeiam mil vezes mais!

Trago sempre comigo presente a imagem dos 8 cavalos que fotografei com os meus olhos. Vinha de Santarém no comboio Regional. Tinha os irmãos von Der Maase à minha espera na Gare do Oriente. Como sempre, vinha colado à janela a absorver toda a viagem. É uma viagem de 45 minutos que eu

acho que vale mesmo muito a pena! Faço-a desde os meus 11 anos e nunca me cansei. Vou sempre a gravar a viagem com os olhos, a absorver a paisagem com os olhos. Uma viagem destas de 45 minutos custa 6 €. O preço do bilhete tem que valer a pena! 6 € é muito dinheiro! Para um estudante que não trabalha, é muito dinheiro. Para um estudante que vive de mesadas do pai e tem um namorado noutra cidade, 6 € é muito dinheiro. E uma viagem é sempre um investimento. Seja uma viagem de comboio, uma viagem de barco ou uma viagem de avião. Há quem não ligue ao transporte, há quem só queira chegar ao destino e pronto. Há pessoas com pressa. Há pessoas que têm muito trabalho. Há pessoas que gostam de passar a viagem toda a jogar no telefone. Há quem vá tão distraído no Facebook e no Instagram que de repente chega e parece que foi teletransportado *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Mas eu ligo muito ao caminho da viagem. Tenho de ir sempre a ver o caminho. Gosto de acompanhar a deslocação. Gosto de ver tudo aquilo que esteja incluído na paisagem. Tudo aquilo que esteja incluído no preço da viagem. E a paisagem está sempre incluída no preço da viagem. Ligo muito à paisagem, sempre liguei e nunca a desperdicei.

E já que pago o preço do bilhete, o mínimo que eu posso fazer para ver logo o dinheiro a render do investimento na viagem é naturalmente aproveitar, viver a viagem do princípio ao fim. Para além disso, o Fred tinha-me enviado dinheiro através de MB WAY para poder comprar o bilhete. O nosso amor tinha um preço. E o Fred sempre o pagou! Sempre pagou para que nos pudéssemos ver! Sempre me enviou dinheiro para que eu pudesse apanhar os comboios e os expressos para ir ter com ele. As

mesadas do meu pai não chegavam! Ora, para além do meu aproveitar que já é natural, havia, pois, um dever espiritual acrescido de aproveitar, ainda mais, e mais do que nunca, aquela viagem, porque tinha sido o Fred a pagá-la! Ou seja, aquela viagem tinha mesmo que valer a pena! É claro que valia sempre! Todas as viagens valeram a pena! Se me metesse no telefone, como toda aquela malta do comboio, eu não tinha visto os 8 cavalos – estava toda a gente ao telefone, menos eu; fiz questão de sair do vagão em que viajava e caminhar como um fantasma até ao primeiro vagão e depois voltar tudo para trás até ao último vagão e voltar para o meu vagão numa câmara lenta que não gravou ninguém a tirar os olhos do telefone nem por um segundo. E se não tivesse visto esses 8 cavalos talvez não transportaria, não carregaria, hoje a alma deles.

Aqueles 8 cavalos pareciam mesmo pessoas. Estavam todos reunidos, deitados em roda de frente uns para os outros, como se estivessem ali a conversar, como se tivessem sentados numa mesa redonda a conspirar, a planear como *Os Autores do Sistema*. Só lhes faltavam uns chapéus! Se tivessem uns chapéus, pareceriam copiados da capa do livro d'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. E eu, ali teletransportado do comboio para a mesa redonda dos cavalos, como na capa do livro d'*Os Autores do Sistema,* seria aquele que aparece debaixo da mesa a testemunhar secretamente como um fantasma o poderio da natureza conspiratória deles. Há quem veja nesta conspiração uma economia. Eu vejo amor. Vejo uma inteligência. Vejo uma emoção. Vejo uma alma. Vejo espíritos. Vejos forças. Vejos energias. Há, pois, um espírito nos cavalos. Há cavalos, cães, corujas e mochos que parecem pessoas. Há quem veja economia

em tudo. Há quem veja economia nos mochos e nas corujas. Há quem veja economia nos cães. Há quem veja economia nos cavalos.

A economia sempre funcionou muito bem para os estúpidos. Para os estúpidos tudo é economia. Tudo é um jogo económico. Tudo vale como moeda de troca. Para os estúpidos é assim que se fazem máquinas, máquinas que fazem dinheiro e que desumanizam tudo e todos. Mas não faz mal nenhum desumanizar, porque os humanos todos já nasceram dentro da economia… E não faz mal nenhum pôr objetos tecnológicos nos cavalos, porque eles já são um produto tecnológico da economia. Foi a economia que sofisticou e selecionou os seus genes… Diriam os estúpidos da economia. Para os estúpidos, até os genes humanos entram no jogo económico, porque valem como dados que alimentarão um fantástico mercado de edição genética. Estamos no mundo das fantasias, dos registos e das edições. Agora, tudo pode ser editado. E com a *Impressora a 3D* já se pode imprimir tudo. Até se pode imprimir um novo mundo de direitos e uma nova sociedade intelectual como *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Agora podemos imprimir tudo. Desde ideias boas, a ideias de *merda*. Porque agora, vale imprimir tudo! E se vale imprimir tudo, a febre dronática quererá também ver imprimidos drones nos céus. E se á assim, então eu também quero ver imprimida a minha ideia que não quer ver os céus cheios de drones.

Enquanto há quem veja o céu cheio de drones, talvez porque não ligue nenhuma aos papagaios, aos pardais, aos melros, às cegonhas, às corujas e aos mochos ou porque ande a driblar ou a *skatar* ou a surfar ou a namorar com *merda* de fones e

headphones nos ouvidos, eu, o Fred, o Xico e a Carminho vemos os polícias no Alentejo e em Santarém a saírem das esquadras e a irem às quintas buscar os cavalos para patrulharem os trilhos – ao invés de os sobrevoarem com drones – e a deixarem lá os cavalos ao final do dia. Em Lisboa, não há muitas quintas com cavalos, mas o Hipódromo da Cidade Universitária e os arredores de Lisboa têm muitos cavalos; que fossem lá buscá-los para patrulhar e depois os deixassem lá no final do dia. Nem que dessem só uma volta com eles. Não é pô-los a darem voltas naquela "coisa" do 4º esquadrão.

Se eu tiver na Montanha Jupiter com o Fred, e o Fred estiver a dar-me aqueles beijinhos dele com língua cheios de saliva, cheios de genes dele que me fazem esquecer de tudo até dos meus próprios genes e ouvirmos o barulho dos cavalos a trilhar, temos tempo para nos largarmos e fingirmos que estamos só a ver a paisagem. Mas se um drone, seja da polícia, do 4º esquadrão, seja de quem seja, aparecer numa nova desigualdade de armas e nos gravar em tempo real aos beijinhos, nós não temos tempo de defender a nossa intimidade, o nosso namoro, a nossa vida privada, a nossa imagem! E não é justo que isto aconteça! Só os polícias que não levam as suas namoradas e os seus namorados a passear à montanha é que quererão sobrevoar a montanha com drones! Só a Polícia Marítima que não pode fazer praia porque está em serviço, é que poderá querer sobrevoar as praias com drones. Drones na praia? Isto é para rir! Para rir ou para chorar? Quase que apetece ter que baixar uma aplicação para ver em que praia é que há drones e em que praia é que não há drones!

A Administração Pública que se tem um Código Verde "agora" diante dos seus olhos para cumprir, não se pode pôr a encomendar drones, a contratar drones, a autorizar ou a dar luz verde aos drones que não são nada, mas nada, mas nada verdes. E vamos ainda ver os governos a desgravatarem as rochas da Samoqueira, dos Brejos Largos e da Praia da Rocha, em buscas aflitas de lítio, a pisarem tudo, a darem cabo de tudo, como se tivessem vidrados no telefone a apanhar *Pokémons* como os miúdos que pisam tudo, pisam as flores, as plantas só para apanhar um *Pokémon*, que andam nos jardins a dar cabo dos jardins, em buscas doentias de *Pókemons*.

E a Comissão Nacional da Proteção de Dados devia era abrir os olhos para o mercado dos dados e não se pôr a dar luzes verdes aos sobrinhos, primos, priminhos, tios, amantes, amigos, ex-namoradinhos e namoradinhos tecnológicos – que agora de repente, com o vírus tecnológico, ficaram tecnológicos. A Comissão Nacional da Proteção de Dados devia era acompanhar a tecnologia do poder de resolução das câmaras e dos microfones. Mas como é que há uma padaria em Santarém – aliás, um grupo de padarias, que é uma empresa que vende pão e tem as suas lojinhas distribuídas pela cidade – que é capaz de ser o grupo mais famoso de padarias em Santarém que para além de gravar a imagem dos clientes, ainda grava o som???????

Eu não ponho lá os pés, como é óbvio! Podem fazer o pão mais quentinho acabadinho de sair do forno e até pode ser o pãozinho mais saboroso "aqui" da região que eu não lá ponho como é óbvio os meus pés!!! Nem que para isso eu tenha que montar também um novo grupo de padarias, onde não há câmaras nem microfones, porque o negócio é o pão e não os

dados dos clientes e dos trabalhadores! Se calhar, é mesmo isso que Santarém esteja a precisar… De um novo grupo de padarias que não meta microfones e gravadores por baixo dos balcões e das mesas… Eu imagino a economia de dados que ali deve estar naquelas padarias a serem vendidos acabadinhos de sair do forno como pãozinho quentinho… É mesmo caso para dizer que "com pão e bolos se enganam os tolos"! Só um "tolo" que não saiba disto é que pode continuar a ir a essa padaria que fica na Rua do Matadouro, naquela rua que de repente ser tornou tecnológica! E que é capaz de ser uma das ruas que mais economia traz àquela cidade. E que agora, na nova economia de dados, mais participa na economia… É câmaras do princípio ao fim da rua… Até o restaurante mais castiço, o mais típico, que nunca viu nenhum furto nem nenhum roubo e que sabe perfeitamente que Santarém é um sossego, uma paz, uma tranquilidade e uma segurança já instalou câmaras no restaurante todo para matar o direito à imagem dos seus clientes e dos turistas. Está na rua certa: na Rua do Matadouro. Onde se matam todos os direitos! Onde se matavam toiros! É bom que os suecos, os dinamarqueses, os noruegueses, os finlandeses que não comem renas e os australianos que não comem cangurus, quando vierem a Santarém, saibam que ali se come toiro.

Eu já não ponho lá os pés! Pus muitas vezes! Mas só pus até ter reparado que tinham instalado uma câmara que me filmou a rir, a beber sangria e a cantar ali o fado! Mas não pus mais ali os meus pés… Como não ponho os meus pés na padaria da mesma rua. Não ponho lá os pés, mas não me esquivo de reportar o caso à Comissão Nacional da Proteção de Dados como se fosse um cliente ou um trabalhador dessa padaria que finjo sentir na pele

direitos meus constitucionalmente consagrados descaradamente violados com a gravação de som! E reporto também à Comissão, que a padaria, para além do crime de dados que pratica na "gravação de conversas", esqueceu-se de afixar "à data de hoje", como o Direito "de hoje" manda, quem é que é o responsável pelo processamento e pelo tratamento de dados… Só para nós todos sabermos quem é que anda a "escutar" as nossas conversas. Já nem falo na gravação de imagens…

Eu gostava mesmo de saber em que é este grupo de padarias se baseou para achar legítimo nos seus interesses de uma qualquer dissimulada "proteção de bens e pessoas" poder fazer da voz dos clientes e dos seus trabalhadores "objeto" de gravação!!!!?? É que gostava mesmo de saber! Está lá pequenino na porta um *avisozinho* com fundo amarelo que "para sua proteção este local encontra-se sob vigilância de um circuito fechado de televisão, procedendo-se à gravação de imagens E SOM"! E SOM???????? De repente, parece que fomos todos teletransportados para *2080* de Antoine Canary-Wharf e ninguém nos avisou… Mas antes tivéssemos sido teletransportados para o *2080* de Antoine Canary-Wharf, porque no *2080* de Antoine Canary-Wharf há um Direito Tecnológico, há uma Polícia Tecnológica e há um Tribunal muito tecnológico para empresas montadas por humanos com ideias muito tecnológicas…

Ver assim a Comissão Nacional da Proteção de Dados a dar luzes verdes *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto assusta-me muitíssimo! Mas vamos fingir que a Comissão Nacional da Proteção de Dados nem sequer tem ideia deste grupo de padarias que "escarrapachou" em letras pequeninas o aviso de fundo amarelo a dizer "que grava as conversas" – que

não escarrapachou nada, porque na minha também liberdade dicionária escarrapachar é afixar, mas afixar grande, bem grande, para todos verem, sem que escape a ninguém! Se isto escapou à Comissão Nacional da Proteção de Dados, como escapam inúmeras câmaras de vigilância que são instaladas em salas de refeições sob o pretexto de estarem a prevenir os eventuais furtos dos "copos de cristal" e "sem querer" acabam "também" por filmar quem os leva à boca em elegantes gestos grotescos e sensuais, não posso ficar descansado! Tenho que ficar stressado! Tenho que ficar stressado, quando sei que a tendência dronática está a sair das embalagens antes do Parlamento embalar leis e importá-las para o Direito. Faltam leis ao Direito! O Direito não pode transferir esta responsabilidade para a Comissão Nacional da Proteção de Dados que autoriza ou não impede cafés "a colocarem gravadores e microfones debaixo das mesas".

O mercado quer pôr os drones a fazerem encomendas. Mas o mercado pode querer isso e muito mais. Aliás, ele quer isso e muito mais… Mas é o Direito que se tem que se chegar à frente e ser "cego" e "surdo" pelos investimentos que até a banca financiou, está a financiar e quer vir a financiar. Isso para o Direito tem que importar zero! Essa economia de dados não pode ser patrocinada pelo Direito! A economia que patrocine! Os mercados que quiserem que patrocine! Agora o Direito patrocinar? Uma Comissão Nacional de Proteção de Dados patrocinar? Se os drones de encomendas tiverem mesmo, mesmo, mesmo, mesmo, mesmo, mesmo, que penetrar na nossa economia social, na nossa vida real, nas nossas cidades económicas, *epá*, que penetrem, mas que, ao menos, penetrem sem câmaras e sem microfones! Se os drones são para entregar

encomendas não precisam de vir apetrechados com "olhos" e "ouvidos" nenhuns! Bastam-lhes um GPS para irem entregar à morada. A Comissão Nacional de Proteção de Dados, se for uma comissão a sério, não pode nunca, mas em circunstância alguma, dar luz verde a drones de encomendas com câmaras e microfones. E eu quero acreditar que a Comissão Nacional de Proteção de Dados é uma comissão a sério e vê que a pressão do mercado está a apontar com algoritmos a tudo o que é tudo; até ao amor! Porque já há um *Algoritmo do Amor*.

Mas o problema dos drones, não é só um problema de direitos de imagem e privacidade; é também um problema de ruído, de poluição sonora. E mesmo que sejam silenciosos, será sempre um problema ambiental. Fabricar drones é precisamente o contrário de uma economia verde, limpa e sustentável. E se não for um problema ambiental ou de saúde, porque se entenda que estejam muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, mas muito, muito, muito, muito, muito longe do projeto de constelação de 45 mil satélites da Star Link, então, será sim um problema visual! Em cada 3 semanas um novo pacote de satélites é lançado. No pacote do dia 7 de janeiro de 2020, 1 dos seus 60 satélites lançados prometia um revestimento experimental para torná-lo menos reflexivo e reduzir o impacto das observações astronómicas. Mas essa promessa foi uma grandíssima peta, porque a 550 km sem telescópio no dia 7 de janeiro de 2020, eu interrompi os beijinhos com o Fred só para contarmos os satélites. E contámos 60. Vimos 60. Agora contamos estrelas e satélites… Agora já não são só as estelas que contam os nossos beijinhos. Agora os satélites também contam tudo o que veem na Terra. E desde o dia 7 de janeiro que eu consigo vê-los à noite a

passarem no céu todos os dias e todos os dias eles interferem quando estou a olhar para a Ursa Maior, para a Estrela Polar, para Jupiter e para Saturno. Se com 360 satélites já é um problema visual, eu nem quero imaginar com 45 mil satélites! E é claro, que quem vê satélites à noite a 550 km, vê drones de dia a 5, 15, 55 ou a 550 metros! E o Direito À Vista? Que é o direito mais sagrado que há!??

À data de hoje, um drone de entrega tem autonomia para voar cerca de 4km. Haver drones no ar a entregar coisas, significa um investimento muito grande em infraestruturas de apoio que funcionem como "bombas de eletricidade" que vão carregar os drones. Essas infraestruturas ocupam espaço, gastam eletricidade e gás natural para iluminar, operar, aquecer e arrefecer. Já existem drones que carregam drones no ar, para que o drone que vá em missão sei lá do quê, não tenha que descer à terra para carregar a bateria. Mas para esses drones carregarem os drones, precisam de vir cheios de eletricidade, pelo que terão que vir sempre de uma "bomba de eletricidade", pelo que o investimento em "bombas de eletricidade" mantém-se de pé. É claro que, à data de amanhã, os drones terão autonomia para viajar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto sem parar para carregar as baterias… Mas e as infraestruturas que andámos a construir? Vão servir para amanhã para quê? Para emitir mais radiação? É que nós estamos numa Era em que se abatem árvores para construir parques de estacionamento. Também há quem queira abater árvores para no lugar delas erguerem porcarias de infraestruturas de drones. E se não for de infraestruturas de drones será de grandes torres ou grandes antenas super-radioativas por causa da Internet das Coisas?! Mas a Internet já não está rápida demais?! Lançarem-se

satélites para melhorar as ligações da Internet? Para torná-la mais rápida ainda? Mas mais rápida para quê? Ela já não é tão rápida? Não chega? Não chega de dados? Mais dados ainda, para quê? Mais satélites para quê? Há pessoas a morrer à fome!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Se eu estivesse em casa da tia Bá e o Sávio quisesse encomendar uma pizza, porque queria ver o drone a chegar com a pizza e eu tivesse mesmo que encomendar uma pizza, por não lhe conseguir explicar, por causa da sua trissomia, que os drones elétricos para voarem têm baterias de lítio e que houve abismais emissões de carbono para se extrair o lítio da terra e outas colossais emissões de carbono para se fazerem as baterias e que essas baterias têm um ciclo de vida e que eu não queria colaborar para a bateria de um drone ter que ser substituída e ver mais carbono a ser emitido e a poluir a atmosfera; se o drone viesse com a pizza de Sacavém, esse drone teria que parar pelo menos 7 vezes, porque de Sacavém ao Estoril são 27km.

Não quero pôr aqui em causa o tempo que a pizza demoraria a chegar, porque até podia demorar 5 minutos a chegar, supondo que por cada paragem em 20 segundos até podia carregar a bateria a 100% e emitir os gases tóxicos nocivos para as células dos olhos e da pele – isto porque, quando os drones e os carros elétricos estão com a bateria a 100% ou em sobreaquecimento, bastando ficar expostos ao sol, estão a emitir gases tóxicos para as células da pele e dos olhos. Mas é que, parar 4 vezes significa que para essa viagem teriam que ser precisas 4 infraestruturas, para o drone poder carregar a bateria e cumprir a entrega.

Se eu tivesse na Quinta da Marinha, em casa de uma das primas Sónias e um dos filhos delas que não nasceram nem com um *tablet* nem com um telefone na mão, porque são filhos delas, mas nasceram com drones e quisessem encomendar pizza e a pizza viesse de Loures, o drone teria que parar 10 vezes para carregar a bateria, porque são 42km, o que quer dizer que para essa viagem teriam que estar montadas 10 infraestruturas.

Se eu estivesse na Quinta da Beloura, na casa de fim-de-semana do tio Xico Castelão e o Mateus e os amigos do Mateus quisessem encomendar pizza e a pizza viesse do Rossio, esse drone teria que parar 9 vezes, o que quer dizer que para esse voo teriam sido necessárias 9 "bombas de eletricidade", porque do Rossio à Beloura são 35km.

Se eu tivesse na Herdade da Aroeira, em casa dos von Der Maase, e mandássemos vir o drone só para o desmantelarmos todo e inspecionarmos peça a peça e medirmos o poderio da câmara e a nitidez do microfone e o drone tivesse vindo de Almada, teria que ter parado 3 vezes, o que significam 3 infraestruturas, porque de Almada à Aroeira são 12km.

Para estas minhas 4 viagens paralelas, de mundos paralelos da minha fantástica vida real tecnológica, teriam que ser necessárias 26 infraestruturas, ou seja, 26 bombas de eletricidade para carregar as baterias dos drones e tornar possível o filme de terror do céu de Lisboa cheio de drones num novo zumbido ensurdecedor. Mas em Lisboa "somos" quase 3 milhões, por isso, certamente que a Administração Pública iria abrir uma data de concursos públicos para saber que empresas iriam ficar com a construção "das novas obras" dos pontos-drone e que empresas

iriam depois ficar com a exploração dos pontos-drone; e tudo uma nova economia, porque depois íamos também abrir uma data de outros concursos públicos para saber que empresas iriam ficar com a fiscalização dos pontos-drone, enfim, a nossa imaginação não tem limites, e por isso, podemos imaginar os concursos públicos que quisermos, as obras que quisermos, as exploração que quisermos, as economias que quisermos, as tecnologias que quisermos… É por isso, que se diz que vai gerar economia. Pois é claro que vai gerar economia! Mas nem tudo o que gera economia é bom!

Uma parte muito importante do trabalho que apresentei em Contratos Públicos tinha que ver com o ciclo de vida do produto, numa espécie de "eutanásia esverdeada". Se o fim de vida de um drone pode ter um impacte desastroso no ambiente se a sua eliminação não for adequada, só o seu correto fim de vida, e só se fosse possível eliminar-se o drone, é que seria bom para a economia. Porque para além da reciclagem diminuir "o dar cabo da terra" para se irem buscar as matérias primas virgens para se produzir mais, e mais, e mais, e mais, e mais, e mais, e mais, e mais milhões de drones, iria dinamizar a economia, criando postos de trabalho como o inteligente sistema de reciclagem sueco dinamiza a economia e protege o ambiente. Mas para isso, seria preciso que os drones fossem recicláveis, pudessem ser recicláveis, e não se tornassem inúteis e um monte de lixo metalizado, um monte de lixo tecnológico a emitir energia e radiação por todo o lado. Os drones elétricos como os carros elétricos padecem do mesmo problema das baterias. Só na produção de um carro elétrico eu poluo mais 30% do que na produção de um carro a gasolina ou gasóleo. E as baterias têm

um tempo de vida útil. Não duram para sempre. Um pouco como o nosso coração e como a nossa reforma.

Eu sei que há uma idade em que me vou reformar, ainda tenho 25 anos, mas já penso na minha reforma e na reforma do Fred. Hoje, tudo bem que com as políticas até se pode reformar mais tarde, mas amanhã, com a estúpida robotização e automatização das coisas nós vamos ficar mais inúteis mais cedo; vai chegar uma altura em que vamos querer trabalhar e não podemos, porque não há trabalho que façamos melhor que um robot! Quando essa altura chegar, se já não estamos nela, terá sido importante, termos escolhido um trabalho onde pudéssemos ir amealhando algum dinheiro de parte para podermos ter a nossa reforma. Eu, com 25 anos começo a fazer o meu aforro agora! Porque quando chegar aos 50 anos quero ter dinheiro para viver, pelo menos, mais 50 anos com o Fred! Quando nós vivemos já a pensar na reforma, quando nós vivemos a subir e a descer escadas ao invés dos elevadores, que são autênticos robots que magicamente nos transportam para cima e para baixo, nós somos mais felizes! A tecnologia que não é ecológica, mata-nos! Podemos não conseguir ver isso agora. Mas temos que olhar para o futuro! Temos que ver quantos anos temos, quantos anos ainda temos para viver, estimando segundo a esperança média de vida e ver a vida a longo prazo!

Porque nós não vivemos nem só 1 ano, nem 10 anos, podemos viver até aos 100 anos! Com a evolução da medicina, da nutrição, da botânica, da farmácia e da tecnologia podemos viver até aos 150 anos como tivéssemos 50 anos; e lá para os 175, então, começarmos a sentir a idade no corpo… Mas não é com telefones *supertecnológicos* que emitem *super-radiações*, não é com

cigarros *supertecnológicos* que emitem *super-radiações*, não é com drones *supertecnológicos* que emitem *super-radiações*, não é com redes *supertecnológicas* que emitem *super-radiações* que vamos viver até aos 100 anos! Porque com tanta radiação à volta, o que vai acontecer é o cancro ser a doença mais prevalecente nos próximos 3, 4, 5, 6, 7 anos, se não interrompermos imediatamente esta tendência de supertecnologia e de super-radiação!

O cancro é uma "loucura celular": as nossas células uma vez expostas ao sol, tudo bem, duas, tudo bem, três, tudo bem; agora constantemente expostas ao sol sem protetor celular a "queimar", a "fritar", vão começar a enlouquecer – quer dizer, elas ao sol sabem que vão acabar por começar a ficar lesadas, mas mesmo assim, vão conseguindo aguentar, fazem um esforço para se aguentarem ao sol sem lesar, mas às tantas, já estão em sofrimento, e já estão a gritar por ajuda, por socorro e nós ou vamos lá besuntar-lhes de protetor solar, ou então elas vão se lesar à séria. Mas elas estão sempre a lesar-se, como os neurónios que nós vamos dando cabo. Mas há um plafond. É como as baterias. Quando sobreaquecem é fatal. A mesma coisa como as nossas células. Quando já é demais, elas enlouquecem. Podíamos ver a quantidade de células e de neurónios que temos como vidas, como oportunidades. Não podemos gastar todas as vidas. Já gastámos algumas oportunidades quando não tínhamos informação.

Mas não faz mal, termos gastado oportunidades, porque não tínhamos informação. Ou até tínhamos, mas a informação não entrava bem… E enquanto a informação não entrava bem de cigarro radiativo na mão "todos" demos grandes "passas". E se não as demos, tivemos que levar com as passas e com o fumo

radiativo dos outros! Aquela radiação cheira-se! Fica entranhada! Nos cabelos, nas roupas, nos móveis, nas moléculas do ar e da água… Mas ao menos, divertimo-nos muito nessas "grandes passas". Alguma coisa ficou destas "grandes passas". Alguma coisa tinha que ficar. Se quisermos ligar tudo, se quisermos ligar os neurónios a isto, vamos ver que fizemos uma data de coisas, porque não tínhamos informação. Mas agora temos informação! Podemos continuar a divertirmo-nos. Mas agora divertimo-nos, mas é informados! O que ainda é mais divertido! Porque estar informado, faz rir ainda mais! Faz ridicularizar tudo ainda mais! Quando estamos informados rimo-nos com as coisas que se passam à nossa volta! Rimo-nos do Direito, rimo-nos da Economia, rimo-nos da Tecnologia… Até nos rimos da Psicologia! E a Psicologia, é claro, também se ri de nós… É bom estar informado! Porque é bom rir! Rir, dá-nos anos de vida! É importante divertirmo-nos, mas estarmos informados.

Mas continuar a fumar? Quando sabemos que podemos ficar a respirar por um tubo? Andar a arrastar uma botija connosco atrás? Vale a pena o risco? Não vale! Pelo menos, para mim e para o Fred que aos 70 anos queremos iniciar o surf, a escalada e o *rafting,* não vale… Queremos estar com os ossos no sítio aos 70 anos! É verdade que eu uso o telefone durante o dia, mas também é verdade que ele passa o dia todo na mochila e quando me vou deitar não durmo com o telefone dentro do meu quarto, por causa das radiações. O pensamento é muito simples: já que eu não posso controlar as emissões externas, ao menos controlo as "emissões internas", aquelas que tenho em meu poder, aquelas que estão na minha posse, que por acaso, são essas que mais me podem afetar. Eu não tenho que me preocupar com

as radiações do telefone do meu amigo que estão no bolso dele, porque não me afetam, tenho é que me preocupar com as radiações do meu telefone, que está na mochila e só o tiro quando o oiço a tocar, sem o som dos dados móveis, porque simplesmente tenho os dados móveis sempre desligados! Como é óbvio que ando sempre com os dados móveis desligados e só os ligo quando preciso! E é um duplo ganho: vivo mais a vida no presente e vivo mais a vida no futuro! Porque eu quero viver a vida no presente, mas também no futuro, com a exata qualidade de vida! E por querer tão estar no futuro, é que me preocupo com os Contratos Públicos que podem afetar a minha vida e a vida do Fred!

A Organização Mundial da Saúde já se pronunciou sobre as radiações do 5G. Pronunciou-se, quando veio dar razão à minha hipersensibilidade ao eletromagnetismo. Pronunciou-se, quando veio admitir que eu sempre tive uma agulha dentro de mim ligada ao núcleo da Terra. Eu e o Fred já estamos a pensar em pôr dinheiro de parte, no caso de uma emergência, para termos que desaparecer do nosso país, porque as viagens tecnológicas para sairmos de um sistema e teletransportarmo-nos para outro sistema custam muito dinheiro; as viagens para desaparecermos daqui para fora, para salvarmos a nossa pele das radiações são muito caras! E é preciso ter esse dinheiro, ter essa segurança! Há países, cidades, vilas, aldeias mais inteligentes, mais evoluídas – porque há aldeias do futuro muito mais evoluídas do que um país inteiro! – que vão ficar *destecnolizadas*, vão ficar fora da supertecnologia sem ficar fora da economia! Vão haver cidades que não vão ter drones, porque vão proibi-los, desde sempre, porque não andam a dormir e veem a beleza das suas

vistas com os olhos bem abertos à economia, à moda e às tendências e sabem perfeitamente que aliarem-se ao Direito do Bom Ambiente e do Direito À Vista, porque veem as suas vistas como sagradas, porque as suas vistas são sagradas, vai ser o maior espoletar do turismo. É esse que deve ser o contrato que o sistema deve colaborar com a Natureza no seu mais puro direito natural! Devemos ver esta aliança! Devemos ver a tecnologia do contrato, porque é um contrato tecnológico, daqueles que se assinam com o coração!

Os drones, as câmaras com reconhecimento facial ligadas à Internet que "fazem adivinhar" o nosso Facebook, o nosso Instagram e nos localizam e nos gravam a imagem, a voz, e por isso, todo o espetro cósmico energético à volta da nossa alma, não têm de se instalar, nem sequer, se já instalados, continuar a funcionar, porque se podem, simplesmente, desligar! É o Direito que tem esse dever! De desligar o circuito! De nos livrar de toda esta *Internet de Dados*, deste *Circuito de Dados*, deste *Petróleo de Dados*, desta *Extração de Dados*, deste *Roubo de Dados*! Porque é um roubo! É um crime! Esteja ou não esteja em nenhum código do Planeta Terra é um roubo! E não sou o único que digo isto! É o meu Direito e a Medicina do Fred que dizem também isto! É *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que também diz isto! É também *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. São também *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy! Todos dizemos isto!

Não há nenhum telefone vindo do além a telefonar para a Terra, a dizer que temos que atender uma chamada do futuro e que a chamada é pôr os drones a voar nos céus e instalar câmaras na Terra por todo o lado, porque lá em cima *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom precisa de um *refresh* para atualizar os

registos de cada um. É que, como somos na Terra 7, 7 bilhões (sete mil milhões!), *O Deus Tecnológico* afinal não consegue estar em todo o lado e precisa mesmo dos céus cheios de drones para ficar um pouco mais omnisciente sobre tudo e sobre todos… E avisa-se, então, já, que *O Deus Tecnológico* vai precisar de instalar câmaras nas igrejas para estar um pouco mais omnipresente e os crentes poderem sentir toda a sua omnipotência; e avisa-se já, que vai mandar os *supertecnológicos* filmarem os enterros e os velórios e mandar pôr no Facebook e no Instagram em tempo real para *O Deus Tecnológico* poder acompanhar de perto todos os velórios e todos os enterros. Porque a omnipotência começa no poder de poder instalar as poderosas câmaras. Ninguém está a telefonar para a Terra a dizer que o futuro e a evolução passam por essas instalações! Antes de todas essas instalações, há muitas impressões por se fazer! Porque o futuro e a evolução não passam pela Internet das Coisas, para ligar os pobres às TV's dos ricos! Para fazermos da pobreza um *reality show,* que nem os pobres vão lucrar com o sucesso dos seus filmes que, por acaso, são as suas vidas reais!

E ainda há de vir um vírus tecnológico qualquer em 2020, para dar corpo e escopo às profecias literárias de 2013 e 2003 que disseram que em 2020 iria aparecer um vírus que disseminaria uma "ínfima" percentagem da humanidade e uma infinita percentagem da economia, capaz de nos assustar a todos como nos assustou o terrorismo e obrigar-nos a ir parar ao Zoom e ao Skype num novo grande zoom. O Zoom nasceu em 2013 e o Skype em 2003. Mas vão parecer, que nasceram em 2020. E nesse *reality show* de dados, em que os próprios governos lutarão para ficar com os dados, porque os próprios governos obrigarão seja

pelo Código do Trabalho, que há de vir inventar a obrigatoriedade do teletrabalho obrigando todos os trabalhadores a irem parar ao Zoom sob pena de serem despedidos, seja pelo Regulamento de Avaliação, que há de vir obrigar todos os alunos a irem parar ao Zoom sob pena de chumbarem, alguém ficará com o pacote de dados. Alguém, ficará com a nuvem de dados. Alguém, ficará com a conservação dos dados. Alguém, poderá rebobinar as vezes que quiser. Alguém, poderá congelar a imagem das gravações as vezes que quiser. E num filme já visto, de *2080* de Antoine Canary-Wharf, aparecerão algoritmos que oportunamente detetarão os pedófilos, os psicopatas, os narcísicos, os depressivos, os *borderline*, os esquizofrénicos, os bipolares, os obsessivos, os paranóicos, tudo no mesmo saco de dados, que entraram em sessões tecnológicas pseudo-espirituais, em chamadas missas virtuais, para compensar o velório que o vírus não deixou fazer, num luto que ainda não fizeram por terem entregue o seu espírito ao novo *reality show*.

E o *reality show* não será, desta vez, só com os pobres económicos, vai ser também com os pobres socais, que são sociais na sua virtualidade, na sua *ecrânlidade*, que por não saírem daquele ecrã, vão ficar presas e dentro do ecrã. E o *reality show* não será só com os pobres económicos e com os pobres sociais, vai ser também com os pobres espirituais que deixaram a tecnologia agarrar-lhe o espírito, que deixaram a tecnologia roubar-lhes a alma, ficar-lhes com a alma, levar a alma sabe-se lá para que mercado, sabe-se lá analisada por que cientista de dados. Esses novos cientistas de dados que é como se fossem os novos espíritas, que veem o nosso espírito, porque simplesmente veem tudo, e por isso, é que, sabem tudo! Mas que sabem tudo, mas

nem são os *Anjos Tecnológicos* d'*O Deus Tecnológico* nem são O *Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom.

Lembro-me uma vez de estar eu, a Sara Rot, o Afonso Côrte-Real, o Martim Ducado e o Domingos Bayamonde num café a falar sobre os drones, quando ninguém ainda falava de drones, quando nem se ouvia falar de drones, quando nem sequer se viam ainda drones à venda, pelo menos em Portugal. E lembro-me de o Domi estar todo entusiasmado com os drones. Eu comecei logo a falar sobre os direitos que eu via em cheque com o enxame de drones. Quando eu falei em enxame, ninguém viu o exame! Viram um ou outro drone, de vez em quando a voar, como vemos os helicópteros, mas eu vi milhares de drones a voarem. Eu adoro ver os helicópteros a voarem! Paro, e acompanho o voo! Tal e qual, quando vejo uma libélula. Paro, e acompanho o voo! Vou com os olhos atrás do voo! Eu adoro ver os helicópteros no ar e ver helicópteros no ar em nada tem que ver com ver drones no ar! Ver drones no ar, instala logo um filme de *terror dronático* na cabeça! Para já, os helicópteros não têm câmaras! Para já, os helicópteros, ainda, não estão ligados à Internet! E depois, para eu pilotar um helicóptero tenho que tirar um curso, tenho que ter dinheiro para tirar o curso e depois para pilotar, para além de ter que ter dinheiro para comprar o helicóptero e mandar construir um heliponto na minha casa, preciso de autorização para poisar eventualmente aqui e ali; é por isso, que não vemos helicópteros a voar de um lado para o outro e a poisar aqui em Santarém ou ali em Cascais como vemos em São Paulo ou em Angra dos Reis.

Pilotar um helicóptero não está ao alcance de todos, mas pilotar um drone está. Porque eu consigo comprar drones de 30€

ou 300€, como consigo comprar câmaras que gravam as conversas nos cafés por 30€ ou 300€. Toda a gente pode ter um drone; e por isso, é que eu vi o enxame de drones. Passado um ano voltámos ao mesmo café. E o Domi contou-nos que estava a jogar um jogo *online* e que já não tinha cigarros e como não podia sair de casa para comprar os cigarros na loja à frente da casa dele, porque estava a jogar o jogo *online* e não podia abandonar o jogo *online*, "chamou" uma empresa para lhe ir comprar os cigarros na loja à frente da casa dele, atravessar a estrada e deixar-lhe os cigarros em casa. Enquanto o Domi contava a correria que fez do computador até à porta para "pegar" nos cigarros – que não precisava nem de perguntar ao colaborador da empresa se estava tudo bem com ele nem precisava de perder tempo a dar o dinheiro e a receber o troco porque já tinha pago *online* –, eu via a loja da janela dele e via um drone a entregar-lhe os cigarros pela janela. Ter visto isto, não foi uma ideia, daquelas "tive uma ideia brilhante(!)", porque eu não a quis; se eu a quisesse teria ido a correr registar a minha patente no Registo da Propriedade Industrial e teria lançado uma *startup*. O que eu vi, foi um grande filme de terror, o Domi a ser o ator principal e a empresa que ele tinha contrato a ser a realizadora desse filme de terror.

Como na Califórnia 70% da energia elétrica é proveniente de energias renováveis, previa muito bem que a empresa que ele contratou em Lisboa para lhe levar os cigarros começasse a fazer entregas de drones na Califórnia. Disse-lhe que não achava "normal" ele ter "chamado" uma empresa para lhe comprar cigarros na loja à frente da casa dele para lhe entregar os cigarros em casa e que o jogo não era desculpa nenhuma, porque eu sabia perfeitamente que ele costumava comprar comida pedindo a essa

empresa que lhe fosse comprar o jantar num restaurante a 300 metros da casa dele e lhe fosse levar a casa, simplesmente porque não lhe apetecia "ter que" sair de casa. E disse-lhe que ele seria o culpado por perpetuar o novo mercado de entrega de drones que se iria instalar! Lembro-me como se fosse ontem da Sara se ter começado a rir e ter feito pouco daquilo que eu estava a dizer. Chamou-me paranóico!

Talvez, se a Sara tivesse lido a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e o *2080* de Antoine Canary-Wharf, a priminha Sara teria visto os enxames que eu vi. Talvez se a priminha Sara me visse debaixo da minha nespereira cheia de abelhas, e viesse comigo para baixo da minha nespereira por uma hora, viria porque é que há zumbidos que queremos proteger, que temos que proteger! Porque é que há enxames que temos que destruir para proteger os das nossas abelhas! Os drones são como vespas asiáticas! São um atentado para as nossas abelhas! Elas não gostam de drones! E as vespas asiáticas não gostam delas! Eu odeio vespas asiáticas! E adoro abelhas! Não podemos gostar de abelhas e vespas asiáticas ao mesmo tempo! Porque as vespas asiáticas roubam o mel das abelhas, destroem os ninhos das abelhas e matam as nossas abelhas! Os drones enlouquecem e enxotam as abelhas! E o facto de se usar um drone, de um biólogo ou um ecologista ou um agricultor ou um botânico ou um apicultor usarem um drone, para procurar ninhos de vespas asiáticas e os destruírem numa determinada zona num determinado tempo, em nada justifica o uso de drones nem isso dita que os drones sejam amigos das abelhas, porque não são!

Quando nos levantámos da mesa do café, reparei que tinha sido instalada uma câmara que não estava lá no ano

passado. Eu e o Fred, vemos sempre se há câmaras ou não quando vamos a um sítio, quando nos queremos sentar à-vontade em algum lado. Se queríamos sentar numa mesa, mas está uma câmara apontada para a nossa mesa, pedimos outra mesa e se não houver outra mesa, vamos, como é lógico, como é óbvio, embora daquele restaurante que não é restaurante nenhum, é *masé* um laboratório tecnológico! Ou isso, ou um restaurante criminoso! Peguei no meu telefone, enfrentei a câmara e fotografei-lhe a marca e o modelo. Saí dali e em casa pesquisei o modelo e constatei que aquela câmara processava a voz, ou seja, fazia gravação do som, ou seja, que processou a nossa conversa toda. Reportei o caso à Comissão Nacional de Proteção de Dados. Sabia que aquele café fazia fortuna bastante para pagar uma multa da Comissão Nacional de Proteção de Dados. Fiquei depois a saber que o dono do café adquiriu ações na empresa que o Domi contrata para lhe entregar a comida e os cigarros em casa, que tinha andado a ver a legislação sobre drones e aeronaves e fez as malas para a Califórnia.

Talvez o meu medo dos drones, seja mais um mecanismo de defesa, do perigo que eu vejo. De ver como anda tudo ao telefone, sem respeito nenhum pela imagem de ninguém, como anda tudo a filmar tudo, a fazer grandes raios-X no ar com os telefones *supertecnológicos* que ligados à Internet e ao GPS estão permanentemente a enviar a localização das pessoas que as câmaras dos telefones veem, e isso não é justo! Não é justo eu estar de mãos dadas com o Fred e uma pessoa que vai a escrever no telefone a andar – que é uma coisa que não se percebe, como é que alguém anda a olhar para o telefone – vir a apontar a câmara para mim e para o Fred e enquanto nos está a apontar,

sem querer, está ali a acontecer um sofisticado reconhecimento facial e o telefone "já sabe" que sou eu e o Fred que vamos ali de mãos dadas e já está a depositar essa informação no já famoso *Big Data*. Eu não ando de mãos dadas em qualquer sítio com o Fred! Sei que em alguns sítios, na atual sociedade mundial, seria um suicídio!

Há sítios onde sei que posso andar de mãos dadas com o Fred e noutros sítios sei que não posso; e isso, não nos frusta nada, porque são mais os sítios onde podemos andar livremente de mãos dadas dos que não podemos. Uma coisa é eu e o Fred ficarmos gravados aos olhos de um hacker nazi homofóbico que nos quer violar, que me quer roubar do Fred, que me quer abrir o cérebro, que me quer esmagar o coração. Outra coisa é eu e o Fred ficarmos gravados no telefone ou na rede do hacker nazi homofóbico que nos quer partilhar numa rede criminosa virtual em que os criminosos saem da rede virtual para a vida real cheios de testosterona prontos "para rebentar um gajo" num beco qualquer. E portanto, quando eu dou as mãos ao Fred numa praça, naquela praça, é porque não me importo de me reputar ali namorado do Fred, mas não me importo ali naquela praça; é porque eu e o Fred não nos importámos de nos reputarmos namorado um do outro ali naquela praça, é porque quisemos francamente ali reputarmos, porque nos sentimos seguros ali em reputar-nos, mas sentimo-nos seguros ali, ali, na praça do Restauradores, não na praça do Rossio, que é logo a seguir e está cheio de *chungaria*. E, portanto, aquela praça onde demos as mãos, não pode de repente transformar-se numa praça virtual!

Sabíamos que estavam nazis no Rossio, que estavam os meus avós no Rossio, que estava um gangue um pouco

complicado no Rossio; mas nem o gangue, nem os nazis, nem os meus avós estavam nos Restauradores, e foi por isso que demos as mãos até aos Restauradores, e antes de deixarmos os Restauradores e entrarmos no Rossio – que são duas lindas praças lisboetas uma a seguir à outra – largámos as mãos por causa dos nazis, do gangue e dos meus avós. Eu tenho olhos. Ando com os olhos na rua! Não ando com o telefone nem com aplicações na rua! Não tenho que andar com os olhos postos numa aplicação em que veja se há ali nazis ou não. Como não tenho que andar com os olhos postos numa aplicação para ver se há ali drones a voar ou não. Bastam-me os, meus, olhos! Têm que bastar os meus olhos! E, portanto, eu adapto-me ao meio consoante aquilo que eu vejo; e o telefone não pode tornar-se uma desvantagem para mim, porque não uso uma aplicação de localização de nazis nem o telefone se pode tornar uma vantagem para quem o usa como uma extensão de olhos tecnológicos. De olhos tecnológicos que estão no Rossio, mas que me estão a ver a mim e ao Fred a dar as mãos nos Restauradores. De olhos tecnológicos que estão em Lisboa, mas que me estão a ver num penhasco sueco ou num fiorde norueguês a dar um longo beijo ao Fred, por causa de um drone que apareceu do nada a voar; quando eu e o Fred pagámos uma fortuna de gasolina – e ainda por cima de gasolina sintética que não polui, porque é neutra em carbono – para irmos de jipe até aquele penhasco ou para aquele fiorde namorarmos, porque sabíamos que não estava lá ninguém; que nos pusemos aos beijinhos no penhasco, porque não estava lá ninguém, e porque com a tecnologia humana dos nossos olhos não vimos ninguém.

Ora, vir um primo meu a correr a filmar-nos nos Restauradores e enviar o filme em milésimos de segundos aos meus avós, quando eu sabia que os meus avós não nos podiam ali ver de mãos dadas, não é justo! Há primos e tios que dizem à minha avó que eu tenho namorado, porque querem vê-la a rasgar o testamento que ela fez para mim. Um testamento cheio de amor, que me institui como herdeiro de todo o amor dela! Sabem que a religião dela condena que eu tenha um namorado e não tenha uma namorada e sabem que fiel como ela é à sua igreja, isso faria com que destruísse todo o carinho, todo o amor por mim. Porque há religiões que fazem isso! Que fazem fazer isso! Mas o Direito deixa-as sobreviver no nosso Sistema! Não as condena e, por isso, eu também não as condeno! Mas não as condeno, porque consigo escapar-lhes! Não apresento o Fred como meu namorado à minha avó, mas apresento-lhe como um grande amigo, e pronto! Se a minha avó me perguntava pela minha namorada eu dizia que ela estava boa, quando não tinha namorada nenhuma.

Antes do Fred ter descolado de uma das luas de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, algures da gelada *Europa*, e ter aterrado aqui na minha Terra, para me entregar em mãos uma carta tecnológica, a perguntar se eu queria namorar com ele, e me fez assinalar com um "X" no respetivo quadrado, sempre que a minha avó me perguntava sobre a minha namorada eu dizia que estava tudo bem. Mas depois de ter assinalado o "X" no quadradinho desenhado à mão do "Aceito" na carta tecnológica que devolvi logo no segundo a seguir ao Fred, sempre que a minha avó me perguntava sobre a minha namorada eu dizia que tínhamos acabado e que agora queria era focar-me nos estudos e que tinha

muito tempo para namorar; e claro que a minha avó aceitava muito bem a minha resposta, porque metia os estudos ao barulho. Mas houve quem quisesse fazer outro barulho aos ouvidos da minha avó!

Uma coisa é eu aderir às fantasias de alguém que eu gosto, alguém de quem amo, alguém por quem tenho muito respeito, por quem tenho laços, por quem tenho memórias. Ouvir as fantasias de alguém, participar nessas fantasias e nesse mundo fantástico, nesse fantástico mundo espiritual, não faz de mim nem hipócrita, nem sonso, nem fingido, nem nada disso! Faz-me ser humano e inteligente! A minha avó tem outra idade, tem outro tempo, viu outras coisas que eu não vi, esteve em muitas coisas, suportou muitas coisas, venceu muitas coisas, venceu aquilo que tinha que vencer, é uma verdadeira vencedora!! E os seus 98 anos, que mais parecem uns 65, são a prova viva disso! Que nasceu para vencer! E eu não nasci para confrontá-la! Por causa dela, eu hoje estou aos braços do Fred! Por causa dela, eu existo! Por causa dela, eu vivi tudo como vivi e vi como vi! E temos tantas coisas para falar, tantas histórias, tantas memórias para contar, que o nosso amor não tem que sequer passar pelo meu namoro com o Fred; e não é por não falar do Fred com a minha avó que deixo de gostar menos do Fred. Se falo do meu namoro com tantas pessoas de quem gosto, se há tantos amigos, primos e tios a participarem no meu namoro – e ainda que só tivesse 1 amigo ou 1 primo ou 1 tio para falar ou ainda que só 1 amigo ou 1 primo ou 1 tio participasse no meu namoro –, porque é que vou falar do meu namoro a alguém que não vê bem, que não vê natural? Que seria um verdadeiro desgosto? Eu posso respeitar isto! Não tenho que respeitar, é claro! Mas posso respeitar! E

tanto que posso, que quero! Porque é a minha vida! Só eu é que sei geri-la! Só eu é que posso geri-la! E posso ter um namorado que sei que será o meu eterno marido e posso dizer à minha avó que é tudo mentira que não tenho namorado nenhum e ainda assim não ser mentiroso nenhum.

Porque para a minha avó "o neto querido dela" não pode ser um homossexual porque "está escrito na Bíblia" que um homem deitar-se com outro homem é uma "prática" homossexual e que "essa prática" – que quase parece, que estamos a falar de um ritual – é uma imoralidade sexual e que Deus "fez" o homem para estar com a mulher e para encherem a terra, para fecundarem e fecundarem e fecundarem e para não se preocuparem nem com a *superpopulação* nem com os recursos, porque os recursos da Terra são infinitos e que 7 bilhões agora ou 9 bilhões amanhã podem continuar a fecundar à vontade e a gastar os recursos todos da Terra, porque são infinitos. Se eu tivesse sido um dos profetas, do tempo das escrituras, tenho a certeza que Deus teria dito para eu escrever a todos os homofóbicos que não deviam de ter medo dos gays, mas dos seus amigos héteros, porque de certeza absoluta que não iriam encontrar o seu amigo gay deitado na cama com a sua mulher!

Teria escrito sob as doces ordens divinas, que os homofóbicos não deviam ter medo dos gays, mas dos seus amigos héteros, porque os seus amigos gays não seduzem as mulheres deles, e se olharem por acaso para as mamas das mulheres deles, é porque olharam por acaso e por acaso, não ficaram cheios de *tusa* como os seus amigos héteros. Teria escrito sob melosas instruções divinas, que as chances para um hétero se reproduzir, aumentam quanto mais gays houver, porque "esses"

gays vão estão fora "dessa" competição dos genes, dessa competição pela reprodução, dessa competição pelas mulheres. E que, portanto, os héteros deviam ficar felizes e contentes quando veem gays, quando sabem que há gays, porque afinal a ligação que os une pode ser uma verdadeira simbiose! Que pode ser um gay que descubra o cancro do útero que a mulher de um hétero tem. Que pode ser um gay que cure a cegueira de um hétero e que o hétero possa voltar a ver a beleza da sua mulher, quão bela é a sua mulher! Que pode ser um gay que explique tão bem a física e a matemática ao filho de um hétero que o faça passar no exame determinante para entrar numa agência espacial.

Que pode ser um gay que explique que só 20% do sinal Wi-Fi é que é captado, é que é mesmo utilizado, porque os outros 80% dissipam-se, perdem-se, ou são absorvidos pelas plantas ou penetram na pele ou vão para as moléculas do ar e da água e que, portanto, não faz sentido nenhum estar-se a gastar milhões numa tecnologia que afinal não rende tanto numa Era de poupança e de maximização do rendimento energético! Que pode ser um gay que explique que quando as pessoas vão para o campo estão menos expostas à radiação, e por estarem no campo e o sinal no campo ser mais baixo, o telefone tem que aumentar muito mais o sinal que emite, logo se um telefone for usado no campo emitirá muito mais radiação do que se ele for usado na cidade onde o sinal está logo disponível, o que não significa que se tenha que instalar torres ou antenas no campo a emitirem também radiação no campo, porque já bastam as cidades radioativas e já basta usarem-se os telefones nas cidades. Que pode ser um casal de gays que matem a fome numa determinada região do mundo.

Que pode ser um casal de gays que erradique a pobreza e a miséria numa ilha ou numa aldeia.

Há muitas aldeias e há muitas ilhas, mas também há muitas pessoas com dinheiro, há muitos fundos de investimento. "Olha eu estou a tratar da pobreza aqui, por isso, tu tratas ali, que ali não há ainda ninguém a tratar", deveria ser para isto que a Internet das Coisas deveria ser instalada e não para ligar as pessoas aos seus frigoríficos, aos ser fornos ou aos seus robots! Que pode ser um gay que dê trabalho ao filho de um hétero e lhe pague um *ordenado de felicidade* que faça aumentar a qualidade de vida do seu pai homofóbico e que agora já pode ir viajar com a sua mulher, porque o patrão do seu filho paga viagens às famílias dos seus colaboradores nas suas empresas. Mas o pai homofóbico burro como tudo, estúpido como tudo, bronco como tudo, ainda há de chamar *paneleiro de merda* ao patrão do seu filho que lhe pagou a *merda* da viagem quando descobrir que o patrão do seu filho não tem mulher, mas tem marido!

Houve héteros mais inteligentes do que os seus pais homofóbicos que viram em mim um verdadeiro hospedeiro, porque sabiam que eu tinha primas giras, porque queriam cruzar os seus genes com os genes das minhas primas, porque imaginaram filhos lindos e uma vida cheia de sucesso com as minhas primas e fizeram-se meus amigos. Gabei-lhes a inteligência, mas não os quis alojar, não os quis trazer para as minhas sagas, teias e redes porque já tinha celebrado os meus contratos simbióticos. E quando celebramos certos contratos, outros contratos ficam de fora! Quando escolhemos certas partes, outras partes ficam de fora! As formigas-alfaite formam pontes com o corpo para se deslocarem mais depressa, por entre mangas

e mangueiras, fazendo ninhos de folhas. Cortam as folhas da mangueira para fazer os ninhos, usando as larvas para colarem as folhas. As formigas devoram as pragas. E um dono de uma quinta de mangas contratou com o Direito da Ecologia, um exército de formigas-alfaiate. E o dono da quinta de mangas usou fios encarnados "a fazer de ponte" para as formigas-alfaiate fazerem mais ninhos. O dono das mangas escolheu contratar com as formigas, ficando de fora as pragas!

As psicadélicas de dorso-branco alimentam-se da seiva do cereal de arroz, inibindo a sua produção. Os agricultores tailandeses aliaram-se a um inseticida natural: aos 300 mil morcegos de cauda livre que devoram as psicadélicas. Desta sorte, 25 mil pessoas podem ser alimentadas de arroz. As alianças e os contratos promovem a manutenção da harmonia da Natureza… Porque há bons contratos! Esta aliança não poderia contratar ao mesmo tempo com as psicadélicas e com os morcegos. A simbiose dos agricultores com os morcegos faz superar a fome da *superpopulação*. Mas se houvesse aqui drones a sobrevoar, esta simbiose não seria possível, porque os drones interfeririam com a tecnologia dos morcegos, interfeririam com a sua ecolocalização, ou seja, com as ondas ultrassónicas dos morcegos – isto sim(!), é que é uma verdadeira tecnologia(!), uma categoria!

Os morcegos são nossos amigos! Mas são nossos amigos à distância! São portadores de inúmeras doenças, inúmeros vírus, mas por alguma razão a tecnologia das suas ondas ultrassónicas impede-os de chegarem a nós! O que é suposto é eles estarem distante de nós! A própria tecnologia deles, protegem-nos. Eles "mandam-nos" as ondas, as ondas deles batem em nós, voltam para eles e eles já sabem que estamos ali e por saberem

sobrevoam-nos sempre a uma distância de segurança, de forma a não nos contaminarem. Querem melhor tecnologia que esta? Eles são mais tecnológicos daquilo que nós pensamos. Eles sabem que são portadores de vírus. Mas podemos caminhar à-vontade com eles a sobrevoarem-nos que não vamos apanhar os vírus deles. O que não podemos fazer é pô-los nas nossas panelas. Os morcegos não são para se comer. Os morcegos são para ficar fora das nossas panelas. Se os comermos vamos apanhar o vírus que a Natureza nos encomendou! Temos que saber interpretar as encomendas da Natureza: os morcegos, os porcos, as vacas, os toiros, as renas, as ovelhas, os cangurus, os cavalos, os cães, os golfinhos não são para se comer!

E eu por mais que falasse de simbiose, de seleção natural, de superpopulação, de amor, de que há imensas espécies de animais que têm ligações homossexuais ou homoafetivas, a minha avó a ir buscar a Bíblia iria dizer-me que eu e o Fred não somos cisnes negros nem patos reais. Que não somos chimpanzés-pigmeus nem macacos japoneses. Que não somos nem morsas nem bisontes, que não somos ovelhas nem hienas, que não somos baleias cinzentas nem botos-cor-de-rosa. Que os golfinhos homossexuais se metem com todos os outros golfinhos, e que não se veem os leões a andarem atrás das leoas, porque os leões envolvem-se é com as leoas, não com os leões.

E enquanto eu dissesse à minha avó, já com a Bíblia na mão a vir sentar-se comigo no sofá, que eu e o Fred não somos cisnes negros porque não fazemos trios com nenhuma fêmea até ela pôr um ovo para depois a expulsarmos do trio ou que não roubamos os ovos dos cisnes heterossexuais, nem somos patos reais porque não ficamos com as patas só até elas porem os ovos,

que não somos chimpanzés nem macacos porque não praticamos sexo só para evitar conflitos ou só para criar laços afetivos ou só para nos aproximarmos de membros dominantes ou só para ganharmos mais *status*, que não somos morsas porque não somos bis e não nos envolvemos só com as fêmeas para nos reproduzir, nem somos bisontes porque na época de acasalamento não copulamos várias vezes ao dia com outros machos – que nem sequer temos "uma época" de acasalamento ou uma época "para" acasalar, e que mesmo que tivéssemos "uma época" não copularíamos com outros machos senão um com o outro –, que não somos hienas nem ovelhas porque elas no seu homossexualismo são poligâmicas – e nós somos monogâmicos –, que não somos baleias cinzentas porque não nos pomos a nadar de barrigas coladas a roçarmos as pilinhas em secretas orgias homossexuais no fundo do mar, nem que somos brotos-cor-de-rosa porque nem organizamos nem participamos em orgias nem temos nenhum fetiche sexual nasal; que é verdade que muitos golfinhos por serem um animal sexualmente ativo – e por serem um animal e não serem humanos – têm vários parceiros sexuais, mas que também é verdade que há um caso de 2 golfinhos homossexuais monogâmicos juntos há 17 anos e que me basta esse caso para poder dizer que nem todos os golfinhos homossexuais se metem com todos os golfinhos e me basta o meu caso com o Fred para poder dizer que nem todos os homossexuais se metem com todos os homens porque nós não nos metemos e que 8% dos leões não andam atrás de leoas mas de leões, porque 8% dos leões são homossexuais – e que, já agora, se até os leões se deitam com leões, então é porque os homens se podem deitar com homens, e que não sou eu e o Fred que dizemos isto, mas a Natureza e o Amor que dizem isto! –; a

minha avó faria ouvidos moucos disto tudo e responder-me-ia que a *Bíblia dela* diz que não me deitarei com outro homem, como se fosse mulher, porque senão cometo *toevah* (em Coríntios 6:9-12) e que nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões haveriam de herdar o reino de Deus (em Levítico 18:22). E eu teria que me calar!

Ouvir e calar! Ficar calado! Mas no meu espiritual mundo fantástico diria à minha avó, à minha tia Constança Pritam, à minha prima Matilde Pritam, à minha prima Mariana Pritam, à minha prima Leonor Pitta – que agora é freira e que por ter ficado a saber que eu tinha um namorado disse-me, na nossa última despedida, que continuava a amar-me "mesmo sabendo" que aquilo que eu estava a fazer não era certo e "era uma pena", porque era um pecado aos olhos de Deus, mas que tinha muita fé em mim e que ia rezar muito por mim para ver "se aquilo" "me passava", se eu me arrependia seriamente e para Deus perante o meu sincero arrependimento me perdoar –, que na *Bíblia delas* eu via que não me deitaria com o Fred, como se fosse mulher no templo de Moloch e que quem não iria herdar ou possuir o reino de Deus eram os impuros, os idólatras, os adúlteros, os "moralmente fracos", nem os promíscuos, nem os ladrões e que a *Bíblia delas* não era um livro ou um manual sobre sexualidade, mas um livro sobre a história amorosa de Deus para com a Terra, numa amorosa labuta e faina de regaste, renovação e capacitação da humanidade.

No meu direito fundamental de liberdade religiosa, o meu juízo privado dos textos bíblicos dizia-me muito intuitivamente para preferir e seguir a minha interpretação do que a

interpretação dos outros. Seguir a interpretação dos outros, os preconceitos dos outros, a mente dos outros, as ideias dos outros, as ambições dos outros, as instituições dos outros, faz-nos ir parar a igrejas, partidos, empresas e nuvens que são o antónimo do nosso coração, da nossa alma e da nossa felicidade. Não tem mal nenhum seguirmos as ideias dos outros, quando as ideias dos outros são as nossas ideias. Não tem mal nenhum estar nas ideias dos outros quando essas ideias não nos asfixiam, quando não nos esmagam o coração. Não tem mal nenhum deixar as ideias dos outros perpetuarem dentro do *meu sistema*, se essas ideias namorarem e casarem com as minhas ideias. Porque as ideias dos outros podem tornar reais as minhas ideias. As ideias dos outros podem ser uma ponte para as minhas ideias. As ideias dos outros podem ser os muros, os castelos, as fortalezas das minhas ideias. Mas há ideias que podem matar todas as nossas ideias. Há ideias que podem matar toda a nossa liberdade. Há ideias que podem matar toda a nossa espiritualidade. Há ideias que podem matar toda a nossa religiosidade. E por isso, é que há ideias e fantasias melhor que outras.

Há fantasias boas que fazem perpetuar a paz, a segurança, a liberdade, a tolerância e o amor dentro do *meu sistema*. E é por isso, que devemos ficar atentos há proliferação e há perpetuação de ideias, de ideais, que são ideias mentais, ideais que vêm de uma mente, de um humano. Porque se há ideias e tecnologias que nos dão paz, também há ideias religiosas que matam! Há ideias tecnológicas que matam! A religião é uma sofisticada tecnologia, tão sofisticada, que funciona até à distância. É um sofisticado software que podemos instalar nas mentes humanas, como se fosse um *chip*; ou até melhor que um *chip*! É um programa

tecnológico! E há programas tecnológicos perigosíssimos, e por isso é que devemos ficar atentos à proliferação de ideias tecnológicas que se transformam rapidamente em programas tecnológicos que se instalam rapidamente nas mentes tecnológicas humanas. Porque as mentes humanas são *supertecnológicas*, e por isso é que se agarram tanto à tecnologia; por isso, se agarram tanto às ideias tecnológicas dos outros e ficam ali agarradas, e pronto! Não saem depois mais dali! A tecnologia, a ideia, foi tão poderosa que prendeu ali a mente! E a mente já não vai mais sair dali! Vai ficar por ali!…

A *Bíblia Tecnológica* d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, que é tecnologicamente a *Palavra Tecnológica Mais Tecnológica*, a *Palavra Mais Tecnologicamente Sagrada* ou a *Palavra Mais Perfeita Tecnologicamente,* não poderia ser pervertida como foi a Bíblia para defender batalhas sanguissedentas, inquisições sanguissedentas, rituais sanguissedentos, cruentes escravaturas, cruentes nazismos, cruentes holocaustos e cruentes preconceitos sanguissedentos! Mas essa *Bíblia Tecnológica* não poderia ser pervertida, porque a tecnologia que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom instalou lá nessa *Bíblia Tecnológica* é tão clara, tão tecnologicamente limpa, sem poluir e viciar nada, que desde logo não o permitiria! É a própria tecnologia que está lá instalada na palavra, em cada palavra, que não deixa sobejar dúvidas: paz, segurança, liberdade, tolerância e amor. Porque as premissas, as bases, as fórmulas, são sempre as mesmas! Os algoritmos são sempre os mesmos!

A verdade, a realidade, é só uma: que estamos em pleno século XXI e os preconceitos, as estupidezes, as burrices dos séculos XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX ainda se repetem, se multiplicam, viciam e dão cabo do século XXI. As imensas

traduções, as imensas interpretações, as imensas doutrinas deram lugar a imensas igrejas que olham para a Bíblia de forma diferente. Se a Bíblia fosse um pouco mais tecnológica isso não aconteceria! Mas como a Bíblia não é tecnológica, cada um que lhe pega vai vendo a tecnologia dela onde quer. Houve quem tivesse encontrado um capítulo ou um versículo que aparentemente sustentava o seu preconceito e passasse uma vida inteira de arma na mão a citá-lo. E como a estupidez, a burrice e o preconceito são vícios cíclicos, que não há maneira de desaparecerem do *nosso sistema*, haverá quem volte a encontrar esses versículos e de drone no ar e comando na mão vá a citá-los perseguindo os seus alvos. Não sei que algoritmos a minha avó, as minhas primas Leonor, Matilde e Mariana e a minha tia Constança, poriam nos seus drones-alvo, para avistar novos discípulos, mas sei que os algoritmos que instalaram nas *Bíblias delas* ditariam que eu e o Fred não poderíamos namorar. Que eu teria que ir arranjar uma namorada e o Fred teria que ir arranjar outra para ele.

Onde algumas Bíblias têm escrito "sodomitas" outras têm escritas "homossexuais". Onde algumas Bíblias têm escrito "efeminados", outras têm escritas "preguiçosos". As da minha avó, das minhas primas Mariana e Matilde e da minha tia Constança Pritam são das que têm escritas "homossexuais" e "efeminados". A Bíblia da prima Leonor Pitta é outra. Na minha *Bíblia Tecnológica* d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, só diz que "todos os maus" não herdarão o reino d'*O Deus Tecnológico*, porque "só os maus" é que não vão ter o *passaporte tecnológico* para andar lá nas *nuvens tecnológicas* e no reino tecnológico d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. E os maus podem

ser gays, bis ou héteros. E os bons podem ser gays, bis ou héteros. E a minha *Bíblia Tecnológica,* diz-me que na *Bíblia delas* houve flagrantes erros na tradução de termos gregos! E não é só a *minha Bíblia Tecnológica* que me diz que houve flagrantes erros na tradução de termos gregos na *Bíblia delas*, é também a Nova Bíblia Anotada Oxford – considerada academicamente a mais relevante – e a Bíblia de Jerusalém – a tradução mais respeitada no mundo teológico.

"Efeminado" seria a tradução errada de *malakoi* que significa "preguiçoso". Em "sodomitas", teria havido erro de tradução de *arsenokoitai* que significa homem com muitas camas, promíscuo e não homossexual, que pode ser homossexual ou heterossexual. Essas erradas traduções custaram milhões de mortes e continuam a custar milhares de mortes. Esses errados preconceitos custaram milhões de mortes e continuam a custar milhares de mortes. *Malakoi* significa literalmente "mole" ou "macio", mas já houve versões bíblicas que a traduziram como "depravados", "pervertidos", "efeminados", "meninos prostitutos", "homossexuais", porque há versões e mentes para tudo. Ainda que a palavra *malakoi* fosse traduzida como "efeminado", jamais deveria ser entendida como uma qualquer referência homossexual porquanto filologicamente falando "efeminado" sempre significou "tímido", "acanhado" e "mulherengo". *Arsenokoitai* remete ao conceito de prostituição cultual, quando meninos eram vendidos como prostitutos cultuais para os templos pagãs, como no templo de Moloch, ou quando "homens livres" se faziam de sacerdotes sexuais para se dedicarem a esses templos de frequente idolatria orgiástica e que essa prostituição cultual é que seria *toevah*, que é uma palavra que

no hebraico é sempre usada num contexto de ritual religioso, ou seja de impureza num sentido religioso.

Assim, biblicamente, todos os homossexuais poderão, sim, herdar o reino de Deus e quem não herdará serão esses prostitutos cultuais. Pode não ser esta a posição da Igreja da minha avó, das minhas primas Mariana e Matilde e da minha tia Constança Pritam, mas é a minha posição e a posição da Igreja Nacional Dinamarquesa, da Igreja da Islândia, da Igreja da Noruega, da Igreja da Finlândia e da Igreja da Suécia, que até realiza casamentos do mesmo sexo. E a posição destas igrejas é da mais extrema importância: paz, segurança, liberdade, tolerância e amor. Porque, por causa delas, dessas igrejas, não houve milhões de mortes.

Porque houve igrejas que salvaram! Que salvaram mesmo! Porque há igrejas que salvam erros, salvaguardam a evolução! Porque houve igrejas que corrigiram as deturpações, os preconceitos, as fantasias, os ideais e as doenças das mentes humanas. E, é por isso que, enquanto houver doentes dementes mentes humanas, presas em tronchudos corpulentos corpos humanos, robustas machuchas mãos humanas não podem esmagar corações, esmagando o botão do telecomando de drone nenhum! Não podem ter comandos na mão! É dar-lhes uma arma! Uma arma que dispara, que filma, que fotografa, que persegue, que atormenta e que polui o meio ambiente!

Porque os drones à atual sociedade humana mundial são extraterrestres! Parecem extraterrestres! Então, mas com gente a morrer à fome, com gente sem teto, vamos pôr-nos a sobrevoar por cima delas ao invés de lhes darmos um teto? Vamos pôr-nos

a filmar a miséria delas ao invés de eliminarmos-lhes a miséria? Parece uma cena extraterrestre! Então, mas ao invés de nos pormos a imprimir estufas autossustentáveis para nutrir os corpos dos pobres vamos pôr-nos a construir infraestruturas para carregar as baterias dos drones? Eu não digo que não se possam instalar drones, câmaras e Internet das Coisas por todo o lado, mas enquanto houver fome, miséria, pobreza, mendigagem não me parece muito boa ideia! Parecem mesmo instalações extraterrestres! Instalações fora do tempo! Instalações que não deviam ser para agora! Talvez, para depois, quando o Direito estiver um pouco mais a altura da tecnologia, quando perceber um pouco mais de tecnologia, quando for um pouco mais tecnológico. Talvez, quando o nosso Direito chegar aos calcanhares do *Direito Tecnológico* do *2080* de Antoine Canary-Wharf. Quando a sociedade for um pouco mais intelectual, quando respeitar um pouco mais a liberdade, quando for um pouco mais intuitiva. Porque nem o Direito nem a sociedade estão neste momento "prontos" para andar de comando na mão, ou de telefone na mão e drone no ar!

Do mesmo modo que miúdos e adultos andam cegos com o telefone a pisar tudo, a pisar flores, a destruir jardins e canteiros para apanhar os *Pokémon*, andam a pisar as flores e a furar os canteiros, a dar cabo dos canteiros do Jardim das Portas do Sol em Santarém e do Jardim da Gulbenkian em Lisboa – eles atropelaram-me e vi-os a darem cabo do jardins, por causa dos *Pókemon*, e se até a mim me atropelaram e se dão cabo dos jardins onde os vi a dar cabo, então é porque também estão a dar cabo de outros jardins e de outros direitos que não estou a ver porque não sou omnipresente, mas que consigo "ver" sem lá estar –, a

brincadeira vai repetir-se quando os *Pokémon* ou outros jogos chegarem aos drones, se já não chegaram – que hoje dizemos ou pensamos uma coisa e noutro canto do mundo já está a acontecer, já vai acontecer. No ar pode não haver flores, mas há direitos de imagem, direitos do bom ambiente, direito da reserva da intimidade e da vida privada, direito à vista e *direito à boa vista*, direitos esses que nós plantámos com muito amor e carinho aqui na Terra! Vão entrar no meu jardim e a câmara deles, ligada à Internet vai apanhar o *Pókemon* e vai apanhar-nos, a mim e ao Fred, como *bónus* aos beijinhos e vai enviar-nos para o *Big Data* e ainda vai mapear-me o jardim todo e eu não quero que nem os satélites nem GPS nenhum saibam os caminhos da minha casa!

Não quero que saibam quantas árvores tenho no meu jardim! Não quero que vejam quantas romãs dão as minhas romãzeiras, não quero que vejam quantos diospiros dão os meus diospireiros, não quero que me vejam como fico deitado ao sol e ao peito do Fred, não quero que vejam quantos objetos tenho no meu alpendre, não quero que vejam como faço festas aos meus cães, não quero que vejam nada disso e tenho o direito de querer que não vejam nada disso! Porque o meu direito de propriedade aéreo não pode ser sacrificado por causa dos caprichos tecnológicos de mentes que estão a arder em febre com os drones! Eu no meu jardim tenho direitos de propriedade aéreos! Se não os veem, é porque deviam deixar a tecnologia de lado, porque eu sem óculos de realidade virtual aumentada, vejo muito bem os meus direitos e eu não posso perder os meus direitos no meu jardim por causa dos drones! Nem sequer posso perder os direitos que tenho de estar numa montanha a fazer um piquenique com o Fred como sempre fazemos – quando não o

fazemos nos jardins ou nas praias – e de não sermos sobrevoados por nenhum drone, como já fomos! Se o Código Drone estivesse bem feito eu não me preocupava tanto com os drones, mas o código está muito mal feito, mas mesmo muito, muito, muito, mal feito!

Não posso sobrevoar um grupo de 12 pessoas, mas de 11 já posso? Então, quase que vale dizer que para não sermos sobrevoados e "capturados" temos que estar num grupo de 12 pessoas, o que não faz sentido nenhum! Os drones são usados sobretudo para filmagens e captação de imagens. E a única coisa que o Código Drone diz sobre a privacidade é para respeitar a privacidade de todos porque "os direitos fundamentais de qualquer cidadão contemplam o respeito pela sua privacidade e a proteção dos seus dados pessoais" dizendo numa linguagem muito despida e descontraída numa questão extremamente sensível que "o teu drone pode interferir com esses direitos, especialmente se o usares para a captação de imagens"…? Pois alguém que lê isto, e que não quer saber dos direitos de ninguém e seja um selvagem na sociedade intelectual de direitos que vivemos vai, pois, pôr-se a sobrevoar por onde quer, como já voa, violando permanentemente os direitos fundamentais de todos! É que o código nem sequer impõem uma altura! A única altura que impõe é para os drones-brinquedos para crianças, dizendo que a distância mínima deverá ser de 30 metros, mas nem sequer é por causa dos direitos de personalidade, imagem, intimidade, privacidade, dados e dignidade.

Mas mesmo que se impusesse uma altura mínima, de 15, 20 ou 30 metros, por causa dos direitos de imagem, de nada valeria se eu arranjar um drone com 5 espetaculares câmaras

potentíssimas que é indiferente eu estar a essa altura, porque com o *zoomzinho* eu aproximo e capto tudo nitidamente e tudo nuamente! Porque foi horrível eu estar uma vez a namorar com o Fred num terraço abandonado que encontrámos num jardim gigante onde ninguém nos via e ter aparecido um drone e ter ficado ali a olhar para nós e obrigado a sairmos dali a correr. E foi outra vez horrível estar com o Fred num miradoiro deserto com uma vista aérea sobre a paradisíaca ilha onde estávamos e no exato momento em que o Fred me ia roubar um beijo aparecer um drone "sem piloto" vindo lá de baixo! É horrível essa sensação!!!! Horrível!!!! Como é horrível aparecer um drone à nossa janela! Eu na altura não tinha pistola anti-drone, mas hoje já tenho e se um drone voltar a aparecer-me à frente a filmar-me eu disparo com a pistola e dou cabo dele, destruo por completo e levo o proprietário ao Tribunal Penal Tecnológico de *2080* de Antoine Canary-Wharf. Mas que brincadeira vem a ser esta afinal? Mas qual é que é a ideia afinal do Direito? Uma nova economia dos processos de drone no tribunal? É que vai ser uma nova economia… Qual é a ideia?

Se calhar, para as pessoas que se põem a partilhar tudo, a filmar tudo, a terem conversas com todos e em todo o lado, se calhar estão se nas tintas se há câmaras que processam a voz, se há drones a sobrevoarem e a filmarem, se os microfones dos telefones ligados à Internet depositam ou não a conversa no *Big Data* ou se a conversa é ou não *hackeada* por um hacker qualquer ou se é vendida a um empresário de ideias tecnológicas qualquer ou se o dono da câmara rebobina, congela e avança como quer nas conversas que inconstitucionalmente, ilegalmente, ilicitamente, imoralmente e ilegitimamente se tornou dono, se

apoderou, se apropriou delas – mas quem é que lhe deu a legitimidade?

O Direito??? Que Direito é esse???? Só se for um Direito ilícito, perverso e aberrante que também foi parar ao mercado dos dados ou que se anda a deitar na cama dos empresários de dados ou que anda em cultos de dados orgiásticos ou anda simplesmente drogado, só pode! Mas eu não me estou nas tintas! Não me estou nas tintas, nem estou drogado, porque não me drogo, nem deixo que me droguem! Eu e o Fred não andamos por aí drogados nem bêbados! Bebemos uns copos com os nossos primos, com os nossos amigos, mas não nos metemos nos copos onde há câmaras! Não nos pomos a filosofar onde há telefones *supertecnológicos* ligados permanentemente à Internet que adoram escutar e processar tudo! E quando vamos ao mercado, vamos de mãos dadas, com os cérebros ligados um ao outro, apaixonados um pelo outro, mas lúcidos!

Quando vemos um robot aspirador queremos comprar, porque sabemos que vai dar jeito, mas queremos comprar um e vamos comprar um que não tenhamos que ligá-lo à Internet, para não se pôr a mapear a nossa casa e, de repente, a planta tecnológica da nossa casa ir parar às mãos do ladrão que está à nossa porta a *hackear* o nosso robot! Quando vemos um robot aspirador que comunica com o robot esfregona e que ouve as instruções que dou à esfregona, mas também ouve o que eu digo ao Fred, sabemos que não queremos nem vamos comprar! Se calhar, também nos dá jeito ter um robot esfregona, mas sem um chip, sem que aquele robot, aquele telefone, aquela tecnologia, aquele produto seja um chip dentro da nossa casa, e que funcione sem estar ligado à Internet, porque é mesmo esse que vamos

comprar! Não precisamos que o aspirador comunique com a esfregona, nem precisamos de sensores nem nada, porque há interruptores!

Haver sensores que nos ouvem a dizer "ligar a luz" é porque, os chips dos sensores "vão ouvir" tudo o que eu e o Fred dissermos e não dissermos até dizermos "desligar a luz". Ainda bem que eu e o Fred não achamos piada nenhuma a hotéis. Talvez não achemos piada, porque as nossas camas já são *king size* e os nossos quartos já são bonitos e luxuosos, mas se achássemos piada a hotéis certamente não iríamos achar piada a um quarto *supertecnológico* que tivesse uma câmara e as mobílias ouvissem-nos *a fazer amor* e os copos e o champagne aparecessem a voar quando atingíssemos os dois o orgasmo! Porque isso não tem piada nenhuma! Nem sei, como é que o Direito poderia permitir essa flagrante violação de direitos de personalidade. De facto, o Código Civil no seu artigo 81º prevê uma limitação voluntária dos direitos de personalidade. O direito de imagem, o direito à intimidade e à vida privada, o direito de autor, o direito à honra, o direito à dignidade, são tudo direitos de personalidade.

Eu em Portugal, posso ir parar a um programa de *reality show*, porque o Direito permite que eu possa sacrificar aquele meu direito de imagem; é isso que quer dizer quando há "uma limitação voluntária de direitos de personalidade". Ou seja, eu de uma forma deliberada, livre, voluntária, esclarecida, quero limitar o meu direito de imagem, o meu direito de autor. Tudo o que eu disser no programa pode então ser processado, mas porque inscrevi-me num programa e porque celebrei um contrato em que limitei o meu direito de imagem e o "vendi" à TV. Se tiver 10 ideias brilhantes no programa, não posso esperar que o Direito

fique à porta dos registos à minha espera para ser eu a registar as ideias depois de sair do programa. Se eu disser 10 ideias, todos os 10 milhões de portugueses que estão a ver o programa, podem sair de casa a correr e ir registar as ideias que ouviram o concorrente a dizer! Ora e o Direito, como é amigo dos direitos de personalidade, e leva esses direitos muito a sério, deixa-me "sair do programa" se eu quiser para ir a correr registar as minhas ideias que "milagrosamente" as tive. Porque no número 2 do artigo 81º do Código Civil diz lá que a limitação voluntária, quando é legal, pode ser revogada. Ou seja, eu celebrei um contrato com a TV a dizer que estaria no programa por 3 meses, mas o Direito deixa-me ir lá e "anular" esse contrato.

Eu disse à TV que ficava no programa durante 3 meses, mas afinal já não quero mais ficar, quero é ir para casa e a caminho passar pelos registos que estão abertos até as 17h para registar as ideias que me saíram pela boca em pleno programa da vida real! E o Direito deixa, porque em causa, estão os tais direitos de personalidade, que o Direito leva a sério! Mas se leva a sério esses direitos, também leva muito a sério as indemnizações que as empresas têm direito, e por isso, o Direito deixa-me sair do programa quando eu quiser, mas se eu sair antes do contrato, antes do tempo, vou ter que pagar uma bela indeminização à TV, por causa dos prejuízos que eu causei às expectativas da TV, que diz o Direito que são legítimas expectativas – e por isso, é bom que as 10 ideias que eu tive milagrosamente deem dinheiro suficiente para eu pagar a indemnização por ter saído do programa da minha vida real! Então, talvez seja fácil imaginar-me a celebrar um contrato na receção de um hotel *supertecnológico* e às tantas já no quarto *supertecnológico* aperceber-me com o Fred da

espetacular armadilha tecnológica em que nos metemos; e o hotel vir com a mesma conversa, dizendo que não nos devolve o dinheiro, porque estavam com expectativas de nos ouvirem a gemer um com o outro, que já tinham prometido isso no mercado de dados e agora frustrámos-lhes as suas legítimas expetativas e que se quisermos o nosso dinheiro de volta, pelo menos, que tenhamos um orgasmo em alto e bom som para os chips e para os algoritmos deles processarem os nossos gemidos! Porque é isto que acontece em *2080* de Antoine Canary-Wharf…

Quem me dera poder ficar nas tintas para isto tudo, nem ter que escrever isto, mas não posso quando começo a ver as pessoas a andarem com bíblias, algoritmos, telefones ou com comandos de drones na mão… Não tem mal nenhum andar com uma bíblia na mão, desde que seja uma bíblia que passe uma mensagem bonita recheada de bons valores que nitidamente permitem uma instalação soberba de paz, tolerância e segurança! O que tem mal é andar com bíblias que dizem que eu não posso andar de mão dadas com o Fred, nem posso deitar-me com ele na cama, e por isso, gerarem-se grupos criminosos à nossa volta que nos querem aniquilar, porque estão agarradas àquela letra, porque são cegos por aquela letra, porque estão agarrados àquela tecnologia, porque há uma tecnologia nas bíblias.

Quem me dera que a liberdade delas, a tecnologia delas não interferisse com a minha liberdade, com a minha tecnologia. Mas interfere! E porque interfere, eu não me posso dar ao luxo de me ficar nas tintas, numa sociedade de informação *supertecnológica* numa Era híper tecnológica, em que o direito não está a ser tão tecnológico como devia! Proibir algumas tecnologias seria um sinal inteligente do direito, se fosse

tecnológico! Se fosse um direito preditivo, como os cérebros humanos que são preditivos!

Que antevejam as coisas – não é que adivinhem, é que as consigam prever! – que vejam as coisas, os crimes, o caos antes das coisas acontecerem, antes dos crimes se cometerem, antes do caos ser instalado – porque vai ser um inferno de drones! –, que se proíba antes as coisas, antes de se tornarem irreversíveis, impossíveis, infinitas, ganhado depois magicamente "novos direitos subjetivos"! Porque depois dos drones elétricos se tornarem sucata e já não houver mais lítio o que é que vamos fazer aos drones que nos custaram milhões de recursos da Terra, que nem parece que estamos numa Era de poupança dos recursos? Vamos fazer o quê? Agora que já temos tudo processado, já estamos cheios de dados, se calhar agora vamos é debruçar-nos nos dados, vamos é mexer nos dados, vamos é ver os dados, vamos trabalhar no petróleo que agora temos, tal como aconteceu na *Expressão dos Robots* depois da *Crise dos Algoritmos* em 2080 de Antoine Canary-Wharf.

Enquanto houver "bíblias" que dizem uma coisa e outras que dizem outra, nazis, gangues criminosos, listas nazis tecnológicas em que eu meto a lista dentro do drone e o drone vai eliminando com a metralhadora automática quem consta na lista, algoritmos e aplicações que assinalam os alvos das listas tecnológicas, eu não posso ter drones a voarem por aí à toa. Por muito que eu quisesse, não pude falar de drones em Contratos Públicos, porque na altura ainda ninguém falava… Além de que ainda não tinham saído estudos sobre os níveis de emissão. Por muito que eu já visse esses níveis de emissão, sem ciência, eu não podia falar sobre isso só com a minha intuição. E tive que esperar

pacientemente pela ciência. E como a ciência ainda não chegava com os seus estudos na mão e era hora de entrar naquela sala de aula jurídico-científica, tive que entrar sem telecomandos de drones na mão.

O Fred também lá estava na fila da frente ao lado do Xico na minha apresentação de Contratos Públicos. Eram os únicos na fila da frente, os outros colegas estavam distribuídos nas filas logo a seguir e na última estava a regente. Eu adorava aquela professora-regente. Só tinha falado com ela por causa das faltas do Xico, e nessa vez, como é natural, a professora não tinha nada sido simpática. Mas eu adorava-a! E o Xico também! Nós achávamo-la querida! Tinha um ar mesmo querido! Tinha um ar leve! Não tinha nada um ar pesado; andava com uma leveza de espírito que me apaixonava, e apaixonava-me ainda mais por saber que ser regente de um cadeirão daqueles, que está em permanente contato com *O Sistema*, e por isso, carregava com ela as maiores intrigas do *Sistema*, sabia tudo sobre *O Sistema*, e mesmo assim, andava como se nada passasse, como se a informação só passasse por ela. E eu adorava o *quispo* encarnado que ela costumava trazer. Trazia o *quispo* ou com uns botins muito chiques ou com uns ténis brancos de pele muito chiques, que eu sabia que eram de imitação de pele, porque a minha mãe também andava com uns daqueles. E, por causa da professora, eu comecei também a levar o meu *quispo* encarnado que somado a todas as minhas outras roupas com *griffe* faziam os meus colegas chamarem-me de *agrobeto* e capitalista.

Diziam-me que eu queria tanto salvar o mundo, que eu dizia que não ligava ao dinheiro, que andava com um telefone da idade da madeira, porque achava ridículo as pessoas gastarem um

ordenado mínimo num telefone, mas depois aparecia na faculdade num "bruto" Mercedes e com grandes roupas e grandes casacos que custavam três ou quatro ordenados mínimos se fosse preciso! E eu respondia-lhes, sempre em *cassete-riscada*, já um pouco saturado de me chamarem beto por tudo e por nada, que era um *capitalista inteligente dos recursos* e que estava a reutilizar *inteligentemente* os casacos que os meus primos, os meus tios e o meu pai me iam passando, que o casaco parecia novo porque quase não usava, mas que ele já tinha para cima de 10 anos e que eu não tinha nada que ver com o Mercedes porque não era meu! – (era do tio Xico, que nos levava a mim, ao Domi, ao Xico e à Carminho e nos deixava à porta da faculdade e seguia para o escritório dele de advogados na Avenida da Liberdade, a avenida mais cobiçada dos advogados e mais cara para se ter um escritório de advogados em Lisboa).

Eu nunca lhes tinha dito que achava as pessoas ridículas por comprarem telefones de 600€ ou 1000€, as pessoas têm liberdade de compra, devem é saber o que estão a comprar e estar um pouco mais informadas; mas o que eu lhes tinha dito, é que eu era incapaz de dar esse dinheiro para um telefone, quando ainda por cima, os telefones "estão feitos" hoje em dia para durarem pouquíssimo tempo, para as pessoas comprarem logo outro em 2 ou 3 anos – e 3 anos acho que já é muito… – que o ciclo de vida das baterias é muito mais curto; e como eu só uso o telefone para fazer chamadas, preferia mil vezes ficar com o meu telefone; que de certeza vai ver os mil e uns telefones e as gigantes pegadas ecológicas deles durante a vida; porque quando eu compro um telefone ou um carro, é para a vida; não compro para a seguir ter que comprar outro, compro para me durar uma

vida ou durar-me, mais ou menos uma vida, como é óbvio, como é lógico!

Havia uma meia fama que dizia que a professora era altamente exigente e rigorosa na linguagem jurídica e isso poderia ser um *handicap*, porque eu queria ali estar a falar um pouco desapegado desse rigor jurídico e falar mais com o coração como o tinha feito ao colo do Fred. E ele estava agora ali à minha frente, em baixo, e eu ali no palco, por cima dele, e eu só me queria teletransportar para o colo dele, para aquele colo dele. E lá me transportei.

Comecei por dizer que o meu interesse pelas considerações ambientais na contratação pública nascia antes de ter ingressado naquela cadeira de Direito Administrativo dos Contratos Públicos. O meu trabalho era sobre o *Green Public Procurement,* que basicamente é um instrumento voluntário de compras verdes para o estímulo da procura por bens e serviços mais sustentáveis orientado por uma política da União Europeia. As autoridades públicas da Europa, o Estado português, Estado dinamarquês, o Estado sueco, o Estado finlandês, o Estado norueguês, o Estado islandês, o Estado holandês, o Estado alemão, o Estado grego, o Estado italiano, o Estado francês, o Estado espanhol, todos eles e todos os outros, são grandes consumidores. Os Estados, ao usar os seus poderes de compra para escolher produtos, serviços e obras ecologicamente corretos, dão uma contribuição importante para o consumo e a produção sustentáveis. Para ser eficaz, o GPP (*Green Public Procurement*) exige a inclusão de critérios ambientais claros e verificáveis para produtos e serviços no processo de aquisição pública. A Comissão Europeia e vários países europeus desenvolveram

orientações nesta área, sob a forma de critérios GPP nacionais. No entanto, aos dias de hoje, o desafio da promoção e da adoção por mais órgãos do sector público para que o GPP se torne prática comum ainda permanece! Tal como o desafio de garantir que os requisitos de aquisição ecológicos sejam algo compatíveis entre os Estados-Membros, para impulsionar o mercado único de bens e serviços ambientalmente saudáveis.

Entendo o GPP como um bom escape jurídico para o continuado reeducar dos produtores, dos fornecedores, dos consumidores e sobretudo dos mercados. Reeducar no sentido de se chamar à colação a sensibilidade para os recursos naturais, humanos e intelectuais através dos avanços das ciências da natureza que rogam veementemente para o equilíbrio dos ecossistemas naturais sustentáveis, desacelerando o seu esgotamento, promovendo naturalmente, antes, o respeito pelas gerações presentes e vindoiras, perdoando toda a herança dos outros nossos genes, que enfim, foram desgravatando, às vezes, inocentemente os mantos sagrados da Terra. Este reeducar que parece agora mais pertencer, do que nunca, à Administração Pública outrossim vem autorizar de forma naturalmente fiel os condões genéticos da Terra, o reinventar da nova longevidade.

E nesta minha boa verdade, parece-me que só pondo a "boa" Administração Pública a administrar não os pulmões da Terra, mas a administrar toda aquela fumaça de mercado adjudicatário que quer contratar com os alvéolos e brônquios da arquitetura pulmonar adjudicante, é que talvez se consiga compelir empaticamente a garantia daquela arquitetura, a bons séculos vindoiros. Aprendi em Direito dos Contratos Públicos que a entidade adjudicante é normalmente a Administração

Pública, que nasceu neste mundo do Direito presa aos mantos da Terra, e a entidade adjudicatária é a destinatária do contrato, ou seja, a empresa que vai contratar com a Administração Pública. Mas para contratar há regras. Regras para concorrer aos concursos públicos que a Administração Pública vai lançando no sistema. A ideia é simples: ganha a empresa que for a melhor amiga do ambiente ou a mais barata ou a mais tecnológica ou a mais isto ou a mais aquilo, dependendo da política que se viva no país. Mas independentemente da política que hoje se viva no país, nós estamos acorrentados à Europa, e a Europa já disse que quer todas as administrações públicas a contratar com as empresas mais esverdeadas, mais sustentáveis. Era sobre isto que se tratava o meu trabalho.

Foi preciso eu ter escolhido a cadeira de Contratos Públicos, que era optativa, para entender a verdadeira linguagem do sistema. Porque nenhuma empresa pode explorar parques de estacionamento se não concorrer a um concurso público e ganhá-lo. A Administração Pública é como uma árvore, nasceu com as raízes agarradas a tudo, tudo está preso a ela, tudo o que é de domínio público é a ela "que pertence" e só ela é que pode decidir ir dando uns troncos a uns para explorarem e produzirem madeira, ir dando a uns azeitonas para explorarem e produzirem azeite, ir dando a uns os óleos dos caroços para explorarem e produzirem cremes, ir dando a uns as folhas para explorarem e produzirem chás e remédios. É mais ou menos isto o que se passa cá em Portugal.

E ninguém está posto de parte pela Administração Pública. Ninguém está posto de parte, porque a Administração Pública é a mãe do sistema, e nenhuma mãe põe de parte um

filho, mesmo que tenha 9, 10 ou 11 milhões de filhos. Somos todos filhos dela. Somos todos filhos do sistema. Mas a Administração, enfim, está um pouco cansada de ouvir todos os filhos, sempre com as suas ideias, cansada de ler propostas e mais propostas e mais propostas e lá precisou de arranjar uma data de secretárias e secretarias, e por isso, quando nós queremos contratar com a nossa mãe, como a nossa mãe está tão atarefada a gerir a política do país, se quisermos propor algum contrato terá que ser primeiro por intermédio das suas secretárias. Primeiro temos que falar com as secretárias que a nossa mãe arranjou, e lá se a proposta for boa, quanto melhor for, mais vamos ver a proposta a chegar perto da mãe, até que a nossa mãe nos chamará para celebrarmos definitivamente o contrato de exploração. A nossa mãe é uma empresária e não tem tempo para brincar em serviço. E nós ou olhamos o que se passa à nossa volta e queremos acompanhar o mercado, ou ficamos de fora! E não tem mal nenhum querermos ficar de fora! Podemos sempre ser clientes, ser consumidores.

Quando as empresas andam bem, pagam *ordenados de felicidade* aos seus colaboradores e trabalhadores, não poluem ou poluem muito pouco o ambiente, são amigos das árvores e dos animais, não há com que preocupar e podemos ficar para sempre do lado do cliente ou do consumidor. Se os produtos que eu compro no mercado são realmente bons para o meu organismo, não põem a minha saúde em xeque, nem a minha privacidade, nem os meus dados, nem a minha integridade, nem a minha honra, eu não me importo nada de ficar para sempre do lado do cliente! Mas se vemos que as empresas não andam bem, que há circos com elefantes presos, eu vou querer também montar o

meu circo, ganhar a licença para ser eu a montar o meu circo na feira e não o outro circo, porque no meu circo não há elefantes presos! Uso por exemplo um holograma, já que estamos no tempo dos hologramas, posso chegar em boa hora com um holograma de elefante. E perante o meu circo e o circo do outro, a Administração Pública fica obrigada a contratar comigo, porque o meu circo, que é a minha empresa, é mais sustentável que o do outro, porque eu não ando com a alma pesada a transportar elefantes de um lado para o outro.

Todo o nosso Direito é muito espiritual. Está cheio de alma! É por isto, que eu vejo o Direito dos Contratos Públicos com bons olhos. Porque para se conseguir contratar com a Administração Pública é preciso ter uma série de critérios. A Administração Pública agora vai ouvir! Ela está a ouvir! E ela quer ouvir! Mas ela quer ouvir é boas propostas! Se as propostas que tiverem em cima da mesa forem boas, ela vai querer contratar connosco! E neste nosso contrato, podemos ter a oportunidade de fazer as coisas bem, de fazer as coisas melhor que os outros já fizeram, de não repetir os erros dos outros. Porque enquanto há empresas que protegem e querem mesmo proteger e pagar *ordenados de felicidade* e não ferir o ambiente, há outras empresas que, neste momento, estão a esgotar e desgastar o ambiente e todos os seus trabalhadores. Há empresas que fazem mal à saúde do ambiente e sobretudo à saúde dos humanos. E por ver isto tudo, comecei a apaixonar-me pelo Direito dos Contratos Públicos.

Se mais nenhum direito pode atualmente compelir tão bem como o Direito dos Contratos Públicos para a minimização do abate de árvores porquanto privilegiadamente impõe como

critério de adjudicação papel reciclado, então que essa douta estrutura-jurídico-arquitetónica se deixe seduzir pelas verdes pinceladas com que se desenha todo o folgo do pulmão, que vem caracterizar a lógica do *Green public procurement*. E será nesta esteira esverdeada em que se arreiga este nosso Direito dos Contratos Públicos vinculado pela garantia desta *arquitetura sustentável* que nos permitirá seguramente ficar na Terra, sem ter que alinharmos com todas estas novas classes da ciência física pseudo-elitista, que nos querem teletransportar numa viagem tecnológica para Marte**.** É que, se ainda fosse para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, era uma coisa… Mas não… As ambições que estão a hipnotizar todos no sistema são marcianas!

Mas nessa hipnose, ninguém conta que sair da Terra faz expandir o cérebro. Expande o cérebro. E nessa expansão de ideias cerebrais há, então, quem queira seduzir e vá, mesmo, seduzindo as novas gerações a partirem para Marte, não tão-só pelo "problema da *superpopulação*"**,** mas também pela escassez dos recursos na Terra. E eu julgo que uma boa bofetada *smithiana*, na promoção da liberdade económica, porquanto a lógica do mercado herdada seja a concorrencial, pode muito bem ser instaurada pela nossa mãe administrativista, aqui na Terra, para nos salvar de loucas e aborrecidas viagens espaciais à procura de novos recursos.

Que se salvem os nossos recursos primeiro! Que se reeduquem os mercados! Parece-me com o Direito dos Contratos Públicos, seja possível reeducar os mercados! Seja possível rejeitar um *supercapitalismo*, um capitalismo *supertecnológico* hipnotizado pela busca alienígena do sistema de novos recursos em Marte, preferindo e perfilhando um *capitalismo inteligente dos recursos*! Um

novo *capitalismo inteligente dos recursos* monitorizado não por um sistema automatizado da Internet das Coisas, mas por um sistema empático administrativista, que julgo que o *Direito dos Contratos Públicos Ecológicos* esteja em perfeitas condições de tomar posição privilegiada no palco verde. No douto palco do *Green public procurement*! Foi, mais ou menos, assim que eu apresentei o meu trabalho. Eu não sabia se podia dizer aquelas coisas ali na sala de aula ou não. Eu não sabia se podia falar de Marte. Não sabia se podia falar em hologramas. De drones, nem sequer falei. Não tive coragem. Mas disto, eu tive coragem para falar, porque falei com o coração!

Tenho gosto em defender a máxima que os *Contratos Públicos Ecológicos* são um vetor de crescimento económico. Parece-me intuitivo que se nós, virtualmente colocados na posição do sector público, fossemos melhores a comprar produtos ecológicos, poderíamos resolver imediatamente várias querelas. Estaríamos logo, em primeiro rogo, a proteger o clima e o ambiente, e depois estaríamos a gerar crescimento e emprego nas empresas que desenvolvem tecnologias ecológicas, em harmonia ou respeito da lógica do sistema económico.

Então, parece-me que, os *Contratos Públicos Ecológicos* sejam um dos elementos-chave para transformar o mundo no sentido de uma economia ecológica. E é por isto, que o Direito dos Contratos Públicos é o direito que está em posição mais privilegiada, neste momento, para proteger o ambiente, à exceção do Direito Penal, que ainda se pode transformar num *Direito Penal Comercial*, num *Direito Penal Ambiental* e num *Direito Penal Tecnológico* como em *2080* de Antoine Canary-Wharf… Porque é aquele que pode exercer a sua sensibilidade, aquele que ainda se

pode deixar-se fascinar pelos valores ecológicos e daí influenciar nas negociações, nas contratações públicas… Naturalmente chamando à colação dos negócios as considerações ambientais enquanto critério de adjudicação, para adjudicar, contratar com a melhor proposta de todas as propostas que estavam em concurso!

Se a economia é naturalmente uma ciência virtual, porque eu não consigo tocar nela, eu não consigo tocar na economia, a economia só existe na teoria, só existe na nossa cabeça, não é uma paisagem, é um holograma, mas um holograma que se tornou uma realidade virtual aumentada, que nos hipnotiza, pressiona e comanda, e se ela é tendencialmente concorrencial, então que se concorra no mercado ecologicamente. Que se tragam os bons hologramas! Que se projetem as boas ideias. Que se tirem os elefantes dos circos e os devolvam à savana e que se tirem os golfinhos dos aquários e os devolvam aos oceanos. É este o holograma que eu vejo! Como vejo o velcro nas corridas de toiro.

Podemos continuar com as corridas de toiro, podemos continuar com o espetáculo, mas garantindo a diversão, a integridade e a felicidade de todos os intervenientes do espetáculo, incluindo os animais. Temos muitas ganadarias em Portugal, muitos cavaleiros em Portugal, muitos montados em Portugal. Se queremos manter a tradição da corrida portuguesa, temos que evoluir. Já há pessoas a correr com os telefones. Já há pessoas a correr com tecnologia. Então, podemos olhar para elas e dizermos que nunca iríamos correr com um telefone, mas podemos olhar para esse espetáculo tecnológico e teletransportar a tecnologia para onde ela possa ser francamente útil. Podemos continuar com as corridas de toiro, sim, mas, só podemos, se

trouxermos o velcro para as corridas. E assim, eu posso ter os toiros em liberdade nos montados, chegar com o camião ao montado, baixar a rampa e trazer os toiros para a corrida que "querem vir". Porque há toiros que tiveram na corrida e "querem voltar" para a corrida! Isto é mesmo verdade, porque os toiros são animais inteligentíssimos!

São toiros-bravos, e "até" lhes pode estar na natureza aquela brincadeira de espetáculo, mas o espetáculo tem que ser isso mesmo, uma brincadeira! E nas brincadeiras, não pode haver sangue. O toiro tem que voltar ileso para o montando sem que a viagem o stress. E é assim que mexemos na economia com pauzinhos de perlimpimpim! Todos aqueles que eram contra as corridas, vão talvez começar a perceber a economia toda que há por detrás da tauromaquia e vão provavelmente aderir a um espetáculo igual, mas sem sangue. Porque se pode fazer tudo igual, mas ao invés de se espetar a farpa, "espetar-se" um velcro! E vamos todos ouvir o triplo dos aplausos! Vamos ver muitos mais aplausos, muitos mais bilhetes, muitos mais financiamentos para se aumentar o bem-estar dos animais. E os toiros que forem a estas novas corridas, voltarem para o montando e virem o camião a chegar e a baixar a rampa, irão a correr para o camião, porque sabem que podem ir ao espetáculo, mas no fim do espetáculo voltarem em sossego e paz para casa. No Canadá, não sei se é assim que se faz como acabei de o dizer, mas no Canadá, que é um país que tem alguma sensibilidade pelos animais, só permite as corridas de toiro com velcro. O velcro é como se fosse uma bandarilha tecnológica, que não faz sangue. Podemos tão-só representar a história. Podemos brincar com a história. Podemos até fazer lindos espetáculos nas nossas corridas de toiro à

gladiadores, trazendo os romanos e os escravos e os jogos e as lutas. Eu até nem me importo de fazer de escravo. Sou preto e tudo! Tenho prioridade para passar no casting. Mas não me importo, se for a representar! Porque podemos representar a escravatura, no teatro das coisas, no espírito de brincadeira das coisas. Agora não vamos é voltar a escravizar! Estamos noutro tempo! Estamos no século XXI!

Se o sistema se lembrou e bem, de tomar em consideração o ambiente, então que se aproveite essa boleia, esse espírito empático do sistema. Ora, se o sistema ainda permite e ainda quer incluir nos seus programas nas suas leis nos seus contratos o ambiente; foi [ele] o sistema que chamou o ambiente à colação, que o convidou, então, que se trate, que se abrace este nosso convidado da uma forma sustentável, humana, racional, criteriosa e que se perfilhem os critérios e os requisitos da disciplina jurídica desta antiga, desta nova e desta futura Administração Pública no seu direito *aos Contratos Públicos Ecológicos*. Se a Europa foi pioneira a oferecer soluções verdes, os avanços de outras economias como a americana e a chinesa parecem estar a abalar a competitividade europeia. E nessa sorte, parece-me que a Europa deva veementemente manter a liderança no mercado das *tecnologias ecológicas* como meio de assegurar a eficiência da utilização dos recursos em todos os sectores da economia. Parece-me também imperativo que, o crescimento económico deva dissociar-se da utilização de recursos e de energia, promovendo o seu uso mais eficiente… Enfim… Para aumentar a competitividade, permitindo criar poupanças e estimular então esse crescimento.

E fui, assim, ficando cada vez mais à-vontade naquela minha ala política. Vi que tinha o amor do Fred e do Xico e, de

repente, vi a alma da professora a sair do seu corpo e a ligar-se à minha. Parecia que tínhamos os cérebros ligados um ao outro. E comecei a falar de temas mais sensíveis, sobre o combate do novo *eco-marketing ilicitamente inteligente* e do novo *branqueamento ecológico de capitais* porque aqueles que se dizem "amigos do ambiente", sendo verdadeiros inimigos do ambiente, sabem como concorrer e como contratar… Projetei e deixei assim projetado no ar uma data de questões num poético meu holograma: "quais as cores e os pincéis disponíveis para as entidades adjudicantes pintarem os seus contratos de verde?", "será a contratação pública ecológica, a nova ditadora de mercados empáticos?", "serão os novos mercados empáticos os novos ditadores da contratação pública ecológica?", "porquê esverdear os tempos da contratação pública?".

No meu capricho do esverdeamento do sistema e da "empatização" dos mercados, comecei por querer chamar a agricultura biológica aos meus *novos contratos de ecocatering*. Quer se trate de refeições para escolas, hospitais ou prisões, para cantinas de empresas ou serviços de fornecimento de refeições para reuniões e eventos, a Administração é responsável pela aquisição de grandes quantidades de alimentos e bebidas todos os anos. A agricultura é uma parte importante da economia europeia e também tem um grande impacto ambiental, sobretudo em emissões de gases com efeito de estufa, de degradação do solo e da água, de biodiversidade e de resíduos. O transporte, a embalagem e o armazenamento de produtos alimentares aumenta significativamente esta pegada ambiental! Ora, se já muitos consumidores insistem em opções mais sustentáveis quando se

trate de adquirir produtos alimentares, então definitivamente, a meu ver a Administração não poderá naturalmente ser exceção.

Se eu, que sou uma pessoa singular, quando vou ao supermercado olho para dois produtos de marcas diferente do mesmo preço ou quase do mesmo preço e prefiro comprar aquele que não tiver plásticos nenhuns, a Administração que é uma entidade pública também tem que fazer isto. Não pode contratar com plásticos. Não pode contratar com açúcares. Não pode contratar com porcarias. Pode haver as piores porcarias no mercado e todos somos livres de consumir as piores porcarias do mercado, porque somos livres, mas a Administração não é livre para comprar porcarias, porque está acorrentada a um Estado e rege-se por princípios jurídicos. E são os próprios princípios administrativos que impedem a Administração de contratar com os maus que trazem toda a porcaria para dentro do sistema. A produção biológica, a escolha de alternativas mais sustentáveis e a redução dos resíduos alimentares e das embalagens parecem-me ser francamente medidas que possam fazer uma diferença mensurável. Em bom rigor, estima-se que os resíduos alimentares representem, pelo menos, 170 milhões de toneladas de emissões CO2 por ano – equivalente às emissões de um país da dimensão da Roménia ou dos Países Baixos.

Ora, numa abordagem dos *contratos públicos ecológicos*, defendo, pois, a especificação de uma percentagem mínima de alimentos que devem ser produzidos de forma ecológica, simultaneamente com a atribuição de pontos adicionais durante a fase de adjudicação a produtos com percentagens superiores "àquele" requisito mínimo originalmente fixado. Defendo a especificação de percentagens mínimas e a atribuição de pontos

para a utilização de frutos e produtos hortícolas da época. É urgente os contratos públicos ecológicos protegerem cláusulas contratuais relativas à redução ao mínimo dos resíduos alimentares e dos resíduos das embalagens dos alimentos. A cidade de *Lens* exigiu, por exemplo, que 20% dos produtos alimentares fornecidos nas refeições das escolas fossem biológicos. Os alimentos fornecidos tinham de ser certificados como biológicos. Os prestadores de serviços são obrigados a garantir a rastreabilidade, com cláusulas de execução do contrato que incluem coimas pela não prestação de informações sobre os métodos de produção e a rastreabilidade dos produtos, quando solicitadas. Este contrato teve efeitos benéficos na saúde humana e no ambiente e contribuiu para promover e aumentar a procura de alimentos biológicos.

Mas nós quando ficamos a saber do "caso Lens" o que é que podemos aprender com ele? Que 20% é ótimo! Mas ficarmos agarrados "à tecnologia" desses 20%? Será que se quisermos copiar, temos que copiar os 20%? Temos que começar com os 20%? Temos que começar com a exigência de 20% dos produtos alimentares do contrato de *ecocatering* para as refeições na escola serem biológicos? Só 20%, porquê? Perante este caso, não devemos copiar os 20%... Mas 90%!!!! Mas 90% é muito? Se for muito, nós baixamos para 80%... Se 80% ainda é muito, nós baixamos para 70%, se ainda não estivermos intelectualmente maduros – porque é preciso tornarmo-nos urgentemente intelectualmente maduros! Temos que aumentar logo a fasquia das coisas! A ideia é nós evoluirmos, não é ficarmos presos àquilo que nos implementaram, é nós conseguimos libertarmo-nos dos números que nos deram.

Trouxe depois outro caso de um documentário, para a minha ala política. Levei o documentário *Rotten* de Jonathan Mussman que revela como o mel encontra-se altamente processado nos mercados. Cerca de 5 a 15% é verdadeiramente mel. A maior parte dos potes estão sedimentados com corantes, conservantes e açúcares altamente cancerígenos e promovendo a diabetes. As abelhas produzem o mel para seu alimento. Para se alimentarem dele. Basicamente, nós, esperamos que elas produzam e armazenem e vamos lá e roubamos destruindo toda a lógica do ecossistema das abelhas prejudicando a sua sustentabilidade e desrespeitando os princípios ambientais. Há, todavia, apicultores biológicos que demonstram verdadeiramente que respeitam os ciclos naturais dos ecossistemas das abelhas produzindo mel puro.

Na mesma sorte, compactuamos com o negócio aviário quando há produtores de galinhas que vivem ao ar livre que põem ovos com ciclos menstruais normais e aqui não interessa se os ovos têm ou não o mesmo sabor, interessa é que as galinhas estão livres não estão metidas em capoeiras e os ovos têm um ciclo menstrual normal. Ora, reforçando uma ótica de contratação pública esverdeada, defendi que as entidades adjudicantes, todas aquela que se situam na mão da Administração Pública, devessem aqui adotar uma posição empática para com o ambiente tão-só contratando com os mercados de mel biológicos ou com os produtores aviários que não administram hormonas às suas galinhas e as têm livremente a viver. E, portanto, eu, universidade pública, ou escola secundária, ou escola do 1º, 2º e 3º ciclo, ou infantário, que sou um tentáculo do polvo que é a Administração Pública se tenho ali na minha

zona 5 ou 10 ou 15 produtores que têm quintas com abelhas, galinhas e vacas, eu, Administração Publica, ou Universidade de Lisboa, só posso e só vou contratar com o produtor que for mais empático com as abelhas, galinhas e vacas.

Só vou contratar com o produtor que "tão-só rouba" metade do mel das abelhas deixando-lhes a outra metade. Só vou contratar com o produtor que tiver as galinhas livres na quinta. Só vou querer contratar o leite que eu souber que vem de uma vaca feliz que está livre num verdejante pasto e que os bezerros não lhe são arrancados. Porque de nada vale, um produtor ter as vacas num pasto "presas" com uma corrente "que quase parecia invisível" por uma das pernas e arrancar os bezerros da mãe num choro infernal e prenderem-nos em cubículos para não se mexerem durante 2 ou 3 meses para não ganharem músculo e a carne ficar "tenrinha". Estes são os produtores que têm que ficar fora dos contratos da Administração. Se eu sou uma pessoa singular e sou capaz de dizer isto, de dizer que não contrato com os maus, a Administração também tem que ser capaz. Porque há uma inteligência sócio-afetiva nas vacas e nos bezerros. E quando nós vemos essa inteligência, nós queremos protegê-la a ferros e queremos impedir a ferros que os ferros marquem para sempre o quente preço do mercado na pele.

O leite é um alimento para bezerros e seja ele processado ou biológico contém seis hormonas sexuais como estrogénio e progesterona. O leite biológico tem tanto colesterol e gordura saturada quanto o leite processado. O leite é a fonte número 1 de gordura saturada. Em boa verdade, a proteína do leite, chamada caseína, torna-se casomorfina durante a digestão, que no cérebro se vem a ligar aos mesmos recetores da heroína. Ora, no sangue

humano, a caseína é atacada por anticorpos que depois atacam o pâncreas. Tal acontece, porque o leite humano é o que tem menor quantidade de proteína em comparação a qualquer outro mamífero. Por exemplo, o leite de vaca tem dez vezes mais caseína por litro do que o leite humano. Então, parece "até" que o organismo humano não está preparado para digerir leite não-humano, por exemplo muitas pessoas são intolerantes à lactose porquanto não faça sentido para o corpo humano produzir enzima para digeri-la após a infância. Há uma relação do consumo do leite com doenças como asma, esclerose múltipla, diabetes tipo 1 e problemas reumatológicos que parece ser fortíssima.

Os laticínios aumentam a sorte de neoplasia da próstata em 34%. Por exemplo, mulheres que tiveram cancro da mama e consomem uma porção de leite por dia têm chances de morrer da doença aumentadas em 49% e de qualquer outra doença em 64%. Noutra verdade, os países com mais consumo de leite são os que têm maior taxa de osteoporose. Ora, quando há este tipo de relações o Direito dos Contratos Públicos num conveniente casamento com o Direito à Saúde, que é um direito administrativo, tem que começar a olhar e a ouvir o que diz a Organização Mundial da Saúde, porque deve ser sempre esse o seu referencial. Só assim, é possível o sistema estar todo ligado. Estarmos todos sintonizados. Senão está cada um com as suas ideias que de científico pouco ou nada têm e nós só conseguimos avançar com o conhecimento científico das coisas.

Numa verdade empírica, que é a minha ciência, cresci num ambiente familiar que me educou a não "beber leite", não só por nenhum outro mamífero continuar a beber leite depois da

fase da amamentação, mas porque tinha informação privilegiada, sobre "o mal" do leite. Sempre atentei que nutricionistas suecos, holandeses e britânicos sugeriam sempre a retirada do leite das dietas humanas. Entretanto comecei a reparar que alguns nutricionistas portugueses já perfilhavam também "a tese" e finalmente comecei a ouvir os médicos portugueses a já não verem com bons olhos o leite de vaca. Em respeito às considerações ambientais, defendo que a mãe administrativista poderia já acolher as doutas esteiras nutricionistas num perfeito nascimento do Direito da Nutrição ou do Direito dos Nutrientes similar com o Direito à Saúde e casar-se num perfeito triângulo com os dois. Era nesse triângulo que a Administração deveria andar e não noutros… Com os nutricionistas e com os médicos.

Aproveitando a empática boleia do sistema europeu, julgo que a Administração poderia tomar posição privilegiada num reeducar dos hábitos alimentares que fazem naturalmente parte da educação e da formação de uma sociedade intelectual que julgo que a Administração teria todo o interesse em salvaguardar, podendo através da inovação da adoção do critério do leite nos seus novos contratos de *ecocatering*. A ideia aqui é andarmos sempre atrás da Medicina. Eles é que andam a queimar o cérebro, por causa de nós, e nós devemos ver esse altruísmo deles e receber de coração aberto. O interesse deles é que nós vivamos! E que tenhamos uma longa vida!

E espetei um último velcro com o caso da mosca-da-cenoura e do escaravelho-da-batata. Os produtores de cenouras veem-se aflitos com a *psila rosae*, a mosca-da-cenoura. Para tanto, os produtores têm que usar pesticidas para se verem livres da mosca-da-cenoura. Tais pesticidas são altamente tóxicos para as

suas culturas, para os solos, para as águas e para os lençóis de água, para os trabalhadores do campo que apanham a cenoura e para os consumidores finais. Uma alternativa viável para a não utilização de pesticidas, mantendo as culturas da cenoura saudáveis é a técnica de consociação usada pela agricultura biológica. Ora basicamente, consociando-se a cenoura com a cebola ou a ervilha ou o alho, quero dizer plantando-se uma fila de cebola ou alho ou ervilha por duas filas de cenoura, consegue-se repelir a mosca-da-cenoura. Técnica outrossim usada para o feijão consociado com a beringela ou o feijão em filas alternadas permitindo repelir o escaravelho-da-batata. E calorosamente defendi a opção da entidade adjudicante pela agricultura biológica, nestes casos, porquanto arreigada em critérios ambientais para a adjudicação que considero naturalmente aqui bastante pertinentes. Disse até que a Administração ao estar a excluir produtores que ainda usem químicos para repelir estes casos em concreto da mosca-da-cenoura e do escaravelho-da-batata, seria como se estivesse ela própria e incentivar os produtores num duplo ou triplo ganho, incentivando o crescimento económico pautado por uma franca política verde. Disse duplo ou triplo ganho, porque na ótica do produtor, ao invés de tão-só comercializar cenoura gastando ou investindo em pesticidas, produziria cenouras e outrossim cebolas ou ervilhas poupando nos pesticidas.

No final, a regente chegou perto de mim, o meu coração batia fortíssimo com a presença dela, e à frente do Fred e do Xico, que testemunharam, parabenizou-me, dizendo que tinha gostado muito, que eu tinha sido muito poético, e que nessa minha "poesia" tinha metido "o velcro" exatamente nos sítios

certos. Se a regente não tivesse chegado perto de mim e parabenizado e com toda aquela "palavrinha" que me arrepiou a espinha toda, eu não acreditava tanto como hoje acredito no Direito dos Contratos Públicos. Foi aquela "palavrinha" da regente, que eu não vi a regente a dar a mais ninguém nas outras apresentações, que me deu um certo peso, uma certa importância, um certo significado! E fez-me voltar a tudo aquilo que eu tinha dito e ver melhor o que é que eu tinha dito, porque eu tinha dito coisas que nem sequer tinha pensado nelas, porque estava só a falar do coração. E quando voltei a ver o que tinha dito, ganhei uma certeza, ganhei uma força. É por isso, que é muito importante, um pai, um professor, um tio, um primo ou um amigo, às vezes, darem-nos "uma palavrinha de força", porque pode ser "aquela palavrinha" que mude tudo! Não é preciso darem-nos coisas!

Basta darem-nos "uma palavrinha de força", dizerem que acreditam em nós, dizerem que vamos conseguir! Porque vamos conseguir! Porque com essa "palavrinha de força" tudo se torna possível! Com essa "palavrinha de força" as coisas tornam-se mais nítidas! Há uma nitidez que se instala em nós! Essa nitidez altera tudo! Porque agora, simplesmente, vemos outras coisas, que não víamos. E quando as vemos já não conseguimos deixá-las de ver, porque se instalaram em nós. E o espírito administrativista do sistema instalou-se em mim. E eu, que fazia uma birra com o Direito Público, porque não via em si a sua utilidade para nada, via-o completamente extraterrestre, comecei a ficar com um saborzinho por ele. Mas foi aquela "palavrinha de força" da regente que me fez provar esse sabor. Eu já lá tinha o fruto em mim. Mas aquela regente fez-me acreditar no meu fruto.

Na minha poesia. E claro, isto fez encher o ego ao Xico! Fez dar razão ao Xico! Afinal, eu também era "um menino de direito público". Quando lhe contei, que afinal também tinha um fraquinho pelo direito público, ele quase que me queria saltar à boca! Parecia que lhe tinha dado uma espécie de "tusa intelectual"!

Já tinha estado noutras alas políticas. Mas andava nas alas como quem anda na escola. Para mim eram aulas de economia. E pagava-se a propina com a filiação no partido. Eu filiei-me, porque queria estar naquela faculdade de ensino privado. Havia normas para se andar. Havia um certo código. E eu tinha nascido com as normas todas e com o código dos partidos. Então, foi assim, que me meti com o Mateus nos partidos. Que me fui metendo com o Mateus nos partidos. Eu só via o Mateus à frente e na altura o Mateus ainda não andava de charro na mão. Mas nenhum desses partidos era o partido da minha alma. O meu corpo estava lá, mas a minha alma não. Não eram os partidos do meu coração. Eu sentia o vício, cheirava-lhes o sangue, cheirava-lhes o canibalismo, cheirava-lhes as orgias políticas. Não queria ser lobo daquela alcateia. As minhas matilhas eram outras. O meu coração batia por outras matilhas: pelas árvores, pelas formigas, pelas abelhas, pelas borboletas, pelas osgas, pelos camaleões, pelas iguanas, pelas salamandras, pelas tartarugas, pelas estrelas-do-mar, pelos cavalos marinhos, pelos golfinhos, pelas baleias, pelos hipopótamos, pelos elefantes, pelas girafas, pelas zebras, pelos toiros, pelas vacas, pelas ovelhas, pelos porcos, pelos cães, pelos cavalos, pelos morcegos, pelos mochos e pelas corujas, pelos cisnes, pelos flamingos, pelos papagaios, pelos canários, pelos pinguins e por todas as outras aves monogâmicas.

E eu estava nesses partidos e só me queria era vir sempre embora. Porque nenhum desses partidos queria tirar os golfinhos dos jardins zoológicos. Nenhum desses partidos queria tirar os elefantes dos circos. Nenhum desses partidos queria dar, pelo menos, um lago aos cisnes para eles serem felizes, e os cisnes só precisam de ter um pequeno lago para serem felizes!!!! E eu vejo quintas com casais de cisnes metidos em minúsculas gaiolas e jaulas?? Tenho que ver jaulas e enjaulados?? Nenhum desses partidos queria, pelo menos, imprimir um condomínio para as pessoas em situação de sem-abrigo, sem lhes instalar lá as *big* câmaras do *2080* de Antoine Canary-Wharf, ou as *big* câmaras d'*O Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom, para lhes filmarem sobre o pretexto de não estarem habituados ao luxo e ao conforto e poderem ser potenciais criminosos, ou as *big* câmaras do *Target – A Pegada Digital* do Ralf Kleba-Kodak. Nenhum dos partidos queria obrigar aos restaurantes e às cantinas a não desperdiçarem a comida e a irem lá recolher o que tinha sobrado para dar aos pobres sem os filmarem. Sem os porem no mercado dos dados! Sem os levarem como objetos para o mercado dos dados! Sem os levarem como um direito de propriedade que agora detêm sobre a imagem dos pobres coitados! Esses pobres coitados que nos agradecem e nos veem como Deus, veem Deus em nós; e "nós" tratamo-los "abaixo de cão".

E depois vem ainda um partido qualquer dos animais dizer que eu não posso mais usar a expressão "abaixo de cão"? Mas nós afinal escrevemos para os humanos ou para os cães? Eu e o Fred, por acaso achamos que há coisas mais importantes para tratarmos aqui no Planeta Terra… Esse partido dos animais ao invés de estar preocupado com os ditados populares escritos

pelos humanos que não podem ofender os cães, devia era estar mais preocupado com os drones nos jardins, nas florestas, nas matas, nas serras e nas montanhas que vão afugentar os pássaros das árvores, tirar-lhes os ninhos, interferir nas ondas ultrassónicas dos morcegos, confundir abelhas, instalar um caos não só no reino das aves e dos insetos como no reino dos humanos por causa dos direitos de imagem, da intimidade, da privacidade, ao bom ambiente, *à segurança e à paz tecnológica* – do Direito à Segurança e à Paz Tecnológica que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy trouxeram para a Terra lá de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Para não se falar, como é lógico, do material de que são feitos os drones, das suas baterias, das indústrias que os produzem; é que se estamos numa Era a falar de pegadas ecológicas, a querer diminuir as emissões de carbono, talvez seria bom sermos um pouco mais coerentes!

É que não são só as abelhas que estão em pânico com os drones que aí vêm, eu e o Fred também estamos a ficar em pânico como na *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. A indústria do mel americana em nada tem que ver com a indústria do mel portuguesa! Na América se olharmos para os potes de mel vemos a porcaria que está dentro dos potes e a percentagem de mel nem chega às vezes a 5% quanto mais a 10% ou 15%! Depois até aos 100% imagine-se a porcaria de açúcares e corantes não naturais e conservantes! Não é mel que vendem lá! Não sei o que fizeram às abelhas de lá, não sei o que querem fazer às abelhas de lá, mas eu adoro as abelhas de cá e quero muito protegê-las; e muito francamente, acho que tenho esse direito, o direito de querer proteger as abelhas!

Adoro o mel que elas fazem e prefiro mil vezes pagar uma fortuna para comprar um pote de mel que sei que é de um produtor que não rouba o mel todo às abelhas e simbioticamente num contrato dele com as abelhas vende uma parte do mel que as abelhas produzem e a outra deixa para as abelhas se alimentarem, porque as abelhas não produzem o mel a pensar nos humanos, produzem-no para elas, porque é o principal alimento delas! Já alguém, por acaso, se deu ao trabalho de ver o que diz a Organização Mundial de Saúde sobre a nova exposição de ondas rádio em massa a que nos vamos submeter de baixo dos febris voos dos drones? E das radiações do 5G? E do 6G? Porque a seguir vem o 7G e depois o 8G… Eu e o Fred já estamos no 9G…

As Administrações Públicas e o Direito antes de se porem a celebrar contratos e a imitar outros países que não têm os mesmo códigos que nós, já foram ver o que diz a OMS para se instalar a Internet Por Todo o Lado? Já foram ver o que diz a Organização Mundial da Saúde sobre isso? Às vezes parece, que o parlamento foi invadido por um bando de miúdos infantis que têm saudades dos *tamagochis* e também se querem pôr a pilotar helicópterozinhos de brincar e encher o céu cheio de helicópterozinhos … Parece que anda tudo a arder em febre. E eu sei porquê! Porque não estão habituados a ver vistas. A ir aos miradoiros. A subir às montanhas como eu e o Fred. A acamparem na praia numa espécie de campismo selvagem. Mas, por que raio é que o campismo é proibido? Só os que veem a sua proibição é que querem pôr drones a voar sobre as tendas "ilegais". Já que gostam tanto da Internet das Coisas era tão fácil criar-se uma aplicação em que os restaurantes enviassem uma

mensagem "lá na aplicação" a dizer: "aqui há comida para 10 pobres; venham buscar, mas sem os ensurdecedores drones, há estradas, gastou-se muito dinheiro público a construírem-se as estradas". E era tão fácil, não era?

Bastava os lobos darem-me esse baile para me prenderem aos filhos deles. E nem o tio Xico, que é um grande lobo, me deu baile nem me quis prender ao Mateus. Porque foi o tio Xico que em maravilhosos passeios noturnos, só iluminados pela bio luz dos pirilampos e pelas luzências da lua e das estrelas, nos ensinou uma passagem secreta para as muralhas das Portas do Sol para vermos como os morcegos assediavam, sobrevoavam e assaltavam as Portas do Sol, logo depois do guarda fechar os grandes portões verdes das Portas do Sol que de 21 de setembro até 20 de junho todos os dias encerra às 20 horas em ponto. O Xiquinho vinha sempre aos passeios noturnos. E íamos sempre de mãos dadas. O Gabriel vinha às vezes, e quando o Gabriel vinha, eu ia no meio de mãos dadas ao Xiquinho do lado direito e ao Gabriel do lado esquerdo. O Mateus nunca vinha. Talvez seja por isso que o Gabriel se importe às vezes com os drones, que o Xiquinho se importe sempre e que o Mateus queira pôr o seu drone a voar lá nas Portas do Sol. Porque o Mateus está-se nas tintas se há lá morcegos a voar. Como se está nas tintas se há golfinhos a nadar nas praias onde vai surfar, porque ele quer é surfar, quer lá saber dos golfinhos. Vai surfar e faz lixo.

Mas nem eu nem o Xico nos estamos nas tintas se os morcegos deixarem de sobrevoar sobre as Portas do Sol, por causa dos drones do Mateus e dos amigos dele, que são todos da mesma estirpe tecnológica. Que se acham super betos e "bueda" betões, mas que de betos só têm os apelidos e as roupas que

vestem no pelo, porque os pais têm bom gosto e lá lhes vão herdando tudo. Mas que são vazios, parece que não há nenhum sangue a correr-lhes nas veias, são ocos, fúteis, tristes, infelizes, vazios. Não têm alma nenhuma. E o Xico é irmão do Mateus e é também irmão do Gabriel. Andam no mesmo Mercedes. Mas andam todos de forma diferente. Eu ando feliz, feliz com o Xico no Mercedes deles. E com o Gabriel, às vezes, à frente com o tio Xico, lá vou eu sempre ao meio com o Xiquinho do meu lado direito cheio de alma e com o Mateus do meu lado esquerdo sem alma nenhuma. E nessas viagens tecnológicas, enquanto vai o Mateus a pensar e a falar de drones, lá vou eu e o Xico cúmplices num taciturno silêncio a ouvir os *caprichos tecnológicos* do Mateus que nos vão inspirando sempre uma intensiva codificação de drones, robots, androids e iPhones.

Mas o Mateus, que não venha agora bater à minha porta e do Fred para me vir dizer que é graças a ele que eu e o Xico fizemos os nossos códigos drone que oferecemos ao nosso Direito espiritual, e não fique especado à minha porta, à espera que eu me ajoelhe e lhe beije os pés como beijava, porque eu agora só beijo os pés do Fred! Que não pense que eu vá agora desenvolver qualquer espécie de síndrome de *Estocolmo* por ele e que lhe agradeça o stress que ele gerou em mim e me fez produzir aqueles códigos drone com o Xico em grandes noitadas nossas. Em que numa dessas noitadas, mais pareceu que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy telecomandaram um drone trazido do *2080* de Antoine Canary-Wharf que levou um dos nossos códigos para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi.

CAPÍTULO III

QUANDO O DIREITO SE CASOU COM A MEDICINA

O Fred tira os vintes e os dezanoves dele comigo ao colo dele. Estamos sempre ao colo um do outro. Sou mais eu ao colo dele do que ele ao meu. Mas ele gosta de me ter ao colo dele e eu adoro meter-me e ficar ao colo dele, por isso, ficamos assim, estamos bem assim, somos felizes assim; é assim que somos felizes, ao colo um do outro, eu ao colo dele. Se calhar, se eu não passasse tanto tempo ao colo do Fred, o Fred não tirava dezanoves e tirava só vintes… Se calhar, eu tirava mais dezassetes, e quem sabe, um ou outro 18. Mas para nós, os beijinhos e o colo sobrepõem-se a toda a economia. O nosso amor sobrepõe-se à economia de tudo e mais alguma coisa. E parece-nos que o nosso colo até anda de mãos dadas com a economia. Sem querer, somos mais económicos daquilo que queremos. Sem querer, somos naturalmente económicos. E a namorar, a namorar, a brincar, a brincar, vamos tirando os vintes e os dezasseis. É que a namorar, a namorar, a brincar, a brincar, estamos em perfeita sintonia com o sistema económico. No amor, não vemos economia. Mas quando andamos de mãos dadas por aí fora, vemos tudo com economia. Vemos as coisas económicas. Quando passeamos de mãos dadas e vamos passando, vamos passando por coisas económicas, vamos passando pelas coisas económicas, vamos olhando para economia, vamos olhando para a economia das coisas. Vemos tudo com a gentiliza da *Economia*. Vemos muito bem *A Economia*.

E por vermos tão bem, é que nos metemos aos beijinhos ao colo um do outro. Aprendemos ali naquele colo. Eu no Direito, o Fred na Medicina. E é ali naquele colo que, sem querer, vamos ligando o Direito à Medicina. Que vamos casando o Direito com a Medicina. Que vamos querendo chamar a classe

científica ao poder. Que vamos querendo chamar a classe mais intelectual do sistema para mexer no *Sistema*. Que vamos querendo chamar a classe mais amorosa para preservar *O Sistema*. Que vamos querendo chamar os ecologistas, os ambientalistas, os biólogos, os botânicos, os geólogos, os psicólogos e os médicos para formarem um partido e fazerem uma política mais apolítica, mais desinteressada, mais lúcida, mais esclarecida, mais verdadeira, mais transparente, mais informada, mais honesta, mais útil, mais científica, mais amorosa, mais ecológica. Porque é verdade que tudo é economia. Mas também é verdade que tudo é ecologia. E num braço de ferro jurídico entre a economia e a ecologia, quem ganha, quem vai ganhar sempre, quem tem que ganhar sempre, é a ecologia! É natural que de todas as classes, aquela que vamos querendo ver a subir ao poder é a classe mais científica. E é assim, que naquele colo vamos vendo a classe mais informada ao poder. Que vamos vendo o Direito a celebrar contratos mais científicos.

Que vamos vendo o Direito à Saúde. Que vamos vendo o Direito dos Dados de Saúde Enquanto Direito Fundamental. Que vamos vendo o Direito da Medicina de Precisão. Que vamos vendo o Direito dos *Biobancos*. Que vamos vendo o Direito da Nutrição. Que vamos vendo o Direito do Património Genético. Que vamos vendo o Direito da Edição Genética Preventiva. Que vamos vendo O Direito dos Seguros Médicos. Que vamos vendo um Direito Mais Científico. Que vamos vendo um Poder Mais Científico. Que vamos vendo a Organização das Nações Unidas, a Organização Mundial de Saúde, a "Fantástica-Nova" Organização Mundial do Ambiente, a Ordem dos Médicos, a Ordem dos Psicólogos, a Ordem dos Biólogos e a Ordem dos

Nutricionistas como os referenciais *masters* do Direito. Que vamos vendo *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. Que vamos vendo o Direito dos Contratos Alienígenas de Gabriel Garibaldi em *Jupiter*. Que vamos vendo que afinal, estamos mais perto do *2080* de Antoine Canary-Wharf daquilo que conjeturámos, desenhámos, esboçámos, rasurámos e que acabámos por legislar. Porque sem querer vamos legislando. Sem querer vamos com esta nova tecnologia, legislando. E vamos legislando *À Velocidade da Luz* do Gil de Sales Giotto, como *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy.

«Estava tudo a fumar erva, pólen e bolota no Jardim do Arco do Cego…»

«A fumar e com os telefones… Agora drogam-se tecnologicamente. Drogam-se com a droga e drogam-se com os telefones. Drogam-se duplamente. Só podem mesmo estar drogados para se porem a filmar as mocas deles. Os algoritmos tecnológicos dos telefones deles é que devem ficar todos contentes de ouvir as conversas *charradas* deles. As câmaras *supertecnológicas* deles, permanentemente ligadas à Internet através dos dados móveis, até já devem saber de cor quando estão cheios de moca pelos olhos encarnados. Ao menos, que desligassem os dados móveis, e já agora o GPS, para a *Polícia Tecnológica* do *2080* do Antoine Canary-Wharf não saber onde estão a fumar as *ganzas*.»

«E aquele rapaz loiro que parecia o teu ex-namorado debaixo da árvore, ali sozinho, agarrado ao telefone e com um

charro na mão, ali a fumar sozinho, ali no telefone… Já sem charro na mão já parecia um drogado, de charro então na mão…»

«Vê-se agora imensa malta nova a fumar… Já havia antes, é verdade, mas parece que há mais… E estão muito mais à vontade, agora fumam em todo o lado. Estás a entrar ou sair de um café e estás a levar com o cheiro a *ganza*. Cheira a *ganza* por todo o lado. É *ganza* em todo o lado, agora. É só ganzados. Já nem sei, se hei de chamá-los de ganzados, de *charrados* ou drogados. Eu antigamente só dizia *charrados* e só dizia "charro"… Mas dizia "charro", porque "charro" soava melhor que "ganza". "Charro" não parecia que fizesse tão mal, sei lá… O "charro" parecia mais suave, parecia que suavizava a droga daquilo, parecia que quase não tinha droga. Só que os níveis de THC estão sempre a disparar! E aquelas coisas que eles andam a fumar estão cheias de porcarias, cheias de químicos! Isto vai ser é um novo petróleo para a Psiquiatria e para a Psicologia…»

«Estás a brincar, mas vai ser mesmo! Sabes que os nossos professores de Psiquiatria estão sempre a dizer como *cassetes-riscadas* que 20% das psicoses são derivadas do haxixe. Uma pessoa pode fumar haxixe uma vez na vida, ter uma psicose, ficar esquizofrénico e pronto, fica para sempre esquizofrénico. Como uma pessoa que fuma desde sempre, todos os dias, sempre "a mesma dose", pode num dia, por acaso, desenvolver uma psicose que se revele numa esquizofrenia. Não é preciso ter nenhum fator genético que desencadeie esquizofrenia por haxixe, para desenvolver psicoses tóxicas por haxixe. Uma psicose tóxica é uma intoxicação pela droga, e só dura enquanto a droga permanecer no organismo. Quando a droga desaparece do organismo, desaparece também a psicose tóxica. Claro que uma

pessoa que já tenha uma predisposição genética para esquizofrenia não deve, como é lógico, tocar nisso! Mas, mesmo quem não tenha predisposição para esquizofrenia pode muito bem ficar psicótico. Vi ene casos de miúdos mais novos do que nós e rapazes das nossas idades a darem entrada em Psiquiatria com psicoses provocadas pelo haxixe e agora têm que tomar medicação para o resto das suas vidas, porque ficaram esquizofrénicos. A esquizofrenia é uma doença irreversível!!!! E, em 100 psicóticos que dão entrada em Psiquiatria, 20 é porque estiveram a fumar haxixe.»

«No entanto, andam a circular documentários *contrainformativos* sobre o assunto do relacionamento do haxixe com a esquizofrenia, em que fazem parecer às pessoas que se sentem "mentalmente saudáveis" que podem fumar à vontade, porque só faz mal às pessoas que já lá têm uma predisposição genética; e se lhes fez mal, é porque já lá tinham a indicação para serem esquizofrénicas, porque já lá estava nos genes…. Eu não percebo como é que esses documentários passam, porque as pessoas vão ver aquilo e se não têm outra fonte de informação ou se não têm acesso à verdadeira informação científica, se não estão com a Medicina, ou se não sabem ou não conhecem a realidade dos casos clínicos, vão ver aqueles documentários e vão aceitar aquela informação altamente manipulada como verdadeira, porque põem lá espécies de especialistas, sei lá de onde, a dizer balelas, completamente balelas, e a defenderem aqueles mercados da droga e pronto, a malta que vê aquilo vai fumar toda contente a repetir, a proliferar e a perpetuar *contrainformação*. Primeiro que tudo, a ideia do documentário querer trazer às pessoas que se sentem bem mentalmente, poderem fumar à vontade é caótico!

De querer passar a ideia, de querer vender um "aparente estado de espírito genético" é assustador! Como é que um suposto psiquiatra aparece nesses documentários "a falar" para pessoas "saudáveis" de "genes saudáveis" a dizer-lhes que se são saudáveis não têm que se preocupar, e podem fumar cannabis à vontade? Mas quem é que são as pessoas "saudáveis" de "genes saudáveis"? Esse chanfrado passa a ideia de que tem que ver com um "estado espiritual psicológico"! Como se a esquizofrenia fosse uma doença psicológica… A esquizofrenia é uma doença psiquiátrica! E vem encomendada lá nos genes! Uma pessoa não faz ideia se tem ou não predisposição genética para esquizofrenia a não ser que faça um teste genético! A não ser que vá ver os seus genes! Uma pessoa não sente os seus genes! Os seus genes não aparecem na mente! Os genes não aparecem na mente a dizer que estão presentes, que estão alterados ou que se vão expressar! Alguém que vê ou ouve aquele tipo de informação vai achar que se está bem psicologicamente, se tira vintes, se joga à bola e vê a bola redonda e não alucina com a bola, se tem o namorado mais bonzão do mundo, se tem o melhor emprego do mundo, que não tem predisposição genética para esquizofrenia! Porque se tiver, e se puxar-lhe o gatilho com uma bela maconha vai deixar de tirar os vintes, vai deixar de jogar à bola, vai perder o namorado e vai perder o emprego! Não estamos a falar de uma "predisposição espiritual"! De bem-estar psicológico! De bem-estar mental! Estamos a falar de uma predisposição genética! E só se pode saber se se tem essa predisposição com um teste genético! Em segundo, o argumento de que, só faz mal às pessoas que já tinham uma predisposição genética e que, portanto, assim até foi melhor, porque assim trouxe mais cedo a doença para poder começar a ser tratada mais cedo, nem sequer devia valer! Eu ouvi

um suposto psiquiatra americano a defender isto! É aberrante! É lamentável! É pavoroso! Porque mesmo que só faça mal a esses, isso não é argumento nenhum, porque a pessoa, pese embora tivesse predisposição, podia nunca vir a ter esquizofrenia! O que interessa é o meio! O meio onde a pessoa está, com quem está, o que vê e o que não vê… Há estudos que dizem que se tu tiveres predisposição para esquizofrenia o mais provável é que a esquizofrenia venha "sempre" a desenvolver-se…Mas dizem os estudos "o mais provável", logo não quer dizer que tenha que desenvolver-se; pode ser o mais provável, mas ser o mais provável, não quer dizer que a pessoa que tem lá nos genes a predisposição de esquizofrenia, que tem lá o gene esquizofrénico venha a expressar esquizofrenia. E esses estudos basearam-se em que tipo de pessoas? Em pessoas de que meios culturais e sociais? Porque o que interessa é o meio! As vivências! As experiências! A informação! O gene pode ficar durante toda a vida lá quietinho, se ninguém mexer nele, se o meio não o trouxer cá para fora, se o deixarem estar sossegado, pode nunca se expressar!»

«Amor, desculpa… Eu estou a adorar ouvir-te, mas tenho que interromper-te… Tu tens a certeza que não queres sair do Direito e vir para Medicina?… Anda lá para a Medicina… Deixa o Direito… A Psiquiatria está a chamar por ti… Não estás a ouvir??? Vá… Anda… Anda para o meu colo…»

«Uma coisa é ter predisposição para uma qualquer doença. Outra coisa é ter efetivamente a doença. E quando falamos de esquizofrenia, que é uma doença que dá cabo das relações amorosas, sociais, laborais que a pessoa tem, enquanto não aparecer, enquanto não espoletar, melhor! Porque a esquizofrenia não tem cura! Uma vez espoletada é irreversível!

Ou seja, a ideia, é, se estiver lá a predisposição, então que fique bem adormecida! Precisamente o inverso de um documentário que andou para aí a passar! Precisamente o contrário que dizia esse, que se dizia psiquiatra! Porque nós não queremos trazer a doença cá para fora! A ideia é o demónio não sair cá para fora! Esse psiquiatra parecia um caçador de demónios, faminto por querer caçar demónios! Queremos é que ela não se expresse! Porque uma vez que a esquizofrenia se expresse, já não há nada a fazer! E consegue-se fazer que ela não apareça, por exemplo, não fumando charros. Não consumindo drogas!»

«Agora estou a imaginar um psiquiatra perverso que só estava a dar *contrainformação* porque queria mais clientes…»

«E estou a imaginar um grupo de 5 amigos sentadinhos no sofá à frente de uma super TV "inteligente" com câmara e microfone ligados à Internet a processar tudo, e a ver que os 5 amiguinhos estão todos a ver esse documentário a dizer que não faz mal nenhum fumar haxixe, a não ser que "já seja esquizofrénico", quando não era coisa nenhuma, e que, se portanto, ficar esquizofrénico a culpa não foi do haxixe, que o haxixe só trouxe a doença mais cedo, que não tinha doença nenhuma, e 1 dos 5 amiguinhos a ficar esquizofrénico e os amigos feitos estúpidos a repetirem que a culpa não foi do haxixe, foi dos genes dele. Que a culpa não foi do haxixe, foi dos pais dele. Que a culpa não foi do haxixe, foi dos avós dele… Por isso, não vamos nem responsabilizar o psiquiatra que se diz psiquiatra, nem vamos responsabilizar o dono do canal que passa esses conteúdos *contrainformativos*, nem vamos responsabilizar os amigos, que por acaso sabiam dessa predisposição genética, porque *hackearam* os dados genéticos e os dados de saúde do

amigo, mas vamos antes chamar ao *Tribunal Tecnológico* do *2080* de Antoine Canary-Wharf, os pais e os avós do esquizofrénico…»

«E eu estou a imaginar esse psiquiatra a ser o pai de um dos 5 amigos…»

«Bolas! Acabaste de fazer spoiler do *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak, aos nossos hackers…»

«Hey, hackers! Vocês foram *spoilados*!»

«Foste tão engraçado! Eu amo-te Fred!»

«Eu amo-te Jaimezinho!»

«Se querem assim tanto fumar charros, vão primeiro ver "se os podem fumar", se têm ou não predisposições genéticas. Eu que não fumo, já fui ver, e por acaso, não tenho predisposição genética para esquizofrenia, mas podia ter. Mas, mesmo não tendo, não me meto nessas porcarias, porque sei que para além da esquizofrenia há outros problemas associados como depressão ou isolamento social. É claro, que eu vou sempre acreditar que mesmo que eu fumasse um charro não iria ficar deprimido ou não me isolaria nem do meu namorado, nem dos meus primos ou dos meus pais, porque conheço-me, tenho fé em mim, acredito em mim, amo o meu namorado, gosto de ir às festas, gosto da sociedade, gosto da cidade, gosto de multidões, gosto do Direito, gosto da Medicina, gosto de Vulcanologia, gosto de Oceanografia, gosto de Botânica, gosto de Astronomia, enfim… Por isso, não acredito que ficasse deprimido, não acredito que alguma vez eu pudesse ficar sem vontade de viver, porque mesmo que o Direito me deprimisse, que ainda não me deprime,

podia começar a estudar as plantas, e se algum dia, as plantas me deprimissem, podia ir estudar os vulcões e as placas tectónicas, e se algum dia eu entrasse em erupção, podia sempre ir estudar as águias, e se as águias me deprimissem podia ir estudar os falcões, e se os falcões me deprimissem podia ir estudar os leões, e se tivesse cansado de ver vídeos de leões podia ir fazer safaris e vê-los em carne e osso, de perto, no seu habitat natural… Mas uma coisa, é eu ter fé em mim, é eu ver a minha alma, ver o meu espírito, acreditar na minha mente, acreditar no meu cérebro, gostar do meu cérebro, gostar da minha mente, gostar do meu espírito, gostar da minha alma. Outra coisa, "é acreditar" nos químicos que dão cabo do cérebro, e que se dão cabo do cérebro, dão cabo da mente, dão cabo do corpo, dão cabo da alma, dão cabo do espírito, perde-se a alma; o espírito transforma-se, o cérebro deixa de funcionar como deve de ser e a mente fica desalmada, feroz, desumana, perversa, viciosa, traiçoeira, desnaturada, malvada, sem alma. E não é preciso nenhuma predisposição para isto! Por acaso, hoje sou eu que digo isto, mas a química também irá dizê-lo. A química do cérebro irá explicar isto, um dia, ligação por ligação, neurónio por neurónio. As estruturas e ligações moleculares haverão de explicar isto. E seria boa ideia, termos os cérebros bons e as mentes saudáveis para ouvirmos como deve de ser as explicações químicas e espirituais quando elas chegarem todas no seu tempo. Os eletrões de valência também virão a esse congresso científico dar-nos uma grande palestra, um grande sermão. Porque é aí onde está "a energia das coisas"! Isso é que é "a energias das coisas"!

«Se isso for verdade, sabes que vais ser laureado com o Nobel da Química…»

«Não quero!»

«Vais recusar, meu amor?»

«Sim…»

«Porquê? Não queres ir ao banquete no Salão Azul na Prefeitura de Estocolmo, é um salão tão bonito…»

«Ao banquete eu queria ir, mas não queria era dar o discurso obrigatório, não gosto de ter que subir a palcos nem de discursos obrigatórios…»

«Nem por 1 milhão amor?»

«O prémio nem chega a 1 milhão amor…»

«Chega quase…»

«Mas não chega…»

«Mas chega quase…»

«Oh amor, eu não gosto de discursos obrigatórios, tenho vergonha e medo desses discursos…»

«Oh amor, mas tu já destes tantos discursos obrigatórios, que eu me lembro… E nem 1 euro recebeste por eles…»

«Mas não havia câmaras de filmar, nem telefones que te prendem para sempre às redes sociais e te põem no YouTube e que te transformam num vírus, fazem-te parecer um vírus que infestaste o sistema, e depois lá vêm os soldados capturar-te, lá

ficas com um exército de olho em ti… Não quero… Os únicos olhos que eu quero fixos em mim, são os teus…»

«Ah! O teu problema são as câmaras de filmar e os telefones, tens medo e vergonha das câmaras…»

«E dos microfones também… Anota aí, se faz favor…»

«Mas do banquete já não tens medo nem vergonha, pois não?»

«Não… Eu gosto muito de banquetes…»

«Também ias obrigar toda a Família Real Sueca a descalçar-se como me obrigas a mim nos nossos banquetes?»

«Não, isso de comermos descalços é só nos nossos banquetes a dois…»

«Tínhamos ficado no banquete, que estavas a contar à prima Mariana…»

«Sim! Contei-lhe que depois de termos atravessado o Jardim do Arco do Cego fomos comprar o almoço a sítios diferentes para irmos piquenicar. A ti apetecia-te sushi, a mim não. Que tu tinhas ido ao sushi e que eu tinha ido comprar uma sopa, uma sanduiche de salmão e outra de camarão e fomos piquenicar para o Jardim da Gulbenkian, num spot que temos lá, onde podemos dar uma tonelada de beijinhos. A Mariana perguntou-me se eu tinha fotografias do nosso piquenique; eu respondi-lhe que ela sabia perfeitamente que os nossos piqueniques não eram piqueniques tecnológicos e que não nos púnhamos a fotografar piqueniques, que, para nós,

piquenicarmos ou vermos o pôr do sol é normalíssimo e que o fazemos quase todos os dias, e disse-lhe, ainda, que quem fotografa piqueniques é quem deve fazer piqueniques duas ou três vezes na vida, como quem se põem a fotografar o pôr do sol é quem só o vai ver duas ou três vezes na vida. A Mariana insistiu e implorou para que fotografássemos o próximo piquenique, porque queria ver como nós piquenicávamos; eu respondi-lhe que se ela quisesse ver como nós piquenicávamos, então que tinha que vir piquenicar connosco com o telefone guardado na mochila com os dados móveis desligados e que não havia outra forma de negociar. Contei-lhe que o primo Afonsinho tinha telefonado e tinha lá ido dar-nos um beijinho…»

«O Afonsinho também é primo da Mariana?»

«Sim… Por isso é que eu disse "o primo" Afonsinho e não disse "o meu primo" Afonsinho… As mães deles, do Afonsinho e das Marianas, de todas as Marianas, são irmãs do meu pai. A tia Rosarinho casa-se com o tio Domingos Côrte-Real e desse casamento nascem os primos Afonsinho, Mariana e Beatriz. A tia Giralda casa-se com o tio Manel Fráguas e nasce o Mané, o Xico e a Mariana. A tia Mafalda casa-se com o tio Luís Portugal e nasce a prima Mariana, o primo Martim e a priminha Matilde.»

«Então e a Sara e o Xico Castelão? São da parte da tua mãe?»

«Sim! Por isso, é que a Sara namora com o Afonsinho sem serem primos um do outro, mas sendo os dois meus primos. E por isso é que o Xico Castelão namorou com a Mariana Portugal sem serem primos um do outro, mas sendo os dois

meus primos. A tia Bá é irmã da minha mãe e casou-se com o tio Tom Rot, de Berlim. Desse casamento nasceu a Sara, a Sílvia, a Sónia, a Susana, o Simão e o Sávio. O Sávio é aquele meu primo com síndrome de *Down*… Vive com a tia Bá no Estoril. Eu cresci basicamente com o Sávio. Acho que de todos os primos sou o mais ligado a ele. E de todos os irmãos a Sara e a Sílvia são as mais ligadas a ele. O Simão vive com o tio Tom, em Berlim. A Sónia vive em Cascais, ao lado da Susana, que vive ao lado da prima Sónia do tio Orlando. As casas delas são seguidas umas das outras, são moradias geminadas, na Quinta da Marinha. Eu não gosto de moradias geminadas, com a mesma simetria, o mesmo telhado, o mesmo arranjo, não tem graça nenhuma. Mas elas viverem em moradias geminadas tem graça. Elas andam sempre com os mesmos casacos, os mesmos sapatos, as mesmas carteiras, tinham mesmo que ter as mesmas casas. A tia Glória, irmã da minha mãe, casou-se com o tio Xico Castelão. Desse casamento nasceu o Gabriel, o Mateus e o Xico. O Xico vem daí…»

«Ah!... O Xico vem daí… Essas tuas primas não foram todas tuas assistentes?»

«Sim, foram essas minhas primas que foram minhas assistentes.»

«Que coincidência! E é tão giro as casas delas serem todas seguidas.»

«Não é coincidência nenhuma! As casas foram construídas propositadamente assim pelo arquiteto que é ou primo ou irmão ou melhor amigo de um dos maridos delas, elas são melhores amigas desde crianças, cresceram juntas, casaram-se

na mesma altura e obrigaram os maridos a comprarem as casas todas juntinhas. E não houve ali mão invisível nenhuma, porque não foi ao calhas que fui aluno delas… Os assistentes olham para os nomes dos alunos inscritos e escolhem as turmas, elas simplesmente escolheram as turmas onde eu estava.»

«E depois eu é que sou maçónico! Tu é que és maçon e não sabes… Eu sei que uma delas foi tua assistente de Direito Fiscal e outra de Direito Penal…»

«A prima Sónia do tio Orlando foi primeiro minha assistente a Economia e depois a Fiscal, a prima Susana foi de Romano, a prima Sónia da tia Bá foi de Penal I e depois o professor João, que é o marido dela, foi meu assistente a Penal II e a Penal III.»

«Romano? Vocês têm Romano? Já percebi porque é que estás tão ligado ao Direito Penal… Deve ser giro um casal de penalistas…»

«Sim, temos Direito Romano logo no primeiro ano…»

«Tiveste boa nota?»

«Foi a minha pior nota…»

«Quanto é que tiveste?»

«14.»

«O quê??? A tua prima só te deu um 14? Já não gosto dela…»

«Claro que gostas! Eu merecia ter chumbado! A prima Susana foi muito, muito, muito querida e muito, muito, muito compreensiva… Eu não abri sequer o manual de Direito Romano e nas aulas não ouvia nada, porque olhava para a minha prima e só me vinham à cabeça as memórias que tinha com ela, dos natais, das páscoas, das festas de anos… E se não era isso que me aparecia na cabeça, era o Mateus que me aparecia na cabeça…»

«O Mateus???? Irmão do Xico????»

«Sim… Eu nessa altura andava com o Mateus…»

«O quê???? Tu andaste com um primo teu????»

«O Mateus é "meio irmão" do Xiquinho e vem do primeiro casamento do tio Xico. Ou seja, o Mateus não me é nada. Não temos qualquer tipo de relação sanguínea. Não somos primos de verdade. Somos primos por afinidade. E o nosso namoro foi todo muito às escondidas… O tio Xico não podia sonhar! Quem sabia era o Xiquinho, porque nos apanhou uma vez em flagrante; o Xiquinho fez logo de padre e casou-nos na hora e tivemos que prometer-lhe que nunca nos íamos separar um do outro. Tirou as coisas todas do armário, arrancou os cabides todos, partiu uns quantos e fez-nos entrar naquela capela improvisada que parecia que tinha teletransportado de Las Vegas.»

«Então, se havia um armário, havia uma cama… Quer dizer que o Xiquinho vos apanhou na cama, não foi menino Jaime?»

«Sim, estávamos aos beijinhos na cama do Mateus e o Xiquinho entrou porta-dentro sem bater. O Mateus passou-se, levantou-se logo, quase que ia partindo a cara ao irmão. Eu fui logo pôr-me à frente do Mateus para proteger-lhe a cara. O Xico só pedia desculpa por ter entrado sem ter batido, gritava que não ia contar nada ao pai deles e gritava que nos amava e que queria ficar sempre connosco. Mas imagina o Xico, a dizer que nos amava, mas a chorar baba e ranho, imagina o choro dele amalgamado aos gritos do Mateus. E os gritos do Mateus, de repente, passaram a choro e o choro do Xico, de repente, passou a risos. O Xico, de repente, só pulava de alegria, estava cheio de eletricidade e parecia que aquela eletricidade lhe estava a curar em segundos qualquer preconceito ou qualquer homofobia que ele pudesse ter.»

«O Xico era homofóbico?»

«Mais ou menos… O Xico via no Mateus um ídolo. Se o Mateus afinal era gay, então para ele já não fazia mal nenhum ser gay. Na cabeça dele, se o irmão afinal era gay, era porque ser-se gay era tão natural como ser hétero. Foi nessa loucura eletrizante que o Xico teve a brilhante ideia de dar cabo do armário do Mateus. E de repente, aquilo era a fantasia do Xiquinho tornada realidade. O Xiquinho dizia-me sempre a brincar, que eu só me podia casar com três homens: ou com ele, ou com o Mateus ou com o Gabriel... Era uma piada inteligente dele. Era o Xiquinho, católico apostólico romano, a dizer-me que se eu quisesse "andar" ou namoriscar com rapazes, tudo bem, que ele até era progressista nesses namoros, mas que era conservador no casamento, e por isso, não podia era casar, porque o casamento era entre um homem e uma mulher. Como o Xiquinho era hétero

e punha aos mãos no fogo pela heterossexualidade dos irmãos, então dizia essa piada, como que me dizendo que seria um vitupério religioso se me casasse com um homem.»

«E o Gabriel não sabia de vocês?»

«Nunca percebi muito bem… Mas depois conto-te melhor sobre o Gabriel, pelo telefone não… Depois lembra-me para te falar sobre o Gabriel…»

«Fiquei muito curioso com o que aí vem sobre o Gabriel… Isso com o Mateus durou quanto tempo?»

«Os meu primeiro e segundo ano da faculdade.»

«O que é que aconteceu?»

«Descobri que o Mateus não gostava tanto de golfinhos como eu gostava, que gostava mais de orcas, que me ia trocando pelo surf e por raparigas e que fumava muito charro, foi basicamente isto que aconteceu. Depois quando acabei tudo com o Mateus, li o manual de Direito Romano e afinal adorei Romano. Há quem cure os desgostos de amor com chocolates, eu sempre curei com os livros, este do Mateus curei com os romanos.»

«E como é que ficou a vossa relação de "primos"? Vocês têm que se ver por causa das vossas ligações naturais…»

«Eu acho que nós acabámos bem. Quando eu acabei com ele, ele estava de charro na mão e até me perguntou no final se eu queria dar uma passa naquilo.»

«E tu deste?»

«Claro que não!… Seria só ridículo!… Essa do charro é uma técnica que ele começou a usar quando acaba com os rapazes que agora conhece no Grindr. Os rapazes todos apaixonam-se por ele, ele curte com os que quer e no final dá-lhes uma filosofiazeca sobre a vida de charro na mão, e pronto, fica amigo deles todos, alguns até surfam hoje com ele… No final do surf, "mandam uma" na areia ou em cima da prancha a ver o pôr do sol e pronto. E têm todos namorada, por isso até calha bem para todos. Eu sei disto porque o Mateus agora conta tudo ao Gabriel e o Gabriel conta tudo ao Xico e o Xico conta-me isto e muitas outras coisas. Eu adorava o Gabriel e o Mateus que são praticamente das nossas idades. Mas acho que os charros os transformaram. Eles não eram assim. Parece que venderam a alma ao Diabo. Antigamente os olhos deles brilhavam sempre, sabes? Eu adorava-os! O Gabriel, ainda assim sempre foi o mais desligado, porque nem sequer participava nos passeios noturnos, não se interessava muito pelo ambiente, nem pelos animais, nem pelas plantas, nem por nada, senão pelo surf. Mas o Mateus não! O Mateus interessava-se pelas coisas, não tanto como eu ou o Xico, mas interessava-se. Mas agarraram-se os dois aos charros e desligaram completamente. O olhar deles transformou-se. Agora, parece que só brilham quando estão com a passa… Parece que agora, *objetificam* tudo, racionalizam tudo, até as amizades deles começaram a racionalizar. E eu, no meio deles, comecei a ser um objeto de prazer.»

«No meio deles? O Gabriel também é gay? Também estiveste com o Gabriel????»

«Argh! Não queria ter dito isto pelo telefone… O Gabriel é meu primo de sangue… Claro que não estive com ele como estive com o Mateus! Mas eu depois conto-te melhor sobre o Gabriel.»

«Quantos anos é que eles têm exatamente?»

«O Mateus é um ano mais novo que eu, o Gabriel dois anos mais novo, é da tua idade, e só depois é que vem o Xico, que é 3 anos mais novo que eu. Mas o Gabriel e o Mateus têm cada um os seus grupos de amigos. Só estou com eles em família. Não saio com eles socialmente. Nem o Xico sai com eles. São grupos diferentes. Acho que na minha vida toda devo ter saído uma vez com os amigos do Gabriel e três ou quatro vezes com os amigos do Mateus. Eles nunca estiveram no meu grupo. Eu próprio também nunca permiti, nem quis muito, para ser franco… O Xico que é o *cassula* dos irmãos é o *cassula* do nosso grupo.»

«*Cassula*?»

«Sim, quer dizer o mais novo. É uma expressão típica da nossa família nem sei se quer se está no Dicionário.»

«Então, se o Xico é 3 anos mais novo que tu e que o Domingos, como é que ele foi vosso colega no 3º ano?»

«Porque eu entrei em Direito depois de ter concluído Economia, o Domingos depois de Gestão e apanhámos o *cassula* logo no 1º ano de Direito, mas só no 3º ano é que fomos colegas, porque ele estava na turma dos betos… Andámos os 3 juntos no 1º semestre do 3º ano, mas no 2º semestre o Domi foi para outra

turma, porque não escolheu Direito dos Contratos Públicos como eu e como o Xico… Mas acabámos o 4º ano os 3 juntos.»

«Na turma dos betos?»

«Sim, na minha faculdade há duas turmas: a turma dos betos e a turma dos heterogéneos…»

«Então e porque é que tu não estavas na turma dos betos?»

«Porque eu não sou beto…»

«És pouco beto, só se for… Porque é que não estavas na turma dos betos?»

«Porque *O Sistema* não achou que eu era beto, então pôs-me na turma dos heterogéneos…»

«Já vi que esse *Sistema* é altamente falível… Quem é que está por detrás desse *Sistema*?»

«Não sei… Mas há um mito na nossa faculdade que o pessoal de Cascais, algumas partes de Lisboa, vai tudo para a Turma A, que é a turma que dizem que é dos betos… E sabes, que há professores que só querem ficar com os da turma A, por causa desse mito? Dizem mesmo que preferem os da turma A aos da turma B… Ou seja, ainda alimentam esse mito… Eu acho que isso é um mito, porque eu vejo betos na turma A e betos na turma B… O que eu acho, se houver alguma seleção nas turmas, é uma espécie de seleção automática, mas por residência, uma seleção geográfica. Assim, aquele pessoal de Cascais e de algumas partes "melhores" de Lisboa, como Ratos, Campos de Ourique,

Amoreiras vai tudo para a turma A. E *O Sistema* ainda não deve ter percebido que os verdadeiros betos, os betos puros, as natas da nata, são de Santarém…»

«Claro… Lá está o escalabitano mais escalabitano a defender a sua Santarém… Mas vocês não são betos! São agrobetos… Vocês não são betos da cidade, vocês só sabem é aparecer nas festas de cavalo, têm que andar de cavalo para todo o lado, sabem lá usar o metropolitano, nem sabem andar de metropolitano, só sabem andar a cavalo… Vocês são betos rurais…»

«Rurais???? Isso ofende-nos Frederick von Der Maase!!!!»

«Pois… Vocês… Ofendem-se por muito pouco… Então, mas o Xico também é de Santarém, porque é que foi para à turma A e tu e o Domingos não? Esse mito não faz sentido…»

«Oh amor, faz… Porque eu não tenho um prédio na Avenida da Liberdade em que por cima é a minha casa de Lisboa e em baixo é o escritório de advogados do meu "papá", que não é um escritório, mas uma firma, e nem eu nem o Domingos temos Castelão no nosso apelido, como o *cassula* tem!»

«Hum… A vossa família tem muitas expressões típicas só da vossa família… E que engraçado, os teus melhores amigos são todos teus primos… Parece que é um requisito para ser teu amigo… Para ser teu amigo tem que ser teu primo… Para ser do teu grupo de melhores amigos tem que ser teu primo…»

«Pois e tu estás no meu grupo e não és meu primo, já viste a tua sorte?»

«É a sorte de ser teu namorado!»

«Pois… És muito sortudo!»

«Pois sou… És tão bonzão…»

«Bonzão, bonzão, és tu… Mas estava a contar que tinha contado à prima Mariana que o primo Afonsinho tinha lá aparecido na Gulbenkian para dar-nos um beijinho…»

«É verdade! Como é que o Afonsinho apareceu, lá de repente, e descobriu logo onde estávamos?»

«Porque enquanto estávamos a comprar o almoço em sítios diferentes, o Afonsinho telefonou-me e eu disse-lhe que estava só a comprar comida e que ia piquenicar contigo para o nosso spot; eu já lhe tinha mostrado uma vez o nosso *spot* na Gulbenkian. Quando ele telefonou a segunda vez ele só perguntou se já estávamos no nosso *spot,* eu disse que sim e ele desligou logo. Eu nem sabia em quanto tempo ele iria aparecer. E eu esqueci-me de te avisar que tinha falado com ele. Foi por isso que te pareceu que ele apareceu de repente.»

«Pois, ele foi muito rápido e parece que decorou muito bem o nosso *spot*! Ele não pode contar a ninguém!»

«Ele prometeu segredo. Depois contei à Mariana, que quando o Afonsinho zarpou da Gulbenkian tu ofereceste-me 3 chocolates. A Mariana ficou escandalizada: "O quê??? Já não bastava tudo e o Fred ainda lhe deu chocolates??? Está a gozar certo? Vamos já comer esses chocolates! Eu adoro chocolates… Mas tinha que ser logo três de uma vez??? Ok! Já percebi porque

é que é tudo perfeito na vossa relação… Com flores e chocolates todos os dias, assim também eu…"»

«Ai, ai… A prima Mariana é mesmo tão engraçada!»

«Eu disse-lhe que os chocolates não eram todos os dias… Que era muito de vez em quando… Que havia um plafond de 10 chocolates por ano, por causa da diabetes. Não queríamos ter diabetes! E tendo em conta que me tinhas dado três, já só tinha direito a receber mais sete chocolates até ao final do ano. Contei-lhe que depois de termos saído da Gulbenkian fomos até ao Parque Eduardo VII, subimos por São Sebastião e descemos o Parque todo até ao Marquês de Pombal e depois descemos a Avenida da Liberdade toda até ao Rossio, subimos o Chiado pelos Armazéns até ao Camões e depois descemos tudo até ao Cais do Sodré. Mas que ainda tínhamos ido namorar para o último andar de um prédio ali no Cais onde íamos sempre até à hora do pôr do sol. Já estávamos ali pertinho do rio, que era só descer o prédio e estávamos em frente ao rio.»

«A prima Mariana sabe que foi nesse prédio onde demos o nosso primeiro beijo?»

«Não sabe, amor…»

«Nunca mais podemos ir para lá dar beijinhos…»

«Pois não, amor…»

«Fomos tantas vezes para esse prédio…»

«Pois fomos, meu amor…»

«Lembro-me de todas as vezes em que fomos…»

«Também eu, meu amor…»

«Que pena, que já não podemos mais ir para esse prédio…»

«Não faz mal… Havemos de encontrar outro spot ali perto do rio para darmos beijinhos… Nós somos muito bons a arranjar *spots*…»

«Pois somos… Muito bons mesmos! Para mim, o melhor *spot* que já arranjámos foi aquele no Miradoiro de Monsanto, por cima de toda aquela mata, daquela floresta de Monsanto, que visto de cima parece mesmo um pulmão…»

«Pois parece! Para mim, também foi o melhor *spot* que já arranjámos… Aquilo parece uma nuvem, estamos no ar, ali suspensos, mas de uma forma invisível!»

«Pois, somos mesmo anjos… Fomos feitos para andar a namorar nas nuvens… Como os Anjos Tecnológicos d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.»

«Afinal o meu namorado é um anjo ou é um alien?»

«É a mesma coisa, meu amor! Comeram quantos chocolates?…»

«Só abrimos um chocolate, os outros dois trouxe-os comigo para Santarém e só os abro depois de voltar dos Açores, príncipe Fred…»

«Hum… Príncipe Fred… Gosto tanto de ser o teu Príncipe Fred… Se o Mathias te ouvisse a chamares-me Príncipe, ia logo dizer que eu era o Infante, porque o Príncipe era ele…»

«O teu irmão tem a mania!»

«Ele ia logo dizer-te que se tu quisesses um Príncipe a sério, terias era que casar com ele, porque eu sou Infante…»

«Só se não for a sério para ele! Nos sonhos dele eu teria era que casar com ele, e só nos sonhos dele é que tu não és um Príncipe a sério… Para mim és um Príncipe a sério…»

«Ai, sou amor…?»

«Sim, és! Então, és tão príncipe… És tão meu príncipe…»

«Pois, sou tão príncipe e sou tão teu príncipe… Mas sabes que, na verdade, na verdade, não sou Príncipe, mas sou Infante, não faz mal?»

«Oh amor, isso é no papel… É só um titulozinho…»

«Eu pensava que tu defendias o direito nobiliárquico…»

«O importante é como se defende o Direito… Como se defende a causa… Qual é a causa no Direito que estamos a defender…»

«E qual é a tua causa?»

«Eu sou uma simples abelha a estudar direito nobiliárquico… Para tirar o título ao teu irmão e dar-te a ti…

Ya… Vou ser o teu advogado monárquico na colmeia aí da tua casa.»

«E como vais fazê-lo?»

«Ora… Só estou à espera de uma oportunidadezinha…»

«Estou a ver uma grande janela de oportunidade a abrir-se em cima da tua cabeça…»

«Estás a vê-la?»

«Estou… Apareceu em holograma…»

«Uau…! Também trazes essa tecnologia instalada? Agora já não sei se és um príncipe ou se és um alien?»

«Amor, é a mesma coisa!»

«E também vale para os Infantes? É que eu ouvi dizer que eras um Infante…»

«És muito engraçadinho… Não gostei…»

«Oh… O meu amor não gostou… Não gostou porquê? Não está a ver bem o holograma… Não está…»

«Pois… Não estou… Esse teu holograma está todo codificado… Vá, descodifica lá…»

«Ah…! Que o meu namorado afinal, não vem com toda a tecnologia incluída como aparecia no pacote…»

«Cala-te! Tu é que vinhas no pacote… Eu é que te abri… Não te esqueças que eu é que sou o alien…»

«Tu é que vinhas embalado para mim…»

«Tu é que vinhas todo embalado por mim… Todo caidinho por mim… E eu por ti…»

«Pois vinhas todo caidinho por mim…»

«E tu também!»

«Não!»

«Sim!... Não vinhas? Não vinhas? Então?... Não vinhas? Diz lá que vinhas…! Eu sei que tu vinhas todo caidinho por mim…»

«Vinha! Pronto!»

«E ainda estás?»

«O quê?»

«Caidinho por mim…»

«Estou.»

«Eu também estou amor…»

«Eu sei!»

«Ai, sabes?»

«Sei…»

«Mas não estou só caidinho por ti…»

«Então?»

«Não sabes?»

«Não…»

«Estou todo caidinho por ti e…»

«E…»

«Estou todo cheio de *tusa* por ti…»

«Fred!!!!»

«Então, é verdade…»

«Vou mesmo ter que fazer queixinhas ao teu pai!»

«Ah! Ao meu pai, tudo bem! Achava que ias fazer queixinhas à Sociedade…»

«Ah! Boa ideia! Por não vires com toda a tecnologia incluída?»

«Pois! E não, não é boa ideia ires aborrecer a Sociedade dos Namorados com essa queixinha…»

«Ah! Eu acho boa ideia! Ainda por cima foste tu que me deste essa ideia…»

«Amor, nem tens artigo para isso… Não tens nenhum artigo para invocar à Sociedade… Nem vão querer saber da tua queixinha sem base legal, amor…»

«Hei de encontrar a base legal no Código do Namoro…»

«Amor… Não está no Código… Já perguntei à Kira… A Kira diz que não está no Código…»

«Desde quando é que falas com robots?… Aliás, desde quando é que precisas de robots para consultar o Código???? E eu não acredito nela! E tu também não devias acreditar nela…»

«E não acredito… Mas queria que acreditasses que a Kira disse que não há base legal que convença a Sociedade dos Namorados da tua pretensão… Já agora, qual ia ser a tua pretensão?»

«Um pedido de devolução?»

«O quê??? Um pedido de devolução??? O quê, ias devolver-me?»

«Sim… Devolver-te para reparação! Depois de teres a tecnologia instalada poderia aceitar-te de volta…»

«Ok! Mas enquanto não formulas o pedido… Quero dizer… Enquanto não fazes queixinhas à Sociedade… Quer dizer, enquanto não fazes birrinha…»

«Eu não faço birrinhas!»

«Fazes sim…»

«Nunca fiz birras!»

«Pois não… Então, não faças birra junto da Sociedade amor…»

«Eu não vou fazer birra… Vou formular uma queixa!»

«Amor! É a mesma coisa… É uma birrinha… Estás a fazer birra só pelo teu namorado não conseguir decifrar o holograma que a tua complexa mente projetou para a minha?»

«Sim!...»

«E… Que birra… Ai, ai amor… És tão mesquinha…!»

«Não é mesquinha! É mesquinho! Mas eu gosto de ouvir-te a dizer mesquinha, tens sorte!»

«Pois… És mesmo mesquinha… Tu podes dizer mesquinha à vontade, mas eu não… És tão mesquinha… Ou afinal, já não vais fazer queixinhas à Sociedade…?»

«Vou!!! Só não vou se…»

«Deixa-me adivinhar… Se compuser mais uma música para ti…»

«Tu és tão manipulador… A oferecer-me mais uma música para eu ficar calado…»

«Então, não queres mais uma música?»

«Quero! Mas o nosso negócio vai ser outro… A minha nova música fica fora dos nossos negócios, se faz favor…»

«Então, vá… Diz lá, qual é que é o negócio…?»

«Se encontrares a base legal no Código eu não faço queixinhas à Sociedade!»

«Tu és muito espertinho! Isso era a mesma coisa que eu apontar uma arma a mim próprio… Queres que aponte uma arma a mim próprio, amor?»

«Já o fizeste… Quando invocaste a Kira…»

«Não! Isso era se eu quisesse ser advogado… Mas eu não vou ser advogado nem tu queres ser advogado… Por isso, podemos gostar da Kira à vontade… Se fôssemos advogados é que não… Quer dizer… Podíamos ser advogados e falar da Kira à vontade, se tivéssemos uma firma de advogados… Ou então, se fôssemos sócios da firma… Nem que fôssemos sócios minoritários… Aí, já podíamos… Mas nós não somos nem vamos ser advogados, por isso: viva a Kira! Yeah!»

«Quase que parecia um reclame… Ou uma campanha política… Estou confuso…»

«Oh amor, era um reclame!...»

«Mas então, ainda há bocado disse-te que ia ser o teu advogado monárquico… Parece que não queres que seja o teu advogado monárquico…»

«Sim… A Kira ainda não chegou ao direito nobiliárquico, por isso podes ser meu advogado monárquico à vontade… É claro, que eu quero que sejas o meu advogado monárquico…»

«Amor, a Kira ainda só sabe ler e interpretar contratos civis… Quanto mais títulos nobiliárquicos… Ela ainda só percebe de Direito Civil…»

«Ainda…»

«Sim… Ainda… Vá… Já encontraste a base legal?»

«Ainda não! Espera! Isto não é um Código Civil! Isto é um Código do Namoro e tem 1000 artigos…»

«Amor! Isso não é nada comparado ao Código Civil… O Código Civil tem o dobro.»

«O dobro? Não eram 300 e tal?»

«Não, amor! Estás a falar do Código Penal, aquele que tiveste nas mãos da última vez?»

«Nós estávamos com dois Códigos amor…»

«Sim… Mas eu estava com o Código Civil e tu estavas com o Código Penal… Estávamos com os dois abertos que era para conjugarmos os artigos das Cartas, da Imagem, da Intimidade e da Vida Privada… Lembras-te?»

«Ah! Sim… Perfeitamente! Eu estava com o Código Penal… Pois era! E também tivemos a ver a diferença dos crimes de Difamação e Injúria… Injúria seria o crime que a Giralda do *2080* de Antoine Canary-Wharf praticaria se se dirigisse ao Cacau por palavras, ofensivas da sua honra, dizendo que tinha sido ele que tinha roubado as joias, mesmo que tivesse sido sob a forma de suspeita. Difamação seria o crime que a Giralda praticaria se se dirigisse a alguém, mesmo sob a forma de suspeita e imputasse esse roubo ao Cacau, ofensivo da sua honra ou consideração e se espalhasse pelo WhatsApp ou pelo Facebook ou pelo Messenger, que são meios que facilitam a sua divulgação. As penas da difamação e injúria são elevadas para 1 terço da pena por ter havido publicidade e calúnia, certo?»

«Certo! Estou impressionado… Não queres sair de Medicina e vir para Direito? Anda lá para Direito… O Código Penal tem 389 artigos e o Código Civil tem 2334 artigos… Portanto o nosso Código do Namoro tem metade dos artigos do Código Civil…»

«Qual é que é o último artigo do Código Civil?»

«É sobre a intransmissibilidade da testamentaria.»

«Da testamentaria? Isso é o testamento?»

«Não! O que é um testamento, pergunto-te eu?»

«Então é um documento…»

«É um ato…»

«É um ato pelo qual eu digo "o Jaimezinho fica com todos os meus bens".»

«É um ato unilateral…»

«É um ato unilateral pelo qual eu digo "o Jaimezinho fica com todos os meus bens".»

«E esse ato é revogável ou irrevogável?»

«É irrevogável…»

«Irrevogável? Então? Não podes voltar atrás? Não podes rasgar o testamento?»

«Ah! Posso!»

«Então, afinal qual é a noção de testamento? Quero uma noção milimetricamente jurídica…»

«Testamento é um ato unilateral revogável pelo qual eu digo "o Jaimezinho fica com todos os meus bens".»

«Mas oiça lá, o Jaimezinho fica agora com todos os seus bens?»

«Agora não!»

«Então, fica quando?»

«Quando se casar comigo!»

«Estamos no capítulo da sucessão testamentária, ninguém está a falar de casamentos agora…»

«Ai é? Não queres casar comigo?»

«Quero! Então, o Jaimezinho fica quando com os seus bens, se não é agora?»

«Então, quando eu morrer…»

«Muito bem! Então, quero agora a tua noção final milimetricamente jurídica.»

«O testamento é o ato unilateral revogável pelo qual eu digo "O Jaimezinho vai ficar com todos os meus bens quando eu morrer".»

«Uau!!!! Está quase igualzinho ao número 1 do artigo 2179º do Código Civil.»

«Pois! Eu tenho Direito Natural em mim.»

«Pois tens… Mas todos têm amorzinho…»

«Não, não… Nem todos têm…»

«Todos têm! Direito Natural é aquele Direito que tu sabes, porque sabes que é assim, não precisa de estar escrito em nenhum lado, é aquele Direito que não precisava de estar escrito, que tu já sabias que era assim… É aquele Direito que foi inscrito no teu coração…»

«Vês… Nem todos têm o mesmo coração… Nem todos têm Direito Natural…»

«Todos têm porque foi inscrito no coração dos humanos… No coração de todos os humanos… E chama-se testamentaria quando o testador encarregue alguém de vigiar ou executar o cumprimento do seu testamento.»

«Ya… Vou nomear-te meu testamenteiro…»

«Vais me pagar quanto????»

«Então vou pagar-te com tantos legados que te vou deixar…»

«Mas afinal, vou ser um legatário ou um herdeiro?»

«Estamos em Portugal, meu amor… Bem sabes que eu por mim deixava-te tudo… Mas o sistema sucessório português não deixa… Não é amor?»

«Estou impressionadíssimo… Para além de seres um craque a Medicina também és um craque a Direito das Sucessões… Já que estamos tão espertinhos, diz-me lá, então, o que acontecia se um doente teu testasse a teu favor o barco dele para irmos para Porto Santo – que isto de teres uma casa na ilha de Porto Santo de nada vale, se não tivermos um barco para lá irmos quando bem quisermos, porque os voos para lá são caríssimos –, enquanto lhe estavas a tratar um cancro… Um cancro… Sei lá… Diz-me lá um cancro muito prevalente, mas que não seja mortal e que eu possa preveni-lo…»

«Por exemplo, basalioma.»

«Basalioma?»

«Sim… Carcinoma basocelular.»

«Oh amor, isso é o quê?»

«É um cancro da pele.»

«Como é que eu previno isso?»

«Evicção da exposição solar…»

«E se eu quiser andar ao sol, se eu não quiser evitar o sol, porque eu gosto é de apanhar sol?...»

«Protetor solar, amor…»

«E se eu for estúpido e não puser protetor solar, por causa daqueles estudos da *Food and Drug Administration* que saíram, que dizem que os protetores solares têm uma absorção sistémica acima do limite recomendado de avobenzona, oxibenzona,

octocrileno e ecamsul, que são ingredientes químicos que vão entrar na minha corrente sanguínea?»

«Pois, é porque serias muito estúpido mesmo! O meu namorado não vai ter cancro da pele! O meu namorado sabe que o cancro da pele é o cancro mais prevalente no mundo e o meu namorado sabe que esses estudos não foram conclusivos, porque não há evidência que esses ingredientes químicos sejam lesivos para o nosso organismo, segundo esses estudos. O meu namorado sabe que o facto de ultrapassar o limite recomendado pela *Food and Drug Administration*, não significa que seja prejudicial para a saúde. E o meu namorado também sabe que, ainda que a oxibenzona tivesse um risco, o benefício de usar protetor solar é muito superior ao risco, qualquer que ele seja. E para nos deixar descansados sobre o risco da oxibenzona, o nosso protetor solar já retirou a oxibenzona, por isso, qualquer que seja o risco de oxibenzona, com o nosso protetor solar estamos sãos e salvos!»

«E com o nosso protetor solar os corais também estão sãos e salvos, amor! Porque o octinoxato faz mal aos recifes de coral e o nosso protetor solar também retirou o octinoxato dos seus protetores solares…»

«E qual é que é o fator proteção solar que nós compramos sempre?»

«O mais alto, o fator 50.»

«Porquê? O fator 50 não é mais para as peles mais claras?»

«Não! Isso é indiferente! O cancro da pele não escolhe cor da pele! As peles escuras como produzem mais melanina,

como se fosse um chapéu que cobre as células, conseguem aguentar mais tempo ao sol sem se lesar, mas só aguentam um tempinho sem protetor solar, depois desse tempinho, se não tiverem protetor solar lesam-se do mesmo modo que as peles mais claras…»

«Muito bem, amor! E tu és um craque a Dermatologia… Devias inventar um Direito da Pele… Então, e diz-me lá se a tua pele conseguir estar exposta ao sol 10 minutos sem se lesar, quanto tempo vais poder ficar ao sol com um protetor solar fator 50?»

«Oh amor, achas que a minha pele só aguenta 10 minutos ao sol sem se lesar???? Isso é a tua! Que é clarinha! A minha aguenta muito mais!»

«Não, não aguenta! Que eu em Porto Santo bem ouvi a tua pele a gritar por mim e pelo protetor solar…»

«Amor, achas que a minha pele me ia deixar mal em Porto Santo???? Claro que aguenta…»

«Pronto, a tua pele não te deixou mal em Porto Santo, mas vieste de lá com um bronzão que me deu *tusa* o verão todo… Mas se a tua pele só aguentasse 10 minutos sem se lesar, quanto tempo poderias ficar exposto ao sol com um protetor solar fator 50?»

«Então, é só multiplicar os 10 minutos, que é o tempo que que a minha pele aguenta estar ao sol sem se lesar, pelo número do fator, por isso, podia 500 minutos… Até a mim me deu *tusa* o meu bronze… E adorei vir de lá com os pelos loiros… Porto

Santo aloirou-me os pelos, e eu nem sabia que os meus pelos podiam ficar loiros… Será que foi de ter passado os dias todos enterrado naquelas maravilhosas areias carbonatas biogénicas de magnésio, cálcio e estrôncio cheias de fósseis formados há 35 mil anos e cheias de bioclastos de rodófitas?»

«Não foram as areias de Porto Santo que te aloiraram os pelos, foram os 3 meses que passaste debaixo do sol de Porto Santo que te deram um novo bronze e um novo loiro que desconhecias nas profundezas dos teus genes… Bioclastos de rodófitas?»

«Sim… As rodófitas são aquelas algas encarnadas essenciais para a cimentação, formação e sobrevivência dos corais… Não sabes????»

«Já sei!!!! Era para os nossos hackers ouvirem e saberem o que são rodófitas…»

«Eles que vão pesquisar…»

«Oh amor, não têm tempo! Não podem estar a ouvir-nos e ao mesmo tempo estarem a fazer pesquisas…»

«Pois… Mas se são hackers deviam saber tudo…»

«Não, amor… Os hackers só sabem aquilo que nós dizemos… Então, e diz lá aos hackers porque é que as algas são encarnadas…»

«Tu não sabes????»

«Sei!!!! Os hackers é que não sabem… Diz lá… Eles querem ouvir…»

«Só se admitires que não sabes e que queres muito saber…»

«Admito que não sei e que quero muito saber…»

«Porque têm ficobilina que é o pigmento responsável pela capacidade de absorção de luz em águas profundas…»

«Então, se calhar, foi esse pigmento dessas algas em águas profundas que trouxeram o pigmento loiro dos teus genes profundos…»

«Uau! És tão profundamente oceânico Fred… Mas eu desconfio é que tenha sido o estrôncio…»

«Mas tem que ser uma característica única de Porto Santo…»

«Então, e o estrôncio é uma característica única em Porto Santo… As areias de Portugal têm quartzo e silício, as de Porto Santo têm cálcio, magnésio e estrôncio… Logo o estrôncio é uma característica única de Porto Santo…»

«Amor, as areias de Portugal continental também têm estrôncio só que têm menos 40 vezes que as areias de Porto Santo…»

«Lá está, essas 40 vezes a mais de estrôncio conferem uma característica única a Porto Santo…»

«Mas quer tenha sido das rodófitas, do estrôncio ou do nível extremo de radiação solar em Porto Santo, os teus pelos ficaram mais loiros que os meus… Ai, ai… Que *tusa* que o teu bronze me deu amor… 500 minutos são 8 horas… O que quer dizer que poderias ficar 8 horas exposto ao sol se…?»

«Se me besuntasse com protetor 30 minutos antes de sair de casa e se aplicasse depois o protetor durante o dia de duas em duas horas… Ainda bem que tenho um namorado que adora pôr-me creme no corpo inteiro e é um cronómetro implacável e não tenho que me preocupar em pôr protetor solar… Ai, ai… Estou mesmo no paraíso… Contigo estou nas nuvens…»

«Muito bem amor! É assim que prevines basalioma com um namorado como eu, que te põe protetor solar *cronometradamente*… A exposição prolongada ao sol sem protetor solar é um fator de risco para o desenvolvimento do basalioma…»

«Cura-se como?»

«Com cirurgia.»

«Como?»

«Vai-se lá e corta-se.»

«Não quero esse!»

«Diz-me outro cancro… Que esteja associado ao tabaco, sem ser o pulmão… Sim, porque o teu doente fumava que nem uma chaminé…»

«Cancro da bexiga.»

«Porque é que a bexiga está associada ao tabaco?»

«Porque o tabaco é lesivo para várias células.»

«Esse cura-se como?»

«Cirurgia, quimioterapia, imunoterapia…»

«O que é que é a imunoterapia?»

«É uma terapia que atua no teu sistema imunitário, porque o cancro está associado ao teu sistema imunitário. As células do cancro têm mecanismos que as camuflam do sistema imunitário e o sistema imunitário não as consegue destruir. E para o cancro da bexiga, na imunoterapia, um dos tratamentos é injetar a vacina da tuberculose para dentro da bexiga que vai chamar células inflamatórias.»

«Vai chamar?»

«Sim... Vai haver uma chamada de células…»

«Vai haver uma chamada de células ou vai ficar inflamado?»

«É a mesma coisa… É indiferente…»

«Não estou a perceber… Se vai ficar inflamado, ali onde eu injetei a vacina, as células vão ficar inflamadas, não se vão pôr a chamar as células inflamadas…»

«Não vão chamar as células inflamadas… Vai haver uma chamada de células inflamatórias, que são os leucócitos, mas sobretudo os linfócitos… É como se tivesses um violador escondido dentro de um prédio. Tens polícias a andar na rua, mas não veem o violador, porque ele está escondido. O que a vacina faz é chamar a atenção dos polícias, é como "se pusesse" ladrões desarmados nas janelas, os ladrões são as bactérias sem virulência, ou seja, como tu já sabes, sem a capacidade de provocar doença de tuberculose. E os polícias olham para a janela e veem que há ladrões, então vão entrar no prédio para atuar nos ladrões e vão acabar por "atuar" também no violador, que está lá no prédio. Ou seja, a vacina vai estimular a resposta do sistema imunitário… Aqui vais ter um efeito local… Nas outras vacinas tens um efeito sistémico.»

«Sistémico?»

«Sim... Vai afetar o organismo todo, potencialmente pode atuar em qualquer parte do organismo, porque vai circular no sangue. Ainda te lembras como funciona a vacina?»

«Sim, a vacina tem uma determinada característica de uma bactéria ou de um vírus, por exemplo uma bactéria de tuberculose tem parede celular que tem na sua superfície determinadas moléculas e são essas moléculas que vão ser reconhecidas pelo meu sistema imunitário.»

«Muito bem... Mas tu sabes que se tiveres em contacto com essa bactéria, vais ter tuberculose. Não é?»

«Sim…»

«Então, como podemos fazer com que tenhamos células imunitárias de memória sem que tu tenhas uma infeção pela bactéria da tuberculose?»

«Então, vou ter que alterar um bocadinho a bactéria de forma a que ela não provoque tuberculose. Ou seja, em laboratório vou pegar numa bactéria da tuberculose e vou pô-la no meio de cultura a crescer numa caixinha de Petri. Ela cresce, depois eu pego nessa bactéria e ponho outra vez em meio de cultura, e vou fazendo isto sucessivamente de forma controlada, como se tivesse a purificar a bactéria das suas características virulentas… Já tenho a minha bactéria para formar a minha vacina, já posso injetá-la no corpo de forma a que ela seja reconhecida pelo sistema imune, mas sem causar doença. E agora, o sistema imunitário vai responder matando essa bactéria e criando ao mesmo tempo células de memória, porque ele sabe que aquilo é uma coisa fora do organismo, é um extraterrestre como tu neste Planeta Terra… Ou seja, no futuro o sistema imunitário vai se lembrar que já teve em contacto com essa bactéria e que já tem uma série de células à espera de atuar contra essas bactérias, que são células específicas para atuar contra a tuberculose.»

«Muito bem amor! Ganhaste o prémio-lema "vacinar, vacinar, vacinar!" Ainda podes curar o cancro da bexiga com radioterapia.»

«Como é que funciona a radioterapia?»

«Basicamente é uma máquina que emite energia numa determinada direção sob forma de fotões, que são raios gama.»

«E porque é que os raios gama curam?»

«Porque são altamente lesivos para as células... Se tu tens o sol que emite raios ultravioleta que são lesivos para a pele, imagina a lesão de uma energia muito maior, dos raios gama, que o sol também emite, que são superiores aos ultravioletas. Por isso, é que se emite essa energia numa determinada direção, neste caso vamos emitir os raios gama para onde está o cancro, onde há células cancerígenas.»

«Não quero esse cancro! Também não gostei desse… Dá-me outro!»

«Cancro da laringe. Sendo que 85% dos casos estão associados ao tabaco.»

«Mas qual é a prevalência em Portugal?»

«Em Portugal, por acaso, não sei, amor, mas sei que, nos Estados Unidos aparecem 12.400 novos casos todos os anos e 3.760 pessoas morrem todos os anos.»

«Porque é que sabes esses números de cor?»

«Porque estive a ver isso ontem com a Helena.»

«Esse é aquele cancro onde cresce um cancro nas cordas vocais e depois temos que tirar as cordas vocais?»

«Nas cordas vocais cresce um cancro que vai ter que ser retirado e dependente do estadio, podes ter que retirar as cordas vocais, a parte que treme, que são aquilo que nós chamamos "as cordas vocais verdadeira"…»

«E depois como é que eu falo?»

«Com o esófago… Os doentes depois aprendem a falar como o pato Donald.»

«Não quero ficar a falar como o pato Donald, dá-me outro!»

«Cancro do esófago. Há 17.000 casos novos todos os anos e 16.000 pessoas morrem por ano, por causa do cancro do esófago.»

«Isso são outra vez valores americanos?»

«Sim… Também estive a ver ontem com a Helena. E é o sétimo cancro mais mortal no Homem, a sua sobrevivência aos 5 anos de diagnóstico é 19% e é muito complicada a sua cirurgia, porque o que se pode fazer é retirar o esófago e pôr uma parte do intestino a substituir.»

«Argh! Ficamos com tripa na nossa garganta? Não quero esse cancro!!!!»

«Cancro do estômago… Também está associado ao tabaco… É um cancro muito mortal, tem mau prognóstico, muitas vezes responde mal ao tratamento, é muito agressivo…»

«O que queres dizer com ser muito agressivo?»

«Que se expande muito rápido, que destrói tudo muito rápido.»

«Isso quer dizer que dá metástases?»

«É um dos fatores.»

«Onde é que dá metástases o cancro do estômago?»

«No fígado e no peritoneu. Isso foi muito coloquial, amor… Não perguntes "onde é que dá metástases", pergunta antes "onde se formam metástases".»

«*Opá*, ó Fred eu sou coloquial… Eu posso perguntar assim, tu é que não podes… Eu já soube o que é o peritoneu…»

«*Opá*, o peritoneu é o saco que envolve os órgãos do abdómen…»

«*Opá*, que são quais?»

«*Opá*, são os intestinos, o reto, o estômago, o fígado, o baço, a próstata, a bexiga… Mas totalmente, totalmente só envolve o estômago e o baço.»

«*Opá*, o que quer dizer ter um cancro no peritoneu?»

«*Opá*, quer dizer que que vais morrer…»

«Opá, que vou morrer? Porquê?»

«O tratamento é paliativo porque é o último estadio… O cancro com metástases no peritoneu não tem cura… E eu diria que o cancro do estômago é um dos piores, diminui muito a qualidade de vida e é muito prevalente em Portugal… Em Portugal, Estónia, Colômbia, Japão, Coreia, China, Rússia é um problema de saúde pública. O cancro do estômago é em Portugal a 3ª causa oncológica de morte e a 3ª causa oncológica de morte a nível mundial.»

«Qual é a 1ª causa de morte por cancro em Portugal?»

«A 1ª causa de morte oncológica é o cancro colorretal.»

«Qual é a 2ª causa de morte por cancro em Portugal?»

«A 2ª causa de morte oncológica é o cancro do pulmão. Mas isto é em Portugal, porque a nível mundial a 1ª causa é o cancro do pulmão, a 2ª é o cancro do fígado e a 3ª é o cancro do estômago. Ou seja, a nossa realidade é diferente, é por isso, que é importante ver a nossa realidade e adaptarmos a nossa medicina aos nossos doentes…»

«Isso quase que soou a uma espécie de Medicina de Precisão…»

«Pois soou… Afinal qual é que é o cancro do meu doente que me testou o barco dele para irmos para Porto Santo?»

«Ainda não sei…»

«Estou a ver que não és muito bom em Telemedicina…»

«Mas tu és muito bom em Telemedicina…»

«Obrigado! Queres outro cancro?»

«Sim… Do tabaco…»

«Parece que estás numa propaganda contra o tabaco…»

«Pois estou… Quem me dera que os meus priminhos largassem a passa…»

«Já lhes disseste que em cada 5 segundos uma pessoa morre por causa do tabaco?»

«Já…»

«E mesmo assim não largaram a passa?»

«Não…»

«Mas puseste-os a contar os segundos?»

«Pus…»

«E não largaram a passa?»

«Não…»

«Mas disseste-lhes que há um site que conta o tempo real de mortes por causa do tabaco e que se vê em cada 5 segundos o número de mortes por dia a aumentar?»

«Já… Mas eles não quiseram saber…»

«Se calhar, o meu doente tem cancro da faringe… 65% sobrevive…»

«Ah… Então não é mortal… Tem que ser um mortal… Mas que possas preveni-lo…»

«É mortal, amor! 35% das pessoas morrem! Uma forma de avaliar se o cancro é muito mortal ou não, e uma forma de padronizar os diferentes cancros em termos de sobrevivência e mortalidade, é ver quantas pessoas morrem ao longo do tempo. Uma das unidades que se usa muito é a sobrevivência aos 5 anos.

Este, aos 5 anos, 65% sobrevivem e 35% morrem. Se o cancro tiver metástases aos 5 anos a taxa de sobrevivência baixa para 39%, ou seja, é mais provável que se morra.»

«Se calhar, o teu doente tem mesmo é um cancro no pulmão… O pulmão tem cura?»

«Depende do estadio, depende da localização do cancro, muitos poucos dos cancros do pulmão são curáveis.»

«A primeira morte por cancro em Portugal é o cancro colorretal, não é?»

«Sim.»

«E demora muito o tratamento?»

«Tem um seguimento muito prolongado, pode levar 2 meses como meio ano…»

«Como é que previno?»

«Sobretudo alimentação, exames de rastreio…»

«Alimentação??»

«Sim… As carnes vermelhas aumentam a chance de ter cancro colorretal…»

«Espera lá… Eu posso afirmar que comer porco ou vaca que são carnes vermelhas aumenta a chance de ter cancro colorretal?»

«Sim!»

«Oh amor, a sério????»

«Sim, amor, porque é verdade!»

«Posso mesmo afirmar de boca cheia que comer porco e vaca mata????»

«Podes, amor!»

«Oh amor, já podias ter dito há mais tempo!!!! Andava eu aqui a arranjar desculpas ambientais, filosóficas, éticas, jurídicas e morais para salvar os porcos e as vacas… Afinal há uma desculpa médica! É a desculpa perfeita! É a Natureza a dizer-nos o que podemos comer e o que não podemos comer! Eu adoro a Natureza! É a Natureza a dizer "não façam mal aos porquinhos, se lhes fizerem mal vou dar-vos um cancro!" As pessoas deviam era comer crocodilos, que são bichos maus que nos comiam com aquelas bocarras, deviam era comer cobras que nos matam com aquele veneno! Deviam era fazer negócios com os bichos maus e não com os bichos bons! Se eu fosse o Estado, pagava às pessoas para andarem a apanhar cobras! Eu por mim vivia era das cobras! Alimentava-me das cobras, tirava-lhes a pele para fazer lindas botas, casacos e forrar a minha casa e extraía-lhes o veneno, que deve ser milagroso! Eu se fosse a Medicina fazia mil investigações e mil aplicações do veneno das cobras e das vespas asiáticas! E as abelhas agradeciam!»

«Tu parece que falas com pontos de exclamação e com favos de mel na boca! Tu andas sempre com pontos de exclamação e com abelhas atrás de ti, amor! Deves ter mel, só pode! Queres ser um caçador de cobras e vespas asiáticas?»

«Sim! Um caçador de vespas asiáticas, de cobras, de crocodilos e de todos os demónios que habitam a Terra! Os demónios da Terra, os bichos maus, é que deviam ir todos para a panela!»

«Ok, amor! Vai lá caçar e traz todos os bichos maus que eu cozinho para nós…»

«E quem é que lhes vai tirar as peles e os venenos?»

«Eu, amorzinho…»

«Devíamos era tirar as peles às cobras para fazer os nossos sapatos, não é às vacas que são altamente sociais, que se ligam às suas crias, que são mamíferos, que se ligam aos humanos, que têm afetos para os humanos e para os da sua espécie… Nós humanos somos tão estúpidos… Fazemos mal aos animais que são capazes de nos amar, de serem nossos amigos… Somos mesmo burros! Há famílias que têm porcos como se tivessem cães! Os porcos são inteligentíssimos, têm ligações socio-afetivas com os humanos ainda mais complexas do que os cães e os gatos… Comer um porco é o mesmo que comer um cão! É nojento!»

«Na nossa casa só vão para a panela polvo, piranhas, cobras, crocodilos e abutres…»

«Os polvos são inteligentíssimos, mas são grandes predadores. Predam caranguejos, lagostas, predam tudo o que possam predar. Se tivessem o nosso tamanho de certeza que nos predavam. Não tinham dó nem piedade. E eles têm atos canibalescos entre eles. Para mim, todas as espécies que praticam canibalismo é tudo para a panela também. E o polvo é um animal

solitário. Não se liga à sua espécie. É desligado. É inteligente, mas desligado. Os desligados também são para a panela. Dá-me um gosto cortar aqueles tentáculos tão tenros, onde vejo tanta inteligência, tanta tecnologia e levar as garfadas de polvo à boca e saber que aquela carne para além de ser saborosa, parece que pertence ao meu corpo, parece que o meu cérebro quer aquela garfada. Quando como polvo sinto que estou a rejuvenescer.»

«Amor, eu adoro ver-te a comer polvo. Tu tens orgasmos, espasmos em cada garfada que levas à boca! É lindo de se ver, amor! Eu fico com orgasmos só de ver os teus orgasmos! Os teus orgasmos dão-me orgasmos!»

«Mas sabes, levo essas garfadas, mas numa constante oração em que repito para mim próprio que o polvo é canibal e que se o polvo tivesse o meu tamanho predava-me, asfixiava-me com os seus 8 poderosos braços tecnológicos. É essa constante oração que me dá prazer predar a tecnologia do polvo.»

«Eu consigo ver essas tuas constantes orações. Eu vejo-te numa permanente oração. Eu amo-te!»

«Eu amo-te! E em nome de todos os porcos e eu nome de todas as vacas e de toda a carne vermelha, declaro que o teu doente foi diagnosticado com cancro colorretal.»

«Agora esperemos que ele não venha a morrer da doença, senão lá se vai o barco…»

«Ah! Era mesmo isso que eu queria saber se tu sabias! Queria saber o que acontecia se o teu doente durante o

tratamento te testasse um barco para irmos para Porto Santo, mas viesse a morrer depois da doença…»

«A disposição testamentária seria nula… Diz o artigo 2194º do teu Código Civil. Por isso, é que querias um cancro prevalente e tal com um tratamento demorado, para o meu doente ter tempo de me testar um barco, mas querias um cancro que, pese embora, fosse mortal, tivesse cura… Eu topei-te logo…»

«Ya… Topaste-me logo… Porque é que sabes o artigo de cor? Nem eu sabia… Tive que ir ver se estava certo… E está certo! É mesmo o artigo 2194º…»

«Então, é um artigo que se dirige a mim e tudo na epígrafe. Diz na epígrafe "médicos"… Por isso, é que o decorei. Sem querer decorei-o…»

«Mas não diz só médicos…»

«Sim, também diz enfermeiros e sacerdotes. O mesmo se aplica ao sacerdote que preste assistência espiritual ao doente e nessa assistência espiritual o doente faça uma deixa testamentária a favor do sacerdote e o doente venha depois a morrer da doença. O Direito vai também tirar o barco ao sacerdote. O vosso Direito é mesmo muito espiritual…»

«Pois é… Eu já te disse isso muitas vezes… O nosso Direito é muito espiritual…»

«E o meu doente era fumador… E o tabaco também pode estar associado ao cancro colorretal… Parece-me um bom diagnóstico… Eu muito francamente, não sei se há algum cancro

que não tenha o tabaco associado… Parece-me que o tabaco acaba por aparecer associado a todos os cancros…»

«Pois, os cigarros e, digo-te eu que, os telefones também vão começar a aparecer associados a mil e uma novas mutações, a mil e uma novas loucuras celulares, a mil e um novos cancros… Essas novas radiações, essa permanente exposição às radiações, esses telefones sempre nos bolsos, esses telefones *supertecnológicos* sempre ali junto ao ouvido, sempre ali colado à cabeça, sempre ali colado ao cérebro… Eu só de olhar para esses telefones vejo é com cada tumor… Vejo tumores por todo o lado. Quando oiço a dizerem que os telefones são o futuro, que a Internet das Coisas é o futuro, que o futuro são os novos mil e um objetos conectados, que o futuro são os novos mil e um objetos tecnológicos, eu vejo é que a oncologia vai ser o Futuro! Eu vejo é que a oncologia e a psicologia é que vão ser o futuro! Digo que a psicologia vai ser o futuro, por causa das mil e uma novas depressões que as pessoas vão ter… Os telefones deprimem as pessoas… Anda tudo deprimido! Parece que anda tudo deprimido ou drogado com os telefones… Eu não percebo como é que as pessoas vão para os cafés com os telefones! Não percebo, mas francamente já estou tão saturado de comentar isto, que agora já me riu! Porque dá mesmo vontade de rir, ver tudo agarrado ao telefone! Acho uma piada… As pessoas estão agarradas ao telefone e depois dizem que não sabem porque é que estão deprimidas, não olham para o marido, olham para o telefone, não olham para os amigos, olham para o telefone, depois perdem o marido e os amigos, perdem tudo, perdem a vida!»

«Pois, ainda bem que olhas para mim o tempo todo e só usas o telefone para saberes onde estou, para poderes olhar para

mim… E ainda bem que eu te ofereci uns headphones para te livrar desses teus tumores que só tu é que os vês…»

«Então e tu não vês? Ah, pois… Esqueci-me que és a Medicina e ainda não se fala em tumores cerebrais na Medicina, por causa dos telefones… Nem tumores testiculares…»

«Amor… Tumores testiculares?»

«Sim! Cancro nos testículos! Cancro nos ovários! Pior esperma! Miúdos cheios de erros genéticos! Porque as pessoas metem os telefones nos bolsos e quem apanha com a radiação são os espermatozoides… Quando vejo telefones nos bolsos vejo mil e uma mutações a acontecerem ali nos espermatozoides… Mas as pessoas querem lá saber dos espermatozoides!»

«Ai, amor… Tu és tão engraçado… Estou indeciso se deverias receber um nobel da Medicina ou um *nobel da Comédia*…»

«Não há *nobéis da Comédia*! Por isso, fico com o da Medicina, obrigadinho…»

«Ah! Afinal queres um nobel da Medicina…»

«Não quero…»

«Então, queres ou não queres?»

«Não quero…»

«Porquê?»

«Tenho vergonha.»

«Vergonha do quê? De ir lá buscar o nobel? De subir ao palco?»

«Sim…»

«Não tenhas amor… Agora o palco é tecnológico… Agora o nobel vem de drone…»

«O quê? Já puseram tecnologia também nos nobéis?»

«Ya… Já chiparam os nobéis…»

«Não quero nobéis chipados na minha casa!»

«Olha, com um prémio nobel já podíamos comprar uma casa nos Açores…»

«Eu mudei de ideias… Se calhar, não precisamos de comprar uma casa nos Açores… Já temos a do Mathias em São Miguel e a da Helena nas Flores…»

«Pois… Mas tu não querias viver uma temporada em São Miguel?»

«Então, e eu queria que o Mathias nos emprestasse a casa dele nessa "mesmo" temporada…»

«Pois, mas tu deste ideias ao Mathias com as tuas ideias de regras de comodato…»

«Achas mesmo que eu ia celebrar um contrato de comodato com o teu irmão para essa temporada? Nós vamos celebrar é um contrato de usufruto, porque quando nós formos viver para São Miguel eu quero ter o uso e fruição daquela casa!

Quero ter o gozo pleno daquela casa! Quero gozar bem aquela casa! Quero ter um direito real daquela casa! Contrato de comodato foi o que fizemos quando combinámos agora, ele emprestar-nos a casa para estes dias que vamos aos Açores.»

«Pois, mas tu também deste ideias aos Mathias com as tuas ideias de regras de usufruto que eu ouvi…»

«Pois dei, mas a parte que ele não sabe, é que essas minhas ideias de regras de usufruto vão-nos beneficiar e avantajar muitíssimo se ele nos constituir como usufrutuários da casinha dele nos Açores…»

«É tão bom ter um namorado em Direito… Tu és a minha extensão… Ando há anos com esquemas para intrujar o Mathias… Ele ficou com a melhor casa e eu sempre imaginei diamantes e petróleo por baixo da casa dele… Agora contigo já posso intrujar o Mathias, ainda por cima, como ele tem um fraquinho por ti, podes escrever o que tu quiseres nos contratos que ele assina tudo, assina tudo ludibriado por ti… Vamos explorar o petróleo que há debaixo da casa dele…»

«Eu sabia!!! O teu irmão tem mesmo cara de quem tem petróleo!»

«E eu? Não tenho também cara de petróleo?»

«Tu não és dono de petróleo… Logo não tens cara de petróleo… Tu tens cara é de lítio…»

«E tu tens cara de mel! Estás cheio de favos de mel na boca! Parece que falas com favos de mel na boca… Gosto tanto de ouvir o teu mel… Quero tanto o teu mel…»

«E eu quero tanto o teu lítio e o petróleo do teu irmão…»

«És mesmo capitalista amor, a sério… Só nos vês como produtos… Parece que queres ser o nosso produtor, o nosso explorador…»

«Sim, pois quero e vou ser!»

«Mas só podes explorar o produto de um dos von Der Maase…»

«Onde é que isso está escrito?»

«Está no Código dos Namorados…»

«Fui eu que inventei esse código e eu não me lembro de ter escrito isso…»

«Amor, tu és muito possessivo com os teus direitos intelectuais…»

«Pois sou… Porque a única propriedade que eu tenho é a minha intelectualidade…»

«Eu também sou tua propriedade… Todo o meu produto é tua propriedade… O meu esperma é tua propriedade… Tu tens direitos sobre o meu esperma, sabias? E o meu esperma é de ótima qualidade, livre de radiações, livre de erros genéticos… Ainda queres explorar o petróleo do meu irmão?»

«Tu é que tiveste a ideia de explorar o petróleo dele…»

«Não percebeste a minha piada…»

«Eu percebi e não teve piada nenhuma…»

«Então, diz lá o que é que percebeste…»

«Percebi que fizeste uma nauseabunda analogia entre o esperma, o lítio e o petróleo… E percebi que afinal vocês homens são mesmo todos iguais…»

«Eu começo a desconfiar que tu tens ovários, trompas de Falópio e um útero dentro de ti…»

«Já somos dois… Como eu não tenho casas na vida real do Direito, ao menos tenho direitos de propriedade das coisas que eu vou dizendo, que eu vou pensando…»

«Oh, amor! Mas tu tens tantas casas… Tens uma em Porto Santo, tens outra na Herdade da Aroeira, tens outra em Santarém… Não precisas de ser tão mesquinha com os teus direitos de propriedade sobre o Código dos Namorados…»

«A de Porto Santo é tua, a da Aroeira é dos teus pais, nem sequer é tua, e a de Santarém é dos meus pais, logo não é minha… O Fisco olha para mim e diz que eu não tenho casas… O Fisco não tem nada para me tributar, nem propriedades, nem rendimentos…»

«O Fisco não pode tributar o Código dos Namorados? E a casa de Porto Santo é nossa, se é minha, é tua!»

«Vai lá dizer isso ao Direito, vai! No mundo real do Direito a casa de Porto Santo é tua… No Código dos Namorados é que pode ser nossa… E não, o Fisco não pode tributar o Código dos Namorados… Porque é um Código

alienígena, fui eu que eu trouxe cá para a Terra e o Código já foi tributado lá em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, que eu próprio já o tributei… Sim, porque também fui eu que inventei Jupiter… Era agora o que faltava tributarem-me duas vezes o Código…»

«Amor, mas quando o Fisco descobrir que Jupiter não é um planeta, mas sim uma ficção tua, quando descobrir que usaste o Código das Sociedades Comerciais para criares no mundo real uma ficção tua, e vir que afinal Jupiter é uma sociedade anónima, vai te tributar Jupiter e vai te tributar o Código… Tu sabes como é que o Fisco é…»

«Mas eu criei Jupiter, fora da Terra e não há Fisco nenhum que vá tributar fora da Terra, já te disse que é um Código alienígena, foi criado fora da Terra…»

«Tu não sabes mesmo como está o Fisco, pois não? Nem parece que tiveste Direito Fiscal… Ah, esqueci-me! A tua assistente de fiscal era tua prima… É o que dá porem parentescos a darem notas a primos e cunhados… Tu até podias esconder o Código dentro do teu útero invisível que o Fisco ia tributá-lo… Não te podes esconder do Fisco… O Fisco sabe tudo, mais tarde ou mais cedo o Fisco vai descobrir…»

«Eu não estou em nenhuma fuga fiscal e eu gosto muito do Fisco, por isso, não ponhas o Fisco contra mim… Mas o Fisco não pode tributar negócios nem contratos que eu tenha em Jupiter; desculpa, mas não pode! É demasiado extraterrestre para o Fisco!»

«Mas o Fisco está a ficar demasiado tecnológico… E tu sabes perfeitamente que com tecnologia, aquilo que parecia extraterrestre, deixa de parecer extraterrestre…»

«Mas continua a ser extraterrestre!»

«Continua a ser, mas deixa de parecer, o que interessa é aquilo que parece, meu amor…»

«Tu falas como se fosses o Fisco, ou como se fosses um fiscalista…»

«Isso é porque eu sou um alien… O Fisco é coisa de aliens.»

«Pois, és alien para umas coisas, mas para outras não és nada alien…»

«Para que coisas é que eu não sou alien?»

«"Tu és a minha extensão… Ando há anos com esquemas para intrujar o Mathias…"»

«Amor, não te esqueças que o Mathias também é alien, não é? Por isso é normal eu precisar de alguém da Terra para poder ver os contratos reais da Terra, porque o vosso Direito para nós também é assim um pouco alienígena… Afinal, eu ainda não percebi bem a diferença entre o contrato de comodato e o contrato de usufruto…»

«Nem tu nem mais de metade dos que chumbaram a Direitos Reais… O comodato não é nenhum direito real, o usufruto é! O teu irmão só nos vai emprestar a casa, não tem lá

nenhum carro. Mas vamos imaginar que o teu irmão também tinha lá um carro e nós não precisávamos de ter alugado o nosso Mercedes. Se o teu irmão nos emprestasse o carro a nós, nós não podíamos agarrar no carro e emprestá-lo por exemplo à Sara e ao Afonsinho, nem podíamos alugá-lo, ou seja, não podíamos fazer nenhuma oneração, do carro que nos foi emprestado, tinha que haver sempre uma autorização do teu irmão para o podermos fazer. O comodato é aquele contrato gratuito que todos nós fazemos quando emprestamos coisas uns aos outros. Não é preciso nenhum documento escrito. Basta o Mathias dizer que nos empresta o carro, entregar-nos a chave e pronto! É um contrato entre nós, vale entre as partes do contrato de comodato, que sou eu, tu e o Mathias; não tem eficácia nenhuma com terceiros, não há publicidade nenhuma, porque nem sequer está sujeito a registo. O usufruto, já não; a sua constituição é um facto sujeito a registo, há toda logo uma outra proteção, um outro peso, uma outra importância que o Direito quer dar. Aquilo que eu disse para o carro, vale o mesmo para a casa, como vale para uma esferográfica, ou uma bicicleta num contrato de comodato. Os teus pais, os teus irmãos, só sabem que o Mathias nos emprestou a casa dos Açores porque o ouviram a dizer que nos emprestava, mas se não tivessem ouvido não iam saber que nós éramos comodatários do Mathias e que ele era nosso comodante. Porque mesmo que fossem ao Registo Predial não iam lá encontrar os nossos nomes como comodatários, porque lá está, não é um facto sujeito a registo. Nem os teus pais, nem os teus vizinhos, nem potenciais inquilinos do Mathias ou potenciais compradores da casa do Mathias. Se o Mathias morresse enquanto estivéssemos nos Açores, os teus pais que são herdeiros legitimários não iam saber que eu e tu éramos comodatários do

Mathias e o nosso comodato em nada valia contra os herdeiros legitimários, como não valia em relação aos novos proprietários, se por acaso, o Mathias vendesse a casa enquanto nós estávamos lá de férias…»

«Então, isso quer dizer que os novos proprietários, podiam chegar lá e mandar-nos simplesmente embora, ainda que estivéssemos dentro do tempo do comodato que tínhamos combinado que ia durar?»

«Exatamente! O nosso comodato ardia! Porque o nosso comodato não tinha eficácia nenhuma, senão entre mim, ti e o Fred. Só valia entre este nosso triângulo. Não podíamos opor o nosso direito contra terceiros, que neste caso, seriam os novos proprietários. Não te esqueças, nem sequer é público, não é um facto sujeito a registo. Mas se fôssemos usufrutuários, podiam vir os teus pais que eram os legítimos herdeiros, podiam vir os novos proprietários tentarem mandar-nos embora da casa dizendo que a casa já não era do Mathias, que agora era deles e até nos podiam escarrapachar com a escritura pública à frente da cara, que nós já podíamos opor, porque agora o que eles tinham comprado, tinha sido uma casa que estava onerada com um usufruto, porque estava lá no registo, ou seja, tinha vindo com um bónus e o bónus éramos nós, teriam que gramar connosco! O mesmo para os teus pais. Se o Mathias morresse e eles herdassem a casa do Mathias os teus pais iriam herdar um bem onerado. Éramos nós o ónus, éramos nós o encargo, o nosso direito de usufruto seria o ónus.»

«E se eles dissessem que não sabiam e que se soubessem que a casa do Mathias estava onerada com um direito de usufruto de 5 ou 10 anos, nunca teriam comprado?»

«Paciência! Tivessem consultado, "com olhos de ver" o registo! Porque, é para isso que serve o registo! O regime também é altamente diferente sobre as benfeitorias, porque os comodatários são equiparados a possuidores de má fé, enquanto que no usufruto, os usufrutuários já podem fazer as benfeitorias úteis e voluptuárias que quiserem, desde que não alterem a forma, a substância ou o destino económico, sendo vistos como possuidores de boa fé.»

«Espera… Eu ouvi falar em benfeitorias??? Vamos mandar fazer uma piscina!… E tudo por conta do Maths… Senão, quando formos embora, levantamos a piscina…»

«Nós, a voltarmos ao continente, vindo das ilhas, com uma piscina às costas…»

CAPÍTULO IV

REVELAÇÕES E DÉJÀ VÚS

«O Mathias não tem lá nenhum Mercedes na garagem dele, mas tem duas bicicletas com pneus furados… E disse que basta comprarmos câmaras de ar se quisermos usá-las.»

«Comprar câmaras de ar? Nem pensar! Compramos remendos e vamos é remendar… Quero tanto comprar remendos e remendar! O meu pai remendou-me tantas vezes a câmara de ar da minha Bike Neptune… Lembro-me tão bem de chegar a casa cheio de lama com a Bike Neptune toda enlameada e os pneus tantas vezes furados. Eu, o Afonsinho, o Domi e o Xico metíamo-nos por entre as matas, descíamos as serras e as montanhas, desbravávamos as florestas e claro, entretanto furávamos os pneus. O meu pai abria os pneus com a sua chave de fendas encarnada, mergulhava a câmara de ar num alguidar verde e viam-se as bolhinhas a sair onde a câmara de ar estava furada. Ele tirava, marcava com uma bola encarnada, voltava a mergulhar e quando já não havia mais bolhinhas então colava os remendos. Eu ficava fascinado a vê-lo naqueles trabalhos mecânicos.»

«O teu pai também faz tudo… É mecânico, barbeiro, paraquedista, médico, engenheiro, juiz… Só lhe falta mais uma profissão para ser o homem dos sete ofícios… As do Mathias são duas Bike Neptune.»

«O quê? Já não quero saber de Mercedes nenhum! O Mathias tem duas Bike Neptune?»

«Ya… Agora é a parte que acabas comigo e vais a correr dizer ao Mathias que afinal aceitas namorar com ele… Eu sabia que devia ter ficado com as duas Bike Neptune…»

«Ficaste com o quê?»

«Com duas Kodak…»

«Nós temos duas máquinas de rolo, daquelas máquinas da Kodak quem têm um "x" de fotografias para tirarmos, para levarmos agora para os Açores???? Eu amo-te Fred!!!!»

«Estava a pensar levarmos só uma, mas se quiseres podemos levar as duas… Assim não vamos precisar dos telefones para nada mesmo, podemos deixá-los em casa.»

«Uma basta-nos porque uma sobra-nos! Sim, assim não vamos mesmo precisar dos telefones; nós só íamos levar 1 telefone no porta-luvas para tirarmos uma ou outra fotografia que quiséssemos mesmo…»

«E para marcarmos o 112 em caso de emergência ou o número da assistência, caso tivéssemos alguma avaria…»

«Não há avarias nem emergências em São Miguel, de certeza… E eu sei mudar um pneu!»

«E eu vou levar uma Kodak para te tirar uma fotografia a mudar um pneu e depois mandar revelar.»

«De que cor é que são as Kodak? Não me digas que são em encarnado, amarelo e preto…»

«São em encarnado, amarelo e preto.»

«Ah! Eu amo-te! Temos quantas fotografias para tirar?»

«São 27. Por isso, temos 54 fotografias para tirar.»

«Isso dá para umas 10, 11 idas aos Açores….»

«Pois dá… Já temos fotografias para a vida toda…»

«Essas máquinas de rolo encarnadas, amarelas e pretas com 27 fotografias da Kodak, só me fazem lembrar quando eu ia com o tio Vasco e a tia Francisca, com o Domingos e a Pureza para a casa do tio Orlando na Quinta do Lago, quando o tio Orlando ia para a sua casa ultrassecreta em Portofino ou para a sua outra casa ultrassecreta em Livorno…»

«Porquê ultrassecreta?»

«Porque nunca levou lá ninguém, ninguém conhece aquelas casas, ele só lá vai com a tia Francisca… Nem sei se a prima Sónia, que é a filha dele, alguma vez lá foi…»

«Mas o teu tio Orlando, por acaso sabe que eu tenho uma paixão platónica por Livorno?»

«Não sei… E eu tenho uma paixão platónica por Portofino… Lembro-me de ver uma vez Portofino numa revista de viagens, daquelas revistas como deve de ser, com fotografias sem filtros, que as ilustrações mais pareciam quadros e postais, das revistas antigas que havia e agora já não há… A imagem de Portofino ficou-me gravada no cérebro! Instalou-se de tal maneira aos meus 9 anos que nunca mais saiu de mim… É por isso, que eu detesto que me mostrem fotografias e imagens de tudo e mais alguma coisa! Bem sei, como as fotografias e imagens se instalam em nós, como se apoderam de nós sem pedir autorização…»

«Amor, então tens que contar ao teu tio sobre estas nossas paixões platónicas, para ele nos emprestar as chaves e a *platonias* das nossas paixões desaparecerem e transformarem-se em realidade… Vai lá buscar as chaves…»

«Eu vou… Verão atrás de verão, o tio Orlando emprestava a casa ao tio Vasco e eu passava o verão com eles, com o tio Vasco e a tia Francisca e com o Domingos e a Pureza. Pedia dinheiro à minha mãe e lá ia a correr comprar uma máquina de rolo para levar para o Algarve. A tia Francisca levava sempre uma máquina de rolo também igual à minha. Tínhamos sempre duas máquinas de rolo para o verão. Nós passávamos o dia todo ou a andar de bicicleta ou a jogar xadrez ou na piscina e só íamos para a praia no final do dia, basicamente para ver o pôr do sol e íamos sempre jantar muito tarde. Eram esses jantares que eu adorava! Eu adoro jantar tarde! Era o pessoal todo a sair da praia e nós a entrarmos na praia… Éramos nós a chegarmos ao restaurante e a malta toda já nas sobremesas. Para mim, a melhor hora para se jantar é as 10 ou às 10 e meia da noite. O jantar às 8 na mesa é quando se está em casa, em família… Agora jantar fora às 8? Nem pensar… Eu talvez goste muito dessas jantaradas das 10 e tal como grito da minha rebeldia… Sinto-me rebelde a jantar a essa hora… Como em casa os meus pais sempre foram muito pontuais com a hora do jantar, sempre àquela hora muito tradicional, cheia de hinos, orações e benzimentos, então para mim, esses jantares de verão às 10 da noite pareciam uma emancipação… Levávamos as Bike Neptune no tejadilho do carro. Eram 3 Bike Neptune. A minha, a do Domi e a da Puré. Era lindo de se ver! Eles agora têm aquele jipe azul clarinho muito bonito, que o Domi levou para a passagem de ano, mas antes tinham uma carrinha, também Mercedes, das mais antigas, com os farolins despegados em dois pares de bola à frente, sabes?»

«Sim… Aquela carrinha clássica da Mercedes… Que tu gostas em descapotável… Esse jipe que o Domi levou para a passagem de ano em casa da tua prima Mariana Fráguas era o jipe que o meu pai teve. Só que o do meu pai era em anil, era um azul mais escuro, não era clarinho como esse que o Domi levou…»

«Antes desse jipe eles tinham essa carrinha num tom de azul metalizado forte, era um azul estridente, berrante, parecia que gritava "saiam da frente, deixem-nos passar", o tio punha sempre "pata de Elefante" a ir para o Algarve, para cá já vínhamos nas calmas, mas para lá, íamos a "300 à hora"…»

«Estava agora a imaginar-vos na autoestrada, vocês a irem para a Quinta do Lago, nós a irmos para Vale de Lobo, vocês com as vossas 3 Bike Neptune por cima da carrinha, nós com as nossas 6 Bike Neptune por cima do jipe. E vocês a ultrapassarem-nos e o Maths a fazer-vos *piretes* por nos terem ultrapassado. O Maths fazia piretes aos carros que nos ultrapassavam.»

«O Domi fazia *piretes* e deitava a língua para fora aos carros que ultrapassava… Por isso, é possível que o Domi e o teu irmão tenham trocado *piretes* em plena autoestrada a ir para o Algarve…»

«De repente, parece que estou a ter um *déjà vú*…»

«De repente, parece que também estou a ter um *déjà vú*…»

«De repente, não sei se a minha imaginação são memórias verdadeiras ou se a minha imaginação acabou de fabricar

memórias falsas que se transformaram em memórias verdadeiras…»

«As memórias falsas não se podem transformar em memórias verdadeiras…»

«Podem, amor! Com optogenética podem! Não queres ir comigo à optogenética? Vamos transformar o nosso *déjà vú* em memórias… São as nossas memórias, amor…»

«Argh!!!! Parece mesmo que estou a ver o Domi a fazer-vos piretes e a deitar a língua para fora…»

«Vocês iam para a Quinta do Lago com que idades?»

«Começamos a ir, eu devia ter os meus 8 ou 9 anos…»

«Então eu tinha os meus 6, 7 anos… Isso foi para aí em 2000… Em 2000 o meu pai tinha um Mercedes ML 320 verdinho, verde tropa... Mas nós só começamos a ir para Vale de Lobo mais tarde… E iam para lá até quando?»

«Íamos para a Quinta do Lago até os meus 14 anos…»

«Então eu tinha 12 anos, isso foi em 2006. Em 2006 o meu pai vendeu o ML 320 e comprou um R 320 azul. Foi nessa altura que começámos a ir para Vale de Lobo, porque nós comprámos a casa em Vale de Lobo quando comprámos o R 320. Depois em 2012 vendeu esse Mercedes e comprou um GLS em anil… E em 2018 vendeu o antigo e comprou um GLS novinho em folha, que é este em violeta que tu tanto gostas… Então, e depois dos 14 deixaste de ir à praia?»

«Depois dos 14 comecei a ir mais para a Aroeira no verão e dali da Aroeira íamos para os Mecos, Tróias e Comportas… Agora o próximo Mercedes que o teu pai vai comprar vai ser em 2024 e vai ser em encarnado, e depois só compra o próximo em 2030 e vai ter que ser em cor-de-laranja…»

«Como é que sabes?»

«Então, o teu pai trocou de Mercedes de 6 em 6 anos e com a sequência das cores do arco íris. Verde, azul, anil e violeta.»

«Sim, ele já disse isso. Mas disse isso há pouco tempo. Reparámos nisso há pouco tempo. Não foi propositado. Mas agora ele vai manter a matemática. Quer dizer, vai manter a matemática, dependendo de como estiver na altura a tecnologia. Nós não gostamos do sistema de voz de Inteligência Artificial da Mercedes. E ainda não percebemos se é possível ou não desligar o microfone do sistema de voz. E ainda que seja possível, nós não queremos nenhum microfone dentro do nosso carro. Por isso, se for possível comprar o carro sem o microfone, porque nós achamos completamente desnecessária essa inteligência artificial nas nossas viagens, tudo bem, o meu pai continuará fiel à Mercedes, senão vai começar a ver outra marca; isto, se, de repente, as marcas não se lembrarem todas de só começarem a vender carros com microfone. E a inteligência artificial desse sistema vai ainda tornar-se mais complexa, porque o sistema vai ser capaz de reconhecer a voz do proprietário e só "obedecer" à voz do proprietário e não obedecer à voz de outras pessoas que estejam no carro. Uma coisa é termos inteligência artificial para evitar acidentes, para salvar vidas. Outra coisa é termos inteligência artificial para ligar as luzes ou desligar as luzes ou

procurar um hotel a partir do comando da nossa voz… Não gostamos e para nós é completamente desnecessário. E olha, pelas minhas contas, também é possível termo-nos cruzado na ponte da Quinta do Lago, enquanto vocês estavam a ir para a praia e nós estávamos a sair da praia, porque nós, nessa altura, quando estávamos em Vale de Lobo íamos algumas vezes fazer praia à Quinta do Lago. Depois, nos anos a seguir, passámos a fazer praia no Ancão, depois fugimos para o Garrão, depois ainda houve anos que fomos para os Tomates, quando ainda ninguém ia, senão os futebolistas. Depois acabámos por ficar sempre ali em Vale de Lobo. Já estava tudo muito cheio, já não valia a pena irmos para outras praias com uma mesmo à frente de casa.»

«Eu andei a fazer essas fugas, mas foi nas Comportas. Fomos descendo. Primeiro íamos para a Comporta. De repente, toda a gente começou a ir para a Comporta e descemos para o Carvalhal. Começou também a haver uma enchente no Carvalhal. Descemos para o Pego. O Pego também começou a ficar à pinha ali nos piques de Verão. Fomos para a Raposa, o tio Domingos Côrte-Real tem lá casa. Depois comecei a ir para lá só com o Afonsinho. Se nos cruzámos na ponte da Quinta do Lago, espero que dessa vez tenha sido sem *piretes*… Esse sistema de voz faz-me rir. Tu agora pagas 50 mil euros para te processarem as conversas dentro do teu próprio carro. Se esse sistema de voz só funciona ligado à Internet é um perigo! Mas ainda que não tenha que estar ligado à Internet, aposto que quando o carro se liga à Internet haja "atualizações" do software e que "nessas atualizações" o carro envie à marca algumas conversas para os analistas e os cientistas da marca "melhorarem" a precisão do sistema…»

«Já pensaste em ser analista de dados da Mercedes? Posso falar com o meu pai, ele conhece os tipos da Mercedes… Deve ganhar bem, um analista de dados da Mercedes…Se calhar, o Maths ainda fez um *pirete* ao Domi, porque achava que era teu namorado… Eu e o Maths nessa altura já te disputávamos… O Joa era demasiado novo para se meter ainda nessas nossas disputas…»

«Conseguiste mesmo implementar-me mais *déjà vús*. Não te consigo agora tirar dessa ponte cheia de flamingos… Acho que preferia ser encarregado de dados… Nesse triângulo de encarregados, cientistas e analistas, se tivesse mesmo que mexer em dados, se eu fosse "obrigado" a mexer em dados, então que fosse encarregado de dados… Parece-me a mais lícita e legítima profissão desse triângulo de dados que o *Big Data* inventou… »

«Eu e os flamingos concordamos contigo Jaimezinho… Mas se não aproveitares tu a cunha, o Maths vai aproveitar e lá do outro lado da vidinha dele de analista vai ouvir tudo o que dissermos nas nossas viagens tecnológicas *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Os flamingos são nossos testemunhas! Essa ponte da Quinta do Lago cruzou-nos pela primeira vez quando éramos miúdos… Era o destino a cruzar-nos. A desenhar-nos nessa ponte. Lembras-te?»

«Lembro-me… Já aos 12 anos eras o mais giro dos 3… Eu só olhava para ti. Vocês pareciam todos iguais. Mas eu só olhava para ti… Ainda bem que nós não discutimos, porque senão o Maths, lá do outro lado da ponte, carregava no botão para o algoritmo dele sugerir eu deixar-te em casa e ir dar uma volta com ele à rotunda.»

«Então, isso quer dizer que vamos ter um Mercedes?»

«Depende… Já estou como o teu pai… Depende da tecnologia. Se a Mercedes nos vender um Mercedes, novinho em folha com mudanças, que eu não gosto de caixa automática, gosto de ser eu a pôr as mudanças, que eu não precise do telefone para entrar no carro, porque abre (também) com chave, que não precise de estar ligado à Internet, sem microfones, sem robots, sem inteligências artificias, sem Mathias ou outros cientistas de dados da Mercedes que nos ouvem, analisam, processam, tratam e vendem as nossas conversas, as conversas que temos dentro do nosso carro, que fomos nós que pagámos, que pagámos para ter conversas secretas e viagens secretas para andarmos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, tudo bem! O Mathias tem cara de petróleo e de cientista de dados. Tem mais cara de cientista do que analista…»

«"O prazer de guiar só se consegue desfrutar engrenando as mudanças". Sabes quem é que disse isto uma vez? O Mathias tem mais cara de petróleo do que cientista…»

«Quem?»

«Foi o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Sabes quem é?»

«Ya. É o namorado do Frederick Carlsen Münnich von Der Maase.»

«Namorado? Eles já são marido e marido…»

«Não sabia, ninguém me convidou para o casamento… Mas espera, fui eu que disse que o prazer de guiar só se consegue desfrutar?…»

«Foste! Quando estávamos a estacionar o nosso Mercedes no ferry, a sairmos do Funchal para Porto Santo. Nós andamos sempre com Mercedes atrás. Parece que levamos a Mercedes para todo o lado.»

«Pois, mas é bom que a Mercedes tire o cavalinho da chuva de nos querer vender um carro com microfone, porque eu não vou comprar carros com microfone! Nem com microfones nem com câmaras! Mas, amor, essa frase está mal construída, não posso ter dito isso assim…»

«Disseste sim! Eu até escrevi-a no *Caderno das Coisas que Merecem Estar no Caderno*. E porque dizes que está mal construída? É tão bonita! E é tua!»

«Amor, porque eu dizer que o "prazer" de guiar só se consegue "desfrutar" engrenando as mudanças, é a mesma coisa que dizer o "gozo" de guiar só se consegue "gozar" engrenando as mudanças, e isso não faz sentido!»

«Amor, faz sim! Estás a dizer que há um gozo, um prazer em se guiar e que esse gozo só se consegue gozar, desfrutar verdadeiramente se se engrenarem as mudanças, faz todo o sentido! Tu não dizes nada sem sentido! Tudo o que tu dizes tem sentido e faz sentido! Eu vejo sentido em tudo o que tu dizes!»

«És tão lindo! Eu amo-te! Obrigado por protegeres tão convictamente as minhas invenções e as minhas idiotices… Mas é

que me dá, mesmo, um gozo pôr as mudanças… Para mim é um deleite!»

«Eu sei! Eu bem vejo a tua voluptuosidade a guiar! Tu ao volante, a pisares sensualmente descalço os pedais – eu olho-te para os pés descalços a pisares os pedais e dá-me *tusa* – e a rasgares sensualmente as curvas tão bem como rasgas e a pores-te com os teus suaves arranques ficas num arroubamento, num elevo que adoro ver… Ver a tua voluptuosidade dá-me tanta volúpia… Idiotice é tu achares que dizes idiotices! Tu és lindo! És perfeito! Eu amo-te!»

«Eu amo-te! Gosto, mesmo, de ouvir a caixa manual a funcionar. Gosto de cada vez que meto a mudança e largo a embraiagem, sentir que a mudança está lá, que o motor está pronto para responder novamente e que estou pronto para andar "outra vez" na estrada. Com a caixa automática isso não se consegue sentir! Gosto quando a mudança tem aquela disponibilidade imediata, de ver a mudança a entrar e ver que é logo engrenada e isso torna a experiência do *guionismo* verdadeira, autêntica. Eu cá, gosto é de carros em que possa ser eu a pôr as mudanças e de carros que me deixem seguir as placas que eu quero, não preciso nem de Internet nem de GPS nenhum! Ficar escravo do GPS? Ficar refém da Internet? Nem pensar! Se não se importam, deixem-me ser eu a guiar, obrigado!»

«Então e se o Direito se armar em estúpido e ditar que agora só podem circular carros ligados à Internet das Coisas, por causa da *Nova Economia,* do *2080 de* Antoine Canary-Wharf, que quer poupar acidentes, atrasos e outros stresses?»

«Então, é porque o Direito é mesmo estúpido! Já não basta os hackers interferirem nas chamadas com o meu namorado era o que mais faltava agora os meus hackers interferirem no sinal de GPS do meu carro e o Direito e a Polícia deixarem… E se o Direito Estúpido da Internet das Coisas Todas Ligadas resolvesse ditar que eu agora só posso andar nas estradas *supertecnológicas* com carros *supertecnológicos* ligados permanentemente à Internet, dependentes da Internet, vulneráveis à Internet, então que esses carros *supertecnológicos* pudessem ser comprados sem microfone, porque estar ligado à Internet já é um perigo, mas ligado à Internet e com microfone "por defeito obrigatório de fábrica" é um perigo, um atentado e uma completa violação da privacidade, da intimidade, da propriedade, da intelectualidade, da dignidade, de tudo! É um crime! Ficar nessa pouca sorte vulnerável a milhões de ouvidos que nos roubam as ideias, que se põem a escutar as conversas dos namorados para se inspirarem e fazer fortunas à nossa custa? À custa dos nossos cérebros? Das nossas emoções? Dos nossos sentimentos? Dos nossos corações? Das nossas mentes? Da nossa propriedade industrial? Porque somos nós que somos proprietários das nossas mentes e dos nossos cérebros! É a nós que eles nos pertencem! Era agora o que faltava a Internet das Coisas e os nossos hackers virem-nos dizer que somos uma mente global… Que pertencemos todos uns aos outros… Mas estamos agora todos num comunismo de dados ou quê? Mais parece uma ditadura comunista de dados! Não somos pólipos de uma caravela portuguesa, coisa nenhuma! Somos humanos, com cérebros independentes uns dos outros. Cada um que fature com o seu cérebro! Cada um que ponha o seu cérebro a faturar como pode! Se o meu cérebro tem que estar ligado a algum cérebro, é

ao cérebro do meu namorado! Se há algum cérebro que se tenha que ligar ao meu, é o do meu namorado! Não são os cérebros dos meus hackers que se vão ligar ao meu, de certeza…»

«Pois, e tu tens muitos hackers, amor… Andas sempre com muitos hackers atrás… Parecem espíritos, fantasmas…»

«Pois, mas ficas já a saber que quando casarmos não vais só contrair as minhas dívidas, vais também contrair todos meus espíritos e fantasmas que são de carne e osso, têm um corpo, são de instrução média, alta, alguns já foram meus namorados e chamam-se todos hackers!»

«Amor… Estou aí a ver um traço teu de *Paranóide Tecnológica*… Mas é um traço que eu gosto muito… E estou também a ver aí um traço teu muito amoroso por hackers…»

«Se lesses como eu li a *Paranóide Tecnológica* do Federico Ferrari também ficavas com *Paranóide Tecnológica*…»

«Mas eu li como tu leste a *Paranóide Tecnológica* do Federico Ferrari e também fiquei com *Paranóide Tecnológica*… Tu leste 95% da *Paranóide Tecnológica* ao meu colo e os outros 5% leste agarrado aos meus pés… No último capítulo quiseste sair do meu colo e ir ler para os meus pés… Em cada linha beijavas os meus pés… O Federico Ferrari devia ter escrito mais linhas no último capítulo para me beijares mais os pés… Quem me dera que o último capítulo da *Paranóide Tecnológica* tivesse infinitas linhas… Tu amas, adoras ou veneras os meus pés? Ter *Paranóide Tecnológica* é uma espécie de intuição, uma espécie de inteligência, uma espécie de mecanismo de defesa… É uma espécie de bem-estar espiritual… Uma ferramenta que te permite ver as coisas tecnológicas, com

outros olhos, que te permite ver "mais à frente"… É uma vantagem tecnológica sobre tudo e todos! Não é nenhuma paranoia. A paranoia é uma fantasia e mata. A *Paranóide Tecnológica* do Federico Ferrari é uma realidade e faz-nos sobreviver na nossa sociedade de informação tecnológica.»

«Eu amo, adoro e venero os teus pés… E odeio todos os meus hackers exceto o teu irmão, que é o único hacker que eu gosto…»

«Amor, também estou aí a ver um traço teu de *síndrome de Estocolmo* da *Paranóide Tecnológica* do Federico Ferrari… Ai, amor… Ouvir-te dizer que amas, adoras e veneras os meus pés dá-me tanto *tusa*… E ver-te beijar com a tua intelectualidade os meus pés dá-me tanta *tusa*…»

«E eu estou aí a ver um traço teu de narcisismo de *huguísmo* dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke… Porque só um narcisista pode gostar de ver beijarem-lhe os pés…»

«Não tenho culpa de seres um picuinha e um mesquinha com pés e achares os meus pés perfeitos… Isso dá-me muita *tusa*, saber que a forma dos meus pés se encaixa perfeitamente aos algoritmos da tua mente…»

«Pois… Já viste como é linda a língua portuguesa!?... Só em português é que conseguimos fazer esta expressão idiomática de huguísmo que é o egoísmo de uma personagem chamada Hugo, mas só em português conseguimos fazer isto por causa do som e do sentido de huguísmo com egoísmo…»

«Amor, não sabes se noutra língua também dá para passar o sentido da tua nova expressão idiomática que acabaste de inventar… Acabaste de inventar, não foi?»

«Sim. É minha! Não é do Barac Bielke. O Barac Bielke que não a use no seu próximo livro sem me citar… Porque eu estou farto de citá-lo no meu…»

«Estou a ver que também tens aí uma *síndrome de Estocolmo* pelos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke.»

«És um deles?»

«Não.»

«Juras?»

«Prometo, amor.»

«Não, não… Eu quero que jures, Fred!!!»

«Amor, mas quem mais jura…»

«Mais mente… Eu sei! Mas eu quero que jures, Fred!»

«Eu juro que te amo, Jaime!»

«Eu amo-te, Fred!

«Estou aqui a pensar… Será que em italiano ou castelhano não dará para perceber o sentido da tua expressão idiomática?»

«Não sei… Vamos ter que esperar para ver a tradução d'*O Algoritmo do Amor* em italiano ou em castelhano para ver se passa ou se perde o sentido…»

«Mas estou a pensar melhor e talvez se perca…»

«Porque dizes isso?»

«No verão que fui à Sardenha estava a ler uns poemas de Fernando Pessoa em italiano que já tinha lido em português e achei uma pena, porque o espírito verdadeiro do autor tinha desaparecido… Já não estava lá… Parecia que o espírito se tinha perdido… Foi estranho ler Fernando Pessoa em italiano.»

«Português e italiano são duas línguas românticas, românicas, latinas, as duas falam o mesmo latim… Não se pode ter perdido o espírito de Fernando Pessoa só com uma tradução… De certeza que estava lá… Se uma tradução for bem feita, consegue-se traduzir muito bem o espírito das coisas e o espírito de quem está a falar… Eu percebo tão bem um italiano a falar… Até tenho uma grande amiga, a Giovanna, ela fala em italiano, eu falo em português e quando não nos entendemos…»

«Falamos em inglês! A Giovanna também é minha amiga!»

«Sim, Fred… Mas é muito mais minha amiga… Até me ofereceu um golfinho na ilha de Porto Santo que trouxe da ilha da Madeira… Lembras-te, amor? E tudo por causa de um chapéu de sol…»

«O golfinho é dos dois…»

«Não, Fred! O golfinho é meu! Podes abrir o Código Civil, se quiseres… Os presentes não são comunicáveis entre os cônjuges…»

«Mas nós não somos ainda cônjuges, somos namorados. E no Código dos Namorados os presentes de um, são do outro… Se a tia Francisca oferecer-te umas botas lindas de morrer, de imitação de pele sem que nenhum animal tenha morrido, as botas também são minhas.»

«Fred, isso é agora… Aproveita o namoro. Porque quando formos cônjuges, as botas voltam para mim. Só as ganhaste porque não me serviam, não te esqueças… Se tivéssemos o mesmo pé, era eu que ia levar as botas que a tia Francisca ofereceu para os Açores!»

«"Gostaste? São para ti. Mesmo o teu número. Jaime tem pé pequeno para altura."»

«Sim, Fred, e tu respondeste à minha tia: "Ya quem tem pé pequeno fica a perder"… Lembro-me muito bem… Amor, do que é te estás a rir?»

«Que tens pé pequeno para a tua altura… Segundo a tia Francisca…»

«Podes te rir à vontade. Quando casarmos essas botas voltam para mim.»

«Então, mais vale continuarmos namorados sem nos casarmos. Assim, não vamos casar! Porque queres as botas se não te servem e se a tia Francisca disse que ficavam para mim?»

«Porque pode ser que os meus pés cresçam até nos casarmos, não é? A tia Francisca só disse que ficavam para ti porque ainda não me serviam… Mas quando me servirem, ficam para mim…»

«Não foi nada disso, que a tia Francisca disse. A tia Francisca até diz que eu é que sou o verdadeiro sobrinho e que tu és o postiço… Ya… Tu és sobrinho postiço! A tia Francisca é tão engraçada… Porque é que a tia disse que tu eras sobrinho postiço? Já não me lembro…»

«Ainda bem. Não vou dizer. Conto no meu próximo livro quando contar a história do chapéu de sol da Giovanna. Se quiseres saber, vais ter que comprar o meu próximo livro. Quando estivermos nos Açores vou escrever sobre essas duas histórias.»

«Ainda bem que sou o teu namorado e posso ver-te a escrever em tempo real. Não preciso de comprar os teus livros.»

«Então, também não vou comprar os teus.»

«Quero lá saber…!»

«Se não comprares os meus livros, não me caso contigo.»

«Quero lá saber…! Também já não quero casar-me contigo… Ainda ficas com os pés grandes e depois eu fico sem as botas… Ya… Não vamos casar…»

«Ai, vamos, vamos, Fred! Só por causa de umas botas, agora não queres casar?»

«Sim. Não vamos! Ainda por cima vens com dívidas…»

«Fred, não gostei… Para de te rir!»

«Amor, também te estás a rir… Estou a brincar.»

«Não, não estás. E só por causa das tuas brincadeiras vamos casar, mas é pelo regime de separação de bens, não te preocupes. E agora, estou mesmo a falar a sério! Será que os outros namorados discutem sobre o regime de bens? Se as pessoas se casam por amor, que se casem com separação de bens. Realmente, a Mariana Portugal tem toda a razão: a comunhão geral não faz sentido nenhum, se as pessoas se casam mesmo por amor. Se eu não levo nada para o casamento e tu tens casas ali, acolá e em Porto Santo, não faz sentido nenhum casarmo-nos por comunhão geral.»

«E ainda por cima vens com dívidas…»

«Para de gozar, amor! Estou a falar a sério. Eu sei que não nos vamos nunca zangar. Mas se nos zangássemos, não fazia sentido nenhum eu ficar com uma casa que não era minha. Enquanto estiver contigo, n'*O Algoritmo do Amor* a casa de Porto Santo será minha também, é claro.»

«Gostava tanto que descrevesses a casa de Porto Santo no teu próximo livro…»

«O que tu não queres é que eu descreva a casa do Maths nos Açores, para a casa dele não ganhar força e valor no mercado imobiliário e ele fazer a sua nova vidinha de rico.»

«Amor, no fundo eu só quero que tu descrevas a casa de Porto Santo para eu poder vendê-la por milhões. Por isso, é que eu namoro com um escritor. Sei muito bem que os escritores conseguem descrever e mexer nas coisas… Mexem na economia, porque escrevem coisas económicas. Mexem no Direito, porque escrevem coisas jurídicas. Mexem na política, porque escrevem coisas políticas. Se eu morrer, eu não quero que nenhum dos meus irmãos nem os meus pais fiquem com a casa, nem quero que eles disputem contigo a casa. Se nos casarmos no regime de separação de bens, como fica essa questão?»

«Amor, se tu morreres, independentemente do regime, mesmo que seja em separação de bens, eu serei chamado a suceder nos teus bens, porque serei sempre um herdeiro legitimário. A separação de bens conta é para o divórcio, ou para a vida em casal. Imagina que tens uma dívida e queremos comprar um carro voador ou um *jet suit*, já estamos em *2080* de Antoine Canary-Wharf… Se nos casássemos pela comunhão de bens, tendo tu uma dívida, se calhar não podíamos comprar um carro voador, porque depois vinha o Direito Processual Civil com as suas novas asas mandar penhorar os nossos voos e executar o nosso espírito voador. Mas se eu comprasse o jet suit em meu nome, mesmo estando casados e tu com uma dívida, podíamos andar a namorar nas nuvens que o Direito não nos podia mandar descer à Terra. Um casal, é como se tivesse duas vidas! Se não dá para voar no sistema monetário com o teu nome, porque estás endividado, então voamos os dois com o teu nome. Pode ser esta uma vantagem. Pode ser esta a desculpa de duas pessoas que se amam e sabem como funciona o Direito casarem-se pelo regime de separação de bens. Só quem não é juridicamente inteligente e

não vê que a dívida é uma constante de um sistema que tem por base o endividamento, é que se casa por comunhão de bens. Só quem vê as coisas cor-de-rosa e acha que o Direito é cor-de-rosa e acha que há um Pink Code aqui na Terra como em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi é que vai casar por comunhão geral. O regime do casamento faz parte do Direito da Família. Não entra no Direito das Sucessões. Se eu estou casado contigo, eu sou um herdeiro legitimário. Mas diz o artigo 2157º do Código Civil que para além do cônjuge, são também herdeiros legitimários os descendentes e os ascendentes.»

«Então e os meus irmãos não são também herdeiros legitimários?»

«Não, Fred. O artigo diz que sou eu, os teus pais e os teus avós. Os teus irmãos são herdeiros legítimos, tal como eu, os teus pais e todos os teus parentes até ao terceiro grau da linha colateral e o Estado.»

«Base legal?»

«Artigo 2132º do Código Civil português. Já não sabes o que é a legítima?»

«Sei… É aquela porção que o testador não pode dispor, por ser legalmente destinada aos herdeiros legitimários…»

«Exato. Os teus irmãos estão fora da legítima. Foi o legislador que quis deixar de fora os teus irmãos. E os teus avós só teriam direito à legítima se eu ou os teus pais já tivéssemos morrido…»

«Por causa da ordem e da regra de hierarquia pela qual são chamados os sucessíveis, não é?»

«Exato!»

«Já me lembro, amor.»

«A minha legítima, como teu cônjuge sobrevivo é de metade da herança, se não concorrer com os teus pais ou com os teus filhos… O que é que isto quer dizer?»

«Quer dizer que tu és muito egoísta e queres levar logo metade da minha herança…»

«O que o Direito está basicamente a dizer, é que caso tu morras sem deixares ascendentes e descendentes tu não podes ter mexido em metade da herança, porque caso tenhas mexido em mais do que metade da herança com testamentos e doações que tenhas feito em vida, diz o Direito que afetaste a minha legítima e depois eu vou andar a revogar as coisas que andaste a dar e a bater à porta de quem aceitou coisas tuas que não podia ter aceitado.»

«Não gosto nada desse Direito.»

«Nem eu.»

«E se eu tivesse deixado filhos?»

«Fred, nós não vamos ter filhos.»

«Mas faz de conta que vamos ter filhos e eu deixo-te com muitos filhos.»

«Nesse caso, a legítima, ou seja, a parte que não podias mexer da herança seria de dois terços.»

«Base legal?»

«Número 1 do artigo 2159º.»

«E se tu morresses comigo por amor e deixássemos filhos?»

«Se fosse só 1 filho a legítima seria metade da herança, se fossem 2 ou mais a legítima seria de dois terços.»

«Outra vez esses dois terços… Quem é que inventou isso?»

«O legislador.»

«Vocês em Direito parece que se referem ao legislador como se fosse um espírito…»

«Amanhã, falaremos dele como se fosse um robot ou um algoritmo ou um programa de Inteligência Artificial. Voltando à disputa da tua casa de Porto Santo, eu não disputaria a casa com os teus irmãos, mas disputaria com os teus pais. Aberta a sucessão, são chamados todos os que gozam de prioridade na hierarquia dos sucessíveis e só se os primeiros sucessíveis não quiserem aceitar é que serão chamados os subsequentes e assim sucessivamente.»

«Ah! Agora é que vai entrar aquela ordem das regras de prioridade e hierarquia?»

«Sim. A primeira classe de sucessíveis é o cônjuge e descendentes. A segunda classe é o cônjuge e os ascendentes. A terceira classe são os irmãos e os seus descendentes, ou seja, os filhos dos teus irmãos, os teus sobrinhos. A quarta classe são os colaterais até ao quarto grau. A quinta classe é o Estado. Sendo certo que os herdeiros de cada uma das classes de sucessíveis preferem aos das classes imediatas. Isto é, se morreste e deixaste cônjuge e descendentes, como eles integram a primeira classe de sucessíveis, afastamos todas as outras classes e por isso, mesmo que os teus ascendentes sejam herdeiros legitimários, o Direito já não os vai chamar. Supostamente, eu integro a primeira classe de sucessíveis. No entanto, o número 2 do artigo 2133º faz uma pequena ressalva, dizendo que se tu morreres sem deixares filhos, mas deixares ascendentes, então o cônjuge sobrevivo vai integrar a segunda classe com os teus ascendentes. Isto quer dizer que os teus irmãos estão fora da disputa, mas eu vou disputar a herança com os teus pais. E fazendo a casa de Porto Santo parte da herança, eu vou disputar a casa de Porto Santo com os teus pais.»

«Mas e se eu quiser que tu fiques com a casa de Porto Santo? Se eu não quiser ver-te em espírito na disputa dessa casa com os meus pais, o Direito não deixa que eu te deixe em paz com Porto Santo?»

«Deixa. Para tal tens que me deixar uma deixa testamentária a dizer que queres deixar-me a casa de Porto Santo por conta da legítima. Mas não te enganes, não podes dizer que me deixas a casa como um legado em substituição da legítima. Tens que dizer que me deixas por conta da legítima. Porque se disseres que me deixas "em substituição da legítima" e não "por

conta da legítima", a minha aceitação do legado que me deixaste implicará a perda do dinheiro à legítima…»

«E isso pode ofender o espírito da tua legítima, não é amor?»

«Sim. Isso ofende a minha legítima, Fred! Se fizesses um testamento a dizer que me deixavas a casa de Porto Santo em substituição da minha legítima, isso ofender-me-ia muitíssimo! Vou contar-te um segredo, que muitos estudantes de Direito não sabem, porque não é intuitivo. O legado em substituição da legítima aparece no artigo 2165º, mas é fácil encontrá-lo porque na própria epígrafe do artigo diz "legado em substituição da legítima". Mas o legado por conta da legítima vem dois artigos atrás, no artigo 2163º cuja epígrafe é "proibição de encargos". E como não é intuitivo, vi muitos colegas meus a chumbarem a Direito das Sucessões. Direito das Sucessões parece um bocado Geometria Descritiva ou uma cadeira qualquer de Matemática. Ou tiras 8 ou tiras 18. É preciso fazeres contas e tens contas virtuais e fictícias e se não consegues ver a ficção que é a matemática, chumbas! Acho que as cadeiras com mais taxas de chumbo são Direito das Sucessões, Direito Fiscal e Direitos Reais. E é interessante, porque as doutrinas, as opiniões dos professores, em Direito das Sucessões acho que tem muito que ver com o programa do estudo que tiveram em Direito, se estiveram na Escola de Coimbra e deram primeiro Direitos Reais ou se estudaram na Escola de Lisboa e só deram Direito Fiscal no último ano. Cada um liga às coisas como quer, não é? No Direito também é assim. Há quem veja as coisas mais fiscais, há quem veja as coisas mais reais… No legado por conta da legítima, tu fazes um testamento a dizer que pretendes que certos bens

sirvam para preencher a legítima do herdeiro legitimário. Tu dizes que queres que eu fique com a casa de Porto Santo por conta da legítima, ou seja, para perfazer a minha legítima. Ora, de acordo com o artigo 2163º, eu não sou obrigado a aceitar a casa de Porto Santo, podendo escolher outros bens da herança. No entanto, se eu aceitar ficar com a casa de Porto Santo eu não deixo de ser um herdeiro legitimário, ou seja, simplesmente tenho é direito a ficar com aquele bem determinado que tu me quiseste deixar em testamento. Se a casa de Porto Santo, que é o legado que tu me deixaste por conta da minha legítima, for de valor inferior à minha legítima, enquanto herdeiro, eu posso sempre reclamar a diferença, porque não perco a qualidade de herdeiro legitimário; e isto, é completamente diferente do que acontece no regime do legado em substituição da legítima. Vamos supor que a casa de Porto Santo vale 5 milhões. Vamos supor que a minha legítima era de 7 milhões. Se a casa de Porto Santo vale 5 e se eu aceitar, posso ainda ir buscar mais 2 milhões. Se o valor exceder, não há unanimidade na doutrina. Temos, para variar, uma divergência doutrinária, como em todos os assuntos mais importantes do Direito e que mexe com a vida real das pessoas. Tudo depende das escolas de pensamento. Ora, há uma doutrina que defende que o excesso deva ser visto como um "pré-legado". Basicamente, é um legado que eu como herdeiro recebi para além da minha quota e que é aquilo que vem no artigo 2264º do Código Civil. Vamos supor que a minha legítima não era 7, mas, sim, 5 milhões e que a casa de Porto Santo, afinal, não valia 5 milhões, mas 8. Eu tendo aceitado a casa de Porto Santo que vale 8 milhões, sendo a minha legítima só de 5 milhões, quer dizer que excedi em 3 milhões a minha legítima. Mas o que a Escola de Lisboa diz é que não tem problema nenhum, porque o pré-legado

vale como inteiro e se os teus pais que já receberam também cada um os seus 5 milhões a que tinham direito, se ainda houver 3 milhões para se distribuir, vai 1 milhão para mim, mais 1 milhão para o teu pai e outro milhão para a tua mãe. O teu pai recebeu 5+1, a tua mãe recebeu 5+1, mas eu recebi 8+1. A Escola de Coimbra, um pouco mais comunista, não vê isto, muito bem! E diz a Escola de Coimbra que é muito injusto eu receber mais aquele milhão, quando a legítima era só de 5 e eu já a tinha excedido em 3 milhões. Então o que é que a Escola de Coimbra vem propor como alternativa? Vem propor uma tentativa de igualação dos herdeiros, dizendo que eu não recebo dinheiro nenhum, porque o mercado imobiliário apetece dizer-lhe que num dado momento a minha casa vale 8 milhões, e que dos 3 milhões que sobraram vamos distribuir 1,5 para o teu pai mais 1,5 para a tua mãe. Isto para mim não faz sentido nenhum, nem tem qualquer acolhimento legal! Não é que eu goste do sistema sucessório legal que hoje vigora no ordenamento jurídico… Mas ainda menos gosto deste pensamento da Escola de Coimbra. Como podes ver, estamos perante uma divergência doutrinária que muda completamente uma vida. Porque num caso, eu ficava com uma casa e com 1 milhão. Ou seja, para além de uma casa, ficava com dinheiro, que numa altura da vida, pode ser muito importante. Podemos esquecer que a casa valha 8 milhões e que estamos a falar de um apartamento simples que o mercado decidiu inflacionar para 800 mil. É muito diferente, eu sair de uma partilha com uma casa e com dinheiro, do que sair só com uma casa. Eu posso querer transformar a casa de Porto Santo num hotel, ou numa pensão ou numa residencial e talvez precise de dinheiro para o transformar e precise de dinheiro para comprar uma nova casa. Para além de que o mercado imobiliário

é uma completa ficção! Hoje digo que uma casa vale 8 milhões, mas amanhã já vale 5 milhões e eu fiquei a perder o meu milhão que pode mudar a minha vida. Depois, ainda há outra. A esperança média de vida dos teus pais é muito menor que a minha, pelo que os teus pais podem morrer no dia a seguir. E quem é que vai herdar os 3 milhões que a Escola de Coimbra disse que deviam ser transferidos para os teus pais? Os teus irmãos. Não faz sentido! Não faz sentido tu deixares um cônjuge sobrevivo e o Direito dizer que eu tenho que concorrer com os teus pais. O testamento devia valer 100%! O que devia contar era a tua vontade! E não a vontade do Direito! Os teus pais são ricos, não precisam do dinheiro para nada e vão morrer a seguir. Foram 5+1,5 para o teu pai e outros 5+1,5 para a tua mãe, que são um casal, ou seja, foram 12 milhões para eles. E para mim não foi dinheiro nenhum. E são 12 milhões que vão direitinhos para os teus irmãos, quando os teus pais morrerem. Milhões quer eram teus, que eram nossos e que agora, por causa de uma ficção jurídica, os milhões passam para os teus irmãos. Milhões que eram teus e que tu não querias que os teus irmãos ficassem com eles. Milhões que tu querias que ficassem para mim. E mesmo que os teus pais soubessem disto e também achassem que fazia sentido os 12 milhões ficarem para mim e os teus pais repudiassem ou não pudessem aceitar a herança, iria operar o direito de representação e seriam chamados os teus irmãos a suceder no lugar dos teus pais. E caso os teus irmãos também repudiassem, mas tivessem filhos, haveria direito de representação, porque o direito de representação continua a descer na descendência e às tantas, eu estou a disputar herança com os nossos sobrinhos, estou a disputar com os nossos sobrinhos a casa de Porto Santo, que era a casa de férias que eu

passei anos de amor com o meu marido e que está cheia de memórias e isto não faz sentido nenhum! Sabendo-se disto, sabendo como está atualmente a funcionar o Direito, há uma clara vantagem em se fazerem legados por conta da legítima, porque assim o autor da sucessão diz logo para quem é cada bem evitando-se quezílias e desentendimentos que surgem sempre aquando das partilhas, porque se eu distribuir o meu património em legados e os herdeiros o aceitarem, é muito mais fácil. Os que aceitarem ficam fora da disputa. Os que não aceitarem, ficam a disputar o que houver por disputar. Com os teus irmãos eu nunca disputaria a casa de Porto Santo, porque eles nem seriam chamados. Para não disputar a casa de Porto Santo com os teus pais, terias que me deixá-la em testamento. Por isso, não te esqueças por favor de testar Porto Santo a meu favor.»

«Pronto! Vamos casar e eu vou deixar-te em testamento a casa de Porto Santo. Mas só vamos casar, porque eu quero que fiques com a casa de Porto Santo. Vês como é bom namorar comigo, mas a veres sempre o Direito e a economia das coisas?»

«Obrigado por me fazeres sempre lembrar que o meu romance é um romance jurídico, político e económico e que tenho que estar sempre a ver o Direito, o Governo, o Parlamento, a maioria parlamentar e a economia das coisas sempre tudo ao mesmo tempo…»

«Amor, porque só assim é que podemos defender *O Algoritmo do Amor*. Se perdermos, ganham os drones e as câmaras de vigilância e numa Internet de Coisas, a Administração Pública e as empresas ficam detentoras dos dados d'*O Algoritmo do Amor*.

Que tal? Não vai bem a minha veia literária algorítmica sobre os algoritmos?»

«Sim, vai bem. No *Algoritmo do Amor* vai muito bem.»

«Achas que a falar assim dos algoritmos consigo ganhar o Concurso do 2º Plano Editorial da Jupiter Editions?»

«Desde que eu também ganhe, por mim podes ganhar. Mas o Barac Bielke também vai concorrer, aviso-te já…»

«O que queres dizer com isso?»

«Só estou a dizer que ele também vai concorrer…»

«Como é que sabes que o Barac Bielke vai concorrer ao 2º Plano Editorial da Jupiter Editions?»

«Porque falei com ele…»

«Falaste com ele?»

«Ando a falar com ele…»

«Andas a falar com ele????»

«Sim, ando. No Instagram.»

«Mas porque é que andas a falar com o Barac Bielke no Instagram????? Ainda por cima no Instagram???? Sabes que os algoritmos analisam todas as conversas por mensagem privada, que não é privada coisa nenhuma e sabem que eu é que sou o teu namorado e que tu andas a falar com outro???? Depois aparecem-

te no feed do Instagram *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bilke, que os algoritmos te vão enviando…»

«Sim… Fui eu que te disse isso, Fred.»

«Vou também falar com o Barac Bielke no Instagram, para ver se gostas...»

«Estou a brincar. Não falo com ele. Mas sigo-o no Instagram.»

«Segues o Barac Bielke??????»

«Sim, sigo.»

«Mas porque é que o segues?»

«Porque ele é um Member Writer da Jupiter Editions, Fred… Caso não te lembres, há uma pequena Internet de Coisas entre os Member Writers da Jupiter Editions. Estamos todos conectados, estamos todos ligados.»

«Nem pareces tu a falar. Talvez não sejas tu a falar. Talvez seja o Barac Bielke. Barac Bielke, estás aí? Podes sair de dentro do meu namorado? Podes parar de o possuir? Podes parar de penetrar o corpo do meu namorado, para eu poder penetrá-lo? Obrigado.»

«És tão engraçado, Fred!»

«Obrigado, Jaime. Estou a treinar a minha veia artística para ver se consigo subir ao palco e ganhar o casting de atores para fazer de Fred na peça de teatro d'*O Algoritmo do Amor*.»

«Vais ao casting da Jupiter Editions?»

«Claro que vou! E também vou seguir o Barac Bielke no Instagram.»

«Ele não te vai seguir de volta. Ele só segue os Member Writers da Jupiter Editions.»

«Mas ele não sabe que eu sou o teu namorado?»

«Deve saber.»

«E não me vai seguir de volta, sabendo que eu sou o teu namorado?»

«Não, Fred. Mas estou a achar piada como se te importasses muito com isso. Eu acho que nem te sigo no Instagram… E se nem eu te sigo e sou o teu namorado, quanto mais o Barac Bielke…»

«Tu não me segues no Instagram?»

«Acho que não, amor. Eu acho que só sigo os Member Writers da Jupiter Editions… Se ganhares o Concurso do 2º Plano Editorial da Jupiter Editions e te tornares num Member Writer, eu prometo que te sigo no Instagram… Sabias que há namorados que namoram pelo Instagram?»

«Sabia.»

«E sabias que há namorados que trocam nudes pelo Instagram?»

«Sabia.»

«Sabias que devemos ser os únicos namorados que nunca trocaram uma nude?»

«Sabia.»

«Sabias que devemos ser os únicos namorados que nunca usámos o Instagram quando estamos um com o outro?»

«Sabia.»

«E sabias que devemos ser os únicos namorados que nunca discutimos um com o outro por um de nós estar o tempo todo no Instagram?»

«Sabia. Eu devo ir uma vez por semana ao Instagram.»

«Eu devo ir mais do que uma vez por semana, mas quando vou num dia vou uns 10 ou 15 minutos… E sabias que devemos ser os únicos namorados que o Instagram ainda não conseguiu processar as conversas?»

«Sabia.»

«E sabias que eu adoro os teus pés?»

«Sabia.»

«E sabias que até o Instagram sabe que eu adoro os teus pés?»

«Essa não sabia. Como é que deixaste revelar esses teus algoritmos ao Instagram?»

«Oh! Era ingénuo, sei lá…! Agora falta saber é quem é que fez o favor de me inserir esses algoritmos… Isso é que eu gostava de saber…»

«Não sabes?»

«Tenho palpites…»

«Os teus palpites costumam ser bons…»

«Pois costumam, obrigado!»

«Diz lá um dos teus palpites, eu também tenho palpites…»

«Foi *O Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom…»

«Esse Deus Tecnológico por acaso deixa-te adorares e venerar os meus pés?»

«Deixa… Só não me deixa é fazer adoração nem culto à tua pila.»

«Argh! Então quem te inseriu os algoritmos na mente não foi *O Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom, de certeza, meu querido namorado…»

«Esse "argh(!)" é meu, caso não tenhas reparado…»

«Roubei-te, processei-te e devolvi-te copiado igualzinho o teu "argh(!)", caso não tenhas reparado… Faço cópias perfeitas. E o meu palpite é que quem te inseriu os algoritmos foram *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levi.»

«"Vê-se mesmo que na altura em que o legislador inventou esta proibição dos acampamentos não namorava. Eu já me fartei de acampar com o meu namorado. Era o que faltava o Direito vir dizer que eu e o meu namorado não podemos agora acampar e não podermos passar uma noite os dois sossegados e felizes com as estrelas". Sabes quem disse isto?»

«Sei.»

«Quem?»

«Foi um d'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy… Eu sei que eles eram a favor dos campings selvagens para os namorados, antes de terem visto o podre do caravanismo e do campismo ilegal…»

«Não era só para os namorados…»

«Sim, mas tu só fazias campings selvagens comigo, eles escreveram para nós… Sabem que somos namorados e que gostávamos de fazer campings selvagens para assaltarmos as estrelas em longos, longos, longos beijos…»

«Não fazia campings selvagens só contigo. Também fazia com o Afonsinho. Que pena que agora já não fazemos mais campings selvagens, depois de termos visto o podre que é o caravanismo e o campismo ilegal… Estávamos tão bem no nosso mundozinho… No nosso mundozinho éramos os únicos a fazer campings selvagens sem lixos e sem destruir nada…»

«Com o Afonsinho podes fazer os campings selvagens que quiseres… Mas é só com o Afonsinho. Só abro a exceção para o Afonsinho…»

«Se o Maths e o Joa soubessem dessa tua exceção…»

«Pois, mas não vão saber. Fica um segredo nosso.»

«Nosso… Meu, teu e do Afonsinho?»

«Sim, pode ser.»

«Nem a priminha Sara vai saber?»

«Nem a priminha Sara vai saber. Eu sei muito bem que vocês os dois também têm os vossos segredos.»

«Isso é uma vingança contra a priminha Sara?»

«Ya… Pode ser uma vingança…»

«Devia ter gravado… Tenho saudades de ir para a Raposa com o Afonsinho… Íamos para lá só os dois passar grandes fins-de-semana. Com a casa mesmo por cima da praia, mesmo debruçada sobre a praia, montávamos uma tenda na areia, mesmo em frente à casa, literalmente debaixo da casa – a casa está construída numa arriba e há umas escadas do jardim da casa que dão acesso direto à praia –, e era assim que acampávamos na praia, era assim que eram os nossos *campings* selvagens. Acordávamos suados, um por cima do outro, só de boxers, com as pernas todas enlaçadas. Principiávamos as nossas lutas matinais sempre com fornicoques…»

«Fornicoques?»

«Sim… Titilamentos…»

«Titilamentos?»

«Sim, amor… Cócegas… Fornicoques é uma expressão que vem da parte da minha mãe, titilamentos vem da parte do meu pai… Eu gosto mais de dizer fornicoques…»

«Então também vou adotar fornicoques…»

«Com esses fornicoques o Afonsinho ficava logo em vantagem, porque eu desmanchava-me todo a rir e o Afonsinho adora desmanchar-me, adorava ficar a ver a desmanchar-me, e era assim que ele me virava sempre ao contrário. Deitados, mas virados ao contrário, ele prendia-me o corpo com o corpo dele que ficava sempre por cima do meu, prendia-me as duas mãos só numa mão dele, como se fosse uma algema, algemava-me assim as mãos, prendia-me o pescoço, o queixo e a cara com os pés dele e com a mão livre com que ele ficava, ia-me fazendo fornicoques onde bem lhe apetecia. Nesses fornicoques, em que os dedos dele transformavam-se em penas que me trespassavam o corpo, como ele sabia que eu adorava os pés dele, obrigava-me a beijá-los e ele lá ficava todo deliciado a ver-me dar-lhe os beijinhos por ele ordenados. Depois ele perguntava-me se eu desistia e eu dava-lhe a primeira vitória. Assim que eu dizia que desistia, ele reconfigurava-se e num piscar de olhos já estava deitado por cima de mim a ditar a nossa "partida, largada, fugida". A nossa "partida, largada, fugida" era os dois de barriga para baixo, com o que ganhasse os fornicoques por cima do outro que tirava os boxers ao mesmo tempo. A nossa "partida, largada, fugida" demorava sempre muito tempo, porque o Afonsinho manipulava-a com fornicoques proibidos, muitos beijinhos no pescoço e "amo-tes" aqui e "amo-tes" ali. Mas, uma vez nus, quando os boxers saíssem completamente pelos pés fora do corpo, então tínhamos que ir a correr mandar um mergulho e

nadar até à bola de rugby que lançávamos em corrida e depois voltar com a bola para terra e era assim que marcávamos ponto no nosso rugby de praia inventado. Quem não marcasse o ponto tinha que fazer o almoço. Eu nunca fiz o almoço e nunca fui eu a tirar-nos os boxers…»

«A Sara sabia desses vossos *rugbys*?»

«Fazia lá ideia a priminha Sara…»

«Pois, se eu fosse a Sara, proibia esse vossos *rugbys*…»

«Ainda bem que não foste a prima Sara…»

«Pois, mas esses *rugbys* com o Afonso Côrte-Real agora acabaram…»

«Porquê?»

«Agora, o teu rugby é comigo… Isso era quando vocês eram crianças… Agora já são adultos…»

«Eu e o Afonsinho ainda somos crianças…»

«Pois, por isso é que tu e o Afonsinho querem viver juntinhos como as tuas primas Sónias… Para enquanto eu e a Sara estivermos a trabalhar no hospital e na clínica como os adultos fazem, tu e o Afonsinho ficarem o dia todo de papo para o ar a brincarem como duas crianças… Nem pensar! Vou ter que ter uma conversa muito séria com a Sara…»

«Mas não lhe contes a parte do Afonsinho tirar-nos os boxers…»

«É mesmo por essa parte que eu vou começar a conversa…»

«Vais fazer uma guerra com o Afonsinho… E eu, vou ficar do lado do Afonsinho…»

«E tu, vais fazer uma guerra com a priminha Sara… E eu, vou ficar do lado da Sara… Eu não sabia que tu gostavas dos pés do Afonsinho, nunca me tinhas dito isso…»

«Ah! Afinal esta guerra não é por causa da corrida dos nus, nem da natação dos nus, nem do rugby dos nus… É por causa dos pés do Afonsinho… Eu sabia!»

«Claro que é por causa dos pés do Afonsinho… Estava tudo bem, se tu não gostasses dos pés dele… Esse teu *partialism* por pés é uma vulnerabilidade… Não te quero vulnerável pelo Afonso Côrte-Real… Já não basta perderes nos fornicoques com ele…»

«Amor… Eu já não gosto dos pés dele… Eu gostava dos pés dele, dos do Mateus e dos do Gabriel… Mas desde que chegaste à Terra e me apareceste à frente, eu deixei de gostar dos pés deles. Se fui vulnerável, foi antes. Contigo, já não sou mais vulnerável!…»

«És tão lindo! Eu amo-te Jaime!»

«Eu amo-te Fred! Eu agora só gosto dos teus pés, dos do Maths e dos do Joa…»

«Tu gostas dos pés dos meus irmãos????»

«Amor, claro! Os pés deles são iguaizinhos aos teus, os teus irmãos são teus clones, não tenho culpa… Aliás, onde vocês são iguais é precisamente nas mãos e nos pés. As vossas plantas dos pés são iguais. As vossas palmas das mãos são iguais. O corte das vossas unhas é igual. Até as vossas veias nos pés e nas mãos são iguais… Mas ainda que os pés e as mãos dos teus irmãos sejam fotocópias dos teus pés e das tuas mãos, os pés e mãos que eu tenho gravados na minha mente são os teus, eu juro!»

«Eu amo-te, Jaime!»

«Eu amo-te, Fred! Então, já não vais contar nada à Sara?»

«Não…»

«E posso jogar rugby com o Afonso?»

«Podes…»

«A Helena tinha uma Bike Neptune "igualzinha" à da mãe, o Joachim tinha uma Bike Neptune "igualzinha" à do pai e eu e o Maths tínhamos diferentes, a minha era uma amarela e azul…»

«Isso é peta! A minha Bike Neptune também era amarela e azul! O que é que lhe aconteceu?»

«Havia uma campanha de solidariedade…»

«Para darmos bicicletas…»

«A meninos…»

«Que os pais…»

«Não tinham dinheiro…»

«Para comprar bicicletas…»

Eu sentia toda a tecnologia a arrepiar-me o queixo, a cara, as orelhas, a nuca, estava perplexo. E sentia do outro lado a tecnologia do Fred também a arrepiar-lhe. Sentia também o Fred arrepiado. A nossa voz parecia que se tinha perdido para o infinito. De repente parecíamos espíritos, fantasmas, dois corpos que falavam com o globo do mundo nas mãos. Podíamos ter ficado ali presos a calcular a matemática daquele destino. A fazer equações, funções, a chamar números complexos e a chamar a trigonometria. Mas deixámos isso para os analistas de dados. Para os cientistas de dados. Para os encarregados de dados. Para os tratadores de dados. Eles que fizessem com aqueles dados o que quisessem. Que chegassem silenciosamente à equação final. Que perdessem tempo a demonstrarem a matemática do nosso amor. Que perdessem tempo nos números invisíveis. Que achassem o pi do nosso amor. Que achassem aquele 3,14 em nós. Porque nós sabíamos que o nosso amor dava esse 3,14. Já sabíamos! E não nos assustámos. Continuámos, como sempre arrepiados, a sentir toda a tecnologia do nosso amor. Simplesmente a vê-la. A escutá-la. A escutar os nossos corações. E eu conseguia ouvir o coração do Fred a bater cada vez mais por mim. E ouvia o meu a bater cada vez mais por ele.

«Eu, o pai, a mãe e a Helena demos as Bike Neptune. Foram enviadas para São Tomé e Príncipe. O Joachim chorou duas vezes. A primeira por ter querido ficar com a Bike Neptune, porque o Joachim depois arrependeu-se, mas a Campanha já

tinha terminado. A segunda por ter perdido a Bike Neptune para o Maths num duelo de esgrima.»

«Eu enviei a minha Bike Neptune para Moçambique. Sabes, gostava que essa Campanha voltasse… Acho que era giro a Bike Neptune associar-se com um dos nossos colégios privados em Portugal, fosse algum de Cascais, do Porto ou de Lisboa, ou naquele onde tu e os teus irmãos estudaram na Aroeira, logo ali à saída da Herdade, onde sabemos que os pais estão mais desafogados, mais folgados economicamente e os miúdos criarem um intercâmbio com escolas em Moçambique ou São Tomé e Príncipe, mas escolas em que soubéssemos que os pais dos meninos não têm dinheiro para comprar uma Bike Neptune. Digo colégios privados, porque seria um tipo de solidariedade mais pessoal, mais íntima, não tanto estandardizada, não tanto geral, não tanto estatal. Eu por exemplo, se fosse pai, tivesse dois filhos, tivesse um bom ordenado e o colégio dos meus filhos me viesse perguntar se eu estaria interessado em que os meus filhos participassem num intercâmbio com miúdos de Moçambique ou de São Tomé que, se calhar, gostavam de ter uma Bike Neptune, feita de bamboo, mas não tinham dinheiro para a comprar – e para os meus filhos participarem nesse projeto, eu teria que comprar duas Bike Neptune para os meus dois filhos enviarem para Moçambique, mas essas duas Bike Neptune seriam para dois miúdos que poderiam tornar-se amigos dos meus filhos, que poderiam receber os meus filhos em Moçambique e eu poderia receber os miúdos em minha casa e ajudar, pelo menos, uma família, pelo menos um miúdo –, eu estaria interessado! Eu digo Moçambique, mas claro que quando digo Moçambique falo também do Algarve. Há meninos pobres em todo o lado.»

«Ou seja, para se participar nesse intercâmbio, os pais tinham que comprar uma Bike Neptune para os seus filhos enviarem para o seu amigo de Moçambique ou São Tomé?»

«Sim, uma Bike Neptune com um "preço de intercâmbio", ou seja, com um desconto, por causa do intercâmbio.»

«Parece-me bem…»

«E para além da Bike Neptune, os pais tinham que comprar 4 viagens de avião. Os aviões às vezes viajam com tantos lugares vazios… As companhias aéreas que fazem uma pipa de massa podiam muito bem aderir a este intercâmbio. Se os miúdos pudessem viajar gratuitamente ou tendencialmente gratuitamente, seria perfeito. Mas se as companhias aéreas julgassem que não lhes seria oportuno ou conveniente, mas ainda assim quisessem patrocinar ou aderir ao intercâmbio, sempre podiam vender as passagens de avião a um especial preço de intercâmbio. Para os miúdos se verem, pelo menos, duas vezes no ano de intercâmbio. Depois dependia de cada intercâmbio. Vamos imaginar um miúdo de Cascais que troca cartas com um amigo de Nampula, em Moçambique. E um miúdo da Aroeira que troca cartas com um amigo do Príncipe. Passado umas quantas cartas, o miúdo de Cascais resolve enviar a Bike Neptune para o seu amigo. Mas devem ser os miúdos que escolhem o momento de enviar a Bike Neptune, deve haver essa liberdade, os miúdos têm que sentir isso, não pode ser o Colégio que diz que está na hora de enviar as Bike Neptune, não! Tem que haver uma química entre os miúdos e o Colégio não se pode meter nessa química. É como se o Colégio fosse uma aplicação que só fomenta, só aproxima, só

possibilita que se crie uma ligação, uma química, paga-se para entrar na aplicação, mas depois a aplicação não se pode meter nas ligações, porque as ligações são pessoais, são íntimas, são complexas, porque são humanas. Porque o miúdo pode querer enviar logo na primeira carta ou pode querer enviar só na última, pode querer oferecer-lhe a Bike Neptune em mãos quando o seu amigo vier a Portugal e estiver na sua casa… Mas o miúdo de Cascais já enviou a Bike Neptune, o amigo de Nampula já recebeu, o amigo de Nampula está todo contente com a Bike Neptune e o miúdo de Cascais sabe que o amigo de Nampula está contentíssimo, porque lhe continua a escrever com novas aventuras, com novas felicidades, talvez com novas esperanças… E nesse "namoro" deles decidem – claro com os pais – que o de Nampula vai passar o Natal em Cascais, o de Cascais vai receber o amigo de Nampula em casa e depois na Páscoa o de Nampula vai outra vez voltar a Cascais. Foram 4 viagens, em que se decidiu que o de Nampula viria duas vezes a Portugal. E quando o de Nampula volta para Nampula, volta com roupas boas, volta com cadernos, volta com livros e esses livros que a família de Cascais ofereceu ao de Nampula podem fazer com que o de Nampula depois queira vir fazer a faculdade a Portugal, porque tem um sítio, um amigo, uma família para ficar. Às vezes, faltam é, as oportunidades… Mas, se calhar, se dermos oportunidades, podemos ver sucesso. Podemos ver felicidade nos outros. O de Nampula veio cá duas vezes. Mas o do Príncipe que anda a namorar com o da Aroeira – e este "a namorar" é sem aspas, porque este namoro não é um namoro de amizade como o de Cascais e o de Nampula, estes acabaram por se apaixonar –, só veio uma vez, porque o da Aroeira foi também lá uma vez. E o da Aroeira viu e esteve em casa do (do) Príncipe. Viu como era a

casa do Príncipe. Mas viu com os olhos! Não viu com o telefone! Não levou o telefone para andar a filmar a casa! Viu e depois tem voz para relatar. Traz a voz e o empirismo para relatar. Tem olhos para relatar. Tem força para tentar alterar as coisas. É preciso, às vezes, ir ganhar essa força. Ir lá ver como as pessoas vivem. Não é estar no sofá e as imagens aparecerem, porque no sofá ninguém fica empático. Passa uma notícia e depois passa outra e depois passa outra. A empatia não é tecnológica. A tecnologia dá cabo da empatia. É preciso estar lá. Ou então receber. Ouvir. Ler as cartas. Ver o que diz o coração. Eu imagino a tecnologia dessas cartas.»

«É impressão minha ou tu acabaste de inventar um novo romance? Eu podia ser o do Príncipe e tu o do Aroeira…»

«Mas eu é que sou preto, eu é que tinha que ser o do Príncipe… Tu és loiro não podias ter nascido no Príncipe… Não tens carapinha… Tens os fios de cabelo lisinhos… O argumento ia ficar muito difícil se fosse ao contrário…»

«Mas tu também não tens carapinha… Quem tem carapinha é o teu pai…»

«Sabes o que é que se diz quando tens carapinha?»

«O que é que se diz?»

«Que tens um cabelo ruim. Quando estávamos na piscina da casa do tio Orlando nos nossos jogos, nas nossas natações e nos nossos mergulhos, lá vinha a tia Francisca de máquina de rolo na mão, a disparar uma ou outra fotografia e eu pedia à tia Francisca para que fosse buscar também a minha e que tirasse

também uma fotografia com a minha. Eu levava a máquina de rolo, mas quem ficava com a posse dela durante o verão era sempre a tia Francisca, ela é que nos fotografava, nós mais miúdos não nos preocupávamos com as fotografias, como é obvio, como é lógico! Tirávamos uma ou outra. Quando voltávamos a Santarém, a tia entregava-me a máquina de rolo. Depois eu adorava ir revelá-las. Mas houve um verão que eu me lembro de ter comprado duas máquinas de rolo. Mas foi só num verão, porque íamos aos parques aquáticos do Algarve. Quem tirava as fotografias era sempre a tia Francisca. Há tantos álbuns de fotografias desses verões em casa do tio Vasco e da tia Francisca… E adoro a ideia de ter que ir a casa deles se quiser ver as fotografias. As pessoas fotografam e depois perdem tempo a ver se a fotografia ficou boa ou não, vêm a andar a ver as fotografias, vão para os cafés mostrar as fotografias, tiraram o prazer de ver as fotografias. Tiraram esse prazer esotérico! Perdeu-se esse esoterismo; e é uma pena, ter-se perdido! Por acaso, acho que nascemos num tempo certo! Que nos deixou ver a tecnologia como deve de ser. Que nos deixou usar a tecnologia como deve de ser. Porque as pessoas tinham aquelas fotografias para tirar, faziam uma gestão espontânea das fotografias, tiravam aquelas mais extraordinárias, aqueles momentos mais extraordinários, era aí onde estava o esoterismo. Porque o esoterismo é extraordinário! E essa recordação também era extraordinária! Também ela era esotérica! Havia momentos para recordar. Havia momentos para se mostrarem as fotografias. As pessoas aproveitavam aquele momento sem estarem sempre de volta das fotografias; é que nem podiam estar de volta das fotografias! Havia um limite da tecnologia… Esse limite era importante… Era a dose certa… A dose certa da tecnologia!»

«Eu e as máquinas de rolo concordamos contigo! Era tão giro ver tudo de máquina de rolo na mão outra vez… As empresas de máquinas de rolo, até podiam fazer umas novas máquinas de rolo, mas que os rolos fossem reutilizáveis, em que eu fosse à loja e pudesse carregar com mais fotografias, ou que desse para pôr outro rolo, ou então que fossem recicláveis, em que eu fosse à loja trocar por uma nova e recebesse um desconto na nova por ter deixado a antiga para reciclar… Ou então, apostar em máquinas com rolos que fossem de materiais sustentáveis ou de materiais biodegradáveis, que se degradassem na natureza, que não poluíssem… De certeza, que uma empresa de máquinas fotográficas conseguiria fazer isto… E assim descartávamo-nos do descartável sem fazer mal à Natureza, sem descartar as memórias, sem descartar os momentos…»

«Ya… "Descarta-te do descartável"… Ya… Acho que o partido "dos Verdes" vão roubar-nos o slogan para a próxima campanha política deles… Agora, as pessoas perdem-se, perdem o momento, perdem a realidade, perdem o tempo; perdem-se a tirar fotografias a tudo e todos, depois chegam a casa cheias de fotografias que não têm nada que ver com a realidade. Nem se lembram como é a realidade. Nem se lembram das cores que viram, porque nem sequer viram cores nenhumas. E para além disto, para além de não verem a realidade, de não verem as cores, de não se envolverem pela atmosfera senão pela "luz" do telefone que lhes hipnotiza, que lhes agarra os olhos, ainda se põem com filtros? Parece que gozam com o espetro de cores! Para elas bem que podiam ver o dia todo em encarnado ou em azul que para elas era a mesma coisa… Parece que gozam com os cegos que queriam tanto ver e não podem ver… É uma dádiva poder ver!

Poder olhar para tudo! Poder olhar para as coisas! Poder gravar as coisas só com o olhar, só com os nossos olhos, os nossos olhos são autênticas câmaras, autênticos gravadores!»

«Pode ser que, agora, quando as máquinas de rolo voltarem, as pessoas se lembrem de como revelavam as fotografias e talvez recuperem todo esse esoterismo que falavas… Que voltem a renascer e que fiquem mais ligadas à realidade… As pessoas, de facto, já não sabem revelar fotografias, não sabem revelar os momentos, perderam essa capacidade… Que é uma capacidade humana! De saberes aquilo que é mais íntimo, daquilo que é menos íntimo, daquilo que se pode revelar e daquilo que não se pode revelar, daquilo que é natural que se queira revelar ou partilhar, porque somos seres sociais, daquilo que não deveria ser natural partilhar-se, ainda que sejamos seres sociais… »

«Não sabem revelar nem fotografias, nem dados! Não sabem revelar nada, porque revelam tudo! Com as máquinas de rolo sabiam revelar! Fartei-me de ver isso no Facebook e no Instagram… As pessoas não saberem revelar… Entregam-se de bandeja ao *Big Data*. Revelam tudo ao *Big Data*, aos patrões que lhes pagam mal, aos colegas que nem falam, aos vizinhos que nem cumprimentam, aos ex-namorados que lhes traíram…»

«E aqueles que colecionam fotografias dos ex-namorados no Instagram? Como é que é possível? Têm um novo namorado, revelam o novo namorado, aparecem à sociedade de informação com o novo namorado, mas depois têm lá as fotografias dos ex-namorados todos, parecem cromos, *tazos*, não entendo…»

«E eu já ouvi tantas desculpas sobre isso… Até já presenciei discussões no metropolitano – que são as melhores, as

mais divertidas – de um namorado perguntar ao outro, o porquê de ainda ter as fotografias do ex-namorado no Instagram, eu acho que esta nunca te contei pois não…?»

«Não!!!! Conta!!!!»

«E o namorado dele responde-lhe que o outro já não significava nada, mas que tinham passado muitos bons momentos em sítios muito bonitos e não queria apagar os sítios da cabeça dele que era para depois levar lá o novo namorado… Estás a ouvir isto, só até aqui, não é…? Agora ouve… Isso se, o novo namorado se portasse bem e não estivesse sempre a insistir para apagar as fotografias…»

«Não! Isso é a gozar! De certeza que eles eram atores, amor…»

«Claro, isso foi o que eu pensei… Pensei que aquilo fossem apanhados ou assim… Que aquilo fizesse parte de alguma telenovela… Mas depois vi que era a telenovela da vida real daqueles dois… E ainda teve o descaramento de dizer que o outro estava "a ter" ciúmes que "não faziam sentido nenhum" e só revelava a sua "imaturidade". Tu achas isto normal? Sabes a minha vontade?»

«Parece que está tudo doente… As pessoas não parecem humanos… Parece que não têm cérebros… Parece que perderam completamente a noção…»

«A vontade que eu tinha de me meter nesta conversa, que ofende qualquer um que tenha que ouvir isto, que parece que tinha sido tirado não sei de onde? Não sabia de que filme é que o

gajo tinha tirado isto para enfiar na cabeça do seu namorado… E enquanto o namorado dele lá ficou impávido e sereno, a ver o namorado dele a jogar no telefone, senão "levava ali mesmo na boca", eu fiquei a multiplicar o número de namorados que devem fazer este tipo de mentalismo aos seus namorados pelos milhões que somos… Era um gajo todo pintarolas, todo espertalholas que mais parecia um artolas, com uns olhões grandalhões meio azulados, meio encarnados de quem tinha andando na passa, com um grande cabelão loiro aos caracóis ainda molhados, com um grande caparro meio vestido numa t-shirt em "V" em que um dos mamilos saía completamente de fora, cheio de tatuagens horríveis nos braços e nos peitos artificialmente musculados, com uma pulseira com as 6 cores da bandeira gay, com uma calça de fato de treino cinzenta daquelas meio largas cheia de manchas brancas que pareciam vestígios de sémen, uma mão cheia de anéis com caveiras e serpentes… O namorado perguntou-lhe como é que tinha corrido o ginásio e que tinha estado muito tempo dentro do ginásio e o gajo pintarolas responde-lhe que "ya" que "o treino tinha sido bué intensivo…", mas que ele agora estava a jogar e que ele odiava que ele fizesse perguntas, enquanto estava a jogar num tom agressivíssimo. E eu olhava para a pulseira dele, lembrava-me em que estação ele tinha entrado, olhava para o meu *relógio-aliança* que marcavam 22h30 e lembrava-me das orgias que eu tinha visto de raspão na sauna e no banho turco e dos *pinanços* que eu tinha ouvido nos duches a acontecerem naquele ginásio donde ele tinha saído.»

«Bem, eu consigo sentir na tua voz a vontade que tinhas de lhe arrancar o "game boy" das mãos e de lhe dar uns chapadões na cara…»

«Qual dos game boys dele, pergunto-te eu!? Porque para ele tão game boy era o telefone que tinha nas mãos como era game boy o namorado que tinha ali ao lado, que fazia ou via nele também um game boy!»

«Eu tinha vergonha de ter um namorado desses, que ao meu lado ao invés de estar comigo, não, está ali a jogar, ou a ver o Facebook ou o Instagram, ou a ver mensagens não sei de quem, ou a conversar não sei com quem no WhatsApp ou no Messenger…»

«Fosse namorado, fosse amigo, fosse pai… Porque até há pais a fazê-lo com os filhos ao lado… Eu tinha vergonha de ter um pai desses! Tinha vergonha de ter um amigo que me convidasse para vir ter com ele, mas que depois está agarrado ao telefone, que se mete no Facebook e no Instagram e nas mensagens não sei com quem… Se eu já tinha vergonha de ter um amigo assim, então se tivesse um namorado assim eu morria mesmo de vergonha!»

«Pois… As pessoas não só não dão cabo do ambiente, dos animais, das plantas, do clima, como dão das suas próprias relações… As pessoas não sabem namorar… Já não saber estar num relacionamento… Agora dizem "*estou ficando com ele num relacionamento*"; "ficando"? "Estamos ficando"? "Vamos ficando"? "Vamos transando"? "Vamos dando transas?" Isto para não dizer que vão mandando "fodas", que é só isso que "eles" sabem dizer e é só isso que têm na cabeça… Não sabem ter relacionamentos… Parece que lhes fizeram uma lavagem ao cérebro… Agem como se fossem robots. Parecem mesmo robots! Parecem robots sexuais! Sem sentimentos! Sem tato! Sem

memórias! Parece que esfregam o polegar no indicador e não sentem nada, só veem dinheiro naquele esfregar. Andam-se a esfregar por puro dinheiro. Colecionam gemidos. São futilíssimos. E por isso colecionam uma vida fútil cheia de segundos fúteis. Dão cabo da vida por segundos fúteis!»

«Pois… São os telefones, os instagrams, os facebooks que lhes lavam constantemente os cérebros…»

«Essa, então, de andar com a bandeira gay hasteada, ainda por cima, num ginásio desses, está-se mesmo a ver a intenção…»

«Pois está-se! É óbvio! Mas por que raio, as pessoas têm que andar com uma bandeira gay ao peito, ou ao pulso ou na testa a dizerem que são gays? É uma necessidade exacerbada de afirmação… E muitos parece que não se conseguem afirmar senão com a bandeira atrás… Parece que o que lhes define é uma bandeira… Reduzem-se completamente a um lobismo que nem conhecem nem sonham; quer dizer, muitos conhecem porque fazem parte desse lobismo, dessa comercialidade… E depois ficam comerciais. Ostentam, pompeiam e luxam, é uma nova indústria… Transformam-se em produtos de indústria… Entregam-se assim à indústria… Já não chegava entregarem-se ao *Big Data?* Se se querem reputar num certo sítio como gays deem as mãos aos seus namorados e pronto. Se não têm namorados e acham piada ao tipo que está sentado à frente, olhem para ele, ou vão lá falar com ele, não precisam de bandeira nenhuma e podem fazê-lo sem dar bandeira nenhuma; ou esqueceram-se de como se olha para alguém que se está interessado, que se acha piada? Agora olham para todos ao mesmo tempo, falam com todos ao mesmo tempo nos telefones, se calhar fica difícil olhar só para

um… Eu finjo que percebo e finjo que faz parte de uma sociedade de informação tecnológica super evoluída de valores, filosofias, teorias, preconceitos, grémios e intelectualidades. Deviam era largar os telefones e conversarem com os namorados e olharem para os namorados e para as namoradas e não para os gajos e para as miúdas que aparecem no Instagram em tronco nu, de peitos à mostra, em boxers ou em cuequinhas… Aquela pulseira com as 6 cores afinal era para quem? Não era para o amor deles de certeza! Era para os rapazes do ginásio saberem que está ali um "gay discreto masculino", que de discreto nada tem, e que podem se meter com ele à vontade ou decorarem a cabine de duche e aparecerem lá que são bem-vindos? Porque foi isto que eu presenciei ene vezes nos balneários, nos jardins, nas praias, nas faculdades, nos transportes… Mas se calhar, é só o meu empirismo… E ainda bem, que estou ao telefone com o meu namorado e acho que ainda posso falar do meu empirismo com a máxima liberdade, se algum hacker se ofender, se calhar é porque não devia estar a escutar as conversas dos namorados que não usam "pulseiras gays", mas que usam dois *relógios-alianças* iguaizinhos… Porque aquela pulseira do pintarolas, a dizer que é gay, a denunciá-lo gay com as letras todas, não serve para pinar com o namorado, serve para "mandar" é *pinanços* no ginásio. É essa a instrumentalização que fazem da bandeira, que fizeram da bandeira e é deprimente ter que assistir a essa instrumentalização! Já não basta assinalarem-se tecnologicamente, com as publicações no Facebook e no Instagram que fazem, a colarem a "bandeira gay" nas suas descrições e a dizerem que são gays – é que escrevem mesmo "gay", escrevem "hot", escrevem "boys", dizem que estão sozinhos em casa e perguntam no Facebook quem é que quer ir lá a casa tomar café, publicam fotografias de boxers,

publicam fotografias na cama com o rapaz que tiveram, que trouxeram do Grindr… E acham que isto é liberdade de expressão… Pois claro que é… Como também é a liberdade do preconceito que depois se vai montando e que depois vem dizer que ser gay é um estilo de vida, que é estar o tempo todo no Grindr a combinar *dates*, a ir a *dates*, conhecer e pinar se houver química. É que é esta a química deles… Como se ser gay fosse um estilo de vida e não fosse uma orientação sexual e ficar-se por orientação sexual, ponto final, parágrafo! Até empresas e associações tratam os gays como se ser gay fosse um estilo de vida… Empresas que se querem estrear no "novo mundo gay" e aparecem com slogans completamente infelizes!... Acham que todos os gays estão no Grindr. Acham que todos os gays pertencem ao Grindr. Acham que todos os gays enviam *nudes* ou têm *nudes* nos telefones. Acham que todos os gays já estiveram em trios. Acham que todos os gays se apaixonaram pelo melhor amigo hétero. Acham que todos os gays fornicam com todos. É isto que acham! Por causa de alguns gays que alimentam esse preconceito! Por causa dessas comunidades que se drogam e fornicam, que se conhecem a todos na cama e trocam informação sobre todos na cama. Porque são justamente esses, que fornicam com todos, que andam sempre com a bandeira gay coladinha na testa, que mais fomentam "o preconceito gay"! Parece que são "colaboradores" desse preconceito, que se metem com todos, que objetificam as relações, que se metem em trios e orgias e que acham normalíssimo. Acham que faz parte de uma sociedade super evoluída. E que depois são esses que me vêm dar grandes filosofias de charro na mão, também esses de charro na mão, a dizer que eu tenho que defender "a comunidade dos gays" porque sou gay e tenho que lá ir com eles "hastear a bandeira"

que defende os meus direitos, lembras-te? Como aquele estúpido…»

«Lembro-me perfeitamente como se fosse ontem desse estúpido, que só te queria era saltar em cima, mesmo à minha frente, mesmo aos meus olhos…»

«Quem defende os meus direitos é o Direito! Não são "essas comunidades" cheias de testosterona que mais parecem elefantes expulsos de casa pelas mães, que me querem devorar a mim e ao meu namorado, que olham para o meu namorado e se põem a masturbar, se põem com as patonas em cima de nós! A minha comunidade é o meu namorado, os meus melhores amigos, os meus pais, os pais do meu namorado, os pais dos meus melhores amigos, alguns primos e alguns tios! Não tenho outra comunidade! Não tenho outra comunidade, senão esta!»

«Quando falas desses que usam a bandeira estás a falar dos que usam a bandeira para a instrumentalizar, dos que tornam a bandeira comercial, dos que a transformaram numa tecnologia?»

«Claro, amor! Estou a falar dos que me dizem que tenho que usar a bandeira, ou tenho que comprar a bandeira ou tenho que "me juntar" à bandeira por ser gay. Se esses dizem que eu tenho que ter orgulho em ser gay eu posso dizer-lhes que não tenho que ter orgulho nenhum! Os homens não têm que ter orgulho em ser homens. As mulheres não têm que ter orgulho nenhum em serem mulheres. Os homens podem ter todo o direito em ter orgulho em serem homens. Mas não há um "ter que ter" nenhum. Quem tem, tem. Não me obriguem nem a ter orgulho nem a ter vergonha, porque eu não tenho nem orgulho em ser gay, nem vergonha em ser gay. Ter nascido gay para mim,

na minha vida, faz todo o sentido. Mas não tem que fazer sentido. Para mim, faz. Eu tenho é orgulho no meu namorado! Orgulho no meu pai, orgulho na minha mãe. Ainda bem que nasci homem, porque ser homem para mim, na minha vida, faz todo o sentido. Não sei se fosse mulher, gostaria de ser. Poderia gostar de ser mulher se tivesse nascido mulher, mas não tinha que gostar. Não estava obrigado a gostar. Há muito homens que nascem homens e desejariam ter nascido mulheres. Não tenho nem sequer ideia desse sentimento. Não faço ideia da dor que deve ser. Não nasci com essa dor. Não sei qual é a dor de nascer gay e sair à rua e toda a gente maltratar, toda a gente gozar, toda a gente espezinhar, porque nunca passei por isso. Ouvi uma ou outra boca de um ou outro mitra. Ouvi uma ou outra boca de um grupo cheio de chungaria. Mas quando ouvia e já os tinha passado, parava e voltava para trás e ia lá e gozava também com eles sujeito a levar na boca. Não levei na boca, nessa ou outra vez, porque não calhou, mas podia ter levado. Mas sei o que é levar na boca desses mitrolhos, que se metem com todos, porque eu metia-me com eles se eles se metessem comigo. E não levei na boca, naquela ou outra vez, mas uma vez levei na boca de um deles. Mas não tive medo. Em casa ensinaram-me a nunca ter medo. E ensinaram-me sobre o sistema judicial, que é esse sistema que se deve meter na cabeças das pessoas e não "outros sistemas secretamente do além que só governam o além". Fui a correr à polícia fazer queixinhas e o que me deu um soco com uma soqueira, e não me cegou só por acaso, veio logo pedir-me desculpas e eu retirei a queixa. Foi assim que sempre fiz as coisas. Retirei a queixa dessa vez. Da próxima, não retiro e se me quiser pedir desculpas vai ter que me pedir em tribunal ou refletir na esquadra quando vir o sol a nascer aos quadradinhos. É assim que

as coisas funcionam. E esses mitrolhos, que não passavam de um bando de 8 e nós somos 11 milhões só em Portugal, que gozavam comigo, andam agora nas discotecas gays a comer os betinhos e os betinhos a virem-se com esses chungas e esses mitrolhos sempre com naifas atrás. Deve ser um fetiche por naifas que têm, só pode.»

«Quem é que tem o fetiche por naifas? Os mitrolhos ou os betinhos?»

«Os betinhos que vão para a cama com esses mitrolhos, que, de repente, saíram do armário. E de repente, só vejo mitrolhos a publicarem fotografias de boxers na cama ou em tronco nu de frente ao espelho a apanhar as retretes do ginásio, que é uma coisa linda de se ver, e que eu não posso gozar, porque é normal e há liberdade de expressão em tudo e mais alguma coisa!? Pois há liberdade de expressão e a minha liberdade de expressão, perante a expressão deles, que publicam essas fotografias com a bandeira gay colada é que perderam completamente a noção. Eles e os betinhos, que afinal não são betinhos nenhuns e que eu sempre disse que não eram betinhos nenhuns, que andam com as roupas e com os apelidos dos pais, mas que depois caiem nas camas desses mitrolhos. Caiem lá todos. Essas camas parecem buracos negros. Sugam tudo à sua volta. Alguém ainda me vai ter que explicar como é que alguém que tem namorado ou namorada vai para as redes sociais publicar fotografias de boxer e em tronco nu!? Uma coisa é estar em tronco nu, porque se está na praia, uma fotografia típica de praia. Outra coisa é os nus e os troncos nus que se instalaram no Instagram e no Facebook que mais parece um site pornográfico. O que seria toda a gente de uma rede social saber como é o corpo

do meu namorado. Que vergonha estar a andar na rua com um namorado desses! As pessoas já perderam essa intimidade, essa sensibilidade, essa espiritualidade pelo corpo, quando se expuseram. Quando se objetificaram. Parecem todos modelos, mas sem agência de modelo. Parecem todos namorados, mas sem namorado. Parecem solteiros no tempo da puberdade, parece que não passaram pela puberdade, parece que lhes faltou ali uma fase qualquer e nós estamos agora a ver a fase deles; porque eles fazem questão de nós vermos a fase deles. Eu acredito que seja só uma fase. Imagino isto escrito nos livros de histórias. Porque isto é histórico! A forma como os namorados, os solteiros, os casados se expõem nas redes socias é histórico! E digo-te, não me importo nada de escrever essa radiografia que eu faço da sociedade. Até parece que me dá gosto. Um gosto qualquer intelectual que um dia irei entender.»

«Sem querer, já estás a escrever um manual de história, mas se calhar, ainda não te apercebes… E talvez, até seja melhor não te aperceberes disso… E isso do pintarolas ficou por aí?»

«Não, não ficou! Argh! Até já me tinha esquecido e achava que o meu cérebro já tinha apagado da minha memória… Aliás, quando te comecei a contar, já nem me lembrava disto que te vou agora contar… Mas a tua pergunta trouxe-me o filme todo que afinal o meu cérebro tinha escondido mal algures… Argh! Parece que estou a viver o filme todo outra vez… Vou contar-te: Olhou para mim, deve ter-me conhecido não sei de onde e começou a sorrir para mim…»

«A sorrir para ti? Mas isso foi quando?»

«Foi logo depois do Mateus…»

«Ah! Por isso é que não me contaste…»

«Sim, claro… Mas por acaso, julgava que já te tinha contado esta…»

«Mas ele começou a sorrir para ti e tu?»

«Eu fiquei imóvel, sério, só mexia os olhos, a gravar cada segundo daquela cena toda e a ver até onde é que ia aquela cena… Ele viu que eu não lhe passei cartão nenhum, como é óbvio, como é lógico; então, passou o game boy ao namoradinho dele. Eu não sei, como é que ele fez aquilo, eu acho que é preciso muita proeza para se ter uma lata daquelas. Pôs o namorado ao game boy, conseguiu enfiar os olhos do namorado no game boy, enquanto se fazia a mim. Ele de certeza que me deve ter reconhecido de algum lado, de certeza que ele sabia ou que eu tinha andado com o Mateus ou que era gay, qualquer coisa, por aquilo, daquela maneira, só podia ter sido feito com a mínima informação; mas lá está, era-lhe bastante a mínima informação que fosse sobre a minha relação com rapazes. Na nossa sociedade de informação não é difícil, em Lisboa toda a gente conta tudo, enfim, toda a gente, acaba por saber. Basta um café que vás com alguém e esse café tornar-se num café tecnológico e ir parar a uma aplicação, para toda a gente que esteja nessa aplicação, saber que tu foste tomar um café. Se não for pelo Grindr, é pela faculdade, se não for pela faculdade, é pelo Facebook, se não for pelo Facebook, é pelo teu ex-namorado que te traiu com metade de Lisboa, metade de Cascais e metade de Santarém, e por isso, já toda a gente sabe que tu és gay dentro do "mundo gay", enfim… E isto não se passa só dentro deste "mundo gay", passa-se em todos os "outros mundos". Um homem que trai a mulher, mais

tarde ou mais cedo, e cada vez mais cedo, numa sociedade de informação tecnológica, haverá a sociedade ou alguém da sociedade de informar a mulher que anda a ser ou que foi traída pelo marido. Lá com o "game boy" dele entretido no game boy, o pintarolas, mais alto que eu, põem o corpo direito no banco e fita-me os olhos dele nos meus olhos a fazer movimentos sensuais de língua, sabes?»

«Sim… A passar a língua suavemente nos lábios?»

«Isso… Mas a trazer saliva com a língua dele, a encher os lábios cheios de saliva, a engolir saliva, a mexer o músculo da garganta para eu ver a saliva a passar-lhe e a descer-lhe a garganta, e depois a trazer novamente a saliva, e a olhar para o namorado de soslaio, com a cabeça muito direita e com os olhos a dar uma esguelha no namorado para ver se ele estava com os olhos postos no game boy, mas a dar essa esguelha, mesmo para eu ver a esguelha dele, como que me convidasse para fazer parte daquele complô, como se assinasse assim comigo no ar um contrato de infidelidade, estás a ver cena?»

«Estou… Como se eu estivesse sentado ao teu lado no metropolitano e me levantasse agora e lhe partisse a boca toda… E tu, estás-me a ver a partir-lhe a boca toda?»

«Estou… Num sereno, mas altivo tom, eu começo a fazer-lhe um raio-X aos ténis, às calças, a cada mancha que ele tinha, a cada tatuagem que ele tinha, a cada anel que ele tinha, às mãos dele; queria gravar-lhe as mãos como se fossem algoritmos ruins para o meu cérebro se lembrar de associar aquele formato de mãos àquele formato de espírito nojento humano. Para que não me esquecesse daquelas mãos, de cada um daqueles anéis, de

cada uma daquelas tatuagens e para que não me esquecesse sobretudo do mau gosto dele da roupa que trazia vestida… E quando acabo de lhe fazer o raio-X, volto a enfrentá-lo nos olhos, e lá estava ele, a tentar prender-me com o olhar, nos olhos dele a transformarem-se em berlindes. Parece que ficou com o olhar aberlindado, com cor de berlinde, sabes?»

«Sim… Assim meio baços… Vidrosos…»

«Exatamente! Esse embaçado que eu chamo de berlinde… Ficou com os olhos em berlinde e começou a fabricar lágrimas. Pensei logo que, aquelas lágrimas e aquele olhar embaciado, fizessem, é claro, parte do modo, da instrução, do protocolo dele de engate… Ele prende-me o olhar e leva-me com os olhos dele para o chumaço das calças de fato treino e aperta suavemente a pila a olhar para mim e a dar aquela esguelha ao namorado dele. O gajo olha para mim, vê que eu continuo sem lhe passar cartão, e que estava ali a analisar cada gesto que ele fazia e o que é que ele faz? Volta a passar a língua nos lábios. Inspira e expira profundamente, com os olhos dele fixados em mim, e volta a tocar-se ali à minha frente na pila dele com as mãos, mas agora com uma mão enfiada, mesmo, dentro, dos calções e põe a outra na perninha do namorado como se fosse muito amoroso e generoso para ele. E quando tira a mão lá de dentro dos calções, leva a mão ao nariz e "cheira" os dedos semicerrando-me os olhos. Eu cruzo a perna e defendo-me, inclinando um pouco o corpo para a frente, ponho um braço vertical com o cotovelo apoiado numa perna e o pulso da mão encaixada no meu queixo, tapando e protegendo a minha boca e o meu nariz, cerrando com força esse punho, que me fica a

cobrir metade da cara, e a outra mão deixo-a mais solta, mas também cerrada em punho…»

«Amor, desculpa estar-me a rir… Mas já estavas pronto para esmurrá-lo?»

«Ah, pois claro que estava! Eu sabia lá se ele era ou não maluco e ainda vinha para cima de mim, ali com o namorado, ou vinham os dois, eu sei lá quem é que eles eram!»

«Ai, amor! Tu és tão lindo! Tu deves ter sido feito numa nuvem… Tu deves ter vindo de uma nuvem…»

«Eu estava ali hirto, mas estava cheio de medo, tremia por dentro, porque o gajo se quisesse dava-me ali uma maquia, uma sova daquelas... Aliás, os três todos musculados e maiores que eu, cada um deles com três vezes um braço dos meus, davam-me ali uma maquia se quisessem…»

«Os três?»

«Pois… Lá reparo no terceiro. Sabes aqueles conjuntos de bancos de 4? Em que tens 2 a 2 de frente? 2 a 2 de frente do lado da janela e 2 a 2 de frente do lado do corredor? Eu estava sentado num encostado à janela com o banco do meu lado direito vazio. O gajo estava sentado no banco da frente do meu e ao lado dele estava o namorado. Do nosso lado direito havia outro conjunto de bancos de 4. Esse terceiro rapaz estava num sentado como se fosse no lugar do gajo que estava à minha frente, ou seja, em linha com eles, do lado da janela, obliquamente de frente para mim. Esse entrou ao mesmo tempo que eles. Só quando eu reparei nele é que fiz o *flashback* e lembrei-me que ele tinha

entrado com eles; eu nem sequer estava a vê-lo nem a ele, nem à câmara dele… Esse terceiro estava o tempo todo ao telefone como se estivesse a tirar fotografias a ele próprio com a câmara frontal e ia mexendo no cabelo, disfarçando, como se estivesse a fazer vários penteados, mas com a câmara dele de trás apontada direitinha para mim. Ele estava todo mal sentado com as pernas arqueadas no banco, ou seja, conseguia ficar naquela linha oblíqua comigo e apontar-me a câmara… Estás a ver o filme?»

«Estou… Parecia que estavas num capítulo arrancado dos *Cavaleiros Tecnológicos* do Barac Bielke…»

«Foi tal e qual como eu me senti… Aquilo parecia uma realidade virtual aumentada em que não precisava de pôr óculos nenhuns… Eu só queria era saber quem é que era o roteirista daquela cena e para onde e para quem é que aquele meu filme iria parar. É óbvio que eu na altura não tinha provas nenhumas que o terceiro rapaz estivesse a filmar aquela cena, mas sabes quando tens aquela sensação de estares a ser filmado ou gravado? Eu tive essa sensação e depois essa minha sensação, essa minha intuição fez todo o sentido e já vais perceber porquê… O outro ali sempre no game boy, aquilo já parecia surreal… Quer dizer, o namorado dele ali farto de se fazer a mim e ele ali a jogar no telefone? Aquilo não estava a bater certo… Parecia tudo tão mal encenado… Lá o gajo, resolve começar a mexer no cabelo, mete a cabeça para baixo a esfregar-se todo no cabelo, e ao mesmo tempo que me mete as pernas dele entre a perna que eu tinha o pé apoiado no chão, salpica-me todo com a água que trazia no cabelo. Mas imagina o passo que o gajo deu. Imagina a esperteza do gajo. Ele mete-me as pernas enquanto estava com a cabeça para baixo a esfregar o cabelo, para ter uma desculpa perfeita de

como tivesse sido sem querer, que me meteu lá as pernas. Eu descruzo as pernas, fecho os dois punhos e digo-lhe em alto e bom som para tirar imediatamente as pernas dele das minhas, digo-lhe que me está a molhar todo e que não acho normal estar a vir para cima de mim com as pernas dele, que não acho normal estar ali a salpicar-me com a água que vem do cabelo dele e que não acho normal ele e o namorado dele terem-se sentado ali comigo quando o vagão está completamente vazio e que eu não tenho que o ver a tocar-se nos seus genitais e que ele devia ter mais respeito pelo namorado dele e melhorar as técnicas dele de engates tecnológicos no metropolitano.»

«O que é que ele te respondeu?»

«"Ei mano, *foda-se* desculpa aí, foi sem querer, não te queria molhar, sem stresses, fica bem". E levantaram-se os 3 ao mesmo tempo, logo a seguir, ainda estávamos a atravessar o túnel e lá saíram na estação quando o metropolitano parou. Quando chego a casa, vou ao computador, ligo o Facebook e tinha um pedido de amizade do gajo e uma mensagem que dizia "hey mano! Curti a tua atitude! As cenas entre mim e o meu namorado não vão bem! Curtia conhecer-te melhor! Deste-me bué pica e gostei do teu carácter." Eu começo a analisar o perfil dele e encontro nas fotografias marcadas o terceiro rapaz que entrou e saiu com eles sem dizer um pio. Quem é que eu tinha como amigos em comum? O Mateus… Começo a ver as fotografias e estava lá o Mateus com ele numas fotografias de surf… A primeira imagem que me veio à cabeça é que aquela cena toda tinha sido encomendada pelo Mateus, mas enfim, logo passou-me. Eu não respondo à mensagem, mas marco como vista, mesmo para ele perceber que eu vi a mensagem, mas que não ia

responder, porque não queria mais conversa. Passado um quarto de hora, envia-me outra mensagem a perguntar se eu tinha ficado "chateado". Eu marco como vista e ignoro. Passado um quarto de hora recebo outra dele a perguntar-me se podíamos ir beber um café para ele "compensar-me", "pela cena do metro". Eu ignoro e passado um quarto de hora recebo outra mensagem dele a perguntar-me porque é que eu estava a fazer-me de difícil e que eu estando a ignorá-lo estava a "excitá-lo" ainda mais. Eu não respondo, e ele envia-me uma fotografia em tronco nu. Eu não respondo, e ele envia-me uma fotografia dele em boxers. Eu não respondo, e ele envia-me um vídeo que eu não abri, mas que dava para ver o pénis dele e provavelmente devia ser um vídeo dele "a bater uma". Eu tiro *screenshots* da janela virtual que ele criou com o seu monólogo, bloqueio-o e denuncio o perfil dele, enquanto utilizador de Facebook.»

«Onde é que guardaste os *screenshots*?»

«Na minha pasta "EU É QUE SOU O BIG DATA".»

«Tu pareces o Maths e o Joa, eles também têm pastas dessas, mas as deles estão cheias de dados do Grindr e do Tinder…»

«Eu também estou cheio de dados desses, na altura quando tinha instalado o Grindr e o Tinder, tirava sempre *screenshots* de todas as conversas, de todos os perfis, de todas as descrições dos perfis, dos interesses, de todas as fotografias que me enviavam… Parecia que eu já adivinhava que aquilo ia valer petróleo… Se ficarmos pobres, nos endividarmos e vierem penhorar-nos as coisas, eu ponho aqueles dados todos a render no mercado…»

«Pois… Tu e os meus irmãos têm mesmo cara de dono de dados…

CAPÍTULO V

GENES E HERANÇAS

«Então, já encontraste o meu artigo?»

«Já… Digo-te já que sem a Kira isto deu um trabalhão…

«Já te disse que a Kira só sabe ler e interpretar contratos civis e não de namoro, por isso bem que podias pedir-lhe ajuda que ela nunca mais te encontrava…»

«Mas o casamento não é um contrato civil?»

«Sim… O casamento civil é um negócio jurídico… Mas o namoro não…»

«Qual é a noção de casamento que aparece no código civil?»

«Há de aparecer qualquer coisa como o contrato celebrado entre duas pessoas que querem constituir família em plena comunhão de vida.»

«E qual é a noção de comunhão de vida?»

«Muito espertinho… A comunhão de vida basicamente são os deveres que vinculam reciprocamente os cônjuges numa ótica de igualdade de direitos e deveres e de os dois terem a direção da família devendo concordar sobre os aspetos da vida em comum, tendo em conta o bem da família e os interesses um do outro…»

«Muito bem… E que deveres são esses?»

«Eu já ia dizer! Mas os deveres são os de respeito, fidelidade, coabitação, cooperação e assistência.»

«Não é na tua faculdade que há um professor que se baseia nesses deveres para dizer que se o marido quer praticar coito, a mulher não pode recusar?»

«Sim… Há um mito de tese dessas na minha faculdade… Como é que sabes isso se eu nunca te contei?»

«Não te lembras naquele dia quando estávamos com o teu primo Xico no Jardim Zoológico? Vocês estavam a falar de Direito das Sucessões…»

«Com o primo Fráguas no Jardim Zoológico???»

«Não foi com o Xico Fráguas, foi com o Xico Castelão… Não te lembras?»

«Ah! Sim… Pois foi… Tivemos a falar de Direito das Sucessões… Eu estava a criticar o sistema sucessório português… Não lhe devíamos ter mostrado o nosso spot.»

«Pois, estavas a criticar e muito bem o sistema sucessório português… Pois, já sei que ele agora vai para lá com a Carminho… E a Carminho é muito tecnológica… Anda sempre com os algoritmos atrás e os algoritmos contam tudo ao *Big Data*. Será que os algoritmos do GPS dela já denunciaram o nosso spot à sociedade de informação tecnológica?»

«Espero que não. Ainda te lembras da minha crítica?»

«Sim… Sei muito bem qual é a tua crítica… E eu também tenho uma crítica… Acho que o conceito de namoro devia ser incluído no conceito de casamento…»

«Eu também amor… Mas não penses que é para poderes dizer que é também um contrato civil só para a Kira poder ajudar-te a encontrar os artigos do Código do Namoro…»

«Não sei porque é que o namoro também não pode ser um negócio jurídico… Mas pronto…»

«Porque falta-lhe a base patrimonial… Falta-lhe o património... Os regime de bens… O contrair das dívidas… A comunicabilidade das dívidas… Ou seja, a comunicação das dívidas… As dívidas de um poderem comunicar-se com a do outro… O namoro é um negócio diferente do casamento, porque não envolve dinheiro… Então, foi por isso, que o legislador quis deixar o namoro fora do negócio jurídico…»

«A sério? Foi por causa disso?»

«Foi… O legislador foi um pouco interesseiro não achas? Ou isso ou então não namorava na altura como dizem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Lavy… Por isso é que não se importou em proteger os namoros…»

«Não sabia que era por causa disso que o namoro não aparecia no Código Civil, porque devia aparecer…»

«Claro que não foi por causa disso, amor! Há negócios que não envolvem dinheiro nenhum e não é por isso que deixam de ser negócios jurídicos… Eu estava só a brincar… Simplesmente o Direito não se quer meter nos namoros, não tem muito interesse… Tem mais interesse nos casamentos…»

«Eu cá defendo indemnizações chorudas, bem gordas, para quem é traído, por conta do cabrão…»

«Ah, eu também acho! Isso e ficar banido de usar aplicações como o Grindr e o Tinder…»

«Sim! Quem trai, quem é traidor, fica de castigo! Não pode mais ir partir corações para o Grindr ou para o Tinder.»

«O Grindr não devia era nem sequer ter as opções de "casado" e "comprometido"… Acho nojento! É uma aplicação nojenta só por ter essas opções! Uma aplicação que fomenta traições…? Devia haver uma censura tecnológica, um regulador de aplicações tecnológicas… Uma coisa é uma aplicação para solteiros… Agora para casados??? Para namorados??? Eu não sei porque é que o Grindr tem essas opções… Só lhe ficava bem era banir essas opções… Mesmo que depois vão para lá cabrões dizerem que são solteiros, quando não são solteiros coisa nenhuma… Mas, ao menos, os donos do Grindr sabiam que não eram eles que criavam uma aplicação que batia palmas, que encorajava traidores a traírem, que tinha lá escarrapachada a opção para eles traírem… Acho aberrante haver esse tipo de opções nessas aplicações de encontros. É que há quem veja já o Grindr como uma instituição, por isso julgam normalíssimo estarem lá pessoas que namoram, mas que procuram ali algo por fora e compactuam nessas traições, fazem parte dessas traições… Eu ainda não percebi como é que alguém quer fazer parte de uma traição… Como é que alguém se encontra com alguém que tem namorado, que está comprometido com outra pessoa, que já está comprometido, que já tem namorado… »

«Porque há quem tenha fetiche de estar com casados ou de estar com rapazes ou raparigas com namorado ou namorada…»

«Pois há! E agora deste-me uma boa ideia… Vou filmar o Mathias em flagrante delito a seduzir-me e depois mostro o filme ao teu pai. E assim o Mathias perde o título, porque um Príncipe não pode seduzir o namorado do seu irmão Infante. O Mathias perde o título de Príncipe e quem é que logo imediatamente é o herdeiro legítimo ao trono?»

«Sou eu!»

«És tu, amor!»

«Hum! Eu sabia que tu eras um monárquico parlamentar constitucional… Gostas muito de inventar e trazer de fora novas leis para dentro da colmeia…»

«Então… Eu ouvi dizer que havia um pequeno parlamento na vossa casa…»

«Parece que alguém se está a fazer ao título de "Arqui"-duque…»

«Mas como é que vais filmar se tu nunca andas apetrechado com aparelhos tecnológicos?»

«Vou montar-lhe uma armadilha tecnológica como nos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke.»

«Eu gosto muito dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke… Sabias que o apelido Bielke é da minha família?… Se calhar, é um primo meu… Tenho que perguntar aos meus pais...»

«Claro que tinha de ser teu primo! O que vale é que é tudo da tua família… O que vale é que há tudo na tua família… Pianistas, esgrimistas, golfistas, médicos, pilotos…

«E agora também escritores…»

«Surfistas…»

«Ah… Surf já é demasiado *dread*…»

«*Dread*? Não é nada *dread*! *Dread* é o snowboard e o bodyboard…»

«Para mim o surf também é um desporto *dread*…»

«Os mitras não fazem surf e os meus irmãos não são mitras e fazem surf…»

«Eu não disse que os mitras fazem surf… Nem sequer disse que o surf era um desporto mitra… Mitras são mitras… *Dreads* são *dreads*… O surf é um desporto *dread* praticado maioritariamente por betos… Mas digo-te já que há muitos *dreads* no surf…»

«Pois… Olha, eu nunca vi nem *dreads* nem *mitras* no surf…»

«Isso é porque só vais a praias com betos e porque tu e os teus irmãos só se dão com betos…»

«Ya… E porque o meu namorado é beto…»

«Eu não sou beto!!!!»

O Fred riu-se às gargalhadas por quase meio minuto.

«Oh amor… Então se tu não és beto, és o quê, desculpa lá?»

«Então… Sou…»

«Amor tu és beto dos pés à cabeça! Literalmente! Os teus pés são betos… O teu cabelo é beto…»

«Primeiro, o meu cabelo é emaranhado… Logo não é beto…»

«Já sei… Espera… Tu és… "Tu próprio"… "Tu autêntico"… Não é amor?»

«Estás a gozar… Mas sim…»

E o Fred desatou-se a rir e voltou a demorar-se mais meio minuto às gargalhadas.

«Amor… Eu lamento informar-te, mas tu és o beto mais beto que eu conheço… És um beto diferente… Não és um beto qualquer… És um beto erudito… Um beto intelectual… Inventaste o conceito aí em Santarém de *chique desportivo*, foste tu que inventaste, bem sei… Lisboas, Cascais, Comportas até lá abaixo, importaram todas tecnologicamente o teu conceito de dizer e vestir *chique desportivo*… Mas por mais desportivo que andes, por mais piqueniques que faças em cima das montanhas e em cima do meu peito e de tronco nu na praia comigo, por mais

que andes descalço na rua, amor, tu és um beto e serás sempre um beto, desculpa dizer-te… E o teu cabelo é lindo de morrer, tens mesmo cabelo de beto… Não é emaranhado coisa nenhuma! Eu adoro o teu cabelo! Podes descalçar-te na rua as vezes que quiseres 300 metros antes de chegares a casa e ires com os ténis na mão como gostas, não deixas de ser beto por isso… Podes subir todos os dias à montanha, descalço, para ir ver o pôr do sol, não deixas de ser beto por isso… Está-te no sangue… No teu DNA…»

«O que está no meu DNA é andar descalço e tu nunca me deixas andar descalço, nem sei porque é que estás para aí a dizer que posso, se eu quiser, descalçar-me 300 metros antes de chegar a casa se tu não me deixas… Pareces a minha mãe, que não me deixa andar descalço…»

«Amor, se queres andar descalço é em casa ou na praia… Não é na rua, porque é muito perigoso, podes te cortar!… Há vidros espalhados no chão… E o chão está cheio de bactérias, de vírus e fungos.»

«Vocês médicos são tão dramáticos, mas engraçados ao mesmo tempo…»

«Amor, não tem graça nenhuma! Se espetares um vidro vais ter de fazer profilaxia com antibióticos.»

«Amor, na minha terra usa-se Betadine, quando se chega a casa e pronto!»

«Betadine não é antibiótico é desinfetante... Torna o meio mais inóspito para as bactérias… Além de que a Betadine só atua

local… Se fizeres um corte mais profundo e uma bactéria está mais metida para dentro vais ter de fazer profilaxia com antibióticos… 5 minutos é uma ferida suja, 4h ou 6h é uma ferida de certeza infetada, que tem lá bactérias… O teu organismo demorou séculos a criar barreiras, a pele é uma barreira, e tu espetas um vidro cheio de bactérias e atravessas essas barreiras todas que o teu organismo criou para ti… Atravessas séculos de evolução…»

«O meu organismo demorou séculos a criar barreiras?»

«Sim, amor…Porque tu evoluíste… Os teus ancestrais evoluíram… Em termos de estrutura, em termos de genética, em termos de barreiras, a pele é uma barreira, a pele é uma evolução…»

«Ya, estou a ver… E eu a andar descalço não estou a respeitar a evolução, não é?»

«Pois, estás a gozar, mas não estás mesmo a respeitar a evolução…»

«Ya… Estou a desrespeitar os meus ancestrais… Estou a desrespeitar o meu organismo que demorou séculos a criar esta pele *supertecnológica* que me protege das bactérias e dos vírus, não é amor?…»

«Estás a gozar, mas não estás mesmo a respeitar os teus ancestrais a andares descalço na rua como tu gostas de andar…»

«Mas desculpa lá, o meu sistema imunitário não consegue dar cabo das bactérias?»

«Depende… Se for uma bactéria que entra porque estás a fazer a barba, o teu sistema imunitário, se calhar, consegue dar conta. Mas se entrarem imensas bactérias de uma vez e for num sítio em que o teu sistema imune não está tão presente, como numa ferida aberta, as bactérias podem logo começar a reproduzir-se antes do teu sistema imune chegar lá, ou pode até nem chegar a tempo ou nem sequer chegar…»

«Mas porque é que o sistema imune não está presente numa ferida aberta?»

«Está presente, mas não está a ser eficaz. Uma ferida aberta não é o sítio ideal para se tratar de bactérias, podes ter leucócitos a chegar lá, mas que depois saem do organismo por causa da hemorragia, ou seja, são perdidos com o sangue. Há bocado lembrei-me quando disseste golfistas… O meu pai perguntou-me se tu sabias jogar golfe…»

«E o que é que tu disseste?»

«Disse que sabias!»

«Ó Fred! Eu fui caddy do meu tio Orlando durante dois verões…Não sei jogar golfe…»

«Então, agora és caddy do meu pai…»

«Obrigado! Arranjaste-me um emprego?»

«Sim…Gostas?»

«Adoro!»

«Foste caddy onde? Aqui na Aroeira?»

«Não! Este meu tio não frequenta a Herdade da Aroeira…»

«Então foste onde?»

«Fui num verão em Vale de Lobo e o outro na Quinta do Lago…»

«Gostaste mais em qual?»

«Quinta do Lago!!!!! Eu adoro a Quinta do Lago!»

«E não gostas de Vale de Lobo? Amor, nós só temos casa em Vale de Lobo, não temos casa na Quinta do Lago…»

«Gosto… Mas é diferente… Mesmo as pessoas… A Quinta do Lago é mais descontraída… E Vale de Lobo soa-me mais comercial… Não sei… Eu gosto de Vale de Lobo… Mas gosto mil vezes mais da Quinta do Lago… Por mim, vende-se a casa de Vale de Lobo e compra-se uma na Quinta do Lago…»

«Vou propor esses contratos de compra e venda ao Albert von Der Maase. Com que então, o tio Orlando frequenta a Quinta do Lago e Vale do Lobo, mas não frequenta a Herdade da Aroeira… Porque é que ele não vem aqui à Aroeira? Não passa os natais convosco?»

«Ele gosta mais de ficar lá por Guimarães, Braga e Viana do Castelo nos natais… Está muito agarrado aquele triângulo… Ele é de Guimarães, a mulher dele que é a tia Francisca é de Viana do Castelo, que é irmã da mãe da Carminho…»

«Então o Xico Castelão é primo da Carminho… Eles não podem casar!!! Ai, ai…»

«Podem sim! Eles são primos por afinidade, vá… Não é de sangue… Repara… A mãe da Carminho que é a tia Frederica é irmã da tia Francisca que é a mulher do meu tio Orlando… Ou seja, a tia Francisca é por afinidade, não é de sangue, logo a sua irmã é nossa tia por afinidade… Os sangues são diferentes… Por isso, o Xico e a Carminho podem casar! E a família do marido da minha prima Sónia, que é a filha dos tios Orlando e Francisca, é de Braga… Por isso, o meu tio Orlando está muito agarrado a esse triângulo. A minha prima Sónia é a que foi a minha assistente de Direito Fiscal… E apanhei o meu tio como regente a Comercial, o homem é uma máquina em Direito bancário.»

«Mas tiveste outra prima Sónia também como assistente, não foi?»

«Sim, a penal! Essa prima Sónia é que passa mais os natais na Aroeira porque é irmã da prima Sílvia…»

«Pois eu gosto é da prima Sílvia, porque a prima Sílvia é que tem casa aqui na Aroeira… Graças à prima Sílvia é que nos conhecemos…»

«Então e não gostas das minhas primas Sónias?»

«Gosto, porque te deram boa nota a penal e a fiscal…»

«A Sara, a Susana, o Sávio, o Simão são todos irmãos da Sílvia…»

«Sim, amor! E são filhos da tia Bá e do tio Tom Rot que vive em Berlim com o Simão… Vês, eu já sei… Essa estirpe eu já conheço toda muito bem! E então, baby…? Esse *3º Itinerário Dos Namorados* ainda não está pronto? Estou tão entusiasmado para incluir a minha surpresa…»

«Já te enviei, amor… Ainda não recebeste? Como é que vais incluir a surpresa no IDN se vais ter que o imprimir para o levarmos para a viagem…? Sabes que o IDN para além de um guião vais ser o nosso mapa… Tem as estradas, tem tudo amor… É um guião-mapa… Até tem poemas e tudo… Poemas que eu escrevi para ti… Cartas de amor… Até há cartas no IDN, vê lá…»

«Obrigado, amor! Eu vou pôr a surpresa numa imagem e vou desfocá-la, depois quando voltarmos dos Açores imprimimos a imagem focada e agrafamos ao IDN…»

«BABY!!!! NÃO TE ESQUEÇAS DE IMPRIMIR O *3º ITINERÁRIO DOS NAMORADOS* EM PAPEL RECICLADO!!!! SENÃO AS ÁRVORES ZANGAM-SE, JUNTAM-SE TODAS E FAZEM-NOS UMA MACUMBA! OLHA, QUE EU ACREDITO EM MACUMBAS!»

«Baby… O nosso amor já é uma macumba… Não te preocupes que não há macumbas que possam desfazer a macumba do nosso amor… Nem as árvores… Quanto mais bruxos e feiticeiros… É claro que eu vou imprimir o nosso IDN em papel reciclado! Nós gostamos de árvores! Nós vemos árvores!»

«Será que por vermos árvores é que vemos amor?»

CAPÍTULO VI

UM PRÍNCIPE E UM DUQUE NUM ALMOÇO DE REIS E INFANTES

* Sábado, 8 de fevereiro de 2020 *

* Herdade da Aroeira *

«Precisar do telefone para dizer olá a um amigo???»

«Sim, tio! Como as pessoas vão na rua… Já viu? Já não bastavam os telefones ainda vão com aquelas coisas metidas nos ouvidos que mais parecem cotonetes…» respondi a Albert, o pai do meu namorado.

«"Cotonetes???"» perguntaram os von Der Maase às gargalhadas num rigoroso coro.

«Sim… Cotonetes… Eu sei lá que nome é que hei de dar àquilo… Parece a ponta de um cotonete que sai fora dos ouvidos…»

«Ah… Já ganhou o jantar Jaime… Parecem cotonetes que trazem nos ouvidos…» repetiu o Albert a chorar a rir ao som das gargalhadas de todos os von Der Maase.

«Então, gozam comigo por eu andar com uns headphones "ainda" com fios, que o meu namorado me ofereceu, eu gozo com eles por andarem com fones metidos nas orelhas sem fios, que mais parecem "brolocos"… E a piscar com o *Bluetooth* sempre ligado… Parecem brolocos tio! Era isso que eu queria dizer: parecem brolocos pendurados» emendei.

«Brolocos???» outra vez num rigoroso coro, os von Der Maase quase que caíam todos da cadeira de tanto se rirem…

«Mas esperem… Eu estou-me a rir… Mas o que são brolocos?» perguntou Catharina, a mãe do Frederick.

«Brolocos tia! Ah… Eu não sei explicar… Amor explica lá o que são brolocos à tua mãe…»

«Bugigangas, amor?» perguntou-me diretamente o Fred.

«Ah!!! É isso mesmo Fred! Tia, é isso! São bugigangas… Parecem bugigangas… Brinquinhos… Eu fico com vontade de ir lá e abanar.»

«Ah! Eu fico com vontade é de ir lá e arrancar os brinquinhos quando os vejo» disse o Mathias, o irmão mais velho do Frederick, que tem a mesma idade que a minha.

«Maths!!!! Arrancar??? Mas porquê??? Qual é o mal de ter isso nos ouvidos??? São fones, por favor…» retorquiu Helena, a irmã gémea do meu namorado.

«Helena!!!! Não me diga que também anda com brolocos desses na rua???" perguntou o seu pai, Albert.

«Ó pai, acha? Eu não… Mas tenho amigos…».

«Então cale-se, menina, e não defenda nem os brinquinhos nem os brolocos!» instalava outra vez Albert o caos das gargalhadas sem fim, «Ó Jaime, já viu que já peguei emprestada a sua expressão…».

«Estou a ver, estou a ver tio…»

«Cuidado com o meu pai, amor! Que o meu pai a roubar expressões é pior que os algoritmos… Leva e depois ninguém sabe para onde ele as leva.»

«Para onde é que o tio vai levar os brolocos?»

«Para onde o vento me deixar… Mas não se preocupe que eu não vou gritar a expressão perto dos algoritmos.»

«E tens amigos o quê, Helena? Não tens nenhum amigo que use esses brolocos nos ouvidos... Tens colegas… Não tens nenhum amigo que ande com esses fones sempre metidos nos ouvidos» interveio Joachim, o irmão mais novo, também já a adotar-me a expressão, «Eu também acho ridículo! As pessoas ficam ridículas com fones sem fios… É que são tão feios… São tão estranhos! Eu quando os vi pela primeira vez achei tão estranho, tão estranho e tão horrível que ainda acho estranho e horrível!»

«Eu também! Não nos conseguiram hipnotizar Joachim!» concordei brindando só com Joachim, dando um gole de vinho com ele, «Aquela história do primeiro estranha-se depois entranha-se, comigo não pegou! Achei-os horríveis e estranhos desde o primeiro dia e acho-os todos os dias horríveis e estranhos! E as pessoas ficam horríveis e estranhas com aquilo! Parecem doentes com aquilo nos ouvidos, porque parecem aparelhos auditivos… Parecem é aparelhos auditivos… Aquilo tira-lhes o estilo todo! Aquilo não dá estilo nenhum; se as pessoas acham que ficam estilosas, não ficam!»

«Eu também acho que ficam todas feias e horríveis… Aliás são todos feios e horríveis… Tu é que és todo estiloso…» disse o Fred como que pedindo também comigo um brinde a sós.

«Antes de fazeres um brinde com o teu namorado primeiro ele vai fazer comigo, se não te importas, querido maninho…» antecipou-se o Mathias.

«Por acaso, importo-me querido maninho…»

«Ups!... Já fizemos…»

«Eu e o Fred quando estamos a passear…"

«Vocês passeiam de mãos dadas na rua?» perguntou Joachim.

«Que rude, Joachim Münnich! O Jaime ia contar uma história com o seu irmão e interrompeu-o! Não se interrompe assim! Vê-se mesmo que é o irmão mais novo da família!»

«Ele não ia contar uma história, ia contar uma rotina mãe e aposto que quer saber se eles dão ou não dão as mãos na rua…»

«Por acaso, quero! Fiquei curiosa…»

«Depende… Das horas e dos sítios…Tu também és Münnich? Julgava que só o Fred é que era Münnich…»

«Eu vou explicar: o que tem o nome mais completo é o Fred. O Fred chama-se Frederick Carlsen Münnich von Der Maase. Nenhum outro irmão tem Carlsen. Carlsen vem da Casa Real da minha mãe.»

«Que se chama, tia?»

«O nome da minha mãe?»

«Sim…»

«Ah! Elisabeth. Só o Fred é que ficou com o Carlsen. Depois Münnich tem o Joachim e o Fred. O Joa chama-se Joachim Münnich von Der Maase.»

«Pois, eu gostava também de ter o Carlsen! Aposto que é por isso que o Jaime escolheu o Fred e não me escolheu a mim,

porque eu não tinha Carlsen.» disse o Joa com imensa graça fazendo uma espécie de beicinho.

«Tu és mesmo um puto mimado! Olha-me para essa birra! Eu não tenho nem Carlsen nem Münnich… E não preciso, sabes porquê, puto? Porque sou o irmão mais velho, sou eu que vou subir ao trono!» obviamente que o Joa não estava a fazer nenhuma birra, nem o Mathias o disse seriamente, disse-o num tom jocoso meio teatral como se estivesse a ascender aos céus.

«Exato! O Mathias e a Helena não têm nem o Carlsen da minha mãe, nem o Münnich que veio da minha mãe e do pai do Albert…» interrompeu-se Catharina propositadamente para me ver a reação, para se rir com a minha indignação.

«O quê??? Como assim? O apelido vem do seu pai e da mãe do Arnold????»

Parecia que os von Der Maase tinham esperado religiosamente por este momento e riam-se todos da verdade que estavam prestes a dar-me.

«Fred!!! Nunca me contaste nada sobre isto!!!»

«Segredos de família, meu amor! Só o Albert te pode contar! Mas se o Albert te contar, será noite de núpcias certas com o filho do meio…» gozou-me o Fred.

«Noite de núpcias???? E o casamento????» perguntei.

«Digamos que esta verdade será o passaporte para o casamento… Sem ela, nada feito… Sem ela, fica tudo sem efeito!»

«É verdade filho! Sem a verdade fica tudo sem efeito. Mas como o Jaimezinho já há muito tempo veio pedir aqui ao pai, a mão do seu filho do meio Frederick, e como o filho do meio quer noite de núpcias… O pai vai dar a mão e a verdade ao Jaimezinho…»

«O quê??? O pai vai dar assim de bandeja o nosso maior segredo de família??? Vai dar já tudo de bandeja??? Não dê…» entusiasmava-me ainda mais o Maths.

«Stephan Münnich…» começou a contar Albert num tom de reis e castelos «Vai-se casar com Greta Bielke e desse casamento nascem dois irmãos gémeos, Arnold e Birgitte. O Arnold casa-se com Elisabeth e Elisabeth dá à luz Catharina. A Birgitte casa-se com um outro Arnold, não se casa com o irmão gémeo, mas casa-se com um homónimo do irmão. Na nossa família graças a Deus não há casos incestuosos. O meu empirismo como médico, e não é científico, diz-me que há um gene do incesto e ele passa para os filhos. É um gene muito perigoso esse gene do incesto. A minha teoria é: se a tua irmã ou o teu irmão te dão *tusa*, por favor quando te casares não tenhas mais que um filho, porque senão vais despertar o gene incestuoso. É por isso que pudemos ter muitos filhos. A maldição do gene incestuoso não assombra a nossa família!» filosofava deliciosamente – e aquele empirismo *alberteniano* fazia todo o sentido, porque batia certo também com o meu empirismo –,

«E eu pergunto ao Jaime, afinal quem são esses Arnold e Birgitte?».

«São os seus pais!»

«Exatamente! Meninos, viram? O Jaime vê a árvore como nós a vemos… O Jaime consegue ver a nossa árvore! E quem vê árvores, como diz Gil de Sales Giotto em *À Velocidade da Luz*…»

«Vê corações?», precipitou-se Fred, interrompendo Albert.

«Não! Gil de Sales Giotto também diz isso nesse livro… Mas o que eu queria dizer era que quem vê árvores não vê fantasmas, como diz Gil de Sales Giotto *"quem vê as árvores não tem fantasmas à frente dos olhos, porque os fantasmas não assombram aqueles que veem as árvores, porque simplesmente não os conseguem assombrar"*.»

«*"Quem anda com as raízes das árvores e os troncos das árvores gravadas na sua mente, no seu espírito e no seu coração anda sem fantasmas e demónios. Porque nenhum fantasma consegue hackear uma mente, um espírito ou um coração que vê as árvores. Porque a tecnologia desses fantasmas e desses hackers serão sempre inferiores a uma mente cheia de árvores, cheia de oxigénio, a uma mente que mais parece um arvoredo. Porque são os próprios fantasmas que têm medo desses arvoredos. E por isso, não conseguem hackear nada: nem a mente, nem o espírito, nem o coração"*», parafraseámos os dois, eu e o tio, Gil de Sales Giotto, num coro bonito demorado.

«Ah! Jaime seu malandro! Também anda a ler às escondidas o *À Velocidade da Luz* do Gil de Sales Giotto? Estou impressionadíssimo!»

«Sim! Ele parece um cérebro que há dentro de nós!»

«Excelente crítica! Não o poderia criticar melhor! A escrita dele… Ah! É tão tecnológica… Eu que sou oftalmologista e estou sempre a mexer com o raio laser, cada vez que abro o livro dele, parece que ele com a sua escrita está a fazer-me uma cirurgia a raio laser e eu estou ali a sentir e deixo-me estar porque é fantástico! Ele leva-nos ao fantástico! Mas depois, traz-nos ao real! Faz-nos ver o real a partir do fantástico! Maravilhoso, maravilhoso!»

«Para mim é o melhor! Para mim que sou neurocirurgiã, estar a lê-lo parece que é como se a escrita dele se transformasse em bisturi e estivesse ali a curar-me… Eu diria que a escrita dele é elétrica… Eletrizante… Pode-se dizer eletrizante, não se pode?»

«O quê??? Também tu andas a lê-lo??? Às minhas escondidas???»

«Claro! Comecei a receber assim umas cartas tuas, assim meio seculares, meio futuristas… Quis saber donde vinha essa tua nova alma… Fui bisbilhotar a tua biblioteca ultra secreta e encontrei o *À Velocidade da Luz* do Gil de Sales Giotto marcado mesmo na mouche!»

«Mas porque é que as mulheres têm que andar a bisbilhotar?...»

«Ó pai, não acredito que anda a fazer cópias do *À Velocidade da Luz*, e a transformá-las em cartas de amor para a mãe…»

«Deve ser para competir com as cartas do tio Frej…» disse atrevidamente a Helena, respondendo ao Joachim.

«Ah! É verdade! Ainda bem que falou do seu tio Frej, para continuar a desenhar aqui a nossa árvore ao nosso Jaimezinho… Ora, desse casamento do Arnold e da Birgitte, meus pais, não nasceu só um Albert, como nasceram dois!»

«Ah, não posso!? Outro gémeo?! O tio tem um irmão gémeo???»

«Sim, o Frej…»

«Eu também tenho um irmão gémeo.» disse Catharina, «o meu chama-se Amleth. Somos só os dois, não tivemos mais irmãos. Como o Albert e o Frej.».

«O meu pai nasce do casamento do duque JØrn von Der Maase, o duque dos duques, o duque dos mais duques e da duquesa Margareta Bonde-Wadenstierna, a duquesa de todas as duquesas, a mais duquesa de todas. Esse casamento custou uma fortuna e deu uma fartura de gémeos: Margareta Bonde-Wadenstierna deu à luz trigémeos!»

«Trigémeos??? Uau!»

«Há o Hendrik que foi viver para Estocolmo, por isso têm casa na Suécia.»

«Fred!!! Nunca me disseste que tínhamos casa na Suécia!!!» gritei de felicidade, «Eu adoro a Suécia e nunca estive na Suécia, mas é como se tivesse o meu cérebro sempre ligado à Suécia, parece que o meu cérebro está sempre na Suécia, não consigo

explicar o porquê dessa tecnologia que sinto da Suécia em mim…»

«Então tem que ir à Suécia para se destecnolizar… Se sente em si uma tecnologia sueca, tem que ir à Suécia para a Suécia lhe tirar essa tecnologia… Frederick! Tem que combinar com o avô Hendrik para levar o Jaime à Suécia, quando depois vierem dos Açores veja se lhe telefona para irem!»

«Sim, quando voltarmos vou telefonar ao avô Hendrick… Mas primeiro, acho que ainda queríamos ir à Islândia e à Noruega… Não era amor?»

«Sim… Mas podemos sempre ir visitar o avô Hendrik primeiro, amor…»

«Muito elegante Jaime, deixe-me que lhe diga… O Hendrik adora o Frederick e por isso é que o Frederick passa a vida a voar para Estocolmo… Desconfio que o Hendrik deve ser para o Frederick mais avô do que o Arnold…»

«Não! Gosto dos dois, pai… É como se fosse um segundo avô…»

«Não! O Hendrik é como se fosse para si o avô e o Arnold é como se fosse um segundo avô…»

«Sim… Mas são os dois avôs… Não é que goste mais do Hendrik do que do avô…»

«Já houve um ou outro Natal em que o Frederick passou com o avô dele Hendrik em Estocolmo e todos nós passámos em Copenhague com os meus pais, Arnold e Birgitte, portanto como

está a ver, Jaime, o Hendrik é mais avô para o Frederick do que o Arnold…»

«Pai! Isso não é verdade! Eu não gosto mais do avô Hendrik do que do avô Arnold… Simplesmente, sou mais ligado ao avô Hendrik do que, se calhar, a Helena, o Mathias e o Joachim…»

«Mas é isso que eu estou a dizer… É mais ligado… Para si o Hendrik é mais avô do que o seu avô… Helena como é que chama ao Hendrik? Quer ver Jaime…? Ore, repare…»

«Tio, claro!»

«Mathias?»

«Tio, também!»

«Joa?»

«Também chamo tio…»

«Ou seja, o único que chama avô ao Hendrik, que é o irmão do meu pai, é o Frederick.»

«O Frederick é muito mais ligado ao Hendrik e ao avô Arnold, mas ao meu pai, não ao pai do Albert… Não estou a dizer que o Fred não adore o avô Arnold da parte do pai, porque adora, e o avô adora-o, mas de todos os avós, o Fred é mais ligado aos meus pais, é muito ligado à minha mãe Elisabeth, ao meu pai e a esse tio dele, que ele chama de avô… Aliás, ele especifica todos os avós pelos nomes… Mas quando está a falar do Hendrik diz só "avô".»

«E os seus pais Arnold e Elisabeth vivem também em Copenhague, tia?»

«Não! Só os pais do Albert é que vivem em Copenhague. Os meus pais vivem em Helsínquia. Enquanto os irmãos do Fred passam o tempo todo connosco em Copenhague, o Fred ou está em Estocolmo com avô dele ou vai para Helsínquia ter com os meus pais. Desde os 9 anos, que o Fred sempre foi muito independente dos irmãos a viajar. Ou vai sozinho para Estocolmo ou para Helsínquia…»

«Que giro! Eu também comecei a viajar sozinho todos os anos para Londres desde os meus 9 anos. Tenho lá a minha avó a viver. Então estou sempre em Londres, sou capaz de fazer Lisboa-Londres três, quatro vezes num ano.»

«E gosta de Londres?"

«Gosto muito, tia!»

«Mas para viver?»

«Para viver não, acho que não… Mas gosto de ter que ir a Londres. Gosto de ter lá a minha avó a viver. A minha avó é toda londrina e sei que ela também gosta destas viagens de avião de Londres-Lisboa. Ela está com 98 anos e está impecável! É muito vaidosa, está agora naquela idade em que é muito gozona, goza com tudo e com todos, parece aquelas betinhas do liceu que se põem a armar em boas. A minha avó gosta de se armar e fica-lhe bem pôr-se a armar; eu gosto de vê-la toda armada em boa. E tem boa perna! Anda mais rápido do que eu na rua, tem mais amigos do que eu e é convidada para mais festas do que eu. A

minha avó é convidada para as festas e depois convida-me, chama-me para ir com ela; e então lá me envia dinheiro para comprar as passagens dois dias antes das festas dela, um dia que é para chegar e fazermos os dois um serão na sala a conversar e o outro dia, que é para irmos ao centro, comprarmos um fato ao gosto dela, para eu levar para a festa e depois comprarmos outras roupas que eu goste. Diz-me sempre para ir só com a roupa no pelo. Não quer nunca que lhe apareça em Londres com malas atrás. Diz que fica mal!»

«Mas quando volta de Londres a Lisboa já vem sempre com malas atrás…»

«É verdade, tio!»

«Aí, já não fica mal…»

«Já não fica nada mal…»

«Imagino o quão deve adorar essas viagens! O Fred é tal e qual como o Jaime, só que não faz compras em Londres, faz em Estocolmo e em Helsínquia. Em que zona é que vive a sua avó?»

«Vive em Richmond.»

«Sei! Na *green line* do *underground*, não é?»

«Exato! *Nice accent*, tio! *Very british*…»

«*Very denich*… E está lá sozinha?»

«Em Richmond, na casa dela, sim, tio. Mas depois lá em Londres tem mais família. O meu primo Martim mudou-se agora

para Finchley com a sua mulher, a Liz, e os seus dois filhos gémeos, o Thomas e o Isaac…»

«Os gémeos são a praga do séc. XXI!!! Não concorda Jaime?»

«Ah! Eu concordo tio… Esses meus primos costumam visitar frequentemente a avó. Depois em Pimlico vive a tia Céu, que é uma das suas filhas. Em Notting Hill Gate, num pequeno estúdio, vive agora a prima Audrey, que abriu finalmente a sua galeria, ela tem mil quadros seus, passa a vida a pintar e vai enchendo a casa da avó com novos quadros dela. Em Wimbledon vive a prima Janet com um futebolista lá do Wimbledon, ainda não fui conhecer o futebolista, talvez a próxima vez que vá a Londres dê um pulo à casa da Janet. A Janet é filha da prima Audrey. A prima Audrey é filha da tia Céu. A Audrey e o Martim já estão mais que abritanizados. Saíram de Portugal pequeninos com a avó. A Janet é britânica pura, já nasceu lá. O pai dela, o Bryan, trocou a minha prima Audrey pelo irmão dela, o primo Adam. A minha prima apanhou-os em flagrante delito…»

«*Gaylife*…» suspirou Mathias, «Um dia Helena, podes ser tu… A apanhar-me a mim e ao Domingos em flagrante delito…»

«O Domi não é indefinido como tu… Ao contrário de ti, querido maninho, o Domi tem os tomates no sítio, por isso é melhor ficares com os teus também no teu sítio…»

«Ai… O Domi… Continua a chamar-lhe Domi e vais ver em que cama é que ele vai acabar…»

«Porque é que ao invés de te fazeres ao Domi não te fazes à Puré?… É irmã gémea dele e tudo… Só que não tem pilinha…E vem cá amanhã…É uma boa oportunidade!»

«Mais gémeos??? Eu não disse que os gémeos eram a praga do século XXI?»

«Há também a tia Guigui, que é a mãe do Martim, do Francisco e do Sebastião e que vive com o tio Tom Dorey em Greenwich. Têm uma casa espetacular! Uma casa construída sobre a margem do Tamisa com um pequenino porto. Têm lá um barco atracado. O Francisco e o Sebastião estão cá em Portugal. O primo Sebastião já tem 3 miúdos, o Henrique, o Dinis e o Sebastião de 1, 2 e 3 anos respetivamente, a sua mulher é a Frederica. O primo Francisco casou-se com a Guadalupe e tiveram 3 meninas, a Leonor que está com 4 anos, a Carolina que tem 5 anos e a Mariana que tem 6 anos.»

«Tu tens imensas primas Leonor e Marianas, agora é que eu estou a ver amor…»

«Pois, por isso é que eu falo delas sempre com o apelido atrás, já é automático… As Leonor e as Marianas estão sempre na moda… Esses meus primos, o Francisco, o Sebastião e o Martim fazem anos no mesmo dia que o meu e os filhos do Sebastião também têm a nossa data…»

«Isso é giríssimo! Mas, como bem sabe ou deve saber, Jaime, isso maravilha-me, mas não me abisma nada, porque todos os nossos filhos nasceram no dia 13 de abril… E qual é a vossa data?»

«Eles também têm a nossa data, tia.» desenhei um círculo no ar incluindo o Mathias, o Fred, a Helena e o Joa.

«A vossa data? O Jaime também faz anos no dia 13 de abril?»

«Sim, tia… O número 13 persegue-me e para mim o número 13 é o número da sorte, pelo menos, para mim, é o número da sorte, claro que tinha que ser, o meu número da sorte.»

«E o meu, Jaime.»

«E o meu, Jaime»

«E o meu, Jaimezinho»

«E o meu, Jaimezinho»

Responderam solfejando em cascata Helena, Joa, Fred e Maths.

«Mas porque é que eu não sabia disso? Eu era a única que não sabia disto??»

«Eu também não sabia… Os miúdos esconderam-nos isto o tempo todo Catharina…»

«Pois, estou a ver Albert… Então, mas ainda não festejaram os 5 juntos, pois não?»

«Festejámos o ano passado, e o Fred pediu-me em namoro no nosso dia de anos…»

«Fred?! No dia de anos?! Esperava pela meia noite, para ser no dia a seguir, ou então pedia no dia antes… Vocês já são imensos a fazerem anos nessa data… Ainda por cima, vão ter que festejar nessa data, para além dos anos de todos, ainda os anos do vosso namoro…»

«Eu percebo o Fred, tia… O Fred sabe que eu sou péssimo com datas e assim é uma forma de não me esquecer do dia em que fazemos anos de namoro, porque é o mesmo dia em que fazemos mais um ano de idade…»

«Boa tática, filho!»

«Albert?! E tu apoias o nosso filho? Eu não gostava que o meu namorado me pedisse em namoro no dia dos meus anos…»

«Mas o Jaime gostou, não gostou Jaime?»

«Lá está tio, foi uma boa tática!»

Todos nos rimos.

«Esses meus primos Sebastião e Francisco são muito ligados e querem agora mudar-se todos juntos com as mulheres e com os filhos ou para Berlim, ou para Estocolmo ou para Copenhague… Ainda estão indecisos…»

«O que é que eles fazem?», perguntou Catharina.

«São todos médicos. Elas são anestesistas…»

«Ah! Boa vida!», interrompeu-me Albert.

«O Sebastião é dermatologista e o Francisco é ortopedista.»

«E o seu primo Martim que está em Londres? Também é irmão deles, ou não estou a acompanhá-lo bem?»

«Está a acompanhar-me muitíssimo bem, tio. O Martim é professor de basquetebol. Ainda em Londres, há o primo Arthur, que é um outro filho da tia Céu que está a viver nas *docklands* de Londres, em Canary Wharf, é da alta finança. Canary Wharf parece uma mini-nova-iorque. Eu gosto particularmente de Canary Wharf, ainda não percebi bem o porquê, mas gosto. Uma vez fui lá com a tia Guigui a casa do primo Arthur. Fomos depois a um bar à beira rio beber uma sangria de champagne de frutos silvestres e apanhámos uma regata. Ficámos para ali a desfrutar da sangria e da regata. Ainda não se viam sangrias de champagne de frutos silvestres em Portugal. Fiquei com a sensação que em Canary Wharf havia sempre regatas. Deve ser por isso, que gosto de Canary Wharf. Eu acho que é mais uma sensação do que outra coisa… Não sei, tenho que lá ir outra vez para ver se gosto assim tanto.»

«Ah! Parecem-me todos bem lá em Londres!» exclamou Albert, «Eu gosto muito de Canary Wharf! Olho para Canary Wharf e vejo que é lá onde está sediado o cérebro, e atrevo-me até a dizer um dos cérebros do mundo, e vejo que é de lá onde a mente londrina toma braços e se estende. Sabe porque digo isto querido Jaime?»

«Por causa dos bancos?»

«É lá onde habitam os Mídias, que informam as mentes humanas, que tomam os cérebros britânicos e implantam a informação como extensões autênticas de um sistema perfeitamente organizado e informado. E também é lá onde está montada a banca. O investimento nasce ali. Onde é que nascem os nossos investimentos?»

«Nos nossos cérebros…»

«Então, meu querido Jaimezinho, é por isso que o cérebro tem sede inglesa ali em Canary Wharf. A mente lá, fica requintada! Ganha requinte! Só mentes requintadas é que conseguem investir no sistema, injetar no sistema, fazer injeções no sistema, mexer no sistema a partir dessas injeções, e é lá onde se fazem as injeções de capital e de informação. Só podemos injetar se estivermos munidos da melhor informação para saber onde e quando injetar. E em Canary Wharf, isso acontece! É ali onde está "o Sistema". A banca e os Mídias são "o Sistema". Não concorda?»

«Entendo perfeitamente o que diz… Mas não sei se deva concordar com o tio… Na minha linguagem, à realidade que eu hoje conheço, que tive oportunidade de ver até agora, de gerir toda a informação que me foi facultada, da gestão de toda a informação que faço, devo confessar que para mim, *O Sistema* não é nem a banca nem os Mídias, mas sim a Administração Pública, porque acredito que é a Administração Pública, a única capaz de mexer verdadeiramente no "sistema", através dos concursos públicos para escolher a empresa que vai legitimamente mexer na terra fazendo obras na terra adicionando prédios à terra, através

do conceder de autorizações de ruído permitindo a minha discoteca fazer barulho na cidade divertindo e alegrando a cidade, através da atribuição de licenças de pesca que me permitem pescar interferindo no ecossistema…»

«Muito inteligente e muito maduro esse seu pensamento, mas se me permite, meu querido Jaime, muito inocente… E ainda bem que o Jaime é inocente! Gosta da banca?»

«Ainda sou muito inocente, tio…»

O Albert riu-se às cascalhas

«Em que banco está o seu primo Arthur?»

«No HSBC, tio.»

«E sabe quais são os outros dois grandes bancos de capital aberto que fazem com o HSBC o triângulo das bermudas sediada no porto bancário de Canary Wharf?»

«O Citigroup e o Lehman Brothers?»

«Sim, o Citigroup é… Tem lá a sede europeia em Canary Wharf. O Lehman Brothers entrou em processo de falência…»

«O Credit Suisse?»

«O Credit Suisse não é uma empresa de capital aberto…»

«O que é uma empresa de capital aberto?» perguntou Joa.

«Uma empresa de capital aberto é uma empresa onde o capital é formado por ações que forma negociadas livremente num mercado regulamentado, por exemplo na Bolsa de Valores de Londres. Os compradores de ações, a quem vamos chamar de acionistas, porque detém ações numa empresa, tornam-se proprietários de partes da empresa, vão ser donos minoritários ou maioritários conforme o número de ações que tenham na empresa e assim, vão assumir os prejuízos e vão participar nos lucros proporcionalmente ao número de ações que tenham…»

«Podemos abrir o capital social da nossa escola de surf?» perguntou Joa.

«Hum…» hesitei.

«Podemos ou não, Jaime?» insistiu Joa.

«Mas para que é que haveríamos de querer abrir o capital da nossa escola de surf?» perguntou Maths.

«Bom… Abrir o capital tem uma série de vantagens para uma empresa. Uma empresa, seja a vossa escola de surf, financiar-se por meio da oferta de ações seria mais "barato" do que captar recursos por meio de dívidas, por exemplo através do banco. A abertura de capital é uma fonte de recursos ilimitada. Enquanto a vossa escola de surf tiver projetos viáveis e rentáveis, haverá sempre investidoes interessados em financiá-los… Não existe, por exemplo a pressão que existe no financiamento por dívida, porque o investimento dos sócios não tem prazo para amortizar ou resgatar, porquanto a rentabilidade dependerá tão-só do desempenho da vossa escola de surf. A empresa ganha mais visibilidade, passa a ser mais falada pela comunicação social,

começa a ter outros olhos em cima dela, como por exemplo dos analistas… A transparência da empresa aumenta, porque a empresa passa a ser obrigada a prestar uma série de informações ao mercado e isso pode melhorar as condições de negociação com fornecedores ou com os bancos…»

«Não queremos esses olhos em cima da nossa escola de surf…» disse Joa.

«Sim, é melhor não... Ainda nos roubam é as ondas da nossa praia…» disse Maths.

«Então, Jaime?» perguntou elegantemente Albert, querendo retomar a conversa.

«O Barclays, tio?»

«Claro! E o Jaime acha o quê? Acha que foi a Administração que movimentou o porto de Canary Wharf? Canary Wharf já foi o porto mais movimentado do mundo!»

«Canary Wharf já foi o porto mais movimentado do mundo? Não tinha ideia…»

«Canary Wharf já foi o porto mais movimentado do mundo e não foi a Administração Pública que o fez movimentar… Foi o capital, foi o rum, o açúcar, o tomate, a banana, a batata vindo das Ilhas das Canárias, que pede, por isso, Canary Wharf emprestado o nome às ilhas Canárias… Depois veio a crise dos anos 60 e somaram-se os bombardeios da aviação alemã durante a Segunda Guerra Mundial para a sua destruição. Depois com o *London Docklands Development Corporation* a presidente Margaret Thatcher veio reabilitar, reformar aquela

Canary Wharf e depois da Helena e o Fred terem nascido, mas antes do nascimento do Joachim, através de um consórcio internacional a *London Docklands Developmente Corporation* é engolida pela *Canary Wharf Group* que foi a primeira indústria. Depois nasceram a Limehouse Studios, o Credit Suisse, o Citigroup Lehman Brothers, o Morgan Stanley, o *Bank of America*, o Barclays, *The Telegraph*, *The Independent* e Reuters e Daily Mirror. O Canada Square abriga o One Canada Square, o 8 Canada Square e o 25 Canada Square (o prédio do Citigroup Centre) que são um dos três arranha-céus que mais arranham os céus de Londres. O One Canada Square são 50 andares com 235 metros e é um dos maiores arranha-céus do mundo, o 8 Canada Square onde fica a sede do HSBC são 200 metros e a do 25 Canada Square são 201 metros. Mais alto que o One Canada Square só o Shard London Bridge onde já vi o pôr do sol no 72º andar. Com estes arranha-céus eu chamo a Canary Wharf a Mini-Nova-Iorque…»

«Eu também chamo a Canary Wharf a Mini-Nova-Iorque…»

«E o Jaime sabe quem é Norman Foster?»

«Norman Foster foi quem desenhou estação ferroviária alienígena e os novos buses encarnados de dois andares que parecem cápsulas. As obras de Norman Foster são meio alienígenas, é um futurismo que tolero e que cai muito bem, não é chocante...»

«E a mim não me choca nada que o Jaime saiba quem é Norman Foster… Mas confesso-lhe que fiquei impressionado por saber quem é… Canary Wharf tem perto de 75 mil

habitantes… Emprega 100 mil pessoas na banca e em média ganham 12, 13, 14, 15 mil euros por mês. O seu primo deve andar a ganhar isso…»

«Ganha perto de 13 mil…»

«E tem uma vida muita tranquila, não tem?»

«Muito mesmo, tem o hábito de às 5 já estar com os amigos a beber um copo ali em frente ao Tamisa e depois nas férias dele tem dinheiro para vir a Portugal como um rei, vai onde quer e come o que quer.»

«O meu relógio já está quase a marcar as 5. Vamos também beber um copo às 5 ou quê? Por mim trocávamos o chá das 5 por vinho… Não temos vista para o rio Tamisa, mas temos vista para este lindíssimo lago…»

«Albert! Eu quero beber chá! Não vamos abrir mais nenhuma garrafa de vinho. Já abrimos duas.»

«Catharina, abrimos duas, mas somos 1, 2, 3, 4, 5, 6…»

«Então, e está certo! Foi uma garrafa de vinho para 3 pessoas e já foi muito! Vamos beber chá! Às 5 é a hora do chá! Não há mais vinho! Depois bebemos ao jantar… Não concorda, Jaime?»

«Sim, concordo, tia…»

«A perguntar assim ao Jaime, é claro que o Jaime vai dizer que concorda… Jaime, não acredito que se eu for abrir uma

garrafinha de vinho, de vinho branco, desta vez de vinho branco, o Jaime não me acompanha…»

Catharina meteu-se com a cabeça por detrás da cabeça de Albert a abanar a cabeça fazendo-me sinais para dizer que não.

«Não o acompanho tio…»

«Ó mãe!!! Isso não vale!»

«O quê Maths? Não faça confusão, parece que quer ficar sem mesada… Shhh! Vá lá pôr a água a ferver… Bebem vinho depois o jantar. Vocês nem parecem médicos! O vinho só é benéfico se for um copo e é à refeição!»

«Ó mãe! É só hoje!... Está cá o Jaime e tudo…»

«Tu queres é embebedar o meu Jaimezinho…»

«Só quero é que o Jaime se engane hoje no quarto…»

«Eu vou manter-me sóbrio, querido maninho, não te preocupes…»

«Mathias! Não ouviu o que eu lhe pedi? Vá lá… Deixe o Jaime em paz! Sempre com essas conversas… Vá lá pôr a água a ferver para às 5 já estarmos todos a beber chá.»

«Que seca!» levantou-se Maths contrariado.

«E traga uma das Kodak que está no meu escritório, Mathias! Eu só conheci o mundo da banca muito depois da

pilotagem e da medicina, se o tivesse conhecido antes, talvez não tivesse curado tantas cataratas e não tinha descolado em tantos voos e deixado a Catharina a chorar em terra…»

«Tu é que choravas, Albert!… O Albert é um chorão, chorava sempre cada vez que ia voar… Eu telefonava às minhas amigas e eles dormiam cá em casa quando o Albert estava fora a voar e fazíamos uma festa!» riu-se muito Catharina.

«É claro, valeu a pena ter curado todas as cataratas que curei, e ainda bem que só conheci a banca de Canary Wharf quando aterrei uma vez em negócios no London City Airport, que é como se fosse… Vá… O aeroporto privado de Canary Wharf. E só nessa aterragem e descolagem, graças à vista aérea, é que consegui ter uma perceção total da curvatura em "U" do Tamisa da península da *Isle of Dogs*, onde germina Canary Wharf.»

«Eu adoro a vista aérea! É a minha vista favorita! Por isso é que talvez adore viajar de avião! Estou tão entusiasmado por descolar de Lisboa e aterrar em São Miguel e poder ver aquela ilha de cima…»

«Vai adorar São Miguel! Tem que levar o Fred a Canary Wharf, para ver se afinal gosta assim tanto ou não… Se apanharem uma regata é porque Canary Wharf está mesmo feito para se gostar! Mas não vale ir ao calendário ver se há ou não regatas quando forem. Vão e pronto!».

«Pronto! Agora vão haver regatas todos os dias até irmos lá, só para o meu Jaimezinho gostar de Canary Wharf… Ai, ai… Londres a querer convencer o Jaimezinho a ficarmos por lá…»

«Era bom que conseguisse convencer… Por lá, nesta altura, teriam boa vida. Os médicos especialistas lá recebem 7 mil por mês. É uma boa vida! Não é cá como em Portugal!» disse Albert.

«Sim… Mas demora-se muito mais tempo para fazer a especialidade. Por exemplo, cirurgia em Portugal são 6 anos e lá é mais tempo…6 anos para mim já é o limite! 6 anos de especialidade somados com os 6 anos do curso dá 12 anos!!! É muito tempo para começar a ganhar dinheiro e emancipar-nos aqui dos von Der Maase…» disse Fred.

«Para ires para o Reino Unido tens o *Foundation Program* que são 2 anos gerais em que vais aumentando as tuas capacidades para depois competires com todos os que estavam nesse programa para conseguires lugar numa determinada especialidade e num determinado hospital. É horrível… Meterem-te num programa para depois teres que competir com as pessoas desse programa por lugares… É demasiado vida real para mim…» disse Helena, «Eu já quis também ir para Londres, mas depois vi melhor como era o sistema e vi que não seria definitivamente para mim.»

«Mas cá, é então como?» perguntei.

«Cá, fazes um exame e já está… Já tens a tua especialidade escolhida. Cá em Portugal, quando escolhes a tua especialidade, tu consegues prever o teu futuro, porque sabes o que vai acontecer. Se escolheres cirurgia no Hospital de Santa Maria, por exemplo, sabes que vais fazer a tua especialidade durante 6 anos em Lisboa e sabes que vais ter a tua especialidade feita.» respondeu-me Fred.

«E no Reino Unido é incerto onde vais estar a trabalhar, porque não vais estar num hospital o tempo todo. És tu que tens que tratar de todo o teu estágio, tens que organizar tudo. Nunca ficas no mesmo hospital. Podes estar num hospital a fazer a especialidade e depois, de repente, teres que ser transferido para outro completamente deslocado de onde vives…» insistiu Helena.

«Mas na Suíça é ainda mais difícil, porque pode nem sequer conseguir acabar a sua especialidade, se não tiver sorte. Não sabe quando vai acabar a sua especialidade, porque vai depender do número de vagas…» disse Albert.

«Como assim, na Suíça um médico nem sabe se vai ou não acabar a especialidade?» perguntei.

«Porque tu não programas o teu internato todo, vais programando de ano em ano… Tens poucas vagas para fazer, por exemplo em anestesia, e vais ter que ficar em espera. O número de vagas de especialidade é inferior em relação ao número dos médicos que vão sendo admitidos à especialidade. Não funciona bem. Em Portugal, isso não acontece. Por exemplo, também tens poucas vagas para anestesia, mas só são admitidos médicos à especialidade de anestesia até ao limite das vagas, que é o que faz sentido, não é?... Assim, em Portugal tens o teu internato garantido.»

«E na Alemanha?» perguntei.

«Na Alemanha é muito tranquilo… É mais ou menos como em Portugal só que pagam 4, 5, 6 vezes melhor. E o custo de vida na Alemanha não está muito longe de Portugal. Ora, se

pode ir para o centro da Europa fazer aquilo que gosta, que é estar a trabalhar na sua profissão, a receber 4, 5 ou 6 vezes mais, é claro que a vontade é ir para a Alemanha! A Alemanha gosta muito dos médicos. Aliás, a Alemanha gosta de toda a classe científica em geral. Gosta muito dos psicólogos também. Por isso, é que é um país avançado. E com isto, conseguimos logo ficar com o raio-X do cérebro da Alemanha. A Alemanha está a pensar bem. Se temos que privilegiar classes, num sentido de privilegiar com moeda, pagando ordenados mais altos, nós temos que fazer justamente à classe que permite a nossa evolução, no melhor sentido possível enquanto humanos dentro da nossa humanidade.» disse Albert.

«Eu naturalmente que concordo com o tio, dentro daquilo que vemos que poderá ser melhor para a humanidade. E aquilo que é melhor para a humanidade é a sua saúde, a sua felicidade e a sua sustentabilidade. Só conseguimos ter boa saúde graças aos médicos. A voz dos psicólogos tem que ser privilegiada para poder chegar ao Governo e legislar, ordenar e executar a felicidade. E os biólogos num perfeito triângulo harmonioso, numa Internet de Coisas à distância com a ecologia, a geologia e a botânica é que conseguem esverdear e "acalmar" as instalações e construções que vamos anexando aos mantos sagrados da Terra, numa visão de futuro sustentável. Sem médicos, psicólogos e biólogos nós temos uma vida pior. Uma vida sem ciência é uma vida pior.» disse.

«Na Alemanha, precisam muito de médicos e médicos de Portugal são muito bem-vindos, tanto na Alemanha como em todo o lado. O nosso ensino é muito bom. Um dos melhores. No Reino Unido, um médico sabe menos de tudo o que um médico

sabe cá, porque no Reino Unido um médico estuda um caminho muito específico, por exemplo um cardiologista vai saber "só" coisas de cardiologia…» disse Fred.

«E depois não é só isso… Há imensa competitividade para ficares num hospital… Eu estou fora disso…» voltou a insistir Helena.

«Então queres ficar cá em Portugal, Helena?» perguntei.

«Quero, claro. Eu adoro Portugal. Não queria nada ter que emigrar… Mas se emigrar, será ou para a Alemanha, para a Dinamarca ou para a Suécia… O problema cá em Portugal, são mesmo só os ordenados, que não dá para teres uma boa vida… Porque é claro que eu fui para medicina por vocação, por querer salvar vidas, para poder contribuir para a ciência e humanidade e melhorar a saúde das pessoas… Mas sabemos que é um curso e uma profissão muito desgastante com um elevado nível de responsabilidade… Tu quando vais para Medicina, vais porque queres fazer o bem, mas também queres chegar a casa e ter tempo e dinheiro para ti e sobretudo para a pessoa que amas. Queres ver o mundo com a pessoa que amas. E para isso precisas de dinheiro. Precisas de dinheiro para comprares coisas, para viajares.» disse Helena.

«E agora com esta história toda do Governo querer prender os médicos ao Sistema Nacional de Saúde e obrigá-los a ficar no público e não os deixar ir para o privado para poderem ganhar aquilo que no público não conseguem para terem melhor qualidade de vida, não sei muito sinceramente como vai ser…» disse Fred.

«Vou ter que contratar médicos de fora. É o que vai ser! Se Portugal não me deixa contratar médicos especialistas portugueses, porque agora os médicos especialistas depois da especialidade são transferidos para uma espécie de exército, porque o que parece é que voltámos à tropa, é que parece mesmo, então eu vou ser obrigado a contratar médicos estrangeiros. E como *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy dizem, se essa ideia mirabolante do Governo, que não tem outro nome, for para a frente, eu vou ter médicos portugueses a receberem muito mal em Portugal e a não conseguirem comprar casas e vou ter médicos estrangeiros a receberem muito bem em Portugal a comprarem as casas que os médicos portugueses não vão conseguir comprar. Porquê? Porque os médicos estrangeiros não vão estar sujeitos à nova tropa portuguesa. Isto é um escândalo! E como pensam e muito bem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy, se nem os médicos conseguem comprar boas casas, imagine-se quem não for médico… Eu digo, se eu tivesse a vossa idade, eu organizava um evento-protesto!»

«Albert!! Ai, que horror!! Não dês ideias aos miúdos!... Eles têm é que estudar! Meninos, apaguem isto que vocês ouviram que o vosso pai disse! Apaguem! Não vos quero metidos em manifs!!! Que horror! Albert, porque estás a dizer isso aos teus filhos?? Não quero que apareçam assim na TV! Que horror! Albert!! A sério… Nem parece teu…!»

«Os estudantes de medicina deviam todos ir fazer barulho para a porta do Parlamento antes de quererem instalar uma nova ditadura militar aos médicos! Antes disso e antes de chumbarem o aumento dos ordenados dos médicos! Eu é que não tenho a vossa idade e já tenho uma casa no golfe… Uma não… Duas…

Jaime, sabe a quanto é que eu comprei a casa de Vale de Lobo? A 200 mil euros e hoje sabe a quanto é que eu posso vender? A 10 milhões… Porque tenho estrangeiros que compram por 10 milhões… Mas se eu não tivesse uma casa que posso um dia vender por 10 milhões, organizava eu mesmo um evento-protesto! Um evento-protesto até fica bem de se dizer… Não é nenhuma "manif", Catharina!… Achas que eu quero os nossos filhos metidos em "manifs"? Não quero! Jaime! Nunca se meta numa "manif"! Que isto com as câmaras, você fica para sempre preso na "manif"… Nunca mais sai de lá… Não deixe o Fred meter-se em "manifs"… Não vos quero aos dois metidos nem em "manifs", nem naquelas marchas do orgulho não sei do quê…»

«Albert!!!»

«Catharina! Não quero os nossos filhos metidos nessas marchas que eles não são nenhuns maricas para andar a marchar com hormonas ao rubro de bandeira hasteada…»

«Albert!!! O Jaime vai pensar que estás a falar a sério!... Jaime, o Albert evidentemente que está a brincar… Bom… Mas o Jaime também não participa nessas marchas, pois não?? Não parece nada o género do Jaime…»

«Não, tia.»

«Por mim podem marchar à vontade, ó Jaime!» exclamou Albert, «Mas antes de se porem a marchar nesses orgulhos, eu se fosse a vocês organizava era o tal evento-protesto… Vocês, médicos, deviam organizá-lo! Se quiserem fazer guerra, tem que ser agora! Está tudo a fazer guerra, tudo a pedir aumentos de

ordenados e vocês? Porque não batem também o pé? Batam o pé! Mas batam o pé com estilo e com a mão na anca para não parecer uma "manif" e a vossa mãe não ficar apavorada… Isso não pode ir para a frente!… Não pode! Não pode!»

«Mas se essa "ideia mirabolante" do Governo querer prender os médicos ao Sistema Nacional de Saúde "por determinados anos", já não bastando os anos da especialidade, for para a frente, eu e o Jaimezinho vamos fazer as malas e vamos ou para a Alemanha ou para a Dinamarca… Porque lá, sabemos que seremos bem-vindos!…»

«Ah…! Vocês também querem ir para a Alemanha ou para a Dinamarca? Boa! Então vamos os 4! Nós, mais o Domi…» disse Helena.

«Vão os 5 para a Alemanha… Com mais o Mathias... O Mathias está a demorar muito… Assim nunca mais tiramos uma fotografia… Que chatice!» disse Albert.

«Mas fazemos cá a especialidade, Helena. O Maths que vá já. Ele quer fazer agora a especialidade já na Alemanha. Ele que vá. Nós depois, consoante o Governo na altura, logo vemos se emigramos ou não.» propôs Fred.

«E o Jaime?» perguntou Joa.

«O Jaime o quê?» perguntou Fred.

«Então e o Jaime? Vai ficar em Portugal?»

«Ó Joa, achas? Claro que vou com o teu irmão para onde ele quiser!»

«Joa!!! Então achavas que o Jaime ficava cá e eu ia embora de Portugal sem levar comigo o Jaime? Claro que o Jaime vinha comigo!»

«Então, mas tu queres sair de Portugal, Jaime?»

«Eu não quero ir embora de Portugal, Joa! Mas não vou ficar em Portugal se com o meu curso de Direito e com o curso de Medicina do teu irmão nós não pudermos comprar uma casa e não pudermos ter dinheiro para irmos onde quisermos, como é óbvio. Queremos ter a máxima liberdade. O Direito abriu-me os olhos para o mundo. O Direito tem o mundo todo regulamentado. Meteu o mundo todo e a vida das pessoas em códigos. No Código Civil, no Código Comercial, no Código das Sociedades Comerciais, no Código do Procedimento Administrativo, no Código dos Contratos Públicos, no Código Fiscal, no Código Penal… Mas por mais que a minha vida esteja regulamentada num código e por mais que o Direito tenha posto as cascatas, os rios e os oceanos em regimes jurídicos, eu quero poder ver as cascatas e os rios de perto. Escusam de me encomendar os óculos de realidade virtual aumentada para ver as cascatas, os rios e os oceanos que eu não os vou pôr! Quero fazer mergulho nos oceanos. Não quero só ver os oceanos num código. Quero vê-los na vida real. E essa vida real custa dinheiro. Se para ter que fazer esse "mergulho" na vida real tivermos que emigrar, eu emigro com o teu irmão. Por mim, eu não saía de Portugal! Portugal, para mim, é lindíssimo! Uma geografia tão bem recortada! Um clima tão bem temperado! Temos uma Natureza maravilhosa que não para de crescer e florir! A nossa terra é fértil, a terra é boa, a água é boa, o sol é bom! O nosso peixe é bom! Temos tudo para sermos felizes em Portugal! E eu

sou muito agarrado a Portugal! Quero ver o mundo a partir daqui. Com voos de ida e volta. A descolar daqui, mas a aterrar aqui. Gosto que Portugal seja a minha base. E gosto que Santarém seja a minha base. E eu gostava mesmo muito de viver em Santarém para sempre, já disse ao Fred… Acho Santarém, a melhor cidade para se viver em Portugal, mesmo trabalhando em Lisboa, gostava de continuar a viver em Santarém. É preciso, é conhecer Santarém. É preciso, é ter-se olhos para se ver Santarém. Muitas pessoas que nasceram em Santarém, muitos escalabitanos, detestam viver em Santarém. Mas sabes porque é que detestam? Porque acham que Santarém é só uma cidade, nem conhecem os cantos e recantos de Santarém. Não se metem pelos trilhos. Não imaginam que há mochos e corujas em Santarém. Sabem lá as flores lindas que crescem no Caminho dos Mochos, no Jardim dos Mochos, no Caminho das Corujas e no Jardim das Corujas… Não sabem onde há pirilampos em Santarém. Não sabem onde há morcegos em Santarém. A vida desses que detestam Santarém e só querem é sair dali para fora para Lisboa, são aqueles que só se metem nos cafés, que passam o dia todo nos cafés e que depois no caminho dos cafés para as casas deles já vão agarrados ao telefone. Até já há, também, drogados tecnológicos em Santarém. Quando em Lisboa já andava tudo com os olhos agarrados ao telefone, tu ainda não vias nada disso em Santarém. Nos cafés em Santarém, os grupos de amigos conversavam sem os telefones e os telefones só tocavam quando um dos amigos do grupo queria saber se os amigos já estavam ou não no café. Foi com isto que eu cresci e, por isso, é isto que eu vou sempre defender! Quando nós nascemos no tempo da paz, nós não queremos que nos tirem a paz! Vamos sempre defender a paz! Vamos sempre querer viver onde há segurança! Em

Santarém, há paz e segurança. Por isso, a câmara municipal que se livre de se pôr com ideias de instalar câmaras de vigilância em Santarém, que Santarém é uma paz de alma, não é nenhum bairro social problemático! Problemático vai ser se a câmara se lembrar de instalar câmaras de vigilância em Santarém! Era o que mais faltava haver câmaras na Montanha Jupiter, no Jardim dos Idílicos, no Jardim dos Mochos, no Jardim das Corujas, no Caminho dos Mochos ou no Caminho das Corujas. Nem que para isso eu tenha que subir ao poder camarário só para mandar desinstalar todas as câmaras de vigilância! E não me apetecia nada ter que me candidatar como presidente da Câmara Municipal de Santarém, por isso, se o atual presidente quiser manter-se no poder, é bom que não me stress com câmaras e microfones e que não venha inventar desculpas que é para aumentar a segurança dos residentes, comerciantes e visitantes, porque isso comigo não vai pegar e eu num instante arranco as câmaras todas! Tu, hoje, em Santarém podes esquecer-te da carteira no café que ninguém te vai roubar. Por isso, não era preciso câmaras nenhumas nos estabelecimentos comerciais em Santarém. Havia uma paz tecnológica em Santarém. Mas as pessoas, até em Santarém, começaram a andar com os olhos agarrados no telefone e não viram as câmaras que se foram instalando em Santarém. Agora já há câmaras em Santarém. Já há muitos cafés e muitos restaurantes com câmaras, o que é uma perfeita estupidez! Mas eu vejo tudo. Vejo as árvores, vejo os prédios, vejo as câmaras, vejo os dados, vejo o Direito, vejo as nuvens, vejo os drones, vejo quem está a pilotar os drones, vejo as andorinhas, vejo quem não liga às andorinhas, vejo as abelhas, vejo quem tem medo das abelhas, vejo as horas do pôr do sol, vejo as fases da lua, vejo quem não tem medo do escuro e não anda no Caminho dos Mochos de

lanterna na mão a espantar os pirilampos, vejo a ursa maior, vejo Vénus e vejo Jupiter.»

«E também vês de Santarém o *Jupiter*, de Gabriel Garibaldi, Jaime?»

«Sim, Joa. Também vejo de Santarém o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi…» ri-me, «Temos colinas muito altas onde dá para ver isto tudo ao mesmo tempo. Em Santarém, há colinas com uma idílica vista aérea que me ensinaram a ver as coisas. Mas, por as ter visto, é que quero ter dinheiro para poder continuar a vê-las, para poder viver. Porque o meu espírito alimenta-se disto. Alimenta-se em ver coisas. E eu tenho que alimentar o meu espírito. Há colinas em Santarém que nos deixam ver o rio Tejo, a lezíria e a linha dos caminhos-de-ferro. Quando eu era mais pequeno, lembro-me que havia um comboio vindo de Madrid que parava em Santarém. Eu gostava de ver aquele comboio vindo de Madrid ali parado em Santarém. Dava-me uma sensação de estar ligado ao mundo. Afinal, Santarém é internacional há muito tempo! Já havia um mundo de olhos postos em Santarém! E se já havia esse mundo, é porque vale mesmo a pena também eu pôr os meus olhos em Santarém! Há um mundo de olhos postos em Santarém! Há colinas que nos deixam ver as outras colinas e nos deixam ver o perfeito recorte montanhoso em que se ergue Santarém e nos dão a sensação que as colinas de Santarém mais parecem é montanhas. Mas diz a velha doutrina da geologia que só são montanhas se tiverem 300 metros. E as "montanhas" de Santarém não têm 300 metros. Há uma montanha em Santarém, que para mim é a Montanha de Santarém que me deixa ver a profundidade de tudo e como a civilização se foi anexando aos vales e aos planaltos que vão por

ali aparecendo. Que me deixa ver o sol a pôr se por detrás da Serra de Montejunto e na sua inclinação de 23 vírgula 7 graus que causa as Estações do ano me deixa também ver o sol a pôr se ao lado da Serra de Montejunto. E tive que emprestar a Montanha de Santarém ao meu *Algoritmo do Amor*. Tive que emprestá-la ao Fred, para o Fred me namorar. É lá onde ele me namora. É lá onde acampamos e passamos as noites com as estrelas.»

«Vocês acampam em Santarém?» perguntou Joa.

«Sempre que o teu irmão vem passar o fim-de-semana comigo a Santarém, nós acampamos… O meu pai proibiu-me de levar namorados lá a casa… Então, nós acampamos…»

«Ai, é? O seu pai proibiu o meu filho de dormir consigo na cama, na casa dele? Pois bem, Jaime… Espero que tenha trazido a tenda que cá em casa também não vão dormir no quarto… Se quiserem podem montar a tenda no jardim… Vai ser isso mesmo! De castigo, hoje vão acampar no jardim! Mas não me leve a mal… Olhe que isto, não é consigo… É com o seu pai…» disse Albert a brincar.

«A sério que, o teu pai não deixa o meu irmão entrar em casa?» perguntou-me Joa.

«Não deixa… Mas a minha mãe deixa… Por isso, só podemos ir namorar lá para casa antes do meu pai chegar de Lisboa do trabalho… A minha mãe adora o Fred!»

«Então e eu podia entrar em tua casa?» perguntou Joa, «Não sou teu namorado…»

«Tu podias… Mas o meu pai ia olhar para ti e ia logo dizer que eras o meu novo namorado…»

«Por mim, era o teu novo namorado! E quando eu for a Santarém também posso acampar convosco?»

«Claro que podes!»

«O céu lá é tão estrelado!...» disse Fred parecendo que estava nas nuvens.

«Em toda a Santarém, exceto na cidade por causa das luzes, o céu é sempre estrelado, Fred… No Jardim das Portas do Sol, por exemplo, o céu é completamente estrelado! Na minha casa… Nos Mochos…» disse.

«Sim… Mas lá na Montanha Jupiter, o céu é especialmente estrelado…» insistiu Fred.

«Foram vocês que deram esse nome, Montanha Jupiter?» perguntou Joa.

«Sim.» respondi.

«Como é que se vai para lá?» perguntou Albert, «Sei onde fica a praça de toiros… Onde espero lá ver chegar a sua tecnologia do velcro…»

«A praça de toiros fica no Campo Infante da Câmara. É só descer pela Horta da Mina até avistar a primeira montanha à direita.»

«Mas só vale subir descalço, não é Jaime?...»

«Sim… Por causa da vegetação e dos formigueiros que há ao longo da Montanha Jupiter.»

«Porquê Jupiter?» perguntou Helena.

«Então, porque ainda não tinha nome e porque se vê muito bem Jupiter dali.» respondi.

«O quê? Vê-se dali o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi?» perguntou Joa.

«Sim, vê-se! E tu parece que tens um fraquinho pelo Gabriel Garibaldi… Olha que ele é um holograma…» provocou Fred, o Joa.

«Deixa lá, Joa! A minha prima Mariana Portugal também tem um fraquinho pelo Gabriel Garibaldi. Dali também se vê o capitalismo inteligente dos recursos.» disse, «Vê-se o alcatrão que nos leva quase *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, a Lisboa. É giro estar numa montanha e ver as estradas que nos ligam às cidades e à capital cheio de capital. Há lá um casal de milhafres. Não somos o único casal a frequentar a Montanha de Santarém. Quando vimos na Ponte Salgueiro Maia a entrar em Santarém e vemos do nosso lado direito a cidade de Santarém em cima das montanhas, insisto sempre que Santarém parece a nova Hollywood. É tão cinematográfica. Gostava de ir a Los Angels só para poder comparar. Num sistema monetário em que vivemos, alimentar e proteger o nosso espírito tem um preço. E eu, por mais que goste de Portugal e sobretudo de Santarém, eu preciso de alimentar o meu espírito, porque com o corte do cordão umbilical eu nasci para o mundo do Direito e o mundo do Direito veio acorrentado ao sistema monetário inventando e

trazendo para a minha vida real o Direito Bancário e o Direito Comercial. E nesta minha *comercialidade*, eu não quero ver o mundo através de um ecrã… E parece que é preciso ter dinheiro para podermos partir o ecrã, para podermos sair da *ecrânlidade* para a vida real. Quero poder continuar a ver todos os dias o pôr do sol com o teu irmão, vê-lo às vezes como o vemos nas montanhas em Santarém, no rio em Lisboa, mas, também, quero poder agarrar em mim e no Fred quando quisermos e irmos ver o pôr do sol à praia. Pode ser preciso termos que ter dinheiro para pormos gasolina sintética no carro para irmos à praia, as vezes que quisermos sem poluir.»

«Aqui na herdade, podem ir ver o pôr do sol à praia todos os dias. A pé demoram uma meia hora, de bicicleta uns 10 minutos, de carro 2 minutos.»

«Bem sei, e é um privilégio, tio! Queremos continuar a ver os pôr dos sóis cá em Portugal, mas também os queremos ver no Quénia, em Moçambique, em São Tomé e Príncipe, repetir os de Porto Santo… Também queremos ver as auroras boreais. E ver as auroras boreais custa dinheiro. Custa muito dinheiro. As auroras boreais são muito caras. A Natureza tem um preço. É preciso dinheiro para se ver e para se poder entrar na Natureza. Se o Direito português me deixar descolar de Santarém tantas vezes que eu e o Fred quisermos para repetirmos a vulcanicidade de São Miguel, eu quero que seja o Fisco português a tributar-me. Ou o amoroso fisco da Região Autónoma dos Açores. Se o Direito português me deixar descolar de Portugal tantas outras vezes que eu o Fred quisermos para vermos e sentirmos a vulcanicidade da Islândia e do Havai, eu quero que seja o Fisco português a tributar-me. Mas se tudo isso só for possível, com o

Fred, a partir da Alemanha ou da Dinamarca, então que sejam os seus fiscos a tributarem-nos, porque até com um "confisco" dinamarquês, vale sim e vale assim a pena mudar o GPS para a Dinamarca e dali de Copenhague descolarmos para ver o mundo. Com o teu irmão tenho o coração aberto! Com ele tenho o GPS aberto. O que eu quero, é ver o mundo com ele. E ter uma longa vida com ele.»

«E foi isto… Quando o amor se casou com o fisco! Quando o meu filho Frederick se casou com o fiscalista Jaime! Que bonita história de amor!»

«Tio… Lamento desiludi-lo… Mas tenho que confessar que Direito Fiscal não é o meu forte…»

«Não digam nada, mas o Jaime só teve boa nota a Direito Fiscal porque era primo da professora…» contou divertidamente Fred.

«Não se preocupe Jaime! O Direito é mesmo assim! Está cheio de casamentos, de primos e de cunhados… Faz parte das relações sociais… Faz parte da nossa realidade social… Não vale a pena estar a inventar nada…» desculpou-me Albert.

«E largavas o teu Direito, largavas tudo pelo meu irmão?» perguntou-me Joa.

«Claro, Joa!» respondi-lhe.

«E sabes falar alemão? Dinamarquês, eu posso ensinar-te…» disse Joa.

«O teu irmão já meu deu o toque para começar a aprender alemão, caso o Governo resolva ficar inimigo dos médicos… E dinamarquês tenho-te sempre a ti, para dar uns toques…»

«Obrigado Joa, mas a Dinamarca paga o curso intensivo do Jaimezinho.» intrometeu-se Joa, «Há uma empresa que recruta médicos portugueses especialistas para a Dinamarca. Dão o curso intensivo e o alojamento durante 6 meses ao médico e ao seu parceiro para aprenderem o dinamarquês e depois na Dinamarca não descansam enquanto o parceiro do médico não estiver feliz a trabalhar na sua área de trabalho que tinha em Portugal ou noutra que se sinta mais feliz. Por isso, depois da especialidade é uma hipótese irmos para a Dinamarca. Mas tudo vai depender do Governo. Vamos ficar com os olhos postos no Parlamento. Sabem que o único programa na TV que eu e o Jaimezinho vemos é o programa do Parlamento… Graças à videocracia constitucional podemos acompanhar as sessões do Poder… Deve ter sido a única câmara útil que instalaram em todo o sistema…»

«Uau, Fred! Pareces um constitucionalista a falar…» elogiei-o.

«Eu tenho o Direito Natural do Poder…» gabou-se.

«O Direito Constitucional é o Direito do Poder?» perguntou Joa.

«Sim… É o Direito que estuda o Poder…» respondi

«E quem é que nasceu primeiro? O Direito ou o Poder?» perguntou Joa.

«Há uma divergência doutrinária… Sei que tenho escrito a lápis na minha Constituição a as correntes doutrinárias sobre essa velha história "de quem nasceu primeiro"… "Se o ovo ou a galinha"… Acho que escrevi pelo menos umas 4 correntes… Mas muito por alto, tens a corrente do juspositivismo que diz que o Direito origina-se do Poder, constituindo o Poder a única fonte do Direito e assim o Direito é uma norma legal positivada, digo positivada porque "está escrito", aparece em códigos, aparece numa Constituição e isso faz o Direito ser positivo, "aparecer positivado", como se fosse "a oficialidade", "a legitimidade" do Direito. Por exemplo, os juspositivistas vêm o Poder como uma ordem jurídica, que será não mais do que um sistema de normas positivadas e que estão vigentes no tempo e no espaço e que este sistema é dotado de diretos e deveres que nascem para o povo, mas que também comunicam com os outros povos e com os outros sistemas de Direito. Na corrente do juspositivismo quem nasce primeiro é o Poder. Eu sou mais jusnaturalista, mas não sigo a corrente do jusnaturalismo, porque não acho que seja aquela que caracteriza melhor a nossa realidade. Para mim, o jusnaturalismo seria o ideal porquanto seja o conjunto dos direitos fundamentalíssimos inalienáveis e indisponíveis de todos os homens, sendo pré-existe ao Poder e, por isso, à construção dos Estados. Considero que há direitos que são fundamentais e que não dependem de um Poder para eles existirem ou que um Poder os possa simplesmente extingui-los. Eu não precisava de uma Constituição que me dissesse que a vida privada e intimidade é inviolável para ela não ser violada, por exemplo. Estar isso hoje escrito faz pensar que amanhã, um cérebro ruim que consiga subir ao Poder possa simplesmente fazer uma revisão constitucional e passar uma borracha naquilo que se escreveu e

rabiscar o que quiser. No entanto, eu vejo o Direito e o Poder como fenómenos naturais sociais e políticos completamente distintos. Um pertence aos vulcões, à Terra, ao núcleo. Outro pertence às nuvens e às tempestades, poder ser relâmpagos ou trovoadas. São fenómenos naturais completamente diferentes conforme a época temporal o lugar em que se está a vê-los. Cada civilização pede socorro ao Direito e um Poder ouve e vai tentar emergi-lo para fora. Cada civilização tem as suas características e um Direito assume funções específicas para essa civilização que não são as mesmas para outra, porque as características da civilização são diferentes. Esse assumir do Direito é tão-só assumido pelo Poder. Vejo o Poder tão-só como o corpo do espírito do Direito. O Poder é só para dar corpo ao Direito. Só para o Direito ser mais musculado. Mas o espírito já está lá. Já existe. E nem todo o Poder tem o espírito do Direito. Há estados poderosos que estão completamente desprovidos de espírito, completamente despidos de direitos. Não são Estados de Direito! Logo, o Poder não tem nada que ver com o Direito, o Direito já existe, já foi inscrito no nosso coração muito antes de termos nascido.»

«Estão a ver? É por isso que é importante andar com os olhos postos no Parlamento para ver que espíritos é que andam para lá para vermos se o Poder está ou não em harmonia com o Direito, para sabermos o que havemos de fazer às nossas vidas. Devemos decidir as nossas vidas com os olhos postos no Parlamento. Se o Parlamento está sem coração e anda para ali todo despido a querer fazer guerra com os médicos, os médicos têm que fazer guerra com o Parlamento.» disse Albert.

«Sim, acho boa ideia decidirmos as novas vidas com os olhos postos no Parlamento…» disse Fred.

«Ou então, criam um novo partido e assaltam o Parlamento…» disse Albert.

«Vamos criar o Partido dos Médicos!» disse Joa.

«Não… Vamos criar o Partido dos Médicos e dos Namorados…» disse Fred.

«Não… Já sei! Vamos criar o partido MAN…» disse.

«MAN?» perguntaram em coro Fred, Joa e Helena.

«Isso mesmo! Os MAN!» repetiu Albert aquilo que eu disse sem saber ainda o que significava.

«Sim… O partido dos Médicos, Amigos e Namorados…» disse.

«Ya… Toda a gente vai votar em nós, porque toda a gente quer ser amigo dos médicos…» disse Fred, parecendo uma criança.

«Sim… Ninguém quer ser inimigo dos médicos…» constatou Catharina.

«Só um Governo ao contrário, a pensar ao contrário, anti-germânico e anti-científico, é que pode querer ser inimigo dos médicos…» disse Albert.

«Sabiam que o partido "dos verdes" propôs no Parlamento um aumento de 20% dos ordenados dos médicos e enfermeiros, mas foi chumbado?» trouxe Joa.

«Quem é que votou contra? Temos que rebobinar para trás as câmaras que estão instaladas no Parlamento e ver quem é que são os inimigos dos médicos…» brincou Albert.

«Sabiam que uma psiquiatra que ganha 1700 € veio dizer que dá para ter uma vida boa em Portugal como médico especialista e que ela está no Sistema Nacional de Saúde, por opção, a ganhar os 1700 € e é muito feliz com eles?»

«Pois que fique com eles, mas que não venha trazer a sua pequenez a Portugal que Portugal já é muito pequenino!!! Talvez ela ache que seja feliz com 1700 €, porque nem saiba que há auroras boreais e que com 1700 € nem consegue passar uma semana fora de Portugal para ver auroras boreais.» disse Albert enervadíssimo, «Talvez ela viva num apartamento e não queira plantar árvores no seu jardim e vê-las crescer e crescer com elas. Talvez ela chegue a casa e, se tiver marido, fale durante o jantar todos os dias só de trabalho e faça das psicoses e neuroses dos seus doentes grandes anedotas e comédias com o marido, se tiver, e talvez isso dê para passar bem a hora do jantar até irem para a cama cansados, virarem as costas um ao outro e só se voltarem a ver à hora do jantar com mais uma comédia esquizofrénica acabadinha de sair de uma família e vida disfuncional. Mas onde é que 1700 € é funcional para quem tem ambições e não quer perder nem 1 segundo do mundo e da vida real? Ela devia era ser internada! É que depois, o Governo ouve isto e acha que está tudo bem, só porque há uma psiquiatra completamente chanfrada

a vir dizer que está muito bom um médico receber 1700 €. Pois se há um médico a dizer isto e o Governo a ouvir isso, então que também me oiça a mim a dizer isto que eu digo!»

«Mathias!!! Tanto tempo!!! Queremos chá!!!» gritou Catharina à mesa com o corpo e pescoço todo inclinado e para trás fazendo ecoar a sua voz ao longo de todo o casarão.

«Já vou!» ouviu-se Mathias não sei de onde.

«Onde é que está o Mathias? Tanto tempo! Que chatice!»

«Aposto que está no Grindr a combinar um date para logo à noite…» gozou Joa.

«Mas agora não é hora para estar a combinar encontros com desconhecidos! Agora era a hora de estarmos a tomar chá!» respondeu Catharina dando acolhimento a Joa, «MATHIAS! SAIA DO GRINDR!!!!! ESTÁ A OUVIR??? SAIA DO GRINDR!!!! OLHE, QUE EU MANDO-O DESINSTALAR ESSA COISA!».

«A Catharina é tão engraçada, não é? Eu e a Catharina viemos cá para Portugal com clínicas, senão não teríamos vindo. Fizemos uma pequenina fortuna lá fora. Fortuna que nunca faríamos se tivéssemos nascido em Portugal. E fizemos a nossa fortuna só com os nossos cérebros. Não tivemos ajudas nenhumas. Portugal está muito mal feito nesse aspeto. Parece que não deixa enriquecer. Portugal está feito para não deixar enriquecer. Ou se nasce rico ou fica muito difícil enriquecer. Demora-se muito para enriquecer em Portugal. Portugal parece um processo. Portugal vê as coisas sempre aos degraus, acha que

temos que ir subindo devagarinho, muito devagarinho, porque "a vida é assim mesmo" e temos que passar por coisas na vida que só Portugal "é que vê estas coisas" como fazendo parte do "processo da vida"… Portugal acha que temos todos que primeiro arrendar um T1zinho e só depois de estarmos já endividados e presos ao sistema bancário, é que podemos pensar num T2 ou num T3… Não tem visão de topo. Falta esta visão de topo a Portugal! De pensar mais à frente! De pensar na reforma! Não tem graça nenhuma só sermos ricos na reforma… Que graça é que isso tem? Não tem graça nenhuma… E aquilo que se paga aos médicos em Portugal não tem graça nenhuma, mesmo! Como é que é possível, num país pagar-se mal aos médicos? Aos médicos!!!? Quem é que paga mal aos médicos? A medicina é naturalmente a profissão de topo e tem que ser muito bem recompensada! São anos de estudo! De um estudo científico! Não é brincadeira nenhuma!!! Eu estou sempre a dizer aos meus filhos que se *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy não assaltarem o nosso parlamento e não aumentarem os ordenados, para eles irem para fora e que depois, então, voltem para Portugal! Portugal está bom é para quem vem de fora. É para quem compra um bilhete de ida e volta. Quem volta com pequeninas fortunas, que só lá fora é que se consegue fazer. Só lá fora é que se consegue viver. Ter-se uma vida boa. Uma vida descontraída. Uma vida com liberdade. Uma vida que dê para ir ali e acolá à vontade. Uma vida que dê para ver o mundo, sem ser em realidade virtual aumentada. Mas parece que é mesmo Portugal a dizer aos médicos para irem lá para fora, parece que os está a obrigar a emigrar… Depois de 6 anos de medicina, ganhar 1000 e 200 € e ao final de 4 anos nem sequer estar a ganhar 4 mil euros? Isto é gozar com os médicos! O Jaime diga-me que casa é

que consegue comprar com 2 mil euros…? Não consegue! Vai o quê? Andar sempre a arrendar casas? A saltar de casa em casa? A saltar de contrato para outro contrato? A saltar de senhorio para senhorio? A saltar de regulamentos para regulamentos? A saltar de câmara para câmara? Já há câmaras de vigilância nas cozinhas??? Câmaras de vigilâncias nos corredores??? Já há senhorios que são responsáveis pelo processamento e tratamento de imagem dos seus inquilinos??? A propriedade privada é o sentimento de segurança humano mais importante e é preciso ter dinheiro para se poder comprar um bocado de terreno para plantarmos uma árvore e ter filhos! É preciso ter dinheiro para convidarmos os nossos filhos a nascerem! É preciso haver fartura! É preciso haver fartura de comida, haver recursos, haver metros quadrados, haver recantos privados para todos! Só assim, é que faz sentido trazer filhos para o mundo! E é com 2 mil euros??? Vai o quê? Ficar a pagar um apartamento minúsculo, se calhar, para o resto da sua vida em que metade do seu ordenado é para ir pagando a casa e os outros mil que sobram é para você ir sobrevivendo? Ir sobrevivendo? Portugal não está a pensar bem… É triste ter que se dizer isto, mas quem andou a pagar as propinas de 1000 euros de 6 anos dos meus filhos, fui eu! E eu tenho 4 em Medicina, por isso veja bem a minha vida "de rico"… Veja lá o Jaime, que até o sistema parece que anda a gozar comigo… Parece mesmo que anda a gozar, porque até quer proibir os meus filhos de virem trabalhar como médicos para a minha clínica. Não quer deixar enriquecer os meus filhos! E você que namora com um dos meus filhos, o sistema também não o quer ver rico a si, Jaime! Porque se o Frederick não enriquece, você não enriquece! E se você não enriquece, o Frederick também não enriquece! Bastava um dos dois enriquecer para

vocês os dois ficarem ricos! Mas o sistema nem a si o quer ver rico, nem ao Frederick! Nos Países Baixos, os advogados são muito bem pagos, mas cá não! E sabe porque é que são bem pagos como os médicos são? Porque são duas profissões que exigem estudar durante toda a vida, porque um advogado ou um médico estão em permanente atualização! Essa sempre atualização e esse constante *upgrade,* os Países Baixos pagam muito bem! E Portugal, por exemplo, devia imitar os Países Baixos! *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy é que têm mesmo razão, porque hoje o que acontece é que o Jaime tem um mercado que olhou para os advogados e capturou-os a todos. Tem um mercado editorial que olhou para os escritores e capturou-os a todos. O Jaime amanhã é advogado, e se tiver sorte de ter na família já alguém com uma firma não é explorado e consegue, por ser filho ou sobrinho ou namorado ou primo, receber 2 mil… Mas estes 2 mil é com muita sorte na advocacia em Portugal… O mesmo com os escritores. Em Portugal, só há uma editora que nasceu fora do vício do mercado editorial. Sabe a qual é que eu me refiro, Jaime?»

«Sim, à Jupiter Editions.» respondi.

«Esse novo Governo anedótico não quer deixar os meus filhos virem trabalhar para a minha clínica, só porque "eu" sou um privado!? Isto está a anos-luzes dos outros sistemas, de tudo aquilo que se passa nos outros sistemas. Se o Sistema Nacional de Saúde quiser prender os médicos ao seu sistema, então tem que pagar os balúrdios que os médicos vão ficar sem ganhar por não irem trabalhar para o privado. E nem vale sequer, vir o Governo com "o truque" de dizer que não vai prender, vai é afinal "obrigar" os médicos a fazerem um número de horas no público

não dando as chances a um médico especialista conseguir um contrato digno e decente numa clínica como a minha, capaz de lhe pagar um *ordenado de felicidade*! Porque eu, se calhar, não vou contratar um médico português "que só pode estar uma ou duas horas" na minha clínica e é duas vezes por semana, porque tem que ir a correr lá para o novo exército médico para "cumprir horas", quando tenho um médico especialista vindo de Espanha ou Itália que pode estar todos os dias na clínica a tempo inteiro. Quando os meus filhos entraram na Faculdade de Medicina, quando eu os pus aos 4 na Faculdade de Medicina, eu estava descansadinho da vida, eu e a Catharina ficámos descansados… Porque sabíamos que os nossos filhos, não iam ser explorados pelo Sistema Nacional de Saúde e não iam ser mal pagos como médicos, porque, aqui o papá, tinha pensado em tudo e tinha aberto uma clínica para os filhos. Esta ideia estúpida que não tem outro nome e que é completamente antagónica a um sistema de Estado de Direito Democrático, que é a de Portugal querer prender, aprisionar, os médicos ao Sistema Nacional de Saúde, numa espécie de exército militar, proibindo-os de irem para o privado para poderem comprar casas melhores, comidas melhores e viagens para irem desanuviar, é surreal! Surreal!!!!! Isto só em Portugal! Se os médicos em Portugal ganhassem bem no público era uma coisa. Mas é preciso dizer-se e sublinhar-se que os médicos em Portugal ganham muito, mas muito, muito, mal comparado aos outros países da Europa. É que nem tem sequer comparação! Sabe porque é que o Joachim anda a aprender neerlandês desde que entrou na Faculdade de Medicina, Jaime?»

«Porque nos Países Baixos pagam muito bem aos médicos…»

«Pagam muito bem? Pagam aquilo que justamente é justo pagar-se a um médico! Sabe quanto é que pagam, Jaime?»

«Não tenho ideia, tio…»

«Em Portugal quanto é que o Jaime acharia justo receber um médico especialista?»

«Eu acho que os médicos especialistas deviam receber 10 mil, por exemplo.»

«Nos Países Baixos, 10 mil é o que ganha um médico interno, por exemplo. Sabe quanto é ganha lá um especialista? Mais que o dobro. Um dermatologista, por exemplo ganha 21 mil euros. Olhe o Mathias… O Mathias fala alemão desde pequenino… Ele quer ir para a Alemanha. Na Alemanha um especialista ganha 4 mil… Na Alemanha, na Suécia, na Finlândia, na Noruega… Na Dinamarca ganham 5 mil…»

«Queres vir comigo para Alemanha, Jaime? Podia dar-te uma boa vida… 4 mil beijos de amor todos os meses… O meu irmão se ficar cá em Portugal, vai dar-te o quê? Uns míseros mil e 400 beijos por mês…? Tu não te podes contentar com mil beijos por mês… Não nasceste para isso… Tu sabes que não nasceste para isso… Vá lá, Jaime…! Vamos os dois para a Alemanha!… Fica comigo!» voltou Maths a entrar em cena de Kodak na mão, «Sorriam, vou disparar!».

«Mathias!!! Nem sequer preparei-me para a fotografia! Não pode tirar assim fotografias!» gritou Catharina, «Ainda por cima com essa máquina que só tem 27 fotografias… Não se pode gastar fotografias assim à toa… Vá… Tire outra!…»

«Ó puto!» dirigiu-se Maths a Joa, «Anda tu agora para aqui tirar uma fotografia que eu também quero aparecer.»

«Nem pensar! Eu não vou sair de cena! A Helena que tire…»

«Eu posso tirar…» levantei-me para tirar a fotografia.

«Jaime! Nem pensar! Você fica! Sente-se, por favor! Joachim ou Helena um dos dois… Vão lá tirar para o vosso irmão também ficar com uma fotografia deste nosso almoço de reis e infantes…» disse Catharina.

«Eu não sou infante. Eu sou príncipe.» reivindicou Maths o seu título nobiliárquico.

«Não! Neste almoço o príncipe é o Frederick que nos trouxe o seu amado duque: o nosso Jaime.» esclareceu Catharina, sorrindo delicadamente.

«Muito obrigado, tia. Gosto muito do meu novo título.»

«Eu posso tirar a fotografia.» disse Helena.

«És mesmo bacana, maninha.» disse Maths entregando a máquina fotográfica a Helena e correndo desalmadamente para mim, «Jaime, vou para o teu colo! Fred, tira as mãos! Quero sentar-me ao colo do teu namorado.».

«Vá, sorriam!» disse Helena.

CAPÍTULO VII

UMA VISITA INESPERADA NO CHÁ DAS 5

«Maths! Desculpa lá… Onde é que foste buscar essa Kodak?»

«Ao escritório do pai, porquê?»

«Pai, onde é que estava a Kodak antes de ir parar ao seu escritório?»

«No seu quarto, Frederick. Vocês já não ligam nenhuma a estas máquinas… Estava a ficar em desuso no seu quarto… E agora demos-lhe uso. Não se preocupem, que a revelação das fotografias fica por minha conta. Ainda podemos tirar mais 25!»

«Não, não podemos!» levantou-se Fred, «Essa Kodak é minha e do Jaime! E nós vamos levar para São Miguel!» arrancando a máquina das mãos de Helena.

«Ah!... Que romântico…» troçou Maths.

«Bom… Sou um homem de palavra… Por isso, mantenho a minha palavra. A revelação d'*O Algoritmo do Amor* nos Açores fica por minha conta!»

«Obrigado, pai! É para isso que servem os pais. Para bancarem e financiarem o namoro dos filhos…»

«Muito obrigado, tio!» sorri.

«O Jaime vai querer açúcar para pôr no chá?»

«Não, tio, obrigado. Não ponho açúcar no chá.»

«O Jaime é como nós… Mas no café também não põe?»

«Também não ponho.»

«Porquê?»

«O tio põe?»

«Digo-lhe depois. Primeiro quero ouvir a sua resposta…»

«Mas não quero parecer rude. Gostava de primeiro saber se o tio põe ou não açúcar no café…»

«Quero ouvir o Jaime numa versão mais rude, numa versão mais arrogante. Por favor!»

«Não ponho açúcar no café.»

«Mas porquê, Jaime?»

«Porque o sabor do café, é amargo e não é doce. Não é suposto o café ser doce. Quem aprecia verdadeiramente café, não pode adicionar-lhe açúcar, porque se põe açúcar, então é porque não gosta de café, café. Gosta de "café doce". Não gosta de café. Se gostasse mesmo de café, não punha açúcar. Normalmente quem bebe o café com açúcar são aquelas pessoas que dizem "que precisam" de beber café. Que dizem "que estão mesmo a precisar" de beber um café. Não dizem "que lhes apetece". Não dizem que lhes está mesmo a apetecer beber um café e não bebem o café com gosto. Bebem-no como um vício. Depois o açúcar branco não existe na natureza, tem que ser refinado, logo o meu corpo não precisa desse açúcar. Bastam-me os açúcares naturais das frutas.»

«Quantos cafés bebe por dia?»

«Não bebo café todos os dias, tio. Quando fumava bebia, mas assim que deixei o tabaco acho que perdi o hábito de beber

café. Agora bebo café muito de vez em quando, quando me apetece.»

«O Jaime já fumou?»

«Já, tia…»

«Fumou quantos anos?» perguntou Albert.

«Comecei a fumar aos 16 anos e parei quando o Fred me pediu em namoro.»

«A sério???» perguntou Catharina, «Mas assim de repente?».

«Sim. Quando o Fred me pediu em namoro, parti os cigarros que tinha no maço e nunca mais pensei em cigarros.»

«Eu já conheço esta história de amor…» suspirou Maths.

«Eu também já sei!» disse entusiasticamente Joa.

«Eu soube primeiro que vocês!» disse orgulhosamente Helena.

«Bom… Parece que só faltamos nós saber, Catharina…»

«Sim… Quero saber… Foi o Fred que lhe pediu para deixar de fumar e o Jaime deixou de fumar, foi isso?»

«Não, tia. O Fred nunca me pediu para eu parar de fumar. O Fred conheceu-me como fumador. Eu fumava muito.»

«Parecias uma chaminé, amor!» troçou-me Fred.

«Quando o Fred me pediu em namoro, em chorei muito e pensei que não fazia mais sentido fumar. Pensei: "ele conheceu-me a fumar e mesmo assim ele quis ficar comigo, sabendo as consequências disso?". Eu não era uma boa aposta. Ficar com um fumador não é, nunca, uma boa aposta. "Mas ele apostou em mim? Se ele apostou em mim, ele apostou em nós, então eu também vou apostar em nós, porque ao apostar em nós, eu estou a apostar em mim!". Ter que ver quem amamos a ser entubado? Ter que ver quem amamos agarrado às máquinas para respirar? Ter que ver quem amamos a andar com uma garrafa de oxigénio atrás? Ter que ver quem amamos a deixar de conseguir respirar? Ter que ver quem amamos a morrer, por escolha livre, consciente e esclarecida da própria pessoa que amamos? Ter que ver quem nós amamos a fazer mal ao seu corpo, à sua saúde? Não é justo! Achei que não fosse justo… Quer dizer, o Fred vai durante toda a sua vida trabalhar em hospitais, vai ver ene doentes agarrados às máquinas e aos tubos para respirar, já vai ter que passar por isto e ainda por cima ter que passar por isto comigo? Não era justo! Eu não podia ser egoísta e continuar a fumar. Antes de o Fred me pedir oficialmente em namoro, nós já tínhamos uma data de planos. E nenhum desses planos é compatível com os cigarros. Deixei de fumar, é claro, também por causa de mim e sei que devia tê-lo feito, primeiro por causa de mim. Mas não foi assim que aconteceu comigo! Eu deixei de fumar pelo amor que tenho e sinto pelo Fred! E fi-lo sem ele nunca me ter pedido para o fazer. Nunca se queixou do meu hálito a tabaco que devia ser horrível, não? Vá la, amor… Agora já podes dizer…»

«Não me lembro, amor…»

«Enfim, devia ser horrível!» continuei, «Deve ser horrível para alguém que não fuma, beijar um fumador, sentir o cheiro a tabaco. O cheiro a tabaco que fica na roupa e nos cabelos é horrível. Eu fiquei com uma pequena teoria na minha cabeça. Que quem ama e quer ter uma longa vida com quem ama, não pode querer fumar, tem que imediatamente parar de fumar. Eu fumava um maço por dia. E simplesmente parei. Se eu consegui, então é porque todos conseguem! Basta querer! Foi muito fácil! Fiz foi uma coisa: durante 3 dias não fiz nada que soubesse que costumava "puxar-me" o cigarro. Foram só 3 dias, não custou nada! 3 dias que deram 30 anos de vida! 3 dias que me vão dar 30 anos de vida!!! Por exemplo, beber um copo de vinho eu lembro-me que puxava imenso os cigarros, então durante 3 dias não bebi nada senão água. O café "puxava-me" sempre um cigarro, então não bebi café nesses 3 dias. Se me vinha a vontade de fumar, ao invés de meter um cigarro partido na boca, punha um chocolate ou um bolo na boca. Não era criar novos vícios! Substituir temporariamente, por exemplo 3 dias, o cigarro por um doce ou salgado ou fruta não é estar a substituir um vício por outro. Mas ainda que fosse, naqueles 3 dias era importante e preferível meter uma coisa ou doce ou comer uma sobremesa no final das refeições ao invés de fumar um cigarro! Eu nunca tive o hábito de comer doce como sobremesa no final da refeição. A minha sobremesa é sempre fruta e é antes ou durante a refeição. Mas nesses 3 dias comi sobremesas a seguir ao jantar e ao almoço para substituir o cigarro. Quando eu era fumador, se bebesse café eu acho que acabava sempre por fumar um cigarro. Eu já usava alguns truques naturais. Não sei se isso influenciou ou não, para "não me custar nada" largar a passa. Por exemplo, eu nunca disse "tenho que fumar um cigarro". Dizia sempre que "apetecia-me"

fumar um cigarro. E quando ouvia alguém a dizer "que tinha que" fumar um cigarro, tentava explicar-lhe que se um dia quisesse parar de fumar, ou tivesse mesmo que parar por causa de doença, que seria muito mais fácil se não habituasse à sua mente e ao seu ouvido esse "ter que". Só a ideia de vício e a ideia de se dizer ao cérebro que "estamos viciados", vicia o cérebro no próprio vício. Fica depois muito mais difícil de tirá-lo do vício. Porque o próprio cérebro vai achar que "está tão viciado" que simplesmente "não consegue" sair do vício, porque "sabe" que está "metido num vício". No fundo, é tudo uma questão mental. E no meu empirismo posso, sim, dizer que fumar é uma questão mental. Atrevo-me até a dizer que os fumadores, enquanto não conseguirem parar de fumar, não conseguem assumir o controlo cerebral. Quem está a assumir o controlo, quem está a assaltar o cérebro, é a mente viciada, no caso dos fumadores. O cigarro é uma tecnologia. E agora com os cigarros eletrónicos, que agora até já têm luzinha e tudo que pisca enquanto o fumador está ali a inalar o fumo para dentro dos pulmões a ofendê-los constantemente em grandes lesões, a tecnologia ainda ficou mais poderosa. Agora há ainda o elemento visual, que claro, que para quem estuda Psicologia, saberá, melhor que eu, o espetacular jogo psicológico eletrónico que chegou para as mentes mais tecnológicas se hipnotizarem e num novo vício assaltarem constantemente o cérebro. A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari fala muito bem deste vício tecnológico. Este vício tecnológico está em todo o lado. É um vírus. E eu vejo muito bem que há até nos cigarros, este vício tecnológico. Agora até já há "canetas" "chiques" para se fumar o cigarro. Como se fosse possível ser-se "chique" nessa pérfida tecnologia. Só uma pérfida mente é que se pode "achar chique" presa nessa tecnologia.»

«Parece que valeu a pena vê-lo nessa sua robusta arrogância intelectual. Ainda bem que lhe provoquei com o açúcar. É claro que não ponho açúcar no café. Aliás, eu nem sei se temos açúcar cá em casa… Temos Catharina?»

«Só o de cana… Temos cana de açúcar e está no jardim… Quem quiser açúcar tem que ir buscar às canas…» riu-se muito Catharina.

«Reparei que o Jaime disse que comia fruta antes ou durante a refeição…» disse Albert.

«Sim.» respondi.

«É um hábito de sua casa?» perguntou-me.

«É um hábito meu.» respondi, «Ganhei o hábito no 7º ano depois de ter estudado as paredes da vilosidade intestinal em Ciências Naturais. Lembro-me da minha professora ter dito que as frutas eram compostas por micromoléculas e que os outros alimentos como o arroz, a massa, o peixe eram macromoléculas. E ela disse que as micromoléculas muitas vezes começam logo a ser digeridas pelas enzimas da boca. E quando chegam depois ao intestino, à vilosidade intestinal, são facilmente absorvidas pelas paredes da vilosidade, entrando assim para a corrente sanguínea. Lembro-me de ela ter dito que nem toda a comida na tripa consegue passar para a corrente sanguínea, porque simplesmente não é absorvida, porque aquela que é melhor digerida pelas enzimas e depois absorvida, é aquela que passa pelas paredes ou a que acaba por depois ter algum contacto com as paredes da vilosidade intestinal. E ela tinha dito que as micromoléculas nem precisam de muito tempo para estar na tripa para passarem para o

sangue e alimentarem assim o corpo. Ela riscou o quadro com giz e fez um desenho, mas aquele desenho dela chegou tecnologicamente ao meu cérebro numa realidade virtual aumentada e depressa a minha mente projetou um holograma. Nesse holograma vi a tripa a ser empanturrada de comida do jantar, as paredes a estarem todas tapadas e lá nas paredes as enzimas estarem a digerir a comida e vi no final como sobremesa a fruta a passar pela tripa sem ser absorvida, porque as paredes estavam "impedidas" de comida. As enzimas estavam a degradar as macromoléculas em micromoléculas para serem absorvidas. Então formulei uma pequena teoria: seria um desperdício de vitaminas comer a fruta no final. Mais valia comer logo primeiro, porque a fruta não são macromoléculas, são micromoléculas; logo, se a tripa estivesse desimpedida de comida, ao passarem pelas paredes da tripa iriam logo ser absorvidas. Foi isto que eu vi no 7º ano. E por ter visto esta tecnologia nunca mais consegui libertar-me dela. A tecnologia agarra-nos bem.»

«O Jaime parece que anda sempre com os nutrientes atrás… Parece que anda com as mãos cheias de nutrientes… Parece que anda agarrado aos nutrientes, a defender os nutrientes, até parece que já o vejo a defender um Direito da Nutrição ou um Direito à Nutrição…»

«Por acaso, até gostava, tio! Gostava de levar através do Direito, os nutrientes a todos! Para já, trago-os e levo-os assim: são os nutrientes que autorizam o nosso cérebro a pensar bem, permitem à mente ter bons pensamentos e possibilitam o espírito estar em bons momentos… E nós devemos saber aproveitá-los da melhor forma…»

«Vá… Vamos tirar mais uma fotografia! Preparem a vossa melhor pose!» ordenou-nos Albert.

«Mas não é com a nossa máquina, de certeza!» disse Fred.

«Frederick! É só mais uma… E o cabelo da mãe não estava bom…» pediu Catharina dando bonitos jeitos ao cabelo só com as mãos.

«Assim, levam-nos no rolo do vosso coração para os Açores…»

«Conseguiste ser estranhamente poético gratuitamente, Maths… Nem parece teu…» disse.

«Gratuito? O Maths quer é aparecer no nosso álbum fotográfico dos Açores…»

«És tão inteligente, Fred…»

«Obrigado! Eu conheço e vejo muito bem a tua matemática, Maths…»

«Sim… Também calculei que fôssemos aparecer no vosso álbum de fotografias dos Açores… Não calculei bem, Jaime?»

«Calculou sim, tio!»

«Afinal de contas, a vossa viagem dos Açores começa aqui connosco!» exclamou Albert.

«Eu não me lembro de isto estar incluído no IDN, incluíste isto sem me dizeres?» perguntou-me Fred, numa espécie de *private joke*.

«No IDN???» perguntaram Joa e Catharina em coro.

«Pronto… Já começaram os namorados a falar em código… Eles passam a vida a falar em código…» disse Maths.

«O que é o IDN?» perguntou Albert.

«Como o Maths disse: "já começaram os namorados a falar em código". É um código dos namorados. E "os namorados", não vão descodificar-vos os códigos "deles".» respondeu Fred.

«Jaime… Não nos vão incluir no vosso IDN?» perguntou-me Helena imitando a voz de uma criança e fazendo uma espécie de beicinho.

«Por mim, podíamos incluir… Mas já sabes como é o teu irmão…» "lavei assim as minhas mãos".

«Ah! Que lata, Jaime! Só por causa disso, agora é que não os vamos mesmo incluir!…» disse Fred, num jocoso tom vingativo.

«Bom…! Parece que fomos excluídos do IDN… Graças ao Jaime! Obrigado, Jaime!» vociferou Albert, «Não se preocupe que nenhum dos von Der Maase guardará rancores sobre isto…».

Rimo-nos todos muito.

«Quem é que vai agora tirar a fotografia?»

«Eu tiro desta vez.» levantei-me e agarrei na máquina.

«NÃO!» gritaram todos os von Der Maase em coro.

«Sente-se imediatamente!» ordenou-me Albert.

«Apesar de nos ter excluído do IDN, nós não o excluímo-lo da fotografia de família…»

«Tia! Mas não fui eu…» declarei, «Foi o…».

«Nem te atrevas, Jaime!» interrompeu-me Fred.

«Sim. Nem se atreva a pôr as culpas no seu namorado… Você provocou-o! Você sabe como provocá-lo…!»

«Sim… Jaime… Tu provocaste-me. Tu sabes como me provocar. Nem te atrevas a pôr as culpas em mim… Obrigado, pai!»

«De nada, meu filho.»

Rimo-nos todos muito.

«Jaime! É a tua oportunidade de vires para o meu colo…» aproveitou-se Maths daquele complô contra mim.

«E vou! Mas é para tirarmos a fotografia!» disse.

«Ahhhhh! Ai, és assim, afinal, Jaimezinho…?»

«Caso não te tenhas apercebido Fred, o teu irmão está metido com o teu pai… És tu que me estás a entregar ao teu irmão.»

Rimo-nos todos muito.

«Vá! Agora tiro eu a fotografia.» levantou-se Albert.

«Jaime, se vais ficar no colo do Maths, eu vou ficar ao teu colo.»

«Então, anda, Joa!» convidei-o já instalado ao colo do Maths.

«Está a ver Frederick? Já perdeu o Jaime para os seus irmãos.» disse Albert já a espreitar para dentro do visor da máquina.

«Podes vir para o meu colo, Fred…» convidou Helena.

«Vai lá chorar para o colo da Helena, Fred!» gozou-lhe Maths.

«Vou tirar!» advertiu Albert.

«Albert!» gritou Catharina, «Espera! Eu vou para o colo do Frederick.»

«Mãe…! Assim não aguento… Com vocês os dois… Assim fica muito pesado!!!»

«Cale-se, Helena! Eu não peso nada! Quem está a fazer o peso todo é o seu irmão.»

Ouviu-se "o clique" da fotografia.

«Vou tirar outra!»

«Não! Pai, não tire mais!»

«É só mais uma, filho!»

«Não! Já chega! Senão ficamos sem fotografias para tirarmos nos Açores.» levantou-se Fred e desfez assim todos os colos.

«Ó Fred!!!» vozeou Maths, «Como vocês os dois são, eu aposto que vocês só vão tirar umas duas ou três fotografias nos Açores… Vocês nunca fotografam nada e eu não tenho ainda tecnologias para vos hackear as memórias que vocês insistem em gravar só com os olhos… Ainda não estou muito por dentro do *biohacking*…»

«Pois… Mas tens tecnologias para nos hackeares o armazenamento dos telefones, as mensagens do Messenger, do WhatsApp…» disse Fred.

«Mathias… Não desesperes… As tecnologias para nos hackeares o cérebro e a mente já existem… Só tens que torcer para que o Direito ceda à pressão do mercado e em breve poderás aceder àquilo que vemos e pensamos em tempo real… Poderás ver *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto tudo aquilo que insistimos em gravar só com os olhos…»

«A tua mente revelada como um rolo fotográfico… Gosto da ideia…» disse-me Maths.

«Claro que um transumano, um humanoide, um "super-humano-tecnológico", como tu, gosta da ideia…» respondi.

«Sabem quem é que inventou o rolo fotográfico?»

«Não sabemos pai, mas já sabemos que vamos todos ficar a saber…» disse Maths.

«Quem inventou o rolo foi quem fundou a Kodak.»

«Então, o pai não ia revelar o rolo? Revele lá para nós!...» disse Maths.

«George Eastman, um verdadeiro filantropo, inventor da película, do rolo do filme fotográfico e fundador da *Eastman Kodak Company*. A *Eastman Kodak Company* foi fundada em 1888; é uma data fácil de se decorar porque...»

«Pronto… Preparem-se…» interrompeu Maths, «O filme vai começar. O pai vai teletransportar-nos a todos a 1888 *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Jaime, se quiseres podes voltar para o meu colo, os meus braços podem funcionar como cinto de segurança. Vais precisar para esta alucinante viagem.»

Não aguentei em conter o riso e ri-me; achei mesmo piada ao que o Maths tinha dito. Ele teve piada. Ele tem sempre muita piada. Afinal, é o papel dele. Ele sabe que é o papel dele em toda a história. Ter piada.

«Ah! Estás-te a rir, Jaime… Tu queres voltar para o meu colo, que eu sei… Tu gostaste do meu colo… Estás-te a rir…! Estás-te a rir! *Yes*!!! Consegui sacar-te esse teu lindo riso! *Yes*, *yes*!!! Por favor, Jaime, agora deixa-me apertar-te o cinto de segurança…»

«Obrigado, Maths. És sempre muito atencioso. Mas histórias tecnológicas destas, o Jaimezinho só as ouve ao meu colo. Não te preocupes que eu aperto-lhe o cinto de segurança.»

O Fred pegou-me na mão e fez-me levantar, subindo-me a mão delicadamente num gesto de convite para ir para o colo dele. Fiquei um pouco envergonhado, por causa dos pais dele. Para mim, aquilo consubstanciaria uma enorme falta de respeito perante os pais dele. É muito raro eu e o Fred estarmos "agarrados" ou ao colo um do outro num contexto social, perante os nossos amigos, primos ou irmãos, quanto mais perante pais. Sentarmos ao colo um do outro e ficarmos assim agarrados, com outras pessoas, foi muito, muito raro. Consigo contar as vezes que o fizemos hoje numa mão. Fizemos uma ou outra vez com o Afonsinho e com a Sara. E lembro-me de o termos feito na passagem de ano em casa da prima Mariana Fráguas, mas só o fizemos porque estávamos num contexto muito íntimo de primos, amigos e namorados, num contexto muito divertido e muito íntimo, natural de uma passagem de ano. Mas ficar ali ao colo do meu namorado à frente dos pais dele? "Nem pensar"… Era estranho… Mas a elegância com que o Fred me fez levantar e os sorrisos de assentimento e esperança que vi de Catharina e Albert com a minha visão periférica, fizeram com que eu perdesse a vergonha. Além disso, agora ficava bem eu sentar-me ao colo do Fred, perante aquela disputa de colos. A brincar, a brincar eu fazia parte daquela disputa e a brincar, a brincar eu tinha que me render à elegância da disputa do Fred. E rendi-me. Tinha que lhe dar a vitória perante o irmão. Catharina encostou-se a Albert e Albert abraçou-a completamente, envolvendo-a. E nesse também envolvimento fiquei ainda mais à vontade. Aquele

envolvimento, era um convite para ficar à vontade ao colo do meu namorado à frente dos pais dele.

«Olá…» cumprimentou-me Fred no colo dele, envolvendo-me com os seus braços e beijando-me a cara.

«Ohhhhh…!» soltou Helena.

«Já apertou o cinto de segurança ao Jaime, Frederick? Aperte bem, que vamos agora descolar.»

«Sim, pai. Está bem apertado.» disse Fred com o braço dele à volta da minha barriga agarrando-me e puxando-me duas vezes "com força" a roupa de lado sem tirar o braço dele da minha barriga, fingindo que o braço dele era o cinto e certificando-se assim numa bem arranjada simulação romântica que eu estava bem preso a ele.

«George Eastman era de Rochester, que fica em Nova Iorque, então a sede da Kodak é em Rochester. Eastman começou a intrigar-se com a forma como se fotografava. Ele achava que era um processo complicado. E era. Tinha que se revestir uma placa de vidro com uma substância química líquida e depois tinha que se ir a correr revelar antes que a substância secasse… E ele lá conseguiu engenhosamente uma chapa fotográfica seca e foi depois a correr patentear a sua invenção junto de Inglaterra e dos Estados Unidos da América. Quando tiramos uma fotografia com estas máquinas como a Kodak, registamos uma "imagem latente" no rolo. E a revelação fotográfica não é mais do que o processo de transformação da

imagem latente numa imagem visível através de um processo químico… Quem é que daqui não andava na passa e não faltava às aulas de físico-química e sabe o nome do processo químico?»

«De oxido-redução, tio?»

«Muito bem, Jaime! A nossa nova substância fotográfica seca, trazida pelo nosso Eastman, é uma camada de cristais de halogeneto de prata sensíveis à luz. A luz, transforma os cristais em prata metálica. Através da oxido-redução, a revelação fotográfica aumenta 1 bilhão de vezes a energia que foi captada, transformando a imagem latente "presa no rolo" em prata metálica, ou seja, numa imagem visível, porque a tecnologia que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos instalou a todos nos olhos, permite-nos ver a prata metálica. É por isso que ligamos à prata, ao ouro… Ligamos, porque os vemos. Eles pertencem à nossa realidade. E a realidade do rolo fotográfico que Eastman trouxe para a nossa realidade, acelerou muitíssimo o processo de gravação de múltiplas imagens, tendo sido um grande contributo não só para a fotografia, como também para o cinema. E assim nascem em 1888 a Kodak. A nova câmara podia ser transportada para qualquer lugar e era pré-carregada com filme suficiente para 100 poses.»

«Vês, amor? Somos mesmo empreendedores… A nossa ideia de carregar estas máquinas de rolo com mais fotografias ou simplesmente trocar o rolo para que "as máquinas descartáveis" pudessem sobreviver nesta Era verde de sustentabilidade, afinal já vinha de 1888.» comentei com Fred.

«A história é cíclica. A economia é cíclica. O cérebro é cíclico. O cérebro acaba sempre por voltar lá atrás. E quando o

cérebro volta, a economia também volta. A história comprova-se cíclica.» respondeu-me Albert, «Após a exposição, voltava-se a Rochester, que era onde o filme era revelado. Foi um sucesso. No slogan montado por Eastman "*you press the botton, we do the rest*", a empresa já produzia uma série de câmaras fotográficas. Veio a "brownie" que custava menos de 1 € e era feita de papelão… Para a vossa ideia…» dirigindo-se a mim e ao Fred, «de se "descartarem do descartável", poderiam substituir o papelão por papel reciclado ou por um papel sustentável mineralizado que simplesmente fosse absorvido pela Terra sem lhe fazer mal… Nós já nascemos com a tecnologia. Já nascemos com a impressora 3D… Podemos imprimir tudo o que quisermos a menos de 1 €. Se podemos imprimir órgãos, casas e comida, também podemos imprimir máquinas de rolo e rolos de forma sustentável. Se imprimirmos coisas boas e ideias boas, essas coisas e essas ideias serão certamente sustentáveis. A própria Natureza, que é mais económica do que o Direito e a Tecnologia, encarregar-se-á dela própria sustentar as ideias que ela veja que são sustentáveis. A Natureza é inteligente. Ela sabe quando o Direito anda com ela e quando o Direito deixa de andar com ela. E a Natureza dizima num ápice tudo aquilo de que se farta. Tudo aquilo que a sature, ela acaba por dizimar num relâmpago *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Por isso, desde que sejam boas ideias, podemos e devemos imprimir. Podemos imprimir tudo o que quisermos!»

«Porque é que o teu pai disse aquilo de nos descartarmos do descartável? Contaste-lhe?» perguntei secretamente ao Fred.

«Não, baby, juro… Nem aos meus irmãos… Foi uma coincidência…» respondeu-me tão bem entredentes.

«Que grande coincidência, Fred… Não sei é porque é que estou tão tranquilo com a "coincidência tecnológica" e a tecnologia do teu pai não me está a assustar nem um bocadinho… Mas, enfim…» continuei em segredo.

«Baby… Porque já sabemos que estamos cercados de "coincidências tecnológicas"…» segredou-me Fred, dando-me um beijo na cara e uma festa levantando-me o queixo numa vírgula sensual que fez com uma das suas masculinas e sublimes mãos.

«Talvez até nós sejamos imprimidos…» provocou-nos intelectualmente Maths.

«Essa será certamente a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari das novas gerações que vão nascer com coisas imprimidas e robotizadas à sua volta.» respondeu Albert.

«Nós ainda tivemos sorte. Conseguimos ver o processo. Conseguimos ver as impressoras a serem construídas e a serem instaladas. Conseguimos ver toda a impressão. Conseguimos ver a tecnologia das impressões. Sabemos que não viemos de nenhuma impressora. Sabemos que não somos nenhuma impressão.» respondi.

«Tens a certeza disso?» perguntou-me Maths.

«Tenho.»

«Talvez sejamos todos a impressão de um pensamento. Talvez sejamos todos um pensamento imprimido. E se formos, então somos uma impressão. E se somos uma impressão…»

«Deixa-me adivinhar…» interrompi Maths a rir, «Somos imprimidos…».

«Escusa de tentar instalar qualquer *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari na mente do Jaime, Mathias. A mente do Jaime está tecnologicamente protegida com a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari.» defendeu-me Albert da mente intelectualmente esfomeada de Maths.

«Raios-partam o Federico Ferrari! Os meus engates costumam dar sempre certo quando lhes instalo uma *Paranóide Tecnológica*…»

«Eu não sou um dos teus engates, Mathias! Fui perpetuamente engatado pelo teu irmão.» respondi-lhe.

«Já vi que o meu irmão te pôs numa prisão tecnológica de amor…»

«É mais ou menos isso…» respondi-lhe.

«E eu tenho a chave dessa prisão… Se quiseres posso libertar-te… Só tens é de querer que eu ponha a chave…»

«Mathias!!!» gritou Catharina.

«Eu juro que isto não tem nenhuma conotação…»

«Nem se atreva, Mathias!!!» insistiu Catharina.

«Sim, nem te atreves, Mathias! Já não estou a achar muita piada!…» disse Fred zangado.

«Isso é porque vocês não têm tecnologia suficiente para o meu humor tecnológico… E digo-vos uma coisa, se vocês não se libertarem dessas vossas prisões, a tecnologia, mais tarde ou mais cedo, acabará por vos prender para sempre… Jaime… Mantenho a minha oferta… Se quiseres posso libertar-te… Daqui para fora… Comigo…»

«Obrigado, Maths! Mas estou bem preso na prisão tecnológica de amor com o teu irmão…»

«Nas três décadas a seguir, a Kodak ganhou milhões até que a Kodak inventou o Kodachrome, o primeiro filme a cores da empresa sempre produzido em massa em várias versões até ao aparecimento da câmara digital. Mas o nosso Eastman já não viu a invenção da empresa. Ele suicidou-se, terá sido por amor? Mas a empresa continuou.»

«Não gostei desta história!» disse Helena, «Eu achava que era uma história que ia acabar bem…»

«Com a Segunda Guerra Mundial, a Kodak inovou ainda mais porquanto desenvolveu um filme capaz de detetar a radiação a que os cientistas, que desenvolviam a bomba atómica, estavam expostos. E foi depois crucial para a indústria do raio-X. Há indústrias boas. Há indústrias que salvam vidas! Que existiram e existem para o bem da humanidade. Num contrato administrativo público com o governo americano, a Kodak produziu granadas participando na guerra para a paz. Na década de 60, a Kodak forneceu depois os filmes e as câmaras que produziram as primeiras imagens da Terra em satélites americanos dos homens na lua. Imprimia fotografias a cores, ganhava perto de 50 bilhões no início da década de 70… Até que

um engenheiro da empresa criou uma câmara digital capaz de tirar fotografias até 0,1 megapixel. Mas aquilo que seria uma invenção, pensou a marca, também poderia ser uma grande ameaça… Ao quê…?»

«Ao rolo fotográfico…» disse.

«A Kodak continuou a desenvolver a tecnologia digital, mas não desenvolveu muito bem…» continuou Albert, «Lá conseguiu produzir uma câmara fotográfica de 1 megapixel com visor digital… Apostou baixo no mercado digital, achando que a tecnologia do mercado digital ainda demoraria a implementar-se. A Kodak era uma inovadora e tinha uma longa lista de patentes, mas no fundo ela não queria que as suas patentes fossem para o mercado, pelo menos tão rápido, porque ela tinha medo que isso acabasse por prejudicar as vendas de filmes e câmaras tradicionais. Assim, a estratégia da Kodak, foi uma aposta lenta na transição para as câmaras digitais, investindo pouco, ficando a fabricar fotografias de péssima qualidade e com um alto custo para as câmaras digitais, porque ela queria continuar focada no mercado tradicional de fotografias. Mas o mercado não esperou pela Kodak e as gigantes japoneses Canon, Fuji e Sony ultrapassaram definitivamente a Kodak. Depois foi a vez dos smartphones e a Kodak ainda foi uma das pioneiras, mas também acabou por ser ultrapassada, até que a crise acabou por tomar conta dela. As suas ações caíram e saiu da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Declarou falência, recuperou e voltou a ser admitida à negociação das suas ações na Bolsa de Valores de Nova Iorque.»

«Afinal, não percebi nada! Se a Kodak faliu como é que não morreu logo? Como é que uma empresa falida recupera? Se faliu, faliu, fim de história, não?» perguntou Joa.

«Não. As pessoas dizem "falência". Dizem que a empresa declarou "falência": Mas não é correto, pois isso leva justamente à tua confusão.» respondi, «Juridicamente dizemos "insolvência" e dizemos que a empresa fez o pedido de declaração de "insolvência". Foi o nosso Código de Insolvência e Recuperação das Empresas que substituiu "falência" por "insolvência". E muito bem! Porque falir é mesmo falir, faliu e pronto, como disseste e bem. Uma empresa encontra-se numa situação de insolvência quando o seu passivo é superior ao ativo. A empresa está cheia de dívidas perante os seus credores, que podem ser, por exemplo, os seus fornecedores, os seus distribuidores, o banco, mas a empresa não consegue pagar, porque até pode estar a entrar dinheiro das vendas, mas esse dinheiro que está a entrar não é suficiente para cobrir os custos de produção, ou se os cobre é à razia e o dinheiro que tem não dá senão para pagar ordenados e impostos, não gerando riqueza nenhuma, e por isso o seu passivo é superior ao ativo. Ora, numa situação destas, a empresa tem o dever se apresentar à insolvência. Se um gerente de uma sociedade por quotas ou o conselho de administração numa sociedade anónima vê que a empresa não vai conseguir cumprir as dívidas atempadamente tem esse dever que falei, de proceder a sua apresentação à insolvência. Diferente, é se a empresa se encontrar tão-só numa situação económica difícil podendo recorrer ao processo especial de revitalização, isto se não estiver objetivamente numa situação de insolvência. Uma vez decretada a sentença que declara a insolvência da empresa, vamos designar

um administrador de insolvência e será ele que vai dizer quais é que são os bens que vão integrar a massa insolvente. Uma das consequências da sentença de declaração de insolvência é o cessar de funções da administração da empresa e a transferência dessas competências para o tal administrador de insolvência. Vamos depois convocar uma reunião entre os credores e o administrador de insolvência, e nesta chamada assembleia de credores vamos deliberar se a empresa tem ou não viabilidade para continuar.»

«E se não tiver?» perguntou Joa.

«Se a empresa não puder ser recuperada, então seguimos para a liquidação e para a sua dissolução.» respondi.

«Liquidação?»

«Sim, Joa. Vamos ver, o que há de dinheiro na empresa para podermos satisfazer os credores.»

«E se a empresa tiver viabilidade para continuar?»

«E se tiver viabilidade para continuar, então a empresa será objeto de reestruturação, em que vamos apresentar um plano de recuperação e foi o que aconteceu com a Kodak, presumo, não tio?… A Kodak conseguiu voltar à Bolsa, conseguiu recuperar…»

«Sim. A Kodak conseguiu um financiamento de 1 bilhão de euros do Citigroup para a reorganização do seu negócio.» respondeu Albert.

«Jaime, disseste que se um gerente de uma sociedade por quotas vir que a empresa não vai conseguir cumprir as dívidas

atempadamente tem o dever de apresentar a empresa à insolvência, não foi?...»

«Sim, Joa…»

«Na escola de surf, o meu pai é que é o gerente, por isso não tenho que me preocupar se a nossa escola vai ou não conseguir pagar aos nossos credores, pois não Jaime?» perguntou-me Joa.

«Há um dever geral dos administradores e dos gestores que podes achar no artigo 64º do Código das Sociedades Comerciais. Exige-se aos gestores que sejam diligentes como um gestor criterioso e ordenado, tal como a diligência de um bom pai de família. Um bom pai de família se sabe que tem água e luz por pagar, que são os credores, tem que se preocupar se vai conseguir ou não pagar aos credores. Depois há também nesse artigo um dever de lealdade no interesse da empresa, em que o gestor ou o administrador "ouvindo" quais é que são os dinheiros que os sócios querem aplicar no longo prazo tem que ponderar com os interesses dos outros sujeitos relevantes, que são, por exemplo, os credores, isto para a sustentabilidade, para a saúde, da empresa. Assim, o teu pai como gerente, está sim de certeza obrigado a isto. O teu pai é o chamado administrador de direito, que tem um título, neste caso é o titular da gerência da vossa escola de surf. Para efeitos de responsabilidade, para sabermos em caso de insolvência se o teu pai responderia ou não culposamente pela insolvência, teríamos que ver se ele atuou ou não com lealdade e diligência nos deveres fundamentais gerais do artigo 64º, mas sobretudo teríamos de ver se conseguiríamos aplicar o número 2 do artigo 72º do Código das Sociedades Comerciais que diz que a

responsabilidade seria excluída se provássemos que o teu pai teria atuado em termos informados, livre de qualquer interesse pessoal e segundo critérios de "racionalidade empresarial". Assim, conseguiríamos afastar o número 1 do mesmo artigo que diz que os gerentes ou administradores respondem para com a sociedade pelos danos a esta causados por omissões ou atos praticados ignorando os tais deveres legais, salvo se eles provarem que procederam sem culpa. Que no fundo, são os tais deveres do artigo 64º. Basta que consigam provar que atuaram sem culpa para excluirmos a responsabilidade e assim acionarmos o número 2 do artigo 72º. E este raciocínio também pode valer para o administrador de facto, que é diferente do administrador de direito, que como disse o teu pai, sendo um gerente seria um administrador de direito. Se fosses um administrador de facto, tu também poderias ser responsabilizado pela eventual insolvência da escola de surf, pelo que poderias ter que te preocupar se a vossa escola iria ou não conseguir pagar aos vossos credores. A pergunta é, se tu és ou não um administrador de facto. Se atuares notoriamente como se fosses um administrador de direito, mas sem título bastante, és um administrador de facto aparente, e por isso poderás ter que responder…»

«Não é o meu caso.»

«Se fores um sócio dominante que não queres, por exemplo, expor-te aos riscos do estatuto de administrador, e por isso ostentas um estatuto diverso do de administrador, o Direito Societário vai considerar-te um administrador de facto oculto sob outro título…»

«Também não é o meu caso, Jaime.»

«Se não tiveres qualquer cargo de administração ou gerência, mas determinares habitualmente a atuação do teu pai, que é um gerente, um administrador de direito, o Direito vai olhar para ti e vai dizer que tu és um administrador na sombra, e por isso vais considerar-te um administrador de facto, logo poderás responder pelos fundamentos do artigo 72º ou por via de outro… Por via do artigo 80º. Há quem invoque o artigo 80º justamente para estes casos. Eu por exemplo, invoco o artigo 80º para os administradores de facto. Que basicamente vem dizer que as disposições que digam respeito à responsabilidade dos gerentes ou administradores vão se aplicar a outras pessoas a quem sejam confiadas funções de administração.»

«Pois… Mas também não sou um administrador na sombra, Jaime…»

«Então, não tens que te preocupar. Podes deixar isso para o teu pai.»

«Isso mesmo! Não se preocupe e deixe o assunto comigo que eu sou um bom pai de família…! Sou ou não sou, Jaime? Comprei duas casas no golfe com piscina e tudo para os meus filhos… Sou ou não sou um bom pai de família, Jaime?»

«É sim, pai! Obrigado pela piscina e pelo golfe…» troquei desta vez "o tio" por "pai".

«Vocês em Direito usam mesmo essa expressão de "bom pai de família" para verem a diligência, não é?…»

«Sim. Usamos em quase todo o Direito. Tanto no Direito Civil como no Direito Comercial e Societário.»

«Bom… O nosso Eastman não teve mulheres nem filhos, mas doou mais de 100 milhões a escolas suecas, inglesas, americanas.» continuou Albert, «Criou a *Eastman School of Music*, que é uma das escolas de música mais prestigiadas no mundo. Na sua filantropia focou-se na medicina dentária, doando dinheiro a clínicas dentárias em Rochester e na Europa acreditando que as crianças poderiam ter maiores chances na vida se tivessem uma melhor aparência, uma melhor saúde e um maior vigor nas gengivas, dentes, boca, nariz e garganta se os cuidados fossem tomados logo na infância, tendo, por isso, feito doações à Escola de Medicina e Dentária da Universidade de Rochester. Fez também significativas doações ao *Massachusetts Institute of Technology*, o MIT, que é a uma das melhores universidades do mundo. O MIT segue um modelo muito curioso que deveria ser copiado em relação às admissões dos estudantes em universidades privadas. Não é preciso o estudante ter tido a sorte de ter calhado numa família com dinheiro. Se um estudante tem as *skills* para entrar, ele entra no MIT independentemente de ser pobre ou rico. O que interessa são as *skills*. Se o estudante teve um papel importante no desporto, na música ou na escrita, o estudante é muito bem-vindo. O talento deve ser sempre bem-vindo, porque o nosso talento para as coisas é aquilo que de facto nos diferencia de todos. Nós temos todos um talento natural. O importante é descobri-lo e simplesmente deixar o nosso cérebro explorá-lo da melhor forma. Quando deixamos o cérebro conhecer a espírito que há nele, a alma que há nas coisas que o cérebro produziu, o cérebro torna-se um passaporte para tudo! O que interessa é o cérebro, o espírito e a alma com que se nasceu, mais nada! No MIT, por exemplo, é isso que interessa. Porque se os pais não têm dinheiro para o estudante ir para a universidade, é

a universidade que paga tudo. Dá o alojamento, dá a alimentação, os materiais, tudo o que o estudante precisar para poder ingressar e depois prosseguir os seus estudos. Em cada 4 estudantes, 3 estão a estudar no MIT porque têm uma bolsa para poderem estudar. Isto não se vê em mais lado nenhum: uma universidade privada, onde há mais pessoas com bolsas do que sem. O único elitismo deve ser o elitismo intelectual, porque a mente é que é a elite. A nossa elite deve ser sempre a nossa mente. É lá onde está a nossa elite, a elite do pensamento. E este pensamento do MIT é um pensamento de elite. E por isso, é que é uma universidade de topo. De topo no mundo. Há ali um verdadeiro financiamento. Qualquer sistema, seja o sistema universitário, o sistema administrativo ou o sistema bancário deve saber ser inteligente e financiar tudo aquilo que seja inteligente. Isto é o meu capitalismo inteligente dos recursos.»

«Esse capitalismo é meu, tio…»

«Pois é, só lhe falta o capital. A ideia é sua. E eu financio-a. Sou o seu banco. Eu banco a sua ideia. Porque a ideia do Jaime merece todo o crédito. Sem querer instalar-lhe nenhuma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, vou teletransportá-lo para *A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak e mostrar-lhe o *target* do seu capitalismo inteligente dos recursos: o seu primo Xico hackeou-lhe o trabalho "das verdes pinceladas" de Contratos Públicos, o pai do Xico hackeou o Xico e eu hackeie o pai do Xico. E os amigos fazem "estas brincadeiras de *hacking*"… Mas também tem outro *target*: o Xico hackeou-lhe, o Frederick hackeou o Xico, o Mathias hackeou o Frederick e eu hackeie o Mathias. Foi o MIT que acompanhou e viu de perto a tecnologia e quis que avançássemos na Era digital. Além de desenvolver as modernas

tecnologias de computação e rede, há ali um pequeno laboratório de Inteligência Artificial que desenvolve uma economia embrionária que quer sair para fora dali para o mercado. Todos os dias no MIT, cérebros humanos que estudam os circuitos digitais e as linguagens do computador ligam-se às máquinas e aos robots. Foi o MIT que criou grande parte da gíria e da cultura moderna dos hackers. A cultura hacker é uma subcultura que nasceu no MIT, a partir dos estudantes que desfrutavam do desafio intelectual de superar criativamente as limitações dos sistemas de software para alcançar novos resultados inteligentes. O *hacking* é a programação em si com espírito de diversão e exploração. Mas aquilo que define um hacker não é ele programar ou não, mas sim a forma como o faz, se o faz de forma entusiasmante ou não. Se há uma emoção naquilo que faz. Se há uma adrenalina naquilo que faz.»

«Eu juro por tudo que adoro hackear o vosso *Algoritmo do Amor*… Fico cheio de adrenalina! De adrenalina e emoção!! Emociono-me tanto a ver a tecnologia do vosso amor… Fico tão emocionado…» zombou-nos Maths.

«Assim, podemos dizer que atividades inteligentes divertidas têm um valor de *hack*, e foi assim que os hackers originalmente surgiram, na década de 60, do *Tech Model Railroad Club* do MIT e do Laboratório de Inteligência Artificial do MIT. Os hackers entravam em áreas proibidas ou restritas do MIT de maneira inteligente e faziam brincadeiras sem causar grandes danos.» disse Albert.

«Tal e qual como eu, quando penetro nas vossas janelas amorosas… Consigo penetrar sem causar grandes danos…» riu-

se sozinho Maths em fortes gargalhadas, «Mas são só umas brincadeiras…» e continuou a rir-se sem companhia.

«Os hackeres desta subcultura tendem a diferenciar-se dos outros que eles próprios chamam pejorativamente de *crackers*. Os *crackers* são aqueles que estão focados em explorar as fraquezas da segurança dos computadores e dos telefones e que sacam e difundem os dados que vão encontrando e que são aqueles que são por todos mencionados como "hackers", incluindo pelos media quando vêm trazer escândalos de Direito, Tecnologia, Cibersegurança e Criptografia. Ora, estes não são os verdadeiros hackers. São crackers que usam "a sua esperteza" e não inteligência para propósitos malévolos…» disse Albert.

«Os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, então são *crackers*…» constatei.

«Nem todos os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke são *crackers*… Eu sou um dos teus *Cavaleiros Tecnológicos* e sou um hacker… Sou dos bonzinhos… Penetro, mas sem causar grandes danos…» voltou Maths a trazer aquelas fortes gargalhadas e a ficar a rir-se sozinho, «Eu sou um cavaleiro da *Angel Studios*, tenho asas e tudo… Não as vês, Jaime?»

«Não, não as vejo, Maths…»

«São invisíveis… Se me deixares pôr-te os meus óculos de realidade virtual aumentada ficas logo a ver-me de asas…»

«Então, pai, os amigos do Jaime do *Target – A Pegada Digital*, do Ralf Kleba Kodak, são crackers…?»

«Sim, podemos dizer que são *crackers*, Joa.» respondeu primeiro Albert a Joa dirigindo-se depois a mim, «Qualquer que seja o seu *target*, o Jaime pertence à sociedade de informação tecnológica e nesta tecnológica sociedade, eu sei que o Jaime é inteligente e que a sua inteligência merece um crédito, merece um financiamento. É isto que deve acontecer! É isto que tem que acontecer! E que era isto que deveria acontecer para todas as escolas privadas no novo modelo de escolas privadas. E por isso, parece que o nosso Eastman apostou muito bem em doar generosamente ao MIT. E eu espero que o Jaime imprima este meu capitalismo empático, que é a minha economia, a minha visão romântica de ver as coisas, no seu romance, para que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy incluam este novo modelo de escolas privadas na sua próxima *Grande Reunião*, antes de assaltarem o parlamento. Assim, o Jaime assalta por mim o parlamento e eu assalto pelo Jaime o banco. O Frederick disse-nos que está a escrever um romance…»

«É impressão minha ou o pai acabou de celebrar um contrato bancário com o Jaime?» perguntou Maths.

«Não. O que eu estou a celebrar com o Jaime é um contrato espiritual. Nos créditos há um acreditar. Há um investimento. Este investimento, esta intuição, é espiritual. Não foi só a Kodak que nasceu em 1888. Nasceu também Fernando Pessoa, o "enigma em pessoa". A maior parte das pessoas acha que Fernando Pessoa foi só escritor. Mas, não. Foi uma data de coisas ao mesmo tempo. Foi astrólogo, empresário, poeta, publicitário, tradutor, ensaísta, filósofo, crítico literário e comentarista político português. Aquela cabeça não parava, estava sempre a produzir, tinha sempre um filme fotográfico a rolar

dentro dele. Em 1888, nasceu também o cajueiro de Pirangi. Sabe porque se chama Pirangi, Jaime?»

«Não, tio.»

«Porque foi uma árvore plantada na praia de Pirangi do Norte. Sabe onde fica a praia Pirangi do Norte?»

«Não, tio.»

«Fica em Rio Grande do Norte.»

«Não sei, tio…»

«Rio Grande do Norte é um dos estados federais do Brasil.»

«Não sabia, tio…»

«Nunca ouviu falar em Natal? Natal é a capital do estado de Rio Grande do Norte e fica a uns 10km da praia de Pirangi do Norte.»

«Ah! Natal, tio? Natal, sim claro… Conheço por causa das famosas dunas de praia… Adorava ir!»

«Nós fomos a Pirangi do Norte, por causa do cajueiro… E demos lá um salto a Natal, enquanto você e o Frederick estavam em Porto Santo…»

«Sim, tio, eu soube que também foram a Natal… Foi tão giro estar em Porto Santo e ver-vos a passarem de barco, primeiro para lá e depois para cá…».

«Para lá íamos para as Canárias… Ainda parámos primeiro na Madeira, mas nós nem saímos do barco. Parámos só para largar os passageiros e seguimos para as Canárias. Para cá vínhamos para Portimão…» pôs-se Albert no meu referencial em Porto Santo de frente para o mar como que se visse a si no barco a ir para as Canárias e a voltar depois para Portugal, «E vocês ali em Porto Santo a verem-nos a irem para lá e a voltarmos depois… E não precisámos senão dos binóculos para vos vermos na praia quando passámos pela vossa ilha… Foi um momento mágico que marcou a nossa viagem. Até de binóculos conseguimos capturar *O Algoritmo do Amor* a uns 6 km…» disse Albert.

«Estávamos a 6 km do Jaime e do Fred? Eles pareciam que estavam mesmo ali connosco…! Estavam mesmo perto de nós…» *estupefacticiou*-se Fred.

«Eu perguntei ao Capitão e ele disse que naquele exato momento em que estávamos a contornar o Ilhéu de Cima, nós estávamos a 4 milhas da costa. Por isso estávamos a uns 6 km, quase a uns 6 km e meio…»

«O Ilhéu de Cima?» perguntou Fred.

«Sim, aquele ilhéu de Porto Santo que tem o farol. Na praia, de frente para o mar, é o ilhéu da esquerda.» respondi-lhe.

«Onde vocês nos viram a aparecer de barco. Nós aparecemos-vos no vosso postal de praia por detrás do Ilhéu de Cima.» disse Albert.

«Mas eu pensava que esse ilhéu se chamava Ilhéu do Farol, porque tem o farol… Nós chamávamos sempre Ilhéu do Farol…» disse Fred.

«Tem os dois nomes, amor… É como a nossa amada Montanha Jupiter… Também tem dois nomes: Montanha de Santarém e Montanha Jupiter.» respondi.

«E como é que se chama o ilhéu da direita?» perguntou Joa.

«Ilhéu da Cal.» respondi.

«Isso mesmo. E sabias que se fores à praia que fica em frente a esse ilhéu, que é à praia da Calheta, se fores até essa ponta, consegues ver a ilha da Madeira a 50 km, Jaime?» perguntou-me Joa.

«Eu e o Fred depois do dia de praia íamos muitas vezes a pé da nossa praia pela areia até à ponta da Calheta, só para ver a ilha da Madeira…»

«Íamos muitas vezes até à Calheta quando não subíamos outras muitas vezes a nossa montanha, por detrás da nossa praia…» disse Fred.

«O quê? Também monopolizaram uma montanha em Porto Santo?» perguntou Joa.

«Sim…» respondi.

«Deixem-me adivinhar, também acamparam na montanha em Porto Santo…» adivinhou Helena.

«Sim, acampámos, Helena… Também temos uma Montanha Jupiter em Porto Santo… Não tinha nome…» respondi.

«Então mais vale começar a pôr nome em tudo, antes que vocês, com o vosso amado *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, se ponham a monopolizar tudo aquilo que ainda não tem nome… Namorados capitalistas inteligentes dos recursos é que não! Senão a Terra começa a ficar esverdeada e empática demais, tudo verde, tudo verde, tudo muito verde, tudo inteligente, tudo inteligente, tudo muito inteligente, e honestamente, as coisas económicas começam a perder um bocado a piada… Já viram o que é que era…? Toda a gente a ligar às árvores e às plantinhas e às florzinhas como vocês ligam, a protegê-las, a falarem delas como se elas fossem seres vivos com raízes que suportam a terra e que suportam os humanos… Tudo a olhar para as estrelas… Os torcicolos que iam ser… Até já me dói o pescoço só de vos imaginar sempre a olhar para o céu… Sempre a olharem para as estrelas e para as nuvens… Tudo a reconhecer as constelações, tudo a discutir se é Jupiter, se é Saturno ou se é Neptuno…»

«Só conseguimos ver Neptuno com um telescópio, Maths…»

«Pronto…! Se Neptuno ainda não é visível a olho nu, vamos mantê-lo em segredo só para alguns olhos mais tecnológicos… Mas as nuvens são visíveis a olho nu… E depois vai ser tudo a falar das nuvens, tudo a olhar para as nuvens, tudo a descobrir o fenómeno maravilhoso das nuvens, a quererem proteger as nuvens… Porque agora até já as seguem… Sim, porque quando descobrirem as nuvens, vão querer protegê-las do

aquecimento global e tal… *Epá*, para ser muito, muito, muito, sincero eu acho que nós ainda não estamos preparados para o vosso capitalismo inteligente dos recursos… *Epá*, não estamos… Vai ser o quê? Só turismo sustentável? Só engates sustentáveis? Preservativos biodegradáveis?»

«Ai, Maths… Você consegue sempre estragar tudo numa última palavra, não consegue? Parece que o faz para me irritar…» disse Catharina.

«E eu Maths, juro, juro, juro que estava quase a levar-te a sério, mas juro, juro, juro, mesmo por tudo…» disse.

«Essa dos preservativos biodegradáveis até é uma boa ideia…» disse Joa.

«Eu percebo a ideia, mas como as pessoas são estúpidas, não acho nada boa idea…» disse.

«Porquê?» perguntou Helena.

«Porque se tu vais dizer às pessoas que os preservativos são biodegradáveis, sabes o que vai acontecer? Vais ter espalhados preservativos usados por toda a parte… Porque as pessoas vão achar que por ser biodegradável degrada-se automaticamente, que tudo é automático, acham que com um clique a Terra degrada e pronto e esquecem-se que os materiais têm um tempo para se degradarem na Terra… Uma coisa é o preservativo ser feito a partir de materiais sustentáveis em que não temos que fazer mal à Terra para produzir um preservativo e termos uma empresa que comercializa preservativos sustentáveis… Mas que no final de ser usado, o preservativo não

é para ficar no chão, é para ir para o lixo! Outra coisa, completamente diferente, é termos um preservativo biodegradável vendido sob o pretexo que já pode ser deixado no chão da Terra de qualquer maneira, porque a Terra quando tiver tempo há de encarregar-se de o degradar… E enquanto o vai degradando lentamente eu tenho que estar num sítio idílico como no Caminho dos Mochos ou na Montanha Jupiter a ver preservativos no chão… E depois eu é que tenho que andar a apanhar os preservativos dos outros!»

«O quê? Há preservativos no Caminho dos Mochos e na Montanha Jupiter?» perguntou Joa.

«Não há, porque o Jaimezinho está sempre a apanhar os preservativos no dia a seguir…» disse Fred.

«Estou farto!!!» resmunguei, «Apetece mesmo dizer que há pessoas que deviam perder direitos de ir para a Natureza, deviam ser impedidas de entrar na Natureza, porque simplesmente não sabem estar na Natureza, não sabem que há regras para andar na Natureza, como não fazer lixo e não andar com o telefone, por exemplo. Andam com o telefone como mortos-vivos, ao mesmo tempo que metem cigarros na boca e vão a fumá-los que nem estúpidas chaminés radioativas, enquanto andam na Natureza sem a ver, porque estão metidos no telefone, e por isso, nem se percebe porque raio foram para a Natureza; e como nem eles percebem, atiram as pastilhas elásticas cheias de petróleo, as pontas dos cigarros cheias de radiação e as pontas de ganza cheias de esquizofrenia e depressão à Natureza, é só isso que sabem oferecer à Natureza; é dores de cabeça, doenças e depressões, porque deprimem a Natureza, fazem a Natureza ficar doente. É

um constante descarte de coisas, de relações e de sentimentos. Parece que as pessoas morreram todas, parecem todas zombies e eu odeio ver zombies na Natureza. Os zombies deviam era serem todos devolvidos ao mundo dos mortos e não interferirem com a nossa realidade que é química e física, e que por ser física e química não tolera, por exemplo, as radiações.».

«O Jaime faz muito lembrar-me uma amiga minha que é especialista em medicina do trabalho, mas que foi a fundadora da Medicina Integrativa…» contou Catharina, «Eu gosto muito dela, porque ela é, assim, muito das energias… *Tá* a ver Jaime?... É muito esóterica, mas sem ser esóterica… *Tá* a ver o tipo, Jaime?»

«Claro, tia…»

«Um amor… Ela fala das energias como se as visse, como se as sentisse, fala da radiação de uma maneira muito transparente, muito real. A Medicina Integrativa é uma medicina que consegue falar sobre tudo, que integra tudo, que fala da química dos isótopos e dos eletrões de valência de uma forma tão natural que consegue, por isso, ver os campos eletromagnéticos e como é que esses campos que emitem radiação afetam os organismos humanos. Mas depois, mesmo sendo médica, não fala só sobre os humanos, fala também sobre as árvores, eu gosto mesmo muito dela … Um amor! Porque, é claro, vê-se que ela é muito espiritual, mas ao mesmo tempo é real, ou seja, sabe falar das coisas espirituais da forma mais real, mais frontal, mais honesta… No fundo, o que eu acho é que tudo o que é químico e energético, mas não se consiga ver a olho nu, porque está fora do nosso espectro visível de cores, é espiritual, mas que não é por isso que não exista, porque com a ciência, sabemos que existe,

não é? E saber casar tudo isto com aquilo que nós vemos, eu acho que é muito bonito. E há traços no Jaime, que me fazem muito lembrar dela. Ela diz que nós devemos abraçar as árvores. Ela defende que uma forma de nos libertarmos da radiação a que estamos constantemente expostos é abraçarmos uma árvore, porque as árvores são ótimas condutoras de eletricidade e que ao abraçarmo-las, elas absorvem a nossa energia…»

«Aposto que o Jaime gostando de árvores e defendendo as árvores, não as abraça, ou abraça-as?» provocou-me Albert.

«Não as abraço, tio… Muito sinceramente acho que o que elas menos querem é ter que levar com os nosso espírito tecnológico, com as nossas tecnologias, com as nossas energias tecnológicas, com as nossas radiações. Mas eu até as podia abraçar, porque não sou radioativo… Mas, acho muito mal que as pessoas radioativas andem a abraçar-se às árvores, ainda por cima com os telefones nas mãos… Às vezes, não sei se é uma hipocrisia ou uma maldade. Às tantas, há maus a abraçarem-se aos bons só para transferirem as más energias para os bons que sabem que têm boas energias. Só para passarem a má energia e receberem em troca boas energias. Só para passar a energia maligna, a energia que dá cancro, a energia radioativa, a radiação. Temos pessoas a abraçarem árvores só para se libertarem da radiação. As árvores estão conectadas à Terra, são antenas do campo eletromagnético da Terra, funcionam como uma tomada-Terra. Absorvem toda a energia.»

«Pois… A minha amiga diz exatamente isso… E por isso, é que ela diz para nos abraçarmos às árvores… E também

recomenda que nós tenhamos aloé vera em casa, porque diz que o aloé vera absorve muito bem as radiações…»

«Tenho pena do alóe vera que está em casa de pessoas super-tecnológicas que tenham mil e um aparelhos super-tecnológicos todos ligados à Internet das Coisas numa descomunal e permanente emissão de radiação… Deve ser um aloé vera super-tecnológico… Um aloé vero cheio de radiação… Eu cá não tocava nesse alóe vera…» disse.

«E diz que devemos desligar o Wi-Fi quando não o estamos a utilizar e que devemos evitar ao máximo falar ao telefone com ele encostado à cara…» disse Catharina.

«Com ele colado ao cérebro, portanto… Mas sabe qual é que é o mal dessa informação, tia? Se me permite?»

«Claro, Jaime…»

«É que quando as pessoas ouvem esse tipo de informação, que para elas é novo, elas vão, então, a correr fazer videochamadas achando que é muito mais seguro, quando não é. Porque para estarem a fazer videochamadas estão a emitir mais radiação, porque têm que estar ligados à Internet, para além de que estão a permitir que as suas conversas sejam gravadas e processadas pelas aplicações que usam. E se não fizerem videochamada, porque acordaram para o mercado dos dados e estão lúcidos sobre o assunto, vão a correr comprar headphones sem fios que têm que estar conectados por Bluetooth ou wireless e lá andam sempre a emitir ondas para o cérebro. É que quando se inventou o Bluetooth, o Bluetooth era para conectar dispositivos, mais ou menos perto uns dos outros em que em

princípio não ia fazer mal à saúde. A tecnologia existe e nós devemos ser inteligentes para aproveitar a tecnologia. Temos um carro, queremos ouvir a nossa música, ligamos o nosso telefone por Bluetooth ao nosso carro e deixamos o telefone quietinho, longe de nós. O telefone está ali a emitar ondas, mas elas em princípio não nos atingem. Agora termos o Bluetooth seja do telefone ou de um auricular ou de um headphone ligado, ali colado ao cérebro? O telefone colado ao cérebro e colado aos testículos já altera todo o DNA, já faz erros no DNA, quanto mais com o Bluetooh ligado… Eu acho que isto é tão fácil ver… Eu quando vejo as pessoas com os brolocos enfiados nos ouvidos a piscarem luzinhas, eu só imagino o processo danoso que ali vai… Parece que estou a ver a tecnologia a matar neurónios, a apagar memórias, a destruir células em tempo real… Eu só de falar às vezes uns minutos ao telefone já fico cheio de dores de cabeça, não percebo como é que as pessoas passam horas ao telefone, com os telefones colados aos cérebros…»

«O Jaime tem hipersensibilidade eletromagnética. Já está! Acabei de desvendar o seu caso! Já diagnostiquei a sua síndrome… A OMS vem definir a hipersensibilidade eletromagnética, como uma síndrome que pode explicar uma série de sinais que não são explicados por nenhuma outra patologia e que são coisas em específico que podem ser explicadas devido à exposição dos campos eletromagnéticos, como sintomas ao nível da pele, dor de cabeça, fadiga, alteração das horas de sono…»

«Jaime, tu costumas apanhar os preservativos dos outros do chão só na Montanha Jupiter e no Caminho dos Mochos ou também noutros sítios?» perguntou Joa.

«Oh, puto!?... Mas que raio de pergunta é essa? Queres contratar o Jaime para ele também apanhar os teus preservativos?» troçou Maths.

«Em todo o lado, claro! Mas não apanho só os preservativos dos outros do chão, Joa. Apanho também caricas, as garrafas de cerveja, as beatas radioativas, as pontas das ganzas… Desde que encontre o lixo num jardim, numa mata, numa montanha ou numa praia. Na cidade não ando a apanhar lixo, não é?» respondi.

«E se encontrares preservativos num jardim que está dentro da cidade?» perguntou Joa.

«Apanho, claro.»

«Que nojo!!!!» exclamou Joa.

«"Que nojo" é ver-se e deixar-se aquilo assim num jardim… Um casal ou uns putos que se acabaram de conhecer no Grindr e foram para o jardim à noite e não estava ninguém e "acabou por acontecer"… Acontece… Todos sabemos que "não se pode praticar atos sexuais" nem nos jardins, nem nas praias… Mas numa praia deserta…? Num jardim onde não há ninguém…? Pode acontecer… Acontece… Sejamos realistas! Se me perguntarem se tem algum mal, eu sem abrir o Código Penal, não vejo mal nenhum, somos humanos… Não vou dizer que é normal… Mas se acontecer, não é anormal… Quantos casais de namorados já o fizeram? Se não há ninguém e é possível controlar-se o portão da entrada com os olhos e não há mais nenhuma outra entrada e não há chance nenhuma de se ser apanhado, a prática amorosa não vai acionar nenhum dispositivo

legal do Código Penal… Acontece, aconteceu, não vale a pena sermos hipócritas… Agora, não se pode é deixar vestígios nenhuns nem da prática amorosa nem da prática sexual. Se dois putos tiveram uma relação sexual "ao ar livre" e usaram preservativo não podem deixar lá o preservativo. Têm que agarrar no preservativo e pô-lo no lixo. Até porque é uma forma de protegerem o sítio onde estiveram. Se "arranjaram" um spot para "dar uns beijinhos e tal" é bom que protejam o spot e não o denunciem com preservativos, porque a câmara municipal pode logo resolver isso com uma patrulha da PSP ou com a instalação de uma câmara de vigilância num sítio que não era vigiado. E é assim que mais um spot "vai à vida"… Até já apanhei numa manhã três preservativos no Jardim das Portas do Sol, mais ou menos perto uns dos outros, um estava no último torreão da muralha, e os outros dois perto do torreão, mas em baixo, e estavam cheios de formigas "que investigavam" a quem pertencia o esperma. Hoje, ir para lá à noite dar uns beijinhos com o namorado é um sítio perfeito, mas amanhã com uma câmara de vigilância deixa de o ser. E nós às vezes, até podemos ser polvos e com os nossos tentáculos tentarmos penetrar o corpo de um presidente da câmara e possuir-lhe o espírito, vestir a mesma pele que ele. Um presidente de uma câmara municipal até pode ficar a saber que um determinado jardim da sua cidade está a ser assaltado por putos que vão "lá para o fundo" com as suas namoradas "dar uns beijinhos". E o presidente perante isto, pode não fazer nada. Porque o presidente também pode ser um polvo e lembrar-se que já foi puto e que aqueles assaltos à noite aos jardins com as namoradas eram assaltos perfeitos, quase assaltos que deviam ser protegidos por um Direito Consuetudinário, por um Costume… Mas, se calhar, se começarem a aparecer

preservativos no jardim, eu como presidente, vou ter que fazer alguma coisa… Ou mandar fechar os portões à noite e instalar alarmes ou pedir à PSP que faça patrulhas lá à noite… Porque eu não posso ter preservativos a aparecerem de manhã… Eu não tenho que ir a um jardim passear de manhã e ver preservativos. As pessoas não se podem esquecer que estão numa sociedade de informação. Qualquer pessoa que veja isto, é claro que vai armar um escândalo e até vai querer saber quem é que fez aquela "pouca vergonha". Porque é uma "pouca vergonha" tanto para a Natureza como para a Sociedade descartar um preservativo para a Natureza onde há Natureza e onda passa a Sociedade. A minha vontade para estes casos, era termos um Banco Nacional de Dados de DNA em que eu chamava a polícia e a polícia levava isto ao banco e descobria-se logo de quem é que era o preservativo e a pessoa pagava uma multa! Só que isto sou eu a pensar alto, porque obviamente que não é por estes casos que eu me torno a favor de um banco de dados de perfis genéticos nas mãos da Administração Pública. Seria a favor se estivéssemos em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi em que o poder é tomado por uma classe científica que existe para possibilitar e aumentar a felicidade e a esperança de vida de todos. Mas enquanto o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi não chega à Terra, vou sendo, pelo menos, a favor de que quem mata, espanca ou viola seja imediatamente inserido nos bancos de dados internacionais que existem, não me opondo à coleta de sangue, cabelos, unhas e pele dos criminosos, não vendo que isso atente contra a dignidade humana do criminoso, porque simplesmente o criminoso, para mim, perdeu toda a dignidade humana e a maior parte dos direitos que revestem a dignidade humana. Em Portugal, não temos ainda um Banco Nacional de Dados de DNA obrigatório, mas temos uma espécie

de banco de dados biométricos com todas as impressões digitais. Então, para estes casos, era muito fácil saber de quem era o preservativo ou a ponta do cigarro ou da ganza. Era só chamar a polícia e a polícia aceder ao banco de impressões digitais e num segundo cruzar os dados e multar o dono do lixo.»

«Como é que apanhaste os 3 preservativos nas Portas do Sol?» perguntou Joa.

«Com as folhas caídas dos plátanos. Isto foi no outono. As Portas do Sol ficam lindas no outono, cobertas com um manto de folhas dos plátanos.» respondi.

«Eu imagino a festa que deve ter sido nessa noite…» riu-se muito Maths.

«Eu tinha estado lá na noite anterior com o Afonso Côrte-Real. Vimos um grupo de 6 pessoas a irem lá para o fundo, para o último torreão das muralhas. Vimos a cara deles todos. Nós conhecíamos 3 deles. As pessoas esquecem-se que estamos numa sociedade de informação. E agora numa estúpida sociedade de informação tecnológica são as próprias pessoas que se auto-denunciam. Num percurso meu que gosto muito de fazer, costumo muitas vezes passar pela Fonte das Figueiras. Se descermos por baixo das muralhas das Portas do Sol, pela Porta de Santiago, que é atravessada por imensos peregrinos do caminho de Santiago, descermos até à ponte encarnada que vai para Almeirim e subirmos pela estrada principal às curvas que devia ser completamente fechada aos carros e que esteve muito tempo fechada, mas depois voltou infelizmente a abrir, vamos dar à Fonte das Figueiras. Ou então, se descermos pela calçada da Atamarma e subirmos depois pela estrada principal das curvas,

também vamos dar à Fonte das Figueiras. Se eu fosse camarário mandava fechar outra vez a estrada das curvas e fazia dela uma grande *promenade* com banquinhos e binóculos e reabilitava o espaço à volta da Fonte das Figueiras, porque merecia mesmo ser reabilitado! Na estrada das curvas há pelo menos 3 prédios abandonados. Podiam ser restaurantes, bares ou discotecas. Como podiam também ser restaurantes, bares e discotecas os prédios feios em frente à estação de comboios. E termos uma estação de teleférico na estação das águas ao lado do Miradoiro do Liceu Sá da Bandeira que ligasse a cidade aos comboios, que ligasse Santarém a Lisboa, que ligasse Santarém a Madrid… Lembro-me tão bem do comboio que vinha de Madrid e que parava em Santarém antes de Lisboa! Santarém está mais do que pronta para ser internacional! Vejo centenas de Concursos Públicos Internacionais a serem lançados pela Câmara Municipal de Santarém. Há um relvado espetacular em frente ao Convento de Santa Clara que se debruça sobre a Fonte das Figueiras e que num caminho de rappel e de perfumadas rosas nos leva à Fonte das Figueiras. Em Londres, o relvado da Catedral de Saint Paul está sempre cheio. Vejo os ingleses a visitarem a nossa Santarém e os nossos conventos e a deliciarem-se ao sol nos nossos relvados e vejo os escalabitanos a verem isto com olhos de estrangeiro, a serem eles próprios estrangeiros. Vi no Saint James Park espreguiçadeiras nos jardins, como nós temos nas nossas praias. As câmaras podiam começar a concessionar alguns metros de relva aos privados que quisessem alugar espreguiçadeiras e quisessem montar um quiosque de bebidas. O convento de Santa Clara parece que está abandonado, sempre fechado, com um relvado a crescer sem cuidado nenhum e com umas lindas tílias-prateadas que olham para isto e esperam por mais vida! Sempre

que passo pelo convento de Santa Clara vejo suecos, ingleses, holandeses, alemães divertidos a darem vida ao convento. Porque depois é um terreno enorme com um poço e tudo atrás do convento que dava um espaço para se fazerem grandes concertos como se fazem na Trafalgar Square ou na Russel Square. Também temos uma "trafalgar", temos a "trafalgar" Sá da Bandeira onde podemos ter sempre concertos a dar. E é também o Convento de São Francisco, no Jardim da República, sempre fechado que só abre para receber a feira medieval, quando essa feira com fogo, arte e espetáculo devia dar o ano inteiro como uma espécie de Camden Town e ser um marco internacional. Mas que fosse uma feira medieval sem mochos, falcões e águias presas. O Convento de São Francisco é lindo, tem um jardim protegido por um claustro quadrangular de dois pisos que é corrido por uma arcaria ogival com capitéis decorados com ornatos vegetalistas. O incêndio de 1940 degradou o convento, mas já estamos em 2020. Já se passaram 80 anos e nenhum poder camarário ainda pôs as mãos no convento para apagar este fogo? Que se lançasse um concurso público para um privado interessado reabilitar os jardins e palcos do convento e instalar ou transformar a monstruosa capela uma zona termal com piscinas. Porque eu vejo termas dentro do Convento de São Francisco. Vejo Santarém como uma zona termal. Vejo uma placa azul a chegar a Santarém a dizer que Santarém é uma cidade de termas.»

«O Jaime tem um livro que se chama "As Grandes Obras de Santarém" com a descrição de todas as obras que mandava fazer e com a oferta dos novos serviços, cultura e entretenimento que lançaria nos seus concursos públicos se fosse presidente da câmara... Em Santarém, o Jaime vê 9 termas.» contou Fred.

«E vai candidatar-se à presidência da câmara, Jaime? Gostava de mergulhar a minha reforma no seu complexo turismo termal.» perguntou Albert.

«Não, tio.»

«Então para que é que escreveste "As Grandes Obras de Santarém"? Para as tuas obras ficarem mortas no papel?» perguntou Maths, «Elas têm que ganhar vida!».

«E ganharão! Eu quero é concorrer às minhas ideias. Para concorrer aos concursos, não posso ser eu a lançá-los. Eu só quero dar ideias de concursos, para ver os concursos a serem lançados e para eu poder concorrer.» disse.

«E se perderes?» perguntou Joa.

«Não faz mal. Ao menos, as minhas ideias serviram para alguma coisa. Ao menos ganharam vida! Fizeram obra. Há uma história muito antiga em Santarém. O Convento de São Francisco instalava os franciscanos, uma ordem religiosa masculina, e a menos de 500 metros o Convento de Santa Clara instalava as clarissas, uma ordem religiosa feminina de freiras que viviam dentro da clausura e na contemplação do ideal da pobreza evangélica. Na sua contemplação evangélica, as clarissas também contemplavam os franciscanos. E nessa contemplação construiu-se um túnel secreto que ligava por baixo os conventos, tendo sido descobertos ossadas de bebés e vestígios de preservativos feitos com tripa de porco. Eu cresci com esta história sem saber se era verdade ou mentira.»

«As boas histórias são as que se confundem no meio da verdade e da mentira. No meio da verdade há muita mentira que defende, preserva e suporta a verdade. Nós somos a mentira que suporta a verdade do Jaime.»

«O quê?»

«O quê?»

«O quê?»

«Quem é que disse o quê?»

«Quem é que perguntou quem é que disse o quê?»

«Albert! Liga as luzes!»

«Já todos percebemos que quem está a falar é a Catharina. Mas não sabemos quem é que disse o quê? Podemos viver numa mentira e acreditarmos que quem disse o quê foi quem disse que disse que disse o quê…»

«Albert! Já ninguém está a perceber o que estás a dizer… Deves pensar que estamos numa das tuas lojas maçónicas e que percebemos o teu Código Maçónico…»

«Foi também no Convento de Santa Clara que nasceu uma deliciosa receita de um dos doces convencionais mais famosos de Santarém: os celestes. Os celestes e os pampilhos são a excelência da docetaria de Santarém. Espero ver, daqui para a frente, os celestes e os pampilhos confecionados com leite de soja ou amêndoa ou quinoa ou arroz ou aveia e com ovos de galinhas que vivem em liberdade, e não com galinhas criadas no solo, mas

presas ou presas num galinheiro com um espacinho ao ar livre, mas preso e apertado. É verdade que os pampilhos são populares em todo o Portugal, mas são uma porcaria! Quem quer comer um verdadeiro pampilho tem que ir a Santarém. Só uma vez comi em Lisboa, num dos cafés juntos à estação de Santa Apolónia, um pampilho que tinha o sabor e massa de Santarém e fiquei tão intrigado que tive que perguntar de onde eram os pampilhos…»

«E eram de Santarém…?»

«Sio, tio. Eram de Santarém.»

«Eu não sei o que é um pampilho. Nunca comi um pampilho. Nunca me trouxeste pampilhos de Santarém, Jaime.» resmungou Joa.

«Sim, Jaime! É verdade! O Jaime nunca nos trouxe pampilhos da sua amada Santarém… Só lhe ficava era bem…»

«Tio… Estou a ficar envergonhado! Têm razão!»

«Ah, pois temos, Jaime! Da próxima vez, promete-nos que nos traz pampilhos!»

«Prometo, tio. Prometo que trago pampilhos e celestes. Os pampilhos são bolos muito bonitos, compridos com um recheio de ovos-moles e um travo a canela. Foram confecionados em homenagem aos campinos do Ribatejo que usam uma vara comprida para conduzir o gado, a que se dá exatamente o nome de pampilho.»

«E consegue descrever o traje do campino?» provocou-me Albert.

«Os campinos vestem-se de uma forma muito característica com o seu barrete verde com orla e barra em encarnado, camisa branca, colete encarnado, uma faixa encarnada que usam na cintura, uma jaqueta sobre o ombro esquerdo, o bastão que se chama pampilho para conduzir o gado, calça azul, sapato preto com esporas e meias brancas até ao joelho…»

«Meias brancas até ao joelho??? Ui… Isso dá-me imensa tusa…»

«MATHIAS!» gritou Catharina.

«Mãe, estou a brincar… Acha que a meiazinha branca até ao joelho me excita?! Aposto que deve excitar é ao Joa. Não te excita, puto?»

«MATHIAS!» gritou outra vez Catharina como um relâmpago.

«Não, não me excita.»

«JOACHIM! Não responda ao seu irmão… Quer que eu lhe tire a mesada? Não responda a perguntas de carácter… De carácter… Enfim… De carácter… Sensual…»

«Sensual, mãe?»

«Sim, Helena. De carácter sensual… Do que é que estão todos a rir?»

«Mãe, queria dizer de carácter sexual…»

«Sim, Helena. Foi o que eu disse.»

«Os celestes foram confecionados pelas monjas clarissas do Convento de Santa Clara numa receita à base de miolo de amêndoa, ovos e açúcar que foi mantida em segredo durante muitos anos. A receita foi disseminada pela Internet. A sociedade de informação tecnológica não sabe guardar segredos. Não sabe saborear sem o telefone. Não sabem saborear em segredo sem publicar. Têm que publicar tudo. Felizmente, a receita que está na Internet não é a original.» contei.

«Eu próprio tentei fazer "celestes" em casa com a receita que estava na Internet, o Jaime obrigou-me a fazer… Fez de mim pasteleiro…»

«Fred!... Eu não te obriguei…»

«Obrigaste-me sim, amor! Até fizeste chantagem. Disseste que caso eu não pusesse imediatamente as mãos na massa tu não me davas mais beijos durante 3 dias… Chantageaste-me com uma greve de beijos…»

«Fred!!! Que mentira! Os teus pais vão achar que é verdade… Sempre disse ao Fred que caso ele não conseguisse ter a especialidade que quer em Medicina, antes de ele pensar em mandar-me fazer as malas para emigrarmos, podia sempre ser primeiro pasteleiro. O Fred faz bolos e doces ótimos… E cozinha muito bem! ótimos… Disse-lhe que podíamos abrir uma pastelaria de bolos de fabrico próprio sem açúcar, sem lactose e sem glúten. O Fred seria pasteleiro e eu o gerente da pastelaria e seríamos muito felizes.»

«O Jaime ficou escandalizado quando viu a receita dos celestes na Internet… Parecia que era um dos herdeiros

legitimários da receita original e que ia ficar sem o negócio» contou Fred.

«A loja oficial dos legítimos herdeiros da receita original dos celestes fica no Caminho dos Mochos pela entrada dos pinheiros. À esquerda temos uma família de pinheiros e à direita 2 pinheiros. Depois desses 2 pinheiros vamos ter do lado direito uma longa fila de 11 pinheiros e 2 cipestres de Berg, em que um dos cipestres aparece antes do último pinheiro e o outro cipestre aparece à frente do 10º pinheiro da fila dos pinheiros.» contei.

«Baby… Esqueceste-te de 1 cipestre de Berg que aparece do lado esquerdo à frente do 6º pinheiro…»

«Sim, baby… Mas eu não estava a contar com esse…»

«Mas, porquê?»

«Baby, deixa estar… É por uma questão política…»

«Por uma questão política, baby?»

«Sim… Ele é de esquerda… Não gosto… Aparece à esquerda… Não gosto, baby…»

«Baby, és tão engraçado!»

«Com toda esta riqueza espanta-me que Santarém seja uma cidade-quase-fantasma. A Câmara Municipal de Santarém ao invés de andar em complôzinhos para instalar câmaras de vigilância em Santarém, como se Santarém fosse uma Londres, devia era estar empenhada em gastar o dinheiro na requalificação dos espaços. E se não há dinheiro, que "venda" Santarém, que

conceda a exploração a privados que querem investir na cidade de Santarém, que querem trazer Santarém para o mundo. Não é deixar Santarém a morrer como está a morrer a Fonte das Figueiras. A Fonte das Figueiras é a fonte mais emblemática de Portugal! Santarém é a capital do gótico. E a Fonte das Figueiras é um dos melhores exemplares da arquitetura gótica. A fonte é um alpendre quadrangular, com 3 arcos assentes em colunas com capitéis vegetalistas cobertas por abóbodas de cruzaria, coroadas por lindos merlões pontiagudos dando à fonte um ar acastelado. A fonte está colada a um resto de muralha. A acastelada fonte defende uma bica de água que nasce na própria muralha e que verte a água para um tanque que faz transbordar a água para um outro tanque-piscina ao lado da fonte. Uma vez, nesse meu típico percurso pela Porta de Santiago até à Fonte das Figueiras, deparei-me com uma praxe universitária lá na fonte. Há umas escadinhas na estrada principal das curvas que fazem atalhar à fonte sem termos que descer pela Calçada das Figueiras. Enquanto descia lentamente as escadinhas a praxe abandonava a cena do crime. Foram uns criminosos. Era lixo por todo o lado. Era garrafas de cerveja, garrafas de vinho, pacotes de sangria, mil cigarros… Eu não sabia o nome de nenhum deles, porque eles eram estudantes da Escola de Gestão de Santarém e eu não conhecia ninguém da escola. Assim que cheguei perto do Tomás, nesse mesmo dia, contei-lhe que tinha ido até à Fonte das Figueiras, sem lhe falar do lixo nem nada, porque na altura isso nem me veio à cabeça… E ele disse-me logo que tinha visto uma fotografia de colegas dele que tinham publicado a praxe no Instagram… Numa praxe tecnológica que sabemos que cometeu crime, conseguimos logo identificar através do reconhecimento facial os criminosos. Pedi ao Tomás para enviar uma mensagem

para um deles a dizer que caso não fossem limpar todo o lixo que tinham feito na fonte eu levava os nomes deles à polícia. *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto foram logo limpar o lixo. Eu não ia apanhar o lixo deles, se afinal tinha a identificação deles. Nós é que somos as câmaras. Não precisamos de câmaras de vigilância. As câmaras de vigilância não falam. Mas nós falamos e sabemos como falar. Devemos saber como falar. E podemos repetir sempre o nosso tom. Podemos repetir as vezes que quisermos os nossos discursos, os nossos algoritmos. Nós é que somos os robots. Não precisamos de ter robots em cima de nós. É assim que se resolvem as coisas numa atual sociedade de informação tecnológica: "olha, eu vi-vos e sei que fizeram lixo, aquilo é património mundial, por isso, se faz favor, vão lá apanhar o lixo que fizeram".» disse.

«A Fonte das Figueiras é património mundial, Jaime?» perguntou Albert.

«Não, tio. Foi classificado Monumento Nacional em 1910. O Convento de São Francisco e o Convento de Santa Clara também foram classificados como Monumento Nacional. Mas disse-lhes que era património mundial para os obrigar a irem ver a história, já que são tão tecnológicos e têm a Internet ao alcance de 1 segundo, que fossem ver se era património mundial ou nacional. E nunca se sabe se no futuro possa vir a ser considerada património mundial da UNESCO… Fica já, aqui, a sua candidatura feita. Quando chegamos à fonte, há um lanço de escadas que nos convidam a descer naquele barulho típico tão bom de água a correr. Desse lanço de escadas eu, o Afonso Côrte-Real e o Tomás Ducado já fizemos dele, muitas vezes, o nosso palco de cantigas e teatros. Só de imaginar câmaras de

vigilância nestes recantos fico logo stressado. Onde é que com câmaras nós teríamos cantado e expressado tão bem? Quando temos tanto para expressar, nós não queremos câmaras apontadas a nós, porque as câmaras limitam a nossa expressão! Violam a nossa liberdade de movimentos! Por estarmos a ser filmados e por estarmos a ser vistos em tempo real por uma esquadra que devia era estar a patrulhar e não agarrada aos écrans, nós deixamos de ser felizes nos sítios que nos convidavam à felicidade. Ali na Fonte das Figueiras também há muitos preservativos, foi conhecida durante muito tempo pelos nossos avós como sítio de putedo e drogados. Mas não é com câmaras que se resolve o putedo e a droga. É com patrulhas. É com reabilitações dos espaços. Não sou a favor que na Fonte das Figueiras se coloque iluminação, porque há lá pirilampos. Há lá um candeeiro. Quando o candeeiro estava com a luz ligada, não se viam lá pirilampos. Mas o candeeiro foi desligado e apareceram pirilampos. Isto é um indicador muito importante. Um indicador que há sítios à noite que devem permanecer escuros para garantirmos a sobrevivência dos pirilampos, porque as nossas luzes impedem a sua reprodução, porque interferem com a sua bioluminuscência. Onde há pirilampos não podem haver candeeiros. Porque os candeeiros encandeiam os pirilampos. E Santarém está cheia de pirilampos. Há pirilampos na Montanha Jupiter, há pirilampos no Caminho dos Mochos…»

«Também há pirilampos no caminho da Porta de Santiago. Eu adoro esse caminho. De dia é lindo! Mas de noite também é lindo, porque o caminho fica super perfumado com as capuchinas que só se conseguem ver de dia. E no Caminho das Capuchinas, quando estamos a descer em direção ao rio Tejo,

logo a seguir às capuchinas há umas monstruosas árvores que parecem monges vestidas cheias de folhas, parecem arbustos gigantes e à noite são assustadoramente lindas. Ou seja, tem que se fazer o caminho de dia e de noite.» disse Fred.

«És tão lindo, Fred!» exclamei.

«As capuchinas são aquelas flores amarelas e cor de laranja que sabem a agrião?» perguntou Helena.

«Sim. Elas realmente são comestíveis, mas eu não lhes acho sabor nenhum. Ficam mais bonitas no caminho a perfumá-lo.» respondi.

«E também havia capuchinas no Caminho dos Mochos, não havia Jaime?» perguntou Fred.

«Sim, havia» respondi, «Mas foram arrancadas.».

«Quando trocámos os nossos mochos no Jardim dos Mochos, ainda havia capuchinas no Caminho dos Mochos…»

«Ahhhhh!!!!!!» gritaram Albert, Catharina, Helena, Joa e Maths.

«Afinal chama-se Jardim dos Mochos, porque vocês trocaram lá os vossos mochos…» constatou Maths.

«Então, o caminho não tinha nome…» defendi-me.

«E provavelmente chama-se Caminho dos Mochos, porque é o caminho que vai dar ao Jardim dos Mochos, não é Jaime?»

«Sim, Helena…» respondi.

«Quero saber a história dos mochos!» exclamou Catharina.

«Contem!!» ordenou Joa.

«Ah!... Mas para contarmos tinham que fazer connosco o Caminho dos Mochos… Só vale contar, quando fizerem connosco o Caminho dos Mochos…» disse.

«Então, mas fazemos agora convosco…» disse Albert.

«Como?» perguntei.

«Ora, o Jaime é muito bom a colocar-nos óculos de realidade virtual aumentada. É só descrever o Caminho dos Mochos até ao Jardim dos Mochos e assim fazemos o caminho convosco…» sugeriu Albert.

«Ah!... Não sei descrever o Caminho dos Mochos… O Caminho dos Mochos é bonito demais para caber numa descrição minha. Eu não sei descrever caminhos. Há caminhos que simplesmente merecem ser caminhados. Não consigo descrevê-lo.» respondi.

«Consegue sim, Jaime!» insistiu.

«Estamos à espera!!» gritou Maths.

«Então, Jaime?» pressionou Catharina.

«Não pressionem o Jaime. Jaime, sem te querer pressionar… Quando quiseres, podemos entrar no vosso

Caminho dos Mochos… Mas tens é que nos guiar…» disse Helena.

«Fred, vamos entrar com os teus pais e irmãos por que lado?»

«Não sei, amor… Eu gosto de entrar pelos dois lados…» respondeu Fred.

«Vamos entrar, então, pelo lado dos carvalhos robles.» disse.

«O Jaime parece que está a vender Santarém…»

«É a terra que eu tenho, tio… Como diria o Xico Castelão… "Foi a terra que me viu nascer"…»

«Sabe para que é usada a madeira do carvalho?»

«Sei, tio. Para mobílias e para as pipas de vinho. Mas só quando os carvalhos robles do Caminho dos Mochos morrerem naturalmente é que a sua madeira poderá ser usada para pipas ou mobílias. Bem-vindo, tio, ao meu capitalismo esverdeado, sustentável e inteligente dos recursos.»

«Eu não disse que o Jaime parecia que estava a vender Santarém? A madeira verdadeiramente sustentável desses seus carvalhos robles vão agora custar uma pipa de massa. Muito inteligente esse seu capitalismo.»

«O Caminho dos Mochos tem atualmente 14 carvalhos robles. Gostava de plantar mais carvalhos no Caminhos do Mochos.»

«Pode ser que a 1ª Plantação de Árvores da Jupiter Editions seja no Caminho dos Mochos…»

«Pode ser, tio. Descemos a Rua Casal do Provedor e assim que passamos a primeira casa com uma torre, viramos à direita numa estradinha: eis o Caminho dos Mochos. Do nosso lado esquerdo cumprimentam-nos 4 carvalhos e do lado direito 2 cipestres de berg. Entre os primeiros dois carvalhos há um pinheirinho a crescer, que foi ali plantando. Entre os dois cipestres há uma catapúcua-do-inferno.»

«Ah! Que lindo arbusto maldito!» exclamou Albert.

«Albert… Que arbusto é esse?» perguntou Catharina, «Não conheço…».

«Conheces, mas é por outro nome: figueira-do-inferno».

«Não conheço, Albert…»

«Conheces, a tua mãe tinha estas árvores-arbustos no jardim dela… Fazia delas grandes biblots-vivos e sem as mamonas se aperceberem…»

«Ah! Mamona!!! Sim, mamona, conheço! Não sabia que tinha outros nomes do diabo…» exclamou Catharina interrompendo Albert.

«A tua mãe roubava as sementes das mamonas sem lhes pedir qualquer autorização…» continuou Albert, «Para extrair delas aquele milagroso óleo de rícino… Porque foi preciso um verdadeiro milagre para esconder aquelas medonhas estrias e tornar bonitos os feios e espigados cabelos dela. Aquele cabelo

dela esgrouviado… Lá ia ficando menos esgrouviado por causa das mamonas. Lá ia ganhando alguma classe… As mamonas davam-lhe uma certa classe… Mas ela chateou-se com as mamonas e aquele cabelinho dela perdeu toda a classe. Agora é careca. Usa uma peruca, Jaime. Está a ver? Não podemos fazer mal às mamonas. Senão ficamos carecas como a mãe da Catharina.».

Eu olhei para o Maths e vi o Maths a pôr a mão à frente da boca para esconder o riso, mas ouvi o riso dele a sair de dentro e não consegui conter o meu riso. Eu não sabia se podia rir, mas ri-me, acompanhando o riso do Maths. O Fred também se riu connosco. Agora, sabia que estava bem acompanhado. Catharina, parece que simplesmente ignorou e deixou aquilo passar. Fiquei curioso. Porque estava à espera de ouvir um "ALBERT!". Parece que senti falta desse "ALBERT!".

«Eu nunca vi as mamonas da avó…» disse tristemente Joa.

Rimo-nos todos perdidamente, menos Joa que ficou perdido na nossa risada sem perceber o trocadilho que tinha, sem querer, feito com as "mamonas" da avó.

«Pois, você nunca viu "mamonas", pois não Joa?» perguntou Albert.

«Não, pai. Nunca vi mamonas.»

«Pois, você gosta mais é de…»

«ALBERT! Nem te atrevas!...»

«O que é, Catharina? Só ia dizer que o Joa gostava mais de car(v)alhos robles… Car(v)alhos robles o Joa conhece bem… Não é, meu filhinho? Sabe, Jaime… O Joa é muito inocente… Não percebe muito das piadas que o pai faz… Não é, meu filhinho?»

«Albert, sinceramente…» suspirou Catharina, desaprovando as gracinhas de Albert.

«Se tivesse reparado nas "mamonas", ligava mais às "mamonas" do que aos caralhos.»

«ALBERT!!!!!!!!»

«Ai! Eu disse caralhos? Desculpem-me pelo palavrão. Saiu-me. Queria dizer, carvalhos… Não era caralhos, era carvalhos… Claro que era carvalhos…»

«Às vezes, não sei quem é que é o pior. Se és tu ou o Mathias. Não sei quem é que incorpora quem. Mas tu às vezes pareces um puto. Pareces o Mathias, Albert. Já não tens idade para essas parvoíces… Sinceramente…»

«Já viu como é que a minha mulher me trata, Jaime? Não me deixa se quer falar em caralhos, não me deixa se quer pensar em caralhos… Deve ter medo que eu com esta idade, comece também a jogar noutro campeonato. O que é que é preciso fazer para ter conta no Grindr? Maths, tem que me ensinar a mexer nessa coisa que você usa, quero ver os "maduros" quem andam aqui nas redondezas da herdade…»

Albert piscou-me o olho e rimo-nos todos. Catharina também se ria, mas abanando sempre a cabeça.

«Aqui nas redondezas da herdade eu não tenho sorte nenhuma. É só *sugar daddys*. Tenho que fazer fake GPS para ver outras redondezas.» disse Maths.

«Fake GPS?» perguntou Albert.

«Sim. É uma aplicação que dá para "baixar" para o telefone e que abre um mapa em que podemos escolher onde queremos pôr o nosso GPS. E todas as aplicações instaladas no nosso telefone que têm permissão de acesso ao nosso GPS, vão ficar com os dados do GPS falso que nós queremos. Assim, se eu puser o GPS em San Francisco na aplicação do Fake GPS e abrir depois o Grindr, o Grindr "vai pensar" que eu estou em San Francisco e vai mostrar-me os gays todos que em San Francisco estão no Grindr…» explicou Maths.

«Mas como eram as mamonas da avó?» perguntou Joa.

«Fico muito mais descansado por o Joa estar mais interessado nas mamonas da avó…» disse Albert.

Rimo-nos todos.

«As mamonas da avó estavam todas descaídas… Iam do peito até ao chão… As folhas em forma de estrela verde-escuras com um encarnado que parecia pintado em lápis de cera por cima do verde conferiam-lhe logo uma cor muito tropical. Depois ostentavam os frutos que pareciam ouriços encarnados… Eram umas mamonas muito bonitas… E as mamonas desse vosso Caminho dos Mochos?» perguntou Albert.

«São muito bonitas, tio. Já só há dois exemplares… A outra mamona já está fora do Caminho dos Mochos, mas

conseguimos vê-la logo a seguir aos 4 carvalhos, mesmo encostada à primeira moradia…»

«Há moradias no Caminhos dos Mochos? Pensava que só havia árvores no Caminho dos Mochos.» disse Maths.

«O Caminho dos Mochos, atravessa um bando de moradias. Logo que entramos, "batemos" do lado direito com a parede do jardim de 2 moradias que faz de corredor, parece que estamos a atravessar um corredor no meio da Natureza e já temos logo uma vista de 9 moradias que caem pela colina do lado esquerdo…» tentei descrever, mas descrevi muito mal.

«Baby, mas estás a contar com as moradias que estão também do outro lado da colina, por cima da colina?»

«Não, baby… Não estou a contar com essas. Estou só a contar com as moradias que descem a Rua Casal do Provedor e que nós não descemos, porque entrámos à direita no Caminho dos Mochos.»

«E depois dessas duas moradias logo à entrada do Caminho dos Mochos, antes das outras 9 moradias que acompanham o desenho do Caminho dos Mochos, há um pequenino terreno com uma nespereira muito escondida…Está para ali abandonada… Parece que precisa de um dono…»

«E nessa vista que se deixa cair pela colina até lá a baixo, ao Caminho da Corujas, há também umas quantas oliveiras abandonas em três terrenos que parece que querem um dono…»

«Cada um desses terrenos vale agora 1 milhão… Vocês acabaram de os inflacionar… O voss'*O Algoritmo do Amor* parece que também mexe com o Direito Imobiliário…» disse Albert.

«Isso, é porque é possível vermos prédios, ao mesmo tempo que vemos árvores…» disse.

«Pois… Estou a ver que quer vender esses seus novos terrenos ao mesmo preço que quer ver vendidos os seus carvalhos robles…» atreveu-se Albert.

«Os meus carvalhos robles não estão à venda, tio…» disse.

«Quando eles morrerem, Jaime…» continuou atrevidamente Albert.

«Até lá, morremos todos nós primeiro… Os carvalhos podem viver entre 500 a 1000 anos…» disse.

«E eu que pensava que o Jaime queria um passaporte para a vida eterna…» disse Albert.

«E quero, tio.»

«Então, e acha que, pelo menos, não vai viver até aos 500 anos? Amanhã, a Medicina venderá o passaporte para a vida eterna por 500 moedas Jupiter…» disse Albert.

«Oh! Isso só em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi…» suspirou Catharina.

«E vamos todos descolar para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi!» exclamou Albert.

«Podemos descolar do aeródromo de Santarém. Estamos quase a chegar. Do Caminho dos Mochos conseguimos vê-lo, até temos uma varanda paisagística, que se debruça ali no meio das colinas, estamos no meio das colinas, do lado direito temos a colina de Andaluz… E que o Jaime já me mostrou como é bonito passearmos à noite no Caminho dos Mochos só com as luzes dos pirilampos, com a ponte Salgueiro Maia a piscar e com a luz cinematográfica amarela do candeeiro que se projeta da colina de Andaluz…»

«Sim… Espero que a Câmara Municipal de Santarém não se lembre de instalar candeeiros no Caminho dos Mochos, só porque é escuro e toda a gente agora se lembrou de passeá-lo, porque há lá pirilampos! E espero que saibam passear sem as luzes do telefone. Aquele caminho é giro para se fazer só com os nossos olhos, sem lanternas e luzes do telefone. Os pirilampos não gostam das nossas luzes. As nossas luzes encadeiam-os e matam-nos.»

«E se olharmos para cima, temos a colina que esconde o Jardim dos Idílicos, cheio de agaves… Ah! E na varanda paisagística em que se debruça o rio Tejo há uma figueira ali plantada escondida por uma oliveira que esconde um trilho até lá abaixo… Que vai dar ao rio Tejo… E o Jaime, uma vez roubou uma folha dessa figueira, escreveu nela uma carta de amor e eu ainda tenho intacta essa carta de amor…»

«Ohhhhh!!!!!!!! Que lindos!...» quase que cantou Helena.

«Eu não roubei folha nenhuma à figueira… A folha estava caída… Só lhe roubo os figos. A ela e à vizinha dela, que fica por cima e atrás de nós. Há lá outra figueira.»

«E em troca o que deste ao Jaime?» perguntou Joa.

«Eu troca, dei-lhe três músicas…»

«Três músicas? Jaime! Vá já roubar mais 3 folhas à figueira para o Fred oferecer-lhe um álbum…! Já vi que só as suas cartas de amor é que fazem despertar a música que há no Frederick… Saiu a mim, Jaime… Já tive uma banda…»

«A sério, tio?»

«Sim, como o Frederick… Só que eu era guitarrista... Não sei tocar piano nem cantar como o Frederick…»

«Jaime! Eu sei tocar bateria!» exclamou Joa, «Não canto tão bem como o meu irmão… Mas até canto, mais ou menos, não canto mãe?…».

«O Frederick e a Helena cantam muito bem…» respondeu Catharina.

«Eu também sei tocar piano, Jaime! Não é só o teu namorado… Olha só para estas minhas mãos de pianista? Diz lá que não gostas…»

«Gosto mais das do teu irmão, Maths!»

«O Frederick e a Helena são os que tocam melhor piano. Tocam os dois muito bem.» disse Catharina.

«A tia ainda dá aulas de piano, não dá?»

«Sim. A Jupiter Editions convidou-me para dar as aulas aos meus alunos no novo espaço que vai abrir. E também vou

poder vender lá os meus licores de rosa, de nespra, de diospiro… E não pago renda nenhuma e tudo o que eu vender é para mim. Os licores são meus, as aulas de piano são minhas. A Jupiter Editions olhou para mim e gostou da minha economia. Gostei muito da ideia. Um Member Reader poder ir ao club ler um livro ou beber café ao som das minhas aulas de piano… Livros, pianos, licores… Adorei! Podemos ver os livros da Jupiter Editions a serem imprimidos e a saírem quentes da fornalha, acabadinhos de fazer. E podemos agora ouvir uma das vossas músicas? O club da Jupiter Editions até vai ter um palco para transformar os seus livros em peças de teatro… Quem sabe… Eu possa falar com a Jupiter Editions e podem tocar lá no palco… Onde há teatro, há também música…»

«Mãe… O Jaime é um Member Writer da Jupiter Editions… Não é preciso a mãe falar com a Jupiter Editions, mas obrigado pela ideia…»

«Fred!!! Tia, muito obrigado…!»

«Nós ainda não registámos as minhas músicas, por isso não podemos cantá-las. Depois do Jaime lançar o livro e tivermos dinheiro para registar as nossas músicas, nós vamos cantá-las ao palco da Jupiter Editions.»

«Sim, e eu prometo escrever a letra das músicas no próximo romance. No próximo romance, as músicas já estarão registadas, e por isso, já poderei escrever as letras nos meus livros.»

«Isso não é justo! Vocês cantaram para a Helena, para a Sara e para o Afonso Côrte-Real.» ripostou Maths, «Porque é que não cantam também para nós?»

«Quando nós cantámos para eles, foi numa sala fechada, sem telefones, sem nenhum microfone ligado à Internet que pudesse processar eventualmente uma parte da letra, apanhar o ritmo, roubar-nos a música.» respondi.

«Mas aqui ninguém está com telefones… Qual é agora a vossa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrarri?»

«Queres mesmo saber, Maths?» perguntou Fred.

«Quero.»

«A nossa *Paranóide Tecnológica,* de Federico Ferrari, és tu, Maths!»

«Eu, Fred????»

«Sim, sim… Maths… Tu és um hacker muito perigoso!… Já nos hackeaste muita coisa do nosso namoro, não vamos deixar-te que hackeias as nossas músicas até elas estarem registadas…» respondi pelo Fred.

«Eu faço questão de pagar-vos o registo. Queremos todos ouvir-vos a cantar as músicas d'*O Algoritmo do Amor*. É que afinal, *O Algoritmo do Amor* até tem uma sinfonia! Queremos ouvi-la!» exclamou Albert.

«Ouvirá, tio. Depois de registarmos com o nosso dinheiro, ouvirá. É feita de pianos e tudo. O Fred compôs as

músicas no piano. E as letras são lindas! A primeira, que simboliza o nosso namoro, basicamente, diz tudo. O Fred é um compositor! É um artista! É um músico! É um apaixonado! Eu tenho muita sorte… Não são todos os namorados que podem dizer que o namorado escreveu uma música… E eu não tenho uma música… Tenho 3 músicas… O Fred compôs 3 músicas para mim!!!!!»

«E não são todos os namorados que podem dizer que o namorado escreveu um livro…» gabou-me Albert.

«Mas não podemos, ao menos, saber qual é o nome de uma das canções? Só o nome de uma… O nome da primeira…?» perguntou Catharina.

«3 da tarde.» respondi.

«Os teus olhos brilharam, Jaime!» disse Maths.

«Pois, brilharam!» exclamou Fred, «Tal e qual, como, quando fizemos as trocas dos mochos no Jardim dos Mochos, amor…»

«Contem lá, de uma vez por todas!!!» gritou Joa, «Como é que vamos parar ao Jardim dos Mochos…?! Que troca é essa que fizeram dos mochos?».

«O Fred quis saltar logo para a varanda do Caminho dos Mochos… Devia estar com pressa para saltar com a vista para o rio Tejo… O Jardim dos Mochos fica antes dessa varanda gigante paisagística que se abre no meio das outras colinas. Depois de passarmos aqueles 4 carvalhos robles, mais os cipestres e a mamona, vamos ter do lado direito uma família de pinheiros que

nos convida a sentarmos em cima a piquenicarmos em cima das suas raízes, passamos essa família e do lado esquerdo vamos ver um pinheiro, a seguir uma oliveira, 6 carvalhos robles, os carvalhos vão aparecer todos em fila uns a seguir aos outros, depois mais um cipestre e ao mesmo tempo começamos a ver por cima do lado esquerdo uma oliveiras no monte a subir e uma tocas de andorinhas das barreiras feitas nas barreiras. Depois desse cipestre, há mais duas oliveiras, também em fila e um outro cipestre a seguir à oliveira. E estamos no entrocamento do Caminho das Corujas. Se seguíssemos à esquerda e depois à direita por um trilho a descer, íamos entrar no Caminho das Corujas que ia dar ao Jardim das Corujas que brota mil *scarlet pimpernels* azúis, lindos gladíolos brancos, lilases *montain prides*, flores de orquídea com 3 dentes…»

«Esqueceste-te das estranhas *kidney vetch* cor-de-rosa…»

«Não me esqueci nada, Fred! Ainda ia dizer! Mas elas não são estranhas nem são cor-de-rosa. São lindas e encarnadas e também há no Jardim dos Mochos. O Jardim das Corujas fica por debaixo dos Jardim dos Mochos.»

«E esqueceste-te das brancas angelicas perfumadas…»

«Não me esqueci nada, Fred… Ainda ia dizer…»

«Mas esqueceste-te das *wild clarys*… Tão roxas…»

«Não me esqueci nada, Fred!»

«Sim… O Jaime ainda ia dizer essas, não ia, Jaime?»

«Ia, tio… E nós dizemos que são lilases, Fred! Não dizemos que são roxas… E se seguíssemos tudo até lá abaixo, pelo Caminho das Corujas, conseguíamos depois, a tomar a estrada de alcatrão que vai ao rio, subir pela montanha que se ergue à esquerda e que na encosta virada para o Jardim dos Mochos esconde o Jardim dos Idílicos. Há uma borracheira pequena que marca a entrada e saída do trilho que dá palco ao Jardim dos Idílicos. Mas nós não vamos pelo Caminho das Corujas. Simplesmente seguimos em frente e quando encontrarmos três carvalhos robles jovens, ainda muito jovens, a entrada faz-se pelo meio de dois deles. E estamos no Jardim dos Mochos. Foi aqui que eu pedi em namoro ao Fred. Ainda não tinha pedido… Era a minha vez de pedir. Eu trazia dois mochos feitos de pedra pintados de castanho. Disse ao Fred para escolher um. Ele escolheu o que era mais parecido com ele. Disse-me que um dos mochos tinha mais cara de mariquinhas e que esse era eu. Disse que eu tinha cara de mariquinhas nesse dia. E eu disse que quem ia ficar com o mocho com cara de mariquinhas era ele, porque íamos fazer a troca dos mochos. Eu ficava com o dele e ele ficava com o meu. Quando tivermos a nossa casa, juntamo-los e vamos dormir com eles, sempre de guarda, numa das nossas mesinhas de cabeceira.»

Ouviu-se um «tric, trac» que parecia uma janela que se ia partir.

«Pronto! Agora é que vamos todos ficar com uma grandessíssima *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Temos que aguentar esta, vá lá…» disse Albert.

«Sim… Isto foi só uma coincidência…» disse Catharina.

«Eu não estou a acreditar… Aquilo são dois mochos??????» perguntei.

«É o Ziggy e o Doby.» apresentou-me Joa.

«Joa, vá lá abrir a janela!» ordenou Catharina.

«Porque é que tenho que ir sempre eu?»

«Porque é o mais novo! E não responda…»

«O Jaime deve estar assustado, não? A achar que há para aqui alguma Internet das Coisas… Prometo que não chipei nenhum dos dois… Simplesmente parece que estamos conectados à Internet deles…»

«Não estou assustado, tio. Estou só a tentar gravar este momento tecnológico com o meu espírito tecnológico.»

«Pai… O Jaime não se assusta com isto…»

«Ah! Já lhe contou a verdade, foi? Que somos espíritos tecnológicos? Não tem medo da nossa espiritualidade, pois não Jaime?»

«O tio perguntou-me se eu não tinha medo da vossa espiritualidade… Mas queria perguntar-me da vossa espiritualidade ou da vossa tecnologia?»

«Jaime! Juro por tudo o que é mais sagrado que não chipámos os bichos! Não houve aqui truque nenhum… Não temos tecnologias nenhumas aqui… Os nossos telefones estão todos lá em cima… Não há aqui telefones, não há aqui botões… Não pode haver aqui nenhuma Internet de Coisas… Se há aqui alguma tecnologia, é a d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.»

«Talvez *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tenha chipado os mochos e nos tenha ouvido a falar dos mochos e os tenha enviado para nos assustar…» teorizou Catharina.

«Pois se nos ouviu a falar é porque também nos chipou…» deu Albert, asas à teoria de Catharina.

«Não é preciso *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos ter chipado, tio… Basta ter colocado um microfone aqui na vossa casa…»

«O quê? O Jaime não acredita que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos chipou os corações? Não acredita que temos os corações todos chipados? As mentes e os cérebros todos chipados? Não acredita que temos os corações ligados? Não acredita que temos as nossas mentes e os nossos cérebros conectados?»

«Conectados a quem, tio?»

«Ao "Além", Jaime…! Não acredita?»

Eu e o Fred olhámos um para o outro e fartámo-nos de rir. Eu sabia que Albert estava a ser teatral. E por isso, sabia que

me podia rir daquela maneira. Vi Albert a deixar fugir um sorriso da séria figura que agora encenava.

«Tio, desculpe-me estar a rir…»

«Não tem problema, Jaime. Pode rir-se à vontade… O riso é um mecanismo de defesa ao medo. Eu sei que toda esta espiritualidade o assusta… Se até a mim me assusta… A si também tem que o assustar de alguma forma…»

«Pai, não se meta com os espíritos do Jaime…»

«Porquê? Não posso brincar com os espíritos do Jaime?»

«Não brinque, pai!… Estou a avisá-lo…!»

«Mas, porquê? Não me diga que os espíritos que traz aí consigo são sérios demais e não sabem brincar, Jaime…? Não tem espíritos brincalhões dentro de si que querem brincar…?»

«Pai! Não brinque com os espíritos do Jaime, já lhe disse!»

«Mas porquê, Frederick? O que têm os espíritos do Jaime? Agora já não se pode brincar com os espíritos, querem ver?» foi perguntando retoricamente Albert, «Olhe o Ziggy trouxe uma sardanisca no bico… Deve querer que assemos a sardanisca. Eles às vezes vêm pedir-nos que grelhemos, fritemos os bichos que eles apanham… No outro dia, trouxeram uma cobra-rateira. E eu tive que a fritar. Eles ficaram todos satisfeitos. Agradeceram-me com um bom bocado da cobra que fizeram questão de deixar para nós… Ela era grandalhona. Medimos com uma régua e tudo. Media 23 centímetros.»

«Isso é quanto mede a minha pila.» disse Maths.

«MATHIAS! Isso já não é brincadeira nenhuma!»

«Mãe, só queria que o Jaime soubesse…»

«Obrigado, Mathias, mas estou bem com os 21 centímetros do teu irmão!»

«Até que enfim que lhe responde à letra, Jaime! É assim, mesmo! Lindo! Estás a ver, Catharina, como o Jaime já entrou para a família…? Mas eu disse 23 centímetros, mas queria era dizer 230 centímetros… A cobra media 230 centímetros…»

«Até parece que fizeste um complô de propósito com o Mathias… Porque estava mesmo a ver-se que desses 23 centímetros, o Mathias ia dar o azo que deu.»

«Mas fiquei curioso, Frederick… Porque é que disse para eu não me meter com os espíritos do Jaime? Parece que há aí uma história qualquer…»

«Posso contar, Jaime?»

«Não sei o que queres contar, Fred…»

«Aquela história dos paraplégicos…»

«Qual história?»

«Aquela história em que acordaste começaste a escrever sobre paraplégicos, foste até ao hotel…»

«Ah! Fred! Não quero que contes isso…»

«E no caminho do hotel apareceu-te uma senhora de cadeira de rodas no meio do parque de estacionamento, que ficou a olhar para ti a sorrir…»

«Fred… Não é para contares…»

«E depois quando chegaste ao hotel, sentaste-te, continuaste a escrever sobre paraplégicos e de repente aparece um senhor de cadeira de rodas à tua frente, que também passou a olhar para ti e a sorrir muito, como se soubesse o que tinhas escrito…»

«Fred… Podes parar?»

«E tu não paraste de escrever, já sentias que tinhas chips dentro das tuas mãos, disseste que parecia que tinhas vários chips dentro das tuas mãos e apareceu mais uma senhora de cadeira de rodas que também passou a olhar para ti e a sorrir muito…»

«Fred… Eu disse que isso não era para contares…»

«Eu sei baby… Desculpa… Mas parece que tinha mesmo que contar isto. Não consegui não contar, desculpa…»

«Isto é verdade, Jaime?» perguntou-me Albert.

«Sim, tio»

«E essa história espiritual…»

«Vai direitinha para a Jupiter Editions.» interrompi Albert.

«Bom… Talvez o Frederick tenha razão e talvez não seja muito boa ideia brincar com os espíritos que traz aí consigo…

Eles têm espírito de serem um pouco mais sérios que os meus… E não quero nada que os seus espíritos me interpretem mal… Eu estava só a brincar… Não é que esteja com medo… Mas… Mas, olhe… Sabia que o Ziggy e o Doby vieram da Mata dos Medos? Foram expulsos de lá… Porque são gays. Os mochos-galegos são monogâmicos. E estes dois andam sempre juntos… Nunca os vi com nenhuma Coruja do Mato ou com nenhuma Coruja das Torres… São gays! É a minha teoria. Quando comprámos o terreno, estes dois paneleiros tinham aqui uma toca. Por isso, construímos à volta da toca, como é lógico. Como é lógico e natural protegemos a toca deles. Fomos sempre deixando as janelas abertas… Eles foram entrando… Foram conhecendo-nos… Hoje são amigos de casa. Se as janelas estiverem abertas eles entram, mas avisam sempre que estão a entrar. Se as janelas estão fechadas eles batem no vidro, porque querem entrar. Devem ter sido expulsos de certeza, da Mata dos Medos… A Mata dos Medos é um local sagrado para os mochos nidificarem… Mas estes são como vocês os dois… Só querem é andar às bicadas um com o outro… E por isso, devem ter sido expulsos da Mata dos Medos… A minha teoria faz algum sentido… A Mata dos Medos é aqui esta mata à saída da herdade, que foi mandada plantar por D. João V de Portugal…»

Ouvimos um «buuuum».

«Ah!... Eu não acredito que o candeeiro acabou de cair! Isto andam aqui espíritos ou quê?»

«Talvez eu não devesse ter falado de D. João V de Portugal, Catharina… Será que foi o espírito de D. João V de Portugal?… Mas será que eu disse alguma mentira? Bom… Dantes, a Mata dos Medos chamava-se Pinhal do Rei, pronto… Como foi mandado plantar pelo rei… Ficou Pinhal do Rei… Talvez seja melhor dizer Pinhal do Rei… Talvez assim não caiam mais candeeiros. D. João V de Portugal era muito vaidoso…»

Ouvimos outro «buuuum».

«Para além de ser muito vaidoso, D. João V de Portugal era um louco!»

Ouvimos outro «buuuuuum».

«E louco é pouco!»

«Buuuuuuum»

«Vocês sabem que o D. João V de Portugal morreu com execesso de afrodisíacos? Ele era muito mulherengo…»

«Buuuuuuum»

«Albert…. Porque é que eu estou a ficar sem candeeiros? Para de falar mal do Rei, Albert!»

«Pai, porque é que disse que o D. João V de Portugal era louco? A minha professora de história simplesmente disse que ele era Magnânimo… Mas nunca disse que ele era louco…»

«Oh… Joachim! Magnânimo? Era um louco! E tinha a mania das grandezas! Tinha a mania que era um Deus Faraó do Egito, só pode para ter mandado erguer aquele saloio convento de Mafra que mobilizou milhares de homens do povo reduzidos à condição de escravos que perderam a vida e os que fugiam e eram apanhados eram castigados e tinham que trabalhar sem receber pagamento com grandes açoites. Mandou vir de Flandres os 2 maiores carrilhões do século XVIII existentes do mundo com 92 sinos… Foram mármores preciosos, madeiras exóticas, um convento horrível que não lembra a ninguém e que custou um balúrdio. A única coisa que fez de jeito foi ter mandado construir o Aqueduto das Águas Livres e o Palácio Pimenta para o Frederick ir namorar o nosso Jaimezinho debaixo da romanzeira do Jardim Bordallo Pinheiro…»

«Porque é que tens que contar tudo ao teu pai, Fred?» murmurei zangadíssimo.

«Amor, juro por tudo que não faço ideia como é que o meu pai sabe que nós vamos para lá! Talvez tenha lá amigos… Ele tem amigos em todo o lado…»

«Então, é uma seca namorar contigo!» continuei a murmurar zangado.

«Realmente ser rei é muito fácil… É só mandar! Mandar também eu sei! Meninos! Atenção! Isto que eu estou a fazer, não se faz… Não se pode gozar com os reis de meia-tigela»

«Buuuuuuum»

«Porque é que os candeeiros estão a cair?» perguntou inocentemente Joa.

«Porque o seu pai está a importunar sem legitimidade nenhuma o espírito de D. João V. Albert!!! Já chega! Isto parece sério! Espero que ele não tenha herdeiros, porque senão ainda vêm aí também mais espíritos por estarmos a ofender o Direito ao Bom Nome e à Memória de Pessoa Já Falecida… Não há assim um direito destes, Jaime?»

«Há sim, tia.»

«Realmente, nem pareço um monárquico a falar… Nem parece que tenho um sangue azul a correr-me nas veias… Ai!!! Se os meus amigos me ouvem a falar assim, desta maneira… Olhe! A culpa é sua, Jaime! Digo-lhe, já! É que o Jaime põe-nos à vontade, sabe…? Até na nossa própria casa… Faz caírem os candeeiros e tudo, veja lá…»

«Pois, por isso é que eu estou sempre a convidar o Jaime para o meu quarto… É só porque me sinto mesmo muito à vontade… Contigo, Jaime, parece que me posso pôr mais à vontade…»

Maths foi sutilmente colocando os seus pés descalços sobre o meu colo, por baixo da mesa.

«TIRA AS TUAS PATAS DE CIMA DO JAIME!»

«Ouvi dizer que achavas os meus pés perfeitos… Podes tocar-lhes…»

«EU NÃO ESTOU A BRINCAR! EU PARTO-TE TODO, MATHS! TIRA IMEDIATAMENTE OS PÉS DO COLO DO MEU NAMORADO!»

«Calma, puto! Que agressividade essa? Parece que sentiste o mesmo, não foi? O coração do Jaime a bater por mim… Sentiste as mãos do Jaime a quererem agarrarem-se para sempre aos meus pés, foi?»

«Eu vou partir-te a boca toda agora, se não te calas!»

«Mas o que é que está a acontecer?»

«Catharina, é melhor não nos metermos… É uma conversa de rapazes…»

«Puto, calma! Não precisas ficar nervoso… Não te vou roubar já o namorado… Só estava a brincar…»

«'Tavas o caralho!»

«FREDERICK VON DER MAASE!»

«O Maths abusa, mãe!»

«Sim, Catharina. O nosso Frederick tem toda a razão. O Mathias está a abusar…»

Albert piscou o olho a Mathias, piscando-me depois e Maths ao mesmo tempo que fez um ar de gozão irritante para o irmão consegui fazer para mim um ar de apaixonado inocente engatatão, acabando por sorrir-me no final

«Não voltas a pôr os pés, muito menos descalços, em cima do Jaime!»

«Está a ver Jaime? O que a sua presença espiritual faz a esta casa? Só faltava agora era mais um candeeiro cair…»

«Buuuum»

«Albert! Os candeeiros nunca caíram! Eu não sou parva nenhuma! Acreditei, sim, confesso até ao segundo candeeiro. No terceiro achei aqui uma Internet de Coisas! Esta tua brincadeira espiritual, de brincares com espíritos tecnológicos ligados por tecnologias espirituais foi um prejuízo!»

«Buuuuum»

«Albert, a sério! Só me apetece chorar! Isto é tudo culpa tua! Entras aqui em casa com os teus amigos lá da Grande Loja Soberana de Lisboa ou lá da Grande Loja Simbólica de Portugal ou lá da Aliança Maçónica Europeia ou lá da Grande Loja Nacional de Portugal ou lá da Grande Loja Tradicional ou lá do Grande Oriente Maçónico de Portugal ou lá do Grande Oriente Ibérico, que eu muito sinceramente já nem sei em que lojas e lojinhas é que tu andas, porque tu parece que andas em todas, e depois eles lá apetrechados com as novas tecnologias chipam-nos as coisas todas. De certeza, que isto é obra dos teus amiguinhos… Só pode! Em espíritos é que eu não vou acreditar e este candeeiro não caiu do nada! Eu vou mandar inspecionar ao milímetro todos estes candeeiros que caíram e se eu descubro alguma tecnologia neles, os teus amigos não entram mais cá em casa até me trazerem novos candeeiros iguaizinhos a todos os que caíram do mesmo preço!!!»

«Não metas nisto os meus amigos, Catharina… Pronto… Eu admito que fui eu… Chipei o candeeiro… E carreguei neste botão… Mas juro que com os mochos não tive nada que ver… Só queria testar a vossa sanidade mental e testar se vocês estavam ou não preparados para a nova Era da Internet das Coisas...»

«Albert!!!!!!! Eu não acredito nisto! Tu és mesmo um puto! És igual ao teu filho, Mathias! És igual ao Mathias, Albert! És pior que o Mathias, Albert! E de onde é que vêm essas novas tecnologias??? Vêm lá das lojas e das lojinhas onde andas com os teus amigos, não é? Sabes quanto é que me custou cada candeeiro? 2 mil e tal euros. Quantos é que caíram? Multiplica os

2 mil e tal que eu não me lembro se foi 2 mil e 100 ou 2 mil e 900…»

«Não… 2 mil e 900, Catharina??? Já estás a exagerar… Devem ter sido 2 mil e 100… Vá 2 mil e 200… Mas não mais do que isso!...»

«São candeeiros ecológicos feitos de materiais reciclados…»

«Ah!... Pronto… Então, porque é que estás tão preocupada?… É só mandar os candeeiros para a reciclagem… Ainda bem que compraste candeeiros sustentáveis de materiais sustentáveis para sustentarem a minha brincadeira tecnológica, que também é sustentável…»

«Para sustentar a tua estupidez, só se for, Albert! Estou mesmo irritada! Deves pensar que somos ricos!»

«Catharina… E somos! Olha à tua volta! Até temos uma casa de férias em Porto Santo…»

«Tínhamos! Já não temos, Albert! Tínhamos! Já não temos. Nós até "tivemos" que vender a casa de Porto Santo por 1 € ao Frederick… Por causa dos nossos credores… Sim, essa parte não contaste aos nossos filhos… Que vergonha! Tivemos que inventar um sorteio, tivemos que simular vendas, só para não perdermos para sempre as chaves para Porto Santo.»

«Catharina, porque vês as coisas dessa maneira? Os nossos filhos gostaram tanto do sorteio das casas que fizemos… Para os nossos filhos foi como estarem a lançar os dados sobre o tabuleiro do jogo do Monopólio… E fomos nós que comprámos

o jogo do Monopólio para eles… Não te lembras o quão mágico isso foi? De termos contornado o artigo 240º do Código Civil com uma pinta do caraças? Não podes agora tirar a magia das coisas do Direito. O Direito soube muito bem inventar-se.»

«O artigo 240º é o regime da simulação. Eu adoro o regime da simulação no Direito Civil. É um dos meus favoritos…» disse.

«Estás a ver, Catharina? Até temos aqui o nosso advogado perito na especialidade dos negócios jurídicos da simulação… Porque não contas a história da simulação aqui ao nosso advogado Jaime, Catharina, para ele ver que não há vícios nenhuns da vontade que façam ficarmos sem a casa de Porto Santo? Sabe, Jaime, a Catharina não acredita que a simulação é um negócio jurídico do Direito Civil…»

«Eu sei muito bem que é um negócio jurídico e por saber isso, é que tenho medo que os nossos credores nos tirem a casa de Porto Santo, porque o negócio simulado é nulo e a sua nulidade pode ser arguida por um credor.»

«Catharina, mas tu falas e vives como se nós tivéssemos credores reais… Os nossos credores são fictícios… Não passam disso! Não passam de uma fantasia. E por não passarem de uma fantasia nunca poderão invocar nulidade nenhuma. Podes perguntar ao Jaime! Pergunta-lhe! Jaime, a Catharina está muito preocupada porque geriu mal uma das "nossas" pequeninas empresas, enfim mulheres a governar empresas, já se sabe no que dá… A empresa era dela. Digo nossas, porque tudo o que é da Catharina é meu.»

«E tudo o que é teu, é meu Albert!»

«Sim, Catharina… A Catharina é muito possessiva, Jaime... Legalmente eu não era sócio nem tinha nada que ver com a empresa dela, por isso é que a empresa se deve ter endividado… A empresa endividou-se, abriu processo de falência e a Catharina para além de estar muito preocupada que as suas amigas saibam que ela não sabe gerir muito bem uma empresa, os credores estão a fazer uma coisa muito atrevida, estão a tentar fazer o levantamento da personalidade jurídica da pessoa coletiva, ou seja, estão a tentar dizer em tribunal que quem está por detrás da empresa é a Catharina e que ela como gerente tem que responder pelo endividamento… Enfim, o nosso advogado já nos disse para ficarmos descansados que não vão conseguir ir por aí… Eram 5 milhões que estavam em cima da mesa, a casa de Porto Santo tinha sido avaliada em 5 milhões… Os credores da Catharina sabiam que a casa de Porto Santo existia… Também sabiam que existiam outras casas… Então, resolvemos o assunto a brincar, porque sabíamos que este levantamento da personalidade jurídica só podia ser feito a brincar… Eu estava a brincar… A Catharina não teve culpa nenhuma. O mercado é que foi o culpado. A Catharina simplesmente pediu um empréstimo ao banco em nome da empresa para comprar um prédio com impressoras para imprimir roupas com micro-materiais feitos de material reciclado… A Catharina sempre se preocupou com os recursos… E a ideia do investimento era muito gira e tinha tudo para dar certo, porque parecia sustentavelmente chique. O prédio era um luxo, a loja era um luxo, a ideia era as pessoas irem à loja comprarem as roupas e os sapatos e poderem vê-los a serem imprimidos. Só que na altura isto não vendeu, porque ninguém

queria andar com roupas imprimidas, muito menos feita de materiais reciclados. Hoje, é precisamente o contrário. Toda a gente quer andar com roupas imprimidas com micro materiais que são feitos a partir de materiais reciclados… O mercado deu uma volta de 360º. Só que a Catharina deu primeiro a volta sem o mercado ainda ter dado a volta às pessoas… E não vendeu nada e na altura foi um fiasco. Hoje seria um bom investimento. Vocês, por exemplo poderiam pegar nisto. O mercado convosco, que de certeza pegava. Às vezes, é só preciso saber pegar o mercado. Só temos que pegar o mercado e ver depois o mercado a mexer-se sozinho nas nossas mãos. A Catharina tem umas mãos muito bonitas. Fez tudo certo. Olhem-me bem para estas mãos, tão bonitas…! Tens umas mãos lindas, Catharina! A primeira vez que eu meti a chave na casa de Porto Santo eu estava de mãos dadas às mãos da Catharina. Aquela casa era nossa. Quem assinou o contrato de empreitada foram estas mãos lindas da Catharina. E eu não podia deixar a casa de Porto Santo ir parar a outras mãos, por causa de uma ficção jurídica, porque a desconsideração da personalidade jurídica da empresa da Catharina para se poder responsabilizar a Catharina pelo endividamento seria uma pura ficção jurídica do Código das Sociedades Comerciais. E se assim era, eu tinha que ir a outro código encontrar uma solução, e fui com as minhas próprias mãos ao Código Civil até ao artigo 240º e foi assim que nasceu a ideia de fazermos vendas simbólicas de 1 € das nossas casas aos nossos filhos num divertidíssimo sorteio. Isto foi só jogar pelo seguro. Foi uma jogada de mestre. Passando as casas para os nossos filhos tínhamos a certeza que não as iríamos perder para as mãos dos credores, porque ainda que as dívidas sejam comunicáveis entre os cônjuges, não são

comunicáveis entre pais e filhos. As dívidas dos pais "não passam" para os filhos.»

«Para estarmos perante um negócio simulado temos que ver preenchidos necessariamente 3 requisitos: tem que primeiro existir um *pactus simulatonis*, que será o acordo simulatório entre o que tem a ideia da simulação, que é o que "escreve" o acordo seja no ar ou no papel, a que chamamos declarante e o que adere à ideia ou ao acordo, que aceita a simulação, que assina por baixo do "papel" ou assina no "ar" por palavras, a que chamamos declaratário; em segundo lugar tem que existir uma divergência entre a vontade da declaração negocial, que é o tal *pactus simulatonis*, com a vontade real do declarante, ou seja, aquilo que foi escrito não era querido pelo declarante e o declaratário sabia e conhecia da vontade real do declarante e por último, isto tem que ser feito para enganar ou confundir os terceiros, sejam os terceiros credores, herdeiros ou quaisquer pessoas que possam ser diretamente afetadas pelo negócio simulado e desta maneira os interessados podem a todo o tempo vir dizer que o negócio é simulado e vir invocar assim a nulidade do negócio simulado. Por exemplo…» virei-me para o Fred para lhe explicar, «O Maths deve-me 20 mil euros e tem um Mercedes que vale 20 mil euros. Como ele me deve dinheiro eu sou credor dele. E como ele sabe que eu estou de olho no Mercedes dele, o Maths vai armar um conluio com o Joa para me prejudicar. E vai chegar perto do Joa e dizer ao Joa que me deve dinheiro e não quer que eu fique com o carro dele, então combinam entre eles que o Maths vai escrever um contrato de compra e venda do Mercedes em que vai fingir que o novo proprietário vai ser o Joa, porque o vai comprar por 5 mil euros e o Joa vai assinar por baixo. Mas é tudo a fingir,

porque o Joa sabe perfeitamente que mesmo que tenha nas mãos um contrato a dizer que o irmão vendeu-lhe o carro por 5 mil euros e até tenha 5 mil euros para passar para a conta bancária do irmão, isso não vale de nada, porque o Joa sabe que a vontade real do irmão é divergente da declaração negocial, sabendo perfeitamente que o Maths não quer nem nunca quis vender o Mercedes por 5 mil euros e que aquele "papel", aquele contrato é só para confundir-me. Só que, eu sei que este contrato foi feito a fingir, porque tu, Fred, contaste-me. E vou ao tribunal invocar que o negócio deles aparente, é sim um negócio jurídico, mas é um negócio simulado. E posso ir dizer isto ao tribunal, porque eu sou um dos terceiros a que se refere o artigo 240º do Código Civil, ou seja, esta combinação entre os dois irmãos foi mesmo para me tramar, para eu ficar prejudicado patrimonialmente, porque sem Mercedes na esfera jurídica patrimoninal do Maths não há mais dinheiro nem bem nenhum e eu fico frustrado porque não consigo ver satisfeito o meu crédito… E eu posso ir para o tribunal dizer que o Maths nunca quis vender o Mercedes ao irmão, que é ele que continua a andar com o Mercedes como se fosse o verdadeiro dono e que nenhuma transferência bancária ocorreu, e com isto conseguir provar que afinal o Mercedes nunca saiu da esfera jurídica do Maths.»

«Tenho uma dúvida, Jaime…»

«Sim, Joa?»

«E se tu não soubesses da minha trama e do Maths e eu com o papel "a fingir" te vendesse o Mercedes por 2 mil euros? É que tu não tinhas que saber da trama… Se tu acreditasses

legitimamente "no papel" que o Mercedes passou para mim, é injusto tu seres depois prejudicado…»

«Muito bem, Joa! Achas tu injusto, e o Direito também. Nesse caso há uma proteção dos terceiros que estão em boa-fé. Eu seria um dos terceiros que está de boa fé, ou seja, eu não tinha conhecimento nem tenho que ter conhecimento da vossa simulação, e por isso, se o Maths te passasse o Mercedes a brincar, a brincar a brincar ele poderia perder o Mercedes se tu o passasses depois a alguém que não soubesse que o Mercedes vinha de um negócio simulado. No entanto, se eu soubesse, o Maths já podia vir arguir a nulidade do negócio através do artigo 242º/1 do Código Civil.»

«O quê? Qual o sentido da lei se preocupar com os simuladores e deixar que os simuladores desfaçam o negócio fraudulento que fizeram?» perguntou Joa.

«Por ser um "negócio fraudulento", é que o Direito deixa que um dos simuladores se arrependa e venha "desfazer" o negócio invocando a nulidade do negócio simulado. Tem é que ser invocado. Repara, o Direito simplesmente prefere ver negócios que não sejam simulados, por uma questão de segurança e certeza jurídica. O Direito não quer ver ninguém prejudicado. Quando há um negócio simulado já sabemos que alguém está a ser prejudicado. Por exemplo, credores que não vão ver o seu crédito satisfeito. Se o Direito deixa o Maths vir invocar a nulidade, mesmo sendo ele o próprio simulador, e mesmo contra mim, caso eu soubesse da trama, o mesmo não acontece se eu não soubesse da trama, porque o artigo 243º/1 já não deixa o Maths vir invocar a nulidade contra mim, se eu for um terceiro de

boa fé e tiver adquirido o direito de propriedade do Mercedes, ao ter comprado através do Joa, ainda que o Joa não fosse o verdadeiro proprietário. É que eu não sabia que ele não era o verdadeiro proprietário, eu não sabia, nem tinha que saber que o Maths e o Joa tinham simulado o negócio do Mercedes. Eu pensava que o Joa era o verdadeiro proprietário e acreditei no "papel" que dizia que o Joa era o aparente proprietário. E o Direito vai dar-me razão.» respondi.

«Ah!... Eu disso já não sabia… Eu sabia que os próprios simuladores podiam vir desfazer o negócio simulado dizendo a todo o tempo que o negócio era simulado, e por isso, que o negócio era nulo, mas não sabia que essa invocação não podia valer para um terceiro que estivesse de boa fé. Isso parece ser muito interessante… Deve dar casos e esquemas muito giros.» disse Albert.

«Sim. Porque diz o número 1 do artigo 243º que a nulidade que venha de uma simulação não pode ser arguida pelo simulador contra um terceiro que esteja de boa fé. Eu posso simular os negócios que eu quiser. Até divórcios por exemplo. Vamos supor que um casal simula um divórcio, porque assim o outro como não trabalha e era dependente do marido seja pela razão que seja vai ficar a receber uma pensão do Estado… Ora, aqui, o terceiro vai ser o Estado, porque esta simulação é para enganar o Estado, para receber dinheiro do Estado, por exemplo… Ou seja, não basta haver um *pactus simulatonis* e haver uma mera divergência da declaração negocial com a vontade do declarante, tem que ser sempre um *pactus simulatonis* que foi tramado com vista a enganar terceiros. Há casos muito giros sobre simulação. Eu gosto mesmo do regime da simulação!

Lembro-me de um caso que se tinha passado numa família, em que os pais queriam que dos 4 filhos fosse só 1, em particular, que ficasse com uma das casas. Vamos supor que a Catharina e o Albert não toleram a homossexualidade do Joa, do Fred e do Maths. Por exemplo, não gostam de nenhum dos namorados ou maridos deles e não querem por isso, que nenhum dos maridos ou namorados deles andem a deambular na casa que vocês construíram com todo o vosso amor e carinho heterossexual. Vamos supor que vocês querem que quem fique com a casa seja a Helena. Mas sabem que se forem agora doar a casa em vida à Helena, depois o sistema sucessório português vai "descontar" a casa na herança que a Helena tenha a receber, porque o legislador alienígenamente teletransportou não sei de onde o regime da colação para o Código Civil, no seu artigo 2104º, que diz qualquer coisa como aqueles descendentes que queiram entrar na herança deverão restituir à massa da herança tudo aquilo que receberam do sucessor, por uma questão de "igualação da partilha". É claro que não vamos pegar na casa que os pais deram a um filho e vamos ver o filho a levá-la para a piedosa reunião dos herdeiros. Tudo isto se faz ficticiamente, porquanto seja o Direito uma pura ficção. Isto faz-se com tabelas e com valores e desconta-se na legítima do herdeiro. E diz o Direito noutra sua ficção, no artigo 2110º que estará sujeito a colação tudo quanto o sucessor tiver dispendido gratuitamente em proveito dos descendentes, tão-só se exetuando as despesas com o casamento, alimentos e com as faculdades, ficando à melhor interpretação doutrinária se um curso de piloto ou um curso de paraquedas está ou não sujeito a colação.»

«Não me diga que a sua avó lhe quis pagar um curso de piloto e os seus primos chegaram-se à frente, Jaime…»

«Sim, chegaram-se à frente e ainda bem que se chegaram à frente. Senão ter-me-ia despenhado sem paraquedas nenhum do Fred.»

«Que bonita forma de não guardar rancores familiares… De facto, ver as coisas romanticamente faz-nos perdoar tudo, porque tudo fez um sentido na altura, tudo funcionou como paraquedas dos nossos outros altos voos que ficaram por saltar em mundos paralelos, não é Jaime? Você chegou aqui a esta casa de paraquedas!»

«Sim, tio.»

«Parece que vocês estão os dois a voar sozinhos nas nuvens… E nós estamos aqui a ver-vos voar… De repente, descolam num voo e deixam-nos aqui no artigo 2104º do Código Civil que o Jaime não gosta… Todos nós já percebemos que o Jaime não gosta daquilo que o legislador andou a escrever a ficcionar…»

«Pois, não, tia. Não gosto. Como não gosto de quase todo o regime sucessório português. Critico-o fortemente. Tenho críticas atrás de críticas que entreguei à Jupiter Editions. Não faz sentido nenhum o Direito estar a meter-se em coisas que devia era ficar de fora. Se eu tenho 4 filhos e só um deles gosta de mim, se só um deles é que não me vê como um objeto, como uma fortuna, porque é que eu não posso dar uma casa ao filho que gosta de mim? Porque é que o Direito vai meter-se em coisas familiares, em relações humanas que são feitas de amor, emoções

e sentimentos, coisas que o Direito não percebe nada e vai depois de eu morrer, deixar os outros meus filhos baterem à porta do meu verdadeiro filho e virem reivindicar a casa que eu lhe dei por amor? E não é só isto, é o Direito não me deixar deserdar pessoas que eu não gosto da minha família e só mo deixar fazer se elas cometerem um crime contra mim ou contra algum dos meus herdeiros ou contra o meu cônjuge… Porque é que o pai do Raul do 2080 de Antoine Canary-Wharf tem que suceder nos direitos patrimoniais dos seus direitos intelectuais, se o próprio pai, tentou dar cabo deles? Não faria muito mais sentido, como em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi em caso de morte do autor ser o eterno amado do autor a receber todos os lucros do livro que só foi escrito por causa do amor deles? Então? Se o Direito não consegue ver isto, não consegue ver nada! Se eu escrevesse que não faz sentido nenhum uma Internet das Coisas a gerirem os sinistros rodoviários com Inteligência Artificial em que os algoritmos olham para mim e me vê como uma preferência para ser atropelado, que vou na passadeira ao invés de atropelar um rapaz mais novo, só porque já estamos em 2080 e eu já me sinto como se tivesse visto o filme todo com 85 anos, ou ao invés de fazer virar o carro *smart* para uma parede "machucando" o condutor que também é mais novo do que eu, o meu pai olhasse para aquilo que eu escrevo e dissesse que eu só escrevo é "merda", mas que só olha porque está vivo graças à Medicina do Fred e eu a seguir tivesse um acidente de carro e morresse por causa dos algoritmos sofisticados e depois a minha escrita valesse uma fortuna, depois de morto, e eu tivesse deixado escrito à pressa numa página do word que queria que só o Fred tirasse proveitos da minha escrita, porque eu só escrevo por causa dele e por causa de nós, para podermos sobreviver nesta Era sofisticada

de algoritmos e o Direito viesse dizer-me que eu não faço sentido nenhum, então eu grito que sentido nenhum faz é às vezes o Direito! E por isso, sim tenho uma vontade enorme de mudar! Se o meu pai não quer saber de mim, está-se nas tintas para aquilo que eu produzo, que eu crio e que só produzi por causa do meu namorado, porque raio é que é o meu namorado vai ficar fora da fortuna da minha herança, da fortuna que eu só fiz por ele e por causa dele? Porque é que um namorado não pode ter suceder nas coisas que eu fiz para ele? Se eu digo que são dele… É o Direito que me obriga a casar só por casar, só por uma questão legal. E lá tenho eu que ir a correr fazer um casamento urgente… Porque posso morrer a qualquer altura… O próprio Direito stressa-nos. Quanto mais vamos desvendando os seus regimes, os seus dentes podres, mais vamos ficando stressados.»

«O Direito está mesmo a stressar-lhe, não está Jaime?»

«Está, tio! O Direito stressa-me. Eu fico, às vezes, stressado com o Direito. São regimes e regimes, às vezes inspirados por coisas que vêm da Roma antiga… Nós estamos no século XXI, caramba! Há coisas que simplesmente não se justificam! E é por isso, que nos obriga a contornar a lei. A termos que ver como podemos fazer isto de outra forma. Porque só queremos ser felizes e ver quem amamos felizes. Só queremos isto. Só queremos paz e felicidade. Só queremos ver o mundo. E o Direito parece que não nos deixa ver o mundo como queremos. Mete-nos regimes à frente que é como se fossem óculos de realidade virtual aumentada. Os códigos são altamente tecnológicos. Eu juro, que aquilo é um vício. Uma pessoa se pega num código nunca mais o quer largar. Parece que tem lá uma tecnologia incorporada. Há ali uma tecnologia, uma arte que

prende e orienta o cérebro humano. E o cérebro humano sente-se orientado com o que está lá escrito. Se não tiver capacidade de questionar ou de ir ver qual era o espírito do legislador que escreveu aquilo, segue cego a letra. Agarra-se à letra e conforma-se com ela. E os anos vão passando e a tecnologia vai da letra vai prendendo cada vez mais. E aquilo que não fazia sentido, passa a fazer sentido. Porque os cérebros humanos, vão sempre achar um sentido. Vão sempre ver um sentido. E para mim, faz todo o sentido os pais poderem dar uma casa a um filho que gostam mais e o Direito não vir no final da morte dos pais dizer ao filho que se quiser entrar no "concurso" da herança dos seus pais, porque é o Direito que faz parecer um concurso, vai ter que ver "descontada" a casa que já recebeu. Há filhos maus. Há pais maus. E o Direito se continuar do lado dos pais maus e dos filhos maus só se vai tornar num Direito Maquiavélico. E o que é que a Catharina e o Albert poderiam fazer quando queriam que fosse a Helena a ficar com a casa? Doar já sabem que não podem… Vão tentar vender… Mas depois há artigo 877º do Código Civil que no seu número 1 proíbe a venda dos pais e avós aos filhos e netos sem o consentimento dos filhos e netos e depois vem logo o número 2 dizer que se a venda for feita com quebra desse consentimento o filho ou o neto que não deu o consentimento pode vir pedir a anulação da venda no prazo de 1 ano a contar ao tempo do conhecimento que teve dessa celebração do contato de compra e venda. Tentaram fazer uma reunião familiar, mas sem sucesso. Nenhum dos 3 consente na venda. Estão muito zangados. Bom… A Catharina e o Albert sabem que o artigo 877º ainda têm um número 3 e veem nele uma esperança, porque diz que a proibição não abrange a "dação em cumprimento" do artigo 840º. Assim, se devessem 250 mil euros à Helena e

vendessem a casa por 250 mil euros teria feito uma dação em cumprimento e assim o Direito já deixava. Mas ninguém devia dinheiro à Helena. Então era preciso inventar-se uma dívida. E inventa-se essa dívida. E faz-se a venda da casa à Helena disfarçada em dação em cumprimento. E vêm os irmãos dizerem que é tudo mentira, que os pais não deviam dinheiro nenhum à Helena, que até já tinha acontecido uma reunião familiar para obterem o consentimento…»

«É claro que se tivéssemos contratado antes o Jaime, tínhamos feito a dação em cumprimento, e pronto sem reunião nenhuma familiar… Depois era a palavra dos nossos filhos contra a nossa. Nós devíamos sim dinheiro à Helena. E tínhamos o Jaime connosco que nos ia arranjar uma forma qualquer de conseguirmos convencer o tribunal ou não, Jaime?»

«Bom… Eu vou casar-me com o Fred… Não me vou casar com a Helena…»

Todos se riram.

«Boa resposta, amor!»

«Obrigado, amor! Tudo isto para dizer à tia, para não se preocupar com a casa de Porto Santo, porque assim que eu me case com o Fred, a casa de Porto Santo também vai ser minha e eu não vou deixar uma cambada de badamecos tirarem-me Porto Santo. Não se preocupe, tia.»

«Que se casem então depressa, Jaime! Estás a ver, Catharina? Eu não disse que dava jeito termos um advogado na família… Dá sempre jeito… Eu não te disse que isto do nosso filho namorar um advogado haveria de ter alguma vantagem? Eles que fiquem lá na imaginação deles contentes com a chaves de um lado para o outro a abrir e a fechar, a entrar e sair, a acharem que a casa de Porto Santo é deles…»

CAPÍTULO VIII

UM PRÍNCIPE E UM DUQUE DE VOLTA <u>TELETRANSPORTADOS</u> PARA PORTO SANTO

«Quanto tempo é que demoravam da vossa secreta praia até à Calheta?» perguntou Albert.

«Para lá eram uns 4 km… Mas depois quando voltávamos para casa o caminho dobrava. Eram 8 km a pé da Calheta até à vila.»

«O quê e voltavam pela praia também?» perguntou Joa.

«Sim.»

«Mas o quê? À noite?»

«Sim, sempre ao luar.»

«Quem me dera um dia ter um namorado que também alinhe comigo em infinitos passeios noturnos estrelados de praia… Ou em repetidos passeios montanhosos… Quem é que alinha sempre com quem?» perguntou Joa.

«Simplesmente alinhamos. Estamos sempre alinhados. Se o Fred sugere subirmos a montanha, nós vamos subir a montanha, se eu sugiro irmos a pé até à outra praia, nós vamos até à outra praia.» respondi

«Mas houve uma vez que voltámos para a vila de autocarro…» contou Fred.

«Ah!... Eu adorei andar nesse autocarro! Descapotável! Vocês já andaram?»

«Sim!» responderam todos os von Der Maase em coro.

«É um gozo! Deve ter sido um grande gozo para o Jaime! Não foi um gozo, Jaime?»

«Sim! Foi um gozo, tio! Foi um gozo andar nesse autocarro com o vento a bater! Soube tão bem! Ainda me lembro da tecnologia que foi esse vento! Um vento tão tecnológico… Tão mágico…» disse.

«Eu lembro-me da tua felicidade a apanhar o vento! Nós nem falámos nessa viagem… O Jaime virou-se para mim e disse "amor, podemos só falar quando sairmos do autocarro?". E foi a viagem toda só com o vento, não me ligava nenhuma. Parecia que se estava a alimentar do vento.»

«Estava a alimentar o meu espírito com o vento, sim.»

«Onde é que faziam praia, Fred?» perguntou Maths.

«Fazíamos a 4 km da ponta da Calheta.»

«Mas eu quero saber exatamente onde… De certeza que para andarem 4 km só para irem à praia e depois ainda fazerem mais 4 km até à ponta da ilha para depois terem que fazer 8 km para casa, é porque arranjaram um spot sagrado com qualquer coisa sagrada…»

«Sabes que aquilo que pode ser sagrado aos nossos olhos, aos teus pode ser simplesmente indiferente, Maths…» disse.

«Não te vamos dizer onde fazíamos praia, Mathias.» disse Fred.

«Sabem que mais tarde ou mais cedo vocês vão ser descobertos.» disse Maths.

«Nós sabemos. Mas quanto mais tarde, melhor.» disse Fred.

«Se calhar, nem vai ser assim tão tarde, porque este verão eu vou convosco, está decidido!» disse Maths.

«Nós nem vamos para lá este verão. E eu não vou te vou emprestar as chaves, porque vou pôr a arrendar a casa no verão para eu e o Jaime irmos ver depois as auroras boreais… Ver as auroras boreais custa muito dinheiro… As auroras boreais são muito caras…» disse Fred.

«Vais emprestar-me a chave sim! Nem que seja uma semana! Senão também não te empresto agora a casa… Jaime, isto não é nada contigo! Irmãos, irmãos, mas negócios à parte…» disse Maths em tom de brincadeira.

«Desculpa, mas também é comigo, Maths! O contrato de comodato que celebraste comigo e com o teu irmão ficou perfeito a partir do momento em que nos deste as chaves e elas… Já cá cantam! Só quando nós voltarmos dos Açores, é que nós te entregamos a chave. E não te preocupes, que eu empresto-te a chave da casa de Porto Santo por duas semanas… O teu irmão disse-me que a casa de Porto Santo agora também era minha…» retribuí-lhe no mesmo tom de brincadeira.

«Ok! Vou buscar agora um papel e uma esferográfica e celebramos já um contrato de comodato da vossa casa em Porto Santo para me emprestarem umas semaninhas para o Verão…» disse Maths.

«Força! Podes ir buscar que assinamos já!» disse.

«E vou! Que eu este verão não quero ver Porto Santo só de binóculos…»

«Foi uma pena o ferry não ter atracado ali no porto de Porto Santo. E o porto era ali mesmo pertinho do Ilhéu do Farol… Demorávamos o quê? 15 minutos a atracar e a sair… Vá… Uma meia hora, que fosse… Eu ainda pedi ao Capitão… Ainda por cima, vínhamos com o carro no ferry... Íamos de carro até à vossa praia dar-vos um beijinho e depois voltávamos, logo outra vez, para o barco… Quando nós embarcámos em Portimão, eu ia a subir as escadas para entrar no ferry e ao meu lado vinha o Capitão… Ele foi tão simpático que aproveitei logo para lhe perguntar a que horas passávamos em Porto Santo… E enviei-vos logo a mensagem com as horas… Disse que tinha lá um dos meus filhos com o namorado e queria muito vê-los… Foi o Capitão que nos emprestou os binóculos para vos vermos… Tivemos que vos ver do deck da piscina com aquela multidão toda empoleirada ao nosso lado… O nosso camarote não tinha varanda…»

«E vocês? De onde é que desencantaram os binóculos?» perguntou Albert.

«Pedimos à Polícia Marítima. Foi uma sorte. Uma coincidência terem aparecido ali mesmo no minuto certo.»

«Foi mesmo para nos verem. Foi uma coincidência tecnológica. Eu juro, juro, juro que não era amigo de nenhum dos polícias e juro, juro, juro que não lhes encaminhei a mensagem das horas que a Catharina sacou ao Capitão…» disse Albert.

«Nós acreditamos, pai» disse Fred.

«Fizemos tudo isso sem os telefones, sem videochamadas e sem drones… A nossa tecnologia foram os binóculos!…» disse.

«Mas mesmo que não tivéssemos binóculos bastava telefonarmos e dizermos que estávamos ali a passar à frente da vossa praia e pronto. Não era preciso fazer videochamada nenhuma!»

«Se tivéssemos feito videochamada, se calhar, não estávamos agora a falar disto com toda esta tecnologia! Tenho a memória intata das duas vezes que vos vimos com os binóculos. E sim, acredito mesmo que foi uma coincidência tecnológica. Uma dupla coincidência tecnológica, porque a Polícia Marítima voltou a aparecer exatamente quando vocês voltaram a aparecer. Parecia tal e qual programado. Aquilo parecia que fazia parte de um programa. E fazia e fez mesmo. Fez parte do nosso programa de vida real. Tivemos o verão inteiro em Porto Santo e a Polícia Marítima só apareceu exatamente nessas duas vezes. O que é que eu posso dizer? Que a Polícia Marítima entrou na história mesmo para emprestar os binóculos. E parece que esta memória se tornou parte do meu corpo, parece que faz parte do meu corpo, parece que está colada a mim e que não dá para descolar, de tão intacta que está. E sei que está intacta, porque não a ferimos com a tecnologia pérfida.»

«É importante sabermos usar a tecnologia que não interfere com a tecnologia da nossa mente, do nosso espírito e do nosso cérebro. E os binóculos não interferem nada.» disse Albert.

«A tecnologia sabe que os nossos cérebros são quânticos, são elétricos e são tecnológicos. A tecnologia sabe muito bem que há sim uma energia quântica dentro de nós e o que a tecnologia

quer é capturar-nos essa energia e armazená-la no Big Data, como se fôssemos uma fonte de eletricidade que pode ser armazenada, distribuída e comercializada!» disse.

«Se tivéssemos feito videochamada, a tecnologia do nosso cérebro já tinha expirado a tecnologia da videochamada, porque lhe faltava o espírito que contorna e recorta a memória numa pequena cirurgia que só o espírito sabe fazer às memórias do cérebro para as eternizar no cérebro. Tornando-as assim intactas!» disse Albert.

«E a tecnologia da videochamada leva esse nosso espírito.» disse.

«E sem espírito, ficamos sem memória, ficamos sem nada, morremos simplesmente ali para aquele "momento tecnológico" sem alma nenhuma, sem emoção nenhuma. Ficamos só com o corpo, sem memórias, sem alma nenhuma.» disse Albert.

«E a tecnologia da videochamada não fica armazenada nos nossos cérebros, fica é armazenda na nuvem do Big Data.» disse.

«O Big Data é que é o cérebro global de dados. Ou pelo menos, quer ser.» disse Albert.

«Mas o meu cérebro está fora do Big Data!» disse Catharina.

«E o meu também!» disse Joa.

«E o meu também!» disse Helena.

«E os nossos também, graças à tecnologia dos nossos olhos de *2080* de Antoine Canary-Wharf» disse por mim e pelo Fred.

«O meu também está! Graças à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, o meu também está.» disse Maths.

«Estava agora a imaginar, eu empoleirado no varandim do deck do barco a telecomandar um drone que chegava à vossa praia a 100 km/h e a fixar o voo por cima das vossas cabeças… Eu a carregar num botão que acionaria um cabo que lentamente descia para capturar o Jaime e a trazer o Jaime *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, até ao barco… Depois, por cima da janela do meu camarote…»

«Sim, já sabemos Mathias… Poupe-nos um bocadinho e ao seu irmão… E ao Jaime, claro… Poupe os ouvidos do Jaime às suas fantasias tecnológicas…»

«Ó mãe!... Não interrompa a minha tecnologia… Deixe-me cumprir o voo da minha fantasia, não interrompa!»

«Sim, Catharina! Não interrompas! Mais vale sermos nós a ouvirmos a fantasia do teu filho do que ser o Big Data a ouvir a fantasia do nosso filho… Assim ele liberta-a já e não a leva reprimida para os indecentes algoritmos.»

«Sim… E vamos por causa disso, viciar *O Algoritmo do Amor* com a indecência e a imoralidade do Mathias?»

«Ó Catharina! O Frederick e o Jaime já são adultos e sabem muito bem como funciona a vida real dos adultos… Isto é a vida real! E na vida real *O Algoritmo do Amor* não se deixa nem

viciar nem vencer pela indecência e imoralidade da fantasia humana. O Mathias é simplesmente um humano com fantasias. Vamos ouvi-lo. Pode ser importante para uma ideia de negócio, nunca sabemos…»

«Albert!»

«Catharina!»

«Albert! Sinceramente…»

«Catharina! Francamente… Por favor, meu filho, continua a tua fantasia.»

«Obrigado, pai! E por cima da janela do meu camarote, fixava o voo… Carregava no botão do drone para acionar a descida do cabo que agarrava como gancho o Jaime… E gentilmente colocava o Jaime no meu camarote, como um pacote de encomenda.»

«Quem te encomendou isso não foi o Gil de Sales Giotto, de certeza, Maths… Isso mais parece uma encomenda dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke.» disse.

«Vês? Eu disse-te que era um dos teus *Cavaleiros Tecnológicos*.»

«Acham que em *2080* de Antoine Canary-Wharf num mundo paralelo e numa família exatamente igual à nossa em que um dos filhos está em Porto Santo com o namorado na praia e os seus pais e irmãos estão a passar a praia de barco rumo às Canárias, atravessarão o mar de drone *À Velocidade da Luz* de Gil

de Sales Giotto só para fazerem uma videochamada?» trouxe-nos Fred a sua imaginação.

«Novas videochamadas de drone?» perguntou Joa.

«Sim… E a mãe aproveitava e antes do drone levantar voo adicionava à encomenda um par de boxers e peúgas; e claro… O jantar com a sobremesa favorita para logo à noite, o filho e o namorado se labuzarem a pensar no drone e na mãe…» continuou Fred na sua imaginação.

«Se as empresas podem entregar coisas de drone, porque é que as mãezinhas também não podem fazer entregas aos seus filhos de drone com todo o carinho e amor tecnológico que têm por eles? Perguntariam as mãezinhas ao Direito… E o Direito diria que as mãezinhas não são pessoas coletivas que são pessoas singulares, que estamos num mundo das empresas e que se elas querem entregar coisinhas por drone aos filhos que abram uma empresa e concorram como pessoas coletivas ao concurso público que vai abrir para voar nos céus *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.» disse.

«E voilá! Assim chegaram as pizzas às praias vindas de drone com câmaras potentíssimas que filmam toda a praia em tempo real. É um duplo ganho: é o mercado da comida e o mercado dos dados. Não vão ser milhões! Vão ser bilhões! Porque a *febre dronática* dá bilhões! Pego emprestada a tua expressão "febre dronática", Jaime, meu amor.»

«Pois… Mas até pode dar trilhões! Que eu e o meu capitalismo inteligente dos recursos estamos fora desse mercado de dados!»

«Bom… Isso não me admirava nada… Se já temos drones a entregarem nas cidades tudo e mais alguma coisa, a chegada deles às praias seria uma questão de tempo… O *terror dronático* dos céus pode chegar bem à Terra antes de *2080* de Antoine Canary-Wharf. Por acaso a expressão "terror dronático" também é sua, Jaime?»

«Sim, é tio. Pode também pegar emprestada.»

«Obrigado, Jaime. E digo que "seria" uma questão de tempo e não que "será" uma questão de tempo, porque no meio de tudo isto há um "grande se". O "se" somos nós. Tudo vai depender de nós. O Direito anda ao sabor do mercado. Se as pessoas querem, o mercado faz pressão e o Direito acaba por ceder. O que as pessoas têm que aprender de uma vez por todas, é que não é o mercado que dita. O mercado não dita nada. Quem dita é o Direito. Quem manda é o Direito. Mas o Direito é volátil. Está sempre a mudar. Muda porque as personagens, os atores políticos e os atores empresariais que vão sentando a bunda no parlamento vão mudando. As personagens estão sempre a mudar. Há sempre novos atores. Há sempre novos pensamentos. E se há novos pensamentos, há novos direitos. Se há novos pensamentos, há novos governos. Quem dita é o governo. O mercado pode é influenciar. Como a publicidade. O mercado e a publicidade são altamente tecnológicos e altamente psicológicos. Sabem manipular o pensamento. Estudaram marketing, que é a psicologia do mercado. E esta psicologia de mercado é composta por psicólogos empresariais, inventores, patenteadores, investidores, acionistas, no fundo são todos empresários, que são pessoas de carne e osso com um coração e com um cérebro, às vezes, protegidos por uma poderosa tecnologia "à prova de bala",

mas sem "balas para disparar". Porque o Direito não deixa ninguém disparar balas senão em legítima defesa! São os empresários que influenciam o mercado. Se eu pus dinheiro numa empresa para ela crescer ou acelerar, se eu investi numa empresa, se tenho lá dinheiro meu, se comprei ações, o que eu quero é que aquela empresa lucre rápido para eu ver rapidamente o retorno do meu investimento. Quem financia uma ideia quer sempre que a ideia vá para a frente, porque quem financiou sabe que participará nos lucros e perdas da ideia ou da empresa. Entre participar nos lucros ou nas perdas, todos quererão certamente lucrar! É por isso que existe um lobismo no mercado. Mas nem todo o lobismo tem que ser mau! Há lobos bons! Há lobos maus! Os lobos não se dão todos! Os lobos formam grupos! E na vida selvagem há grupos de lobos que lutam para ganhar terreno ou para defender o território! E na vida económica há grupos de empresários que lutam para ganhar espaço ou crescer no mercado! E na vida política há grupos de deputados que lutam para ganhar voz ou ver as suas ideias imprimidas no Direito pelo Parlamento! É assim que funciona a vida real! E a vida real dos humanos é influenciada pela biologia dos lobos, pela economia dos lobos e pela política dos lobos! Há DNA por detrás de tudo isto que as senhoras ecologias e senhoras psicologias terão certamente o maior prazer de explicar tudo isto. Quando somos lobos de uma alcateia e sabemos que a nossa alcateia é a única que é capaz de defender a paz na terra e nos céus, nós como lobos que somos temos que defender também o nosso espaço no mercado. Porque sentimos o lobismo na pele. Sentimos o lobismo no sangue. Sentimos o lobismo no espírito. Temos é que saber a que alcateia de lobos queremos pertencer. E assim, até pode haver estas "forças do mercado" que querem ver o céu

cheio de drones. Mas, se eu não quero ver o céu cheio de drones, eu tenho que fazer alguma coisa. Como por exemplo, não fazer encomendas em que sei que a encomenda virá de drone. É assim que eu participo na economia. Se saiu uma notícia num jornal sobre o mísero ordenado que recebem os entregadores de uma empresa de entregas de coisas, o que eu devo fazer é simplesmente parar de fazer encomendas dessa empresa, porque isso não é economia! Isso é exploração! Isso é escravatura! E não sou eu que tenho de dar gorjetas "para ajudar" a vida dos entregadores de encomendas. Quem tem que aumentar os ordenados é a empresa. Não sou eu que sou o patrão deles. Não sou eu recebo milhões. E não é a dar gorjetas aos pobres colaboradores que eu mudo alguma coisa. É a não contratar com essas empresas. E o mais aberrante é que há pessoas que ficam a saber os ordenados dos colaboradores de uma empresa que fatura milhões e ainda assim continuam a celebrar contratos de compra e venda com essa empresa!? É tão estranho ver humanos de século XXI a ignorarem informações importantes! Parece que não humanos! Não têm empatia nenhuma! Não tem sentimentos! Não têm emoções! Não têm inteligência emocional nenhuma! Porque se fossem inteligente emocionalmente não andavam a contratar com o Diabo! Se só houvesse 3 supermercados e todo os supermercados pagassem míseros de ordenados, mas eu precisava mesmo de ir a um desses 3 supermercados para obter bens essenciais, eu ainda percebia… Mas nós não estamos numa Era em que só existem 3 supermercados! Há supermercados em que não há câmaras! Há transportes públicos onde não há câmaras nem sequer "picas"! Estamos numa Era em que há más empresas que têm que sair imediatamente do mercado e temos boas empresas que pagam *ordenados de felicidade.* Quando eu sei que

há um supermercado que paga *ordenados de felicidade* aos seus colaboradores e não tem câmaras sofisticadas espalhadas por toda a parte, é a esse supermercado onde eu tenho que ir fazer compras. Se eu quiser verdadeiramente participar numa economia verde e fazer parte de um mercado sustentável e não de um mercado pérfido, eu tenho que ir fazer compras a esse supermercado que paga *ordenados de felicidade*. E quando eu sei que a empresa que faz entregas paga míseros ordenados, eu tenho que sair de casa e ir eu mesmo ao supermercado fazer as minhas compras! Empresas de entregas de comida, remédios, tabaco e porcarias serve para quem tem dificuldade motoras. Para quem não pode ir ao supermercado ou à farmácia. Não é para quem tem boas pernas, é jovem e quer ser visto como inteligente "aos olhos do mercado"! O mercado simplesmente tem ideias. Ideias boas e ideias que podem dar cabo de toda à nossa privacidade, intimidade, violar constantemente os nossos direitos de imagem e de geolocalização e ideias ainda piores que nos podem invadir com um clima gigante de insegurança sem paz tecnológica. Mas está nas nossas mãos.» disse Albert.

Sentia que o meu cérebro estava ligado ao cérebro de Albert. Parece que senti a tecnologia de Albert a pedir autorização para se emparelhar á minha tecnologia e assim o meu espírito ganhou um novo corpo. Albert parecia mesmo eu a falar. Para mim foi importante ver Albert a dizer tudo aquilo. Senti a tecnologia a arrepiar-me o corpo todo. Sentia-me mais musculado a ouvir aquilo da boca de Albert. O meu corpo parece que tinha ganho músculos! Sentia-me mais forte! E sentia outra vez a minha espinha toda ela arranhada, tal e qual como me tinha sentido quando a regente de Contratos Públicos tinha vindo

parabenizado o meu capitalismo inteligente dos recursos. Talvez Albert e a minha regente pertencessem ao mesmo grupo parlamentar. Talvez, fossem lobos da mesma alcateia. Sem saber, talvez eu estivesse nascido dentro da alcateia deles. Talvez, eu também fosse um lobo protegido por eles. Talvez, fosse esta a forma de eles me protegerem. Deles protegerem o meu espiritualismo. Deles protegerem o amor infinito que há em mim. Deles protegerem a paz infinita que há em mim.

«Parece que as pessoas têm que passar por tudo. Parece que têm que experienciar. Mas elas não conseguem antever? O cérebro delas não tem essa capacidade? Falta-lhes uma inteligência preditiva dos mercados ou quê?»

«Sim, falta-lhes, Jaime! Por isso, é que são sempre capturadas e predadas pelos mercados.» disse Albert.

«As pessoas não conseguem imaginar o clima de insegurança tecnológica que isso seria? A extinção de todos os direitos, da paz e do sossego? As pessoas não sabem que numa praia pode haver milhares de pessoas e não conseguem imaginar cada uma delas a fazerem encomendas e os drones a virem e a irem sem parar? Não conseguem ver isto? Não conseguem porquê??»

«Porque estão metidas nos telefones, Jaime, como bem você sabe e vê!»

«Não acompanham as nuvens! Não acompanham o dia!» disse Fred.

«O dia simplesmente passa-lhes. Para elas, é, sempre, simplesmente mais um dia.» disse Helena.

«E para elas, estarem ali ou estarem na praia parece que infelizmente é a mesma coisa. Depois é claro que se queixam e dizem que a vida é uma seca e afundam-se em depressões. Vão para a praia e estão no telefone! Eu vi isto em Porto Santo! Em Porto Santo, como é que é possível??? Numa ilha paradisíaca com água a 24 graus e uma atmosfera que parece um ar condicionado, um ar condicionado natural! No sítio natural onde deviam estar a aproveitar para carregar energias e a alimentar o espírito, como na praia por exemplo, estão é a carregar os telefones e a alimentar o Big Data…» disse.

«Está na hora de vos confessar… Eu há bocado disse que o meu cérebro estava fora do cérebro global do Big Data… Mas só fui atrás de vocês… Afinal o que é o Big Data?»

«Jaime… Explica o que é o *Big Data Para Totós*, numa espécie de *Economia Para Totós* ou *Direito Para Totós*…» disse Maths.

«Eu não sou nenhum totó!!!» defendeu-se Joa.

«Pois não, Joa! Mas queres que te explique como se fosses um grande totó?» perguntei-lhe.

«Sim, quero.»

«O céu está cheio de nuvens. Há nuvens que se sobrepõem umas às outras. Vamos imaginar que cada pessoa tem por cima dela uma nuvem. Nessa nuvem, está armazenada a informação que nós guardamos na nuvem. Desde fotografias,

pensamentos, ideias, trabalhos da escola, e-mails, contactos, interações. E nós podemos definir o que guardamos na nuvem. Podemos escolher que dados guardamos na nuvem. Podemos, por exemplo, definir que geramos determinados dados na nuvem e que esses dados ficam automaticamente guardados nessa nuvem. Mas não fomos nós que fizemos o floco de nuvem. Nós "comprámos" gratuitamente a nuvem. Não fomos nós que a desenhámos, nem pintámos, nem imprimimos, nem recortámos, nem a enchemos de algoritmos; não fomos nós. Nós só a usamos. Usamo-la como um depósito. Para depositar a nossa informação. A informação que queremos. E a informação que sem querermos, vamos depositando. A nuvem é um depósito. Um depósito tecnológico. E, portanto, a nuvem já vinha com determinada tecnologia, com um determinado funcionamento… Por exemplo, a nuvem tem um sistema de segurança muito complexo. Tem também um formato muito complexo. Tem também uma tecnologia muita complexa. Tem algoritmos muito complexos. Tem uma sofisticação muito complexa. E tem um regulamento também ele muito complexo com uma linguagem aparentemente muito complexa, mas que se lermos bem, diz lá "honestamente" que os dados que partilharmos nessa nuvem poderão ser partilhados para outras nuvens mais comerciais. As nuvens são muito políticas. Tornaram-se políticas. Tornaram-se politicamente corretas. São politicamente corretas. São inteligentes. São sociais. Mas são nuvens. É importante não nos esquecermos que são nuvens. Como os robots que são inteligentes e que até já conseguem ser "emocionalmente" inteligentes, é importante não nos esquecermos que são robots. As nuvens são complexas. Aliás, toda a formação de uma nuvem é complexa. Toda a programação de uma nuvem é complexa. E

toda nesta complexidade, quando instalamos a nuvem na nossa cabeça, não lemos os tais regulamentos nem as políticas de privacidade. As nuvens estão regulamentadas. O Direito precipitou-se antes da tempestade de dados e foi *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto regulá-las. Mas não as regulou muito bem… Isto sou eu a ser o mais franco, com o Direito… O Direito não sabe regular as nuvens. Nem o Direito nem a Meteorologia. Já sabemos como é a Meteorologia… Às vezes, mais vale sintonizarmo-nos nós com as nuvens e com o vento e vermos se vai chover ou não e onde é que vão chover dados e onde é que não vão chover dados. Mas eu percebo que possa ser muito complexo olhar para as nuvens… E toda nesta complexidade, quando instalamos a nuvem na nossa cabeça, não lemos os regulamentos, nem as políticas de privacidade. Basicamente o que dizem todas as nuvens, e podemos instalar várias nuvens por cima da nossa cabeça, é que há uma "maravilhosa" experiência de interação de nuvem. Ou seja, as nuvens ou estão todas ligadas entre elas – lá está, elas são inteligentes e sociais – ou podem ligar-se, conectarem-se, entre elas, partilhando dados com uma nuvem muito, muito, muito grande…» disse.

«A nuvem do Big Data…?» perguntou Joa.

«Exatamente… A nuvem do Big Data.» continuei, «A nuvem do Big Data está cheia de gavetas, prateleiras, pastas, subpastas, janelas, janelazinhas e janelões. É muito organizada. E cada gaveta tem mil outras gavetas. O Big Data tem gavetas com o nome de todas as pessoas. E o Big Data com os seus poderosos algoritmos como se fossem extensões de braços, mãos e tentáculos está sempre a abrir e a fechar as gavetas, sempre a

arrumar as gavetas, sempre a atualizar as gavetas com novas informações que vão chegando. O Big Data é como a economia, não para. E é um tipo de economia. É uma economia de dados. E a nuvem do Big Data, como economia que é, está sempre a crescer, podendo ser criadas infinitas gavetas. O Big Data gosta muito de bebés. Há sempre novos bebés a nascer que vão logo direitinhos parar ao Big Data, porque os pais dão-lhes logo grandes tablets e grandes telefones ligados à Internet com potentes câmaras e microfones. É um presente muito amoroso cheio de carinho, num novo amor muito tecnológico e muito complexo, que os novos pais dão agora aos filhos, logo quando lhes é cortado o cordão umbilical. São nascimentos através da Internet. Na Internet vemos de tudo. E por isso, o Big Data vê tudo o que estiver na Internet. Não te esqueças que, a nuvem do Big Data existe na Internet. Existe no meio digital. Existe no meio virtual. E o meio virtual pode ser infinito. Digitalmente consegues estar sempre a criar gavetas, a criar janelas, a criar pastas, a movê-las, a abri-las, a adicionar zeros, uns e noves, o que quiseres, porque informaticamente podes fazer o que quiseres… E a nuvem do Big Data está sempre a crescer, podendo ser criadas infinitas gavetas, infinitas pastas. Consegues analisar e editar os seus conteúdos. O meio das nuvens que vemos na vida real é a atmosfera. O meio das nuvens que vemos na vida virtual é a Internet. Assim, sempre que estamos ligados e a interagir na Internet, estamos a gerar uma grande quantidade de dados. Esses dados podem ser ou não automaticamente enviados ou guardados na grande nuvem do Big Data. Depende daquilo que selecionarmos nas opções das milhares políticas de privacidade que somos a cada segundo bombardeados. É um bombardeamos de nuvens. As nuvens competem pela nossa atenção. As nuvens

competem para que partilhemos a nossa informação nelas. As nuvens querem armazenar a nossa informação e o Big Data quer analisar, tratar e organizar a informação que está armazenada nas nuvens. O Big Data gosta muito de informação. Aliás a Inteligência Artificial que está por detrás do Big Data evolui com a informação que o Big Data lhe vai trazendo. O Big Data são os dados, os nutrientes, a informação, o alimento da Inteligência Artificial do Big Data. Quantos mais dados o Big Data tiver meus, mais alimentada e informada sobre mim vai ficar a Inteligência Artificial do Big Data, querendo mediar, alimentar, recomendar, sugerir, analisar, pontuar e medir *O Algoritmo do Amor*, querendo meter-se constantemente no meu namoro com o teu irmão, querendo ficar sempre a ouvir os "amo-tes" que dizemos e como o dizemos. Por outras palavras, o Big Data quererá levar-me a mim e ao Fred para as nuvens virtuais. Só que eu e o teu irmão, por vermos as nuvens reais, por estarmos sempre a olhar para as nuvens reais, é que sabemos que não queremos ir parar às nuvens virtuais. Vamos imaginar, já que estamos a falar em nuvens virtuais, que por defeito tu estás sempre no Big Data. Que tudo o que tu dizes, tudo o que tu fazes, com quem tu fazes, onde tu estás, incluindo a tua geolocalização se tiveres sempre o GPS ligado, está a ser enviado instantaneamente para uma nuvem de dados: para o Big Data. Para estares fora da nuvem tens que sair do meio, tens que sair da Internet. Porque por defeito, o meio que alimenta o Big Data é a Internet. O Big Data habita na Internet. É uma grande nuvem que se move na Internet. Por exemplo, hoje, quando eu telefono ao Fred, a minha chamada não vai parar ao Big Data, porque nós desligamos sempre os dados móveis e o Wi-Fi em chamada. Hoje, desligar os dados móveis em chamada, em princípio é

indiferente, porque sem o 5G, se eu estiver numa chamada, eu não consigo ir à Internet, logo, se não consigo ir à Internet enquanto estou em chamada, é porque a chamada não está a ser enviada ao mundo da Internet, nem está, por isso, a ser processada pelo mundo da Internet. Não há nenhum algoritmo que consiga ouvir "palavras-chave" que digo ao Fred e levar para os algoritmos do Big Data, porque falta-lhes o meio para se moverem, os algoritmos do Big Data movem-se na Internet. No entanto, se eu fizer uma chamada com o Wi-Fi ligado, eu consigo navegar na Internet, o que quer dizer que a minha chamada está a gerar dados e esses dados estão a ser enviados para o Big Data e os sofisticados algoritmos do Big Data encarregar-se-ão de os analisar. Do mesmo modo, se eu não estiver em chamada, mas estiver nesta mesa como estamos sentados, com o meu telefone em cima da mesa ou no bolso com os dados móveis ligados, toda a nossa conversa está a ser processada e a ser enviada e armazenada para o Big Data. Os dados móveis só não funcionariam se eu estivesse em chamada. No entanto, com o 5G isso já se torna possível. Com o 5G se eu estiver com os dados móveis ligados em chamada, a chamada está a ser enviada, processada e armazenada no Big Data. Agora imagina que tens determinadas mãos económicas e olhos empresariais que conseguem aceder às nuvens e abrir as pastas e verem e venderem o que quiserem. É por isso que se diz que "o novo petróleo serão os dados". As videochamadas são todas feitas através da Internet… Por isso, consegues imaginar a quantidade de dados que são gerados numa videochamada. Quando dizemos "dados", parece que estamos a falar de coisas pouco importantes. Mas "dados" são coisas fundamentais, é a tua identidade, a tua forma de ser, de estar e de pensar que inclui imagem, voz,

expressão e reação. Fazeres uma videochamada com o teu namorado inclui um pacote de dados e um pacote de olhos económicos que analisarão a tua chamada e criarão um *profile*. Podes ter mentido ao teu namorado, ele não saber que lhe mentiste, mas os algoritmos vão detetar a mentira e vão pontuar o vosso namoro consoante a informação gerada e consoante o programa para que foi programado o algoritmo. Há milhares de algoritmos. Cada um tem a sua função. Uma videochamada poderá ser analisada por milhares de algoritmos. Uma videochamada poderá ser vendida a milhares de empresas de dados. Tu até podes ficar muito emocionado por teres um grupo de amigos numa videochamada a cantarem-te os parabéns e a dizerem que gostam muito de ti, mas os algoritmos não têm emoções, simplesmente sabem é analisá-las, e não se vão deixar emocionar-se e vão denunciar quem é que está a cantar deprimido, quem é que está a cantar invejosamente e quem é que está a cantar apaixonadamente. Quando nós sabemos que o Direito do Processo Penal prevê no seu artigo 187º a admissibilidade e a gravação de conversações ou comunicações telefónicas para a descoberta da verdade por despacho fundamentado pelo juiz e mediante requerimento do Ministério Público, quanto aos crimes, por exemplo, de injúria, de ameaça, de coação, de devassa da vida privada e perturbação da paz e do sossego, quando cometidos através do telefone, nós sabemos que é fácil intercetar chamadas, sabemos que é fácil intercetar as chamadas dos namorados. E se a polícia consegue intercetar, as operadoras, os governos, os exércitos, os militares, os informáticos, os hackers e os crackers também conseguem intercetar, sobretudo se for uma chamada estabelecida através da Internet. Eu e o Fred estamos sempre a brincar a dizer que os

"nossos hackers" ouvem as nossas chamadas. Mas é claro que dizemos isso a brincar. Dizemos isso sem pensar nisso. Nenhum de nós acha que temos hackers a escutarem as nossas chamadas. Mas isso não é impossível. Isso não seria impossível. Uma máfia, um pequeno grupo, um grande grupo, um lobo alfa ou uma inteira alcateia poderiam intercetar as nossas chamadas. A tecnologia é muito vulnerável. As chamadas são vulneráveis, não são encriptadas. Por exemplo, as conversas no WhatsApp são em princípio encriptadas, pelo que, neste momento, será a aplicação mais segura em relação à privacidade, aos dados e à intimidade. Mas eu não ponho as mãos no fogo pelo WhatsApp! Porque não fui eu que o programei. Não ponhas as mãos no fogo pelo WhatsApp nem por nenhuma outra aplicação que não tenha sido eu a programar ou que tenha estado ali com os programadores a ver o programa a nascer, a ver os algoritmos a serem inseridos. Não sei se um informático, um hacker ou cracker conseguiria ou não desencriptar as minhas mensagens ligando-se através de uma rede Wi-Fi em que eu estivesse ligada ou através do Bluetooth, por exemplo. Há programas para tudo. Há programas para programar, programas para editar e manipular, programas para apagar, programas para roubar, programas para clonar, programas para intercetar "sem interferir", programas para intercetar "com ruído" e programas para infetar com vírus. Mas como as mensagens, os áudios de voz e as chamadas de voz do WhatsApp são encriptadas num tipo de sistema de encriptação que me parece um pouco mais fidedigno do que outros sistemas imperfeitos de encriptação. "Confio" no WhatsApp. Mas mesmo "confiando" não faço videochamadas. Eu e o Fred não fazemos nem áudios de voz nem videochamadas, as videochamadas estão definitivamente excluídas do ingrediente do nosso namoro.»

«O quê? Mesmo que uma pandemia vos separasse por 3 meses??» perguntou Joa.

«Claro!» respondi.

«E se fossem 4 meses?»

«Não faríamos nunca videochamadas Joa, como é natural na nossa *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari.» respondi.

«E se não tivessem instalada a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, n'*O Algoritmo do Amor*?» insistiu Joa.

«Antes do Federico Ferrari nos ter instalado a *Paranóide Tecnológica* dele, o noss'*O Algoritmo do Amor* já era "contra" os algoritmos que analisam as videochamadas.» respondeu Fred.

«Ah!... Então, toda essa aversão d*'O Algoritmo do Amor* às videochamadas é por causa dos "outros" algoritmos...» constatou Joa.

«Não. Simplesmente não gostamos de fazer videochamadas. Uma chamada "normal" dá muito bem para namorarmos quando eu estou em Santarém e o Fred aqui na Aroeira.» respondi.

«O meu grupo de amigos da faculdade…»

«O nosso grupo, Fred…! Os nossos amigos…»

«Sim, Helena… O nosso grupo de amigos da faculdade costuma ligar o Skype, cada um nos seus quartos em casa, para estudarem "todos juntos"…» disse Fred.

«Porque é que pareceu que disseste "todos juntos" como se pusesses aspas em "todos juntos"?» perguntou Helena.

«Porque para mim isso não é "estar juntos"…» disse Fred.

«Não é por não estarmos na vida real que não estamos juntos de verdade…» disse Helena.

«Desculpa, mas é justamente por não estarem juntos na realidade, que vocês não estão juntos!» disse Fred.

«Mas é como se estivéssemos…» disse Helena.

«Exato… É como "se estivessem"… Mas não estão juntos!» discutiu Fred.

«Estamos…» discutiu Helena.

«Não estão!» discutiu Fred.

«Estamos… Só que é ligado pela Internet, pelo Skype… Que é quase a mesma coisa…» insistiu Helena.

«Helena!!! Não acredito que disseste isso!» indignei-me num sorriso misericordioso.

«Quer dizer… Não era isto que eu queria dizer… Obviamente… Mas… Quer dizer… Agora pensando bem… Sim, é como "se estivéssemos", porque conseguimos estar ali uns com os outros… Só não conseguimos é tocar uns nos outros… Mas podemos dizer tudo…» disse Helena.

«Ah!... Que afinal a nossa Helena já foi parar ao Big Data…» zombou Albert.

«E dizia ela que estava também fora do Big Data… Ai… Maninha és tão ingénua…» zombou Maths.

«Como é que a Helena dizia…?» perguntou Albert na mesma zombaria.

«"O meu cérebro também está fora do Big Data!"» gozou Maths.

«Eu não disse nada disso! Não disse assim… Muito menos com essa vozinha… Nem me sabes imitar! És mesmo parvo, Maths!»

«Eles estão sempre a chamar-me para me juntar virtualmente com eles nesses estudos de dados e eu nunca me junto… Já que a Helena não os convida, eu estou sempre a convidá-los para virem cá a casa estudar… Mas eles nunca vêm, então ficamos quites!»

«Fred! Eu também os convido! Mas eles vivem todos em Lisboa, do outro lado da ponte… Não lhes dá jeito virem cá para casa só para estudar… Se ainda fosse em Lisboa…»

«Exato… Mas eles mesmo em Lisboa nem se juntam… Eles podiam-se juntar e não se juntam. Vão ali para o Skype…»

«Qualquer dia, também já nem saem para tomarem café. Tomam ali no Skype e pronto… Olhe… Mandam vir o café de drone e tomam todos o cafezinho "uns com os outros" à frente da câmara para o Big Data ver…» disse Albert, «Não é assim, Jaime?»

«Parece que vai ser assim, tio… Mas não com o meu grupo de amigos. O Big Data que vá procurar outros grupos de amigos e que vá tomar café com outros grupos de amigos.» respondi.

«E se todos os teus amigos quisessem fazer uma videochamada, Jaime?» perguntou-me Joa, «Se combinassem ficar cada um em casa e conversarem pelo Skype ao invés de irem para o café ou de irem dar uma volta?»

«Eu mandava-lhes dar uma volta, Joa.»

«E se por causa da pandemia, tivesses que fazer reuniões pelo Skype?»

«Dizia que não fazia reuniões virtuais, Joa. Podia telefonar, mas nunca em videochamada.»

«E se a reunião fosse mesmo importante e tivesse que ser feita pelo Skype, por causa da pandemia?»

«Se a reunião fosse mesmo importante também deveria poder ser feita com uma chamada "normal" em conferência, não achas Joa? Eu já fiz muitas conferências com amigos em chamada normal e sempre funcionaram muito bem. Senão, a reunião teria que esperar que a pandemia se fosse embora.»

«E se por causa da pandemia, fosses obrigado pela tua Faculdade de Direito a ter aulas por videochamada?» perguntou-me Helena.

«Então era porque a Faculdade de Direito não andava de mãos dadas com o Direito! Era o que mais faltava eu ser excluído

da avaliação por não participar em videochamadas, só porque a Faculdade de Direito andava a dormir em relação à ciência, à economia e ao mercado dos dados! Era o que mais faltava eu não poder exercer o meu Direito Fundamental de Não Querer Estar Ligado À Internet e o meu Direito Fundamental À Proteção Dos Meus Dados Pessoais junto da Faculdade de Direito. Uma coisa era eu ter que enviar trabalhos ou casos práticos de Direito para avaliação através do e-mail. Isso era uma coisa, e se eu queria estar em avaliação eu teria que enviar os trabalhos e os casos por e-mail. Outra coisa bem diferente, é eu ter que sacrificar a minha imagem, a minha voz, a minha intimidade e privacidade do meu quarto, da minha casa, da minha vida privada para não ser excluído da avaliação. Uma aula em videochamada é uma aula que fica gravada. É uma aula filmada. Uma aula que fica na nuvem cheia de dados. Com milhões de dados. Qual seria depois a diferença disso e o instalarem-se câmaras e microfones nas salas de aula? Era o que mais faltava! Eu não me importava nada de participar numa aula que fosse filmada, desde que me pagassem pelos meus Direitos de Autor. Se há câmaras tem que haver contrato! Eu teria que assinar um contrato e ver lá escritos que iria receber pelo filme 1 milhão de euros.»

«E se chumbasses caso te opusesses a participar nas videochamadas?» perguntou-me Maths.

«Preferia chumbar do que me entregar ao Big Data! E se chumbasse por causa disso, eu levaria a Faculdade de Direito ao Tribunal Administrativo de Círculo de Lisboa…»

«Porque não levavas a Faculdade de Direito ao *Tribunal dos Algoritmos*?» perguntou-me Joa.

«Só se estivéssemos em *2080* de Antoine Canary-Wharf é que poderia levar a Faculdade de Direito ao *Tribunal dos Algoritmos*.»

«Mas com uma pandemia, talvez cheguemos mais rápido a *2080* de Antoine Canary-Wharf e o *Tribunal dos Algoritmos* chegue mais cedo.»

«Eu não quero ser intriguista… Mas com uma pandemia isso seria um caso para a *Suprema Corte Tecnológica*… Um caso digno para ser levado ao *Tribunal Tecnológico* de *2080* de Antoine Canary-Wharf.» disse Maths.

«Jaime! Nem eras capaz de fazer videochamada pelo WhatsApp para não chumbares? Disseste que as mensagens e as videochamadas são encriptadas… Qual é que seria agora a desculpa que irias dar aos teus professores?»

«Eu disse que não punha as minhas mãos no fogo pelo WhatsApp… Lembraste, Joa? Se eu autorizar uma cópia de segurança das conversas no Google Drive, as conversas vão deixar de ser encriptadas, o que quer dizer que vão ficar armazenadas numa nuvem que é altamente vulnerável e alcançável. O Google Drive integra o Big Data. Quem está no Google Drive, está por defeito no Big Data. Aquilo que está no Google Drive, está por defeito no Big Data. Para finalizar a tua primeira lição de *Big Data Para Totós*, se eu disser "Big Data" com os dados móveis ligados, depressa aparecerão anúncios ou sugestões de pesquisa ou imagens relacionadas com o Big Data. Como? Os algoritmos "ouviram", reconheceram, levaram essa informação para a nuvem e em troca os algoritmos poderão trazer-me informações ou notícias que tenham que ver com

aquilo que sabem que poderá ser do meu interesse. Do mesmo modo que há notícias que competem para aparecerem à minha frente, também há anúncios que competem pela minha atenção e vão ganhar aqueles que corresponderem aos meus algoritmos. O Big Data sabe quais eram os meus modelos no Instagram, porque tem uma base de dados minha que gerou antes do Fred ter aparecido, e por isso, vai insistir em trazer esses modelos. Mas, o Big Data está em permanente atualização. E se o Big Data começa a ver que eu agora me interesso é mais por auroras boreais e já não ligo aos modelos que ligava, o Big Data pode ir insistindo em trazer-me os modelos, mas haverá uma altura em que parará de me trazer os modelos, porque vê que eu não estou definitivamente a interagir com os modelos e acabará por me trazer só auroras boreais até perceber que eu também não ligo às auroras boreais em fotografia nem em realidade virtual aumentada e que só pesquisei por elas para saber qual era o melhor dia para vê-las na Noruega, na Islândia e na Suécia.» disse.

«Acho que agora já me podes explicar como se eu fosse um adulto o que é o *Big Data*, Jaime… Acho que já estou preparado…» disse Joa.

«Agora que já és um adulto, entenderás que o Big Data é uma tecnologia de análise de grande quantidade de dados, ou seja, a análise e organização de um grande volume de informação, para tornar a informação gerada útil e organizada, dar-lhe uma certa utilidade. A "utilidade" desta análise é sobretudo para permitir o desenvolvimento da Inteligência Artificial, ou seja, o Big Data serve para alimentar uma Inteligência Artificial cheia de algoritmos. Os dados gerados por pessoas nas chamadas gravadas e nas videochamadas, os dados criados por máquinas que se

ligam e comunicam entre si, as informações obtidas das redes sociais e as informações de impressões digitais, retina, reconhecimento facial e genética são tudo tipos de dados que são animadamente tratados pelo Big Data, pela Inteligência Artificial do Big Data e pelos algoritmos do Big Data e da Inteligência Artificial do Big Data.»

«Ainda bem que o Maths não levou nenhum drone ligado à Internet para vos filmar lá na vossa praia, se não vocês os dois já tinham ido parar ao Big Data!...» dirigiu-se Catharina a mim e ao Fred, rindo-se muito no final.

«Ainda bem que eu e o Fred não levámos nenhum drone ligado à Internet para vos filmar empoleirados lá no varandim do barco, se não a tia e toda a multidão à volta da tia já tinham ido parar ao Big Data…»

Rimo-nos todos.

«Devíamos ter feito isso, amor.» disse Fred.

«Pois devíamos… O Big Data ia gostar de ver os teus pais e os teus irmãos num barco rumo às Canárias…»

«Catharina! A economia dos dados já lhes está a subir também à cabeça e já nos querem pôr no mercado a render como petróleo…» brincou Albert.

«E tínhamos um drone mesmo ao nosso lado… Podíamos muito bem pedir emprestado o drone daquele que se

pôs lá a voar na praia e tu foste lá mandá-lo baixar o drone…» disse Fred.

«Ele nem se pôs a voar! Ele só levantou voo…» disse.

«O Jaime mandou baixar um drone na praia??» perguntou Catharina.

«Pois… E o Jaime levantou-se logo a correr e foi logo mandá-lo baixar o drone…» contou Fred.

«Eu não fui a correr…» disse.

«Mas foi como se fosses… Parecias um verdadeiro polícia na praia! Toda a gente o aplaudiu e assobiou e vieram logo todos falar com o Jaime a agradecer… Não foi, Jaime?»

«Não, Fred! Não foi nada assim… Veio só uma senhora muito gira, muito loira, muito bronzeada agradecer. Disse: "Ai! Ainda bem que você está cá para mandar baixar aquela coisa".»

«E a seguir veio o filho dela também muito loiro, muito bronzeado agradecer… E a seguir ainda veio o outro filho dela também muito loiro, muito bronzeado agradecer… E a seguir ainda veio o outro filho dela também muito loiro, muito bronzeado e mais musculado do que eu agradecer, que antes te tinha estado a assobiar com os irmãos a aplaudir, enquanto a mãe falava contigo!!» contou Fred arreliado.

«Olha que engraçado! Eras tu Catharina, noutro mundo paralelo com os teus 3 filhos muito loiros, muito bronzeados…»

«O mais musculado era eu, claro! Eu sou o único que sei assobiar! Sabias que o teu namorado não sabe assobiar?» perguntou-me retoricamente Maths, «Nem o teu namorado, nem o Joa… Nem falo da Helena…».

«Não falas de mim, porquê? Só porque sou rapariga?» perguntou Helena, «Eu por acaso não sei assobiar… Mas tenho amigas que sabem assobiar muito bem…».

«Ai, Helena! Tem amigas que assobiam? Não assobie com elas, por favor… Não fica bem…» disse Catharina.

«Os filhos dela não vieram agradecer. Um deles só veio perguntar porque é que eu tinha mandado baixar o drone. O outro perguntou como é que eu tinha mandado baixar, quis saber o que é que eu tinha dito ao dono do drone. E o outro, perguntou se o voo de drone era proibido em toda a ilha.» emendei a história.

«Eles sabiam que eu era teu namorado. Aquilo foi para me provocar.»

«Eu sabia que o voo ali era proibido. Toda aquela zona é uma zona encarnada, por causa do aeroporto.» disse.

«Reparou que os aviões ali em Porto Santo aterram e descolam sempre virados para norte ou para sul, Jaime?»

«Reparei, tio! O aeroporto parece que foi construído com uma bússola. Parece um ponteiro para Norte e para Sul. Ali em Porto Santo, sei que só dá para pilotar drones mais para a calheta. Eu e o Fred só fazemos praia onde sabemos que o voo drone está proibido ou restrito. Sabia que ali não podia haver drones a

voar… Então, aproveitei o "Novo Direito Aéreo" de *2080* de Antoine Canary-Wharf para defender a minha imagem. Foi o Antoine Canary-Wharf que me ensinou a proteger em 2020 como se eu estivesse em *2080*. A estar em 2020 sempre com os olhos postos em *2080*. Ainda te lembras, Fred? O pessoal na praia todo a olhar para nós, só porque estávamos a fazer adeus e a gritar aos pulos pelos teus pais e pelos teus irmãos que iam no ferry para as Canárias… Ninguém na praia deve ter acreditado que nós conhecíamos alguém que ia no ferry…»

«Entre 2008 e 2012, um ferry fazia a ligação durante todo o ano entre Portimão, Funchal e Las Palmas, mas depois foi interrompido. Os anos foram passando e depois em 2017 o governo regional da Madeira pediu o lançamento de um concurso público internacional para uma ligação, uma vez por semana, por *ferryboat* para o transporte de carga e passageiros entre a ilha da Madeira e Portugal continental. E Bruxelas deu luz-verde. O caderno de encargos impunha que o operador que ganhasse o concurso efetuasse pelo menos uma ligação semanal entre o Funchal e Portimão, sem interrupções.» disse Albert.

«O que é o Caderno de Encargos?» perguntou Joa.

«Podes ir a partir do próprio nome do caderno… "Encargos"… São os "encargos" que a Administração Pública impõe às empresas, caso queiram celebrar contratos com ela. Um ente qualquer da Administração Pública, por exemplo uma Universidade, abre um concurso público para celebrar um contrato de catering com a empresa que ganhe o concurso. Mas a Universidade, diz logo que só vai contratar com uma empresa que seja capaz de fazer 1000 refeições vegetarianas, por exemplo… É

um "encargo" e esse "encargo" constará no caderno de encargos. No fundo, o Caderno de Encargos é um elemento estratégico para a aquisição de bens ou para a contratualização de prestação de serviços onde se descreve o que é esperado pela entidade adjudicante, que é a que contrata, por exemplo a Administração, que a entidade adjudicatária, a destinatária, a que é contratada, por exemplo a empresa de catering, faça. No Caderno de Encargos vamos fixar as condições de prazo, a qualidade, os custos fixados…» respondi.

«O caderno de encargos também impunha que o navio tivesse obrigatoriamente "velocidade suficiente" de 21 nós que são cerca de 39 km/h, para cumprir a viagem Portimão-Funchal em menos de 24 horas e impunha também que o navio conseguisse acomodar, pelo menos, 300 passageiros.»

«Então isso é muito fácil de viciar os concursos, é muito fácil de fazer corrupção.» disse Joa.

«Porquê?» perguntou Maths.

«Então, vamos imaginar que eu estou no governo regional da Madeira e tomei iniciativa desse procedimento concursal… Posso dizer assim, Jaime?...» perguntou-me.

«Podes, sim, lindo…» disse boquiaberto sentindo os meus olhos a brilhar por Joa.

Saiu-me "lindo". Porque assim que ouvi o Joa a construir juridicamente tão bem aquilo assim em segundos, para mim foi lindo de se ver o Direito Natural dele. O Fred compreendeu o significado daquele meu "lindo" e por isso olhou para mim,

sorriu e deixou passar o elogio que fiz ao irmão. Porque ele sabia que tinha sido um elogio jurídico. Um elogio intelectual.

«Se eu estiver no governo regional da Madeira…» continuou Joa, «E eu souber que o Jaime tem uma empresa que faz o transporte marítimo e depois tenho o Fred que tem uma empresa de navios, sabendo as dimensões do porto da ilha da Madeira e sabendo que o Fred tem navios com a dimensão exata para poder atracar no porto da ilha da Madeira, posso dizer ao Jaime para que ele faça um contrato exclusivo com o Fred para adquirir uma frota de 2 ou 3 navios ao Fred que eu depois vou abrir um concurso público com as medidas dos barcos do Fred e sabendo que mais nenhuma empresa tem as medidas exatas, quem vai ganhar o concurso é o Jaime. O mesmo em relação à velocidade. Se eu sei que não há mais nenhuma empresa nacional senão a do Jaime que faz o transporte marítimo de passageiros para grandes distâncias, mas sei que os barcos do Fred que são os que foram fretados à empresa do Jaime, "não dão" mais do que 39 km/h, então eu vou pôr como velocidade mínima essa velocidade, para que o Jaime ganhe o concurso.»

«Teoricamente, o que tu disseste é possível. Basta ter um conhecimento omnisciente do mercado, para saber que empresas é que operam uma certa atividade e em que condições é que operam. E com o sistema informático, cada vez mais evoluído, ainda mais isso se torna possível, sobretudo para quem esteja numa situação privilegiada, como uma câmara municipal, ou um governo que naturalmente terão um acesso informático privilegiado. Eu até posso ser o presidente de um partido,

aparentemente sem empresas no meu nome, mas estar cercado de melhores amigos que têm todos empresas e subir ao poder e fazer uma série de "contratos amigáveis" e só ser descoberto passado anos e quando for descoberto pago a multa e pronto. É por isso, que é muito importante a publicidade e a transparência dos contratos públicos, é muito importante estarmos e continuarmos sempre na União Europeia e é muito importante que os concursos públicos tenham uma abertura internacional, justamente para impedir esse tipo de situações e dar-se a chance a quem quer participar na economia de forma inteligente, sustentável e responsável. É muito importante estimular a concorrência entre as empresas e contratar aquela empresa que for a melhor. E a empresa melhor, será sempre aquela que pague *ordenados de felicidade*, não faça mal ao ambiente, não faça mal com câmaras e microfones aos direitos de personalidade e imagem e voz dos trabalhadores e clientes e seja capaz de cumprir o serviço *À Velocidade da Luz*, porque andamos todos *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto. Depois também tem tudo que ver com a tecnologia. Por exemplo, se eu sei que já há barcos que atingem 100 km/h poluindo muito menos e não fazem ruído, não faz sentido nenhum eu, Governo, estar a contratar com uma empresa que polui muito mais, tem uma frota tecnologicamente atrasada em relação à economia sustentável e, ainda por cima, faz poluição sonora, que a nós humanos pode não nos afetar diretamente, mas afeta diretamente a fauna marítima. Por exemplo, há mil ligações de barco na Ria Formosa. Na Ria Formosa há cavalos marinhos. Os cavalos marinhos são extremamente sensíveis ao ruído do motor dos barcos. Logo, eu não posso ter ali as câmaras municipais a continuarem a contratarem com empresas que não querem largar os barcos que são insustentáveis, quando aparecem

novas empresas com barcos tecnologicamente sustentáveis sem potentes câmaras de vigilância que processam e tratam a imagem, a felicidade e as emoções dos passageiros e as vendem como dados. A tecnologia só interessa se for ecológica. Se não for, então é porque não é uma boa aposta. E as administrações públicas acorrentadas ao Código dos Contratos Públicos devem fazer e saber fazer boas apostas. Devem financiar aqueles que merecem ser financiados! Porque se a Administração Pública abre um concurso público porque quer uma ligação de barcos para as suas ilhas e se eu tenho barcos e os meus barcos são muito mais rápidos, não têm câmaras de vigilância, não fazem mal aos cavalos marinhos e pago o quádruplo ao capitão, a toda a tripulação e aos colaboradores da limpeza, então a Administração Pública está obrigada a contratar comigo! É o próprio Código dos Contratos Públicos que diz que ela está obrigada a contratar comigo! É o *Green Public Procurement* que manda a Administração contratar comigo! Porque a procura das administrações públicas pelas empresas tem que ser sempre pelas empresas verdadeiramente verdes, não é com as que se dizem verdes, só porque sabem que "ser amigo do ambiente", "fazerem-se amigos do ambiente" e "dizerem-se amigos do ambiente" está na moda e vende cada vez mais, não, não é com essas, mas é com aquelas que são mesmo verdes, que apareceram no mercado completamente verdes, fora do vício, fora do pecado! O tempo dos maus já passou ou é preciso vir um vírus, vir uma pandemia, outra vez, para parar, definitivamente, a economia? Agora é o tempo dos bons! Agora é a vez dos bons! Os maus já não têm mais espaço no mercado! Não podem ter! Se eu quero ir para uma ilha, mas ir de barco para lá põe em crise a riqueza que há nas águas, eu tenho que pensar noutra solução para ir para lá.

Nem que vá a remos! Nem que volte ao tempo das canoas e dos remos, mas desta vez com materiais sustentáveis, com materiais que não signifiquem o abate de árvores! Ou, se estiver sujeito a "pressões do mercado" e a "pressões do turismo" e as viagens de barco tiverem mesmo que se realizar, então tenho que limitar as viagens para lá. Não posso fazer mil e uma travessias por dia. O turismo só faz sentido se for um turismo sustentável! E ser sustentável quer dizer que nenhuma árvore foi abatida para eu poder estar ali numa lagoa artificial no coração de uma ilha paradisíaca. E quem devia ter uma palavra final para decidir estes contratos, para ver se a tecnologia é ou não ecológica, se o contrato é ou não sustentável com o meio natural deviam ser os biólogos. Não eram os ministros do ambiente. Porque muitas vezes, os ministros do ambiente não são ambientalistas. Muitas vezes são muito mais economistas do que ambientalistas. E a economia nunca se pode sobrepor ao ambiente. E só com um capitalismo inteligente dos recursos é que faz sentido um capitalismo no século XXI. A economia só faz sentido se não puser em crise nenhum humano nem violar nenhum direito fundamental humano, não ameaçar a fauna nem a flora e não nos asfixiar de dióxido de carbono! E sim, o capitalismo é possível e pode ser bom, mas tem é que ser inteligente, tem que ser empático e tem que ser humano! E ser humano é saber reconhecer a inteligência humana, mas também reconhecer a inteligência emocional das outras espécies. Não somos só nós humanos que somos capazes de amar e que temos sentimentos, que guardamos rancores e somos orgulhosos. Mas é por isso mesmo, Joa, que é importante a publicidade dos concursos públicos. Há um tempo que se dá. Um tempo que se dá para conseguirmos ver isto tudo. A não ser que sejam concursos

públicos urgentes que para determinados valores pode ser possível contratar-se em horas. Mas, normalmente, há um período em que o concurso fica aberto e a decorrer normalmente. Às vezes, não há é interessados. E quando só aparece um interessado, a Administração Pública acabará por contratar com o interessado, "ajustando-se" certos pontos do contrato em "novas negociações desta vez à porta um pouco mais fechada".» disse.

«As especificações do ferry também foram balizadas…» continuou Albert, «Tinham que ter um máximo de 175 metros de comprimento com o calado a não poder exceder os 6 metros e meio, porque só assim, entendeu o governo, é que seria possível a operacionalidade do porto do Funchal. O governo regional da Madeira seduziu com a redução das taxas portuárias. Assim como há um custo nos aeroportos para as companhias aéreas relativamente a cada passageiro que desembarque, relativamente para cada aterragem e descolagem e relativamente ao tempo que um avião fique estacionado na pista, também o mesmo se passa relativamente aos portos. Nós, quando somos passageiros, não nos apercebemos destes custos, porque estes custos são para as empresas, mas o preço que pagamos dos bilhetes contemplam todos estes custos associados. Podíamos perguntar porque é que uma empresa de aviões que está há 10 anos no mercado continua a praticar preços tão altos. Às vezes, pode praticá-los porque ainda nem sequer viu o retorno do investimento que fez, porque para além dos ordenados que tem que pagar, do combustível que tem que pagar, da refeição que serve a bordo, para não falar do crédito que pediu para o investimento da tecnologia da viagem, há uma outra economia nos aeroportos e nos portos que pede muito dinheiro às empresas para elas poderem aterrar ou atracar e

poderem fazer o desembarque dos passageiros. E para além de todos esses custos, ordenados e pagamentos tem que haver naturalmente lucro para que a atividade económica tenha interesse em ser realizada. O governo da Madeira ainda seduziu com a isenção total das taxas portuárias no primeiro ano da operação. O que foi muito aliciante! Mas o pacote de incentivo oferecido não convenceu as 7 empresas marítimo-fluviais que tinham celebrado contratos com o governo regional da Madeira. Havia no terreno uma empresa alemã, uma italiana, uma grega, uma espanhola, uma cipriota e duas portuguesas. Mas as empresas disseram logo que sem a garantia de indemnizações compensatórias a operação nunca seria viável.».

«O que são indemnizações compensatórias?» perguntou Joa.

«É uma compensação financeira que o Estado atribui às empresas que desenvolvam um serviço de interesse público, respeitando os requisitos da continuidade, de sustentabilidade, de boa qualidade e de eficácia, garanta a sua acessibilidade em termos de preço à generalidade das pessoas, promova a coesão económica, social ou territorial e a proteção do ambiente.» disse.

«O quê? Basicamente tu és uma empresa, o Estado abre um concurso público, tu ganhas o concurso e o Estado ainda te paga para tu poderes desenvolver a tua atividade, para tornares a tua fantasia real?» perguntou Joa.

«O Estado compensa-te financeiramente…» respondi.

«Os Comboios de Portugal pediram ao Estado 90 milhões a título de indemnização compensatória e o Estado pagou à empresa 80 milhões.» disse Albert.

«Mas como é que é calculada a indemnização compensatória?» perguntou Joa.

«Para o cálculo vamos ter em consideração o lucro expectável, o risco e os custos incorridos com a prestação do serviço de interesse geral que podem relacionar-se com o investimento que tenha que ser feito para se construírem, por exemplo infraestruturas…» respondi.

«Ou seja, basicamente foi o que eu disse! Tu és uma empresa, o Estado abre um concurso público, tu concorres e o Estado a seguir paga-te para tu poderes pôr a empresa a funcionar… Paga-te os custos que vais ter, até te paga o investimento que vais fazer para montar a infraestrutura, para pôr de pé a tua fantasia…» disse Joa.

«Mas é preciso é que a tua fantasia seja a mesma que a do Estado. Quem tem iniciativa para abrir os concursos públicos são as administrações públicas e todos os seus entes… E o Estado não paga para a tua empresa funcionar, ele paga para que tu consigas desenvolver a atividade económica que é um serviço de interesse geral… É diferente!» respondi.

«Se o Estado te está a pagar para desenvolveres a atividade económica que é um serviço de interesse geral, então o Estado está a pagar para que a tua empresa funcione. O mais difícil não é o desenvolvimento da atividade económica, quando a atividade já está consolidada, o difícil é iniciar a atividade,

justamente, por causa dos custos com o investimento. Ideias sustentáveis e inteligentes para levar a bom porto um negócio todos nós temos, simplesmente o que falta para largar o barquinho do porto é o capital.» disse Joa.

«Não te esqueças que num concurso público terás várias empresas a concorrer. Tens que aparecer no concurso com alguma musculatura, com algum capital…» disse.

«No primeiro concurso não houve interessados…» continuou Albert, «Sem a tal indemnização compensatória não valia a pena! Depois o governo regional da Madeira trouxe um valor: 3 milhões. Mas primeiro o governo regional da Madeira antes de pôr dinheiro da Madeira quis primeiro, e bem, fazer com que isto do ferry fosse visto como um serviço público de interesse nacional e não só como um serviço de interesse regional, ali da região das ilhas da Madeira. Que no fundo, era o que acontece com as ligações aéreas. É evidente que há um interesse nacional em ligar o continente às ilhas do país! Talvez fizesse mais sentido a ligação ser Funchal-Lisboa e não Funchal-Portimão, isto num sentido mais imediato da aplicação do princípio da territorialidade. Mas fosse a ligação Funchal-Portimão ou Funchal-Lisboa há sim um interesse nacional e não só regional! Não só há um interesse em eu importar produtos da ilha para o país, como há um interesse na exportação dos produtos do continente para as ilhas num preço muito mais competitivo do que os aviões, por exemplo. Há um interesse em eu ter estudantes da ilha a estudarem no continente, em Lisboa, e que possam ir passar os fins-de-semana à ilha, que é onde têm os seus amigos e família, por exemplo, num preço mais competitivo do que os aviões. Um estudante por ser residente das ilhas paga

por uma viagem de avião Funchal-Lisboa 50 e tal euros. Só que o Ministério do Mar na altura não gostou da ideia e a ministra veio até dizer que não estava disponível para lançar um novo procedimento, porque, coitada, tinha ficado muito traumatizada com o facto de não terem aparecido interessados no primeiro concurso. É claro que sem financiamento, sem a tal indemnização compensatória, o primeiro concurso público não teve interessados. Mas a ministra ficou muito traumatizada e não deve ter tido atenção ao pequenino pormenor dos 3 milhões que agora estariam no concurso. O governo da Madeira protestou, mas o governo Português fez ouvidos de mercador. Bom… A solução foi a Madeira avançar sozinha assumindo os encargos financeiros do ferry! Que era o que eu tinha feito, se tivesse no governo da Madeira! Mas primeiro seria sempre necessário saber qual é que seria a posição de Bruxelas sobre o assunto. Isto porquê? Porque é muito fácil eu atribuir uma indemnização compensatória a uma empresa e distorcer todo o mercado. E a Comissão Europeia veio concordar com o financiamento. Com a então luz verde de Bruxelas e com este novo financiamento de 3 milhões a ser entregue diretamente à empresa que ganhasse o concurso, o governo regional da Madeira voltou a abrir concurso. Ganhou a empresa que é detida pelo grupo empresarial que também faz a ligação de ferry entre o Funchal e Porto Santo. O que estava previsto era a indemnização compensatória ser de 3 milhões, mas depois afinal, o anunciado foram 9 milhões. O que estava previsto era a ligação do ferry ser durante todo o ano, mas depois o que "ficou" foi a empresa fazer no mínimo 12 viagens por ano. E ela fez as 12 viagens no verão. A nossa foi a primeira viagem.»

«Depois de termos passado a vossa praia, passámos pelas ilhas Desertas e estavam dois anormais num iate com binóculos ali encostadinhos às escarpas das Desertas. Eu vi-os a apontarem os binóculos para o nosso barco, então fui logo buscar os binóculos ao Capitão. Os gajos, que eram da nossa idade, viram-me, através dos binóculos deles, a apontar os binóculos para eles e começaram logo a assobiar fazendo piretes e a "mandarem-me para o *caralho*".»

«Mathias!!!» interrompeu Catharina.

«Mãe! Estou só a contar… Pode sempre, se quiser, fazer um som de "bip" prolongado quando eu disser que eles "mandaram-me para o…"»

«Biiiiiiiip.» fez Albert.

Rimo-nos todos, menos Catharina que ficou a abanar a cabeça num "não incrédulo".

«Eu não os vi a "mandarem-me para o…"»

«Biiiiiiiiip.» fez outra vez Albert.

«Mas conseguia ler perfeitamente os lábios deles. Eu tinha a cara deles ampliada à frente dos meus olhos com os binóculos. Não os tirei. Via aquela algazarra muda, mas "com som". Com um som que os binóculos me traziam. Os assobios eram tão fortes que se ouviam. Parecia que o vento os trazia.»

«Eu ouvi!!!» exclamou Catharina.

«Um deles, às vezes, interrompia a algazarra para ver se eu ainda estava a apontar os binóculos diretamente para eles e via-o a ver-me com os binóculos e a voltar logo à algazarra e a fazer-me o triplo dos piretes e via as veias dele do pescoço a engrossarem enquanto o via a "mandar-me para o…"»

«Biiiiiiiiiip.» fez outra vez Albert.

Rimo-nos todos, desta vez também com Catharina que abanava menos a cabeça, mas que não deixava de abanar num "não incrédulo".

«Eles estavam mesmo passados! Parece que estavam capazes de saltar do barco vir a nado até mim e subirem o nosso barco para me darem uma maquia. Mas isso era o que eu queria, dar-lhes uma maquia. O que eu queria era que eles viessem! Mas eles devem ter visto o meu caparro com os binóculos e ficaram-se só pela algazarra. Mas foi muito divertido!»

«Basicamente eles achavam que por estarem num barco privado deles e vocês num ferry que eles podiam lançar-vos os binóculos, mas vocês já não podiam, não? Que anormais!» exclamou Fred.

«Eles como estavam no barco deles e com binóculos não esperavam que alguém do ferry tivesse binóculos e achavam que podiam espreitar sem serem espreitados… Que podiam ver sem serem vistos…» disse Helena.

«Ou então, achavam que por estarem num iate estavam protegidos e que alguém não tivesse a coragem e o descaramento

de lhes entrar pelo barco dentro como eles o fizeram… É preciso ser muito descarado!!!» exclamou Catharina.

«Mas não fiz bem, Jaime?» perguntou-me Maths.

«Por mim, fizeste. E pelo Direito também fizeste. O que fizeste foi em legítima defesa… Se bem, que… Perdeste depois a legítima defesa…» respondi-lhe.

«Perdi porquê?»

«Porque o Fred não podia ter continuado a lançar os binóculos diretamente sobre eles, Jaime?...»

«Sim, Joa! Isso mesmo. Não há legítima defesa sobre legítima defesa, nem pode haver excesso de legítima defesa. Tu bates-me e eu bato-te em legítima defesa. Mas bato-te uma vez, só para que tu me pares de bater. Tu não podes voltar a bater-me outra vez dizendo que me estás a bater em legítima defesa, porque não há legítima defesa sobre legítima defesa. Mas, se tu me bateres outra vez, eu posso voltar a bater-te outra vez em legítima defesa. Mas não posso continuar a bater-te. Bato-te uma vez para parar a tua ação, a tua agressão, seja ela física ou por palavras.» respondi.

«O quê? Se o Fred me chamar nomes eu posso dar-lhe um chapadão em legítima defesa?» perguntou-me Joa.

«O Direito Penal português admite que tu possas em legítima defesa dar uma chapada a quem te está a ofender por palavras, para tu repelires a agressão verbal. Que é o que faz sentido! Faz todo o sentido! A agressão verbal ou psicológica é tão grave como a agressão física. A agressão psicológica através

de palavras ofensivas à tua honra e dignidade ou que exerçam um forte domínio mental em ti pode sim ser desastroso e muito mais lesivo da tua integridade, do que uma agressão física. E por isso, faz todo o sentido que assim seja. O Direito anda de mãos dadas com a Psicologia e sabe muito bem que, às vezes, pode ser preciso eu dar uma chapada a quem está a interferir na minha esfera jurídica sem esse direito. Há um dever geral de nós nos abstermos de interferir na esfera jurídica, e por isso, na esfera mental dos outros. A chamada "não ingerência" nas esferas, direitos e liberdades dos outros. Só assim é que pode existir verdadeiramente uma paz e um sossego. E o Direito gosta da paz e do sossego. O Direito gosta muito do bom ambiente. Não gosta de ruído, nem mentalismos, nem confusões. E se for preciso dar uma chapada para sair da confusão que se instalou nos meus ouvidos, que nunca deveria ter-se instalado, o Direito dá-me, sim, razão. Esta é a parte que eu mais gosto do Direito. Porque chegar a este raciocínio jurídico para mim, é o mais nobre da intelectualidade. Só é possível desenvolvermos plenamente a nossa intelectualidade se estivermos em paz e sossego.» disse.

«Então, no caso dos binóculos, o Fred perdeu toda a razão?» perguntou Joa.

«Sim. Ou seja, para o Fred ter o Direito do lado dele a dar-lhe razão, ele só podia ter lançado os binóculos até os outros pararem. Mas assim que os outros baixassem os binóculos, o Fred deveria ter automaticamente baixado também os binóculos. Não podia ter continuado a lançar diretamente os binóculos diretamente neles.»

«Eu imagino é esta cena toda com drones. Ao invés de ser com binóculos, ser com drones. Os dois rapazes terem um drone e ao invés de terem lançado os binóculos sobre nós, terem lançado um drone e nós não conseguirmos defender a nossa imagem… É que ontem a invasão foi com binóculos, mas amanha será com drones…» disse Helena.

«Nessa situação em que estás num ferry, e não podes sair do ferry, terias que ter uma pistola anti-drone para atirar sobre o drone. É por essas e por outras, que eu sinto que nós ainda não estamos preparados para andar a pilotar drones, porque as pessoas estão cada vez mais a perderem a sensibilidade para os direitos de imagem e a sensibilidade para os direitos da intimidade e da vida privada. Se eu amanhã estou a fazer um piquenique com o Fred, as pessoas acham "giro" visto de cima e esquecem-se que somos humanos e temos direitos fundamentais humanos e vão lá com o drone filmar esquecendo-se que não podem filmar e que estão a praticar um crime! Porque é crime! Dá direito a ir para a prisão! Por momentos acham que somos animais monogâmicos e que é giro adicionarem-nos à coleção deles como se fôssemos duas aves raras. O Direito Penal de todos os ordenamentos jurídicos tem que aumentar as penas – e não é em multa – numa Era tão tecnológica como a nossa, com drones e telefones com câmaras de filmar e fotografar tão potentes. Parece que *Os Autores do Sistema*, de Sebastião Lupi-Levy, são os mais lúcidos sobre isto e espero que eles consigam imprimir os seus novos direitos tecnológicos para podermos sobreviver nesta nova Era tecnológica. Senão, vamos perder todos os nossos direitos! É importante que enquanto houver um Código que defenda a nossa imagem, que continuemos a defender a nossa imagem! Que

façamos em alto e bom som a defesa da nossa imagem, porque o direito à imagem é um direito de personalidade que é tutelado e protegido por lei pela letra do artigo 70º do Código Civil e que façamos publicidade ao crime previsto no artigo 199º do Código Penal que pune com pena de prisão quem fotografe ou filme outra pessoa contra a sua vontade. Lembras-te Fred? Daquele drone que apareceu quando estávamos no Miradoiro das Flores? Nós tínhamos subido tudo até lá acima a pé, não havia ninguém, parecia que tínhamos a ilha de Porto Santo nas nossas mãos, sabíamos que estávamos ali sozinhos. O Fred ia roubar-me um beijinho… E aparece um drone!??? Olhámos logo à nossa volta para ver se o piloto tinha caído do ar de paraquedas… Não havia sinal nenhum do piloto. Nós não queríamos ir embora dali por causa do drone! A tecnologia do drone não podia ser mais forte do que a nossa tecnologia! O drone começou a baixar o voo para ter um "melhor ângulo" nosso e eu gritei ao Fred para que ele fosse buscar um pedregulho para arremessarmos ao drone e darmos cabo dele ali mesmo. O piloto deve ter ouvido através do microfone e "fugiu" logo com o drone dali para fora. Tentámos seguir-lhe o *Target – A Pegada Digital*, de Ralf Kleba-Kodak, como ele nos seguiu até ali… Mas o drone acabou por cair a pique em queda-livre no abismo da vista. Ele tinha vindo lá de baixo, sem piloto! Isso é completamente contrário àquilo que está escrito no Código Drone. O piloto não pode deixar de ter contacto visual com o drone! Se bem que, o Código Drone como dizem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy está muito, mas mesmo muito mal feito! Nós não estamos preparados para andarmos a voar com drones! Enquanto não percebermos nada de direitos de personalidade, direitos fundamentais, direitos de imagem, direitos de autor, direitos intelectuais, direitos de propriedade, direitos de

privacidade nós não estamos preparados para andarmos a voar de drones! Não estamos!»

«Foi por isso que tu e o Fred compraram uma pistola anti-drone, Jaime?»

«Sim, Joa. Foi por isso.»

Fez-se ali um silêncio. Parecia um luto à memória do nosso espírito tecnológico que tinha sido baleado com "os flashes" do drone.

«Chegaram a ver algum dos membros da colónia de focas-monge quando passaram nas Desertas?» perguntei.

«Não vimos.» respondeu tristemente Helena.

«Focas? Também há focas?» perguntou Joa, «Pensava que eram só lobos-marinhos…».

«É a mesma coisa… Toda a gente os chama "lobos-marinhos"… Eu chamo-os focas-monge… Parece que lobo-marinho é um outro animal completamente diferente da foca… Mas é só uma espécie diferente de foca… Pertence à mesma família. Por isso, é que chamo focas-monge… Aposto que nem sabias que um lobo-marinho era um foca, Joa…» disse.

«Por acaso, não sabia… Justamente por sempre ter chamado "lobo-marinho". Se eu soubesse que eram focas… Chamaria "focas-monge", como tu… Aliás, agora vou sempre chamá-las de "focas-monge", como tu Jaime…»

«São cerca de 25 "focas-monge" que vivem ali na Reserva Natural das Ilhas Desertas, que é uma zona de águas quentes e costa bastante escarpada, como elas gostam, de acesso difícil com grutas que servem de entrada submarina.» quis informar, «Mundialmente há 500 focas-monge, sendo, por isso, dos animais mais raros do mundo, sendo uma espécie considerada "ameaçada" pela União Internacional para a Conservação da Natureza. Hoje, a foca-monge tem um estatuto legal *premium*, protegida por uma série de convenções internacionais, pela União Europeia, e pelo Direito de cada país que a abriga, Portugal tem leis, o Governo Regional da Madeira tem decretos-leis, Itália tem leis, Grécia tem leis, a Maurícia tem leis, o Havai tem leis… As outras 475 vivem na Mauritânia, nas ilhas gregas, nas ilhas italianas da Sardenha e Sicília, nas costas da Bulgária e da Líbia… Também há uma outra espécie de foca-monge que vive no Havai… Predam o polvo e adoram mexilhão. Podem viver até aos 40 anos, em cativeiro. Mas na vida selvagem normalmente é até aos 25 anos. Algumas espécies de focas são monogâmicas, vivendo toda a sua vida com o seu parceiro. Um dos aspetos mais importantes para a conservação das focas-monge é a sua reprodução. A natalidade é muito baixa, porque as fêmeas só atingem a maturidade sexual aos 4, 5, 6 anos de idade e uma fêmea tem normalmente uma única cria de cada vez, no mesmo período de gestação da mulher, 9 meses, por isso é que os locais onde vivem focas-monge são sempre zonas de grande proteção como a Reserva Natural da Ilha das Desertas. A baixa variabilidade genética é umas principais ameaças à sua sobrevivência. São monitorizadas com tecnologia não invasiva com máquinas fotográficas de disparo automático com infravermelhos instaladas no interior das grutas e com o seu

seguimento via satélite através de pulseiras com GPS que os biólogos conseguem colocar artisticamente nos seus membros. Na cadeia alimentar, a foca-monge está no topo, pelo que a sua presença nas Desertas indica que a ilha é um habitat que está bem preservado. Eu acho que é muito giro, conseguirmos ver isto com a presença de um animal. A sua presença indicar-nos sobre a saúde ecológica. Por outras palavras, são elas, as focas-monge, as legítimas ecologistas daquela área. Elas são os reguladores naturais daquela natureza. A sua presença é, pois, também um bom indicador da qualidade da água.» quis informar.

«Jaime! Se uma das principais ameaças da sobrevivência das focas-monge das ilhas das Desertas tem que ver com a baixa variabilidade genética, porque é que os biólogos não trazem de barco focas-monge do Hawai ou da Grécia ou da Itália para acasalarem com as Desertas, introduzindo assim novos genes, fortalecendo a espécie?»

«Geralmente, a introdução de novos genes é muito importante para a sobrevivência de uma espécie. Trazer novos genes de fora é sempre bom! A espécie vai ficar mais forte! As reintroduções podem ser muito positivas. Mas também podem ser desastrosas. As focas-monge da ilha das Desertas poderiam simplesmente não aceitar as que viessem de fora, porque o odor, a pelugem e o comportamento são diferentes. Nesse desastroso cenário as focas-monge estrangeiras poderiam acabar por morrer. Um odor diferente poderá significar uma repulsa ou uma atração sexual. Há quem defenda que a hipótese de reintrodução de novas focas-monge deva ficar completamente posta de parte e que a colónia de focas-monge das Desertas deva recuperar sozinha, mesmo que lentamente, como tem vindo a acontecer.»

«E tu, o que defendes, Jaime?» perguntou-me outra vez Joa.

«Bom… Eu não sou biólogo…»

«Mas se fosses?» insistiu.

«Não sei se os machos ou fêmeas são ou não muito territoriais, não sei se as focas-monges das Desertas são ou não mais sociais ou mais solitárias ou vivem numa verdadeira comunidade…»

«Mas e se vivessem numa verdadeira comunidade?...»

«Eu não sou biólogo, Joa…» respondi.

«Mas se fosses…» insistiu.

«Também estou curioso com o que vai aí no seu coraçãozinho… Diga lá, Jaime… De certeza que intuitivamente esse seu coraçãozinho já lhe mostrou alguma coisa… Aqui não há biólogos a condenarem-lhe… Só está no meio de médicos, não se esqueça… Tudo o que nos disser, para nós fará sentido…! Nós vemos a forma romântica como o Jaime vê as coisas… Gostamos desse seu romantismo! Diga lá, Jaime!» rogou entusiasticamente Albert.

«Bom… As pandemias aparecem de repente! De um momento para o outro, um vírus pode parar toda a economia. Um vírus pode disseminar uma inteira população. Houve um caso de marés ruins com algas tóxicas no Cabo Branco, na Maurícia, que mataram metade da colónia de focas-monge do Cabo Branco. Antes desse desastre, a Comissão do Parlamento

Europeu tinha sido advertida do potencial desastre e havia em vista a reintrodução da colónia do Cabo Branco nas ilhas Canárias; e para além do argumento óbvio de permitir com isso reduzir o desaparecimento da colónia do Cabo Branco com a proliferação das algas tóxicas, também se argumentava que isso pudesse criar um laço genético entre a colónia do Cabo Branco que fosse instalada nas Canárias e a pequena comunidade da ilha das Desertas… Afinal, Porto Santo e as Desertas estão só a 500 km das Canárias. Ter "melhores genes" pode significar ter mais chances para sobreviver a um novo vírus. Se marés ruins passarem ali pelas Desertas, pode ser um desastre para uma comunidade com poucos indivíduos e que têm baixa variabilidade genética. A introdução de novos genes poderia aumentar as chances de sobrevivência da comunidade e fomentar a sua própria reprodução. E estas marés ruins com algas tóxicas são um cenário que se desenha como possível ameaça para as focas-monge, dentro de outros cenários como o derrame de crude ou a diminuição do alimento disponível, por exemplo. Assim como há cientistas que abrem a imaginação de humanos sapiens terem chegado a um vale nos Balcãs onde outros humanos, humanos neandertais, viviam há centenas de milhares de anos e na competição pelos recursos terem nos exterminado, não fecho a hipótese de focas-monge gregas chegarem às Desertas e competirem com as madeirenses pelos recursos. Mas o meu romantismo que é um pouco diferente da *BBC Vida Selvagem* acredita que o odor grego seria muito bem-vindo à Madeira. Acredito que as focas-monge das Desertas ficassem com "os olhos apaixonados" assim que vissem focas-monge gregas a desembarcar na sua ilha. Se eu estiver em apneia e caçar um polvo e ao mesmo tempo aparecer uma foca-monge, eu não devo

ficar com o polvo, mas sim libertá-lo, porque sei que a foca-monge se alimenta de polvo. Devo ser eu, humano, apetrechado de inteligência e tecnologia, que devo ir procurar outro polvo e não a foca-monge. Se eu não largasse o polvo em frente a uma foca-monge isso poderia ser um suicídio. A foca-monge, com os seus dentes afiados e robusto corpo poderia competir comigo pelo polvo. E não seria nada boa ideia competir com uma foca-monge! Este cenário também poderia acontecer entre uma foca-monge grega e uma foca-monge madeirense… Mas acredito, ou quero acreditar que elas não fizessem emergir do fundo do mar histórias passadas de sapiens e neandertais. Elas no fundo do mar gostam é de dormir e o que vem à tona nessas submarinas sestas são só mesmo elas para recuperar o fôlego e depois voltarem ao fundo sem acordarem a história. Elas têm aquele ar robusto, um hálito fedorento de peixe podre, mas são muito dóceis. São o contrário dos humanos. Os humanos podem ser muito bonitos com um hálito a mentol e serem uma besta para os humanos. Elas não são assim. Quando as crias nascem, as fêmeas procuram praias abrigadas ou abertas para ensinar e brincar com as suas crias… Já que elas são monitorizadas, talvez os biólogos e os vigilantes da natureza, que as acompanham, soubessem quando vão nascer novas focas-monge… É na altura dessas brincadeiras com as suas crias, que as fêmeas ficam mais recetivas a novos acasalamentos e que os machos se aproveitam para se aproximarem das fêmeas… Então vejo fêmeas a chegarem com as suas crias às Desertas… E vejo os machos madeirenses a darem as boas-vindas às estrangeiras e a mostrarem-lhes a elas e às suas crias a perfeita praia abrigada para novas brincadeiras…»

«É por isso que gostas de ir sempre para praias-abrigadas com o meu irmão, Jaime? Para fazerem sempre novas brincadeiras?»

«Sim… É por isso… Joa…» ri-me envergonhadamente.

«Eu imagino… As brincadeiras de vocês os dois quando se apanham sozinhos em praias-abrigadas sem drones…»

«Mathias!!!» gritou Catharina.

«Ah!... Quem me dera também poder brincar convosco…»

«Mathias!!!!» gritou Catharina.

«Juro! Nem que fosse só para assistir… Não me importava nada de fazer de cria só para assistir às vossas brincadeiras de adultos…»

«Mathias!!!!!»

«O teu irmão ainda está a falar das focas?...» perguntei fazendo-me de desentendido.

«Acho que está mesmo a falar de nós como se fôssemos focas…» respondeu-me Fred.

«Quer dizer… O Joa pode falar nas "brincadeiras" do Fred e do Jaime e eu não posso dizer que gostava de participar nelas ou de ficar a assistir?» perguntou Maths indigno.

«NÃO!» respondi em coro com Fred.

«Mathias! Não responda! E não tente comparar o incomparável! O seu irmão não sugeriu nenhum tipo de brincadeiras desse género…»

«De que género mamã?...»

«Mathias! Está a perder a piada toda… Não tente levar *O Algoritmo do Amor* para outro lado, que não vai conseguir Mathias! Isto aqui não são *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Ralf Kleba-Kodak!» disse Catharina.

«Não sei porque é que o romance do Jaime e do Fred tem que se tornar obrigatório e monopolizar todos os nossos outros romances…» resmungou Maths.

«Porque é *O ALGORITMO DO AMOR* do Jaime…» respondeu Albert.

«Por outras palavras… O algoritmo do Jaime… É o seu irmão! Não é você! Por isso, saia do romance deles de uma vez por todas! Pare de estar sempre a querer meter-se no romance deles! Está sempre a querer estragar o romance deles com as suas… Ideias… Concupiscentes…» protegeu-nos Catharina.

«Luxuriosas… Vá…» disse Albert.

«É para dar uma certa sensualidade a'*O Algoritmo do Amor*… Senão, seria demasiado cor-de-rosa… Não teria política nenhuma… Não teria disputa nenhuma… Não teria propriedade nenhuma… Assim com propriedade, disputa e política já faz sentido estarmos constantemente a chamar o Direito para *O Algoritmo do Amor*… No fundo, só estou a apelar, para não dizer estimular, e para isto não ficar demasiado libidinoso, à mente do

Jaime para que traga um direito mais amoroso a todo o nosso ordenamento jurídico… Porque estamos mesmo a precisar…» defendeu-se Maths.

«Eu acho que todo o ordenamento jurídico dispensa os teus direitos amorosos Maths…» disse.

«Mas não dispensa os teus… E os teus, só aparecem sob stress…» respondeu-me.

«Os meus direitos amorosos aparecem ao colo do teu irmão…» respondi-lhe, «Os meus direitos amorosos aparecem quando estou de mãos dadas com o teu irmão…».

«E eu apareço com o meu telefone com *bué* câmaras *bué* potentes e vos prendo para sempre na minha coleção de "focas gays monogâmicas mais fofas e mais raras do mundo"…» interrompeu-me num forte gozo dele, «Os teus direitos amorosos aparecem quando o meu irmão te vai roubar um beijo e aparece um drone pilotado por mim… E tu vais a correr chamar *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy para que inventem um Código Tecnológico que me teletransporte para uma prisão tecnológica igualzinha à do *2080* de Antoine Canary-Wharf… No fundo, eu conheço os monstros e as bestas dos mares… E sou só o vosso lobo-marinho… Não se esqueçam que sou um predador de topo… Posso predar todas as bestas e todos os monstros… Predo os polvos… Posso predar os polvos que quiserem e trazer-vos à mesa para alimentar contínua e tecnologicamente *O Algoritmo do Amor*… Sou o vosso lobo-marinho… Que vos quer proteger dos perigos lá fora… Eu sei que vocês querem muito meterem-se no vosso barquinho e irem aí por fora a navegar… Mas antes de navegarem têm que ir inventar os direitos para vos

protegerem na vossa infinita e eterna viagem como bem sei que é *O Algoritmo do Amor*…»

«Oh!...» exclamei, «Agora foste querido, Maths! Foste mesmo amoroso! Sendo assim, podes ser o nosso lobo-marinho.».

«O nome "lobo-marinho" deve-se aos sons em tom de uivo que emite, fazendo-o mesmo parecer um lobo. Quem os apelidou assim foram os navegadores portugueses João Câmara de Lobos e Tristão Vaz Teixeira, quando chegaram à ilha da Madeira e numa baía de costa sul da ilha com grutas, hoje conhecida por Câmara de Lobos, ter-se-ão deparado com um animal que até então era desconhecido. Ainda estão lá as grutas em Câmara de Lobos… O Vaz Teixeira descobriu com o Câmara de Lobos a ilha de Porto Santo e ficou encarregue de a colonizar. Foi depois povoar a ilha da Madeira, casou com uma prima sua e deixou larga descendência. Como a ilha da Madeira era grande, foi dividida em duas administrações. O Vaz Teixeira ficou com a administração de Machico, tendo-lhe sido depois a administração do território doada sob a forma de capitania. O Câmara de Lobos, que foi o apelido de família e armas que o Rei D. Afonso V atribuiu a João Gonçalves de Câmara, ficou com a administração do Funchal. O lobo-marinho habitava as praias de Câmara de Lobos, na ilha da Madeira… Só que com a chegada do homem, obrigou a irem procurar abrigo e alimento para as Desertas. Foi um autêntico massacre! Estão a imaginar como o homem olhou para a gordura e para a carne desta foca, não é? Como os ursos polares olham para as focas polares… Só que o urso por instinto de sobrevivência natural devora-as. O homem por estupidez de crueldade económica transformava a sua pele

em couro e a gordura usava para sistemas de iluminação e para a cosmética… Chegaram a visitar Câmara de Lobos? O Frederick levou-o lá, Jaime?»

«Sim, tio. Estivemos nas piscinas naturais. Os miúdos fazem filas para subirem uns rochedos de 4, 5, 6 metros para depois saltarem para o oceano que não apetece sair depois de lá. Adorei vê-los a saltarem dali. Imaginei-me logo com a idade deles. Pode ser perigoso, mas não para eles. Eles nascem a saltar dali. Miúdos pequeninos. Os salva-vidas das piscinas naturais nem podem proibir os saltos das rochas para o oceano, senão aquela gente vem logo a protestar e a reivindicar um direito que é deles. Eles nasceram com aquele direito. Aqueles saltos e mergulhos são sagrados e pertencem-lhes!» disse.

«Ah!... O Jaime é como eu!» exclamou Catharina, «Sabe que assim que chegámos ao Funchal eu disse logo ao Albert que queria ir a Câmara de Lobos às piscinas para ver esse espetáculo natural dos miúdos a saltarem das rochas. Nós chegámos ao Funchal perto das 13h. Tínhamos pouco tempo, porque depois às 18h o ferry partia para Las Palmas. Eu e o Albert gostamos muito de um restaurante no Funchal. Só comemos nesse. Um dia quando o Jaime vier connosco, nós levamo-lo lá… E quando chegámos ao Funchal estávamos esfomeados, eu estava esfomeada… Mas ainda assim, disse ao Albert que tínhamos que primeiro passar nas piscinas naturais de Câmara de Lobos. E só depois é que fomos almoçar.» riu-se muito no final Catharina.

«Ainda fomos à casa do Joachim tomar um chá… O Joachim convidou-nos…» contou Albert.

«Sim… O Joachim fez questão… Ainda deu para fazermos um lanchinho no terraço da casa do Joachim com uma fabulosa e privilegiada vista para o Atlântico…» contou Catharina.

«O Jaime chegou a conhecer a casa do Joachim?»

«Eu emprestei-lhes as chaves, pai!»

«Sim, tio… O Joa também fez questão que nós tivéssemos acesso à vista privilegiada do "pequenino" terraço dele…»

«O terraço da casa do Joaquim é muito, muito grande… Eu até acho que é maior do que esta sala…»

«Que exagero, mãe! É grande… Mas também não é um terraço do outro mundo…» disse Maths.

«Eu cá, sinto-me sempre como se estivesse noutro mundo quando estou nesse terraço debruçado sobre o Atlântico…» disse Helena.

«Eu também me senti estar do lado do outro mundo nesse terraço…» disse.

«Eu acho que o Joachim ficou com a melhor casa!» comentou Helena.

«Nós ficámos duas noites na casa do Joa quando aterrámos no Funchal. Depois no Funchal apanhámos o ferry para Porto Santo. E quando voltámos no ferry de Porto Santo

para o Funchal, chegámos já à noite e voltámos a pernoitar na casa do Joa. Voámos para Lisboa no dia a seguir.» disse Fred.

«Eu ainda tenho a viagem de barco das duas vezes completamente gravada na minha mente. Fomos sempre debruçados no varandim a viagem toda. Estava toda a gente agarrada aos telefones ou a fotografar ou a filmar. Vi pessoas que foram a filmar a viagem inteira, sempre a olhar para o telefone, sem nunca tirarem os olhos do telefone… Viram a viagem toda a partir do ecrã do telefone… Fez-me imensa confusão estarmos a chegar ao porto do Funchal à noite em toda aquela atmosfera, como todo aquele cheiro de mar e de porto e de barco – eu estava sentado ao colo do Fred, para variar, numa cadeirinha que arranjámos, arrastámos e encostámos ao varandim, viemos assim a viagem toda – e a nossa vista ter sido simplesmente inundada por pessoas em pé que se puseram à nossa frente numa febre de telefones a fotografarem tudo com flashes a estragarem aquela vista sagrada noturna só com as luzes do Funchal! Puseram os telefones deles por cima da nossa vista. A nossa vista foram os telefones deles. E nós víamos os écrans deles com fotografias horríveis, que não tinham nada que ver com a realidade. E a realidade estava mesmo ali em frente aos olhos deles. E eles nem sequer eram capazes de comparar a realidade daquilo que viam com as fotografias que tiravam. Porque só olhavam para os écrans. Fiquei mesmo irritado! Nós estávamos ali tão sossegados e eles chegaram e puseram-se à nossa frente, taparam-nos a vista, como se tivessem prioridade sobre a vista só porque tinham um telefone, só porque estavam a fotografar… Como se fotografar fosse um novo direito para ocupar uma vista. Parecia que nós só poderíamos pedir outra vez emprestada a nossa vista, se

quiséssemos fotografar. Mas nós não queríamos fotografar. Só queríamos ver. Só queríamos estar ali a acompanhar. Só queríamos ver com os nossos olhos sem que isso nos fizesse expulsar dali. Pisavam-nos e tudo. Porque por eles, não estávamos nem podíamos estar ali com a cadeirinha a empatar o processo de fotografia deles. Foi isso que vimos. Vimos isso e vimos golfinhos das duas vezes, a passarem mesmo rentinho a nós…» contei.

«E um deles até mandou uma pirueta no ar… Das duas vezes que passámos…» contou Fred.

«O Fred disse que aquela acrobacia tinha sido para mim e disse que o golfinho fez aquilo para o provocar, porque ele sabia muito bem que ele era meu namorado…» contei.

Rimo-nos todos.

«Frederick! Os seus rivais não estão no oceano… Estão aqui mesmo à sua frente…»

«Eu sei, pai… Obrigadinho por me lembrar, sempre.»

«E depois esse grupo de golfinhos ainda nos foi visitar à praia. Mas foi só uma vez. Eram 7. Andavam todos em par…»

«Exceto o que fez a pirueta para o Jaime…» interrompeu-me Fred.

«O da pirueta vinha atrás no grupo a mandar piruetas…» contei.

«Jaime! Gostaste mais da minha casa ou da casa do Fred?»

«Gostei muito das duas…»

«Sim… Mas se tivesses que escolher… Para viver… Por exemplo… Em qual gostarias de viver…?»

«Eu não me importava nada de viver em Porto Santo, desde que tivesse um ferry todo o ano para ir para o Funchal e não pagasse um balúrdio cada vez que quisesse ir "à Lisboa" da ilha, à capital do arquipélago, no meu carro… Porque o Funchal é uma Lisboa! Uma pessoa esquece-se que está numa ilha… Parece Lisboa! Então à noite, o centro histórico cheio de restaurantes e barzinhos parece mesmo uma Lisboa… Se houvesse um ferry durante todo o ano e não só no Verão e que não demorasse 2 horas e meia a fazer 50 km e houvesse um passe mensal para os residentes de Porto Santo nem que fosse 200 € ou 300 € para quem pode pagar, mas 50 € para quem não tem tanto dinheiro por mês e vive de salários mínimos… Eu vivia em Porto Santo! Sem pensar! Duas horas e meia é para uma viagem de verão em que se está em passeio! Mas seria insuportável fazê-la todos os dias para ir trabalhar. No máximo teria que ser 40 minutos, uma hora no máximo! Eu gostei muito de Porto Santo. Ficámos lá o verão todo. Foram 4 meses… Fizémos um grupinho de amigos que trabalhavam num dos hotéis da ilha. Uns eram mesmo lá de Porto Santo, outros tinham vindo de Lisboa para trabalhar. Tive acesso à informação dos ordenados deles, aos movimentos do hotel, às condições em que eles trabalhavam… Consegui entrar camufladamente no hotel. E nessa minha camuflagem que arranjei consegui ver tudo.»

«E vai-nos contar neste romance como é que o Jaime arranjou a camuflagem?»

«Não neste, tio.»

«Vi-me muitas vezes ali de férias com o Fred e com o Código do Trabalho nas mãos…»

«No fundo, o Jaime foi em trabalho para Porto Santo…»

«Fui mesmo, tio… Parece que fui mesmo…»

«E vi nas minhas próprias mãos o Código do Trabalho a funcionar mal, a não dar resposta, a não proteger os trabalhadores que eram explorados por um grande hotel que faz milhões, mas que escraviza e se aproveita de contratos protocolados temporários com estagiários que faz com uma escola de hotelaria e turismo e que os estagiários coitados, que não percebem nada de Direito, depois de lá estarem têm mesmo que aceitar as condições, para acabarem o curso. Uma mão-de-obra baratíssima! Que se aproveita de contratos temporários que faz com empresas de recrutamento de trabalhadores para hotelaria, só sabe é celebrar contratos por intermediários de outros e de outros, nem sequer tem coragem nem tempo para celebrar diretamente com o trabalhador! Porque é sempre a despachar! Vi os sorrisos plastificados das caras deles! Os sorrisos comprados! A simpatia comprada! E os clientes do hotel nem sequer têm tecnologia para ver o que há por detrás daquele sorriso? Que não há uma verdadeira felicidade? Que não há ali nenhum *ordenado de felicidade*? Vi o ar de cansaço em cima deles. Como é que alguém podia estar ali cansado naquela paradisíaca ilha? Como é que alguém podia querer não estar ali naquela ilha?

Vi que no fim da época balnear eles voltaram para Lisboa com cabelos brancos, com uma pele feia e com um bronze fingindo, um bronze suado, com uma depressão gigante na cara. Vi-os a sairem da ilha com o sentimento de terem sido completamente explorados por um hotel que tem nome no mundo inteiro. Enquanto aqueles 4 meses para mim foram um autêntico paraíso, para eles foram um completo inferno! Eles só queriam era ir embora! Mas os estagiários não podiam, porque precisavam das horas do estágio para ficarem com o curso acabado, os outros que não eram estagiários e tinham vindo por intermédio de outras empresas precisavam do dinheiro e mesmo que quisessem sair dali não podiam, porque não tinham dinheiro para o voo caríssimo para se irem embora nem dinheiro para se meterem com advogados e pagarem indemnização nenhuma ao hotel "por abandono das suas funções" e os outros contratados que eram residentes da ilha, que eram os únicos que tinham o contrato a sério com o hotel, tinham que se contentar com o salário mínimo para ajudar em casa… Estavam ali no hotel construído sobre as dunas da praia (!!!) com acesso direto à praia por duas pontezinhas e nem sequer podiam mandar um mergulho! O hotel não deixava!!? Nem de manhã antes de entrarem, nem na hora do almoço, nem na hora do jantar, nem depois de saírem do trabalho eles podiam mergulhar ou nadar na praia em frente ao hotel "por causa dos clientes"??????!!! Mas que raio de hotel é este???? Não dá vontade de largar uma bomba e mandar o hotel todo a baixo? A mim dá-me! Bum! Não ouviram? Bum!»

Todos os von Der Maase se riam.

«Ai, amor! Tu és tão engraçado! Bom… Esquece lá o Prémio Nobel da Paz… Menos um milhão nas nossas contas bancárias… Deixa lá… Não há de ser nada…»

«Também… Mais um milhão, menos um milhão… Não é, Jaime?» perguntou jocosamente Albert, «Perder um milhão ou ganhar um milhão hoje em dia não é nada… Agora perder a nossa liberdade de expressão, é que não! A liberdade de expressão é o cultivo da nossa mente. É o produto da nossa mente. É o gozo da nossa mente. É o nosso maior gozo! Não nos podermos expressar? Ainda por cima, quando nos expressamos tão bem? De uma forma tão clara? De uma forma tão real? Seria acabar com a nossa realidade! Seria acabar com o nosso amor! Com o nosso coração! A expressão é o amor que temos pelo nosso coração! A expressão é o bater do nosso coração! Deixá-lo expressar, é uma prova do nosso amor pelas coisas que o nosso coração mais bate!».

«Mas conte lá isso melhor, Jaime… Os colaboradores do hotel não podiam ir à praia à frente do hotel? Que história é essa? Quem é que é o dono do hotel? Quem é que fez esse regulamento do hotel?? Mas esse regulamento é sequer legal? O que é que o Direito diz sobre isso???? Mas o dono do hotel pensa o quê??? Que a praia é do hotel dele???» perguntou Catharina indignadíssima.

«Nenhuma praia em Portugal é privada!» exclamei, «Não existem praias privadas em Portugal! O que há, são praias concessionadas. Que são praias que a Administração Pública atribui a concessão com a contrapartida do concessionário contratar os salva-vidas para vigiar no limite da concessão. Mas a

praia não fica nunca do concessionário! Não há privatização de praias em Portugal! Em Portugal as praias são públicas! Não se paga para ir à praia! Nem nunca se pode vir a pagar! A Administração Pública que não se ponha com ideias de vender praias para que lhes seja depois instalada um torniquete! Nas praias em que existe concessões, há um decreto-lei que protege os concessionários que podem cobrar pelos chapéus de sol que forem instalados no perímetro da concessão, porque normalmente nas praias concessionadas há zonas de chapéus de sol com camas ou espreguiçadeiras que pertencem ao concessionário. E o hotel tinha a concessão da praia em frente em que estava construído… Então, devia achar certamente que era dono da praia e que era dono dos seus colaboradores. O que o Direito diz sobre isto é muito simples: é que esse regulamento não vale nada! É aliás, anticonstitucional! Porque está a violar desde logo contra a liberdade dos colaboradores, está a atentar contra o direito à liberdade, que é um direito constitucionalmente consagrado, mas eles são afinal reclusos ou quê??? Não podiam mandar um mergulho à frente da praia? Por causa dos clientes? Os clientes estão na deles! Mas o hotel pensa o quê? Que os clientes vão sair da água da praia porque um colaborador acabou de entrar na água? Mas o que é que o hotel está a pensar? Acham o quê? Que fica mal? Mal fica esta figura do hotel! Porque é uma figurinha mesmo triste! Mesmo criminosa! Para mim, é um crime! Uma empresa poder proibir um trabalhador de ir à praia??? Com uma praia paradisíaca ali a 50 metros???? É um crime! Uma empresa meter-se na hora do almoço e do jantar dos trabalhadores??? Meter-se depois da hora de saída do trabalho??? Já não basta obrigar os trabalhadores a instalarem aplicações das empresas nos telefones, já não basta controlá-los pelo WhatsApp

para ver se os trabalhadores estão ou não *online*, já não basta fazer caminhos "específicos" e portas proibidas dentro do hotel para os trabalhadores não "serem vistos" pelos clientes "porque não fica bem", já não basta o hotel assinalar com uma marca a amarelo um quadrado onde diz que é ali onde os trabalhadores se quiserem podem telefonar, num quadrado com câmaras e microfones… E ainda se vai meter na vida privada dos trabalhadores desta maneira? Dizendo que não podem fazer praia à frente do hotel? Do hotel onde trabalham? Do hotel que fazem faturar milhões???? Uns trabalhavam todos os dias sem folgas, outros tinham uma folga. Estavam alojados em casas na ilha que eram propriedades do hotel. Das casas ao hotel a pé uns demorariam 30, outros 40, outros 50 minutos a pé. Havia uma carrinha que fazia de *transfer* para ir buscar e levar os colaboradores às casas e que também era usada para ir buscar e levar os clientes ao aeroporto ou ao ferry. A carrinha ia buscar de manhã os trabalhadores e deixava-os à porta uma meia hora antes do trabalho começar. Eles não podiam fazer praia, porque só tinham meia hora e nessa meia hora não dava para saírem da praia em frente ao hotel. Só para saírem da "vista do hotel", da praia que o hotel achava que era dono, demorariam mais do que uma meia hora a irem e a voltarem. No final do trabalho, também não podiam mandar um mergulho, porque meia hora depois vinha a carrinha e eles não tinham tempo para sair da praia que o hotel achava que era dono, para irem dar um mergulho a outra praia e voltarem a tempo de apanhar a carrinha que os deixava em casa estafados! Ah!... E "o hotel" deixava-os em casa estafados separados dos namorados e das namoradas! Porque assim que o hotel tivesse conhecimento dos trabalhadores que namoravam com quem, separava-os, punha-os a dormir em casas

distantes; se se quisessem encontrar que fossem a pé e andassem a dormir às escondidas… Mas nem às escondidas os namorados conseguiam dormir, porquê? Porque o hotel dava quartos, mas partilhados! Ou seja, o trabalhador estava lá o verão todo num quarto partilhado, que nem sequer podia ser com o seu namorado ou namorada, a comer mal na cantina, num hotel de 5 estrelas sem opções de prato de peixe ou vegetariano e onde vê tudo do bom e do melhor para os clientes, a receber miséria, a trabalhar em cima da praia, mas proibidos de ir à praia… Conclusão: trabalhavam no paraíso, mas para eles era um verdadeiro inferno!»

«Eu tinha vergonha de ir para esse hotel! Nunca, mas nunca, meteria os meus pés nesse hotel! Por mil palmeiras que tivesse, porque nunca, mas nunca, daria nem um cêntimo do meu dinheiro para um hotel desses! Tão triste… Qual é que é a necessidade?????» perguntou retoricamente Catharina escandalizada.

«Como diz Antoine Canary-Wharf em *2080*: "Eis a importância de um casal poder viajar sempre juntos é esta: tornam-se mais fortes e tornam mais sofisticado o sistema."» parafraseou Albert.

«A nossa praia era ali em frente ao hotel quando estávamos sozinhos, a namorar, sem os nossos amigos, quando os nossos amigos estavam a trabalhar no hotel… Os nossos amigos traziam-nos bebidas, cafés, fruta… Só não nos conseguiam era trazer os gelados e sorvetes, porque não estavam incluídos no "tudo incluído"… Uma das nossas amigas estava no bar da praia do hotel e cortava-nos sempre uns pedações de

ananás… Todos os dias, quando era ela que estava no bar da praia, tínhamos sempre ananás! Um dos ananases mais doces que já comi!» contei.

«Sim, era docérrimo! Lambujávamo-nos tanto os dois… E depois eu roubava beijos tão doces ao Jaime e ele deixava… Se fosse em Portugal, ele não deixava… Mas como estávamos "fora de Portugal"… "Fora de Lisboa e fora de Santarém"…» contou Fred.

«Às vezes, parecia mesmo que estávamos fora de Portugal, quando não ouvíamos português… Porque é uma atmosfera, uma geografia, uma temperatura, uma vegetação, uns insetos tão diferentes do continente… Afinal, estamos mais perto das Canárias do que Portugal continental… Temos as Canárias ali a sul a 500 km… Portugal continental, a nordeste, está a 1000 km… Na praia há mil tarântulas negras peludas… São mesmo chamadas as tarântulas-de-Porto-Santo… No continente não há disso! Nem isso, nem águas a 24 graus.»

«O Jaime, sempre que ouvia gritos na praia ia logo a correr para salvar as tarântulas-de-Porto-Santo… Não deixava ninguém as matar! Ele ia lá, agarrava nelas, com as próprias mãos e libertava-as para as dunas, depois de lhes dar mil festas…» contou orgulhosamente Fred.

«Então, toda a gente as queria matar… Toda a gente ficava histérica com elas…» desculpei-me.

«Divertiram-se muito em Porto Santo, estou a ver… E fizeram mergulho?» perguntou Albert.

«Não fizémos, tio…»

«E pesca?»

«O Fred não me levou a pescar nada… Só me levou a restaurantes caros de peixe lá da ilha…»

«Que chatice de vida, não é Jaime?» perguntou jocosamente Albert.

«É mesmo! Eu já disse ao Fred que assim que começarmos a ganharmos uma boa guita, vamos comprar o equipamento para fazermos pesca submarina e a partir daí, só comemos o peixe que nós pescarmos. Se não pescarmos nada, não comemos peixe nenhum. Se quisermos comer polvo, temos que mergulhar em apneia, porque com garrafa de oxigénio é batota e temos que ir lá lutar com ele pela sobrevivência. Deve ser assustador. O polvo no seu habitat natural com os seus 8 braços, 9 cérebros e 3 corações a bombear à nossa frente deve parecer um monstro marinho… Isso é que dá para ficar histérico! Acho, que vou ficar histérico quando vir um monstro desses.»

«Oh!... Não vai nada ficar histérico, Jaime… Quem anda a fazer festas às tarântulas não fica histérico com polvos. Se calhar, não vai é ter coragem é de o matar… Ainda vai se pôr é a fazer festas também aos polvos… E depois chega o Frederick cansado do hospital à espera de comer o polvo que o Jaime tinha prometido que ia pescar e encharcado de lágrimas vai dizer-lhe que não teve coragem e que ficou a fazer festas e que o polvo acabou por escapar… Já estou a ver o filme todo ó Jaime…»

Todos nos rimos.

«Por causa da inteligência dos polvos, um dia, o partido dos verdes ainda virá proibir a pesca e o consumo do polvo em Portugal. Quando esse dia chegar, já sabemos que o polvo tecnológico, monstro marinho dos mares, conseguiu com os seus tentáculos chegar ao parlamento e hackear o pensamento humano para a sua própria sobrevivência.» disse.

«Sei de uns hotspots em Portugal com muito polvo que logicamente não conto a ninguém. Por não ter contado a ninguém e ter mantido o segredo debaixo de água é que essa informação não está disponível na Internet. Vou lá sem o GPS. Não preciso do GPS para ir pescar. Sei onde há polvo. Descobri. Porque sou explorador. E como explorador, tenho o direito e interesse em manter a minha exploração. Não sou o único explorador. Há uma Internet de Tudo e Mais Alguma Coisa. Como há uma internet de autores, também há uma internet de pescadores. O mundo quer mais polvo. Fala-se, por isso, na criação em cativeiro do polvo. O que é que o Jaime acha disso?»

«Acho muito mal! Apesar de predar ou consumir polvo, consigo ver de caras se a sua criação para o meu consumo é ou não ética. Apesar de predar ou consumir algumas aves, posso optar por comprar aves que eu sei que foram criadas em liberdade e não numa capoeira ou num aviário, ainda que a capoeira esteja ao ar livre ou as galinhas pisem o solo. Se me disserem que a criação do polvo vai ser num aquário gigante com outras espécies, um aquário que tente simular um mini-oceano sem mercúrio, em que o polvo não se aperceba que está preso, eu até posso pôr um ponto de interrogação e chamar os biólogos para eles tomarem uma posição sobre o assunto. Acho que são os biólogos, que estão na posição mais privilegiada para ter uma

opinião sobre o assunto. "Não sou eu, que não sou biólogo e não sei como funciona o cérebro do polvo". Quando criamos um animal em cativeiro para consumo ou temos um animal de estimação, o mais importante é o espaço. Há quem leve uma vida a estudar sobre o espaço-ideal de cada animal. Não precisamos todos de tirar um curso de Biologia, basta chamarmos os biólogos para a discussão. Sabemos que um cão não é feliz se estiver o dia todo preso na varanda, ou se viver numa casota atrelado à casota. Mas sabemos que um cão pode ser feliz se viver numa casa com jardim. Sabemos que um cão pode ser feliz se viver num apartamento e se os donos lhe derem amor e forem passear com o cão ao campo, à praia ou ao jardim. Não gosto de ver cães com trela na rua. Mas não sou ninguém para dizer que um cão é menos feliz se estiver a passear com trela. Talvez haja cães que nem se apercebam e sejam muito felizes nesses seus passeios. O que eu defendo é que quando um animal tem noção que está preso, deve ser imediatamente libertado! Eu não vejo mal nenhum em criarem-se animais em cativeiro, desde que dentro desse cativeiro o animal possa ter um espaço livre para ser feliz. Sabemos que os cisnes precisam de um lago para serem felizes e têm que viver em casal. Se queremos ter cisnes, não podemos ter só um cisne. Temos que ter dois cisnes. Se queremos ter um casal de cisnes não vamos tê-los numa jaula ou numa capoeira, vamos tê-los num jardim com um lago. E nesse mesmo jardim, podemos ter um porquinho, podemos adotar um porquinho. Podemos ter todos os animais que quisermos, se o nosso jardim for grande o suficiente para todos os animais. Não vejo mal nenhum em termos um Safari Parque com elefantes, girafas e zebras, desde que o Safari Parque seja grande o suficiente e os elefantes, girafas e zebras estejam em regime de

liberdade dentro do Safari Parque e se o intuito for para preservar a sua espécie, porque está ameaçada por caça ilegal ou está a ser muito predada por leões ou crocodilos. É verdade que, como o crocodilo, eu podia comer girafa, elefante ou zebra, mas não os como porque não sou nenhum crocodilo e sei que eles possuem uma extraordinária inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie. Devemos protegê-los! Devo impedir a sua caça! São mamíferos! Há uma forte ligação da cria à mãe. É verdade, que o elefante macho acaba por ser expulso pela mãe e mete-se numa manada de machos com outros elefantes numa longa viagem, mas é esta a natureza dos elefantes. Posso tentar compreendê-la. São animais que se me vissem ferido deitado no meio de uma savana, eram capazes de pegar em mim e levar-me "ao colo" com eles. Eram capazes de me amar. Um elefante não me vai comer. Uma girafa não me vai comer. Uma vaca não me vai comer. Um hipopótamo não me vai comer. Pode é atacar-me se sentir ameaçado. Mas não me vai comer. Os humanos traumatizaram durante milénios estes animais. Estes animais têm um justo ajuste de contas a fazer connosco. Se chegarmos com os nossos telefones nos bolsos para tentar dar uma festa a um elefante ou a um hipopótamo, o mais certo é sermos atacados. Porque estes animais sentem a energia ruim, a energia radioativa. Tenho a certeza de que se eu chegasse só com o meu espírito perto de um elefante ou de um hipopótamo sem drone nenhum a sobrevoar, eu seria muito benvindo. Mas é preciso é conseguir entender isto. Talvez isto seja espiritual demais. Se deixarmos a tecnologia de fora, conseguimos voltar a ver a espiritualidade das coisas. O polvo é tecnológico. Os elefantes, as girafas, os hipopótamos são seres espirituais, são seres sagrados! Se olharmos bem para os olhos deles, se conseguirmos ver o espírito deles só através do

nosso olhar, eles também veem o nosso. Eles não são canibais. São sociais. Ligam-se. Têm ligações sociais muito importantes. Se calhar, tão importantes como as nossas. E não devemos ser nós a romper estas ligações. Não é por um crocodilo predar girafa ou predar cangaroo que eu posso predar girafa ou cangaroo, porque não posso! Mas talvez, possa predar crocodilo. Talvez possa predar cobras. A carne de crocodilo é uma carne branca altamente nutritiva e com sabor a galinha. É uma carne saudável. Num combate, o crocodilo predar-me-ia. Se o polvo tivesse o triplo do meu tamanho, se eu deixasse que ele evoluísse para o triplo do seu tamanho, ele predar-me-ia. Se ele preda lagosta e preda caranguejo, claro que me predaria se pudesse. O polvo só não me preda, porque ainda não pode. As tarântulas são canibais. Mas se eu não as incluir na minha dieta, posso protegê-las. Não vou matar um polvo, porque ele "é um bicho mau" e para ele "aprender a não ser canibal". O polvo não é mau. Se não vou comer polvo, não vou matá-lo por prazer. As orcas, por exemplo, matam por prazer. Matam golfinhos, matam pinguins, matam mantas. As orcas sim, são um animal perverso. Mas não vou incluir orcas na minha dieta, porque a carne delas faz-me mal. Os tubarões são predadores de topo, mas não é por serem predadores que são bichos maus, porque não são. Também não vou incluí-los na minha dieta, porque sei que a carne deles me faz mal. Num mundo cheio de nutrientes, em que há nutrientes importantes que precisamos para o nosso corpo, devemos usar a inteligência humana para termos acesso aos nutrientes. Se sabemos que há um animal que tem nutrientes que precisamos ou que são essenciais, se esse animal não for um animal complexo, com uma inteligência sócio-afetiva e se o consumo da sua carne não fizer mal à nossa saúde e não desequilibrar o ecossistema e

não puser em cheque o ambiente, não vejo mal em predar-se um animal destes. E se eu sei que há um legume ou um tubérculo que tem os mesmos nutrientes que o animal, se calhar posso comer o legume e deixar o animal. Não defendo o polvo como defendo o porco ou a vaca ou a girafa ou o elefante. O polvo, provavelmente é 300 vezes mais inteligente do que o porco ou do que a vaca. Mas não é pela inteligência de um animal que eu justifico a minha filosofia da predação. Eu não predo nenhum animal que tenha inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com a espécie humana. O porco e a vaca, como qualquer outro mamífero, têm uma inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie e também com a espécie humana. São inúmeros os casos de famílias que têm porcos como animal de estimação e que sabemos que os porcos adoram as crianças, os cães e os gatos e adoram brincar com eles. Quando não sabemos isto e crescemos cegos sobre isto, a sermos ensinados que temos que comer carne de porco e que a carne de porco faz bem e que o porco é um animal que não tem pensamentos, nem sentimentos, eu percebo quem coma porco, porque é uma pessoa desinformada. Mas quando uma pessoa tem acesso há informação, acho muito estanho a pessoa não conseguir reagir à informação. Nós estamos cá numa constante evolução. Podemos ter nascido com vícios que herdámos do código genético, mas podemos, numa constante evolução, cada vez afastarmo-nos mais, e mais, daquilo que estava ou foi escrito nos nossos genes. Temos a capacidade para deixarmos hábitos maus e adquirirmos novos hábitos, hábitos melhores, que diminuam o sofrimento e aumentem a paz e a felicidade. Foi por isso, que nascemos humanos. Senão, mais valia termos nascido outra coisa. Mas nascemos humanos, com capacidades humanas de olhar em redor e tentarmos

compreender. Pelo menos, tentarmos. Para além de ficarmos a saber sobre estes casos em que vemos que um porco é como se fosse um cão ou um gato e que portanto, na nossa cultura ocidental, não deveria fazer qualquer sentido predarmos o porco, mais me choca vir a Medicina dizer que não é suposto comermos porco nem nenhuma carne vermelha, porque a carne vermelha faz mal à saúde, aumentando as chances de desenvolvimento de vários cancros, e mesmo assim, continuar-se a comer carne vermelha. Das duas uma: ou se é burro ou se é doente mental. Porque só um doente mental, é que não é capaz de inverter o pensamento e reconfigurar todos os seus maus hábitos, porque está preso a um vício que sabe que é um mau hábito, mas que não consegue "fazer nada" para simplesmente deixar o vício. É a minha filosofia de vida. Como qualquer outra filosofia, terá o peso que uma sociedade quiser atribuir. Nós precisamos de nutrientes para podermos viver, termos um correto desenvolvimento de células e um correto funcionamento do cérebro e da mente, para fazer o coração bater com pujança até aos 150 anos, para termos os ossos no sítio até lá… Quem fuma, é doente mental. Tem um problema mental. Se sabe que fumar faz mal, mas continua a fumar, porque não consegue deixar de fumar, é doente mental. Tem um problema mental, que se chama, "não conseguir deixar de fumar". A mente do fumador está tão doente, tão dormente, que não deixa o fumador sair daquele vício. É um vício! Um vício é uma doença! A mesma coisa com pessoas que "não conseguem largar o telefone, quando têm que largar, quando por exemplo, estão com outras pessoas". A mesma coisa com pessoas que dizem que "gostam de porcos, que sabem que eles têm sentimentos e pensamentos, sabem que a carne de porco faz mal, mas não conseguem deixar a carne de porco,

porque dizem que é saborosa". A carne de porco é horrível! É nojento, comer-se porco! Anatomicamente o porco é o mais parecido com o humano… Comer um coração de porco, cheio de emoções e sentimentos, é como se se estivesse a comer um coração de humano. Como as pessoas andam cada vez mais a desligarem-se uma das outras, talvez daqui uns anos, seja normal o canibalismo entre os humanos. Talvez daqui uns anos, seja normal os herdeiros legitimários apoderarem-se do defunto e consumirem-no ou comercializarem a sua carcaça. Basta vir um cérebro inteligente como o do polvo numa nova corrente de pensamento com tecnologias dizer isto, para a sua tecnologia manipular o cérebro humano. É por isso que predo o polvo. Vejo a inteligência dele. Vejo o canibalismo dele. O porco não é canibal. Não vale o argumento de que se que cortar um porco ou um humano aos bocados e mandar para dentro da jaula do porco que o porco vai comer, porque é claro que o porco vai comer. Mas o porco não vai comer a saber que é porco ou que é humano. Como se eu vender um coração humano a um humano como se fosse um coração de porco e o humano comer o coração, ele vai comer o coração humano a saber-lhe a coração de porco. Não vale o argumento que os porcos "também" são canibais, quando são criados em cativeiro. Porque os porcos em cativeiro enlouquecem. Como qualquer humano enlouqueceria se fosse criado em cativeiro. O humano tem noção do espaço. Por ter noção do espaço, sabe que não pode estar fechado. Que tem direito à liberdade. Se um humano, por ter enlouquecido por estar dentro de uma jaula, tivesse comportamentos canibais ou sexuais ou obscenos, isso não quer dizer que o humano seja canibal. Os porcos não são canibais. Os porcos criados em liberdade, como os humanos, não são canibais. Mas o polvo,

criado em liberdade, é canibal. Não é social. Se eu faço festas a um porco, gosto de um porco, compreendo a sua inteligência e afeiçoou-me a ele, mas depois vou comê-lo, desculpem lá, mas isto para mim é uma doença. Isto não é normal! Uma coisa é eu não me afeiçoar aos porcos e não querer saber de uma suposta inteligência sócio-afetiva que eles eventualmente tenham. Ou mesmo que eu a reconheça, achar que não seja por isso que eu deva não predar. E simplesmente, não me relacionar com porcos, porque quero predá-los, porque quero incluí-los na minha dieta. Outra coisa, é eu ver com os meus próprios olhos que de facto não faz sentido nenhum predarmos uma espécie capaz de me amar ou de amar os meus filhos ou de amar os meus animais de estimação, mas ainda assim, predá-lo. Não pode fazer sentido! Isto não é de humano! Não nos alimentamos só do sol nem da água. Eu acredito imenso no vegetarianismo, por princípio. Mas acho que há alimentos que devemos incluir na nossa dieta, como as ostras, os mexilhões, os caracóis, os camarões, os ovos, o mel e o polvo. Mas esta minha dieta pode não valer para daqui a uns anos, se eu tiver novas informações sobre cada um dos animais que predo. O mais importante aqui é a biologia e botânica. Os botânicos defendem a inteligência das árvores, não defendem a inteligência dos brócolos ou dos agriões. Não posso ser estúpido ao ponto de não comer nada, porque tudo é ser vivo. Devemos saber usar a inteligência. Devemos saber usar o pensamento científico a nosso favor. Nenhum biólogo disse até agora que o caracol é um ser vivo inteligente, que tem pensamentos ou que sonha, por isso, não vejo mal nenhum em o caracol fazer parte da nossa dieta, se eu sei que é uma excelente fonte de nutrientes e é um alimento saudável. Nenhum biólogo veio dizer até agora, comprovadamente, que os camarões são inteligentes. Quando a

biologia ou uma nova Ordem dos Biólogos vier dizer que os camarões são inteligentes e têm fortes laços afetivos com a sua espécie, eu paro de predar. As galinhas sabem contar. Fazem um cálculo básico. Isso não demonstra que são inteligentes. Não é por elas virem a correr para o dono que sabe que tem milho para dar que isso é um indicativo da tal inteligência sócio-afetiva, porque não é. A galinha é uma carne branca. A Medicina recomenda o consumo da carne branca. Mas pode haver outras razões éticas para eu não predar a galinha. Por exemplo, posso ser contra a sua criação em aviários. Mas até posso ser a favor da criação de galinhas em liberdade em que se comercializem os ovos dela, mesmo que ela saiba contar e se aperceba que faltem ovos. Posso só comer ovos de um mercado que só comercializa os ovos de galinhas que estejam ao ar livre e em liberdade. Devemos ser inteligentes e ver todo o mercado que está por detrás. A nossa dieta deve pensar e pesar com tudo. Deve pesar com a Medicina, com a Nutrição, com a Biologia, com a Botânica e com a Ética. Há nutricionistas a recomendar comermos carne vermelha "porque se não for em exagero não faz mal". Pode ser muito útil ouvirmos um nutricionista dizer que nutrientes tem um alimento. Mas depois temos que ir ver o que diz a Medicina sobre isso. Os médicos, enquanto estudaram na Faculdade de Medicina tiveram só uma cadeira de nutrição. Não sabem "nada" sobre nutrição. Quem sabe são os nutricionistas. E os nutricionistas não sabem "nada" sobre cancros. Mas nós sabemos o que é que a Medicina sabe e o que é que a Nutrição sabe, e devemos saber casar os seus conhecimentos. A Medicina diz que nós precisamos de ferro para não termos anemia. A Nutrição diz que a carne vermelha tem muito ferro. Mas nós lembramo-nos do que diz a Medicina, que a carne vermelha aumenta as chances de doenças

cancerígenas. Por isso, sabemos que não queremos saber da carne vermelha. Não queremos saber se o nutricionista enervado nos diz que não faz mal comermos carne vermelha se não for em exagero, porque sabemos muito bem a opinião da Medicina sobre o assunto. A Medicina diz que é um exagero comermos mais do que uma vez por semana carne vermelha. Então voltamos à Nutrição e a Nutrição diz-nos que o agrião e os espinafres têm imenso ferro. Voltamos à Medicina e sabemos que a Medicina aprova incluirmos mais agrião e espinafres à nossa dieta. Está resolvido o nosso problema do ferro. Não precisamos de comer carne vermelha. Aliviamos um imenso sofrimento dos animais. Fazemos melhor à saúde do próprio ambiente. É só benefícios em não consumirmos carne vermelha. Somos humanos, temos que ver isto assim! Não há outra forma de ver! Precisamos de B12. Voltamos à Nutrição. A Nutrição já sabe que não comemos nem porco, nem vaca, por isso vai dizer-nos para comermos carnes brancas. Para comermos galinhas. Voltamos à Medicina para sabermos a opinião dela. A Medicina vai dizer-nos que o frango é uma carne saudável. No entanto, pode não nos dizer que a carne de frango está cheia de químicos e de hormonas, porque não estudou Engenharia Alimentar e não tem bem noção do que é injetado no frango ou que químicos são usados para a desparasitação ou para a alimentação. Mas se chegarmos ao pé da Medicina com novos dados, talvez ela veja que é uma pena como o mercado esteja e que talvez não seja muito saudável consumir aves de aviários, porque as suas carnes, afinal, podem conter químicos que façam mal à saúde. Voltamos à Nutrição e pedimos outra coisa. A Nutrição diz-nos que podemos comer atum ou salmão para termos B12. Voltamos à Medicina e a Medicina diz-nos que o salmão e o atum são muito saudáveis. No entanto, a

Medicina sabe que o atum tem níveis muito grandes de mercúrio e explica-nos entre o salmão e o atum talvez seja preferível o salmão, porque o salmão está numa cadeia trófica abaixo do atum. Mas torce um pouco o nariz porque há algumas discordâncias sobre o assunto do salmão e não se sabe muito bem. Mas vem uma nova Nutrição dizer que se queremos comer coisas do mar, talvez devemos comer só os frutos do mar, como as ostras e os mexilhões com uma última dica que se queremos comer animais, devemos comer os animais das cadeias tróficas mais baixas como o caracol, mexilhão, camarão, ostra… Eu sigo esta dieta. O polvo é exceção e inclui-o na minha dieta. Mas não é por predar polvo que tolero a sua criação em cativeiro. Acho que quem quer polvo tem que vestir o fato de mergulho e em apneia ir caçá-lo. Como eu gosto muito de polvo, neste momento esta é a minha maior preocupação: ter que treinar a apneia.»

«Jaime, se te casasses comigo não tinhas que te preocupar com os polvos… Eu dava conta do recado… Apanhava-os e cozinhava-os para nós… Sou eu que faço o melhor polvo à lagareiro desta casa…»

«Hum… Duvido…» provoquei Maths.

«Duvidas??? Duvidas de que parte? Da parte de os apanhar ou de ser o melhor cozinheiro?»

«De ambas as partes. Para mim, o melhor cozinheiro é o Fred!»

«Sabe, Jaime, o Mathias deve ter um íman natural com os polvos… Assim que mergulha apanha-os logo muito rápido… Parece que os atrai. Ele próprio parece ser um isco. Sabe que o

melhor isco para capturar um polvo é usar outro polvo como isco. Deve ser por causa do canibalismo deles… O Mathias deve ter sido um polvo na vida passada que comia os outros polvos… Cuidado com o Mathias…»

«Pois… O Maths tem mesmo cara de polvo… Eu fico histérico só de olhar para ele…» saiu-me.

O Fred parece que não gostou.

A Helena e Catharina olharam para a cara do Fred e parece que deixaram escapar um misterioso sorriso, fazendo dele um complô entre as duas.

Joa parece que também apanhou comigo o complô das duas e trocou comigo um olhar que me fez devolver outra vez ao Fred.

E o Fred olhou para mim como se me pedisse que eu remetesse toda a minha histeria para ele.

E eu remeti-lhe, deixando escapar um risinho vindo de dentro de mim com um estranho movimento de ombros que diziam que eu era inocente naquele meu histerismo.

«Histérico ias tu ficar, Jaime se visses o xaréu que eu pesquei em Pirangi… Tenho a certeza que te apaixonavas por mim num segundo e largavas noutro segundo o meu irmão… Em Pirangi, eu pesquei um xaréu deste tamanhão, olha para mim Jaime…» disse Maths abrindo os braços fazendo caber um peixe invisível, «Tinha 1 metro! Como vês, Jaime, comigo não passavas

fome… Já que o meu irmão não te pesca nada… Eu pescava-te os xaréus e os polvos que quisesses… ».

«Hiii!!... Que exagero ó Mathias… 1 metro??...» contestou Joa.

«Sim, 1 metro! Ó pai, o xaréu que eu pesquei na praia não tinha 1 metro?»

«Era capaz de ter quase 1 metro, sim… Era enorme…» confirmou Albert.

«Em Pirangi, eu ia sendo mordido por um peixe-porco. Gostas de peixe-porco, Jaime?» perguntou-me Joa.

«O peixe-porco não é o peixe manteiga?» perguntei.

«Sim… Gostas? Eu pesquei um também muito grande… E ele ia-me mordendo… É preciso ter muita força para pescar o peixe-porco, não é pai?»

«É preciso ter técnica. E o Joachim tem técnica. O peixe-porco é extremamente agressivo. É um grande lutador e é capaz de lutar até à morte. Tem dentes grandes e fortes. Quando é retirado da água emite um som que parece mesmo um porco. É por isso que se chama peixe-porco. Mas nós não pescámos na praia de Pirangi do Norte. Pescámos na praia de Pirangi do Sul, que é bem mais calma que a do Norte. A do Norte é muito movimentada por jovens muito bonitos. O Mathias e o Joachim até arranjaram para lá um namoradito cada um.»

«Agora, pensando bem… Vocês arranjaram lá os vossos namoradinhos depressa demais... Eu nem cheguei bem a perceber

como é que tudo aconteceu tão depressa… O Joachim eu ainda o vi a falar durante muito tempo lá com um… E pareceu até um encontro natural… Agora o Mathias foi tão de repente… Foi mal que chegámos, ele disse logo que já tinha arranjado um namorado. Eu nem percebi nada… Como é que isso aconteceu? Parece que comunicaram com a mente… Com uma tecnologia qualquer à distância… Foi muito estranho, Mathias…»

«Catharina, a tecnologia à distância do teu filho e que funciona para encontros *À Velocidade da Luz,* de Gil de Sales Giotto, chama-se Grindr. Ele deve ter ligado o Grindr assim que chegámos à praia, de certeza absoluta.»

«Sim, foi só ligar o Grindr e arranjei logo em 1 minuto. Essa praia estava cheia de gays. Ainda me lembro. Só num raio de 200 metros estavam 20 gays. Parecia a gaylândia. Todos tinham no *profile* a dizer que procuravam *fun*. E eu também estava ali era para me divertir. Assim que liguei o Grindr recebo logo imensas fotografias. Abri a fotografia de um que gostei, então retribui-lhe logo uma fotografia. Ele perguntou-me se eu era ativo ou passivo. Eu disse que era ativo. Ele disse que era passivo. Perguntei-lhe se ele tinha sítio. Ele disse que sim. Virei-me para os meus pais e disse: "arranjei um namoradinho, vou ali namorá-lo num instante e já venho, não demoro nada". E não demorei…»

«Parece que te orgulhas desses teus dates… Isso só te fica é mal contares, Maths…» repreendeu Helena.

«Qual é a cena, maninha? Fica-me mal porquê? Estou a partilhar convosco. Estou a partilhar convosco, que são a minha família… Já que agora nada é privado e tudo se sabe e se o

Grindr sabe, porque é que vocês, que são minha família não poderão saber?»

«Porque o Grindr não ia contar à tua família sobre os teus *dates* e sobre os teus algoritmos.»

«Eh, maninha! Até tu já percebes de algoritmos e já falas em algoritmos? Parece que o *2080* de Antoine Canary-Wharf afinal chegou mais cedo à Terra…»

«Desculpa lá, mas o que é que queres dizer com isso?» "voltou-se" Helena.

«Que desconhecia essa tua experiência intelectual para falar sobre algoritmos…» respondeu-lhe Fred.

«Pois… Foste tu que me a deste! Foste tu que me fizeste ver a chegares em família a uma praia, em plenas férias de família, e a primeira coisa que fizeste foi agarrar no telefone, abrir a aplicação gay que tens instalada no teu telefone e ires procurar "diversão".» respondeu-lhe Helena, «E que num minuto saíste ali de ao pé da tua família, movido por um forte e incontrolável desejo libidinoso. Foste tu próprio que revelaste os teus algoritmos e não o Grindr. Para o Grindr, tu não passas de uma verdadeira experiência sexual de dados.».

«Não devias cuspir no prato que comeste, Helena.»

«Desculpa, Fred??? Não sou eu que faço do Grindr um prato de comida… Não sou eu que ando a comer os garotos e os garotinhos do Grindr…»

«Graças ao Grindr é que comeste xaréu e peixe-porco. Porque o garoto da praia com quem eu curti é que me emprestou a cana de pesca, os iscos e o barco que tinha lá amarrado às margens do rio que se ligava à praia onde tiveste o tempo todo de papo para o ar com as mamas ao léu…»

«Mathias!!! Eu sei que está a brincar e sei que tem uma relação muito íntima com a sua irmã que só a vocês diz respeito, mas eu não quero ouvir essas expressões a fazerem eco na minha casa! Às vezes, você nem parece desta família! Isto é para me irritar? Albert! Diz alguma coisa… Ele faz isto para me irritar! Ouviste o que o teu filho disse?»

«Para te irritar, Catharina? No máximo seria para irritar a Helena, não era?»

«Não, Albert! Parece que não conheces o Mathias! E olha para ele! Não para de se rir com aquela cara de parvo dele… Não vês que é para me irritar, Albert! Mathias pare de ser rir! Parece um parvo a rir-se! Não gosto nada que se ria assim… Que parvo, Mathias! Pare de se rir!! Mathias!!!! Albert!!! Olha o teu filho!»

Eu queria rir-me, mas não podia. Eu estava a adorar os risos do Maths, eu só o ouvia a rir-se com gosto às gargalhadas que também a mim me davam um gosto. E eu queria olhar para ele, queria desfrutar com ele aquele momento. Mas não podia sequer olhar para ele, porque partiria o coco a rir e Catharia poderia não gostar. Eu só respirava fundo e tentava fazer um escudo com os meus ouvidos ao poderoso riso do Maths.

«Ai… As mulheres têm sempre a mania da perseguição… É com os maridos, com os filhos… Jaime… Você nem sabe do que se safou…»

«Albert! Diz alguma coisa, mas de jeito! Que sirva de apoio para mim e não para o teu filho! Tu ouviste o que o teu filho disse, Albert?»

«O que disse o nosso filho, Catharina?»

«Albert!!! Não brinques tu também comigo!... Vocês os dois parece que gostam de me ver irritada…»

«Catharina… O que disse o nosso filho?… Não ouvi… Ouvi falar em mamas ao léu e distraí-me… Que foi o que ele disse?»

«Albert!!!?? A sério??? Tu também?? Fazes sempre este complô com ele?! É por isso, que ele é o mais malcriado deles todos! Diz "curtir"… Diz "mamas ao léu"… Não gosto, Albert!»

«Mathias!»

«Sim, pai…?»

«Ouviu a sua mãe…? Não diga "mamas ao léu", que a sua mãe não gosta… Quando quiser referir-se às maminhas da sua irmã…»

«Albert!!!»

«PAI! A sério? Como é que o pai vai sempre atrás do Mathias? O pai é pior que ele… Vocês parecem duas crianças… A sério…» disse Helena.

«Já viu a sua sorte, Jaime? As mulheres são uma seca, não podemos dizer nada… Levam tudo a peito…»

«Albert!»

«Que foi? Também não posso dizer "peito"? Então, como raio vou falar sobre as vossas maminhas?»

«Não tens que falar das nossas maminhas, pai…»

«Pronto! Não se falam mais nas maminhas da minha filha e da minha mulher!»

Eu tinha risos dentro de mim a quererem sair. Ouvia-os mesmo a arrancarem dentro de mim. Eu não sabia se podia rir, se podia achar graça ao Albert ou ao Maths. Pelo sim, pelo não, voltei a respirar fundo e a armazenar todo aquele momento para me rir depois com o Fred no quarto.

«Agora que já ultrapassámos o tabu… Enquanto estavas tu de papo para o ar, sem falar nas tuas maminhas… Eu, o pai e o Joa estávamos a pescar no barco que o garoto com quem eu curti gentilmente e por mim apaixonadamente me emprestou… Conclusão da história: senão fosse o Grindr não tinhas comido aqueles peixinhos em Pirangi do Sul que aqui os machos pescaram em alto mar para as fêmeas os arranjarem.»

«Alto lá! Alto mar?? Vocês não foram para o alto mar com aquele barquinho que o garotinho vos emprestou, pois não?» perguntou Catharina.

«Ó mãe! Claro que eles não foram para o alto mar naquele barco…» disse Helena.

«Fomos sim! Não fomos pai?» piscou Maths o olho ao pai.

«Sim. Pescámos esse peixe todo em alto mar.» "confirmou" Albert.

«Já agora, Maths… Quando o garoto disse que tinha "sítio" o "sítio" era o barco?»

«Sim, Joa. Vi que ele tinha todo o material de pesca e perguntei se ele me emprestava o barco para ir pescar com o meu pai e com o meu querido irmãozinho para termos jantar. E ele, todo caidinho por mim, disse logo que sim. Tive foi que prometer que à noite íamos tomar um copo.»

«E deixa-me adivinhar… Foste tomar um copo com outro…» calculou Helena.

«Claro! Nós estávamos ali de férias, Helena, por favor… Ele era um *mauricinho* dali e estava apaixonado por mim… Ainda me pedia era para namorarmos à distância de um oceano Atlântico pelo Skype. Ele não parava de me mandar mensagens enquanto eu estava a tentar pescar e não era preocupado com o barco dele, era a dizer que não conseguia parar de pensar em mim. Não percebo como é que ele ficou assim por mim…»

«Ah!... És tão inocente, Maths!» ironizou Helena.

«Mas o que é que tu lhe disseste, Maths?» perguntou Joa.

«Nada… Ele só dizia "eu amo você á", "eu amo você ó" e eu respondia-lhe na mesma língua: "eu amo você áá", "eu amo você óóó". Foi só isto que aconteceu…»

«"Amo-te" é a palavra-chave que torna o contrato de namoro automático, nem é preciso escrever em lado nenhum, por isso é que é tácito. Dar beijinhos e dizer amo-te é o comportamento concludente para o contrato de namoro. Não é preciso fazer mais nada… Depois é só oficializar o "pedido de namoro".» parafraseei Gabriel Garibaldi.

«Ah… Vives tão no *Mundo Encantado* de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, Jaime… Nós não estávamos propriamente a dar beijinhos…»

«Pois vivo… Com o teu irmão.»

«Pois é, Jaime… Mas nesse teu *Mundo Encantado* de *Jupiter* de Gabriel Garibali o meu irmão não vai à pesca… Mas, eu vou! Por ti, eu vou todas as manhãs… Tu sabes que precisas é de um gajo como eu que te traz o peixe para casa.»

«Obrigado, Maths, mas eu dispenso essas tuas pescas em que tens que ligar o grindr para trazeres "o peixe" para casa.» respondi-lhe.

CAPÍTULO IX

UM PRÍNCIPE E UM DUQUE NUM JANTAR DE REIS E INFANTES

«Eu fiquei cansado do que vi… Confesso, não tinha estômago nem estofo para aquilo. Fui para Oftalmologia, tive de trocar Psiquiatria por Oftalmologia. Aparece um político todo *cocainado* de fato e gravata na TV, a dizer que toda a gente tem é que trabalhar "por causa da economia do país" – porque usam a economia como desculpa para tudo e mais alguma coisa – e a seguir do trabalho têm que beijar os pés de quem lhes paga o ordenado, e o Jaime pensa o quê? Os pais vão obrigar os filhos a irem para empregos onde os exploram, onde os veem como escravos e a seguir vão obrigar os próprios filhos a beijarem os nojentos pés sujos e suados das orgias do patrão. Porque não veem nem a cocaína que sai pelos olhos do político, nem veem as orgias e a imbecilidade do patrão que tem é o dever de pagar bons ordenados e não andar a explorar as pessoas como jericos e ginetes, que são essas pessoas que lhes pagam o combustível para porem nos ferraris. Eu tinha vergonha de ter um Ferrari e aparecer de Ferrari na minha clínica, que é a minha empresa e da Catharina como sabe, se explorasse os meus médicos, a secretária e as nossas colaboradoras da limpeza, entende, Jaime? Eu se, por acaso, até quisesse aparecer de Ferrari, eu até podia, porque pago ordenados decentes, *ordenados de felicidade*, para no final do ano qualquer um dos meus colaboradores dar entrada para um Ferrari. Gosta de ferraris, Jaime?»

«Gosto, tio.»

«Mas gostava de ter um?»

«Não… Nunca quis… Nunca pensei muito em "ferraris".»

«Mas agora anda com um Ferrari nas mãos…»

«Eu não ando com Ferrari nenhum nas mãos, tio…»

«Ai anda, anda… Que eu estou a ver… Levante lá essa sua mãozinha direita que tem debaixo da mesa…»

Eu e o Fred largámos bruscamente as mãos à subida tecnológica da minha mão sob o comando da voz do tio Albert.

«Ah!... Agora tirou as mãos do Ferrari… Não pode tirar assim as mãos do volante…»

«PAI!!!!» implorou o Fred.

«Diga lá que o Fred não é um Ferrari… Isso em estrada, com o turbo ligado, devem ser uns 500 e tais cavalos…»

«ALBERT!!!!» gritou a tia Catharina.

«PAI!!!!» imploraram num coro aclamatório Helena e Fred.

Maths e Joa estilhavam-se num amatório risinho batendo com as palmas da mão felicíssimos como se tivéssemos atingindo ali mesmo o clímax do proscénio.

«O tio já leu *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke?»

«Claro que sim! É um livro obrigatório para a nossa atual sociedade de informação tecnológica "amorosa"… Esse Barac Bielke é nosso primo, mas é afastadíssimo vem lá da mãe da minha mãe… É um filho, de um filho, de um filho, de outro filho, de um primo da minha avó materna, Greta Bielke.»

«Da minha avó paterna! Também é minha avó, Albert! Porque não dizes da nossa avó? Não é só tua avó!»

«Vês, amor? Eu disse que era um primo…»

«Para efeitos de parentesco, só contam aqueles que se produzem em qualquer grau da linha reta, mas até ao 6º grau na colateral… O Bielke nem é descendente na linha reta dos teus pais… É um primo deles já num grau elevado, só sei que ouvi primo, do primo, do primo… Quanto mais na tua linha colateral...»

«Quem é que diz isso, meu querido Jaime?»

«O Direito das Sucessões português no artigo 1582º do Código Civil, tio…»

«Jaime! Qual Kira, qual quê!? Sabe quem é a Kira?»

«Sei, tio…»

«Você é uma máquina do Direito Civil. Parece que lhe descarregaram o Código Civil no cérebro…»

«Foi quase isso, tio…»

«Quem é a Kira?» perguntou Joa.

«Joachim, não se meta! Isto é uma conversa de adultos. As crianças não podem usar robots… Nem deviam usar telefones, nem tablets, quanto mais robots…»

«Perguntei há bocado ao tio se conhecia *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, porque o tio fez-me lembrar o Hugo

dos *Cavaleiros Tecnológicos*… Ele é que chamava "ferraris" e "lamborghinis" aos rapazes giros… Dizia que eram "ferraris" e "lamborghinis"…»

«QUE-HOR-ROR!» escandalizou-se a tia, «Quem é que chama "Ferrari" a uma pessoa… Parece que somos máquinas… Que comparação tão desumana… Tão sem sangue humano… Ai… Que horror!!!! Até parece que me estão a pressionar as veias… Parece que perco o tato só de ouvir isso…».

«Também eu, tia! Parece que perco o tato só de ouvir isso… Também sinto que me estão a pressionar as veias, parece que uma agulha me está a espetar e a tirar o sangue todo humano…» respondi.

«Caso a mãe não tenha reparado, o seu querido marido acabou de dizer que os seus filhos são uns "Ferraris"…»

«Helena, não invente! Eu não lhe chamei Ferrari! Chamei Ferrari aos seus irmãos… Você é uma Mercedes… Você tem cara de Mercedes, Helena… Você e a sua mãe, têm todo o ar de uma Mercedes… As mulheres gostam muito de inventar… A Mercedes está sempre a inventar… Agora até já tem Inteligência Artificial nos carros… É uma inventora… Escolheu muito bem querer um homem na sua vida, Jaime…»

«Tio… O Fred contou-me que vocês não gostam do sistema de voz da Mercedes… E que o tio, em 2024 comprará um novo carro, mas não sabe se continuará fiel à Mercedes…»

«Sim, Jaime! É verdade… Eu ainda não percebi se é possível ou não desligar o microfone do sistema de voz. E ainda

que seja possível, eu não quero nenhum microfone dentro do meu carro. Por isso, se for possível comprar o carro sem o microfone, eu continuarei fiel, senão compro um Ferrari e arrumo assim o assunto. Já me andei a chatear lá com uns tipos que são muito meus amigos, mas que não são capazes de me responder. Já lhes perguntei se é possível eu desativar o sistema de voz manualmente, se me sentir desconfortável com a minha privacidade, já lhes perguntei que funcionalidades são perdidas caso o sistema seja desativado, porque seria desastroso perder a estrada e o GPS, só porque não quero que a Inteligência Artificial do sistema saiba que os meus filhos são uns Ferrari e as duas mulheres da minha vida são umas Mercedes, lindas de morrer… Já lhes perguntei se as conversas são processadas… E caso sejam processadas, já lhes perguntei se são tratadas e quais são os limites desse tratamento… E caso sejam, que já perdi só por si naturalmente o interesse em adquirir o carro, já lhes perguntei, a título de curiosidade, que entidades é que iriam tratar as conversas que eu teria com os meus filhos e com a minha mulher no meu carro… E porque eles fazem-me ouvidos "de mercador" e só me sabem é dizer que só tratam os dados estritamente necessários e só transmitem os meus dados a outras entidades quando e na medida em que tal seja estritamente – e acrescento agora eu "economicamente" – necessário e porque eles só me sabem é dizer que o sistema de voz vem por defeito de fábrica, ó Jaime, por causa desta febre de dados, que nos dá uma dor de cabeça, eu até já lhes abri a possibilidade de lhes pagar o triplo, oiça Jaime, o triplo; só para poder adquirir um carro sem o sistema de voz por me sentir desconfortável com a minha privacidade; porque não quero, de maneira nenhuma, adquirir um carro com o microfone embutido!!!! Já lhes perguntei se o microfone é visível para um

utilizador comum… Ou se está embutido… Já lhes perguntei se eu manualmente posso desligar o microfone ou se tem de ser de forma digital, no próprio sistema operativo, que eu sei lá que, se "por defeito de fábrica" eu digo que quero desligar "aquilo diz que está desligado", mas está é ligado…???? Eu sei lá!?!?! Com toda a tecnologia, vale, sim, ficarmos com a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari… Mas olhe, nem a propósito, Jaime, nem a propósito, que invoco o nosso grande Federico Ferrari! Diga-me Jaime, com 3 Ferraris a implorarem numa gritaria algorítmica que lhes pusesse aos mãos no volante, qual foi afinal o seu critério?»

«Os "velocímetros" do Fred estavam à vista. Não era preciso meter chave nenhuma para aparecer os "velocímetros"… Não era preciso ligar-me a sistema nenhum para ver os "velocímetros"… Agora os "velocímetros" são todos digitais, todos virtuais… Parece que estamos num jogo de computador. Eu gosto de ver o "ponteiro dos velocímetros"! Mas tem de ser um "ponteiro" real… Não é um "ponteiro" que está dentro de um ecrã… Já viu, tio? Que piada é que isso tem? Agora os carros até vêm sem velocímetros… Para o custo de produção das empresas é melhor, metem ali um ecrã gigante no painel de instrumentos e está feito… Mas e eu? Que gosto é de ver os ponteiros do velocímetro? A empresa produz em série muito mais barato, mas pede-me mais dinheiro… O que é que eu ganho em comprar um carro muito mais caro e muito mais feio que nem sequer traz verdadeiros ponteiros para ver a velocidade???? É só um capricho da tecnologia? E o meu capricho? Temos de ser nós a capricharmos! Temos de ser nós a pormos um limite à tecnologia! E o Fred pôs e desprendeu-se do ecrã e, quando se desprendeu, trouxe com ele os "velocímetros" dele. Eu vi os

genes dele com os meus olhos. Ele trouxe-me os genes dele para a frente dos meus olhos. E os meus neurónios ligaram-se aos genes dele… E os neurónios dele ligaram-se os meus genes… O Joa e o Maths prenderam a sua identidade genética ao ecrã, aquela que herdaram de si, tio…»

«Calma, lá… Vocês conheceram-se no Grindr????» perguntou Maths.

«O quê????? Eu pensava que vocês se tinham conhecido na discoteca, naquele dia!!!! Assim sendo, não vale!!!! Ó mãe!!!! Eu fiz primeiro *match* no Tinder com o namorado do mano! Eu é que devia ficar com ele… Mãe… Faça alguma coisa!!!!»

«Resolvam-se Joachim…»

«Pai… Faça alguma coisa já que a mãe está a incitar um duelo de espadas…»

«Eu pagava para ver esse duelo de espadas, juro que pagava! Aliás… Até vou é organizá-lo!!!! Só para ver quem é que se esqueceu de deixar a minha identidade genética agarrada ao ecrã…»

«Eu enviei-te fotografias do meu corpo no Grindr e o meu corpo é bem melhor que o do meu irmão… Como é que preferiste ficar com ele?»

«Mathias!!!! Você anda nesses sites a enviar fotografias do seu corpo???? Mas você é doido ou quê???? Você bate bem???? Você não ouve falar que os dados são o novo petróleo???? Ai!!! Que vergonha!!!»

«Bom… Catharina… Ao menos, o nosso filho tem um bom corpo… Seria pior se fosse um magricelas… Aí… Sim… É que seria uma vergonha para toda a família… Iam logo culpar os nossos genes…»

«Albert!!!! Isto não tem piada! Parece que estás a dar assentimento a isto!?!? Eu estou muito envergonhada… Olha só o que as minhas amigas vão achar, quando as fotografias do corpo do meu filho forem parar aos telefones das minhas amigas????»

«Catharina… O Mathias só anda nas redes gays… Não anda nas redes das tuas amigas… A não ser que elas andem lá com perfis falsos a ver se caçam os maridos… Ai!... Estas mulheres são pior que *louva-a-Deuses* e aranhas-portias com as suas grandes câmaras que fazem *zoom* e que nesse *zoom*, nesse *zoom*, nesse *zoom,* vão fazendo a cama ao marido para o engolirem cabalisticamente…»

«Mathias! Oiça bem o que eu lhe vou dizer! Eu não quero que você ande nesses sites a enviar fotografias do seu corpo… Se anda onde anda para arranjar um namoradinho, tudo bem… Mas envia uma fotografia de cara… Do pescoço para cima… Eu estou a avisá-lo! Eu tiro-lhe a mesada!!!!»

«Ó mãe… Todos os rapazes gays enviam ou já enviaram uma fotografia de corpo e muita sorte teve o Jaime de não levar com uma *nude* minha …»

«O QUÊ?» fizemos coro eu e o Fred.

«UMA *NUDE*????» escandalizaram-se Catharina e Helena.

«Ó Mathias… Não me incluas nesse teu *standard* que "todos os gays enviam fotografias de corpo", porque eu nunca enviei nenhuma e acho deprimente o que disseste…» disse-lhe.

«Pois! Nem a mim me incluas!!!! Porque eu também nunca enviei!» disse Fred.

«Sim… Nem me incluas a mim nesse saco nojento de dados!!!!!» disse Joa.

«Ó puto tu *tá mas'é* calado! Estás a dizer isso, só para a mãe não te tirar a mesada! Já enviaste sim, àquele Xavier…»

«Foi a única vez! E não foi de tronco inteiro! Foi do peito para cima…»

«Joachim! Não quero que ande a enviar fotografias nem do peito para cima… Não envie, querido… Pense na mãe… E nas amigas da mãe… Por favor… Joachim, não volte a fazer isso… O seu irmão vai ficar sem mesada… Ou quer ficar também sem ela…?»

«Eu não envio, mãe! Eu juro por tudo… Foi só ao Xavier… Aquele meu namorado que eu gostava, a mãe lembra-se? E foi uma fotografia da piscina… Eu estava na piscina…»

«Sim, lembro-me… Pronto, querido… Já passou… Não envie mais… Não faça o que o seu irmão faz… E Jaime, meu querido… Desculpe, pelo Mathias ter-lhe enviado fotografias dessas… Desculpe… Não foi essa a educação que lhe dei! Como

pode ver, Jaime, nenhum dos outros irmãos faz isso… Mas desculpe pelas fotografias, pouco adequadas, que o Mathias lhe enviou… Não as tem no seu telefone, pois não? Apague querido… Apague… Apague tudo… Por causa dos dados… É melhor apagar tudo…»

«Não se preocupe, tia. Eu não vi fotografias nenhumas do Maths… Maths, eu não recebi as tuas fotografias no Grindr… E Joa, eu nem vi o teu *match* no Tinder! O vosso irmão veio ter comigo à discoteca a perguntar porque é que eu não tinha respondido às fotografias que ele me tinha enviado no Grindr.»

«O quê???? Ele teve essa lata????» perguntou Maths.

«Sim, teve! E eu adorei a lata dele… Eu também não tinha recebido as fotografias dele. O Grindr conhece os nossos algoritmos… E o Grindr não queria que nós saíssemos da aplicação… Ele sabia que nós éramos *O Algoritmo do Amor*… Seria uma perda para a sua amorosa economia de dados…»

«Tu saíste-me cá um *coninhas*! Olha-me só para a tua lata… Chegares lá e perguntares, porque é que não te respondeu às fotografias… Ainda por cima, à frente da avó Elisabeth…»

«Então… O Jaimezinho não parava de olhar para mim na discoteca… E eu reconheci-o logo na discoteca… Ele nem sabia quem é que eu era… Mas eu já o tinha visto… Eu já andava de olho nele…»

«*Coninhas* és tu, Maths! Que envias fotografias em tronco nu… No amor ganha quem tem lata e não quem é *coninhas*, como tu…» disse.

«Mas, esperem… Isso foi naquela noite em que fomos todos, aqui à discoteca, à saída da herdade????»

«Sim, mãe…» respondeu Joa.

«No dia 13 de janeiro, nos anos da avó Elisabeth????»

«Sim, mãe… Basicamente o mano andou a engatar na festa da avó…» constatou Joa.

«Ah! Eu nem dei por nada…» murmurou Catharina.

«Pois… Eles fazem tudo às escondidas… Nunca consegui roubar-lhes um beijinho… Nem um beijinho, sequer…» rumorejou Helena, «E eu merecia ver! Pelo menos um…».

«Pois merecias, Helena…» respondi-lhe.

«Então, mas como foi depois? Quero saber… O Frederick chegou lá perto do Jaime, perguntou pelas fotografias, o Jaime disse que não sabia de fotografias nenhumas, não foi?...»

«Sim, tia…»

«E depois…?? Não foi só isso… E depois? O que aconteceu?»

«E depois o Fred perguntou-me se eu queria namorar com ele e eu disse que só aceitava se ele me perguntasse por escrito para eu ter uma prova... E ele foi pedir uma esferográfica ao barman e em cima do balcão vi-o a escrever algo. Depois trouxe-me o pedido escrito num guardanapo com uma caligrafia tão bonita, tão perfeita, tão tecnológica, que eu aceitei logo. Mas ele obrigou-me a colocar uma cruz na "caixinha" que dizia

"SIM"… Ainda me lembro dele com a mão na anca, a bater o pé na batida certa e com um ar todo angelical a dizer "tens que colocar a cruz no SIM!". E eu lá coloquei… E fui-me embora. Disse-lhe que tinha de ir para Santarém, estava de boleia com os meus primos.»

«Então, mas esperem… Eu pensava que o Frederick tinha pedido em namoro ao Jaime no dia 13 de abril, afinal já tinha pedido no dia 13 de janeiro… Frederick!!! Você pediu duas vezes o Jaime em namoro?»

«Mãe, foi amor à primeira vista, por isso é que pedi logo em namoro no primeiro dia. Mas o pedido de namoro oficial foi o do dia 13 de abril, claro… Mas sim, temos duas datas…»

«O Fred implorou-me para que eu ficasse e expliquei-lhe que não podia ficar, não tinha o que dizer aos meus primos e tinha mesmo de ir para Santarém com eles. E combinámos ali mesmo o nosso *date*. Que nos encontraríamos em Lisboa. Eu disse-lhe que ia apanhar o comboio das 14h em Santarém para chegar às 15h a Santa Apolónia e ele teria de estar lá. Não lhe dei o meu número. Ele tinha que lá estar e pronto. Não precisámos de telefone nem nada para nos encontrar. Só precisamos dele quando estamos à distância um do outro.»

«Que bonita história de amor!»

«É a nossa história, tio!...»

«Bom… Mas depois o Frederick trouxe-lhe cá a casa… Mostrou-lhe os irmãos… Mostrou-lhe os genes… Você viu como os genes desta família se ligavam a si… Viu como pôs os

meus 3 filhos cheios de testosterona com as hormonas e o coração aos saltos… Porque é que escolheu ficar com o Fred e não com o Maths ou com o Joa?»

«Porque ter ouvido de surfista é um grande *handicap*…»

O Albert, a Catharina e a Helena riram-se perdidamente às gargalhadas, o Albert até apanhava as lágrimas que caiam dos sacos lacrimais de se rir tanto. Eu e o Fred olhámos logo um para o outro com ar de satisfação por temos conseguido instalar aquela paródia combinada. Apanhámos na nossa cumplicidade os risos meio suspirados de Joa e de Maths, que iam sorrindo, ora iam abanando a cabeça e iam sorrindo outra vez e iam abanando a cabeça, sempre outra vez, num desdém pela nossa piada de bolso. Eles viram a nossa cumplicidade e viram que aquela piada vinha de um dos nossos bolsos.

«Sabe que os meus filhos, Jaime, nem sabem o que é um *handicap*… Só o Joa é que joga comigo golfe… Nem o Fred, nem o Mathias, nem a Helena… Está a ver, porque é que eu e a Catharina tivemos mesmo que ter 4 filhos? Se o Joa não tivesse nascido, eu seria um pai muito deprimido… Numa casa cheia de filhos lindos com um jardim a dar para um campo de golfe, em que posso sair de buggy pelo meu jardim e já estou no golfe, mas sem filhos para virem jogar golfe com o pai… Seria um desgosto… Está a ver aqueles pais que sabem que vem ai um rapazola, já compraram as chuteiras, a bola, até já fizeram um crédito no banco para terem meio campo de futebol no jardim e uma baliza, mas afinal o miúdo gosta é de andar a ver miúdos na Internet e não liga a bola nenhuma? Jaime! Foi a mesma angústia

que eu senti… Então, quando soube que gostavam de tacos, mas não era para jogar golfe com o pai…»

«Albert!!!! Jaime! Não ligue, o Albert está simplesmente a representar… Ele está a encarnar uma qualquer personagem… Ele está a brincar…»

«Poderia ser um pai nevrótico… Deprimido por nenhum dos meus filhos querer jogar golfe comigo… Mas graças ao Joa, não sou… Nunca consegui explicar-lhes o que é o *handicap*. Nunca entenderam…»

«Se me permite, tio…» pedi-lhe permissão para me dirigir ao Fred, ao Maths e à Helena, «O *handicap* é a avaliação do nível dum jogador num determinado momento e que vai permitir esse jogador um número de pancadas suplementar para atingir o Par de um campo. O *handicap* vai sendo mais baixo, à medida que o nível de jogo vai melhorando. Por exemplo, a Helena tem *handicap* 5 e o Maths, tem *handicap* 15. Num campo de Par 72, a Helena faz 79 pancadas e o Maths faz 87. Pese embora, o resultado *gross* da Helena seja melhor em 8 pancadas que o do Maths, o resultado *nett* de Maths, 72, é melhor que o da Helena, 74. Assim, o Maths ficaria na classificação *nett* à frente da Helena…»

«AH!!!!» responderam os 3 em coro.

«Jaime está contratado definitivamente! Vai ser o meu caddie!»

«O nosso caddie, pai!» murmurou Joa.

«Assim, também quero ser caddie!» interveio logo Fred.

«Tu, até do puto tens ciúmes? Deixa-os terem um romance, por fora, no campo de golfe… Qual é a cena? Não te esqueças que o teu namorado está a escrever um romance, ele vai precisar desse romance para ter uma história bacana, uma história real… Não percebes que essas histórias é que vendem? As pessoas curtem é trair e como curtem trair, curtem histórias com traição. É disso que eles vivem… De traição!»

«Maths, você só diz disparates, já reparou?! Você é o único desta família que diz disparares… Envergonha-nos… Meu querido Fred, faça ouvidos moucos ao seu irmão, ignore-o… Meu querido Jaime, se tiver um romance com o Joa eu vou fingir que não vi nada… Sabe o que é que isto significa?»

«PAI! Eu não acredito que o meu próprio pai diz isto!...»

«Que ao final de um ano vou ter guita para dar entrada para um Ferrari?...» respondi.

«Significa uma aliança comigo, meu querido Jaime!»

«Maninho… Tu até do puto tens ciúmes! Tens medo que ele te roube o namorado?»

«Tenho, porque vocês são os meus clones naturais!»

«Eu???? O teu clone???? Eu nasci primeiro… Vocês é que são fotocópias minhas… Tu e o Joa…»

«Então e eu?»

«Tu, Helena… Tu és só o Fred… Mas numa versão extremamente afeminada…»

«Sim, Helena… Tu és o meu clone natural…» disse o Fred.

«Vocês são todos os meus clones naturais!» encerrou Maths.

«Vocês já não são clones naturais nenhuns… A vossa epigenética ocupou-se de vos dar expressões diferentes… Jaime, o Fred e a Helena nasceram no mesmo embrião, que se dividiu em 2. Por isso, eles possuem o mesmo DNA, não é? Só que isso, não significa duas pessoas iguais. E com os anos, com as idas do Fred a Estocolmo para ir ter com o "avô dele" Hendrik ganhou outra expressão… Uma expressão sueca! A Helena apanhou sempre os mesmos ares, sempre as mesmas toxinas, sempre andou muito por aqui, ora pela herdade, ora ali pela Dinamarca, vai ali à faculdade e tal, volta… Fica por aqui… O Fred não… O Fred apanhou as toxinas suecas e norueguesas, do avô Normann, que também é outro "avô dele" e está lá para a Noruega…

«E também apanhou as toxinas finlandesas, dos meus paizinhos Arnold e Elisabeth… O Frederick também tem expressão finlandesa…» acrescentou Catharina.

«O Jaime sabia o que era a epigenética? A epigenética é isto, meu querido Jaime. Desde as toxinas ambientais, à alimentação, ao stress, ao desporto, à escola, às doenças e aos traumas, tudo pode provocar modificações epigenéticas no DNA. É esta a razão, pela qual os gémeos idênticos evoluem de forma diferente. O ambiente é determinante no desenvolvimento de alterações com base genética. O Fred e a Helena eram iguaizinhos, mas os voos do Jaime deram-lhe outra expressão… O mesmo como o Joa… O Joa tem outra expressão dos

irmãos… Tem uma marca que só eu tenho… Não vê a nossa expressão? A nossa expressão é igual… Eles já lá tinham todos "a expressão"… Mas o Joa vincou-a… Os irmãos não… O Joa tem a expressão do golfe! Os irmãos silenciaram-na… Não apanham os ares do golfe que o Joa apanha como o pai… Acredita nesta minha teoria epigenética do golfe, Jaime? Que lhes falta o ar golfista…? Não têm ar… Não têm expressão… O Joa tem… Em cada pancada, absorve as toxinas do campo de golfe… Os irmãos dele sabem lá o que é isso… Não sabem… Acredita Jaime?»

«Acredito, tio. E sim, o Joa tem o mesmo ar que o pai. "Aquele" ar de golfista…»

«Gostava tanto que todos os meus filhos jogassem golfe… Ainda por cima vivemos aqui na Herdade da Aroeira, um dos melhores campos de golfe do país… Veja lá se convence, pelo menos, o Fred… Olhe Jaime, a sério… Quando vi que eles não ligavam nenhuma ao golfe… Diziam que era uma "seca"… Veja bem… "Uma seca"???? Caiu-me tudo! Caiu-me tudo! Foi como levar com uma bola de golfe na cabeça… Parece que fiquei com uma bola de golfe no lugar do olho… Sabe o que acontece quando leva com uma bola de golfe, Jaime?»

«Não, tio…»

«A bola parte toda a órbita que segurava o olho, empurra o olho para trás e fica no lugar do olho… Foi como eu me senti, quando o Mathias não quis nada com o golfe, foi como eu me senti quando os gémeos também não quiseram nada com o golfe…»

«E o que é que acontece ao olho?»

«O olho, meu querido Jaime, como lhe disse, é empurrado, fica lá atrás, a deitar sangue…»

«A pessoa cega logo?»

«Depende. Pode acontecer descolamento da retina. Pode recuperar com cirurgia oftalmológica e maxilo-facial, isto se não houver lesão total do nervo ótico, se não houver uma hemorragia que leve à morte celular do olho, ou se não houver uma laceração demasiado grande do olho.»

«Mas pronto! Graças a Deus que ao terceiro nascimento, lá Deus me deu o filho para acompanhar as tacadas do pai… Andei muito deprimido sozinho a jogar e comecei a pensar, porque é que afinal tinha filhos se eles não vinham comigo para o golfe…? Que os meus filhos eram uns grandessíssimos ingratos, por eu ter comprado uma casa na Aroeira e outra casa em Vale de Lobo, tudo casas no golfe, para depois não aproveitarem o golfe…?»

«Mas olhe, pai, enquanto o Joa aproveita o golfe, eu, o Fred e a Helena aproveitamos a piscina, obrigado!»

«Eu aproveito o golfe e a piscina, tio, sou muito mais bem-educado que o Maths!»

«Pois é, Jaime! Só lhe fica bem! Devemos aproveitar aquilo que nos dão… Os meus filhos não seguirem os sonhos que eu tinha idealizado? Os projetos que eu já tinha para eles? Eu já lhes tinha traçado o destino e agora eles fugiam ao destino? Ao divino? Porque jogar golfe é divino! É uma dádiva de Deus…»

«Jaime! Por favor! Não acredite em nada do que o Albert está a dizer… Obviamente que o Albert está a brincar… Ele está a fazer pouco dos pais que projetam nos seus filhos os seus sonhos e desejos… O Albert com o chá preto fica, assim, todo muito engraçado, muito teatral… Enfim, é a faceta cómica do Albert… O chá preto faz-lhe isto…»

«A Catharina pensa que eu estou a brincar, mas não estou, isto é muito sério… Eu sou muito empático com os pais que queriam tanto que os filhos jogassem mais à bola, que marcassem mais golos, que acham que se os filhos fossem paneleiros, ao menos, que fossem bater panelas com o futebolista que mais golos marcou e com o que apareça na TV a jogar na primeira liga, porque "aí percebe-se" a idolatria que é culpa dos pais, porque até os pais os idolatram e são eles que ensinam os filhos "a praticar a idolatria"… Sou muito empático e tenho muita paciência para os pais que queriam que os filhos fossem para a tropa, que os filhos levassem enxertos de porrada na tropa, só porque também os levaram e, por isso, acham que os filhos têm que passar pelo mesmo, porque os pais também já passaram e "faz parte" do "processo da vida", e se tiverem que chupar alguma pila, ao menos, que chupem na tropa ao general que é "grande macho", e isso sim, "é que é coisa de macho" ter que ser submisso e "saber quando ter que ser" submisso, "porque isso é que é inteligência", ser submisso "a um macho mais poderoso" para "sobreviver na tropa da vida" e que "faz parte" dos "jogos de poder e sedução da vida"… Vou dizer-lhe uma coisa Jaime, eu em Psiquiatria ouvi e tive que ouvir com cada coisa… A doença mental é a doença do século XXI, pode ter a certeza! Sabe que eu às tantas já não sabia, se aquilo era grémio, um preconceito, "um

erro" de pensamento, "uma estratégia" de pensamento, um vício da mente, uma deficiência orgânica cerebral daquele e daquele e do outro e do outro e daquele e do outro pai homofóbico… Porque foram imensos! Oiça, Jaime! Imensos!!!! Ene!!!! O Jaime não tem ideia!!!! Ene casos que apanhei de pais destes… Lembro--me de um que estava ali comigo na consulta a dizer-me que tinha apanhando o filho no balneário com o guarda-redes da equipa e que via o demónio no guarda-redes, e que o guarda-redes contaminou o filho dele e como achava que eu tinha cara de exorcista, queria que eu tirasse o demónio do filho dele… Oiça, Jaime, eu não sabia se aquilo era um caso de Psicologia ou se era um caso de Psiquiatria… Eu não sabia que remédio haveria para este pai, que me foi tirar o filho da bola por causa do guarda--redes, porque o filho tinha sido "possuído pelo demónio" e que "os demónios do guarda-redes queriam continuar a possuir o corpo do filho" dele… Eu não sabia se haveria ou não de mandar interná-lo, que era o que mais me apetecia, para o filho dele poder voltar a jogar à bola e poder ser feliz lá com o guarda-redes e se não fosse com o guarda-redes, para que fosse com um defesa ou com um avançado, fosse da equipa dele ou da equipa adversária. Oiça Jaime, isto não é brincadeira nenhuma! Há pais que não podem ter filhos. Há pais que querem ter filhos "só" para ver os filhos seguirem as pegadas deles. Uma mãe que se culpava e se automutilava, desde que apanhou o filho dela na cama com o filho da vizinha, porque se sentia culpada de ter trazido aquele filho à luz e deixou de falar com a vizinha, porque "a vizinha também tinha culpa" e tinha que, como ela, se "automutilar pelo filho que também tinha dado à luz". Um pai que não sabia se gostava ou não do filho, que até achava que isto tinha sido um esquema do filho para o denegrir, que começou a faltar ao

trabalho, porque não sabia como encarar os colegas de trabalho que eram amigos do filho dele no Facebook e que viram uma publicação do filho dele com o namorado e que não sabiam que o filho dele era gay. Esse mesmo pai até queria levar o namorado do filho ao tribunal para o namorado do filho dele o indemnizar, porque tinha violado "o direito dele" – na cabeça dele – à honra; mas, tinha medo de que isso afetasse a relação com o filho… Oiça, Jaime, as pessoas estão doentes! As pessoas andam doentes! As pessoas perderam o pensamento próprio, não sabem pensar por elas, porque aquilo não são elas a falarem, são elas a falarem pelas instituições delas, são as instituições delas a falarem, e nem sequer fazem um esforço para ver quais é que foram os tipos de cérebro que montaram aquela instituição, toda aquela fantasia! Isto para mim é muito triste, Jaime!... Vinham para a minha consulta a falar com os livros na mão imprimidos pelas religiões delas, pelos autores que leram e que não deviam ler; porque há livros que são uma porcaria e fazem mal às pessoas, consomem as pessoas, manipulam o pensamento, agarram o pensamento e nunca mais devolvem a pessoa a si mesma.»

«O tio agora fez-me lembrar de um pai que estava a ler um livro ao filho e a dizer que estava ali escrito a causa do filho dele ser gay… Lembras-te amor?»

«Ai, amor… Já não me lembrava disso! Isso foi tão grave! Pai, isto que o Jaime estava a começar a contar foi no dia em que eu e o Jaime voltámos de Porto Santo e fomos almoçar com o pai do Jaime a São Sebastião, num restaurante ali perto do Palácio da Justiça, onde o pai do Jaime costuma almoçar… O pai foi-nos buscar ao aeroporto e deixou-nos no parque de estacionamento

do Palácio da Justiça para esperarmos que o pai do Jaime saísse da audiência, lembra-se?»

«Lembro-me perfeitamente. Eu não pude esperar mais, queria ter cumprimentado o pai do Jaime… O Jaime "deu" o meu abraço ao seu pai?»

«Sim, tio. Disse ao pai, que o tio lhe tinha "mandado" um abraço.»

«E o seu pai não mandou outro de volta para mim?»

«Não, tio, lamento.»

«Que rudeza a do seu pai… Vou desconvidá-lo da partida de golfe que tinha com ele em mente…»

«Se o pai tinha em mente convidar, então não vai desconvidar, simplesmente, não vai é convidar. Porque só é possível desconvidar, quando já houve um convite.»

«Joachim! Isso foi um insulto à sua inteligência humana! A nossa mente faz-nos constantes convites. Está-nos sempre a convidar. E convida-nos a nós e àqueles com quem nos quer ver. E a minha mente já tinha convidado o pai do Jaime. Está-me agora a dizer que não tenho poder sobre a minha mente e não posso desconvidar quem a minha mente convidou? Claro que posso desconvidar! Mas não o vou fazer e vou até "mandar" mais um abraço ao pai do Jaime! Pode ser que desta vez, ele me mande um de volta…»

«Pode ser, tio…»

«Mas fiquei muito curioso com esse pai que lia o livro ao filho e dizia que estava ali no livro "a causa" de o filho ser gay… Conte, Jaime!»

«Ah, tio… Horrível de se ouvir!... Estava eu, o Fred e o meu pai numa mesa da esplanada do restaurante e colados a nós, noutra mesa, estava um filho e um pai… Por coincidência, o filho veio connosco no avião de Porto Santo para Lisboa… É verdade! Lembrei-me agora… Esqueci-me, na altura, de comentar isso contigo, Fred…»

«A sério? Tens a certeza?»

«Sim, porque ele era salva-vidas na praia a seguir à nossa em Porto Santo… Não te lembras?»

«Ah!!!! Pois era!!!! Que grande coincidência! Se não dissesses isso, nunca mais chegava lá… Mas sim, era ele…»

«Eu reparei que ele vinha no avião connosco, só que me esqueci completamente depois de comentar isso contigo… Bem… Nós chegamos à mesa, começámos logo a contar ao meu pai como tinha sido Porto Santo, como tínhamos adorado e tal e de repente, eu só oiço o pai desse salva-vidas a dizer que tinha encontrado "a causa" do seu filho ser gay… Bem… Eu fiquei perplexo… Olhei logo para o Fred, também ele na sua perplexa expressão comigo, o meu pai também perplexo e tivemos que montar ali um silêncio para ouvir aquela nova tecnologia daquele pai. E o pai começa a ler… Não sei quê… Não sei o quê… "Quando somos pequenos, tendemos a atrair-nos pelo sexo que nos pode dar conforto e luxo, que nos pode dar uma estabilidade material…" Eu parece que fui parar ao Século III, ou II ou I…

Eu não queria acreditar naquilo… E o pai lá interrompe a sua leitura para fazer "as suas maravilhosas breves considerações", daquilo que tinha lido, e vira-se para o filho e começa a perguntar ao filho se ele se lembrava, quando era mais novo, de viajar no Mercedes azul do melhor amigo, quando ia para o Algarve passar férias com os pais do melhor amigo… Eu começo logo a adivinhar ao que é que ia dar aquela tosca analogia. O filho nem lhe responde, eu sentia-lhe a perplexidade e a vergonha alheia que sentia daquele pai. E lá diz, o pai, "pois, a culpa foi minha, porque eu deixava-te ir de férias lá com o Pedro, o teu amiguinho, e com os pais dele em luxuosas férias que eu não te podia dar e começaste, por isso, a gostar de rapazes, porque associaste aquele luxo, aquele bem-estar, aquela vida boa, com um rapaz". Eu juro, apetecia-me gomitar na cara daquele pai! Aquilo metia nojo! O filho ali a querer contar como é que tinha sido Porto Santo e o pai dele com este tipo de discurso? Horrível! Imaginei-me ele! Imaginei aquela cena toda comigo! Às vezes, é mesmo preciso ter sorte nos pais que nos calham! Porque aquilo podia ser mesmo para mim! Senti que estava ali num mundo paralelo, ainda por cima, havia uma série de ligações… Eu também nunca tive Mercedes azul nenhum, andava de Mercedes, mas andava no Mercedes dos pais do Domi, quando íamos para o Algarve, talvez, igualzinho ao filho daquele pai. Estava com uma vontade de me meter na conversa, mesmo para dizer isso! Mas depois lembrei-me que era gay e pensei que aquele pai ainda iria culpar a Mercedes por eu e o filho dele sermos gays… E aquele pai extraterrestre continuou a sua maravilhosa leitura. Passou umas páginas à frente e começou a ler algo que dizia que nós "estávamos dentro de uma matriz", que era a mesma coisa eu ir ou não ir à Madeira, porque por mais que eu fosse à Madeira

aquilo que eu sentisse na Madeira eu sentiria em qualquer outra parte do mundo e que não havia nenhum sítio "reservado" para o espoletar das minhas emoções… E eu só me apetecia rir daquilo, porque aquilo não fazia sentido nenhum! Irmos a um sítio e vermos coisas que nunca tínhamos visto vai espoletar mil e um sonhos, mil e uma ideias, mil e uma emoções, porque cada neurónio dos milhões que temos vai reagir à paisagem, à informação, à natureza… Eu, às vezes, só vejo coisas novas quando vou a um sítio; por ter estado num sítio, é que crio um novo pensamento intelecto que não tinha, evoluo no pensamento… Às vezes, um sítio novo, muitas outras vezes, um sítio velho, porque eu estou sempre a repetir as minhas paisagens. E sobre as emoções, então, não faz sentido nenhum! No final daquela palestra, o pai extraterrestre disse que o marido do autor passava o tempo todo no telefone a ver o Facebook e o Instagram ao pequeno-almoço e que nem conversavam… Estava explicado aquela forma de o autor ver as coisas, coitado! Sabe tio, que eu por momentos até me senti irreal com aquilo que eu estava a ouvir. Parecia que eu estava num filme. Aquele pai parecia um ator… Até a mim, aquele pai conseguiu provocar-me uma espécie de *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e nem sequer é meu pai… Imagino se fosse… Aquilo era tão surreal, tão cinematográfico… Confesso, por instantes, senti que aquilo tinha sido montado para mim… Parecia que tinha sido teletransportado para o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak… Eram demasiadas coincidências tecnológicas… Era a cor do Mercedes, o lugar na viagem de avião, a mesa ali no restaurante… E cheguei a uma conclusão: pais destes são muito perigosos! Foi a conclusão a que o meu cérebro teve de chegar para a minha própria sanidade mental naquela história, que nem

sequer era a minha história… Mas há sim, uma tecnologia nas histórias… E esta então, agarrou-se a mim de uma maneira…»

«Está a escrever um romance psicológico, Jaime? Tem muito jeito para espetar velcros a toiros… Sabe que o toiro é um animal muito teimoso, fica ali preso na sua teimosia e não vale a pena… Nós já tivemos toiros… São muito inteligentes e conseguem ser muito dóceis...»

«Não tio. Estou a escrever um romance jurídico-político-económico.»

«Podia ser um romance jurídico-político-económico-psicológico…»

«Não… Seriam muitos hífens…»

«O seu romance vai incluir a vossa viagem a São Miguel?»

«Neste primeiro livro não. Talvez no segundo. Eu não gosto muito do restaurante onde o meu pai costuma ir. Primeiro, por causa das mesas na esplanada que ficam coladas e não dá para uma pessoa estar à vontade. Segundo, lá dentro, na sala de refeições, está tudo cheio de câmaras, o que é um perfeito disparate! Não percebo a necessidade de haver câmaras a apontar para as mesas das pessoas, a ver e a gravar como as pessoas comem, a ver e a gravar como as pessoas gesticulam, a ver e a gravar como as pessoas se riem, senão para processar, tratar e vender a imagem dos clientes "como dados" no mercado de dados. É que aquilo não é para segurança coisa nenhuma! Não se justifica, coisa nenhuma, ter aquelas câmaras ali. "Isso da

segurança" é uma perfeita "desculpa" para se poder processar e explorar os dados que se querem.»

«Naturalmente, que o Jaime é inteligente e tem razão. Eu não ponho os pés num restaurante em que haja câmaras apontadas para as mesas. Prefiro ser eu a zelar pelo meu casaco e pela minha carteira e não deixar em cima da mesa, do que ter uma câmara a gravar-me cada gesto e cada traço meu. Para além de que, se eu deixar o meu casaco por esquecimento, mesmo num local com câmaras, as imagens não vão servir para nada. Olhe, eu ia há 10 anos ao mesmo barbeiro em Almada cortar o cabelo, até que o filho da mãe, resolveu instalar 7 câmaras de vigilância no salão, o Jaime desculpe-me pela expressão…»

«Por favor, tio…»

«Saía aqui da herdade e ia até a Almada, de propósito, só para ir cortar o cabelo, quando tenho aqui na herdade um cabeleireiro e tenho logo à saída da herdade uma data de cabeleireiros e barbearias por aí fora pela Charneca e pela Costa de Caparica… Mas não… Ia sempre a Almada… Eu acho que toda a gente faz isto, não é? É capaz de andar quilómetros, só para ir cortar o cabelo ao sítio do costume…»

«O meu primo Martim Ducado só corta o cabelo em Cascais. Antes de ele viver em Santarém vivia em Cascais… Nasceu em Cascais. Hoje vai de Santarém, de propósito, a Cascais para cortar o cabelo»

«O Martim é de Cascais???» perguntou Fred.

«Sim...»

«Eu sabia amor! Ele tem mesmo cara de beto de Cascais!»

«Cara de beto de Cascais??? Isso existe???» perguntou Joa.

«Claro que existe, puto! Tu tens cara de beto de Cascais! És o puto mais mimado dos von Der Maase… Olha-me para este teu ar de mimadão que só quer é tacos de golfe… Só pensas é em tacos de golfe e pancadas no golfe… Isso é o verdadeiro ar de beto de Cascais…» disse Maths num tom subtilmente jocoso.

«Desculpa, mas eu não concordo! Isso não tem nada que ver com os betos de Cascais… Tenho imensos amigos "betos" de Cascais e nenhum deles jogam golfe…» retorqui Helena indignada.

«Isso é porque os teus amiguinhos "betos" de Cascais não vivem na Quinta da Marinha e não têm o ar de beto de Cascais. Falta-lhes o ar… Podem ser betos, mas não têm "o ar"… Não ouviste o pai? Que "o Joa tem a expressão do golfe"… Até exclamou e tudo… Não ouviste o pai a exclamar isto?... Que nós não apanhamos "os ares do golfe que o Joa apanha como o pai"… Que nos falta o ar golfista… Falta-nos o "ar beto"… Segundo a teoria epigenética do pai… Nós não temos expressão… O Joa não… O Joa em cada pancadinha que leva, absorve as toxinas dos betos que leva no campo do golfe…»

«Ó MÃE!!!??...» gritou Joa.

«MATHIAS!!!» tentou pará-lo Catharina.

«Ele tem ar de beto, mas é por causa dos betinhos de Cascais que traz cá para a herdade e os leva para os campos de

golfe em longos marmelos e longas tacadas, tudo em lindos romances rebuçados de golfe…»

«MATHIAS!!!» voltou Catharina a tentar parar o filho.

«Tu és mesmo anormal! Eu estava quase a levar-te a sério! Eu não combino *dates* para *fun* como tu!» retorquiu Joa, zangado com o irmão.

«Você anda a espiar o seu irmão com o drone? Não quero que ande a espiar os *dates* nem as "*funs"* do seu irmão com o drone, Mathias! É assim como vocês agora dizem? *Dates* e "*funs"*?»

«Pessoas pouco românticas que conseguem desrromantizar um potencial romance num campo de golfe como o Mathias, sim, tio, dizem e combinam *dates* em cima de *dates* e *funs* atrás de *funs*… Mas isso é só no mundozinho a que o Mathias está conectado. O Joa também vê *O Algoritmo do Amor* e, por isso, está certamente desligado desse mundozinho do Maths...»

«Obrigado, Jaime… Pena é seres namorado do Fred…»

«És tão inocente, Jaime!… Conheces tão mal o Joa… O Joa tem o Grindr e o Tinder instalado.»

«E qual é o mal se ele é solteiro, Maths? Não tem mal nenhum ter essas aplicações de encontros instalados quando se é solteiro. Mas há diferentes formas de se estarem nessas aplicações. Não acredito que o Joa ande nessas aplicações a procurar *fun*.» disse.

«Então, anda a procurar o quê?»

«A procurar o amor, por exemplo, Maths…»

«Sabes bem que quem anda nessas aplicações não anda à procura de amor.»

«Isso não é verdade, Mathias!» respondi-lhe.

«Então anda à procura do quê, Mathias? Eu só vos quero nessas aplicações se estiverem à procura do amor… Para arranjarem um namoradinho… Senão, quero que saiam imediatamente dessas aplicações, Mathias! Joachim, está a ouvir??? Como eu lhe disse Joachim, é só para arranjar um namoradinho…»

«Sim, mãe… Vou já desinstalar o Grindr… Espere aí um bocadinho… Ó mãe…? Por favor!… Não se meta… Estamos a falar de "assuntos sérios" como o Grindr que as mães não percebem, nem nunca vão perceber, nem quando chegarmos a *2080* de Antoine Canary-Wharf.»

«Ó mãe?... Mas a mãe ainda liga a alguma coisa do que o Mathias diz? Eu não procuro *fun* no Grindr como o Mathias.»

«Podes não combinar *dates* para *fun*, mas aposto que todos os teus *dates* acabam em *fun,* ó puto…»

«Não, não acabam…»

«"Nem todos" acabam, queres tu dizer puto… Admite!»

«Não admito nada!»

«Não admita nada, Joachim!» intrometeu-se Catharina.

«Então, diz lá o que é que tu respondes quando te perguntam o que procuras…»

«Simplesmente respondo que "estava à tua procura" ou "procuro conhecer real e logo se vê…"»

«Pronto, é isso mesmo! Assim vê-se logo que é um menino de bem, amoroso e que só está à procura do amor e que quer sair o mais rápido ali da aplicação, não é Joachim?... A mãe gostava tanto que saísse dessas aplicações e desses sites de vez… Há outras aplicações tão melhores… Olhe, como aquelas das plantas que a mãe tem, sabe? O menino sempre gostou de identificar flores…»

«E o Grindr está cheio de florzinhas… Umas cheiram mesmo bem… Eu não acredito como é que a mãe acredita mesmo na tua inocência… Se eu lhe mostrasse as tuas conversas "amorosas" que eu já hackeei, como aquelas fotografias que enviavas ao Xavier…»

«Foi só uma fotografia e ele era meu namorado! Pensava que já tínhamos arrumado esse assunto na mesa!»

«Sim, arrumámos! Não gosto nada desta conversa! Tudo isto, por causa do seu primo Martim…»

«E o Martim nem sequer é gay…» disse Maths às gargalhadas.

«Desculpe, tia…»

«Não, não peça desculpa, Jaime! Não era a minha intenção que pedisse desculpa! Não tem de pedir desculpa por

nada!… O Mathias é que leva sempre as conversas para outro lado…»

«E o Martim nem sequer é gay…» repetindo as gargalhadas, «Imaginem só se ele fosse…»

«Claro que tu já fizeste o favor de o imaginar gay nos teus sonhos…» gozou-lhe Helena.

«Estou a ver que conheces os meus algoritmos, querida maninha… Não sabia que eras tão tecnológica…»

«A minha tecnologia funciona à distância e eu à distância já topei todo esse teu entusiasmo em seres professor de surf dele…»

«Ah, já topaste maninha?»

«Sim, já… É o mesmo entusiasmo que tens pelo Domi.»

«Por falar nisso, se o Domi quiser umas aulinhas de surf grátis não me importo nada de lhe dar… O gajo, por acaso, deve ficar muita bem com uma prancha na mão…»

«Obrigadinho irmão, mas o Domi dispensa os teus "serviços grátis".»

«Tens medo de que eu converta o teu namorado? Dava uma grande história de amor… O teu namorado, afinal, caído aos pés do teu irmão mais velho…»

«Isso seria uma história impossível.» disse.

«Uma história impossível?»

«Sim, Maths!»

«Mas, porquê?»

«Não te parece óbvio?»

«Diz lá, porque dizes impossível, quero ouvir…»

«Porque o meu primo Domi não é gay e é o namorado da tua irmã.»

«Tu não fazes mesmo ideia dos gajos héteros que eu já converti, pois não?»

«Não, nem sequer quero ter uma ideia dos gajos que tu ainda não converteste. Não existe nenhuma conversão da orientação sexual! Se estiveste com rapazes que se diziam héteros, é porque te mentiram ou esconderam que eram gays ou bis. Se estiveste com um rapaz, é porque ele era gay ou bi. Se ele fosse hétero, ele não estaria contigo. Os bi curiosos são bis. Se têm "uma curiosidade" em estar com rapazes são bis ou gays. Se têm "uma curiosidade", é porque se sentem atraídos, sentem uma vontade, logo é porque são bis ou gays. Se sentem "essa vontade" só pelo mesmo sexo são gays. Se sentem pelo mesmo sexo e pelo sexo oposto são bis. Não tiveste Educação Sexual na escola?»

«Tive, mas foi no tempo em que ainda nem se falava de identidade de género… Agora as coisas estão mais complexas… Toda a psicologia está mais complexa... Além de que, lembro-me que a minha professora de Ciências Naturais desenhou uma reta a giz no quadro e disse que uma das extremidades era "o 100% hétero" e a outra era o "100% gay" e o meio da reta era o "bi". E

ela disse-nos que ninguém está nem em cima do 100% hétero, nem em cima do "100% gay"…»

«O quê??? Isso não faz sentido nenhum! Albert! Estás a ouvir o que andaram a ensinar às nossas crianças? Eu sinto-me 100% hétero. Quem era a tua professora?» perguntou Catharina.

«Eu também me sinto 100% hétero e o Domi também se sente 100% hétero!» disse Helena.

«Eu também me sinto 100% gay. Nunca tive interesse sexual por nenhuma rapariga.» disse Joa.

«Eu sinto-me 100% apaixonado pelo teu irmão, Mathias. *O Algoritmo do Amor,* pelo teu irmão, está 100% certo.»

«E eu sinto 100% certo *O Algoritmo do Amor*. Eu não sou gay, nem bi, nem hétero, porque não me sinto atraído nem por rapazes, nem por raparigas. Só me sinto atraído pelo Jaimezinho. A minha orientação sexual é o Jaime.»

«Ora aqui está *O Algoritmo do Amor*! O verdadeiro *Algoritmo do Amor*!» exclamou Albert.

«Não devias ter acreditado na tua professora de Ciências Naturais.» disse Helena.

«Talvez essa "régua" sexual que ela desenhou no quadro faça é sentido para os bis. Mas só para os bis. Uns, talvez se sintam mais atraídos pelo sexo oposto, outros pelo mesmo sexo. Para os bis, pode fazer sentido falar-se numa percentagem. Talvez, ela tenha desenhado especialmente para ti, Maths. Ontem achavas que o meu primo Martim era o amor da tua vida, mas

hoje acordaste para a realidade e sabes que amanhã vais acordar e vais ver que a minha prima Pureza é que é o amor da tua vida!»

«Isso, se tu não acordares amanhã, por acaso, ao meu lado, na minha cama… Nunca se sabe o dia de amanhã…»

«Porque é que eu tenho de estar sempre a ouvir isto?» suspirou Fred.

«Faz parte da sua vida real, Frederick. Foi o irmão que eu e a sua mãe lhe demos. Não se esqueça que você nasceu depois. O seu irmão nasceu primeiro… Há regras, não é…? Há toda uma hierarquia genética por detrás disto… »

«Qual é que é mesmo o teu quarto, Maths?» perguntei.

«Sobes as escadas e é logo o primeiro à direita…»

«Obrigado! É só para eu me lembrar de nunca ir para lá parar!» respondi-lhe.

«Bom… Mas parece-me que *O Algoritmo do Amor* ignora as regras e desafia toda a hierarquia…» declamou Albert.

«Porque que é que o Martim só vai cortar o cabelo a Cascais? Aposto que tem um fraquinho pelo barbeiro… Ou pelo barbeiro ou pela cabeleireira… Das duas uma… Só pode ter um fraquinho… Essa viagem de Santarém a Cascais tem de ter por detrás disso, no mínimo, um fraquinho…»

«Exato! Das duas uma. Agora é que falaste bem. Sabes que esses "ous" só funcionam para ti. Lembra-te, Maths: a tua professora desenhou para ti. No caso do Martim, se fosse por

causa de um fraquinho, seria um fraquinho pela cabeleireira e não pelo barbeiro.»

«Eu aposto tudo contigo que ele tem um fraquinho pelo barbeiro…»

«Não vale a pena insistires com o meu primo, Martim. Na "régua" sexual da tua professora de Ciências Naturais o meu primo Martim é "100%" hétero.»

«Mas ir de Santarém a Cascais só para cortar o cabelo?» perguntou Maths indignado, «Ainda são alguns quilómetros…».

«São 112 km que se fazem muito bem numa hora. E vale sempre a pena ir a Cascais... Nem que seja só para ver o mar 5 minutos e vir embora. A tia Eduarda, mãe do Martim, vivia em Cascais até ter perdido o marido, o tio António Ducado. Agarrou nos miúdos, no Martim, no Tomás, no Duarte e na Leonor e veio para Santarém, para perto das irmãs. O Martim habituou-se lá a uma cabeleireira. Ele só lhe deixa a ela tocar-lhe no cabelo. Diz que ela é a única que sabe cortar o cabelo "do jeito" do cabelo dele. Ele diz que o cabelo dele tem um jeito muito próprio, muito dele…»

«Dizemos todos isso, afinal… Temos todos essa mania de irmos cortar o cabelo só a um sítio, só àquele sítio que nós conhecemos… E eu ia sempre à tal barbearia em Almada, até que o filho da mãe do dono da barbearia resolveu instalar 7 câmaras de vigilância no salão… Uma vez, cheguei lá para cortar o cabelo e deparo-me com aquele novo espetáculo de câmaras!?... Disse--lhe mesmo que ele era um parvalhão, porque as câmaras dele iam afastar a clientela de 10 anos que ele tinha… Que era eu e 7

amigos meus… Íamos lá os 7 cortar o cabelo. Aquilo devia ser uma câmara para cada um, não? Fiquei tão irritado e tão triste… Se ele quer defender a caixa, *epá* que pusesse a porcaria de uma câmara por cima da caixa, pronto! Agora espalhar 7 câmaras de vigilância num salão onde se corta o cabelo? Nos bancos, sim, fazia sentido esse jogo de câmaras… Agora ali na barbearia?? Querem ver agora que aquilo virou um banco, não?»

«E virou tio. Virou um banco de dados…»

«Pois, está tudo a virar um banco de dados…»

«Em Santarém, sabes aquela rua dos teatros que nos leva ao jardim das Portas do Sol, se formos por ali sempre em frente, amor?»

«Sim, amor…»

«Nessa rua, logo no princípio, há uma barbearia que tem uma *webcam* presa ao espelho diretamente apontada para o cliente, mesmo perto da cara. Eu cada vez que passo por lá e vejo aquilo só me dá vontade de rir, sobretudo de quem tem coragem de estar ali sentado e a ser filmado em direto sabe-se lá para onde. Puseram lá um gajo a cortar o cabelo que faz o género do Tomás, o irmão do Martim… Adivinha… O Tomás vai lá cortar todo contente, todo excitado nas mãos do barbeiro que lhe faz umas quantas festas no cabelo e na barba, faz-lhe umas piadas e ele fica para ali todo ao rubro e a câmara a filmar todos aqueles sorrisinhos, todos aqueles tiques amorosos e queridos dele…»

«Mas com toda a informação que ele tem, como é que se sujeita a isso???» perguntou Fred indignadíssimo, «É preciso ter coragem… Não entendo esse teu primo…».

«E estás a imaginar aquela *webcam*… Que de certeza absoluta deve ter microfone… Deves estar a imaginar a piada tecnológica…»

«Sabe que com as poderosas resoluções de câmara que já se estão a ir instalando por toda a parte, Jaime, ainda que uma câmara "só" esteja a gravar a imagem, é possível ela "ler-lhe" os lábios e ainda que não grave som, fazer, ainda assim, "um registo do que foi dito", que para mim é a mesma coisa que estar a gravar o som, a partir da conversão "dos lábios" em texto.»

«Sim, eu sei, tio. Eu estive num Curso de Inteligência Artificial e Direito que o meu tio Francisco Castelão, casado com a minha tia Glória, que é irmã da minha mãe, organizou e realizou na firma dele de advogados na Avenida da Liberdade.»

«Conheço muito bem o seu tio Francisco Castelão.»

«Conhece?»

«Sim, é meu amigo.»

«O meu pai e o teu tio são amigos do Walt Disney e do William Shakespeare… São maçons…» segredou-me Maths.

«Um dos segredos da Maçonaria é não revelar quem é maçon…» respondi-lhe também em segredo.

«Os tempos são agora tecnológicos e a Grande Loja Soberana de Portugal é a nova Obediência Maçónica Regular que tem portas tecnológicas e eu hackei este segredozinho para ti com muito amor e carinho. Faz de conta que eu te estou a informar que, mais tarde ou mais cedo, o meu pai acabará por te convidar numa partida de golfe.» voltou a segredar-me.

«E o que é achou do curso?...» perguntou-me Albert.

Foram 16 segundos de silêncio que se fizeram.

«Então? Deve ter sido brutal, não?» perguntou candidamente Joachim.

«Não sei se brutal será a palavra certa…» ironizou Fred, que também frequentou comigo o Curso de Inteligência Artificial e Direito.

«Diga, então, em duas palavras, querido Jaime, o que achou do curso?»

«Muito informativo.»

«Quanto pagaram pelo curso?»

«O tio do Jaime ofereceu-nos o curso. O curso até tinha o requisito de se ter licenciatura em Direito, mas o tio Francisco fechou os olhos à Medicina. Falou-se até no curso de robots médicos, de dados de saúde, dados genéticos, dados biométricos e o avanço das ciências biométricas que estudam a personalidade a partir dos dados biométricos, sobre a atomicidade e a guerra de

dados do Sistema Nacional de Saúde, enfim… Falou-se sobre muita coisa, pai.»

«Eu fi-lo metade em Estocolmo e metade em Copenhague, um pouco também como ao estilo do seu tio, são amigos que tenho que têm uma das melhores firmas de advogados em Estocolmo e a outra em Copenhague, mas eram muito caros os cursos. Foram eles que fizeram questão de me pagar até as passagens de avião e como me convidaram ao mesmo tempo, fiz metade em Estocolmo e metade em Copenhaga, para que nenhum dos dois se zangasse comigo… Por isso, também estou muito por dentro do assunto. Talvez, até demasiado como o Jaime. Por isso, percebo perfeitamente o silêncio de 16 segundos que fez e que eu os contei com a minha mente. Digo-lhe que os segundos de silêncio que fez, foram uma delícia para a minha mente e percebo perfeitamente a sua resposta de 2 palavras… Também tinham lá a Kira?»

«Tinham, tio…» respondi.

«Mas não disseram que a Kira era um robot? Já não estou a perceber nada! Quem é afinal a Kira?» perguntou Joa.

«É um robot com Inteligência Artificial, uma *machine learning* capaz de identificar as principais cláusulas de um contrato de Direito Civil e Comercial e que é capaz de identificar erros do próprio contrato, substituindo alguma classe de advogados.»

«Uma *machine learning*?»

«Sim, Joa. Um robot em que lhe vais ensinando coisas e o robot vai aprendendo. Imagina que acabaste de contratar um

advogado para a tua firma. Ele veio da faculdade, não tem prática nenhuma ainda. Tu vais ensinando-lhe coisas, vais ensinando a ver alguns contratos, o que tens de fazer para determinados casos… Ao invés de estares a ensinar isso a um humano, estás a ensinar a um robot, que te vai dando um feedback dele próprio.» disse.

«Como assim? Um feedback dele próprio?? Mas ele fala??»

«Por exemplo, tu vais ensinando certos contratos ao robot Kira e o robot Kira vai dizendo, por exemplo, que sobre contratos de agência já sabe 100%, mas sobre contratos de trespasse ainda só sabe 60% e tem de voltar a ver… Sobre contratos de franquia tem dúvidas ainda sobre a questão dos stocks…»

«O que é que acharam mais assustador no curso? Às vezes, dava a sensação de que estávamos num filme de terror, não?»

«Achei assustador a advogada que estava no palco com o robot Kira numa louca felicidade que falava do robot Kira com os olhos em lágrima e chamava ao robot Kira "a sua amiga" e dizia mesmo que o robot Kira "era mesmo como se fosse uma amiga de carne e osso porque escutava-nos, via-se que tinha vontade de aprender, se não percebia alguma coisa no contrato, perguntava e era fascinante ver a evolução de aprendizagem" do robot Kira. Ver de perto o sistema de pontuação chinês também foi um pouco assustador. Eu já estava por dentro do assunto, aliás, o mais assustador é que eu já tinha escrito sobre aquilo tudo numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e estar ali, foi

simplesmente ver como é que estavam a comunicar o Direito, a Economia e a Tecnologia. Enfim, foi ver de perto o jogo de forças do mercado. Foi ver de perto "a tensão" que o mercado tecnológico está a exercer neste momento ao Direito. Nós, de repente, fabricámos milhões de produtos tecnológicos, de repente, aparecemos no mercado com novas tecnologias e o Direito foi apanhado de surpresa! Mas talvez, ver de perto o sistema de pontuação chinês, foi para mim o mais assustador. Vimos um caso de uma pessoa não ter olhado para o lado, antes de atravessar uma passadeira e o algoritmo da câmara ter logo advertido e ter baixado a pontuação da pessoa. Imagine-se uma pessoa nascer num sítio e não conseguir sair dali. O Governo não nos deixar sair dali, nem sequer para ir apanhar ares ao estrangeiro e voltar. Sem tecnologia, em São Tomé um professor que dá aulas recebe perto de 200, mas os voos custam para cima de 200, 600, 800, 1000 e tal. Os professores não conseguem sair de São Tomé… Os professores… Imagine-se quem não é professor… Com tecnologia, nasces na China, não te portas "como deve de ser", não compras as coisas que o Governo quer, não te afastas das pessoas que o Governo já te disse para te afastares, porque devem dinheiro ao banco, não isto, não aquilo, ficas com pontuação baixa e com pontuação baixa, é como se ficasses de castigo, porque com pontuação baixa não podes apanhar um avião da China para fora.»

«Fred?»

«Eu concordo com tudo o que disse o Jaime, pai… Assustei-me igualzinho como ele…»

«É normal terem os mesmos medos, se têm os mesmos corações… O seu pai é magistrado em que tribunal Jaime?»

«No Tribunal de Trabalho, tio.»

«Mas o Tribunal de Trabalho, é no Palácio da Justiça?»

«Sim.»

«Ah, eu julgava que era à frente do Banco de Portugal, nos Anjos e ali ao lado da Ordem dos Advogados.»

«Já foi. Entretanto, o Tribunal de Trabalho mudou-se para o Palácio da Justiça.»

«E, entretanto, o Jaimezinho perdeu a conta nos restaurantes que tinha nos Anjos, não foi Jaime?»

«Sim, Fred, obrigado por me lembrares.»

«Não me diga, Jaime, que o seu pai ficou tão zangado por lhe terem mudado o GPS do "escritório" dele, que se esqueceu de mudar o GPS da conta do restaurante?»

«Não, tio. O meu pai zangou-se foi mesmo comigo, mas com razão. Ele dava-me um plafond por dia, e um plafond muito generoso tio, de 20€ por dia. Eu tinha conta em dois restaurantes…»

«Não me diga que ia aos dois restaurantes no mesmo dia, gastar os 20€ num e depois os outros 20€ no outro, Jaime!»

«Não, tio… Claro que não… Eu podia escolher um dos restaurantes; às vezes, ia tomar o pequeno-almoço num e

almoçava depois no outro; às vezes, jantava num e levava o pequeno-almoço para o dia a seguir; às vezes, só ia lá a um restaurante para ir buscar o jantar e comer em casa, estava a viver na altura na casa da minha prima Sara na Costa de Caparica. Só que eu levava também lá os meus amigos, cheguei a levar um ou outro colega…»

«Um ou outro namoradito, aposto…»

«Não interrompa o Jaime com disparates, Maths… Qual namoradito, qual quê? O Jaime levava lá era os amigos… E punha na conta do pai… Não era? Não devia Jaime… Mas não se sinta muito culpado… Não foi um mau filho, por causa disso… Não é isso que faz de si mau ou bom filho… Foi ingénuo! Acho que todos vocês fazem isso… Os meus também fizeram! Todos eles, menos a Helena… Eu contava pagar uma coisa ao final do mês e pagava outra que o Jaime nem está bem a perceber… O Jaime levava lá um amigo de cada vez não era…?»

«Sim, tio…»

«Pois, os meus levavam uma turma de cada vez… Os meus filhos levaram-me 3 vezes à falência… Repetiram os 3 os mesmos erros, as mesmas estupidezes… A Helena é que nunca me deu dores de cabeça nenhuma. É uma santa. Agora esses 3? São autênticos diabretes… Quanto tempo é que viveu na Costa de Caparica?»

«Vivi na casa da minha prima Sara 3 anos durante a licenciatura de Economia. O pai dela, o tio Tom Rot comprou um prédio inteiro de 6 andares mesmo em frente à praia. Ligou por escadas o 6º esquerdo com o 5º esquerdo e o 4º esquerdo e

ficou ali com um espetacular triplex muito bem disfarçado naquele prédio, que já é antigo. Por dentro, a casa é um estrilho, mas por fora, ninguém dá por aquele triplex. Os outros andares pôs todos a arrendar a famílias que já lá vivem há anos, então é um prédio muito familiar. Depois, no primeiro e segundo ano de Direito, vivi na Quinta das Conchas em casa da minha tia Constança, irmã do meu pai, que se casou com o tio Orlando Pritam e tiveram a Matilde, a Mariana, a Leonor, a Teresa e o Simão.»

«Mais uma Mariana, amor? E mais um Simão? Também não há o Simão que está em Berlim com o tio Tom Rot?»

«Sim, amor… Os Simões são da idade do Joa. Essas minhas primas da tia Constança, já estão todas casadas a viver fora com os seus maridos e com os seus filhos. Só a Leonor e o Simão é que estão cá em Lisboa. A Matilde está na Escócia. A Mariana está na Irlanda do Norte. Ainda não te tinha falado delas. Mas da Teresa já, é a tal minha prima que foi viver para Moçambique, teve lá um caso com um tipo de Cascais que já lá tinha muitas raízes suplantadas, e foi desse primeiro casamento que a minha prima teve o Martim. Depois casou-se com o Mohammad, que é da Palestina, e nesse segundo casamento, a minha prima Teresa converteu-se ao islamismo, à igreja e à fé do marido. O Martim joga rugby na *Ikey Tigers*, que é a equipa de rugby da Universidade de *Cape Town* e estuda danças africanas. Eles viviam em Durban, mas por causa da dança e do rugby do Martim mudaram-se para *Cape Town*. Foram eles que me convidaram para ir visitar África do Sul.»

«Conseguiu visitar aquela linha toda de costa com praias banhadas pelo Pacífico, ou ficou só no Cabo?»

«Tive a sorte de desgravatar toda a costa, tio, porque fui duas vezes a Moçambique e para Moçambique íamos pela costa toda de África do Sul.»

«Que delícia, Jaime! Quais foram as praias que mais gostou?»

«No Cabo, gostei sobretudo da *Clifton Beach*, depois gostei muito da *Dolphin Coast*, de *Richards Bay*, de *St. Lucia*, *Hluhluwe*…»

«E em Moçambique esteve onde?»

«Para além da Capital, estive na Ponta do Ouro, Tofu, Vilanculos, em Inhambane, Nampula, na Matola… Eu fiquei ligado à Matola, não consigo explicar porquê, fiquei com uma vontade enorme de imprimir casas em 3D na Matola para a população; vi gente tão boa, tão bonita, tão feliz com tão pouco, gente linda que só quer é um teto. Na Matola, estive num sítio alto em que olhei lá para baixo e vi pessoas a viverem em palhotas de céu aberto e a irem buscar água longe e depois a lavarem roupa à mão. Fiquei mesmo com vontade de construir para aquele bonito povo. Também tive em Ilhambane, no Bilene e em Bazaruto.»

«Como foram para as ilhas?»

«Para algumas fomos de helicóptero, para outras fomos de jato.»

«Ah!... Então se já andou de helicóptero nessas ilhas, não o vou conseguir surpreender quando os levar na 2ª feira para o aeroporto…»

«PAI!!!!»

«O quê?? Isso é peta!!»

«PAI!!!!»

«Pai, pai, o quê, Fred?»

«Era surpresa! Estragou tudo!»

«O quê?? Isso é peta!! Isso é peta!! Isso é peta!! Isso é peta!! Não pode ser!! Não acredito!!» voltei a repetir num apocalítico frenesim, com um riso que me rasgava a cara toda, «Não podem brincar com o meu coração assim desta maneira, a sério!! Preciso de saber se isto é verdade ou não, porque se não for inteiro-me já em mim e esqueço… Mas se for verdade… Ai!!!... O meu coração…!!!»

«Olhe, peço desculpa ter-lhe estragado a surpresa, Jaime, mas você também já não é nenhum bebé, já é um adulto, e às vezes, é mesmo assim, temos de saber as verdades! Sim! Vamos levantar voo aqui de casa. Sabe que nós aqui, somos o único helicóptero da Herdade da Aroeira, não há mais ninguém que tenha um helicóptero em casa… E então? A viagem de helicóptero vai sair já no primeiro livro ou vai deixá-lo para o segundo?»

«Acho que é melhor deixar para o segundo, para ter tempo de gerir primeiro todas as emoções…»

«E o jatinho lá de Moçambique era do Mohammad?»

«Honestamente tio, nem sequer cheguei bem a perceber se o jato era do Mohammad, da empresa do Mohammad, dos amigos do Mohammad ou da empresa dos amigos do Mohammad. Foi um pouco confuso… Não sabia se aquilo eram negócios ou do Mohammad ou dos amigos dele. Se as casas eram do Mohammad ou dos amigos dele. Íamos a todo o lado e nunca pagávamos nada. Só pagámos os machibombos, uma espécie de carrinha-autocarro quando vim com a prima Teresa numa das duas voltas da capital de Moçambique para o Cabo. Fomos só os dois de machibombo. O Mohammad e o Martim voltaram para Durban de jipe e esperaram por nós na casa de Durban. Depois de Durban, voltámos para o Cabo de avião. A viagem de machibombo que eu tive com a Teresa foi uma das minhas melhores viagens. Eu não queria que ela acabasse. Queria que ela fosse infinita. Íamos a ouvir umas músicas que o motorista ia pondo de um monte de CD's que tinha e que nos convidavam a dançar e a envolver-nos para sempre naquelas cores de paisagem. Viemos sempre a dançar até que o machibombo parou na estrada e entrou um miúdo com fato e gravata que ia para a escola. Fitei--lhe o olhar e escondi logo a minha felicidade. Encarei-o com respeito. Com muito respeito. Fiz-lhe uma vénia com o meu espírito. Olhei para o meu relógio eram umas 6 da manhã. Eu tinha-me esquecido que eram 6 da manhã, porque aquelas 6 da manhã pareciam umas 4 da tarde. Nós estávamos de férias, estávamos a absorver tudo. Tudo tinha cor, tudo tinha cheiro, tudo era bonito. Eu estava fascinado e aquela viagem de meio dia para mim era um sonho. Mas aquela viagem para o miúdo de três horas poderia bem ser um pesadelo. Eu olhei para o meu relógio.

Devia entrar às 9 da manhã. Todos os dias apanhava aquele machibombo e demorava 3 horas para chegar à escola. Eu e a Teresa continuámos a absorver tudo com felicidade, mas em silêncio. Aquele menino e todos os outros mereciam o nosso respeito. Tínhamos de estar ali com respeito! Aquilo que para nós é uma felicidade, para os outros pode ser um verdadeiro pesadelo. Se eu estivesse a pele daquele miúdo, eu não desejaria que aquela viagem fosse infinita e talvez desejasse ser teletransportado por uma tecnologia qualquer *À Velocidade da Luz,* de Gil de Sales Giotto.»

«Esteve quanto tempo em África do Sul?»

«5 meses, tio.»

«Então foram 5 meses a viver como um muçulmano com a sua prima Teresa e o Mohammad…»

«Sim, tio...»

«Foram 2 anos a viver como testemunha de Jeová com a tia Constança… A tia Constança do Jaime é testemunha de Jeová, pai.»

«Como sabes isso, Maths?» perguntei.

«O teu namorado contou-me…»

«5 meses a viver como um muçulmano, 2 anos a viver como um testemunha de Jeová…»

«Também tive outros 5 meses e viver como judeu, em Israel, com um grande amigo meu, o Adam, que vive em Telavive, tio.»

«5 meses a viver como um muçulmano, 5 meses a viver como um judeu, 2 anos a viver como uma testemunha de Jeová e uma vida a viver como católico… Teve uma educação "muito católica" nos preceitos valores da doutrina judaico-social cristã, não foi Jaime?»

«Sim, tio.»

«Bem, Jaime, você tem uma excelente bagagem divina…Sem querer, tirou um Mestrado em Teleologia. Já tinha pensado nisso?»

«Sim, tio.»

«Já pode abrir um curso de Ciência das Religiões. Também já tinha pensado nisso?»

«Nisso, não, tio. Quando eu e o Fred estávamos em Porto Santo, o Adam, deu-me a notícia que tinha pedido a nacionalidade portuguesa e que tinha sido concedida por ele ser descendente de judeus sefarditas portugueses e pertencer a uma comunidade sefardita de origem portuguesa. Na altura, quando conheci o Adam, ele não sabia falar português ainda. Nós conhecemo-nos cá em Lisboa, nas férias dele, quando eu estava a arrancar o 3º ano de Direito. O Adam nunca tinha estado antes em Portugal, e esteve cá só uma semana. Mantivemos o contacto quando ele se foi embora…»

«Aposto que choraste.» interrompeu-me Mathias.

«Chorei. Assim que acabei o 3º ano de Direito, fui logo para Telavive ter com o Adam em maio e só voltei em outubro.»

«Ui! Deve ter sido um grande romance de verão daqueles filmes que só aparecem em Hollywood. Como é que se conheceram? Aposto que ele te pagou um copo na discoteca e tu caíste fácil aos braços dele, como caíste aos do meu irmão.»

«Primeiro, eu nunca fui fácil senão para o teu irmão; segundo, o teu irmão não precisou de copo nenhum para eu cair aos braços dele, só precisou do charme e do tino dele, coisas que a ti te faltam; e terceiro, eu não conheci o Adam na discoteca, mas fomos parar à discoteca com o Domi e com o Xico. Eles também o conheceram. E finalmente, o meu romance de Hollywood está aqui nesta mesa, agora, e tu, querido Mathias, também fazes parte dele, sabes porquê? Porque és o irmão do meu namorado… Tiveste sorte…»

«Então, como é que se conheceram?» insistiu Maths com um tom gozão, como se suspeitasse que tivéssemos tido algo mais íntimo, mais especial.

«Isso não interessa nada! São hoje grandes amigos, não é Jaime?» galgou Albert a galopada do seu filho.

«Sim, tio. E para mim foi uma surpresa eu estar em Porto Santo com o Fred e o Adam dar-me a notícia que, de repente, é português e ter-me dado a notícia, ainda por cima, a falar português, porque ele não falava português. Nós só falávamos em inglês. Ter estado em Israel fez-me querer aprender hebraico.

Adoro ouvir hebraico, é lindo! E, ter estado em África do Sul com o Mohammad fez-me querer aprender árabe. Também adoro ouvir árabe, parece um mel arranhado, é lindo! Durante a licenciatura de Direito, se nos portarmos bem durante o primeiro semestre, ficamos de férias logo em dezembro até fevereiro e se nos portarmos bem durante o segundo semestre, ficamos de férias em maio. "Portar bem" significa ver os emails com os casos que os professores nos enviam no final do dia, "fazer" os casos, para depois na aula quando o professor perguntar quem é que tem o caso resolvido sermos os mais rápidos a levantar o braço e ganharmos o caso em aula. Se ganharmos o caso, isto é, se pudermos apresentar o caso, ganhamos a aula e isso contará imenso na avaliação contínua. A avaliação contínua vale 50% da nossa nota e os outros 50% vão fazer peso com a nota que tivermos na frequência. Quem tiver nota final igual ou superior a 12 valores, fica dispensado de ir a exame. Depois pode é inscrever-se nas orais de melhoria, para subir a nota, que valem sempre a pena, porque é uma boa desculpa para usarmos fato e gravata… Mas, eu não fiz orais no 2º ano porque agarrei em mim e fui logo para África do Sul, nem no 3º ano porque fui logo para Israel…»

«A correr ter com o Adamzinho…» trouxe Mathias de volta o seu gozo.

«Eu fui assistir às orais do Jaime no 4º ano dele, fica lindo de fato e gravata…»

«Ainda bem que me estás a dizer isso, puto! Porque se eu já tinha um fraquinho pelo teu namorado, só de o imaginar de fato e gravata o meu fraquinho transformou-se agora num

fracalhão, mas *bueeeda* grande… Não tens fotografias dele de fato e gravata? Jaime, o meu pai ensinou-me uma técnica para (te) tirar a gravata com uma pinta…»

«Essa técnica era para si Mathias, mas agora é para o Fred. Os seus direitos sobre ela caducaram…»

«O pai não pode fazer isso!»

«Claro que posso! Eu fui o inventor dessa técnica e fui a correr patenteá-la. Cedi-lhe por uns tempos. O seu prazo expirou. Os seus direitos sobre ela, caducaram. A técnica agora é do Frederick.»

«Obrigado querido pai! Por acaso, tenho fotografias do Jaimezinho de fato e gravata num álbum, que não está nem no meu telefone nem no meu computador, mas não te as vou mostrar Mathias…»

«Na boa, querido irmãozinho, sabes que eu consigo *hackear* o teu álbum de fotografias num instante, esteja ele onde ele estiver…»

«Eu às vezes desconfio, que tu antes de ires para Medicina não estiveste em Ciências Aeronáuticas, mas estiveste em *Ciências Hackeadoras*, porque tu de aviões não percebes patavina, nem consegues levantar voo com o helicóptero do pai; gastou-se uma fortuna nesse curso contigo não sei porquê, mais valia ter sido eu nesse curso para o helicóptero não ficar tanto tempo parado a ganhar ferrugem nas hélices, porque tu para descolar "*tá quieto*", mas para *hackear*, estás sempre pronto.»

«Pois estou! Sobretudo o teu namorado…»

«E eu não sabia que a priminha Leonor Pritam tinha tantos irmãos, amor…»

«Eu tinha-te falado que tinha um primo que era gay, mas que a mãe dele era testemunha de Jeová e que era muito complicado para este meu primo que tem a idade do Joachim…»

«Sim, já sei amor… Tu já me mostraste uma fotografia dele, ele é muito parecido contigo…»

«Tu tens um primo parecido contigo e que é gay????… Quero vê-lo! Ele tem Facebook?» perguntou Joa.

«Cala-te, puto! Esse primo do Jaime vai ficar para mim…»

«Não… Tu já tens outra idade Mathias… Além de que és indefinido… E tens a Pureza… Ela vem aí amanhã… Eu adorava que o Simão ficasse com o Joa… Vocês tem tudo a ver um com o outro… Se a minha tia Constança ouvisse isto que estou a dizer, dizia que eu era Satanás… Ele não tem Facebook, mas breve eu apresento-vos, fica prometido Joa.»

«E eu não sabia que a tua prima Matilde está na Escócia com o marido… Isso quer dizer que temos casa quando formos visitar a Escócia?»

«Sim, claro, amor. Tio… Há pouco, falei-lhe da prima Sara. A Sara Rot que namora com o Afonso Côrte-Real, que também é meu primo, mas o Afonso já vem da parte do meu pai, é que são os alunos de preço especial de 1€ da escola de surf do Maths e do Joa…»

«Sim, já sei… Mas também não há um outro seu primo que apanhou a sua especial campanha de angariação de primos para a escola de surf do Mathias e do Joachim a esse preço especial de 1€? Eu digo a sua campanha, porque eu ouvi dizer que foi você que fez essa campanha e ouvi dizer que celebrou um contrato qualquer de agência com o Mathias e o Joachim… Não foi assim, Jaime?»

«Pois, querido, tio… Por falar nisso… Ainda não vi contrato de agência nenhum… E já estou de esferográfica na mão para assiná-lo… O outro meu primo que está também com eles a aprender surf é o Martim Ducado, o que só corta o cabelo em Cascais.»

«Mas, então, assina-se já! Que eu chamo escola de surf do Mathias e do Joa, mas a empresa também é minha. Aliás, eu e a Catharina somos os sócios maioritários… Esses dois meninos só entraram para a escola com 250€, entraram com uma mesada apenas cada um, nem quiseram juntar duas, ou três mesadas. Se cada um tivesse juntado 4 mesadas, tinham entrado com 1000€ cada um e já participavam mais nos lucros. Assim, participam proporcionalmente nos lucros com aquilo que entraram para a empresa.»

«Eu percebi logo que era o seu primo Martim que também estava a aprender surf com o Mathias, por causa daquilo que a Helena disse…» disse Catharina.

«O quê?» perguntou Albert.

«Que a tecnologia da Helena funcionava à distância e que à distância a Helena já tinha topado o entusiasmo do Mathias em dar as aulas de surf ao primo do Jaime.»

«Jaime, o meu pai disse que como a nossa empresa era uma empresa por quotas, nós só podíamos receber do lucro da escola de surf aquilo que fosse proporcional à nossa quota, é verdade?»

«O que está previsto no Código das Sociedades Comerciais é que se o contrato social, que vocês entre sócios tiveram que celebrar na constituição da vossa escola de surf, nada disser sobre a distribuição dos lucros, então há uma presunção legal que aponta no sentido da distribuição dos lucros dos sócios ser feita proporcionalmente àquilo que cada um entrou para o capital social da empresa.»

«Base legal?»

«Artigo 22º do Código das Sociedades Comerciais, tio.»

«Por isso, Joa, lamento dizer-te mas, as palavras do teu pai não são juridicamente verdadeiras… O que diz o contrato social sobre a distribuição dos lucros?»

«Um grande silêncio, Jaime.»

«Então, é para esse silêncio que eu, Direito, vou escutar e respeitar e que me vai remeter para o artigo 22º do Código e assim tu e o Mathias vão receber estritamente dos lucros a proporção vossa "quota-parte". Nem mais, nem menos. Só não aplicávamos o artigo 22º, que é o tal que diz para distribuirmos os lucros do sócio nessa razão de proporcionalidade, se no contrato

social se estipulasse que, por exemplo, se distribuiriam os lucros de forma igual por todos os sócios… Devias ter-me consultado antes de terem aberto a vossa escola de surf…»

«Estou a ver que já arranjou um advogado, Joachim!»

«Pois já, pai! Já que não é meu namorado, ao menos é meu advogado! E Jaime, o que é o contrato de agência que estavas a falar com o meu pai?»

«Basicamente, é quando eu assumo a obrigação de promover habitualmente numa determinada zona, com autonomia, a vossa empresa realizando certos atos, angariando--vos clientela, vá… Como se eu fosse uma espécie de relações públicas da empresa, pode-se dizer assim… E vou, então, aproximando potenciais clientes à vossa empresa, é uma promoção, ao fim ao cabo.»

«Catharina, vamos para os nossos aposentos… Vamos deixar o nosso Arquiduque, com o nosso Príncipe e os Infantes… Vamos entregar o nosso Arquiduque Jaime, ao nosso Príncipe e aos nossos Infantes.»

CAPÍTULO X

SAEM OS REIS E FICA À MESA O DUQUE, COM O PRÍNCIPE E OS INFANTES

«Jaime não ficas mesmo comigo?»

«Não fica Maths! Sabem qual é a percentagem de pessoas com diabetes em Portugal?»

«Tu, ao invés de estares mais preocupado com as pessoas que têm diabetes em Portugal, devias era estar mais preocupado com o teu irmão que está farto de se fazer a mim…»

«Vais mesmo ficar com o meu irmão?»

«Sim, vai! Ele está comigo! Arranja um namorado para ti, Maths!»

«E é o que eu estou a fazer…»

«Não! Não estás a arranjar um namorado… Estás a fazer-te ao meu namorado! O meu namorado já tem namorado… E adivinha… Sou eu… Por isso, vai arranjar um namorado que ainda não tenha namorado… Porque é que não ligas o *Grindr*?»

«Porque o teu namoradinho não me deixa…»

«Não deixa?»

«Não… Ele não deixa ninguém estar com os telefones à mesa…»

«Podes ir para o teu quarto Maths, aliás não deixaste o telefone no quarto?»

«Sim, deixei… Não queres vir comigo para o quarto Jaime? Está-se lá tão melhor…»

«Isto vai ser sempre assim Maths? Vou ter que estar sempre a ouvir e a ver a fazeres-te ao meu namorado?»

«Mais ou menos… Só quero mesmo ter a certeza de que o Jaime não quer mesmo ficar comigo, porque se ele ficar mesmo contigo…»

«Maths! Eu vou mesmo ficar com o teu irmão… Desculpa… Tu tens ouvido de surfista…. Lembras-te? Há bocado, ao almoço, com os teus pais à mesa, eu disse que teres ouvido de surfista era um *handicap*, porque enfim, o teu pai joga golfe e está habituado a um sistema de pontos e por isso falei-lhe nessa linguagem golfista… Mas o que eu queria mesmo ter dito é que ter ouvido de surfista para mim é um *turn off*.»

«Pois… Mas aposto que com o Adam foi um *turn on*…»

«MATHIAS! Importas-te????» advertiu-lhe Fred.

«Qual é a cena? Vá, conta lá, Jaime… Como é que conheceste o Adam… Fiquei interessado nessa história, não sei porquê… Mas fiquei interessado… Senti-me num mundo paralelo contigo, em que eu vivia em Telavive e tinha vindo a Lisboa e nós nos apaixonámos um pelo outro, tu ficaste tão louco e tão cego por mim, com o coração a sair-te pelo peito que até te tirei de Portugal, arranquei-te de Portugal e trouxe-te para Israel. E eu fiquei a ver-te a atravessar o imenso mar Mediterrâneo, do outro lado do Mediterrâneo à tua espera, em Israel, a seguir-te o voo no *FlightRadar24* e a ouvir cada batida do teu coração…»

«Já sei, Mathias… Porque terias hackeado o meu coração…»

«Não, Jaime! Porque ter-te-ia posto um *wearable* no pulso ao invés desse *relógio-aliança* lindíssimo que o meu irmão te pôs. E

assim, receberia no meu telefone cada batida do teu coração, monitorizar-te-ia, sem precisar de hackear nada; simplesmente ligava o meu telefone ao teu *wearable* que estava ligado ao teu coração.»

«Eu começo a desconfiar é que tu queres é ser meu Cardiologista.»

«Sim, eu quero o teu coração. Quero o bater do teu coração.»

«Não sei porquê, mas esse teu mundo paralelo comigo mais parece um filme de terror. Prefiro o mundo com o teu irmão.»

«Que pena! Até já tinha pensado em criar um Heart Center, só para ouvir o teu coração a bater 24 sobre 24 horas. Para eu conhecer o teu coração como ninguém…»

«Tu ou o teu Heart Center?» perguntei.

«Eu. Porque eu ia estar sempre no Heart Center a ouvir o teu coração…»

«Ias lá estar sempre no teu Heart Center a ouvir o meu coração a bater pelo teu irmão, só se fosse isso querido Mathias…»

«Porque é que até no nosso mundo paralelo, no nosso amor do nosso mundo paralelo, tens de estar a trazer o meu irmão? Que seca, Jaime… Não sei do que é que valia então criar um Heart Center para ouvir o teu coração a bater pelo meu irmão e não por mim…»

«Valia para a economia, ou não há economia nesse teu mundo paralelo e nesse nosso amor platónico?»

«Só é platónico porque tu queres que seja platónico, porque por mim não era nada platónico…Porque dizes que valia para a economia?»

«Porque ias criar *bueeeda* postos de empregos, ias ter *bueeeda* técnicos e *bueeeda* assistentes a monitorizarem os corações de todos os teus *bueeeda* clientes…»

«Achas mesmo que eu ia querer que os meus *bueeeda* técnicos e os meus *bueeeda* assistentes soubessem que o teu coração batia era pelo Fred e não pelo meu? E que eles ouvissem como é que o teu coração batia por ele? O meu Heart Center ia ter assistentes virtuais, softwares, robots, dentro de um supercomputador, que ao fim ao cabo iriam ser o Heart Center.»

«Às vezes, esqueço-me que fazes parte da estirpe dos transumanos e dos androides e dos humanoides… Mas sabes, já estou tão anestesiado, que já não quero saber se és um robot ou se és um clone ou se és um androide do Fred e por isso, está na hora de te inserir os meus algoritmos… Queres ouvir como é que o meu coração bate pelo teu irmão? Vai lá buscar o estetoscópio que eu ponho-me ao colo dele e vais logo ouvir o meu coração a disparar… Vou dar-te os algoritmos do meu coração.»

«Também disparavas no meu!»

«Sabes que eu não disparava.»

«Mas eu disparava, se te sentasses ao meu colo.»

«Eu sei, Mathias, e por isso é que eu não me sento ao teu colo e sento-me ao do teu irmão. Quando eu ouvi pela primeira vez o *Heart Center* foi num contexto de publicidade, muito mal feita, que apareceu na rádio, numa época que ainda não se falava de dados, mas que eu já sabia que os dados eram "o novo petróleo" para uma data de empresas e numa altura muito conveniente e oportunista em que o uso dessas tecnologias, num contexto de monitorização cardíaca por empresas prontas para se dedicarem à análise e ciência desses dados, seria o "agarrar o mercado" na altura perfeita. Só que eu não sabia é que esse *Heart Center*, afinal, era um "Centro do Coração" do Hospital da Cruz Vermelha. Porque dito em inglês e como apareceu na rádio, soava, mesmo, a um Centro de Dados de Coração. Ainda por cima, num reclame que dava voz a um homem novo que estava só a entusiasmar-se no estádio de futebol em que o seu coração tinha disparado, porque estava quase a ver um golo a entrar na sua baliza, mas que o guarda-redes lá chutou para canto e o "Centro", que sabia que o homem tinha comprado bilhetes para o Futebol e que estava a ver "a bola", telefona a perguntar se a sua equipa tinha falhado uma clara oportunidade de golo ou se estavam quase a sofrer um golo, agradecendo ao cliente pela nova informação que adicionariam ao seu *profile*… Que aquele pique de batida tinha sido, porque quase que ia vendo a sua equipa a sofrer um golo; despedindo-se o "Centro" do "cliente", e não do "paciente", com o lema empresarial "sabemos tudo o que lhe vai no coração". O cliente lá sai do jogo no intervalo e telefona ao "Centro" a confessar que o coração "disparou-lhe" não por causa do golo, mas porque o avançado lateral que tinha marcado um golo despiu a camisola, mas para não contarem nada à mulher dele, e o "Centro" desliga agradecendo a nova informação. O

reclame não era bem assim, nem quero saber como era exatamente, porque o novo reclame que acabei de criar, inspirado no deles, é bem mais divertido e bem mais elucidativo!»

«É a lucidez que nos diverte! A diversão está no estar-se lúcido!» disse Fred.

«É óbvio que eu não vou ficar contra o Hospital da Cruz Vermelha, mas é esta a minha linguagem, é esta a minha agenda: a agenda da proteção de dados e dos dados enquanto um direito fundamental insuscetível de ser explorado num qualquer belzebútico mercado de dados! A agenda do Hospital da Cruz Vermelha é outra, claro. Independentemente do ponto de interrogação com que fiquemos na cabeça, se é um Hospital público ou privado, a agenda do Hospital são "clientes" e não pacientes, porque é isso que está escrito em todo o lado do *site* deles. A agenda do Hospital são os acordos e parcerias que têm com as ene seguradoras, que também estão todas lá escarrapachadas no *site*. Quando começa a meter dados e tecnologia, talvez comece a ter outra importância, talvez comece a importar saber quem são os parceiros e qual é afinal a política de cada um dos parceiros na partilha e troca dos meus dados. Saber como se comunicam sobre mim. O que falam afinal sobre mim. Fazer o desmantelamento, o desmascaramento das empresas, e começar a vê-las com cabeça, tronco e membros começa a ser um fenómeno e um exercício particularmente divertido que dá um novo corpo ao Direito que a nova ciência de dados nos trouxe e nos obrigou a ver esse fenómeno e a fazer esse exercício de desmascaramento empresarial, que em Direito Societário chamamos de "levantamento da personalidade da pessoa coletiva" ou "desconsideração da pessoa coletiva", quando

as empresas "não se portam muito bem"… Vamos levantar a personalidade da pessoa coletiva. Vamos levantar a empresa. Vamos ver quem é que são as cabeças com tronco e membro que dirigem a empresa. Vamos ver afinal qual é a mente dos empresários. Qual é o cérebro dos empresários. Quais são afinal as suas intenções. Vamos desconsiderar a "pessoa coletiva", que é a empresa e vamos tomar em consideração a pessoa singular, que é o empresário. Não vamos falar com a empresa, porque a empresa não fala. Vamos é falar com os empresários. Vamos ouvi-los. É que, se eu tenho um seguro, sou cliente num hospital e quero fazer um crédito no meu banco, se calhar o meu banco poderá por lapso – meu, porque não li a *política de privacidade* que é muito jurídica e diz sempre que "só vamos tratar, processar os dados que sejam os estritamente necessários" e que "só vamos vender os dados para os devidos efeitos comerciais" e nenhuma *política de privacidade* é capaz de explicar o porquê "dos meus dados terem ido parar ao comércio" e porque é que até o Direito começou "a olhar para os meus dados como uma espécie de valor mobiliário" – ter escutado "a minha arritmia" e ter ficado com medo de que a minha arritmia me matasse, antes de eu conseguir pagar o crédito que lhe estou a pedir. E vai o Direito de *2080* de Antoine Canary-Wharf dizer-me que o meu banco tem toda a razão e que é uma *recusa perfeitamente lícita* e perfeitamente económica e perfeitamente utilitarista e perfeitamente comunista! Mas se calhar, com sorte, não vai nada o Direito dizer isto, e assim talvez seja tão-só a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari a falar. A agenda do Hospital é o investimento de 10 milhões neste *Heart Center*, que se quer ligar ao coração dos 360 mil doentes com insuficiência cardíaca ou dos 165 mil doentes com doenças cardiovasculares na Grande Lisboa. Quando começamos a falar

de números e de "doentes", e não de clientes, parece que pode começar a fazer mais sentido a tecnologia. A tecnologia começa a hipnotizar-nos, porque, como é lógico, o que eu quero é impedir pessoas com doenças cardiovasculares de morrerem de doenças cardiovasculares ou de, pelo menos, conseguir aumentar-lhes a qualidade de vida. Então, a pergunta que eu acho que se torna fulcral é se essas tecnologias, de facto, conseguem, mesmo, aumentar a esperança de vida desses doentes, ou se, pelo contrário, irão reduzi-la.»

«Eu concordo perfeitamente contigo, amor, porque não há evidência que comprove a diminuição da mortalidade ou o aumento da qualidade de vida, diminuindo, por exemplo, os eventos cardiovasculares ou o seu prognóstico com o uso dessas tecnologias.»

«Eu também acho que o que o Jaime disse faz todo o sentido! E adorei o reclame, vou"-te" roubá-lo para quando criar o meu Heart Center.»

«Eu reservo todos os meus direitos, Mathias.»

«Então vou-to comprar.»

«Ah, eu vendo-to na boa… Nós a falarmos de negócios é que nos entendemos Mathias… A falarmos de negócios é que estamos bem…»

«Também podemos ir falar de negócios para a minha cama, eu na minha cama costumo ser muito mais de mãos largas… Eras capaz de gostar de celebrar alguns contratos comigo.»

«Eu, na cama, gosto mais de celebrar contratos com o teu irmão.»

«Vocês falam de negócios na cama?»

«Claro! Somos seres económicos. Nós planeamos o nosso futuro a dar beijinhos na cama.»

«O que vale é que vocês os dois são seres empresariais, seres económicos, seres sociais, seres ambientais, seres terrestres, seres cósmicos, seres espirituais, seres intelectuais, seres jurídicos, seres filosóficos, seres solidários, seres altruístas, seres amorosos…»

«Sim, somos seres humanos. Os seres humanos são todos esses seres. Os robots, como tu, são seres algorítmicos.»

«Porque é que dizes que eu sou um robot?»

«Porque só os robots é que podem gostar de robots. Os humanos gostam de humanos, de árvores e animais. Os robots gostam de robots. E tu gostas de robots. Logo, és um robot.»

«Mas eu gosto mais de ti, do que de robots. E gostava de ouvir o teu coração no teu habitat natural…»

«E qual é que é o meu habitat natural?»

«O colo do meu irmão…»

«Diz o nome de qual dos teus irmãos… Quero ouvir da tua boca robótica!»

«Do Frederick...»

«Fred?? Estás a ouvir isto que o teu irmão está a dizer?? Isto é inédito!!!! Vai lá buscar um gravador, quero isto gravado!»

«Eu não vou repetir e não vou buscar gravador nenhum. Mas vou buscar o estetoscópio ao meu quarto para ouvir bem esse teu coração ao colo do meu irmão e imaginar que bate por estar ao meu colo.»

«Vai lá buscar o teu estetoscópio! Eu autorizo-te a pôr no meu corpo. Eu gosto da tua tecnologia Maths, e deixo-te pores a tua tecnologia no meu corpo…»

«Não digas isso muitas vezes, Jaime… Sabes que tenho outras tecnologias, que não o meu estetoscópio, que gostava de pôr no teu corpo…»

«Eu estou a falar da tecnologia do teu estetoscópio, que é a que eu gosto e autorizo-te a pores no meu corpo. Quando metemos tecnologia no nosso corpo temos sempre de deixar em aberto que é uma tecnologia. E que estará a emitir radiações...»

«O meu estetoscópio não emite radiações, amor… Mas o do meu irmão é capaz de emitir e é capaz de estar ligado à Internet e ao computador dele… Sabes que ele liga tudo ao telefone dele…»

«Ainda que seja um *smartwatch* eu devo pensar, ou pôr-me a pensar, como é que o meu coração pode ir parar ao "Heart Center" em tempo real durante 24 horas?... Ou tem ligação ao telefone e o telefone envia a informação por Internet ao sistema ou então o próprio aparelho tecnológico tem Wi-Fi, consegue ligar-se à Internet de casa e enviar os dados para o sistema. Ora se

não há fios, tem que haver algum tipo de radiação a ser emitida. E volto a perguntar eu, o que é que a OMS diz sobre isto? O Hospital está a investir 10 milhões com base em quê? Na OMS? É que se há um *Ok* da OMS, então está tudo *OK*, mas o *Ok* tem que vir da OMS, que é o referencial mundial. A OMS não tem medo de empresas, a OMS tem empresas na sua *Lista Negra* que proíbe a entrada de agentes de algumas empresas no edifício da Organização Mundial da Saúde, porque nem sequer quer dialogar com essas empresas, é impossível a OMS dialogar com essas empresas; elas querem diálogo e a OMS vira-lhes as costas, porque não fazem parte da agenda da OMS. Há uma empresa que todos vocês sabem, porque foram vocês que me contaram, que foi aquele vosso professor de Saúde Pública que conseguiu tirar a porcaria do tabaco da publicidade que vos contou em aula, e por isso, escuso de dizer qual é a empresa de que eu estou a falar, porque temos todos a mesma agenda, que anda em países subdesenvolvidos a dizer que o leite em pó que anda lá a vender é melhor que o leite materno e as mães, ao invés de darem a mama ao bebé, andam a comprar o leite em pó e a dar isso aos miúdos. Essa é uma das empresas que está na *Lista Negra* da OMS. Há colegas vossos que eu não percebo como é que estão em Medicina a conspirar contra a OMS. Que por acaso, são os mesmos anormais que se põem a agarrar nos órgãos, sem respeito nem sensibilidade nenhuma e a brincar com os órgãos humanos nas mãos e a fotografarem-se com os órgãos humanos e que vão para o *Instagram* fazerem vídeos a abrirem corações e a seguir pegam no cigarrinho vão fumar lá fora agarrados ao telefone e vão ver quem é que gostou dos seus vídeos e põem-se a falar das energias e das medicinas alternativas. Porque é esta a conspiração deles! É este o prazer deles! E era o que mais faltava eu não poder

falar mal destes estudantes de medicina que vão ser maus médicos, porque nós olhamos para eles na faculdade e vemos logo que vão ser maus médicos, e não poder questionar "mas por que raio foram parar a medicina"?! Quando deviam era conspirar contra os Hospitais para onde vão trabalhar e que os vão explorar, desde o cérebro até à impressão digital. Eu gosto muito do Hospital da Luz. E toda a gente sabe que é um hospital privado. Não há pontos de interrogação. E gosto particularmente, porque quando vocês estiveram lá a estagiar, nenhum de vocês teve que andar a pôr o dedo para passar portas, nenhum de vocês deixou lá a vossa impressão digital, nenhum de vocês deixou lá a vossa biometria. Isso faz-me gostar do Hospital da Luz, que se calhar é mais tecnológico do que qualquer outro hospital, se calhar é mais sofisticado do que qualquer outro hospital em Portugal, mas tem um limite para a tecnologia.»

«Atenção amor, que isso foi quando eu estagiei o ano passado… O ano passado não havia nenhum sistema biométrico, não sei se, entretanto, instalaram ou não… A Helena estagiou depois de mim…»

«Eu estagiei depois do Fred e não tinha nenhum sistema biométrico…»

«Esse limite é importante. É verdade que, se eu enfiar uma pulseira tecnológica, que mais parece uma pulseira eletrónica presidiária, ao meu doente, que está ligado permanentemente à Internet – e essa é outra, é que para eu saber o batimento cardíaco 24 horas em tempo real do meu doente, o meu doente vai ter que estar exposto 24 horas à Internet –, eu vou conseguir fazer melhor um ajuste de farmacologia porquanto vou ver ali

piques que não devia ver num caso de hipertensão com a medicação que achava que era a melhor, mas que afinal devia ter receitado uma dose maior e portanto, vou enviar uma mensagem ao meu doente para que aumente a dose, dou-lhe essa instrução. Mas não sou eu médico, em carne e osso que o vou fazer, vou ser eu médico-robot, vou ser eu algoritmo, vou ser eu assistente pessoal, porque até já tenho programas como aqueles que vocês me mostraram que mostra as interações entre diferentes fármacos e em segundos diz-me se eu devo combinar ou não um fármaco com outro. É que, até são vocês próprios com a vossa nobre honestidade que olham para esta tecnologia e dizem que não era preciso seguirmos 24 horas o coração do doente, bastava fazermos 5 leituras ao longo do dia, para vermos se acertámos ou não na medicação. Se me perguntarem se a Medicina de Precisão pode resultar sem médicos de carne e osso, digo-vos que pode, e que os médicos afinal só vão ser precisos para a cirurgia. A cirurgia é o que vai sobrar, "o futuro da medicina vai ser a cirurgia", porque para todas as outras áreas eu posso lá colocar um robot, até para a Medicina Geral e Familiar, posso lá colocar um assistente pessoal que é um robot. É esse o perigo que eu vejo a tecnologia a fazer. Porque essa "fantástica" Medicina de Precisão só vai funcionar em pleno, ou só funcionaria em pleno, se eu me entregasse à Internet, aos chips e à nanotecnologia. Olhem os vossos pais, que são inteligentíssimos, estão os dois em cirurgias, um em Oftalmologia, o outro em Neurocirurgia. A tecnologia não lhes pode tirar os empregos. Mas se o Hospital da Cruz Vermelha está a querer meter essa tecnologia, se já gastou os 10 milhões e se só eu é que estou a ver perigo, então, automaticamente eu vou redefinir os meus medos e imploro ao Federico Ferrari para que leve com ele a minha *Paranóide*

Tecnológica. Mas eu tinha que me expressar! Eu tinha que dizer isto! Agora sim, já estou aliviado! Agora já podem vir os robots todos que quiserem, ao menos já expressei tudo aquilo que tinha para me expressar. Se calhar, essas novas tecnologias até podem ser muito boas, podem deixar menos ansioso um doente por saber que está ali uma pessoa sempre a ver o seu corpo. Uma coisa é comprovar-se que esta tecnologia pode salvar vidas e ainda que emita radiações essas radiações não me matarem e aumentarem a minha esperança de vida. A minha avó em Londres com 98 anos tem interruptores encarnados espalhados pela casa e quando se sente mal, puxa o fio do interruptor e em 1 minuto aparece um carro da polícia, uma ambulância e uma carrinha dos bombeiros, se a minha avó não responder imediatamente à voz que vai entrar pela casa dentro, mas que ela autorizou e chamou quando puxou em socorro aquele interruptor. A minha avó com 98 anos não se deita sem medir a tensão e sabe que se tiver um 14 de tensão arterial não se pode deitar sem a tensão baixar – e tantas vezes vi a minha avó com o aparelho sem Internets nenhumas debaixo do braço a medir a tensão e a fazer um chá de alho que imediatamente lhe baixava a tensão para 11. Eu não sei se é ou não o alho o comprimido azul, mas eu vi isto a acontecer ene vezes, foi isto que eu vi, eu estive lá, ninguém me contou, nem a Medicina, nem Tecnologia nenhuma. A minha avó está aqui hoje, com os seus 98 anos para não eu não deixar que lhe metam nenhuma tecnologia que lhe explore! Eu detestava que pusessem agora a minha avó agarrada a um tablet e a um telefone a ver a sua pressão ligada à Internet, a expor aquele seu coração a uma tecnologia que tenho a certeza que lhe fazia parar imediatamente o coração! É preciso comprar o aparelho que vai monitorizar o coração que custa uns 100 €, e

mesmo que não custe 100 €, a pessoa vai ter que pagar uma mensalidade pelo serviço de monitorização, que mesmo que o aparelho não custe 100 €, só nos primeiros 5 meses já o "doente" gastou 100 €, mas vamos "fingir" que só num ano com a "angariação de clientela" o hospital ganha 100 € com um cliente do coração. O investimento que o hospital fez foi de 10 milhões, mas se dos 360 mil doentes, pelo menos, o hospital tiver um total de 300 utilizadores, entre doentes e clientes, o hospital só com 300 mil clientes do coração fatura 30 milhões. Ou seja, o hospital investiu 10 milhões, mas "já ganhou" 30 milhões… A agenda do hospital já lucrou no mínimo 20 milhões. E eu, não vou deixar como herdeiro legítimo, que um hospital veja a minha avó como cliente, como dados e como petróleo, não vou!!!!»

«Meninos, vou deitar-me. Tenho que acordar muito cedo. Ainda quero estudar antes de eles chegarem para almoçar.» retirou-se assim Helena.

CAPÍTULO XI

CONVERSA DE RAPAZES

«Vá… Não te vais escapar… Os meus pais já bazaram para cima… A minha irmã também já bazou… Estamos só aqui os 4… Mais ninguém… Somos só nós… Só rapazes… Nesta nossa *brotherhood*… O Adam era estrangeiro… Conheceram-se em Lisboa, ele veio cá feito turista, nunca tinha estado cá… "Assim que acabei o 3º ano de Direito, fui logo para Telavive ter com o Adam em maio e só voltei em outubro", são palavras tuas… Vá lá… Eu não sou parvo… Conta lá, mano…»

«Ah!... Agora já me chamas "mano"… És muito esperto Mathias…»

«Eu disse-te que não sou parvo… Onde se conheceram? Foi no Grindr? Claro que foi no Grindr! Qual é o mal de dizeres que conheceste um gajo no Grindr e foste com ele para a cama??… Já toda a gente fez isso… Até o Fred já o fez…»

«Não! Nunca fiz! Lá por tu levares a vida que levas, os outros não têm de levar a mesma vida que tu… Não é por tu sentires o que sentes, pensares o que pensas, que os outros à tua volta sentem exatamente aquilo que sentes ou pensam exatamente aquilo que pensas… Não é por tu quereres fazer umas coisas, que todos queremos fazer as mesmas coisas que tu fazes… Tens que meter isso, de uma vez por todas, na tua cabeça!» deu o Fred um raspanete ao irmão.

«Não, Maths! Não nos conhecemos no Grindr!»

«Então diz-me, onde o conheceste?»

«No ginásio.»

«No ginásio? Espera lá… Isso foi em que altura?... Vamos pensar… Disseste que estavas "a arrancar" o 3º ano quando conheceste o Adam… Ora, isto foi quando tu estavas a viver com o Domingos e com o Xico em casa do Xico, por isso… Para ver se bate certo… Se estavas na Avenida da Liberdade, aposto que estavas no ginásio da Avenida da Liberdade… Que é só onde acontecem as maiores javardices nos balneários e nas saunas e nos turcos…»

«Estive nesse, até perceber que aquelas javardices eram mesmo uma rotina; já tinha visto uma coisa ou outra, mas achava que seria transversal a qualquer ginásio…»

«Que tipo de coisas?» perguntou-me Joa.

«Adormecia no jacuzzi e quando acordava tinha rapazes demasiado perto de mim… Havia rapazes que parecia que se tocavam debaixo da água…»

«E tu não ficavas lá para veres a cena toda?» provocou-me Maths.

«Nem precisava! Era só adivinhar… E quando o meu cérebro adivinhava, claro que saía de lá a correr…»

«Mas enquanto não adivinhava ou ficavas a adivinhar, o teu cérebro ficava a curtir a cena toda… Estou a brincar maninho… Eu adoro-te! Eu sei que tu não és desses…»

«Lembro-me de uma dessas vezes em que eu adormeci no jacuzzi. Eles eram 8, o jacuzzi era grande, não consigo dizer qual era a capacidade do jacuzzi, mas para se estar à vontade, podiam estar umas 10, 11, 12 pessoas… Não quero estar a exagerar…»

«O Jaimezinho já me contou isto, isto era na altura em que o Jaimezinho saía da discoteca e ia dormir para o ginásio de manhãzinha para o jacuzzi…»

«Estás a falar a sério?? Tu és lindo, juro-te! Tu sabes mesmo aproveitar as coisas, sabes mesmo aproveitar-te do sistema!»

«Sim, saímos da discoteca, íamos tomar o pequeno--almoço eu controlava o tempo de abertura do ginásio, mentia ao Domi e ao Xico, dizia que ia ter com um amigo, eles achavam que eu "àquela hora" ia para uma *fun* ou uma *date* qualquer… Mas eu queria lá saber o que eles pensavam… Eu mentia-lhes, eu tinha-lhes que mentir, porque eu sabia que aquilo que eles pensassem não ia sair dali e se eu dissesse que queria ir para o ginásio eles diziam para ficarmos na boa ali no pequeno-almoço e que eu tinha tempo para ir depois quando "fosse para ir para casa" e eu ouvia o meu corpo a implorar o jacuzzi e eu tinha que o meter no jacuzzi… Eu tinha de me meter no jacuzzi e sair de ao pé deles "a correr" para o ginásio, mas para ir dormir para o jacuzzi… Eu adoro água quente, não posso encher a minha banheira ainda, porque não posso gastar água por causa do ambiente, mas eu e o Fred vamos ter um sistema circulatório dentro de casa, já falei disso com a minha prima Mariana Fráguas. Perguntei-lhe se, ela como arquiteta, era capaz de nos montar um sistema desses, em que a água que corre é sempre a mesma; é que eu adoro ouvir a água a cair, a água a correr, é mais por esse prazer, e de claro, estar ali na água quente…»

«Vocês vão se passar com as termas em São Miguel!!!! Têm que lá ir à noite… Há lá uma que está aberta até às 23h.» sugeriu-nos Maths.

«Essas termas já estão no nosso *3º Itinerário dos Namorados*. Vamos lá todas as noites, exceto na do dia 14, porque vamos ao teatro e vamos à discoteca… E era assim que eu me escapava do Domi e do Xico para o jacuzzi, dizendo sempre que ia ter com um amigo… Tinha que sair dali com essa desculpa… Eu dizia--lhes que era "um amigo" e claro que eles deixavam e começavam

logo com aquelas conversas… Vocês sabem… Primeiro, começavam a apostar quem é que era o meu amigo… Depois, começavam a desejar "boa sorte"… A perguntarem-me se tinha preservativos… Para "dar uma" por eles… E gritavam "parte o gajo todo", "afifa-lhe por trás", "mostra quem é quem manda", "mostra a tua raça"… E eu morria de vergonha…! Não os conseguia calar… Vocês sabem como eles são gozões… Olha… Como tu, Maths… São como tu… São iguaizinhos a ti…! Eles monitorizavam-me qualquer rapaz que passasse na minha vida, era horrível… Mas giro ao mesmo tempo! Mas como eu sabia que aquela monitorização não ia sair dali, nós temos uma *brotherhood* muito, muito forte, deixava-os pensar o que quisessem à vontade…»

«Irmão!?? Mais forte que a nossa????» perguntou-me Maths num jocoso tom.

«A nossa vem de séculos para trás… Vocês sabiam que os nossos pais estudaram Direito ao mesmo tempo como nós? Foram colegas e andavam sempre os três, como eu, o Xico e o Domi na Faculdade de Direito.»

«Tudo isso para te desculpares que a *brotherhood* que tens com eles é mais forte da que tens connosco?»

«Não. Tudo para dizer que a nossa *brotherhood* tem séculos para trás. Não te metas com a nossa *brotherhood*, que eles também não se metem na nossa *brotherhood*.»

«Ok, maninho…»

«Vês, Maths? Gosto muito mais dessa tua nova versão com o Jaime… Gosto muito mais que olhes para o Jaime como "um maninho"…»

«O meu maninho!»

«Sim… Maths… O teu maninho… Que seja…»

«Mas estavas a contar Jaime, dos 8 lá do jacuzzi…» quis Joa voltar à janela de conversação que eu tinha aberto.

«Eu meti-me sem ninguém no jacuzzi e adormeci. Encaixava sempre uma prancha de esferovite ao pescoço a fazer de almofada e adormecia logo. Quando acordo, estava rodeado por eles. Eram 8. Estavam 3 a rirem-se, para mim, mesmo à minha frente, e o do meio estava ao colo dos 2 estendido sob o peito dos 2 e punha o pescoço para trás, num movimento grotesco, como se estivesse a ser estimulado analmente… Eu não sei se estava ou não… Podiam só estar a brincar… Só estar a representar, sei lá… Um pouco afastados estavam mais 2 a rirem-se e a beijarem-se. Depois havia mais outro casal, logo a seguir a esse no mesmo registo. E ao meu lado, colado a mim, estava outro que me meteu a mão "sem querer" na perna e pediu-me logo desculpa a olhar-me intensamente e óbvio que eu saí dali. Eles eram 8. Não ia medir forças com eles. Simplesmente saí. Não fiz nenhum escândalo, porque aquilo para mim foi demasiado óbvio. Eles pareciam todos atores porno, tinham todos caras comerciais, tinham todos tatuagens parecidas, como se pertencessem a uma marca, como se fossem de uma marca. Eu saí e o outro, que me tinha posto a mão na perna "sem querer" e estava "sem par", persegue-me até ao balneário. Eu não sei como é que o cacifo dele foi parar por cima do meu. Eu queria tirar

logo ali os calções para ir para o duche, mas não pude, porque ele apareceu logo por detrás de mim, a dizer que o cacifo dele era o de cima. E outra vez, pede-me desculpa e olha-me intensamente a não me dar espaço nenhum de manobra, quase ali a prender-me. Eu estava solteiro e eu lembro-me de o achar super giro, lembro-me de na altura fazer o meu género. Já não tenho a cara dele gravada, mas sabia que o tinha achado muito giro. Mas aquela cena parecia uma cena dos *Cavaleiros Tecnológicos*, de Barac Bielke. Odiei aquela cena! Primeiro, eles ali todos no jacuzzi. Depois odiei "aquela coincidência" do cacifo por cima do meu. Eu punha sempre ali o meu cacifo, e já os tinha visto lá a treinar e já me tinha despido, trocado de roupa à frente deles, porque já os tinha visto no balneário e eles já me tinham visto, faço lá ideia se decoraram ou não o meu cacifo. Aquilo parecia demasiado planeado. Um trio e dois casais ali no jacuzzi e depois um sozinho que aparece ao meu lado e o cacifo dele está por cima do meu… Portanto, como eu não fazia ideia que armadilha tecnológica era aquela, numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari eu não dei chance nenhuma ao rapaz. Porque se eu tivesse visto naturalidade naquilo, eu teria deixado as coisas acontecerem naturalmente como tivessem que acontecer. Não pude tirar ali os calções à frente do cacifo, como vos disse, porque ele já estava por detrás de mim, então tirei só o champô. Fechei o cacifo e fui para o duche com os calções, coisa que nunca tinha feito… Eram imensas cabines de duche e eu detestava um pormenor nelas. As cabines não eram opacas, eram envidraçadas, com um vidro mais rugoso, que meio embaciavam… E eu fui para a última cabine. Ia sempre para essa. E o rapaz vem para a cabine ao lado da minha e começa a masturbar-se e a colar as nádegas dele ao vidro, enquanto punha o champô. Eu saio daquela cabine e vou para

outra, vou logo para as primeiras. Entram eles todos a falarem e a rirem-se. Um dos casais mete-se na cabine à minha frente, o outro casal na cabine ao lado desse casal e o trio mete-se duas cabines ao lado da minha, deixando uma de intervalo. Aparece-me o rapaz vindo lá da cabine do fundo e mete-se na cabine ao lado da minha, fechando assim o intervalo que o trio tinha deixado. Quando eu desligo a água, o rapaz desliga também. Eu tiro a toalha que tinha pendurado na porta e seco-me dentro da cabine. E o rapaz tira a tolha que também tinha pendurada na porta, sai do duche e mete-se à frente da porta da minha cabine a impedir-me a passagem. Eu não queria ter saído tão cedo do duche, lembro-me que a água quente me estava mesmo a saber bem. Só estava a sair por causa dele. E isso marcou-me. Então volto a pôr a toalha pendurada e volto a ligar a água. Mas eu fui burro! Porque o que eu não queria era medir forças com ele ali nu e com a pila dele toda tesa e com os outros ali no duche como soldados, como um exército dos *Cavaleiros Tecnológicos*, de Barac Bielke. Eu não queria ter de medir forças com ele, com o ar dele todo amoroso com olhos que parecia que tinha roubado de um anjo qualquer. Eu estava solteiro e eu achava-o giro, eu sabia lá se eu ali a querer sair e ele a impedir-me naqueles contornos… Eu sei lá, se não acabava por ceder…? Eu sei lá, se até não poderia gerar um certo clima, toda aquela atmosfera de eu querer sair e ele estar ali à minha frente e não me deixar sair, que já me havia perseguido desde o jacuzzi, que tinha o cacifo por cima do meu… E de repente, começo a ver ali um romantismo naquela coisa. Porque eu sabia lá, se aqueles com quem ele estava, eram, de facto, melhores amigos dele, e que eram mesmo casais e que ele só me achava piada e era a técnica dele de engate perfeitamente legítima…? E se eu até lhe achava piada…? Mas

assim que me vem esse romantismo, vem-me logo o trio outra vez à cabeça… É que eu naquilo tudo, tinha-me esquecido do trio. Estava ali um trio! Eu não me podia esquecer que estava ali um trio! E eu tinha dois casais à minha frente, completamente nus. Eu simplesmente, deixei foi de os ver a todos, porque o rapaz que eu achava piada, meteu-se à frente da cabine a tapá-los e eu naquele embrulho, já estava todo embrulhado pelo rapaz ali à minha frente. Parecia que não estava mais ninguém, mas estava; e estava ali um trio! E eu, de costas para a porta da cabine, a pensar nisto tudo, sinto a presença dele a entrar, mas sem ouvir barulho nenhum… Olho para trás e vejo-o nu, com o pénis dele ereto a entrar muito devagarinho e eu mando-o sair. Mas fui super delicado com ele, fui super meigo, simplesmente fiz-lhe sinal para sair e abanei a cabeça e ele saiu logo e pediu-me desculpa. Eu depois processei aquilo tudo. E vi que tinha sido burro, por sem querer, aquele meu gesto de voltar a pendurar a toalha e voltar a ligar a água, poder ter sido interpretado "como entra". Ele saiu e adivinhem: entrou na cabine de duche da frente, à minha frente, com o casal e deixaram a porta aberta para eu os ver a beijarem-se quando eu saísse da cabine. Os outros todos começaram a fazer gemidos. Mas os gemidos pareciam simulados, por isso, eu nem percebi se eles estavam a praticar sexo ali comigo ou não, porque não vi senão os 3 à minha frente de porta aberta a beijarem. E foi isso que eu vi. E foi isso que eu ouvi. Saí desse ginásio e fui para outro, em Picoas.»

«Ah! Esse também tem lá javardice… Não é tanta como o outro, mas lá também apanhavas coisas dessas, só que apanhavas era com uma classe económica mais alta… E era muito mais discreto nesse aspeto… E tive lá PT's javardos que se meteram

comigo, quando eu andava nesse ginásio… Tive que trocar depois de PT's. Mas primeiro mamaram! Ah, pois!...» contou Maths.

«Eu também tive de trocar de PT. Tive de trocar duas vezes.» disse.

«Eu troquei 3. Mamaram os 3! Depois com o quarto batíamos umas no duche no final do treino. Esse ainda durou. Ainda batemos umas quantas juntos no duche.» contou Maths.

«Um deles apanhou-me no Grindr, porque eu enviei a minha fotografia de cara "às escuras". Fui o primeiro a enviar, não sabia quem estava por detrás do perfil escuro e depois recebi as fotografias dele como resposta, mas fotografias de cara, do tronco, do pénis e do rabo… Horrível!!!! Bloqueei logo, porque era "o meu" PT. E eu só pensava como é que "o meu" PT tinha coragem de me enviar fotografias daquelas…? A partir desse dia, fazia-se sempre a mim nos treinos e nos balneários havia sempre uma cena ou outra. Eu troquei de PT. Não queria sair daquele ginásio, porque para mim, na altura, era o melhor. O outro PT deve ter dito ao meu novo PT que me tinha apanhado no Grindr, porque subitamente esse meu novo PT começou a fazer-se também a mim. Troquei de PT e deixei de os ver lá no ginásio.» contei.

«Quem é que eram os teus PT's? Aposto que era o loiro de olhos verdes e o moreno alto de olhos azulados com o cabelo aos caracóis…» perguntou o Maths.

«Sim, eram esses.».

«Eles eram os dois *muita* giros!»

«Eu conheci o Adam**,** no ginásio de Picoas. Foi durante o treino. Eu estava a fazer mal um movimento e ele foi lá corrigir--me a postura.»

«Ah! Que amoroso!» exclamou Joa.

«Oh, sim!... Tão amoroso, o Adam… O Adam não queria nada saltar-te em cima… Nada…!» torceu Maths.

«E começámos a conversar, por causa dessa minha errada postura. A fazer o movimento e a conversar. Conversámos durante o treino todo.»

«E depois nos balneários foram tomar duche juntos…»

«Claro que não! Quando cheguei aos balneários tinha uma chamada do Domi e do Xico e combinei com eles irmos abrir uma garrafinha de vinho ao terraço do costume no Martim Moniz. Convidei o Adam a vir connosco, ele aceitou logo. Ele tomou duche numa ponta e eu tomei duche noutra ponta. Saímos e fomos ter com eles. Sem planearmos nada, acabámos depois por irmos parar todos a discoteca.»

«E sem planearem nada, acabaste depois por ires parar ao hotel do Adam…»

«Claro que não! Fui para casa com o Domi e com o Xico.»

«Baby… Vamos para o quarto?» perguntou-me Fred.

«Vão lá namorar!» concedeu-nos Maths a saída.

CAPÍTULO XII

ARQUIDUQUE E PRÍNCIPE NOS SEUS APOSENTOS

«Oh meu Deus! Eu amo-te Fred! Tu és tão lindo!»

«Tu é que és! Eu amo-te, Jaime! Tu és tão lindo! És tão perfeito!»

«Ai… Ó Fred!... Porque é que o nosso namoro parece infinito? Porque é que eu estou ainda mais apaixonado por ti do que ontem, se ontem eu já estava o máximo apaixonado que já estive? Que confusão! Parece que o amor é infinito… Nunca acaba… Será que os outros namorados sentem o mesmo que nós? Será que eles são tão felizes como nós? Será que eles em cada beijo que dão, apaixonam-se cada vez ainda mais? Ai… Ó Fred!... Eu não consigo explicar… Mas estou outra vez com aquela minha sensação que parece que não dá para ser mais feliz, porque estou completamente feliz…»

«Também eu amor! Consegues ouvir o meu coração?»

«Consigo… Parece que não existimos… Parece que somos espíritos… Isto é tão bom… Parece que existimos, mas que ao mesmo tempo não existimos aqui, porque existimos na eternidade… Ai, Fred...»

«Ai, Jaime… Tu és tão lindo! Eu amo-te! Eu amo-te!»

«Fred… Parece que já existimos antes… Parece que fomos postos aqui outra vez… Ai… Eu amo-te!»

«Pois, parece…»

«Parece que nos puseram aqui outra vez…»

«Se calhar, foi *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon--Oom…»

«Ya… Se calhar somos *Anjos Tecnológicos* d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom…»

«Somos *Anjos Tecnológicos*, Fred?...»

«Ya… Somos mesmo… Não parece que estamos nas nuvens…?»

«Parece, Fred… Contigo, parece que estamos sempre nas nuvens…»

«Então, é porque somos *Anjos Tecnológicos*, de certeza absoluta, Jaime…»

«Ya… Tens razão… Somos mesmo *Anjos Tecnológicos*…»

«Ah… Já estou outra vez cheio de tusa… Oh meu Deus! Tu dás-me tanta tusa, Jaime…»

«Eu amo-te, eu amo-te Fred!»

«Anda cá…»

«Não… Primeiro vamos jogar ao jogo das árvores…»

«Mas eu estou cheio de tusa… E as árvores agora querem é que… Anda cá, amor…»

«Não, Fred… Primeiro vamos jogar ao jogo das árvores… Ou já não te lembras das nossas árvores?»

«Claro que me lembro, amor… Eu sei todas de cor… Mas também sei o teu corpo de cor… E agora quero é beijar-te o corpo todo… Ah! Eu amo-te! Adoro beijar-te!»

«Ah!!!! Para, Fred!!!! Vamos jogar ao jogo das árvores…»

«Só se me deres um grande beijo…»

«Pronto… Agora vamos jogar…»

«Não… Esse não contou… Tem que ser um grande beijo…»

«Já dei…»

«Dá-me, outro!»

«Ah! Eu amo-te!»

«Dá-me, outro!»

«Ah! FRED!!!! Eu amo-te!!! Para!»

«Ficas tão lindo a gritar o meu nome!»

«Mas eu não posso gritar… O Maths ainda nos ouve…»

«Não quero saber do Maths…»

«Eu aposto que ele está atrás da porta… Para, Fred!»

«Eu amo-te, Jaime!»

«Eu amo-te, Fred! Não vais ver?»

«O quê? Se o Maths está atrás da porta?»

«Sim, amor… Vai lá…»

«Só se a seguir me mamares…»

«Não… Vamos jogar ao jogo das árvores…»

«Então, também não vou!»

«És tão lindo! Eu amo-te!»

«Tu ficas tão lindo a rir-te, Jaime! Tudo em ti me dá tusa… Até como te ris… A forma como te ris é linda e dá-me tusa… És tão perfeito!»

«Vá… Último beijinho para jogarmos ao jogo das árvores… Eu é que vou fazer as perguntas…»

«Depende… Onde é que vai pôr o GPS?»

«Hum… Deixa-me ver…»

«Já sei onde vais pôr o GPS…»

«Então? Vou pôr onde?»

«Aqui! Na minha pila! Ah! Eu amo-te! Sentes o quão eu te amo?»

«Sinto… Mas vou tirar o GPS da tua pila e vou pôr o GPS no Jardim das Portas do Sol…»

«Mas estamos de noite… E à noite podes ter as mãos na minha pila no Jardim das Portas do Sol… Nós já lá andámos assim, uma vez a passear no jardim todo com as tuas mãos sempre na minha pila… Lembras-te?»

«Lembro-me… Mas faz de conta que estamos nas Portas do Sol de dia e de dia já não se pode andar com as mãos por dentro das calças do namorado…»

«Podes, sim… Faz de conta que estamos naquela muralha lá do fundo… Onde não vai ninguém… Assim já podes pôr, não podes?»

«Assim… Acho que já posso pôr, sim… Mas apareceu o guarda!!!! Fred!!!! Olha o guarda!!!!!»

«Isso não vale!!!! Estragaste tudo!..»

«Vá, vamos jogar…»

«Não gostei da parte do guarda…»

«Então, porque é que te estás a rir?»

«Porque tu tens sempre muita piada…»

«Ah… É só por isso?...»

«Sim… É só por isso… Mas não gostei da parte do guarda… Estavas tão bem com as tuas mãozinhas na minha pila, e por causa do guarda tiraste-as… Não gostei da parte do guarda…»

«Vamos jogar!!!»

«Espera lá… Mas já passam das 23 horas… O guarda fecha sempre o portão às 23 horas… Como é que estamos nas Portas do Sol?»

«Ó, Fred… Eu disse que fazia de conta que era de dia… Além de que essas 23 horas é a hora de verão… Nós estamos na hora de inverno e segundo a hora de inverno o jardim fechou às 20 horas…»

«Mas eu não quero fazer de conta… A tecnologia do nosso GPS e do nosso teletransporte tem de ser verdadeira… Nós somos *Anjos Tecnológicos*…»

«Mas os *Anjos Tecnológicos* d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom não se teletransportam… Pilotam carros voadores…»

«Carros voadores que viajam *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto… É a mesma coisa que dizer que se teletransportam… O teletransporte é uma ilusão da velocidade. Só não vemos o percurso por causa da estrondosa velocidade. Mas fazemos o percurso… Viajamos no espaço… A luz desloca--se no espaço… Simplesmente só vemos onde ela chega…»

«Essa teoria do teletransporte é minha Frederick von Der Maase!»

«Ya… Eu sei… Mas eu roubei-te… Não sabias que os namorados roubam as teorias dos namorados?...»

«Não sabia, Fred…»

«Pois… E então? Como é que estamos nas Portas do Sol se o guarda fechou o portão às 20 horas e já passa das 3 da manhã?»

«Porque aterrámos dentro das Portas do Sol… Essa era fácil…»

«Não se pode aterrar nas Portas do Sol… Não há pista de aterragem para carros voadores nas Portas do Sol… Temos que saber cumprir as regras do futuro, Jaimezinho…»

«Então, onde é que aterrámos?»

«No aeródromo de Santarém…»

«E como é que do aeródromo fomos para as Portas do Sol? Ainda é um esticão…»

«Eu trouxe-te às minhas cavalitas…»

«És tão amoroso e tão musculado, obrigado namorado…»

«De nada, namorado… Então e não dizes "obrigado" a'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom por te ter dado um namorado com músculos tecnológicos tão bonitos como os meus?»

«Obrigado, meu Deus, por me teres dado um namorado com músculos tão… Ah! Eu amo-te! Eu amo-te!»

«Eu amo-te, Jaime! Pronto… E chegámos ao portão e agora?»

«Então… Saltamos!!!!»

«Mas tu não sabias uma passagem secreta?»

«Ah!!!!! Tu querias era afinal saber qual era a passagem secreta!!!!»

«Queria…»

«Mas a passagem secreta a esta hora também está fechada… Tivemos de saltar ao portão…»

«Txi… Anda de carro voador, mas depois arromba portões e assalta jardins...»

«A culpa é da estúpida Câmara Municipal de Santarém que manda o guarda fechar os portões! Já não basta ter arrancado o lago dos cisnes!»

«Tu não gostas mesmo da Câmara Municipal de Santarém, pois não?»

«Então, uma cidade tão bonita e não sabem tratar bem dela… Arrancaram o lago das tartarugas no Jardim do Coreto… Arrancaram o lago dos cisnes no Jardim das Portas do Sol… Tinham macacos enjaulados numa minúscula gaiola… O Afonsinho Côrte-Real lembra-se tal e qual como eu de ver lá os macacos… Já estávamos no século XXI, Fred… Isto foi tudo há pouco tempo, este choque de mentalidades… Nós ainda estamos a viver o choque. Fazemos parte do choque. Devemos, aliás, participar no choque de mentalidades. Se calhar, nascemos para chocar a sociedade. Para fazer choques. Choques mentais. Choques intelectuais. É claro, a nossa guerra é e deve ser sempre intelectual. Sem armas. Uma guerra de mentes sem armas. Depois tiraram os macacos e puseram os periquitos… Quem me dera que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy assaltassem a

Câmara Municipal de Santarém ao mesmo tempo que assaltassem a Assembleia da República…»

«Porque querias que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy assaltassem a Câmara Municipal de Santarém?»

«Porque não quero ver aqueles periquitos presos na gaiola! Só ainda não fui lá com o alicate, porque a priminha Leonor Ducado disse que os periquitos acabariam por morrer se fossem ali soltos; porque ou acabariam por ser predados pelas cobras que há do outro lado das muralhas ou porque acabariam por morrer à fome… Mas eu discordo…»

«O quê? Discordas da priminha Leonor?»

«Sim…»

«Discordas da Biologia? Baby! Nem pareces tu a falar… Discordar da Biologia é como discordar da Medicina…»

«E discordar do Direito é como discordar da Psicologia… Não vês que está tudo preso ao Direito…? E não vês que o Direito está ao avesso? Não vês que o Direito foi infetado com o vírus tecnológico…? Agora, veem tudo através da tecnologia… Esqueceram-se de olhar para a realidade… De olhar para a realidade… E é só olhar para a realidade do jardim das Portas do Sol… Fica mal uma gaiola daquelas ali. Ou mandamos os periquitos para uma estufa, um jardim amplo fechado, que até poderia ser um café, onde os periquitos e os canários voam livremente, as pessoas vão gostar, há mil e ideias de felicidade… Como o centro de acolhimento d'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy… Por isso é que eu queria que eles

assaltassem a câmara para tirarem os periquitos da gaiola do Jardim das Portas do Sol… Odeio ver canários e periquitos presos em gaiolas ou papagaios, mochos, corujas e milhafres presos nas patas! Se querem ter papagaios andem com eles aos ombros! E odeio toda a gente que não consegue ver esta minha liberdade! Odeio ver aquelas corujas presas nos cafés chineses! Odeio, Fred! Odeio! Sinto-me uma coruja! Sinto-me um mocho! Consigo sentir-me! Por isso, é que odeio ver animais tão inteligentes que têm noção que estão presos, que sabem que estão presos! Nem todos os animais têm esta perceção ou esta dor de liberdade. Mas os que têm, têm que ser imediatamente libertados! Desde que tenham uma inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com a espécie humana. A minha lengalenga é sempre a mesma, Fred, tu conheces-me! Eu sei que nós precisamos de nutrientes para viver. Sei que temos que predar animais para vivermos e termos uma longa vida sem doenças. Sei que é importante comermos peixe. Por isso predo peixe. Mas não vou predar um peixe inteligente, um peixe amoroso como aquele da Praia do Garajau na ilha da Madeira que vem ter com os mergulhadores para os mergulhadores lhes fazerem festas. Não vou predar nem mantas nem raias, elas são inteligentes e são altamente sociais entre elas. As orcas também são muito inteligentes, têm ligações homossexuais entre elas, formam grupos gigantes, são muito sociais… Mas elas são macabras para os golfinhos. E eu não posso proteger golfinhos e orcas ao mesmo tempo… Ou posso? Mas se não posso, para mim é fácil… Não vou predar orcas… Olho para elas e vejo que é uma carne sagrada. Mas não as vou deixar livres se sei que há uma família de golfinhos e uma Reserva do Estuário do Sado ou uma Reserva da Ria Formosa que quer proteger os golfinhos… E já

que se construíram grandes aquários, que se devolvam os golfinhos aos oceanos e se ponham as orcas nos aquários para e só para se protegerem os golfinhos. Mas se as orcas deixarem de ser golfinhos nazis assassinos para os golfinhos e para os humanos, que as devolvam noutro futuro aos oceanos. Prender para proteger a liberdade! Libertar para efetivar a liberdade! Os assassinos têm que estar presos! Não são os inocentes! Os que conseguem coabitar com todas as outras raças e com todas as outras espécies e reconheceres-lhe a inteligência devem estar livres! É nesta inteligência de liberdade que eu acredito! E que a Quercus também acredita. A Quercus diz para não pormos os passarinhos em gaiolas! Porque é que não damos ouvidos ao que a Quercus diz? A Quercus foi fundada em 1985, desde 1985 que anda a tentar proteger e conservar o ambiente. E eu agora imagino aquela gaiola do jardim das Portas do Sol com periquitos aberta… Os comedouros ficam lá… Os periquitos têm memória… Sabem que os comedouros estão lá na gaiola… E não há outros pássaros lá nas Portas do Sol que vão afugentá-los dali do jardim, como os papagaios de Lisboa não afugentam outros pássaros, isto na minha visão cor-de-rosa das coisas, admito… Admito que vejo o mundo cor-de-rosa…! Não tenho culpa dos óculos de realidade virtual aumentada que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom me colocou logo à nascença… E eu não os vou tirar! Não vou! Não vou permitir que me retirem esta minha forma romântica de ver as coisas com esta minha realidade! Porque eu sei que este meu romance, que toda esta minha fantasia é real! Tu existes, Fred! Tu fazes parte deste meu romance! Logo, a minha fantasia com os periquitos, que também existem e estão presos e poderem estar livres, pode ser real.»

«Ainda bem que temos uma bióloga na família… Estás-te a esquecer, nessa tua fantasia com os periquitos, que há cobras do lado de lá das muralhas… Elas iriam engolir em segundos os teus periquitos…»

«Ah! Odeio cobras! Que se cacem essas cobras primeiro, para soltarmos depois os periquitos! Fazia um panelão com elas e abria um restaurante. Um restaurante de cobras! É a esse restaurante que eu quero ir, Fred! Leva-me! Quero comer cobras! Cobras e crocodilos! Cobras, polvos e crocodilos! São eles que me vão levar à vida eterna! A carne deles é que me vai levar à eternidade. Vejo a eternidade através dos olhos deles. Além de que, *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy falam do caso dos periquitos do Jardim das Portas do Sol. Por isso, não é fantasia nenhuma. Quem me dera que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy assaltassem a Câmara Municipal de Santarém ao mesmo tempo que assaltassem a Assembleia da República… Pareço uma cassete-riscada, não pareço?»

«Eu gosto da cassete-riscada que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom te inseriu no coração… Então e tu querias fazer parte de que assalto? Do assalto ao poder camarário ou do assalto ao governo?»

«Oh, baby…? Sabes que eu não quero assaltar poder nenhum! Deve ser uma seca ser Primeiro-Ministro ou presidente de uma câmara… Só de imaginar as câmaras, fico logo com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Não quero! Tenho medo de levar um tiro! Já viste o que aconteceu ao Gandhi? Só queria fazer a paz e levou um tiro de um maluco… E se eu levasse um

tiro o que seria de ti?… Não quero subir ao poder, por causa de ti… Porque eu amo-te! Depois ainda ficavas viúvo…»

«Ah!... Afinal, é por causa de mim… Eu achava que era por causa do Federico Ferrari… Fico muito mais descansado e feliz por teres posto as culpas em cima de mim… Ainda sou eu que levo um tiro… Se a tua maçonaria descobre que sou eu o culpado por não quereres subir ao poder…»

«Não há maçonaria nenhuma em mim… Tu é que és maçónico… O que há em mim é uma espiritualidade… Todos nós temos a nossa espiritualidade… Senão, somos vazios. Se não há um espírito em nós, somos só corpos humanos vazios. A maçonaria meteu-se com a tecnologia. Esvaziou-se. É só um monte de corpos humanos. É por isso, que eu não sou maçónico.»

«Ah!... É essa a tua crítica à maçonaria?»

«Sim, é.»

«Oh, baby… Já podias ter dito isso há mais tempo e perto dos algoritmos para os algoritmos levarem a tua queixa às portas tecnológicas da maçonaria. Sabes que a maçonaria gosta de ti.»

«Mas eu não quero que a maçonaria olhe para mim e me veja sempre a criticar tudo… A maçonaria de dados que gire os dados que quiser e como quiser que eu não tenho nada que ver com isso. E não quero ter nada que ver com isso. Por isso, é que saí e pronto! A maçonaria deixou a tecnologia entrar. E quando eu vi a tecnologia a entrar por aquelas portas, eu simplesmente quis sair. Quis ficar fora da tecnologia. Tu lembras-te quando

estávamos em casa do tio Vasco e da tia Francisca, sem o Domingos e sem a Pureza, depois daquele nosso montanhismo pelas Três Gémeas, com uma vista nunca antes vista de frente sobre a nossa Montanha Jupiter, a tia Francisca estava na cozinha e nós na sala com o tio Vasco a falar da Marcha do Sal de Gandhi e de repente começa a passar na TV a publicidade para comprarmos os novos fascículos de uma revista sobre a vida de Gandhi para seguirmos as pisadas de Gandhi? Numa altura em que ninguém estava a falar de Gandhi, Fred! Numa altura em que não estavam a passar publicidades nenhumas de Gandhi, Fred…»

«Lembro-me. Mas lembro-me mais como ficaste histérico de felicidade. Vi como acreditaste na espiritualidade das coisas. E vi como não desconfiaste de nenhuma tecnologia por detrás disso. E vi como o teu tio Vasco começou a dizer que estávamos todos ligados, que tudo estava ligado e que havia uma magia por detrás de tudo aquilo…»

«Pois, baby… Mas eu só fiquei assim histérico de felicidade e arrepiei-me de verdade, porque eu sabia que ainda não estávamos em *2080* de Antoine Canary-Wharf e porque pensava que a TV deles não podia ser tão tecnológica… E enquanto eu pensava nisto e vi ali uma coincidência tecnológica, uma espiritualidade, vi como a espiritualidade estava prestes a entrar em vias de extinção, porque aquela, se ainda fosse uma coincidência tecnológica, seria a última. Seria a última de todas, porque os algoritmos estavam prestes a dar cabo de tudo. A dar cabo de toda a magia. Tudo o que fosse magia, por causa dos algoritmos, deixaria de ser magia. Eu estava histérico, porque gritava pela minha última felicidade e sabia que era a minha última felicidade. Mas só gritei de felicidade como gritei, porque

eu não sabia que as TV's já tinham microfones, ouviam as nossas conversas e iam buscar com a intervenção algorítmica, e não com a intervenção divina, as publicidades mais indicadas, numa nova maçonaria de dados…»

«Pois, baby… Parece que o *2080* de Antoine Canary-Wharf chegou um bocadinho mais cedo à Terra…»

«No fundo, *2080* é só um subterfúgio de Antoine Canary-Wharf para poder à vontade falar do mercado de 2020 que quer instalar-se e vingar-se até 2025… *2080* foi só um escape, uma fuga de números, que Antoine Canary-Wharf arranjou para escapar aos números da maçonaria dos dados de 2020…»

«Isso é o que o meu pai diz… Também pensas o mesmo?»

«Sim… E tu também pensas o mesmo, Frederick von Der Maase…»

«Ah, penso…?»

«Sim… Disseste que parecia que o *2080* de Antoine Canary-Wharf tinha chegado mais cedo à Terra…»

«Sim… Disse que parecia… E disse meio a brincar…»

«Pois… Disseste meio a brincar… E é meio a brincar, meio a brincar, que vamos perdendo todos os direitos, que vamos perdendo todas as liberdades, que vamos vendo a tecnologia a instalar-se à frente dos nossos olhos, por cima do nosso namoro, a cercar os nossos corações, a erradiá-los e a espezinhá-los. Já viste? As operadoras ficarem a saber o que se está a falar em cada

casa? E já viste os governos a ficarem a saber o que as famílias falam através da TV, do PC, do telefone que têm microfones, que ligados à Internet do 4G, do 5G, do 6G, do 7G, do 8G e do 9G e ao Big Data ligam tudo? Já viste os governos e os bancos a lerem os nossos comentários no Facebook e no Instagram? Sabes o que é que isso se chama? Comunismo! Comunismo de dados! É um crime de dados! Já viste os governos a tornarem-se poderosamente criminosos sem nenhum Direito que limite o poder dos governos? Já viste um Direito só comercial, um Direito só de dados? Um Direito armado em intelectual a defender o processamento de dados e a dizer que se não quiseres ser filmado no supermercado, tens bom remédio e não entras nos supermercados? Mas eu tenho que ir aos supermercados, para comprar comida!!»

«Por isso, é que nós só fazemos compras no nosso supermercado…»

«É o único que não tem câmaras, Fred! O único. Seja em que cidade estiver, o nosso supermercado não tem câmaras. Tem, por exemplo, um ou dois polícias nas cidades mais ruins… Até, os mercados locais todos já estão cheios de câmaras e quem faz o seu processamento é o dono da mercearia. É câmaras por todo o lado! Já viste os governos de volta do Big Data? Se até o Direito já está com os olhos postos no Big Data… Imagine-se o governo… Imagine-se um governo de extrema direita a pegar em tudo e mais alguma coisa… Voltámos à PIDE, não? Eu acho uma piada as pessoas falarem em grupo nas suas mirabolantes filosofias que queriam era que o tempo da PIDE voltasse, quando se esquecem que se o tempo da PIDE voltasse, não podiam estar em grupo como tanto gostam, porque não se queria que as

pessoas pensassem! As pessoas são mesmo burras! Assim, não vale a pena! São robots! Estamos cercados de robots, Fred! Robots! São robots! Robots! Não há nenhum botão que desligue os cérebros delas? Temos que esperar pelos chips, para uma extrema direita vir depois desligar os cérebros chipados? Ou desligá-los ou apagar as memórias, as emoções e os pensamentos e torná-los ainda mais corpos vazios do que já são. Porque o mercado e o governo de extrema direita estão-se nas tintas para as emoções. Qualquer governante de extrema direita é um psicopata, narcísico e canibal. É um crocodilo, uma cobra. É o Diabo em pessoa. É inteligente. É muito inteligente. Claro que é muito inteligente, porque conhece, estudou as emoções humanas. Sabe o que é que os nossos coraçõezinhos mais temem, mais querem ouvir. Sabem como mexer connosco. Porque calculam cada emoção nossa. Calculam cada estado do nosso espírito. E só calculam, porque estão cheios de droga naquelas cabeças. São uns drogados pelo poder. Só querem poder. São os primeiros a objetificarem quem dizem que amam. Só querem ter filhos, porque só querem ver os seus genes a espalharem-se. São desprovidos de emoções. São indiferentes para o sofrimento humano. Fingem que choram. Nem sabem chorar. Não choram por nada. São metálicos. São robots do nazismo. É só imaginar uma tropa nazi vestida de metal. É só imaginar uma Segunda Guerra Mundial com drones e robots. É uma cassete-riscada. Voltar à mesma cassete? Esta cassete tem que ser destruída! Isto é um filme já visto. Não vamos voltar ao mesmo filme! Ou vamos? Não vamos! Há uma vida para viver fora da sala de cinema que se pode ver sem óculos de realidade virtual aumentada! Vamos sair do filme de guerra! Os filmes de guerra não são para saírem das salas de cinema! Querem ouvir tiros e querem ver sangue, vão

para as salas de cinema! Vão ver os meus "filmes de guerra" que eu entreguei, desde que eu nasci, no contrato mais espiritual de todos, a Hollywood e à Jupiter Editions. Porque eu nasci no meio de uma guerra. Mas fecharam-me os olhos. Fez parte do meu contrato espiritual. Haver "espíritos" contratados para me fecharem os olhos, para me taparem os ouvidos, para não me deixarem ver o mal e para ver sempre o bem no meio do mal. Andei sempre com os olhos tapados. E vivi sempre no meu mundo cor-de-rosa. Foi assim que eu consegui ver sempre o mundo cor-de-rosa. É por isso, que para mim o mundo é um local maravilhoso para viver um sonho cor-de-rosa como o que eu vivo. Porque isto pode virar a maior guerra do mundo, que eu vou sempre saber pôr paz na guerra. O amor e a paz são as minhas armas. A minha voz é a minha arma. A minha escrita é a minha arma. É com ela que eu vou para a guerra. Foi com ela que entrei na guerra. Porque eu sei que entrei na guerra, assim que eu nasci. Sei muito bem, que quando me cortaram o cordão umbilical e me separaram da minha mãe, enviaram-me para a guerra, lançaram-me para o mercado, entregaram-me ao sistema. Sei muito bem que quando me cortaram o cordão umbilical, eu nasci para o mundo do direito e para o mundo do fisco, que são as duas maiores fantasias humanas. Sei que quando nasci, nasci numa fantasia. Mas para mim, as fantasias são cor-de-rosa. As minhas fantasias são cor-de-rosa. Não são negras. Até me podem vestir a pele mais negra, que eu verei sempre o mundo cor-de-rosa. Enquanto eu sempre quis o meu mundo cor-de-rosa, enquanto eu sempre vi amor e romance em todo o lado, outros viram sempre a predação, a traição, os jogos de infidelidade, a mesquinhez, o preconceito estúpido, a ruindade humana, a guerra! Eu sei disto perfeitamente, Fred! Tenho olhos na cara.

Mesmo tapados, tenho olhos na cara. Sei perfeitamente, que só querem é guerra. Sei que os governos não se entendem, fazem alianças económicas, mas depois desfazem-nas politicamente. Sei que é tudo uma jogada política. Sei que é tudo economia. Sei que até o nosso amor foi parar à economia. E sei muito bem que o nosso amor é capaz de ser a melhor arma que temos para jogar este jogo de guerra, em que nos meteram, a olhar para nós como se fôssemos dados, como se fôssemos objetos, como se fôssemos um "profile", como se fôssemos virtuais, como se não existíssemos de verdade, como se não fôssemos humanos. Porque jogaram jogos de guerra quando eram putos. Perderam as veias. Eles nem sentem o sangue que lhes corre nas veias! Porque olham para nós como se fôssemos "jogadores". Como se estivéssemos dentro de um jogo e eles tivessem um comando na mão. Eles querem ter os nossos corações e os nossos cérebros nas mãos deles, querem ser o comando deles. Querem ver os nossos pensamentos. Querem saber o que estamos a pensar. Não querem saber das nossas emoções, nem sentimentos para nada. Só querem saber é dos nossos pensamentos que nós não exteriorizamos. É com isso que querem jogar. Querem jogar com os nossos pensamentos. Querem se meter na nossa mente. Não são humanos. Não sabem viver em sociedade. Não sabem o que é uma sociedade intelectual. Só querem é comer. Comem-se uns aos outros. São capazes de "limpar" uma cor de pele, para depois andarem a comer as namoradas e as mulheres uns dos outros. São uns esfomeados. São uns canibais. Não valem nada! São crocodilos! São cobras! Só sabem é comer e desperdiçar vidas humanas. São uma cambada de frustrados, de complexados. Querem poder, mas não é para fazer o bem! Querem poder, porque simplesmente querem ir para o poder. Não querem ir para

o poder para acabar com a fome, para fazer paz, para dar mais felicidade, para diminuir as horas de trabalho, não. Acham que é normal o ser humano andar a dormir 8 horas para a seguir ir trabalhar 8 horas. Andar a dormir para trabalhar? Fazem achar que é normal o ser humano ser um escravo e simplesmente existir para trabalhar. Com os óculos de realidade virtual aumentada que querem colocar a todos, querem acorrentar, mas tornar invisíveis as correntes. É isto que gostam de fazer: maltratar, filmar, escravizar, filmar, acorrentar, filmar, violar, filmar, matar e filmar. Porque são estes os filmes em que nos querem prender. Têm um prazer nestes filmes. É aqui onde está o fetiche. É aqui onde achamos a perversidade, a maldade. É isto que lhes excita. Só isto é que lhes excita! Só isto é que lhes dá prazer. Só isto é que lhes enche o coração de poder. Porque têm corações podres. São podres por dentro. São um cancro. Não há uma bondade no coração. Não conseguem ver a bondade. Não são capazes de ouvir a bondade. Não sabem o que é o bem. Não sabem o que é o mal. É a esta gente a que nos querem entregar. Aos maus! E como é que nós, burros, vamos deixar os maus ganhar? Se isto é um jogo, se a vida afinal é um grande jogo, em que eu tenho que dizer o que eu penso para poder me libertar desta prisão monetária, que custa um dinheirão para sair dela, então eu vou olhar para o meu chip, vou olhar para o chip que há dentro de mim, vou olhar o programa que me foi instalado e vou jogar com isso. E vou dizer que se o mal existe, é porque o bem existe com uma força muito maior e que nesta força, o bem vai vencer sempre, Fred! Sempre! O bem vence sempre o mal! O mal vai arder de onde veio! O mal vai arder no inferno! Esse mal tecnológico que nos quer separar a todos uns dos outros, que nos quer fazer deixar de sentir o sangue a correr nas veias, esse mal

que nos quer ver de telefones à beira-mar??? Quem é que anda de telefone à beira-mar???? E depois dizem que estão cansados da vida e que a vida é uma seca, claro que assim é uma seca! Claro que assim perdem todas as emoções e todos os sentimentos pela vida. Que é precisamente o que os programadores dos programas do mal mais querem. Os programadores do mal, querem que percamos as emoções. Querem-nos estúpidos. Querem-nos tolos. Quanto menos emoções, melhor. Quanto mais estúpidos formos, melhor. Querem é que nós sejamos consumidores e escravos e continuemos a alimentar o sistema informático da moeda que é infinita, porque os números são infinitos. É esta a infinitude em que estamos acorrentados. E depois vêm falar-nos de eternidade? Eternidade não é meterem o nosso espírito preso a um sistema informático e transformarem os nossos espíritos em números de moedas! Lá porque o Big Data quer o meu espírito eu não vou entregar o meu espírito ao Senhor Big Data como se ele fosse *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Está tudo com os olhos postos no Big Data… E o Big Data está a ver que está tudo com os olhos postos no telefone. O Big Data vê que está tudo com os olhos postos no ecrã, porque há uma câmara frontal ligada constantemente à Internet. E ainda querem que eu ligue mais coisas minhas ao meu telefone? Querem que eu te ligue ao meu telefone, Fred? Querem obrigarem-nos a namorarmos através do telefone? A andarmos na rua de mãos dadas com o telefone, como se fosse um chip? A escutar tudo o que dizemos e o que não dizemos? Querem subtilmente prender-nos a uma ditadura comunista tecnológica de dados? Querem que eu ligue o meu telefone à minha TV? Nem TV tenho, vão o quê, obrigar-me a ter uma TV e a seguir obrigar-me a ver um canal de TV a uma determinada hora em que sou monitorizado por sofisticados

algoritmos que me veem através da câmara da TV? Porque é isto que está a acontecer noutros países, Fred! Há pessoas a perderem pontos, porque não estão à frente da TV a ver o telejornal e estão a ver a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari… E andamos ainda a discutir a cor da pele? A cor da pele é só uma cor de pele. É como os cabelos serem loiros ou morenos. Com assuntos tão importantes, é isto que andamos a fazer? Nem sabemos lutar pela nossa vida, nem pelos nossos direitos, nem pela nossa liberdade, porque andamos a sufocar as únicas vozes capazes de nos libertar. Ser pontuado por um governo como na China? Nunca! Nunca! Nunca! Nunca! Nunca! Nunca! Nunca! Estás-me a ouvir, Fred? Nunca é nunca! Nem que eu tenha que subir ao poder! Aí, subo! Mas que brincadeira vem a ser essa? O meu livro nunca poderá ser lido na China. Mas é uma pena, porque já que eles andam lá na febre dos algoritmos poderiam medir *O Algoritmo do Amor*. Porque *O Algoritmo do Amor* é mesmo isto! É não ter medo, quando estamos cheios de amor! É não ter medo de nada! Não ter medo de governo nenhum! Se eu estou com o amor… Vou ter medo do quê? Não vou ter medo de nada! Quero lá saber que *O Algoritmo do Amor* seja um romance proibido pelos Testemunhas de Jeová! Não é proibido por Deus, nem que Deus se chame Alá ou Jeová! Proibidos deviam ser os Testemunhas de Jeová de dizerem que dois homens, que se amam, dormirem juntos é um pecado! Parece que lhes chiparam os olhos! Pecado é o que eles dizem! Isso é que é um grande pecado! Como é um grande pecado um verdadeiro Estado de Direito compactuar com a abertura destas "ideologias", destas máquinas de lavagem cerebral, destas cassetes riscadas, destes cancros, destes robots. Porque parecem uns robots! Porque fazem deles robots, coitados! Imagino, claro, a minha tia Constança Pritam a chamar a minha

avó para ler aquilo que eu escrevi. E a dizer que eu sou a besta. Que sou o Satanás em pessoa. Que foi Satanás que usou o meu corpo, que usou a minha escrita. Como se eu alguma vez deixasse Satanás entrar no meu corpo! Como se eu tivesse algum medo de Satanás! Como se eu deixasse Satanás possuir-me! Como se eu deixasse Satanás enrabar-me! Eu mando Satanás à merda! Vai à merda, Satanás! Se puseram "Satanás" na cabeça das pessoas, então era isto que as pessoas deviam fazer: mandar Satanás à merda! Mandem Satanás e todo o mal à merda!»

«Ai, amor, tu és tão lindo…! Eu juro-te! Tu não sabes o quão tu és lindo, pois não? Ainda bem que não tens medo de Satanás. Ainda bem que não tens medo do escuro e ficas comigo a ver as estrelas todas as noites na nossa Montanha Jupiter. Eu amo-te, Jaime! Eu amo-te! Obrigado por seres a minha maior lucidez, a minha maior certeza! Eu amo-te! E eu sei que tu amas a tua tia Constança! E sei que a vês sentada connosco à mesa. Sei que vias a tua avó connosco sentada sempre à mesa. Mas és tu que tens que te sentar com ela. E não precisas de falar de nós. Sei que sem falares, é como se falasses de nós. E no fundo, se queres mesmo saber, eu acho que a tua avó é mais inteligente do que aquilo que tu pensas! E talvez, tu saibas. Sabes que ela é uma guerreira. Sabes que ela nasceu para vencer! Por causa dela, tu existes! E por isso, ela já venceu! Para mim, ela já venceu! Não importa a religião que ela tenha.»

«Mas importa, Fred! Isso é o que eu digo… Que não importa. Mas importa. Na verdade, tu sabes que importa. Isso é o que digo lá fora. Mas importa. E começa a importar. Quando a oiço dizer que é nojento dois homens beijarem-se eu não ligo. Isso não mexe comigo. Mas ter uma família a dizer à minha avó

que "eu gosto é de homens", quando sabem perfeitamente que isso mexe com ela, isso pode ter alguma importância. Porque isso pode não mexer comigo, mas eu sei que mexe com a felicidade da minha avó. Isso pode dar-lhe um ataque cardíaco. Se calhar, o que querem é que a minha avó tenha um ataque cardíaco, é isso que querem… Só pode!… Para a minha família andar a dizer as coisas que diz sobre mim… Só pode, Fred!… E ver esta realidade é simplesmente deprimente. É deprimente ver o que as igrejas podem fazer. Mas eu quero lá saber, se posso ter um salão cheio de Testemunhas de Jeová a olhar para mim como se eu fosse um doente ou um drogado, porque te amo e gosto de ti por amor. Eu quero lá saber, se tenho um salão cheio de Testemunhas de Jeová contra *O Algoritmo do Amor*. Sei muito bem que têm outros algoritmos nos cérebros deles. Podem levar uma vida inteira para ver que estão a ouvir uma cassete-riscada que alguém inventou e pôs a tocar, porque não viram a gravação da cassete. Mas eu vi! Vi tudo de perto! Vi a fita a ser gravada! Vi a cassete a ser riscada! Vi como é que se gravam as cassetes! Quando vemos isto, nós vemos o processo, nós queremos ficar de fora das gravações. Quando vemos as gravações, nós queremos ficar de fora das gravações. Não entramos. Porque olhamos para cima da porta e vemos uma câmara de filmar e sem entrarmos, sabemos que lá dentro está cheio de câmaras de filmar. Ligar o meu telefone a uma aplicação da minha igreja? A minha igreja que me deixa entrar de mãos dadas contigo, Fred, não nos manda "baixar" nenhuma aplicação para podermos fazer parte dela! Ligar o meu telefone a qualquer aplicação governamental ou administrativa? Ligar o meu telefone às finanças? Às finanças???? Quanto é que os salões dos Testemunhas de Jeová têm que entregar às finanças? O que é que o Estado de Direito ganha com os salões

dos Testemunhas de Jeová onde fazem a cabeça de humanos cheios de emoções e sentimentos que só procuram um conforto do espírito divino? O meu telefone não tem nada que estar ligado às finanças!!!! O meu telefone ter que estar ligado ao supermercado, senão não posso entrar no supermercado????? Isto é o mesmo que eu ter um chip! Isto é o mesmo que me introduzirem um chip contra a minha vontade! Parece que vejo a minha liberdade a ir pelos ares! E afinal, parece que só agora consigo ver o que é ter a merda da liberdade! Como é que eu posso ter extremas direitas e extremas esquerdas a subirem ao poder? Como é que o povo e o poder não as aniquilam logo? Como é que o povo vai nestas cantigas? Dá mesmo vontade de dizer, que é um povo burro! Porque só um povo cego, surdo e mudo pode deixar uma extrema direita ou uma extrema esquerda subir ao poder. Parece que não andaram na escola. Parece que faltaram às aulas de Educação Moral e de Formação Cívica para andarem a fumar charros! Só podem estar charrados para votarem num nazi! Só podem ser burros para votarem num nazi! Era o que mais faltava estarmos numa Era da Internet das Coisas e dizerem que eu não posso ligar a extrema direita ao nazismo… Eu faço as ligações que eu quiser! Eu ligo aquilo que eu acho que tenho que ligar! Quando não nos pomos a ligar tudo, a ligar todas as coisas, conseguimos fazer algumas ligações acertadas. Vamos conseguindo ligar algumas coisas… Que afinal, são todos povo! É o povo de merda que temos! É o povo de merda que nos mata! Que nos chama nomes por nos ver aos dois de mãos dadas, quando andamos felizes na rua… Eles chamam-nos paneleiros de merda, chamam-me preto de merda, mandam-me ir para a minha terra, quando é Portugal que é a minha terra e eu não lhes posso chamar povo bronco e povo burro? Chamo! Chamo! E chamo a

fazer piretes! Porque infelizmente, é esta a merda da sociedade e a merda de povo que temos no século XXI. Uau!... Parecem cães raivosos quando nos veem na rua. Vêm para cima de nós com aqueles dentes podres a ladrar. São cães. Não são humanos. Não são dignos de eu lhes chamar humanos. Porque não querem ser humanos. Não querem aprender a ser humanos. Envergonham Portugal! Europa olha para nós e ri-se! E sou eu, que sou português, que tenho que sair de Portugal? Porque estou mal?????? Ah… Eu é que estou mal…!? Estamos no século XXI… Mas eu, é que estou mal… Como é que ainda há pessoas que discriminam a merda da cor de pele! Isto são pessoas burras, Fred! O que é que tu vais fazer quanto a isto? Isto não lhes entra na cabeça! Se calhar, só lhes entra com um chip! Se calhar, era mesmo de uma extrema intelectual que precisávamos! Se calhar, era de chipar todos os criminosos e todos os indignos que precisávamos de fazer! E de repente, até eu já estou a ser totalitário! Até eu afinal acabei de descobrir um monstro que há em mim. Este monstro da razão intelectual! Estou farto, Fred! Só não acabo com a minha vida, porque tu existes!»

«CALA-TE, SEU ESTÚPIDO! EU ODEIO-TE! NÃO VOLTES A DIZER ISSO JAIME! SEU ESTÚPIDO!»

«LARGA-ME! Não sabes que é verdade? Achas o quê? Eu só estou aqui por ti e por causa da minha mãe! Há muito que já me tinha matado!»

«JAIME, CALA-TE!!! Por favor… Cala-te! Juro-te… Tu não me faças passar da cabeça!»

«LARGA-ME, FRED! Passa-te à vontade! Isto é mesmo para nos passarmos! Vivemos numa psiquiatria! Internaram-nos

numa psiquiatria como doentes psiquiátricos! Olha à tua volta! As pessoas estão doentes! O Direito está doente! A Psicologia está doente! Está tudo doente! Está tudo com febre! Está tudo com a febre de dados! Achas o quê? Achas que a Psicologia vai ficar fora do banco de dados? Até os dados vão ser um petróleo para a Psicologia! Até a Psicologia vai ver n'*O Algoritmo do Amor* uma psicologia a falar com ela. E quando a Psicologia ver isso, achas o quê? Achas que vai criar uma religião à volta do nosso amor? Achas que o Direito vai fazer um código para o nosso namoro? Porque a minha Psicologia e o meu Direito dizem que uma religião que no século XXI continua a dizer que dois homens não podem fazer amor um com o outro, simplesmente não pode existir! Porque não é demonstração de saúde mental estar ajustado a uma sociedade que está profundamente doente. E quem é que faz essa demonstração de saúde mental? Não é a Psicologia no mundo do Direito? Estamos no mundo do Direito ou não estamos? Quem manda não é a Psicologia, é o Direito! Mas eu acho que quem devia mandar era a Psicologia! Se a Psicologia mandasse, a Psicologia não tinha que ter o mesmo sabor que o Direito. A Psicologia sabe ao mesmo que o Direito. A Psicologia tem o mesmo sabor que o Direito. Se o Direito começa a olhar para os dados e para a tecnologia de uma forma, por mais que a Psicologia olhe de outra forma, a Psicologia tem claro um mecanismo de defesa de instinto de sobrevivência. Eu não acredito que a Psicologia tenha sido hipnotizada. Mas a Psicologia tem que abrir os olhos! Tem que saber que pode abrir os olhos e enfrentar o Direito! A Psicologia tem que saber que já é tempo de se transformar no Direito à Psicologia! Está tudo a transformar-se num Direito! É a Saúde com os seus sofisticados Direito à Saúde e Medicina de Precisão do *2080* de Antoine

Canary-Wharf. É a Vinha com o seu Direito à Vinha. São os robots com o seu Direito da Robótica. O Direito da Robótica pode ser um direito desastroso, um direito muito perigoso. É a Moda com o seu Direito da Moda. Então? E a Psicologia? E a Biologia? E a Ecologia? E a Nutrição? É nisto que eu acredito, Fred! É isto que eu vejo! A Psicologia a transformar o Mundo! Só com a sua Psicologia! Porque a Psicologia é a melhor ciência de todas! É numa classe de cientistas que eu acredito! É uma classe de cientistas que deve subir ao poder. São os médicos, os nutricionistas, os psicólogos, os biólogos, os ecologistas, os ambientalistas, é que devem subir ao poder! Não são os lunáticos! A Psicologia não pode ficar de braços cruzados só a comentar que um psicopata e um narcísico subiu ali nas américas de cima, subiu ali nas américas de baixo e ficar a ver um outro a subir em Portugal! Chega! Chega de psicopatas no governo! Chega de manipuladores a virarem o jogo todo! Por mais sedutores que sejam, temos que saber que os manipuladores são os maiores sedutores de sempre e que dizem exatamente aquilo que queremos ouvir, porque eles sabem o que dizemos, porque eles estão a ver e a ouvir aquilo que dizemos, através dos algoritmos que nos escutam e nos veem por detrás dos microfones, das câmaras e de toda a nossa pegada digital. Ainda não nos escutam, nem nos vão escutar! Porque eu nasci, e eu não vou deixar nenhum estúpido subir ao poder para acabar com a minha raça e para acabar com o meu amor! Mas se eu por acaso os deixasse subirem ao poder, eles iriam escutar-nos! Desta vez, o nazismo, o autoritarismo, a ditadura deles iria escutar-nos! Mas o tempo dos ditadores acabou! Morreu para sempre! Eles querem anestesiar-nos? Então, temos que chamar os anestesistas e anestesiá-los! Eles querem internar-nos a todos? Então, temos que chamar a

Psicologia e a Psiquiatria e mandá-los interná-los! Somos nós que os temos que os internar, antes que eles nos mandem internar! Somos nós que os temos que prender, antes que eles nos prendam a nós! Deixá-los prenderem-nos? Deixá-los violarem-nos? Não estavas a vê-los a entrar na nossa casa e a virem prender-nos, Fred, lá com os esquemas deles montados contra nós? Não estavas a vê-los a voltarem com a PIDE? A trazerem de volta a PIDE? Os cabrões iam voltar a trazer a PIDE! Nós conseguimos pôr o mercado editorial em guerra. Conseguimos pôr as editoras a guerrear por causa dos meus cadernos. E nessa guerra, eu escolhi a Jupiter Editions. Estavas a ver a PIDE deles a vasculharem os meus cadernos? Estavas a ver a PIDE deles a tirarem radiografias do meu cérebro? Estavas a ver a PIDE deles a inserirem o meu espírito numa pen? E estás a ver eu a fazê-los explodir só com a minha mente? Estás a ver eu só com o meu espírito a enviá-los direitinhos para o inferno? Pois é… Já estamos na Era da telecinesia! Cuidado comigo, Fred! Cuidado! Apontem-me uma arma que seja, que eu aponto-lhes logo 9 de uma vez! Porque eu andei a poupar forças mentais para o maior combate mental de sempre! Para a maior guerra intelectual! E no jogo mental, no jogo da mente, no jogo intelectual eu vou ganhar sempre! Os bons vão ganhar sempre, Fred! Estás a ouvir?»

«Estou, Jaime! Mas eu quero é que tu te oiças e que acredites no que estás a dizer! É isso que eu quero! Que vejas exatamente aquilo que estás a dizer! Quero que acredites nesse teu espírito! É só nisso que tens de acreditar! Eu amo-te! Sei que tens o melhor espírito de todos! E sabes que tens os melhores espíritos do teu lado! Eu só não quero que tu não te esqueças disso. Que tu tens os melhores espíritos contigo! Que me tens

contigo contra tudo e contra todos! Que eu existo para ti! Que o meu espírito só se alimenta do teu espírito! Que o teu espírito é a minha vida!»

«Nós somos espíritos, não somos, Fred?»

«Somos. O que temos dentro de nós é um espírito! Por isso é que podemos ver tudo como nós queremos! Podemos desenhar o mundo como quisermos! As nossas mãos são invisíveis.»

«Estavas a ver eles a entrarem em nossa casa e a levarem os meus cadernos? Por eu ter visto esse filme graças à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é que eu fui a correr celebrar os contratos de edição com a Jupiter Editions. Porque há um Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos que a Faculdade de Direito não me ensinou, mas que a Jupiter Editions me mostrou com a maior transparência. Porque há empresas empáticas, humanas e sustentáveis que protegem os nossos cérebros do mercado que os quer vender como bagatela! E porque o Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos no seu artigo 85º diz que o contrato de edição pode ter por objeto obras futuras inéditas ou publicadas e no número 1 do artigo 48º diz que eu posso onerar o meu direito de autor sobre as minhas obras futuras que eu venha a produzir no prazo máximo de 10 anos, eu sei que há um Direito que, pelo menos, estará sempre comigo! Que é o Direito Intelectual! O Direito mais importante de todos! O Direito que numa Era de dados ganha a maior relevância de todas! É o Direito mais importante! Não há direito mais importante que o Direito Intelectual! Porque o Direito Intelectual é o expoente máximo dos Direitos de Personalidade.

Porque o Direito Intelectual abrange tudo, abrange o nosso ser, as nossas memórias, as nossas emoções, os nossos sentimentos, a nossa construção enquanto ser e a construção e representação do nosso ser que nós queremos fazer! É, pois, a nossa liberdade de expressão ao mais alto nível. É, pois, a projeção do nosso cérebro no mundo dos direitos. É um verdadeiro Direito Fundamental. É assim, que se liga o Direito à Psicologia. Um partido que quer mandar-nos a todos para a realidade virtual aumentada nem sequer deveria sair da virtualidade! Um partido que fala mal dos ciganos? Um partido que fala mal dos brancos? Um partido que fala mal dos monogâmicos? É um partido doente que tem que ser imediatamente internado! Mas não sou eu que digo isto! Quem diz, agora, é o Direito à Psicologia! É o Direito à Psicologia que diz que não está bom da cabeça para ser ouvido! Não merece credibilidade para ser ouvido! A Psicologia agora não descredibiliza só nos tribunais, a Psicologia agora entrou no Parlamento, e por isso descredibiliza também no Parlamento. E diz, muito instintivamente que tem que se ir tratar! Tem que ser acompanhado, para fora do Parlamento! Chega! A Psicologia já chegou! Para fora do Parlamento! E agora sim, a própria Psicologia vai ver uma psicologia viva. Vai ver que afinal, a Psicologia existe como espírito! Vai ver que a Psicologia, afinal tem um esqueleto que fala. E que pode ir para o Parlamento! Aliás, que é lá mesmo onde tem que estar! É lá onde tem que ser ouvida! Porque se não deixarem a Psicologia falar, os psicopatas, os nazis, os neonazis, os ditadores, os imbecis, os desempáticos, os desumanos vão me querer matar!»

«Baby! Para de dizer que te vão matar! Para! Não quero ouvir mais!»

«É verdade, Fred! Tens que ouvir! Querem me matar, porque eu sou preto! E sabes porque é que não me matam? Porque, por acaso existe, hoje, um Código Penal que me protege. Sabes o que é que fazem em Moçambique aos albinos? Perseguem-nos! Porque acham que são demónios… Vão a correr atrás deles e apedrejam-nos! Olha só o que é que fizeram às pessoas! E depois querem meter tecnologia nisto tudo? Sem primeiro estarmos numa verdadeira paz? Numa sociedade doente, dar tecnologias a esta cambada de doentes é um suicídio! Eles matam-te! A minha avó e o meu pai têm uma herança profunda que trouxeram de Moçambique. O meu pai foi expulso de Moçambique. A minha avó escolheu Portugal, quando Moçambique queria que ela ficasse. Tu em Moçambique tens ainda os mesmos dois partidos políticos que tinhas desde o tempo da minha avó: a Renamo e a Frelimo. E as mentalidades de lá continuam as mesmas. Por mais casas que imprimíssemos, por mais paz que fizéssemos, Moçambique não nos ia receber bem por sermos dois homens de mãos dadas que fazem amor um com o outro. Com uma espingarda resolviam o assunto connosco no mato. Ou com uma faca. Ou com uma corda. E pronto, num segundo asfixiavam-nos o espírito. Sufocavam-nos a voz. Vale a pena ir para Moçambique? Não vale! Para quê? Para morrer? Matam-nos, aos dois! Há bandidos a sério no mato. Há gente muito perigosa armada. Eu quero ir fazer paz. Mas não sou estúpido e não me vou meter num país sujeito a morrer, por muito que eu tenha uma ligação emocional, por causa dos meus antepassados, que eu herdei. Eu não sou cobarde! Não sou é estúpido! Eu não nasci para morrer. Nasci para viver. Quem nasce a ver a paz no mundo, a querer paz no mundo, não nasce para morrer! Não é suposto sermos soldadinhos de uma Besta e

fazermos do paraíso, que é a Terra, um inferno. A primeira guerra mundial foi um inferno! A segunda, foi outro inferno! Outra? Querem outra guerra? Acabaram-se as armas! Agora é uma guerra intelectual! É uma guerra para podermos expressar a nossa liberadade de pensamento. E é uma guerra contra o tempo, porque há máquinas que querem ler e capturar os nossos pensamentos; por isso, é também uma guerra tecnológica. Mas a tecnologia fabrica-se às escondidas do Direito; por isso, é (que é) uma guerra silenciosa. E neste silêncio, em que ouvimos e vemos as máquinas a construírem as máquinas, que ouvimos e vemos este som metálico capaz de cortar até o espírito, é o próprio espírito humano que se espanta. Ao ver os financiamentos de armas, as políticas de armas, a economia de armas, o espírito humano fica espantado! Espanta-se! Enfurece-se! Por isso, é uma guerra espiritual. São espíritos a quererem o mal, a fabricarem armas e mais armas sem parar e são espíritos a quererem o bem, a mandarem acordar o espírito do Direito que há na ONU e na OMS. Porque o poder da paz está na Organização das Nações Unidas e na Organização Mundial da Saúde. Os soldados que eu vejo são os Médicos do Mundo e os Médicos Sem Fronteiras! Esses é que são os verdadeiros combatentes da paz! Os exércitos são a Agência Especial de Pesquisa Contra o Cancro da Organização Mundial da Saúde. Porque esse é que devia ser o nosso combate! Combater contra o cancro! O nosso combate deveria ser contra as antenas do 5G! Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe não precisam de Internet 5G a alta velocidade! Nem Portugal precisa de 5G nenhum! A Internet já é demasiadamente rápida! E onde a Internet não chega, como em algumas praias, no campo e em algumas montanhas, não é suposto chegar! É suposto é não haver

aí nunca Internet! Nunca! É suposto, é não se instalarem aí antenas nenhumas 5G! Nenhumas! Mas se o mercado pressionar muito, muito, muito, muito, muito e o Direito já penetrado pelo mercado não conseguir dizer que não, porque já está dentro dele e o Direito está completamente excitado com a tecnologia do mercado, com uma tamanha tusa tecnológica nunca antes vista, ao menos que o Direito nessa excitação, deixe "só" instalarem-se nas cidades e deixe os locais mais sagrados da Terra completamente livres, ricos e sãos! Mas que o Direito se lembre sempre que pode revogar os contratos e mandar desinstalar o que deixou inocentemente instalar-se. Mas que não leve essa inocência, a mesma de sempre, para os contratos imperialistas com África! África é que não precisa de certezinha absoluta de antenas 5G! África precisa de comida, de água, de casas, de segurança e de paz! Moçambique mesmo sem nada, mesmo sem comida, mesmo sem um teto, é mais feliz do que Portugal! Está sempre a sorrir e a dançar! Era isto que devíamos proteger! Devíamos querer proteger estes sorrisos, estas felicidades, estas danças da vida! Devíamos proteger a dança das abelhas! O ser humano está chipado às abelhas. Por muito que o ser humano não veja ou não perceba as ligações, está conectado às abelhas. O ser humano foi configurado pel'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para morrer 5 anos depois das abelhas todas morrerem. Mas porque é que o mercado já não quer saber das abelhas? Porque já inventou abelhas robot para polinizar as flores. Por isso, o mercado quer lá saber se as antenas 5G vão extinguir as abelhas. Como quer lá saber o mercado, se as antenas 5G vão provocar cancros ou mortes, porque o mercado já inventou androids robots com uma entrada de USB prontos para receberem as pens com o nosso espírito. Isto para o mercado, é

lindo de ser ver: corpos humanos ligados a máquinas a descarregarem os seus cérebros para dentro de pens e pens espirituais prontas a serem introduzidas em robots. É isto que o mercado quer. É aqui onde o mercado está. E se o mercado já está aqui, então nós temos que estar também a ver aqui. E por isso, é que é preciso saber acompanhar o mercado com os olhos, para saber o que vamos fazer. O mercado quer instalar antenas 5G em Moçambique, porque quer ligar todos os moçambicanos ao Big Data. Quer mandar a miséria para o Big Data. Não vai acabar com miséria nenhuma! Porque não é isso que ele quer. Mas eu quero acabar com a miséria! E vejo um grande mercado a querer dar cabo de mim, só porque digo o que estou a dizer. Mas eu quero lá saber! Já não tenho medo nenhum! Com a Jupiter Editions, não tenho medo nenhum! Porque sei que com a Jupiter Editions, *O Algoritmo do Amor* poderá ser sempre publicado. Porque a Jupiter Editions não tem medo de nenhuma instituição, de nenhum governo, de nenhum Fisco, de nenhuma empresa, nem de nenhum grupo de empresas. A Jupiter Editions é uma instituição amorosa. A Jupiter Editions é uma empresa empática. E, por isso, é que todos os meus romances serão publicados pela Jupiter Editions! Porque foi esse o contrato de edição que eu celebrei com a Jupiter Editions. Porque a Jupiter Editions faz contratos para o futuro. Porque tem os olhos postos no futuro. Porque a Jupiter Editions imprime bons corações! Agora, morrer sem ter imprimido o meu coração? Nem pensar! Ao menos mandei imprimir o meu coração e vi o meu coração a ser imprimido! Estamos na Era da impressora a 3D em que já podemos mandar imprimir corações. Ao menos, vou deixar isto que eu digo escrito. E depois com os óculos de realidade virtual aumentada que vejam a tridimensionalidade daquilo que eu

escrevi. Porque há uma editora que me deixa escrever isto! Porque viu como era tridimensional a minha escrita. Porque viu a tridimensionalidade que havia em mim.»

«E é na terceira dimensão que vais subir ao poder?»

«Não, baby! Não é na primeira, nem na segunda, nem na terceira dimensão… Sabes que eu não quero subir em nenhuma dessas dimensões…»

«E se a tua maçonaria te apontasse uma pistola para subires?»

«Se me apontasse, era óbvio que subiria. Mas assim, já sabes que no dia em que eu chegar e disser que quero subir ao poder, é porque tenho uma arma apontada à cabeça. Nunca te esqueças disto, Fred.»

«Mas só subirias se te apontassem uma pistola, Jaime? É preciso que te apontem uma pistola? Eu acho que não é preciso que te apontem uma pistola…»

«Só subiria se eu fosse obrigado… Se as coisas estivessem mesmo muito mal…»

«Mas as coisas já não estão muito mal?»

«Não. Ainda há esperança. Os inocentes, os belos, os esperançosos os que vêm por bem, os bem-queridos, os espíritos bons só têm que saber que é fácil ser-se bom e lutar contra o mal. Basta não votar no mal. Basta votar nos bons. Votar no bem! Onde há um mal, há sempre um bem! Os bons não são os que são contra as vacinas! Porque os bons não são contra a Medicina!

É preciso saber que o ser humano só existe atualmente graças às vacinas, porque se não fossem as vacinas, as epidemias virulentas tinham conseguido extinguir o homem! Já nascemos num laboratório! Já estamos numa extensão de vida! Devemos ver a realidade virtual aumentada sem óculos nenhuns, porque não precisamos deles para nada, basta estarmos lúcidos e vermos a história da evolução com os olhos postos na realidade. E a realidade é dura e crua: é que não era suposto ainda cá andarmos! Mas, milagrosamente, graças à Medicina, graças à Tecnologia das vacinas, graças ao Direito, ainda cá andamos! O nazismo quis acabar com os judeus, com os negros e com os homossexuais, tal como o vírus mais tecnológico quis acabar com a raça humana! Só que não conseguiu! Os judeus, os negros, os homossexuais, ou seja, os humanos, conseguiram sobreviver! Os que se dizem terraplanistas não podem nunca subir ao poder! Vão subir para quê? São livres de pensar que a Terra é plana… Mas não são livres de querer ver toda a gente a acreditar que a Terra é plana, quando querem ir para o poder sedentos de introduzirem o chip nos cérebros humanos que a Terra "afinal é plana"… Os maus, enquanto querem repor o serviço militar obrigatório para os jovens de sexo masculino, revogar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, mandar-te a ti para a Dinamarca, só porque ainda não tens nacionalidade, quando já estás cá há mais de 10 anos, conheces melhor a História e Geografia de Portugal do que qualquer outro português, escreves e falas melhor português do que qualquer outro português, estás com uma média de quase 20 valores na faculdade mais nobre e prestigiada de Portugal, que é obviamente a Faculdade de Medicina e estás legal em Portugal com o teu cartão de autorização de residência, querem dificultar a vida aos pretos, chipar os pobres e os pretos, construindo sempre

algoritmos contra eles e querem perseguir os ciganos ao invés de os respeitar, aceitar e querer entender um pouco mais a cultura deles… Ao mesmo tempo que vão fazendo os seus nojentos discursos de ódio vão alimentando conspirações, confundindo e manipulando as mentes humanas, desgastando-as, entretendo-as, fazendo-as perder tempo com assuntos de merda que nem merecem a mais pequena atenção, quando se sabe perfeitamente que a terra não é plana, que estamos num planeta que é o terceiro planeta mais próximo do Sol, sendo certo que o Sol é a estrela central do Sistema Solar, localizando-se o Sistema Solar, tal como todas as estrelas visíveis a olha nu, no Braço de Órion, que é um braço espiral menor da Via Láctea, localizado entre o Braço de Sagitário e o Braço de Persus e que dentro do Braço de Órion, o Sistema Solar e a Terra, que não é plana, estão localizados perto da borda interior na Bolha Local a 26 mil anos-luz do Centro da Via Láctea, que é o centro de rotação da Via Láctea, onde acredita-se existir um buraco negro supermassivo chamado Sagittarius, podendo acreditar-se nisto e não que a Terra seja plana, sendo a Bolha Local o resultado de uma supernova que explodiu entre há 2 e 4 milhões de anos, acreditando-se que o Sistema Solar tenha adentrado a Bolha Local entre há 5 e 10 milhões, podendo acreditar-se nisto e não que a Terra seja plana, e que dentro da Bolha Local está a Nuvem Interestelar Local; e que o Sol está perto da borda da Nuvem Interestelar Local e que acredita-se que o Sol tenha entrado perto da borda da Nuvem Inerestelar Local em algum momento entre há 44 mil e 150 mil anos e espera-se que permaneça dentro, pelo menos, por mais 10 a 20 mil. Porque há dimensões que valem a pena acreditar! É este o cosmos que devemos ver! E que conseguimos ver seja da Terra, seja de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. É importante estarmos

lúcidos e sabermos dizer na realidade que a Terra abriga milhões de espécies de seres vivos, incluindo os humanos, que se formou há 4,56 bilhões de anos e que a vida tal como a conhecemos hoje só surgiu bilhões de anos depois da sua formação e não em nenhum jogo eletrónico do Pac-Mac. É esta a sinfonia do bem. Que diz que não somos peças de puzzle, nem peças nenhumas de xadrez, nem jogadores virtuais. Que estamos vivos! Que temos um coração a bater pela defesa da vida humana! Que temos a voz a dizer que somos humanos, que somos feitos de amor, emoções e sentimentos! Que inventámos um sistema de direitos, liberdades e garantias. E que na invenção desse sistema, nasceu uma Carta Constitucional com os Direitos Fundamentais dizendo que a formação de partidos políticos é um direito democrático básico, mas, que, se faz logo a ressalva da proibição de associações e grupos racistas ou que perfilhem a ideologia fascista no número 4 do artigo 46º da Constituição. Mas ainda há estúpidos e burros que nem sequer deviam ter entrado na Faculdade de Direito, que são os mesmos que dizem estupidamente que se há o direito em ser ofendido também "existe" o direito a ofender, que se metem a olhar como broncos para este preceito e que não passam dele dizendo que este preceito é "inconstitucional" e que põe em crise a liberdade de expressão. Inconstitucional é a merda que sai da boca deles. Inconstitucional é a merda de pensamentos que as merdas dos cérebros deles fabricam com a merda da droga! São estes, os burros de merda que sabemos que vão andar atrás de nós com a merda dos auriculares e dos headphones sem fios que lhes desconfiguram a merda dos cérebros em silenciosos tumores, sempre ligados à merda da cassete riscada, a quererem subir ao poder, Fred! Eu espero que o tumor tome primeiro conta deles, antes de eles pensarem em tomar conta de poder algum! São estes

putos de merda, racistas de merda, paneleiros de merda, armados em homofóbicos, mas que comem gajos sem preservativo às escondidas das namoradas e da família super tradicional completamente gozada aos olhos das famílias mais sofisticadas da Dinamarca, da Suécia, da Alemanha, da Finlândia, dos Países Baixos e de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi que só vão envergonhar e atrasar a merda que é o nosso Direito!»

«Fica-te mal dizeres "merda" na mesma frase em que mencionaste o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. O Gabriel Garibaldi não disse uma única vez "merda" no romance dele de ficção científica… E tu, no nosso romance, tens que dizer "merda" não sei quantas vezes, porquê?»

«Porque o nosso romance, não é um romance de ficção científica Frederick von Der Maase. O nosso romance é um romance de verdade, à séria, com política, economia e direito. O nosso namoro existe no mundo do direito, no mundo das empresas, no mundo dos bancos, no mundo do fisco. Temos o Direito da Família com os olhos postos em cima de nós à espera do nosso casamento, para nos meter logo num regime de bens. Ainda nem estamos nós preocupados com os nossos bens, mas já tens o Direito Fiscal a olhar para nós… Vês? Os olhos que nós temos em cima de nós? Sem contar com os drones… Na merda dos drones!»

«Não gosto de te ouvir a dizer "merda"! Ficas tão feio! Ficas tão feio aos olhos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. O meu namorado não diz palavrões! Quando eu te pedi em namoro, tu não dizias palavrões, Jaime!... A Jupiter Editions deixa-te escrever

tantas vezes "merda"? Não podes dizer isto tudo sem dizer "merda"?»

«Não seria a mesma merda, se eu deixasse passar esta merda em branco! A Jupiter Editions deixa-me dizer a merda, quantas vezes eu a disser com o meu coração! É preciso não esquecer que o fascismo é uma ideologia política autoritária, ditatorial, reprimindo através de uma forte violência política que um direito maquiavélico e um Direito perverso, fazem legitimar, numa degenerada teoria de darwinismo social em que alegavam que as nações e as raças deviam eliminar os mais fracos em termos sociais e biológicos e todos aqueles que fossem considerados "degenerados", promovendo numa bonita campanha neonazi um falso ideal de pessoas fortes capazes de sobreviver num mundo que só eles viam como em perpétuo conflito nacional e racial. Porque é este o filme deles. É este o filme que está sempre a rolar na mente deles. Enquanto nós, os bons, vemos paz e amor, estes doentes mentais veem guerra e ódio. Antes de eles nos odiarem, Fred, somos nós que os temos que odiar! Temos que ter capacidade de os odiar e não de os tolerar! Porque se nós somos tolerantes e eles são intolerantes para connosco, só nos sobeja uma forma de os tolerar. Com a nossa intolerância! Nós, que somos tolerantes, não podemos tolerar os intolerantes. Há um instinto de sobrevivência que é a mais nobre legítima defesa e que é o próprio Direito Penal e o Direito Constitucional que nos concedem! Que nos oferecem! Porque se nós os toleramos, mas eles não nos toleram, eles matam-nos! E eu não vou deixar uma cambada de doentes mentais, que deviam estar internados numa psiquiatria, andarem à solta a cometerem crimes e a espalharem discursos de ódio

criminosos. Porque as palavras também matam. Então, que os matemos nós com as minhas palavras! Que as minhas palavras sejam usadas como balas! Porque se eles me querem balear, eu quero baleá-los primeiro! Eu não queria baleá-los! Mas se eu os vejo aos tiros, se os vejo a virem aos tiros para cima de mim, eu só tenho um remédio: baleá-los! Baleá-los com palavras!»

«Pronto… Já todos se renderam! Não atires mais balas! Já lhes abriste os corações… Daqui a nada ainda se apaixonam, mas é por ti... E depois vou ter que ser eu a fabricar balas de palavras. Afinal, sem querer, subiste ao poder.»

«Não, não subi.»

«Subiste sim, Jaime. Dá-me um beijo!»

«Não…»

«Ah…! Tão bom…! Dá-me outro!…»

«Fred…»

«Ah! Caralho! Sentes a minha tusa…?»

«Sinto…»

«Isto é tudo por causa de ti… Vê só como é que tu me deixas… Quero tanto dar-te no cú… Vira-te!»

«Não! Ah…! Adorei como nos atiraste para cima da cama. Podemos ficar assim para sempre?»

«Podemos… Eu amo-te, Jaime!»

«Gosto tanto que estejas por cima de mim, Fred…»

«Eu amo-te, Jaime!»

«Eu amo-te, Fred!»

«Queres levar? Quero tanto dar-te agora… Ah! O teu rabo é tão lindo… És tão perfeito…! Queres levar, amor?»

«Não. Não quero deixar passar em branco.»

«Ah! Porque é que te levantaste? Anda cá… Deita-te! Amor…? Vem deitar-te! O que é que não queres deixar passar em branco?»

«A questão dos votos, Fred.»

«Quais votos?»

«Os votos em branco… Quero fazer-te um teste… Tens 5 partidos… Sabes que um deles, de extrema direita, está a adotar a técnica fácil do "populismo" e está a conquistar o povo burro. Tu não gostas de nenhum partido. Quer dizer… Há um, lá no meio, que gostas mais ou menos… O que farias?»

«Tinhas razão, o nosso namoro é mesmo um namoro à séria, um namoro político… Eu aqui todo teso, à espera que me mames para depois te dar nesse teu rabinho lindo a noite toda… E tu a quereres falar de política a estas horas…»

«Baby…?»

«Sim…? Meu lindão…!»

«Como votarias?»

«Votava em branco…»

«Baby… Caíste na minha armadilha! Baby! Tu cais sempre nas minhas armadilhas!»

«Então… A esta hora não vale… A esta hora estou cheio de tusa… Quero é fazer amor contigo a noite toda…»

«Baby… Vá lá… Concentra-te!… Ainda temos o jogo das árvores para jogar…»

«Eia… Baby!!! A sério?... O jogo das árvores…? Já nem me lembrava… Eu achava que tu ias mamar-me…»

«Baby! Tu interrompeste o jogo das árvores…»

«Eu é que interrompi?»

«Sim… Começaste a falar d'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy e ligaste o meu cérebro político…»

«Tu é que os chamaste baby… Como é que se desliga agora o teu cérebro político?»

«Só com o jogo das árvores… Mas tu é que começaste a fazer perguntas. Perguntaste-me se eu preferia que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy assaltassem a Câmara Muncipal de Santarém ou a Assembleia da Repúbica.»

«Não, não baby… Tu és muito mentiroso… Tu disseste "quem me dera que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy

assaltassem a Câmara Municipal de Santarém ao mesmo tempo que assaltassem a Assembleia da República…"»

«Ya… Pois foi, baby…»

«Ya… E eu depois, só perguntei porque é que tu querias que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy assaltassem a Câmara Municipal de Santarém…»

«Pois… Fizeste uma pergunta… Vês?»

«E tu, de uma pergunta, começaste a falar dos periquitos, depois dos golfinhos, das orcas, falaste d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, do Gandhi, do *2080* de Antoine Canary-Wharf, do 5G, do Big Data, de Satanás, da Psicologia, do Direito, da PIDE, da ONU, da OMS, do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, do Braço de Órion…»

«Txi…! Vê lá, Fred…! Dos periquitos fomos parar ao Universo, quase ali a sair da galáxia da Via Láctea…»

«E tu vês isto?»

«Fred!!!»

«Vês a minha pila à tua espera? Vá… Anda… Está na hora de me chupares todo, Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala… Quero que me chupes!!! Chupa-me, vá lá!!! Eu sei que me queres chupar a pila… Vais ver como é que vais logo parar a outra galáxia…»

«Eu não chupo pilas de quem vota em branco!»

«Então… Eu voto se me chupares!»

«Fred!!!»

«Pronto… Vou guardar a minha pilinha para mais tarde… Votava no partido que gostava mais ou menos…»

«Exato… Porquê?»

«Porque a abstenção implica um protesto que iria favorecer o partido mais votado, deixando que uma minoria decidisse pela maioria. Os votos nulos ou em branco são inutilizados, porquanto nem sequer sejam englobados na contagem dos 100%, não contando para eleger nem para impedir a eleição de nenhum candidato…»

«Porquê?»

«Porque não ficam cadeiras vazias no Parlamento…»

«Certo, Frederick von Der Maase! Vou dar-te nota 20 à cadeira de Direito Constitucional!»

«Obrigado! Então… Não me vais mamar?»

«Baby... Não! Ainda estamos a falar de política! Concentra-te! Estamos a falar de assuntos sérios, baby…»

«Txi… Perdeste a oportunidade de mamar um gajo que teve 20 a Direito Constitucional…»

«Quero lá saber! O Direito Constitucional nunca me excitou…»

«Nem um bocadinho?»

«Nem um bocadinho… Nunca vi prazer no poder! É com o Direito Constitucional que a Faculdade de Direito nos ensina a subir ao poder. Diz o artigo 48º da Constituição que todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política e na direção dos assuntos públicos do país, diretamente ou por intermédio dos representantes que foram livremente eleitos e depois vem o artigo 51º dizer que a liberdade de associação compreende o direito de constituir ou participar em associações e partidos políticos e de através deles concorrer democraticamente para a formação da vontade popular e a organização do poder político… E se fores ao artigo 14º da Lei dos Partidos Políticos saberás que o reconhecimento e o início da atividade do teu partido político dependerá da inscrição no registo existente do Tribunal Constitucional e que a inscrição do teu partido político tem que ser requerida por, pelo menos, 7500 cidadãos eleitores; isto está no número 1 do artigo 15º. E depois, pelo número 2, sabes que o requerimento de inscrição de um partido político é feito por escrito com o projeto dos estatutos, da declaração de princípios ou do programa político e com a denominação, sigla ou símbolo do partido e que tem que incluir em relação a todos os signatários, o nome completo, o número do cartão de identificação e o número do cartão de eleitor… Por outras palavras, basta arranjares 7500 assinaturas e ires ao Tribunal Constitucional para formares o teu partido. Desde que não digas que os homens não devem andar a dormir com outros homens na cama, porque tens juízes muito conservadores que traem os maridos e as mulheres com outros homens, e não digas que os pretos e os imigrantes devam ir "para a sua terra", o Tribunal Constitucional olha para o teu projeto e aprova. Como é que achas que a extrema direita conseguiu infiltrar-se como uma

célula terrorista no parlamento? Foi assim. É muito fácil. Qualquer pessoa consegue subir ao poder. Qualquer burro, iletrado, estúpido consegue subir ao poder. Nem sei como é que os *influencers* do Instagram ainda não pensaram nisto… Têm tantos seguidores…»

«Porque, se calhar, não sabiam… Se calhar, achavam que tinham que ser "convidados" pelo "sistema"… Se calhar, achavam que já está tudo programado e tudo destinado e que quem faz parte do programa é que vai aparecendo no programa cheio de botões invisíveis… Se calhar, acham que é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que os tem que chamar… Se calhar, acham que têm que sentir o chamamento divino para subir ao poder…»

«Como se os presidentes das américas tivessem sido chamados pel'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom… Foram é chamados pelo Diabo! Aquilo são Diabos. São o Diabo em pessoa. Meu Deus!... Eu fico parvo! Em pleno século XXI… Nós somos mesmo uma anedota! Isto visto por aliens, pelos jovianos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, dá a maior anedota de todas. Somos uma anedota mundial. Porque é uma anedota termos presidentes, como os que temos, a subirem ao poder. Mas a anedota não são eles. A anedota é o povo que quis que eles subissem. E por isso, a anedota não sou eu. Eu não faço parte da anedota, porque não fui eu que votei neles! Eu não os quis no poder! Nem eu, nem Deus nenhum os quis no poder! É por isso, que eu não acredito na democracia. Eu quero lá saber que 98% de pessoas doentes achem que os pretos não valem nada ou 99% de pessoas doentes achem que os gays não podem casar, ser uma família ou andar de mãos dadas na rua sem serem agredidos por

gestos, palavras ou pedregulhos… Eu quero lá saber! Eu quero lá saber que 99% de gente estúpida ache que os animais não sentem dor, que ache que as árvores não são seres vivos com uma complexa inteligência ou 97% de gente bronca ache que nasceu para ser um escravo e só exista para trabalhar e para fazer funcionar a alavanca da economia virtual de moedas inventadas por homens que já morreram há anos… Eu quero lá saber! Eu quero lá saber que 99,999% das pessoas não se importe que um governo instale câmaras de filmar em toda a parte ou que lhes insira um chip no cérebro, porque "não têm nada a esconder" e que achem que quem é contra é porque tem "medo" ou "tem algo a esconder"… Fico sem forças, para responder a esta gente… Fico sem forças, Fred! Eu quero lá saber que 99% das pessoas ache que terroristas e pedófilos mereçam perdão… Não merecem perdão! Dar a voz aos nazis??? Os nazis querem asfixiar-me! O que é que eles estão cá a fazer, Fred? Porque é que eles nasceram? Eles são abortos! Deviam ter sido espontaneamente abortados! E eu, que sou contra o aborto, digo que eles deviam era ter sido abortados antes de terem nascido! Porque são abortos da natureza! Explica-me! Porque é que precisamos desses cérebros? Explica-me, Fred! Se calhar, foram esses cérebros que inventaram a democracia… Para poderem sobreviver num sistema tão perigoso como a democracia quando eles sabem que tens pessoas burras que votam em psicopatas sedutores. Porque eles são todos psicopatas sedutores! Um nazi é um psicopata! São todos uma cambada de psicopatas! Uma pessoa que discrimina a outra por causa da cor da pele é burra! Só pode ser burra, para não lhe chamar também psicopata… E podemos só ser 1% a dizê-lo que eu não vou mudar de ideias! Nem democracia nenhuma, democracia doente que devia era ser

internada, me vai tirar as ideias ou me vai fazer maluco. É por isso, que eu não acredito na democracia. Não vale nada! Se tiveres 99% de pessoas burras, só vais ficar é mais burro, numa democracia. Só vais é ficar com uma sociedade atrasada que se atrasa por tudo e por nada, quando tinha o dever de em pleno século XXI já ser uma sociedade verdadeiramente evoluída e intelectual que discute problemas científicos, ambientais, empresariais, enfim… Que economias são melhores que outras... Que materiais são mais sustentáveis para assegurar uma economia… Há tantas coisas importantes para falarmos, para discutirmos, coisas tão mais cósmicas, tão mais astronómicas e nós aqui ainda a falar de orientação sexual, de cor de pele, de nacionalidade… Assim, nunca mais vamos avançar! Nunca! Vamos ser sempre pequeninos. Não vamos ver nada!»

«Estás a ver amor? Tens tanto para discursar no Parlamento…»

«Oh, baby… Estou só a desabafar… Eu gosto que sejas só tu o meu Parlamento… O meu Parlamento és tu, Fred! Eu só te digo a ti estas coisas… Só contigo é que estas coisas me saem do coração para fora.»

«Ya… Só contigo é que a minha pilinha sai das calças para fora… Olha aqui…»

«Fred!!!»

«Ah!... Jaime! Eu amo-te! Adoro ver a tua cara escandalizada… Contigo, eu sinto-me um escândalo…»

«Pois… Porque é que será?... É que nós os dois somos mesmo um escândalo! Dois homens bem feitos, masculinos, bonitos, de mãos dadas a andar nas ruas… É o quê? Um escândalo… Se já em Portugal somos um escândalo… Nem quero imaginar em Moçambique… É uma pena!»

«É uma pena, porque eu sei que tu querias levar o teu MAN para Moçambique...»

«Sim… Para Moçambique eu gostava de levar o partido dos Médicos, Amigos e Namorados… Moçambique precisa de Médicos Sem Fronteiras, precisa dos Médicos do Mundo lá… Mas o que Moçambique não se pode esquecer é que os médicos são humanos, são feitos de paixões, emoções e sentimentos e médicos homens podem ter namorados e maridos… Que é um fenómeno físico-químico natural que deve ser encarado com toda a normalidade do mundo normal… Como normal é um médico de cabelos loiros andar de mãos dadas e aos beijos com o seu namorado de pele morena… Talvez um dia… Quando Moçambique estiver com a mente limpa de grémios… Moçambique está cheio de grémios. Foi muita porrada que Moçambique levou... Moçambique levou muita porrada, sabes?... E eu tenho agora medo que Moçambique me dê a mim uma porrada! Tenho medo de levar uma porrada de Moçambique! O meu pai levou uma porradona de Moçambique!... E eu não quero levar a porrada que ele levou! O meu pai já levou pelos dois…»

«Vá… Anda cá… Eu dou-te agora a porrada para não levares a porrada em Moçambique… Vais levar uma porrada nesse rabinho, Jaime… Ai, ai…! Que porrada que vais levar… Eu amo-te!»

«Ah, caralho! Eu amo-te, Fred!»

«Ah! És tão lindo… Diz lá outra vez que me amas…»

«Eu amo-te, Fred!»

«Não… Diz lá da maneira como disseste… Com o "caralho" na boca…»

«Ah, caralho! Eu amo-te, Fred!»

«Gosto tanto de te ouvir a dizer que me amas assim dessa maneira… A dizeres "caralho"…»

«Eu amo-te, caralho! Só me apetece dizer e escrever em todo o lado que te amo, caralho!!!»

«Mas não vais escrever n'*O Algoritmo do Amor* "caralho", pois não?»

«Vou, sim…»

«Baby… Não…»

«Porquê?»

«Baby, porque não é suposto o Fisco tributar *O Algoritmo do Amor* a 23%…»

«Era o que mais faltava o Fisco português vir tributar o nosso amor a 23% quando anda a tributar todos os outros romances a 6%... Era o que mais faltava o Fisco português discriminar dessa maneira… Só porque *O Algoritmo do Amor* é um

romance gay o Fisco vai tributar 23% ao invés de 6%? Porque todos os livros têm o imposto especial reduzido de 6%...»

«Baby… Nem pareces tu a falar... Sabes perfeitamente que o Fisco português não tributa romances gays a 23% por serem romances gays… Tributa romances gays ou romances héteros que tenham carácter obsceno ou pornográfico…»

«Não! Primeiro o Fisco português não tem nada que andar a tributar romances a 23%. O Fisco pode é tributar livros de carácter total ou predominantemente pornográfico ou obsceno… Mas têm que ser predominantemente pornográficos, ou têm que ter predominantemente uma linguagem obscena! E era o que mais faltava por eu escrever "merda" por eu dizer "que te amo como o caralho" ou que "amo o teu caralho", que me dás "uma tusa enorme", que eu "me venho todo contigo" e que quero passar a minha vida inteira "a mamar-te", que é a expressão do amor que eu tenho por ti, a devoção que eu sinto por ti, o Fisco vir censurar-me com os seus 23%. O Fisco ou o Ministério da Educação se quiserem que agarrem num "lápis azul" e risquem as passagens que não gostem… Ou então, façam como os Testemunhas de Jeová… Fechem o livro. E não leiam mais. Vão ler outros romances de merda cheios de traições, de ciúmes, de dramas, de discussões de merda que acham que é normal haver numa relação. Vão ler outros romances em que os namorados olham para o rabo e para as mamas de outras raparigas na praia e que acham que isso é uma coisa normal dos seres humanos que amam verdadeiramente quando não é coisa nenhuma. Se eu tivesse um namorado que se põe a olhar para o rabo e para o corpo dos outros e a comentar com os seus amigos, isto o Fisco já não tributa… Mas agora se eu disser que amo a pila do meu

namorado e que quero levar com a pila do meu namorado a noite toda, o Fisco já quer tributar? Olha que eu levo o Fisco a tribunal! Não tenho problemas nenhuns em levar o Estado de merda em que vivemos à merda do tribunal! Olha agora… Era o que mais faltava!»

«O primeiro romance gay que podia passar bem, afinal vai ser mais polémico que *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke… Vão logo dizer que dois gays só querem é mamar e dar no rabo um ao outro…»

«Quero lá saber! Isso chama-se "fazer amor". É assim que dois gays fazem amor. Não há penetração vaginal num romance gay. Há penetração anal. Um penetra o outro. Um dá ao outro de mamar. As namoradas também não dizem que amam o caralho dos namorados, queres ver?… Os namorados quando se estão prestes a vir na boca delas, também não dizem que se vão vir e as namoradas também não ficam todas excitadas à espera de receberem o esperma dos namorados, queres ver…? E eu não posso escrever isto, queres ver? Tenho que ter medo do Fisco, queres ver? É que um imposto de 23% é muito diferente de 6%... Sabes o que é que o Estado é? É um grandessíssimo hipócrita, é o que é… Eu agora tenho que pagar um preço para andar a falar das orgias em que o Estado se mete…? Quer dizer, nasci com olhos, com um coração e não posso escrever com o coração aquilo que os meus olhos veem e sentem? Mas eu digo-te uma coisa… Ainda vamos ver é o Barac Bielke a demandar em tribunal o Estado português… Porque eu estou mesmo a ver o Fisco a querer tributar a 23% *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke...»

«Oh, baby… Mas na própria sinopse dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke diz que aborda temas muito sensíveis desde a pornografia, as drogas, o culto orgiástico, "a nova" prostituição tecnológica mediada por uma empresa de dados governada pelo poder, até à indústria gay que veio objetificar e comercializar uma orientação sexual. Diz também, na própria sinopse, que tem uma linguagem sexual muito forte, que por vezes choca…»

«Mas que é a linguagem verdadeira usada pelos jovens da atual sociedade de informação tecnológica…! Diz também, que é um balanço sincero entre o amor, a traição, a inocência, a fantasia, a mentira e a tecnologia. Diz também, que estamos colocados "na pele" de Arthur que inocentemente faz um "pesar de coisas" num impressionante relato dos romances, das mentiras e das armadilhas tecnológicas em que se viu metido. Ou seja… Não é um livro pornográfico nem obsceno, é um livro que faz uma crítica à pornografia, que faz uma crítica à indústria gay que veio objetificar e comercializar uma orientação sexual… A "linguagem de carácter obsceno" é achada nos relatos dos romances do Arthur… Simplesmente é um relato. Simplesmente é uma crítica através do próprio relato. É um "socorro". O problema do Estado português, é que até nos socorros vê uma economia pronta para ser tributada e ir direitinha para os cofres do Estado. É um roubo aos cofres da Jupiter Editions!»

«De repente, fiquei confuso… Fiquei sem perceber se estás a candidatar-te para seres advogado da Jupiter Editions que corajosamente publicou os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, porque foi preciso coragem, ou se estás a candidatar-te para seres advogado do Barac Bielke…»

«Dos dois, Fred! Estou a candidatar-me para ser advogado da Jupiter Editions e do Barac Bielke. Se calhar, só ando em Direito para ser advogado da Jupiter Editions… Há mercados e economias que merecem ser protegidos. A Jupiter Editions é a melhor economia de todas. É o melhor mercado de todos. Merece ser protegida! E não digo isto por ser a nossa economia… É a editora que quis *O Algoritmo do Amor*…»

«Mas as outras também quiseram…»

«Mas as outras só me queriam se eu me auto promovesse, se eu aparecesse, se eu mostrasse a minha casa, os meus amigos, a ti… Eu tinha que mostrar quem é que tu eras… Queriam ver de onde vinha a minha inspiração. As outras editoras queriam ficar donas desses dados e comercializá-los. Queriam filmar-nos… Queriam prender *O Algoritmo do Amor* aos algoritmos deles, aos romances de merda que editam… Queriam prender-nos às câmaras deles, aos microfones deles, à baratucha Inteligência Artificial deles que queria tentar precisar exatamente qual era a percentagem da probidade d'*O Algoritmo do Amor*… Não podia falar sobre os Testemunhas de Jeová que desprotegem e são contra *O Algoritmo do Amor*, porque as editoras tinham medo que isso pudesse colocá-las em xeque… Não podia falar sobre o mercado das carnes vermelhas, porque os donos das outras editoras adoram devorar carne vermelha e têm imensos amigos que estão metidos no negócio da carne vermelha… Queriam aproveitar partes do meu cérebro. Queriam roubar-me frases que a minha mente escreveu, para mim, no meu cérebro. No cérebro que é meu! E queriam ficar detentoras de 92% do meu cérebro? Queriam oferecer-me 8% dos direitos de autor como oferecem a todos os outros autores? Outras, mais simpáticas, queriam ficar

80% detentoras do meu cérebro e eu lucrar 20%... Na Jupiter Editions passa-se exatamente ao contrário! Sabes porquê? Porque a Jupiter Editions é a única editora que está a ver as coisas ao contrário… Que está a ver as coisas de uma forma humana e de uma forma empática. A Jupiter Editions nasceu para inverter o mercado! Mas para se poder inverter o mercado, é preciso poder falar-se exatamente do mercado. Sermos transparentes. Falarmos de como é que é o mercado. Não ter medo de falar das coisas… E as outras editoras cheias de paranoias diziam que "havia coisas que era melhor não se dizerem"? Não podia falar sobre os escândalos que eu queria… Não podia nada! As outras editoras são um lápis azul! E pior… Só editam merda! Se fores um apresentador da TV, se fores um jogador de futebol, se fores cantor vão logo editar-te, nem querem saber se o que estás a dizer de facto é bom ou não, só te querem editar, porque sabem que vais vender… Isso é deprimente… E eu meter-me nesses mercados deprimentes que têm algoritmos depressivos? Têm outros algoritmos. Não têm, nem nunca terão *O Algoritmo do Amor*.»

«Ya… *O Algoritmo do Amor* é da Jupiter Editions…»

«E se é a Jupiter Editions que tem *O Algoritmo do Amor*, pois é claro que eu vou sempre defender a Jupiter Editions, que é a empresa mais empática, mais humana, mais sustentável e mais esverdeada do mundo! Só imprime em papel reciclado… Planta uma árvore por cada livro vendido e limpa 1 metro quadrado de praia ou de mata também por cada livro vendido… Os leitores são considerados Member Readers… Eu, por ser um escritor da Jupiter Editions, sou considerado um Member Writer. Não sou um escritor qualquer, Fred! Sou um Member Writer da Jupiter

Editions!… Como Member Writer temos um passaporte de felicidade… Podemos viajar para onde quisermos. E tu, como Member Reader, podes inscrever-te em todos os eventos da agenda Jupiter. Podes inscrever-te nos passeios de balão de ar quente ou nos mergulhos de garrafa com os tubarões, golfinhos e com as mantas… Podes chegar a uma discoteca e passar à frente por seres um Member Reader da Jupiter Editions… Não brinques, Fred!»

«E um Member Writer da Jupiter Editions também pode passar à frente, para entrar nas discotecas?»

«Oh, baby… Se um Member Reader pode, achas que um Member Writer não pode? Claro que pode…»

«E o namorado de um Member Writer também pode passar à frente?»

«Só com o namorado, Fred!...»

«Sim, era com o namorado que eu estava a perguntar…»

«Sim… Comigo podes… Eu até conheço um dos seguranças que vai estar nas próximas três festas da Jupiter Editions que vamos lá estar batidos a noite toda a bater o pé… Vamos, não vamos, Fred?»

«Baby, claro que vamos! Desde que não pares de dançar comigo para dares autógrafos…»

«Baby… Nenhum Member Reader da Jupiter Editions pede autógrafos aos Member Writers… Pedir autógrafos é a coisa mais foleira!!! Para além de ser a coisa mais aborrecida do

mundo!!! Todos os Member Readers da Jupiter Editions sabem que um autor tem um grupo de pares. Um autor português não tem que se ligar aos 10 milhões de portugueses, por exemplo. Não é por ter vendido o seu livro a 10 milhões de portugueses que tem que estar ligado aos 10 milhões de portugueses. O autor tem a sua vida, tem as suas relações, tem o seu meio, tem a sua vida privada e qualquer Member Reader sabe ver isto e respeitar isto. Podemos dançar à vontade que nenhum Member Reader se vai intrometer entre *O Algoritmo do Amor.»*

«E quais é que são as festas da Jupiter Editions que vamos? Já nos inscreveste, baby??? As inscrições são limitadas às vagas existentes… E quantas moedas Jupiter precisamos para nos inscrevermos nas festas??? Temos quantas moedas Jupiter?»

«Para nos inscrevermos nas festas da Jupiter Editions são precisas 9 moedas Jupiter… Mas baby… Eu sou um Member Writer… Estamos automaticamente inscritos. Todos os Member Writers estão automaticamente inscritos com o seu par… Só precisamos é de confirmar dentro do prazo limite para dizermos à Jupiter Editions que vamos dançar… Mas eu já disse que nós vamos dançar… Vamos dançar à "If u want to go to Jupiter u have to dance", vamos dançar à "Jupiter wants to watch u dance" e vamos também dançar sem parar na festa "U can't stop dancing on Jupiter".»

«Txi…! Só festas e vantagens por ter um namorado que é Member Writer da Jupiter Editions…»

«Sim… És muito sortudo, Fred!»

«Pois, sou… Gostava de ver a Dona Alcinda a dançar connosco… »

«Pois, eu também… Mas para isso, a minha avó teria que ser uma Member Reader… Teria que ler *O Algoritmo do Amor*…»

«Txi… Se a Dona Alcinda ler...»

«A minha avó não vai poder ler…»

«Mas pode ler outros livros da Jupiter Editions e tornar-se uma Member Reader e assim vir dançar connosco na festa "U can't stop dancing on Jupiter"…»

«Baby… Que livros é que a minha avó como Testemunha de Jeová poderia ler? *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, obviamente que não poderá ler a não ser que o título fosse "O Jeová Tecnológico" ou "O Deus Jeová Tecnológico"… *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke nem vale a pena… Só a sinopse fá-lo logo entrar na lista proibida dos livros dos Testemunhas de Jeová… Os Testemunhas de Jeová também estão proibidos de ler o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, porque não se pode falar nem de alien nem de romances alienígenas, nem de vida nem romances fora do planeta Terra…»

«Baby, mas pode ler outros… Pode ler o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak...»

«Pois, esse os Testemunhas de Jeová já deixam ler… Mas esse só vale duas moedas Jupiter… Com duas moedas Jupiter a minha avó ficava à porta… Tinha que ter mais moedas Jupiter para entrar…»

«Tinha que ter 9 moedas Jupiter para entrar na "U can't stop dancing on Jupiter"… Mas se comprasse também *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy…»

«Ficava com 8 moedas Jupiter, porque cada um desses vale 3 moedas Jupiter…»

«Então, e comprava também a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que vale 2 moedas Jupiter e ficava com 10 moedas Jupiter… Já dava para ir à festa "U can't stop dancing on Jupiter" e ainda lhe sobrava uma moeda Jupiter…»

«Pois, assim já dava…»

«Ou então comprava um livro da Jupiter Editions que valesse duas moedas Jupiter, outro que valesse 3 moedas Jupiter e *O Algoritmo do Amor* que vale 4 moedas Jupiter… Eu gostava que a tua avó lesse *O Algoritmo do Amor*…»

«Pois, eu também gostava, mas os Testemunhas de Jeová vão proibi-la… *O Algoritmo do Amor* vai ser um livro proibidíssimo por eles e por tantos outros… Eles têm livros proibidos…»

«Mas a tua tia Constança vai ler… E vai dizer à tua avó…»

«Se ela for inteligente como ela me diz que a bíblia é para inteligentes, vai ver a bíblia que há n'*O Algoritmo do Amor* e talvez esse algoritmo a remeta para *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e perceba de uma vez por todas a tecnologia toda que se está a instalar à volta dela…»

«Baby… Parece que estás a fazer ajustes de contas…»

«Pois, estou… Sabes porquê? Porque uma vez, disse-me que se eu vir um copo a levantar ou vir o copo a deslizar "sozinho", para não ter medo, porque é Satanás que está a mexer no copo e para não o enfrentar, simplesmente para não ligar ao copo e deixar estar… Porque não podemos enfrentar Satanás, que quem está a comandar o mundo é Satanás… Sabes que eu acreditei nisto? Juro, que acreditei! Se bem que a parte de ser Satanás a governar, até faz sentido, porque se há guerras e tanta miséria e sofrimento é porque só pode ser Satanás que esteja a governar esta miséria de governo mundial… Mas o que ela me devia dizer é que se o copo se levanta ou se desliza "sozinho" é porque estamos numa era de Internet de Coisas e o copo tem um chip lá colado e através do telefone algum *Demónio Tecnológico* ou *Anjo Tecnológico* brincalhão d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom carregou num botão para o copo se levantar. E se eu olhar para um copo e pensar muito em levantá-lo e com a minha mente conseguir levantá-lo, é porque estamos numa Era de Internet de Coisas e Telecinesia e o copo tem um chip lá colado e eu ou tenho um chip na minha mente ou um elétrodo colado à minha cabeça que está conectado ao chip do copo. E afinal, tudo tem uma explicação tecnológica. E afinal, podemos ver toda a realidade através da tecnologia. A tecnologia é que nos diz qual o tempo em que estamos. E se só nós é que vemos a Telecinesia, é porque se calhar, fazemos parte de uma experiência governamental ou militar ou alienígena qualquer que conhece o nosso cérebro e sabe que o nosso cérebro pode experienciar uma nova tecnologia sem ficar com quaisquer mazelas cerebrais. Ver isto, pode ser assustador, mas também pode ser maravilhoso.

Sentirmos a tecnologia dentro de nós, pode ser assustador, mas também pode ser maravilhoso. Se não fui eu que inseri a tecnologia, se já nasci com a tecnologia, se foi *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que me inseriu o chip, o que é que eu vou fazer? Zangar-me com Deus? Não… Não me vou zangar com Deus… Nem me zangar com o seu governo… Nem me vou zangar com o cosmos da vida. Vou simplesmente vivê-lo. Vou entrar no cosmos da vida eterna. Porque com um chip, só se for para ter vida eterna. E se for para ter vida eterna, é claro que tenho uma chama dentro de mim. Parece que há uma obrigação em mim de ir matar a fome daquela gente que nenhum dos governos ainda o conseguiu fazer. Estamos num tempo tão tecnológico e não conseguimos criar estufas autossustentáveis de base vegetariana para o povo ir buscar gratuitamente nutrientes? Muito estranho… Estamos num tempo tão tecnológico e não conseguimos imprimir casas 3D que nem a merda de 3€ custam e que 180 metros quadrados não demoram mais do que 24 horas a imprimir? Afinal, que raio de mão invisível é que existe por cima da nossa economia? A minha avó andava a escrever poemas de paz em Moçambique e a distribuí-los gratuitamente nas caixas de correio, sem querer saber de nenhum Código de Direitos de Autor que Portugal inventou! E quando veio para Portugal, não se esqueceu de Moçambique e voltou lá "numa visita de médico" para construir umas quantas casas para gente que ainda se lembrava dela… Sabes o que isto significa? A minha avó era chamada "a negra privilegiada"! A minha avó viu Moçambique sobre a pele negra como se não tivesse pela negra, como se tivesse vestido uma pele branca. Tem uma visão completamente diferente da visão que o meu pai tem ou uma visão completamente diferente de qualquer uma das filhas dela. E ela

conta uma história linda que só ela sabe contar! Mas porem gravadores à frente da boca dela? Porem chips no cérebro dela para lerem as histórias que o cérebro dela guardou? Eu deixar que um mercado olhe para a minha avó e a queira tornar num robot? A minha avó não é nenhum robot! Se querem ouvir as histórias dela que as oiçam com os ouvidos e lhe peçam autorização para as escreverem! Portugal inventou um Código de Direitos de Autor! Há um Direito nisto! É uma história que vale milhões? Vale! Mas os milhões têm que aparecer! Onde é que eles estão, afinal? Estão onde???»

«Estão aqui, baby! Olha! Olha aqui os milhões… Ena… Tantos milhões…»

«A Renamo queria-a. A Frelimo queria-a. Todos a queriam. Mas Portugal chamou-a e ela cegamente veio no avião para Portugal. E num pequeno, mas bonito embuste, conseguiu também pôr o meu pai, que tinha ficado em Moçambique, na guerra, a apanhar um avião para Portugal e nunca mais a conseguir voltar para Moçambique. A minha avó em Portugal, só com uma chamada, conseguiu tirar o meu pai da guerra em Moçambique. Foi esta a tecnologia dela. Não precisou de chips nem nada! Não brinques com a minha avó! Ela foi muito inteligente! Ela soube o que tinha que fazer! E ainda bem que o fez, porque se o meu pai não tivesse saído de Moçambique, e vindo para Portugal, eu não teria nascido. Eu nasci em Portugal. Não nasci em Moçambique. O meu pai e a minha avó nasceram em Moçambique. Mas eu nasci em Portugal. Eles cresceram em Moçambique. Mas eu cresci em Portugal. Sabes o que é, Portugal ter feito a cabeça da minha avó e a minha avó ter acreditado sempre em Portugal? Sabes o que é, a minha avó por acreditar em

Deus, ter sido toda a vida católica apostólica romana, mas um dia ter começado a ler o Antigo Testamento e ter dito para si própria que católica ela não podia ser, porque na Bíblia Sagrada estava escrito para não fazer a adoração a figuras e santos e outras coisas que a Igreja Católica fazia e no dia a seguir terem-lhe batido à porta a falarem exatamente daquilo que a minha avó tinha lido e terem dito que eram Testemunhas de Jeová? Sabes o que é, os Testemunhas de Jeová terem conseguido fazer uma lavagem cerebral à minha avó? Sabes o que é, terem posto um chip à minha avó? E sabes o que é, eu ter herdado esse chip? E esse chip não poder ser retirado? Há uma história! Mas esta história tem um preço, Fred! Sabes o que é a minha avó estar proibida pelos Testemunhas de Jeová de ler *O Algoritmo do Amor*? Sabes o que é uma igreja dizer à tua avó para se afastar de ti, porque amas um homem? Era raiva que eu devia sentir, não era? Mas não sinto… O que é estranho… Parece tudo um teatro! Parece tudo um grandessíssimo teatro, sabes? Parece que os Testemunhas de Jeová tinham que entrar na minha vida! E fez todo o sentido, terem entrado na minha vida. Parece que sinto que a minha avó está metida no teatro, sabes? Porque eu não consigo acreditar que eles acreditam naquilo… Eles são tão inteligentes… Mas uma coisa muito engraçada em que os Testemunhas de Jeová acreditam e que eu também acredito… Que não é Deus que está no poder! Que quem está a governar é Satanás! E isto faz todo o sentido. Que pelo menos, não é um Deus amoroso que está a governar. Porque se fosse, não havia guerra. Não havia antenas 5G cancerígenas, que mais parecem sementes do Diabo a serem plantadas, ao invés de se plantarem árvores e se imprimirem casas… Porque se Deus é omnipotente, omnipresente e omnisciente e se Deus pode fazer desaparecer todos os maus,

destruir todos os drones e instalar toda a paz e sossego, mas não o faz, porque não pode, suponhamos, então nós não estamos de certeza absoluta no governo de Deus. A não ser que Deus fosse perverso. Só um Deus perverso é que iria deixar-me nascer para sofrer, por causa de um pecado que eu não tive nada que ver que se passou há milhões de anos e que na minha esperança média de vida humana eu não posso fazer nada que possa remediar esse pecado. Isto não faz sentido, como é óbvio! E por isso, mais vale acreditar que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos deu verdadeiramente o livro arbítrio, nos deu a inteligência humana, nos chipou o coração e que o único chip a que temos que dar ouvidos é o chip que foi instalado no nosso coração. Porque é esse o chip da vida. E sermos honestos e francos de uma vez por todas! Há corações bons que querem ver o bem e há corações maus, negros, malignos que querem ver o mal, que gostam da confusão, da entropia, que gostam de ver sofrer, que se riem com o sofrimento dos outros. E eu não posso ter medo de escrever isto. Não posso ter medo de escrever que estamos num Estado de Guerra de Direitos. Não posso ter medo de escrever que há quem tenha que ser eliminado! Que há quem tenha que sair imediatamente da sociedade! Que há humanos que não passam de cães raivosos e como cães raivosos que são, têm que ser abatidos. A ONU tem um grande problema, Fred! Ser contra a pena de morte ou ser contra a prisão perpétua. Mas vai lá tu dizer isso à ONU… Vai lá tu! Vai lá!... Porque eu não vou dizer nada! Sabes porquê? Porque ela vai logo dizer que numa sociedade intelectual e evoluída de direitos e valores não pode haver a pena de morte nem a prisão perpétua. E eu discordo dela. Não pode haver como é lógico pena de morte para crimes de roubo, para crimes de colarinho branco, sei lá… Mas, e para terrorismo? E para o

nazismo? E para aqueles que constroem discursos de ódio baseados na cor de pele e na orientação sexual? Que eu saiba, estes é que são o atraso de uma sociedade intelectual e evoluída de valores… Estes é que não nos deixam avançar no tempo. Por causa deles, é que estamos presos no tempo. Parece que não saímos da Segunda Guerra Mundial. Parece que não aprendemos nada com a Segunda Guerra Mundial. Parece que não aprendemos nada com a história. Parece que queremos repetir infinitamente a história em cada século. Parece que queremos pôr sempre a mesma cassete a tocar. Mas eu não vou ficar contra a ONU. Nem quando sei que nos querem matar, só porque somos namorados, só porque eu te amo! Só porque eu te amo, caralho! Só porque eu te amo e tu me dás a maior tusa que alguma vez eu já tive na minha vida, há quem nos queira matar e a ONU olha para quem nos quer matar e diz que são seres humanos com dignidade humana…? Olha para onde nós estamos! Olha à nossa volta! Viver neste sufoco? Tens igrejas que nos odeiam! Porque não fechamos essas igrejas? Até o Estado está contra nós! Do que vale o Direito deixar-nos casar, se ao mesmo tempo abre igrejas que odeiam o nosso casamento? É que há igrejas que provocam guerras! Agora venham dizer que sou eu que provoco e quero a guerra… Eu nasci no meio de uma guerra! Quando eu nasci, a minha tia Constança Pritam já era uma Testemunha de Jeová! Olha para os Testemunhas de Jeová! Sabes o que é que dizem de ti? Que és Satanás! Tu achas isto normal!? São uns doentes! Mas eu não lhes posso chamar doentes? Quer dizer… Eles podem chamar-nos doentes e podem vir falar em nome de Deus, que chamam Jeová, e eu não lhes posso chamar doentes mentais? Porque parecem uns doentes mentais! Parecem uns drogados! E eu com a minha lucidez total, tenho que os ver da nossa

Montanha Jupiter a andarem com os tablets na mão onde agora levam as bíblias deles tecnológicas? Estão demasiadamente chipados! É uma tecnologia fortíssima… Não vale a pena! Eu nasci num tempo com todos os direitos, liberdades e garantias e agora ver todos os meus direitos, liberdades e garantias com que eu nasci a desaparecerem, a serem invertidos? A ver uma tecnologia a invertê-los? Com toda essa facilidade?... É por isso, que é uma facilidade cometer um suicídio!»

«Jaime! Para de falar em suicídio! Parece que queres que o mal ganhe…»

«Eu não quero que o mal ganhe. Mas vejo que o mal já ganhou a Psicologia e o Direito. Eu nasci com uma Psicologia e com um Direito dentro de mim que olhava para todo este cenário e sabia que este cenário seria insustentável numa sociedade intelectual… Mas e agora? Explica-me, como é que eu tenho forças para vingar aquilo que eu digo quando eu neste momento vejo psicólogos agarrados aos telefones ao lado dos maridos, mas completamente separados deles a darem consultas a outros drogados no telefone? Mais vale calar-me! Porque afinal, todo o meu contributo ou qualquer contributo que eu tinha para dar, parece que deixou de existir! Porque parece que a Psicologia e o Direito, de repente estão noutra! Eles já não querem saber de mim, porque eles dizem que eu estou ultrapassado. Eles estão noutra. E eu vou o quê? Ficar sozinho em 2020 com estes pensamentos tecnológicos? Sem a Psicologia e sem o Direito, não vale a pena! Se eles estão noutra, das duas uma: ou vou contra eles ou meto-me com eles também noutra. Mas não vou com eles até ao final… Porque posso ficar noutra com eles, mas fico com os olhos bem abertos, já que eles estão com os olhos metidos nos

telefones… Nem que venha vírus nenhum, nem que venha pandemia nenhuma! Nenhum Governo, nem nenhum Direito pode ter acesso ao meu telefone seja de que forma for! Ou estamos numa China comunista? O telefone é meu! Eu é que sei que aplicações instalo e que aplicações não instalo! Nenhum Governo, nem nenhum Direito me pode obrigar a instalar o que seja no meu telefone ou no meu corpo! Era o que mais faltava!!! Andar com aplicações tecnológicas atrás de mim! Ligar aquilo que eu digo aos ouvidos do governo? E numa altura em que temos populismos e extremas-direitas simplesmente a crescerem como cancros? Porque é que ninguém olha para a Medicina de Precisão da Suécia e da Finlândia? Lá não há células cancerígenas dessas! Não há cancros desses nos parlamentos. Como é que alguém pode falar mal da Suécia? Se me quiserem ligar, liguem-me à Suécia!»

«Desde que cozinhes nu de avental para mim, por mim podes ligar-te à Suécia… Ai, baby…»

«Tu é que vais cozinhar, Fred! Enquanto cozinhas, eu escrevo. Enquanto cozinhas nu de avental para mim, eu escrevo.»

«O quê? Afinal, é mesmo verdade? Vais mesmo escrever nos Açores? É que eu vou cozinhar todo nu para ti de avental, agora nos nossos Açores… Não sabias?»

«Não sabia, Fred… Isso não estava incluído no nosso IDN…»

«Pois, não… Surpresa!!!»

«Ah! Quero tanto ver-te a cozinhar nu de avental para mim nos Açores… Ah! Fred! Quero isso a vida toda! Essa é que é a maçonaria que há em mim… A de querer ver-te a cozinhar para mim a vida eterna…»

«É esse o teu projeto de vida?»

«Sim… Também tenho outros projetos… Tenho tantos projetos para Santarém… Um já nos roubaram…»

«Não faz mal, amor… Tens tantos outros projetos… Tens um cérebro arquiteto dentro de ti… Que está sempre a desenhar…»

«Tu é que desenhas…»

«Mas eu só desenho aquilo que a tua mente quer… Como é que vais querer que eu desenhe a capa d'*O Algoritmo do Amor*?»

«Estava a imaginar que tinha tirado o mestrado em Direito do Vinho e da Vinha…»

«E tínhamos comprado uma quinta com uma vinha?»

«Sim…»

«E como é que se chamava o nosso vinho?»

«Então… Tinha o meu nome…»

«Ai, amor… Que narcísico… Dá cá um beijo para me adorares mas é a mim…»

«Eu amo-te, Fred!»

«Então, o vinho devia era chamar-se Fred!»

«Ai, amor… Que narcísico… Dá cá um beijo para me adorares mas é a mim…»

«Eu amo-te Jaime!»

«Então, o vinho vai chamar-se Jaime!»

«Ganhaste… E para onde levámos o nosso vinho?»

«Para a Gulbenkian… E até trouxemos uvas e tudo… Txi… Fred… Olha aqueles ali a fazerem Yoga em frente um ao outro com headphones e os telefones… Txi… Olha ali aquele o tempo todo ali no telefone…»

«Baby!!! Olha! As girafas e os elefantes fugiram do Jardim Zoológico…»

«Baby!!! Não fugiram! Foram *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy que assaltaram o Parlamento…»

«Txi… Baby… Para onde vai o elefante e a girafa?»

«Baby… Parece que vão em direção ao Parlamento…»

«Sim… Também é tão pertinho… O Jardim Zoológico, da Gulbenkian e a Gulbenkian do Parlamento… Txi, baby… Olha lá os da Yoga e o outro rapaz nem repararam que passou o elefante e a girafa…»

«Baby… Se calhar, os da Yoga não estão a fazer Yoga… Se calhar, estão a namorar… Agora é assim que eles namoram com headphones e com os telefones…»

«O outro rapaz deve estar no Grindr a ver quem está por perto…»

«Deve ser um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke…»

«Baby… Será que estamos em *2080* de Antoine Canary-Wharf?»

«Porquê?»

«Porque eu estou a ver uma câmara de filmar por cima de nós na árvore em que estamos encostados… E também estou a ver um drone…»

«Baby… Mas como é que estamos a ver isto tudo?»

«Se calhar, estamos a ver através de um vídeo que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom descarregou do Big Data…»

«O quê, baby? Havia um vídeo nosso na Gulbenkian que estava no Big Data???»

«Ya, baby…»

«Muito estanho, baby… Não sei como é que foi lá parar…»

«Ya… Também não sei… Mas e que tal aproveitarmos a boleia d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e pedirmos-lhe um carro voador para *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto voltarmos a aterrar no Jardim das Portas do Sol?»

«Não dá para aterrar lá…»

«Mas nós não tínhamos um plano? Que era aterrar no aeródromo e depois tu subias comigo às cavalitas…? Não te lembras que subiste comigo às cavalitas até ao Jardim das Portas do Sol…?»

«Oh, baby… Para ser franco, eu adormeci… Mas lembro-me muito bem do lago dos cisnes… Tenho um plano para voltar a pôr lá nas Portas do Sol um lago dos cisnes…»

«Qual é o plano?»

«Então… A prima Mariana Fráguas é arquiteta…»

«Bom plano, amor!»

«Obrigado! Era tão lindo o lago dos cisnes, Fred… Mas não és desse tempo… Agora o jardim das Portas do Sol ficou com menos graça sem o lago… E também não tem graça nenhuma os portões fecharem… Os portões nem sequer deviam fechar! Deviam estar sempre abertos! A culpa é dos portões! Se eu não tivesse assaltado as vezes que assaltei, não tinha visto os espetaculares relâmpagos que já vi lá empoleirado nas muralhas… E o meu Direito de Querer Ver os Relâmpagos E As Estrelas Empoleirado Nas Muralhas Das Portas do Sol Até Altas Horas da Noite?»

«Eu dou-te o teu direito! Está aqui! Toma!»

«Ah! Eu amo-te, Fred! Desculpa eu ter ligado o meu cérebro político e ter dito as asneiras que disse…»

«Não peças desculpa! Eu amo-te Jaime!»

«Acabámos de assaltar o jardim… Trepámos o portão… Podes escolher… Esquerda ou direita?»

«Ninguém nos viu a trepar o portão?»

«Não, amor…»

«Então, dá cá um beijo!»

«Eu amo-te, Fred!»

«Eu amo-te! Vamos pela esquerda…»

«Estamos num corredor de jardins… Temos um jardim do lado esquerdo e um jardim do lado direito, não é?»

«Sim… O Jardim das Tílias à esquerda e o Jardim dos Jacarandás à direita…»

«E todas as árvores estão dentro dos seus jardins, não é?»

«Sim…»

«Mas há uma que está fora dos jardins…»

«Sim… É uma tília-prateada mais rebelde, que gosta de estar fora do jardim…»

«Certo! Passaste o 1º nível… Muitos parabéns, amor!»

«Obrigado! Não mereço um beijão?»

«Mereces, meu amor! Eu amo-te! Qual é a minha árvore favorita do Jardim das Tílias?»

«É a grande borracheira…»

«Certo!»

«Vá, anda cá! Dá-me outro beijão que eu passei agora para o 2º nível…»

«Não passaste nada, Fred… O 2º nível tem muitas mais perguntas botânicas… Aliás o 2º nível é o Jardim das Tílias… Só quando sairmos do Jardim das Tílias é que passas o 2º nível… «Qual é que é a primeira árvore do Jardim das Tílias?»

«É um cedro…»

«Certo! E há mais algum cedro no Jardim das Tílias?»

«Não…»

«E quantas tílias tem o Jardim das Tílias?»

«Tenho que contar… Ao pé da borracheira há duas tílias, aliás a borracheira está entre duas tílias, depois há mais 3 até às amoreiras e depois nas amoreiras há outra tília e depois acho que são só mais duas tílias até ao final do Jardim das Tílias…»

«Oh!... Perdeste… Depois eram mais 4 tílias até ao final… Faltaram-te duas, Fred… A resposta certa seria: 10 tílias. Oh!... Que pena…»

«Oh, amor!... Não me vais passar de nível por causa de duas tílias?»

«Ó, Fred!!! ESQUECESTE-TE DE DUAS TÍLIAS!!!!»

«Oh, amor…! Desculpa! Passa-me lá de nível… Olha aqui a minha pila tão bonita…»

«Fred!!! Estás a subornar-me só para te passar de nível?»

«Estou… Eu amo-te! Anda cá…»

«Ai, Fred!... Eu amo-te! Eu amo-te! Eu amo-te! Tu és tudo o que eu sempre pedi!»

«És mesmo pedinchão…»

«Pois, sou… Se souberes quantas amoreiras há no Jardim das Tílias, eu passo-te para o 3º nível…»

«Ya! Vou dar uma resposta super completa… Queres ver?»

«Estou para ver…»

«São 3. Uma é claramente uma amoreira… As outras duas são amoreiras, mas com folhas de tílias, num fenómeno que os namorados repararam e denominaram de hibridismo, porque estão no Jardim das Tílias…»

«Uau! Fred! Não estava nada à espera!...»

«Ya… Não estavas mesmo à espera desta amor…»

«Pois, não… Passaste para o 3º nível! Muitos parabéns, amor!»

«Obrigado, amor! Dá cá mais um beijão, que eu mereço!»

«Pois, mereces! Olha, vamos sentar-nos no banco hexagonal a olhar para o Jardim dos Jacarandás…»

«Boa ideia… Que estou muito cansado… Tive que te trazer às cavalitas desde o aeródromo até às Portas do Sol…»

«Que árvore está dentro do "poço" do banco hexagonal?»

«A amoreira atrofiada…»

«Certo! E quantos jacarandás há no Jardim dos Jacarandás?»

«São 4…»

«Certo!»

«A sério??? Acertei???»

«Oh, amor… Sim, acertaste, mas disseste ao calhas? Não vale dizer ao calhas… Isto é o jogo das árvores…»

«Oh, amor… Eu não disse ao calhas…»

«Quantas tílias há no Jardim dos Jacarandás?»

«Uma há de certeza… Depois há 3 que estão a crescer e pela dificuldade de reconhecer por serem ainda bebezinhas, nós fizemos apostas diferentes… Eu apostei que essas 3 eram tílias e tu apostaste que duas seriam tílias e a outra que está ao pé da olaia, seria outra olaia…»

«E que outra árvore ainda falta referir do Jardim dos Jacarandás?»

«O castanheiro da Índia...»

«Certo! E por detrás do Jardim dos Jacarandás que árvore há?»

«Está dentro de um jardim ou também é rebelde como aquela tília prateada?»

«É rebelde…»

«Então, é a araucária de Norfolk.»

«Certo! E de onde vem?»

«Vem da Ilha de Norfolk, da Austrália.»

«Muito bem, os australianos iam adorar ver árvores australianas em Santarém… Santarém é muita australiana… E perto da araucária, mas dentro de um jardim com um cedro, uma olaia, uma tília, um jacarandá e uma pereira em flor que outras duas árvores há?»

«Duas cataplas de bola…»

«Certo! De onde vêm?»

«Vêm do norte de china…»

«Certo… E para acabar… Que outras duas árvores há nas Portas do Sol e não foram ainda mencionadas no jogo das árvores?»

«O plátano, que há lá imensos, e o tulipeiro da Virgínia…»

«Certo!»

«Pronto! Agora anda cá! Quero encher-te de beijos!»

«Baby… Sobre aquilo que eu contei do Adam… A parte do balneário não foi bem assim… E a parte do treino nem sequer existiu… Não houve movimento nenhum errado nem postura nenhuma errada, essa foi a versão que eu e o Adam tínhamos montado os dois para o Domi e para o Xico. E por isso, também dei agora aos teus irmãos. Eu gosto muito do Adam, é possível que a gente vá ter com ele a Telavive, é possível que os teus irmãos o conheçam e quando eles olharam ou estiverem com o Adam eu não quero que o cérebro deles vá buscar outras memórias e faça associações minhas com ele. Eu a ti, como é óbvio, quero dar-te a versão verdadeira sem muitos pormenores. Nós conhecemo-nos no ginásio, mas foi nos duches. Não quero que fiques com a ideia que fui um leviano ou um estouvado. Aquilo para mim, na altura foi um momento romântico. Eu estava a tomar duche. As cabines de duche não tinham portas, mas tinham parede, a parte do duche ficava atrás da parede. Tinhas toda a privacidade, porque tomavas duche atrás da parede e de lado, era tudo fechado em parede também. À frente da parede, tinhas os ganchos onde penduravas as toalhas. Era cabine do tipo "semi-aberto", porque não tinha portas e para passares tinhas que contornar em "s" a parede. Quando termino o duche, saio da parte do chuveiro e vou buscar a toalha que estava à frente da parede. Eu venho para a frente da parede buscar a toalha, e à minha frente está o Adam, que eu ainda não o conhecia, que se estava a secar e fica a olhar para mim e faz-me um gesto como se me cumprimentasse com um pequeno aceno de cabeça. Ele fica a olhar para mim e eu fico a olhar para ele. Ele

continua a secar-se, sai um pouco para fora e dá um olhão para ver se estava ali mais alguém. Olha para mim. Volta para dentro e liga a água. Eu imitei-o. Ele veio depois ter comigo e lá acabou depois por acontecer. E fomos no final ter com o Domi e com o Xico com a história de nos termos conhecido no treino durante o movimento. Só te queria contar a verdade sobre o Adam, mas odiava que ficasses com a ideia que fui um leviano ou um estouvado…»

«Baby! Eu amo-te! Claro que nunca iria achar isso sobre ti! Somos humanos! Estavas solteiro, qual é o mal disso? Nenhum! Gostaste dele?»

«Sim, gostei. Sabes… Há bocado na mesa o teu pai com aquela conversa dos ferraris só me fez lembrar para além dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, o Mateus. O Mateus é que estava sempre a dizer que já tinha estado com "ferraris" e "lamborghinis" e que se ele podia estar com os "ferraris" e "kamborghinis" todos que ele quisesse, mas que não estava porque me amava. Era sempre assim que me dava a volta cada vez que eu queria acabar com ele. Vinha sempre com essa conversa igualzinha como o Hugo dos *Cavaleiros Tecnológicos*, de Barac Bielke, fazia ao Arthur. Eu tentei imensas vezes acabar com ele. Mas ele fazia comigo um jogo psicológico tão ruim, tão ruim, sabes… E eu acabava por ficar com ele. Acabava sempre por voltar para ele. Uma vez, fui ao telefone dele e imagina, vi que ele tinha o Grindr instalado e confrontei-o com o que vinha a ser aquilo e ele ria-se sem dar importância nenhuma daquilo. Abri as conversas todas e ele ria-se e dizia que só tinha instalado para "o avacalho". Acabei dessa vez com ele, mas ele veio atrás a chorar a dizer que me amava e que só tinha mesmo instalado o Grindr

para avacalhar e eu lá caí aos pés dele. Uma vez, do nada cortou as cenas todas que tinha comigo, porque tinha encontrado uma miúda e queria que as coisas resultassem "mesmo" com ela. As coisas não resultaram e apareceu-me de joelhos a pedir-me desculpa e a dizer que me amava. Depois houve 3 vezes que eu entrei no quarto dele e senti um cheiro estranho no ar, uma presença qualquer, como se tivesse passado ali algo, como se tivesse lá estado alguém… Havia ali um ar pesado nessas 3 vezes… E desconfiei que ele me tivesse traído e confrontei-lhe. Mas, numa técnica minha, para tirar "nabos da púcara", arrisquei com a minha intuição, dizendo-lhe que "já" sabia que ele me tinha traído nessas exatas 3 vezes e que quem me tinha contado tinha sido a sociedade de informação tecnológica e que "só" queria era ouvir da boca dele e que para, pelo menos, ele ter essa coragem! É claro, não sabia nada, era só uma sensação que eu tinha. E ele começou a chorar e disse que sim, que me tinha traído nessas exatas 3 vezes. Mas disse-me que me amava e que os outros tinham sido "só para sexo" e que a culpa até tinha sido minha, porque ele achava-me perfeito, mas eu não lhe dava "aquilo que ele queria" e como eu não lhe dava "aquilo que eu queria", ele sentia-se obrigado "a procurar por fora", porque ele era sexualmente "muito ativo". Mas ele dizia isto tudo a chorar e a dizer que me amava e a fumar um charro à minha frente e a perguntar se eu queria dar uma passa naquilo com ele e eu só queria era dar-lhe infinitos estalos. Eu acabei tudo. Só depois de ter acabado, é que soube que o Mateus contava ao Xico "os broches" que eu lhe fazia com gestos e tudo. Contava tudo. Contava ao Xico que eu parecia que só queria era estar com ele e não queria estar com os amigos, ou que não gostava de estar com os amigos, porque fazia sinal para irmos embora… E eu fazia-lhe

sinal, sim. Claro, que eu lhe fazia sinal para irmos para casa para namorarmos, porque por ele estávamos o tempo todo a fumar charros até de madrugada e depois íamos para minha casa só para dormir. Ele parecia que usava a minha casa para dormir. Eles não vivem mesmo em Santarém, como sabes, vivem no Vale de Santarém. Terem que vir sair à noite em Santarém, envolvia sempre terem que ficar em casa de alguém a dormir. E ele queria era vir sair a Santarém à noite e ter uma casa em Santarém para dormir, que era a minha. Contava que eu só queria era estar sempre "a comê-lo fortemente" e que eu era uma seca... Contava que eu "lhe engolia o esperma quentinho" e "ficava horas a mamá-lo"... Contava que eu "era muita bom na cama", só que ele ainda "não me tinha conseguido foder", porque eu dizia que "era cedo", mas que mais cedo do que eu pensava ele ia "fazer-me vir como o caralho", quando me "fosse ao cú"… E dizia que quando me "fosse ao cú" me iria filmar com o PC aberto sem eu me aperceber…»

«E o que é que o Xico respondeu a isso tudo?»

«Disse que isso era crime e se ele o fizesse ele iria contar-me tudo a mim e se fosse preciso ao pai deles. A partir daí o Mateus deixou-lhe de contar as coisas e começou a contar ao Gabriel e o Gabriel contava ao Xico. Foi aí depois também que o meu primo Tomás Ducado me contou que o Mateus lhe tinha dito, outra vez com a mesma conversa, que eu parecia que não queria estar com os amigos, ou que não gostava de estar com os amigos e que eu queria era estar sempre "a comê-lo", que eu era uma seca, porque fazia sinal para irmos embora. Ele não era amigo do Tomás para dizer aquilo, mesmo que fosse verdade, que não era!!!! Não tinha confiança nenhuma com ele…»

«E o que é que me tinhas para contar sobre o Gabriel?»

«Não quero falar do Gabriel… Conto-te noutra noite, pode ser?»

«Claro, amor. Não tens que contar. Só quero que contes se quiseres contar… Só me lembrei, porque tinhas dito que depois me contavas… Mas se já não quiseres contar, não tens que contar…»

«Eu sei, amor. Eu quero-te contar. Mas não me apetece hoje falar sobre o Gabriel. O Mateus foi estudar para Évora para tirar veterinária… E, então, foi dizer ao Xico que não sabia como é que "as coisas" iriam ser connosco indo ele para Évora… Porque não sabia quem ia conhecer… E ele repetiu essa história também ao meu primo Tomás Ducado … Achas isto normal????»

«Claro que não! Mas vindo dele não me espanta nada…»

«Estar a namorar com alguém e porque vai para uma nova escola ou para uma nova cidade não sabe como vai ser em relação ao namoro, por causa das pessoas que vai conhecer, ou seja, porque vai de coração aberto, vai como se fosse um solteiro, como se não tivesse namorado, como se não me amasse, como ele me dizia???? Horrível, horrível, horrível!»

«Desculpa não ter chegado mais cedo de *Jupiter*, de Gabriel Garibaldi e teres que ter passado por isso… A culpa é minha! Devia ter chegado mais rápido! Eu amo-te Jaime!»

«Eu amo-te Fred!»

«Eu amo-te Jaime e odeio o Mateus! Ele sabe que nós estamos juntos não sabe?»

«Sabe.»

«Pois, eu acho que ele deve estar totalmente arrependido e acho que ele ainda deve um dia vir para cima de ti com aquela conversa com os olhos cheios de lágrimas a dizer isto e aquilo, a tentar imitar um *Anjo Tecnológico* caído do céu para ti.»

«Um anjo sem asas. Se ele me voltasse a dizer que era um *Anjo Tecnológico* vindo do céu para mim, como ele me dizia, eu digo-lhe que foi pena é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ter-se esquecido de lhe dar as asas para nos levar até ao céu. Porque ele nunca me levou ao céu!»

«E a mim, *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom deu-me asas?»

«Sim… Deu-te… Tu estás sempre a levar-me ao céu… Em cada segundo, contigo sinto-me sempre no céu! Eu amo-te Fred!»

«Eu amo-te Jaime! Os meus pais adoram-te tens noção disso, não tens?»

«Tenho.»

«Tens noção que os meus irmãos te adoram, não tens?»

«Tenho.»

«Sabes que ganhaste uma família, não sabes?»

«Sim, Fred. Eu sei.»

«E queres dançar comigo?»

«Agora?»

«Sim…»

«Mas é de madrugada, Fred… Se ainda fosse para irmos ver as estrelas…»

«Podemos ir… É só pegarmos no jipe… A praia é já aqui…»

«E o teu pai deixa pegarmos no jipe, dele?»

«Claro! É só dizermos que pegámos no jipe para ir ver as estrelas…»

«Então, vá… Bora! Quero ir ver as estrelas…»

«Mas primeiro, vamos dançar… Temos que treinar a nossa dança para a discoteca no dia de São Valentim…»

«Será que os outros namorados também estão a treinar agora a dança para o Dia de São Valentim?»

«Sim, amor… Hoje é o dia dos namorados treinarem a dança para o Dia de São Valentim…»

O Fred foi buscar um presente.

«Fred?? O que é isto??»

«Abre, amor!»

Rasguei o papel.

«Baby!! Compraste uma harmónica??»

«Sim! Para darmos concertos às vacas em São Miguel… Vamos pô-las a dançar… Mas agora, vou eu pôr-te a dançar a vermos as estrelas.»

«Vais tocar para mim?»

«Sim. E tu vais dançar para mim.»

«E depois?»

«Depois, podemos treinar a nossa dança do Dia de São Valentim.»

«Sabes qual a razão verdadeira pela qual eu digo Dia de São Valentim e não Dia dos Namorados?»

«Então, porque todos os dias são Dia dos Namorados… E que o Dia de São Valentim é mais um ato emblemático… Comemorativo…»

«Sim, também… Mas a minha razão é mais pelo ato comemorativo histórico… Gosto de dizer Dia de São Valentim numa espécie de tributo ao bispo Valentim…»

«Bispo Valentim? Qual é a história?»

«O imperador Romano II acreditava convictamente que os solteiros eram melhores combatentes do que os casados, então proibiu os casamentos durante as guerras. O bispo Valentim vaiou as ordens do imperador, continuando a celebrar

casamentos. Quando foi descoberto, foi preso e condenado à morte. Mas muitos jovens como nós, naquela altura, enamorados, apaixonados, que acreditavam no Amor, porque tinham Amor, enviaram bilhetinhos e flores para a prisão onde estava o bispo, escrevendo-lhe que acreditavam no Amor. Enquanto o bispo aguardava nas masmorras pela sua execução, apaixonou-se pela filha de um masmorreiro que era cega. Agora vem a parte fantástica da coisa: o bispo fantasticamente devolveu a visão à sua amada. Depois de ter devolvido, escreveu-lhe uma *carta-de-Adeus* como o "O Seu Namorado, O Seu Valentim".»

«Pois… Só lhe devolveu a visão para ela poder ler a carta dele…»

FIM

JAIME MARIA BAYAMONDE DA COSTA AYALA

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Tábua do Amor

pág.49..... cap.i uma infinitude de dados amorosos

pág.82.....cap.ii do meu capitalismo inteligente dos recursos

pág.188.....cap.iii quando o direito se casou com a medicina

pág.255.....cap.iv revelações e déjà vús

pág.322.....cap.v genes e heranças

pág.336.....cap.vi um principe e um duque num almoço de reis e infantes

pág.391.....cap.vii uma visita inesperada no chá das 5

pág.492.....cap.viii um principe e um duque de volta teletransportados para porto santo

pág.584.....cap.ix um principe e um duque num jantar de reis e infantes

pág.642.....cap.x saem os reis e fica à mesa o duque, com o príncipe e os infantes

pág.658.....cap.xi conversa de rapazes

pág.669.....cap.xii arquiduque e príncipe nos seus aposentos

Agradecimentos

Jupiter Editions

Konica Minolta

Este livro foi vencedor do Prémio Literário Calisto 2020

Melhor Romance Jurídico Económico e Político